3 1761 06864559 7

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/mysteriosdainqui01silv

Mysterios da Inquisição

F. GOMES DA SILVA

Mysterios da Inquisição

ILLUSTRADO A CÔRES

POR

Manuel de Macedo e Roque Gameiro

I VOLUME

LISBOA

Secção Editorial da Companhia Nacional Editora

Adm. Justino Guedes

50 — LARGO DO CONDE BARÃO — 50

1900

TORONTO

PRIMEIRA PARTE

Os christãos novos

I

O massacre

Aos officios religiosos de S. Domingos, o formoso templo que ficava junto do Hospital de Todos os Santos, affluia sempre muita gente de todas as classes sociaes. Era alli que a christandade, velha e nova, ia fazer a mais productiva ostentação da sua fé. A burguezia da rua Nova, os operarios da Ribeira, os judeus de Villa Nova de Gibraltar e os mouros da Mouraria, todos iam ao templo do Rocio louvar o culto catholico.

Nenhuma egreja como aquella enchia mais e melhor a sua nave apparatosa! Alli rezava-se a Deus, sincera ou hypocritamente, como nos outros templos do grande outeiro da cidade; mas alli era mais facil destruir a intriga e a calumnia. A côrte e o povo tinham a sua espionagem, e todo o christão novo, que não fôsse visto nos actos d'aquelle culto, corria os perigos mais graves, desde o da maledicencia e do desprêzo até o dos apupos e perseguições bairristas.

Era extremamente mesclada a freguezia dos fieis de S. Domingos. Entre homens e mulheres havia a maxima variedade de mantos e gibões. Até os fidalgos, que se apparelhavam para expedições africanas, e passavam a manhã na Carreira dos Cavallos, em exercicios de equitação, vinham, á hora das festas religiosas, pela ladeira que rodeava o hospital, ou rezar com fé, ou entrevistar as damas que elles, não podendo adivinhar pela côr dos cabellos, por causa do vasto capuz que os envolvia, adivinhavam pela côr e finura dos estofos. As classes dividiam-se instinctivamente na immensa nave do convento, pelos sexos e pelos habitos, não pela fé, que em toda a parte se acotovellavam velhos e novos christãos, que em serem bem vistos estava a salvação d'estes no conceito publico.

Não era vulgar ver os homens acompanharem as esposas, ou as filhas,

que o luxo mais dispendioso da época era o dos creados. A dama mais recatada e joven fazia-se acompanhar de pagem bem garrido ou de *donas* de edade avançada. As mulheres de Lisboa tinham então a fama de serem as mais bellas da Peninsula; pena era que, por influencia da moda hespanhola, para melhor accentuarem a differença de raça da gente mourisca e hebrêa, tivessem o mau sestro de pintar de ouro menos polido as tranças ondeadas dos seus cabellos de azeviche! A' porta do convento e no largo onde frequentemente havia mercado de miserias e *bric-à-brac* de casas fallidas, os fidalgos e os plebeus faziam côrte ás devotas gentis e ás mulheres do povo, dirigindo-lhes galanteios, se não ao rosto, que mal viam, sempre á gentileza da estatura e á elegancia do andar.

Havia fidalguia nas saudações, mas sempre nas vénias dos mais lettrados e nas dos populares mais rudes apparecia uma invocação ou uma referencia em que a Virgem, e o Céo, e Jesus Christo eram prodigamente contemplados.

Não faltava n'este centro da população lisbonense a mescla de dialectos e de idiomas, que affirmava a notavel influencia dos nossos descobrimentos maritimos e o grande movimento commercial do nosso porto. Era frequente ouvir a nossa linguagem trabalhada difficilmente na accentuação hespanhola e italiana.

Entre os elegantes, a que mais tarde se chamou *franças,* destacavam-se, além da gente nobre e da burguezia rica, os moços cavalleiros educados no *sport* da guerra, e os mancebos de boa origem, que attenuavam a decadencia da sua fortuna no ensino do jôgo das armas.

A grande multidão convergia, de diversos pontos, sobre praça tão animada, com destino á egreja, cortejando sem descanço os padres, que principalmente vinham do lado do Terreiro ou da ladeira dos Martyres.

Um d'estes padres, de passo agil, rosto afogueado, aspecto vulgar, mas com olhar inquieto e vivo, e que atravessara o Rocio, como se tivesse descido do lado do convento da Trindade, foi encontrar-se com um moço cavalleiro, que se apeara junto á porta do hospital.

— Então? disse o padre, mal se approximou.

— Tenho esperanças, meu mestre, de cumprir vossas ordens. Venho do *corro*, onde Rodrigo Velloso se compromettêu a não faltar amanhã ao páreo, acceitando-me por competidor...

— Não esqueceste a recommendação que te fiz?

— *Per Dio!* que não me esqueço d'essas coisas; eu farei de Christo e elle de Moiro! Tive até o cuidado de lhe deixar a escolha... Bom é que represente o papel, já que para elle manifesta vocação... E tambem lhe

Não vêdes, alem ?

juro, mestre e amigo, que não serei eu o vencedor... E' necessario que lhe fique vontade de voltar...

— Bom; e os espectadores? Não os percas de vista, e examina-lhes bem os enthusiasmos. Nas arremettidas, nas retiradas, affecta menos serenidade, mas não a percas... Que a canalha se convença de que, além dos segredos da equitação, conheces as virtudes catholicas e te irritam os volteios dos infieis...

— Isso fica a meu cuidado, disse o cavalleiro, dispondo-se a montar novamente no seu cavallo baio, cuja rédea não largara.

— Espera; estiveste em Villa Nova?

— Estive, e tenho a certeza de que a *trindade* virá hoje a S. Domingos; não deve tardar... O velho Lopo offereceu alguma resistencia, mas afinal uma das filhas convenceu-o.

— Foi Sarah?

— Não, foi Deborah.

— Bem; assim devia ser; ás vezes vale mais um leigo que um padre.

— Quando o padre não é mestre Ignacio, acudiu lisonjeiro o christão do corro de Sant'Anna. E, em seguida, como se se tivesse lembrado d'algum coisa a que ligasse pouca importancia:

— Já falaste a el-rei a meu respeito?

— Ainda não; el-rei não tem necessidade de conhecer os nossos negocios. Depois das noticias que espero de Italia, trataremos d'esse assumpto.

— Quereis que escreva a Henrique Nunes? E' astuto e valente...

— E' cedo de mais. Queres dinheiro?

— Para mim não, que, em gastando o pouco que me resta, posso contar com o hospicio dos Palmeiros; mas para os peregrinos, meus futuros camaradas, acceito.

— Toma, disse Ignacio; e entregou-lhe algumas moedas de ouro.

— Reparae, mestre Ignacio, advertiu em voz baixa, e quando já estava em cima do cavallo... Vêde quem lá vem, encaminhando-se para a salvação. Não vêdes, além? Vem, decerto, da *esnoga*... Se houver repetição da tempestade que serviu de parteira ao principe D. João, vae, sem dúvida, para o Céo, guiado por aquelles dois anjos... Quereis que fique, mestre Ignacio, quereis?

— Não; está tudo preparado, e bem preparado.

— O cavallo deu um salto e partiu para Santo Antão.

Effectivamente, do lado da rua dos Ourives, vinha caminhando, com vagar, um grupo formado por tres pessoas. O velho Lopo caminhava entre as duas filhas, uma no alvorecer da adolescencia, e a outra no esplendor da mocidade.

Tinha Sarah o aspecto alegre da innocencia; Deborah a tristeza doce dos vinte annos; em ambas o cunho indelevel da meiguice e da bondade. A edade das raparigas affirma-se, principalmente, no olhar, mais que na grandeza do vulto e nas linhas do busto. O olhar é uma certidão das primaveras das mulheres. Emquanto a infancia vae florindo, parece que os olhos recolhem no coração as impressões que recebem; e quando a mocidade esplende, ao influxo do amor, como as rosas se abrem, aos beijos do sol, o que a mulher olha e fita vae gravar-se nitidamente no cerebro.

E' por isso que as creanças nunca se cançam de olhar, e as mulheres cerram por vezes os olhos e os desviam... Ha edades na vida em que o mundo externo é todo luz; ha outras em que é todo idéas. Sarah via apenas; sua irmã pensava já... Aquelle grupo parecia uma roseira, em que o velho Lopo tinha a forma e o tom d'um tronco recurvado, escuro, musgoso, e as filhas a de um botão que mal recurva as pétalas, e a d'uma rosa que abre o calix ás gôttas de orvalho e aos raios do sol.

Como n'uma familia — sexos, edades, côres, caracteres, tudo tão diverso, tudo tão differente, sabem manter aquelle *quid*, que se distingue, e que se não aponta, que não está nem nas linhas do rosto, nem na côr dos olhos, nem nas formas do vulto, mas que está em tudo isso, no sorriso, e na pupilla, e no gesto, e na voz — um sôpro, um reflexo, um traço, que envolve velhos e creanças, e em todos descobre sangue da mesma côr, caracter do mesmo quilate, nervos da mesma sensibilidade, paixões do mesmo affecto!

O sorriso de Sarah era alegre, mas havia n'elle o que poderia chamar-se meiguice, e que era talvez um pouco de sombra que lhe vinha do sorriso triste de sua irmã... E no rosto do velho, triste a valer, onde o tempo e a desgraça tinham cavado sulcos profundos, encontrariamos, talvez, a explicação da suave tristeza de suas filhas, se elle proprio não tivesse, no seu funebre aspecto, o que quer que fôsse de consolador e resignado, e, quem sabe? até festivo, que lhe vinha das filhas, quando ellas o olhavam, e quando elle olhava para ellas...

E os tres iam caminhando devagar, e a entreolharem-se sempre!

Aquelle grupo, aquella familia dava a impressão d'um quadro incompleto, em que algum esculptor tivesse aproveitado as figuras intactas, para restaurar a obra quebrada d'um grande artista!

Alli devia ter figurado uma mulher... E era verdade — figurou; mas estalou... de dôr, essa delicada estatueta. O velho occupava agora os dois logares; havia n'elle duas tarefas e dois amores. Já que o luto lhe despedaçara o coração, fez d'esses pedaços dois corações...

A physiologia dos affectos tem as mesmas leis da physiologia do

corpo humano: ouve melhor o cego, vê melhor o surdo, e, nos membros mutilados, a natureza emenda e mantem a interrompida circulação.

Amam duplamente os filhos os paes viuvos!

O pobre Lopo era christão, mas pouco catholico, porque passara a vida a defender os principios da tolerancia.

Estivera na Italia e fugira, estivera em Hespanha e perseguiram-n'o; em Portugal já não contava amigos senão na Communa da Judiaria.

Por fim, já tinha vontade de protestar, e de pedir ás filhas que rezassem em casa á imagem de Christo, que lá estava allumiada, de dia e de noite...

As filhas, coitaditas, vendo o perigo da reclusão, pediam-lhe que o culto fôsse externo, bem externo, deante de toda a gente...

Recusou-se, recusou-se; mas afinal:

— Vamos lá; pae não devia ceder; mas cedo, em nome de tua mãe, Deborah!...

Tinham chegado á porta do templo. As filhas amparam-n'o bem, elle descobre-se, ainda no adro, e... ajoelharam-se os tres...

— Que hypocrita! lhe disseram do lado.

Lopo fechou os olhos para não ver o insolente.

— Entremos, minhas filhas, Deus está mais lá dentro.

Estava-se no Domingo do Bom Pastor, em 1506, a 1 de abril, se acreditarmos Faria e Sousa, ou a 10 do mesmo mez, se preferirmos Rodrigues Azinheiro. Schaeffer não resolveu a dúvida; nem vale a pena demorarmo-nos n'ella.

A majestosa rotunda de S. Domingos, para empregarmos a linguagem dos historiadores do principio d'este seculo, regorgitava de fieis.

Os sinos badalavam frequentemente, com aquelle som profundo e triste que ainda hoje se ouve em muitas das nossas villas e cidades da provincia.

Era um dos mais esplendidos dias de primavera!

O céo estava azul como o manto da Virgem, e o sol, sem fogo, rutilava a luz mais dourada sobre a casaria da cidade e sobre o arvoredo a estalar de seiva nas collinas que a cercavam. Era n'esse dia que o preceito christão chamava principalmente os fieis ao templo mais central e mais opulento da formosa Lisboa.

Desde o guarda-vento até a capella-mor, havia um mar de cabeças que se moviam, tão compassáda e coincidentemente, que lembrava a ondulação d'um rio, quando se espreguiça n'um grande areal. Havia alli capuzes de diversas côres; mas entre tantos que occultavam cabeças gentis, abundavam os brancos, de grosseiros tecidos, dos mouros christianisados.

Não faltavam turbantes de faixas coloridas, e cabeças cingidas de len-

ços de côres tristes, fortemente apertados nas frontes de judias de condição inferior. Prolongavam se, á direita e á esquerda, como que a formar alas divisorias, ou guarda de honra ás capellas illuminadas, gente d'armas, de cabeça descoberta, e nobres, vestidos de velludo! Sobre o lagedo das sepulturas, á entrada do templo, arrastavam-se, de joelhos, mulheres que tinham deixado nos recantos do adro as amphoras grosseiras do seu mester.

Com difficuldade, e atropelando-se, bandos de homens e mulheres se precipitavam sobre a grande bacia de marmore, de formas que lembravam os tanques caprichosos do Pateo dos Leões, da velha Alhambra, e n'ella mergulhavam dedos e mãos, com que espargiam, cerrando os olhos, as testas ennegrecidas.

Levantados nos braços, e inclinados depois sobre as bordas, lizas mas sujas, d'esse tanque artistico, as mães, fazendo das mãos a concha de S. João, e, d'aquella agua impura, a agua do rio sagrado, de novo baptisavam os filhos, ou lhes amaciavam o elmo creado ao abandôno sobre as cabecinhas palpitantes.

A' porta do templo havia o fluxo e o refluxo da maré humana, impellida pelo desejo de entrar e repellida pela fôrça da multidão, que lá dentro, rezando e praguejando, buscava debalde ver e mostrar-se.

No cruzeiro, as classes mais selectas, matizavam com garridos atavios o chão e as columnatas.

Como se obedecessem a este movimento e murmurios, as lampadas, em frente dos altares, balouçavam-se e gemiam monotonamente nas grandes escápulas das abobadas!

Nos confessionarios, no gôso de privilegios secretamente concedidos, abrigavam-se as damas da burguezia mais protectoras do culto, e em redor d'ellas, como um tapete dos mais macios, sentadas ou ajoelhadas, as velhas mendigas da miseria official revolviam-se agitando mantos esfarrapados.

Parecia o templo na hora solenne da *alleluia,* quando se descerram as cortinas das adufas que se espreguiçam na abobada, e dos balcões, reservados á nobreza, caem, em nuvens, as pétalas das rosas!

No altar-mor, todo coberto de seda e ouro, e onde scintillam alfaias de metaes preciosos, e crystaes que rebrilham á luz que anda no espaço, trémula e brilhante, como pyrilampos do Céo, ergue-se sobre argentea peanha uma cruz immensa, com longos braços extendidos, como para abraçar a multidão que se lhe approxima, e rematada, junto ao docel do mais custoso damasco oriental, o distico pharisaico, d'uma pungente ironia.

N'essa cruz, em primorosa esculptura, o corpo de Jesus, morto, chagado, por onde corria, como chuva de rubis, o sangue do Nazareno!

No rosto pallido e mesto d'esta imagem sublime paira ainda o sorriso

de perdão para todos os peccadores, e os labios, tão pallidos como as faces, parecem ainda recommendar á christandade, que o adora, como suprema missão de uma religião philosophica e santa — a tolerancia...

Ao lado, e na base d'esse esplendido madeiro, o relicario que guardava a Sagrada Hostia era composto dos maiores primores artisticos, que a ourivesaria e a joalharia do tempo tinham produzido!

Filetes de ouro polido, incrustações de prata facetada, pedrarias das mais irisadas scintillações, tudo alli se dispunha com tal arte e brilho que a cada pessoa, e conforme o logar d'onde o fitava, e conforme a luz que n'elle se reflectia, apresentava diverso aspecto!

As bancadas da capella, de maravilhosa talha de madeira negra, com assentos divisorios, onde os braços e alçados occultavam os padres, que rezavam, lendo os seus livros de forte encadernação e com as folhas debruadas de um vermelho desmaiado, formavam duas alas negras, que contrastavam com os ricos e vistosos paramentos que cobriam o marmore das paredes.

Havia em todo o templo aquelle sussurro que resulta da conversação em segredo. E' um sussurro como o do mar; ouve-se a grandes distancias!

Algures se falava com vivacidade e fingida reserva, e com escrupuloso cuidado e segredo em alguns recantos do adro e da egreja.

— Não é possivel entrar, dizia um homem do povo; desde que os nossos templos foram cedidos aos inimigos d'elles, nós, que somos a escoria, ficamos ao sol, no meio da rua.

— E' a fraqueza de el-rei que nos afasta do dever religioso. Muito grato deve ser o Sacramento a estes inimigos de Christo e do toucinho, dizia outro.

E logo uma mulher da feira proxima, gesticulando vivamente, se mettia na conversa:

— E ahi está por que temos a peste, e a terra anda a bolir comnosco. E' castigo de Deus, que teremos de soffrer emquanto fôr creança o nosso principe...

— Assim será, boa mulher, dizia um pescador de ouro; já não scintillam as aguas do rio com os thesouros que vinham por elle acima. Foi a heresia que os afundou para sempre...

— Dar-lhes uma lição era remedio santo! Contra a mourama tanto sangue derramado, e agora el-rei consente que ella lave as mãos na agua benta, que é nossa, e muito nossa!

— Vão-se as vinhas com o mal, dá a lagarta nas hortaliças, morre-nos o gado com maleitas, e, por essas ruas, andam christãos mais gafos, que os herejes que inventaram a gafeira.

— Vejam aquelle patife que se aninhou na Casa da India, e tem andado a judaisar com as matronas do *oriental*.

— Nós todos á mingua de pão, e elles enriquecendo com a usura do nosso suor!

— Nem já podemos chamar um medico para nossos filhos, que a morte não venha logo de mistura com as primeiras mésinhas.

— Gente de bem, gente honrada, pode contar todos os dias com a salga á porta, que, mal a gente a pisa, logo tem engulhos, que são mesmo do inferno...

E todos estes commentarios se interrompiam com o signal da cruz.

A um d'estes grupos, que mais acremente libellava contra a raça damninha, que causava morte, peste e guerra, acercou-se serenamente uma personagem, que tanto poderia ser um aguazil, quanto um leigo disfarçado em perfumista de luvas:

— Não tem direito a lamentar-se, quem não sabe usar dos seus direitos. Se a judiaria nos aleija, ajudemos el-rei a fazer justiça...

— El-rei já esqueceu pedidos sagrados da bondosa rainha.

— E Antonio Carneiro?

— Esse anda por ahi a dizer que os judeus trabalham e enriquecem, e que precisa d'essa gente...

— Estaes enganados: — El-rei não deseja actos violentos a favor d'um povo resignado. Já lhe ouvi dizer isto!

— Vós? E todos os ouvintes fitaram o intruso.

— Eu, sim. Faça o povo o seu dever, e el-rei e o Céo serão pelo povo.

— E' o que eu tenho dicto; devemos fazer como Sant'Iago, que, apesar de santo, não lhes perdoou os sortilegios.

Entretanto, Lopo, o judeu novo, como a si proprio chamava, chegara aos braços do cruzeiro...

O sol, que por alguns momentos se escondera entre nuvens, mostrou de novo todo o seu fulgor, e através d'uma rótula da capella-mor, um dos seus melhores raios veiu bater no ouro e nas pedras do relicario, produzindo tão luminoso e scintillante effeito, como se n'elle se houvesse accendido o proprio sol!

Um ponto rubro e trémulo, irradiando luz como se fôra uma estrella, em milhões de reflexos, feriu o olhar d'alguns fieis... Soltando um grito, erguendo-se com vivacidade, pondo nos olhos as mãos crispadas como se aquella luz o ferisse e assombrasse, ergueu-se um popular, que tanto poderia ser um aguazil, ou um leigo, e exclamou: — *Milagre! Milagre! Oh justiça de Deus!*

E todos os olhares se fitaram n'aquella estrella de ouro, que irrompera

no relicario sumptuoso, como se a Sagrada Hostia se tivesse inflammado n'uma grande e celestial aurora!

O movimento em todo o templo produziu um trovão; taes foram a rapidez e a violencia com que aquelle povo, prostrado, se ergueu, procurando com o olhar, vago e indeciso, a causa do clamor. O primeiro movimento foi o de medo, e a multidão instinctivamente procurou fugir.

Milagre! Milagre! era o écho da grande abobada... Christo morto sorria piedosamente, e o sol, alegre, fusilava luz de ouro no altar, entre velas de chamma desmaiada e fria...

Os gritos mais destoantes tornavam imperceptivel a razão do alarme. Havia alli gemidos de gente esmagada, gritos de terror e exclamações de espasmo. A multidão que fugia encontrava-se com a multidão que avançava para vêr mais de perto a maravilha. O choque podia ter dado uma catastrophe, e deu apenas a immobilidade. A densidade tornou impossivel o movimento.

Um momento bastou para que todos vissem que aquella luz não annunciava um castigo do Céo, mas uma promessa divina. Deus sorria por aquelle modo á christandade afflicta e súpplice! Houve então um instante de serenidade relativa. Milhares de braços se ergueram para o altar, apontando a milagrosa centelha. Um frade dominicano, de pé, na capella mór, voltado para o povo, exclamou:

Fita-nos o olhar de Deus! Rezemos, meus irmãos! de joelhos, povo de Lisboa!

A gente que mais perto ficava da capella prostrou-se com ruido sobre as lageas e, baixando a cabeça exaggeradamente, batia com rapidez no peito, rezando, em voz delirante — *Perdão, Senhor, perdão!*

Como por effeito d'uma corrente electrica, esta beatifica attitude se communicou, e toda a floresta de cabeças e braços erguidos, imitando o troar irregular da fusilaria em combate, se deixou abater... Parecia uma derrocada!

Da entrada do templo a gente que affluira, ouvindo o tropel, pôde vêr, por cima de tantos corpos de rôjo, o fulvo olhar do relicario...

Dir-se-hia que o Divino fusilara, com uma descarga bem cerrada, aquelle desordenado exercito!

De pé, lá em cima, na cruz da nave, avistado de todos os braços do templo, só ficara o velho Lopo, de cabeça erguida, mostrando que falava pelo agitar convulso da barba grande e alva. As filhas, em convulsão de chôro, não ousando affrontar a scena temerosa, enrolavam com os corpos os pés do honrado velho, como a fazerem pedestal a tão majestosa e

adoravel estátua! Os padres pareciam deitados de bruços sobre as alcatifas persas da mysteriosa capella.

Restabelecera-se quasi o silencio, porque apenas percorria o templo o cicio, o murmurio da reza em segredo, que é propria dos crentes e dos medrosos, quando se convertem em energumenos.

Pôde-se então distinguir a voz do velho Lopo:

— Aquietae-vos, boa gente, que os mysterios do Céo não estão ao alcance dos nossos olhos. E' celeste aquella luz, e é divina, porque vem do sol, que brilha sobre a terra e a fecunda com o seu calor. Os raios abençoados do grande astro multiplicam-se naturalmente sobre as pedrarias do relicario. Tivesse a minha calva de marfim aquella transparencia crystallina e aquellas arestas de lapidagem, e ella reflectiria tão maravilhosamente sobre este sacrario da minha razão. Oremos a Deus, mas sem terror, ó boa gente que deliraes!...

Ergueu-se tudo n'um grande turbilhão! O povo pareceu uma serpente offendida no mais sensivel dos seus aneis! Os braços que se ergueram já não tinham mãos espalmadas, que invocam ou abençoam; tinham punhos cerrados, aggressivos como as balas, crispados como os calhaus.

— Fora o hereje, fora!

Foi o primeiro e unico unisono.

Depois o alarido parecia regido pela batuta de Satanaz!

— A' morte o hypocrita!

— Esmaguem esse judeu!

— E' um emissario do inferno!

— A' fogueira o bruxo maldito!

— Cruzes, cruzes para esse espirito das trevas!

— Insultou Jesus e querelou do Céo, o velho lobishomem!

— A' morte! á morte!

E a turba, de olhar desvairado, avançou de roldão, e cahiu sobre a victima, que nem palavra logrou dizer.

No logar onde Lopo cahiu, ergueu-se um monte de gente, que o esmagava com os pés, com furia de cannibaes.

A brutal aggressão, para honra da especie humana, provocou protestos.

— Bandidos, traidores! largae a vossa prêsa, que mentis á vossa fé!

E a lucta travou-se, braço a braço, indomita, terrivel, entre os corpos musculosos de muitos allucinados. No ar moviam-se já armas que faiscavam; eram facas e punhaes.

Os mouros e judeus praguejavam, e só raros, dos mais novos e vigorosos, se aventuravam ao grupo revôlto.

As mulheres cahiam, ou contorcendo-se em epilepsias, ou gritando e chorando com vozes maguadas.

O velho Lopo, que já não respirava, foi levantado d'esse montão humano, e logo arremessado, coberto de sangue, com o craneo aberto, para os braços de gente athletica, de trajos maritimos, extrangeiros, que o levaram aos baldões, egreja abaixo, entre apupos e vituperios!

A' porta, na onda de gente e de terror, formava-se uma barreira de corpos inanimados, sobre a qual os mais fortes e atrevidos passavam, arrastando o cadaver d'um velho christão, crente e sabio!

Na capella-mór fôra rapida e sem pavor a debandada, e lá dentro, no claustro do mosteiro, os frades dominicos corriam a apoderar-se do estandarte da *Redempção* e entraram com elle, ovantes, no corpo da egreja, a envolverem-se na fera gentalha. Dois d'elles, onde era facil distinguir os chefes da sedição, vinham gritando, como possessos, contra a impiedade dos christãos novos.

A sanha se accrescentou com reforço de tanta auctoridade, e a lucta, cada vez mais selvagem, tomou o caracter d'uma sangrenta revolta. Braço a braço, aos montões, aqui e alli, uivando como lobos, batiam-se os homens, ensanguentados os habitos e as mãos, e a egreja offerecia o terrivel espectaculo d'uma trincheira tomada á arma branca, ou d'uma abordagem de surpresa entre indomaveis piratas.

De rastos e na direcção do claustro do mosteiro, Deborah, desmaiada, sumia-se, por entre a turba, aos puxões brutaes d'um sacerdote, emquanto Sarah, soltando gritos de odio e desespêro, buscava segurar-lhe os vestidos, cujos farrapos lhe ficavam sôltos nas suas delicadas mãos.

Um mouro, a contas com um christão velho, batia-se valentemente, e ao sentir-se derrubar, arrancava com os dentes pedaços grandes de carne ensanguentada das faces do seu adversario! Batendo com a sandalia no peito d'um christão, um judeu vingava-se de affronta mais grave, e pisando o algoz, cuspia-lhe com desprêzo...

Pequenos alfanges, irrompendo do manto descahido, cortavam o ar e penetravam nas costas de alguns fugitivos.

Sarah, que vira desapparecer sua irmã, busca, como se tivesse azas, soltar o vôo por cima d'estas hordas ferozes, para seguir o corpo de seu pae, cujas formas mal se distinguem e cujos restos volteiam ás aggressões do populacho, sobre as pedras da calçada. O seu vôo não seria mais que uma queda mortal, no meio d'aquelle torvelinho de feras, se uma voz fresca e suave lhe não segredasse:

— Siga-me, Sarah!

— Quero morrer, gritou ella.

— Morta ou viva, ha de seguir-me.

— Salve meu pae, senhor.

— Seu pae foi assassinado.

— E minha irmã?

— Roubada...

— Siga-me, se quer vingal-os.

— Sim, quero; sois leal e bom.

— Isso nada importa; sou a luz do sol no relicario do seu amor filial, Sarah.

— Vingae-me então, senhor, disse Sarah cambaleando.

— Pela minha fé! o mouro do corro de Sant-Anna será christão a valer no corro de S. Domingos.

E não se fiando nas fôrças de Sarah, ergueu-a pela cintura até a lançar nos hombros, como a um fardo de pennas; vergou as pernas para dar um salto e, cahindo sobre a muralha dos luctadores, desappareceu ..

O sol apagou-se no relicario, os vivos — christãos, mouros e judeus — foram descendo accesos na *sagrada* lucta, até a porta da egreja, onde os padres assolavam a populaça, erguendo bandeiras e crucifixos; os mortos ficaram, de costas, de lado, de bruços, sobre as escadas dos altares, aos pés dos confessionarios, sobre as alcatifas da Persia, sobre as pedras das sepulturas — judeus, christãos e mouros, homens, mulheres e creanças! Na rua, sobre um montão de toros inflammados, carbonisa-se o cadaver do velho Lopo. A praça e ruas estão cheias de mortos e feridos, e a furia da guerra santa continúa ainda!

O regedor Ayres da Silva, com os seus guardas, abriga-se no alpendre mais afastado; o governador D. Alvaro de Castro expede mensageiro a D. Manuel, que fugira do contagio; o carro da Misericordia sae do hospital cheio de empestados!

Só o Christo fica presidindo a este campo de batalha, pregado na cruz, escorrendo sangue, e com o sorriso do perdão!...

De todas as emboccaduras acorrem ao Rocio aquelles espectros vivos, que só apparecem á luz do dia, em momento de desastre. São pobres que não mendigam, operarios que não trabalham; gente que se aninha nas pocilgas e tavolagens, que veste farrapos que foram galas e tem na fronte o estigma dos tribunaes. Parece que caem do espaço como aerolithos, ou que surgem do exgôtto como os miasmas. E' uma colonia subterranea que presente os terremotos e sobem á luz das cidades suppondo que os descobrem; é um enxame que rebenta do cortiço do vicio e do crime. E' povo? Não; é pó, que se levanta e incommoda quando a sociedade moral passa sobre elle, ou quando o vento da desordem o sopra

por acaso. Não é povo, são corvos, que sentem, ao longe, nos seus esconderijos, o cheiro da carne morta.

Toda esta gente, sentindo o crepitar das fogueiras, veiu esvoaçar em redor d'ellas, soltando gritos:

— Morram os judeus!

Como se poderá descrever o que então se passou nas ruas de Lisboa? A rua? quem pode definir este campo immenso das mais extraordinarias aventuras?

Esperava-se que a rua dominasse o conflicto e desarmasse a ferocidade. Engano! A rua é tudo quanto ha de mais horrivel.

A guerra das ruas tem o caracter da guerra primitiva.

N'ella não ha tactica, nem armisticios, nem lealdade! Alli a lucta chama-se furia.

A surpresa impossibilita todos os planos! Cada pedra de calçada se converte n'um abysmo! levantam-se as pedras e desabam os telhados; é um terremoto com granizo. Homens, mulheres e creanças aggridem, gritam e cantam!

O mais forte, que pode ser Golliat, cae ferido por uma pedrada, porque sob o sólo se levantaram mil Davids. A esquina é um sorvedouro; uma valeta converte-se n'uma vala de cemiterio.

Qualquer cobarde, n'uma batalha arruaceira, faz prodigios de heroe.

Uma porta de escada é um reducto; os que a alcançaram rendem-se só quando o predio desaba; os que não chegaram a tempo ficam esmagados nos batentes.

Os *garroches*, que o Hugo inventou, surgiram com a creação do mundo: em 1506, o rapazio associa-se a todas as sedições; e o garoto foi em todos os tempos o animal mais suggestionavel.

Se o grito da rua é generoso e bom, os rapazes só falam de perdão e de dedicação; falem-lhe de odios e de represalias e elle será o principal algoz. Os rapazes de Lisboa, os grandes, que andavam na mais perigosa vadiagem, e os pequenos, que eram apprendizes vagabundos, carretavam lenha para as fogueiras do martyrio. N'esta faina infernal iam e voltavam assobiando canções alegres.

Os christãos velhos eram a maioria, e as maiorias são sempre despoticas e terriveis. Um mouro, velho ou moço, começava por ser insultado e acabava, de costas, sobre a terra, cheio de sangue e com a ultima imprecação na bôcca escancarada.

Os ladrões comprehenderam rapidamente que o saque fôra decretado.

Emquanto os fanaticos feriam os vivos, os ladrões roubavam os cadaveres. Nem um homem d'armas, nem um guarda da segurança, nem uma

auctoridade com prestigio! A corrente era a da mortandade; quem protestasse, ou fugia ou cahia varado; uma judia era uma judia, um mouro era um mouro; se aquella levava uma creança nos braços, nem por isso era mãe — matava-se, primeiro a mulher, seguia-se depois a prole.

Ainda era dia claro e, como por encanto, se tinham accendido mil archotes, e nos angulos da grande praça e nos recantos da rua, de cócoras, os fanaticos em delirio sopravam o fogo lançado aos ramos das arvores e á lenha trazida das lojas saqueadas. No ar havia gritos e fumo!

Dos bairros mouriscos e judeus chegavam ao local sinistro caravanas de creaturas em busca dos seus. A turba recebia-as com chascos e apostrophes, e esmagava-as, cahindo sobre ellas. A vingança pessoal no meio da guerra religiosa tripudiava tambem.

Ao lado dos judeus rolavam christãos sacrificados pelas mais sanguinolentas represalias. A canalha invadia os domicilios, e as mulheres, surprehendidas, nos seus lares, morriam estranguladas debruçando-se das adufas ou precipitavam-se na rua, fugindo á ignominia.

O incendio vinha illuminar a scena funebre, e, por entre as labaredas, voavam homens de feio aspecto levando mulheres, que cubiçavam, e joias roubadas ás arcas de cedro!

Os marinheiros francezes e allemães ajudavam a carnificina, e fugiam depois em direcção ao Tejo a guardar a prêsa. As creanças cahidas dos braços maternos eram levantadas por braços musculosos e arremessadas ás paredes, como se fôssem cachorros condemnados no canil mais fecundo!

E tudo isto se fazia em nome do Céo e de Deus, e para gloria de Jesus, que chamara a si os pequeninos!

Um bandido tinha uma predilecção: picar os olhos abertos dos cadaveres, como se isso representasse para elle o ultimo protesto da victima, ou uma ameaça que o enchia de terror.

Outro preferia arrastar os corpos pelos cabellos até junto das fogueiras, onde os frades, vermelhos e suados, gritavam descompostos:

— Extinga-se essa raça maldita, e Deus nos agradecerá!

O palco, pouco a pouco, foi tornando-se pequeno para tamanha tragedia, e a turba alargou a sua acção pelo resto da cidade.

Era já noite quando ella chegou á Ribeira das Náus, e a essa hora outro trôço de malfeitores chegava, tendo ensanguentado as ruas do seu transito, a Villa Nova de Gibraltar.

Lisboa então converteu-se n'um grande inferno cheio de fogueiras, e as estrellas do firmamento apagaram-se com a fumarada, que subia das margens do Tejo até o bairro do Castello!

N'essa noite infernal a matança não desanimou

N'essa noite infernal a matança não desanimou nem até mesmo á hora de cantar o gallo. Parecia que a raça de Judas andava a rondar o Horto, com a tunica de apostolo e o ósculo traiçoeiro. Em Villa Nova e na Mouraria o assalto e o saque foram taes, que, não havendo tempo para matar a ferro branco, as victimas eram lançadas, por junto, ainda vivas, sobre uma grande sarça ardente, que occupava as ruas em grande extensão.

A ironia tomou o seu logar no flagicio: ao lado d'uma mulher roubada á sua alcôva, ardia nas labaredas batidas pela briza da madrugada um berço e uma creança! A uma donzella, polluida pelos cannibaes religiosos, ataram o namorado que lhe vigiava a porta para a defender, e lamberam-lhes depois os corpos com as chammas, que crepitavam como vela arriada batida pelo vento.

A cada porta, com ar sinistro, archote n'uma das mãos, e lámina afiada na outra, os salteadores, commandados por frades e leigos, invocavam a Virgem, em preces em latim e córos de imprecações em sujos dialectos.

Os sinos tocavam a rebate nas torres da cidade, e no ar andava um cheiro forte a carne queimada e a fumo de palha.

E' que as camas das victimas alimentavam o fogo d'aquella memoravel redempção!

E depois da noite assassina, a luz da madrugada não fez mais que facilitar a obra nefasta...

Como se não cançaram e acobardaram de tão torpissima tyrannia aquelles homens que viam romper, doce e meiga, como é proprio da primavera, a aurora, vestida de tantas côres brilhantes e de brizas tão suaves?

E' que ao alaranjar-se o horizonte, do lado do oriente, se os assassinos haviam sentido fraquejar-lhes o braço traiçoeiro, logo os padres e os devotos lhes apontavam o Céo, com o mesmo furor hypocrita, e diziam ás hordas enfurecidas:

— Avante, rapazes, o relicario de S. Domingos, que esplende agora por traz da Alcáçova real, vem de novo reclamar justiça e vingança.

E o dia, que começava, continuou terrivel e maldito!

Sessenta e seis annos depois, graças ás intrigas de Catharina de Médicis e de Henrique de Anjou, das janellas do seu palacio presidia Carlos IX á matança dos huguenotes.

Só faltou a Portugal, para que fôsse digno precursor d'essa vilania franceza, que el-rei D. Manuel viesse de Vizeu, onde a cobardia o detinha, a verificar o assassinio d'esses vinte mil desgraçados christãos novos!

Sarah, arrebatada nos braços do moço guerreiro, que andava a apparelhar-se para as guerras d'Africa no corro de Sant'Anna, foi, no momento em que a carnificina se alastrava pela cidade, conduzida a uma pequena mas alegre vivenda, que se erguia no extremo de Villa Nova.

Era alli a morada de Pedro Soares, moço gentil e fidalgo, que affirmava caracter e honrava pergaminhos, acceitando constantemente brigas á arma branca e debatendo, á luz do melhor entendimento, a favor da tolerancia para com os judeus e os mouros. Tinha vinte annos apenas, mas podia em tino e coragem hombrear com os mais sisudos chefes de familia. E a d'elle bem resumida estava, porque apenas tinha a seu lado sua velha mãe, que passava a vida amparada por uma saudade e por uma esperança — saudade do marido, esperança na fortuna próspera de seu filho. — O marido fôra morto, dez annos antes, quando combatia, em Arzilla, contra a Mauritania, ao lado do valente e arteiro D. João de Menezes, d'esse notavel portuguez que desfizera, com pouco sacrificio, a rebeldia dos Aduares, emquanto na metropole D. Manuel pensava nas imposições africanas para beneficio do clero!

As noticias chegadas a Portugal diziam que fôra grande a carnificina soffrida pelos mouros, e poupados todos os fieis; mas isso não impediu a viuvez e a pobreza da infeliz senhora.

Pedro Soares recebera a mais aprimorada educação moral nos exemplos dos paes, e, por natural vocação, se fizera, em exercicios physicos, um dos rapazes mais destros e sabedores no manejo d'armas e na arte de equitação.

Para ganhar a vida e amparar sua doce companheira, fizera-se professor de esgrima, e no corro mais frequentado da cidade volteava com garbo e, não podendo ter rivaes, contentava-se em ter invejosos.

Nas suas relações com o velho Lopo, por tal forma se lhe affeiçoara que o tinha por pae amantissimo, e a Sarah e a Deborah por suas irmãs.

A traição praticada contra o seu honrado amigo, se obedecia ao plano de excitar D. Manuel contra mouros e judeus, não foi tambem extranha a uma intriga villã movida pela paixão ou pelo vicio da grei sacerdotal. Em S. Domingos, vigiara de perto a familia dos seus amigos; mas, tendo sido agarrado e aggredido, teve de gastar tempo na propria defesa e no justo desfôrço, e, assim, lograra apenas chegar a tempo de salvar Sarah.

— Minha mãe e senhora, disse elle, mal transpoz a porta de casa, trago-vos a minha vida n'esta creança, que parece morta. Entrego-a aos cuidados do vosso amor, que eu bem sei os milagres de que é capaz.

— Mas... meu filho... ia a objectar a bondosa senhora, que nada comprehendia do que se estava passando...

— Logo sabereis tudo. Chama-me o dever a outra parte...

— Saiba a minha boa mãe, que o diabo andou pelo ar a percorrer as ruas de Lisboa, e que ha muitos anjos cahidos, a quem quebraram as azas...

E, depondo Sarah, desfallecida, nos braços de sua mãe, sahiu depois de ter cingido o seu gibão revôlto com o cinto do seu brilhante arsenal.

Ao chegar á rua, deteve-se um momento a pensar se devia ir immediatamente em busca de Deborah, se defender os vizinhos e amigos, que tinham partido armados de chuços para o coração da cidade, ou emfim para os lados da Sé, onde a camara deveria estar reunida para adoptar providencias...

Do lado do Terreiro vinha approximando-se a enorme vozearia do populacho...

Um momento mais e avistou a invasão de Villa Nova... Com egual furor deviam ter penetrado em Roma os barbaros do norte! Com os homens desconcertados vinham grandes bandos de mulheres, mendigas e prostitutas, e gente dos mercados, agitando bandeiras de farrapos, pedaços das vestes ensanguentadas... O rapazio mais alentado arrastava tóros de creaturas que tinham rolado das fogueiras, como saltam ao estalar da pelle as castanhas nos magustos alemtejanos...

A' frente d'esta caravana sinistra, ganhando o titulo execrando de *algozes porta-cruz*, destacavam-se as figuras antypathicas, com os habitos regaçados e pendões erguidos, dos célebres frades de S. Domingos, frei João Moucho, o *Eborense*, e frei Bernardo Aragonez.

Pedro reflectiu:

— Meu Deus! que vou eu fazer?

E voltou a correr para junto de sua mãe.

Sarah voltara á vida ao calor magico d'um beijo maternal; e, ao vêr Pedro, disse-lhe serena e sinistramente, com os olhos rasos de agua:

— Repito-lhe, Pedro, quero morrer!

— E' possivel que assim succeda, Sarah... Um momento mais, e veremos o que Deus pensa a esse respeito... Juro-vos, porém, minha irmã, que morrereis depois de mim.

Pelas janellas abertas entrou na modesta habitação o écho da vozearia popular.

Pedro desenvolveu então uma actividade tigrina. Impelliu bruscamente sua mãe e Sarah para um quarto interior, correu ás adufas, olhou a rua, já cheia de gente e de clamores, fechou-as com estrondo, arrastou alguns móveis de encontro á porta da entrada, arrancou do cinto os seus melho-

res punhaes, e, como uma fera agachada que espera a prèsa, dobrou um joelho no sobrado, e, levantando os olhos, exclamou:

— Meu Deus! fortalece o braço da minha justiça!

— Meu pae! envia-me do Céo a coragem do teu ánimo!

Entretanto, lá fora, a turba gritava feroz:

— Morra o traidor Pedro Soares! A' fogueira o amigo dos herejes!

E Pedro Soares, sempre na mesma attitude, inclinando a cabeça para ouvir todos os ruidos, e examinando com o olhar febril a porta e as janellas, continuou a sua prece:

— Escuda-me com o teu amor, ó minha mãe!

O tumulto cada vez se approximava mais; por baixo das janellas ouviam-se vozes de commando. Era evidente o assalto... No patim da casa já se distinguia o tropel...

Pedro Soares, sem se levantar, recuou um passo para junto do quarto onde guardara o seu thesouro.

Sentiu-se então o corte d'um machado na rótula d'uma das adufas, e eram mais frequentes as ameaças e as pragas. Atrás de Pedro rezava-se por entre soluços.

Pedro, como em segredo, consolou as afflictas:

— Confiae em mim, e não façaes o menor movimento, nem solteis o menor gemido.

Não lhe chegavam os olhos para attender, ao mesmo tempo, a todos os pontos por onde esperava ser assaltado! Até para o vigamento nodoso do alto tecto da casa olhava, como se receasse que d'alli houvesse desabamento e invasão!

A porta foi abalada violentamente, e uma voz gritou de fora:

— Abri, Pedro Soares, que tendes aqui um amigo.

— Assassino, dize o teu nome, e, se quizeres, tambem o teu preço.

— Abri, sem receio... as delongas estão irritando o povo, e pode perder-se o meu esfôrço.

— Quem és, perguntou vivamente Pedro, approximando-se do occulto interlocutor.

— Sou Ruy Vasques, o vosso discipulo da Carreira, que vos tem por mouro como parceiro, mas que sabe quanto tendes de christão. Abri, Pedro.

— Se és meu amigo, acudiu Pedro, defende essa porta, de onde estás, para que ella não estale nem salte dos couces, que eu me defenderei n'este logar.

— Seremos dois, ahi, onde tantos cuidados vos prendem; ou melhor tres, que venho em companhia do mais santo dos frades d'esta terra...

— Comprehendo — és a guarda avançada do Moucho e do Aragonez... Tenho sêde de justiça... hei de beber-lhes o sangue.

Não havia tempo para mais; no meio de atroadora algazarra voaram as madeiras fortes da adufa, e um montão de cabeças sinistras appareceram gritando:

— Morra o hereje!

Pedro cahiu sobre os primeiros assaltantes e feriu-os no peito! Explodiu então em mil bôccas a terrivel ameaça.

— Ao fogo! ao fogo!

O moço christão atirou-se áquella brecha aberta pelos assaltantes na sua fortaleza, e sentiu-se com coragem e fôrça para inutilisar quantos ousassem subir alli...

De repente a porta, como elle receava, saltou dos couces, e Pedro ia ficar entre dois bandos inimigos.

No limiar appareceram Ruy Vasques e frei Ignacio; mais atrás, Moucho e Aragonez.

Pedro, que d'um salto alcançara a porta interior que mais o inquietava e que, junto d'ella, poderia defrontar-se com as duas invasões, olhou para o padre, com olhar turvo e inquieto.

— Queres salvar, meu rapaz, a vida de tua mãe?

— Sim; disse Pedro com voz rouca, sem desmanchar a attitude aggressiva.

— Tua mãe, e Sarah? Não é assim?

— Sim, sim, quero. Dizei.

— E's valente e tens talento. Podes auxiliar uma obra meritoria.

Pedro esperava sem comprehender.

— Meus irmãos, disse Ignacio para o bando, que, do lado da rua e fora da porta, gritava, sem avançar, como se esperasse ordens dos seus chefes. N'esta casa não ha mouros nem judeus... Em nome de Christo vol-o juro. Os mais altos interesses do Estado e da Egreja estão dependentes da inviolabilidade d'esta santa familia. Ha aqui um sagrado deposito. Vão, sem perda de tempo, a casa do banqueiro Jacob, antes que elle fuja, salvando o corpo e perdendo a alma.

Dois populares, dos mais ousados, ouvindo murmurios de descontentamento, perguntaram com altivez:

— Frei João, é isto verdade? Nem ao menos devemos vingar a morte dos nossos companheiros?

O Moucho ia a fazer um gesto...

— Ajudae-me, lhe segredou Ignacio... Convem-nos Pedro .. Convem-nos muito...

O Aragonez não teve hesitações.

— Ha mais que fazer no bairro; vão, meus filhos, que se el-rei chega a Lisboa, não haverá tempo para vingar o Céo!

— Vamos, vamos, respondeu obediente a terrivel multidão, e, afastando-se, ia reanimando a ferocidade e a cobiça:

— A' casa do usurario!

— Morra o máu ladrão!

— Ao fogo! ao fogo!

Estas vozes fôram-se extinguindo, e Pedro ficara attonito, de punhal na mão, a cabeça collada á porta do quarto, para escutar a respiração das afflictas creaturas.

— Nada me agradeças, Pedro, que me has de pagar este serviço.

E extendeu-lhe a mão.

Pedro não se moveu, nem olhou... pensava.

— Vamos, Ruy — para o teu posto de observação. Respondes-me com a cabeça pelos estragos do ninho e pela fuga dos passaros...

E, deitando o braço sobre o hombro de frei Bernardo, sahiu dizendo:

— Meu velho, um grande dia! E' possivel que um de nós ainda chegue a inquisidor-mór!

— Ou que ambos vamos em breve a torrar nas fogueiras que hoje accendemos! respondeu frei Bernardo, olhando para o companheiro.

— El-rei tem medo da peste e não vem a Lisboa; o peor é se elle manda em seu logar o prior do Crato e o barão d'Alvito... Dois *Diogos* com gente d'armas é caso sério...

E lá fôram atrás da procissão maldita!

Entretanto Pedro abraçava sua mãe.

— A quem devemos a nossa salvação, Pedro? lhe perguntaram as mulheres.

— Não sei, senhoras minhas. Sei que invoquei Deus, e acudiu-me Satanaz.

II

Justiça d'el-rei

Emquanto a cobardia, ou cumplicidade, das auctoridades e classes preponderantes, deixava extinguir-se pelo cançaço, e não pela repressão, a sedição de Lisboa, el-rei D. Manuel recebia, em Aviz, noticias do acontecimento e, desejoso de o punir, já que não quizera prevenil-o e não soubera terminal-o, mais cuidou em pedir minucias dos progressos da peste que da sorte dos christãos novos.

Os reis cavalleiros da nossa velha historia dispunham com franqueza do sangue de seus vassallos para alargar, em mundos novos, o prestigio da sua corôa, mas eram cautelosos e avaros da sua saude e de suas commodidades.

Nem um momento hesitara D. Manuel em arremessar, para as garras do gentio e para as surpresas do Oceano, a flôr da mocidade portugueza; mas tremia de medo ao pensar nas *pestilencias* que estavam envenenando a capital e que nos seus ataques, crebos e cegos, não distinguiam o villão e o artifice dos principes e dos soberanos.

Irritou-se, ao saber a nova, em taes impetos de gestos e palavras, que os mensageiros se convenceram, por momentos, de que el-rei viria defender sua real vontade á frente dos seus homens d'armas.

Junto d'elle, na sua luzida comitiva, não faltavam cabos de guerra dos mais corajosos e adestrados, que por felizes se dariam de vir em soccorro, não só da honra e da paz do reino, mas principalmente de suas familias e bens, mais que ameaçados, compromettidos. E com a dedicação d'esses contava effectivamente el-rei, e não menos com a gente, que, voluntariamente e assoldadada, ao chegar á cidade, onde era tão grande o incendio das paixões, apenas teria de executar a faina do rescaldo. Não era porém do valor e caracter dos sediciosos a peste, extranha aos pleitos da religião e da politica, para cuja solução sobejavam recursos e auctoridade...

Preferiu, pois, el-rei incumbir D. Diogo d'Almeida e D. Diogo Lobo, o célebre prior do Crato e o barão d'Alvito, que na sua prophecia o Aragonez adivinhara, em tão violenta e justiceira empresa.

Partiram para Lisboa os dois emissarios, seguidos de fôrças guerreiras, que, ao chegarem, não encontraram resistencias e tiveram de trocar a coragem do ánimo e a fôrça do braço pela diligencia e traça de officiaes de justiça.

El-rei, movido mais por pudor que por desconfiança do insuccesso, adeantou-se até Setubal, e d'alli, para castigar o desrespeito pelas suas intolerantes ordenações, publicou um firman roubando a Lisboa titulos, privilegios e franquias, e demittindo todos os funccionarios, que por cobardia ante o alvorôço, como el-rei ante a peste, não podendo acastellarem-se em Aviz, se recolheram a suas casas, emquanto a desordem andava á vontade nos templos e nas ruas.

Mais uma vez o *afortunado* D. Manuel logrou assim recommendar-se á benevolencia, não da Historia, que essa é implacavel e incorruptivel, mas d'alguns historiadores, cujo criterio estonteia ante as scintillações das glorias, que os povos conquistam e com que os reis se envaidecem.

Emquanto os assassinos expiam suas culpas e os mortos desapparecem, ou na terra, ou no ar — despojos sangrentos que escaparam ao fogo — cinzas que o vento levanta e dispersa, pensemos as feridas dos que mais soffrem, porque durante muito tempo sentirão a saudade, o desespêro e a vergonha...

Ha punhaladas que fazem parar o coração; ha outras que o acceleram. Ha mortes que consolam, porque anesthesiam o corpo para os golpes do mundo e para as mordeduras do tempo. São as melhores!

Crueis, terriveis são as mortes que fazem cadaveres que gemem, choram e pensam; que teem luz no seu sepulcro e vêem com ella o corpo a mirrar-se, e a arrefecer. Terriveis são esses cadaveres de vida apparente, que só recordam e amam, e adoram a memoria dos mortos, e em cujos ouvidos apenas échôam vozes do passado, que mais ninguem escuta nem comprehende!

O peor dos tumulos é a vida dos tristes, dos sem esperanças, dos saudosos — dos que andam como espectros, olham como cegos, falam como um écho, pensam como os loucos! Peor que os cadaveres sem coração são os corpos vivos sem amores — porque o affecto faz mais falta que o sangue, pois, se o sangue foge ao corpo, o espirito adormece tranquillo e apaga-se; — adormece e apaga-se eternamente!

Se o amor nos foge, na imagem querida de um ser, que tanto nos enlaçou, que se confundiu comnosco, cujos beijos fôram sempre a aspira-

ção de nosso peito e o calor de nossos labios, cujos ouvidos eram o instrumento da nossa voz, e cujos olhos o unico espelho do nosso rosto; se o amor nos foge, isto é, se as sombras do lucto nos vestem a alma com uma mortalha negra, e nos velam os olhos com as cataractas da abstracção, de maneira que andamos sem saber por onde, que vivemos sem nos importar a vida, indifferentes ás tristezas e alegrias dos outros, que hediondo cadaver é o nosso corpo vivo?

Morrem em nossos ouvidos as phrases de consôlo, morrem na fixa pupilla as imagens mais formosas — a luz do Céo, o canto das aves, o aroma das flôres, os beijos da viração — tudo que nos cerca, nos aquece, nos affaga; e nós nada sentimos!

Todos os sentidos do corpo se recolhem cá dentro onde o espirito, essa mystica forma do pensamento, era um novo mundo formado por tudo que passou!

E' tragico, é funebre, é repugnante até, o aspecto d'um morto, frio, pallido, ensanguentado, cheio de mutilações! E' hediondo, é horrivel vêr montões de despojos — cabeças, braços, pedaços de tronco, escarnados, negros, reduzidos a cinzas!

Entristece, agonisa, indispõe, uma sepultura, um jazigo, um caixão, um cypreste!

Ah! mas o peor de tudo isto são as estátuas de dôr, inteiras, erectas, automaticas, com o olhar vago, a razão oscillante, o anceio indefinivel, d'essas creaturas que são paes, filhos, amantes d'esses montões de carne e de ossos, informes, podres, cremados!

Sim, morreram muitas mil pessoas, mas já não vale a pena choral-as.

Trata agora el-rei de ser a Vingança, já que não pôde ser a Providencia.

A Historia elogia o monarcha e os mortos arrumam-se, longe da nossa vista, entre torrões de argilla, sob o pó do esquecimento.

Os algozes irão em grande numero fazer-lhes companhia, ou já, que não ha perigo de que as victimas os reconheçam, ou mais tarde, quando o cutello physiologico lhes rematar a existencia.

Imaginemos, portanto, como encontrámos o coração de Sarah!

E como estará o de sua irmã, que vimos arrastada no templo á hora do seu lucto, e que talvez nos represente n'esta galeria de victimas, que definem a grande tragedia manuelina, uma das especies que mais nitidamente explica o cannibalismo humano.

Procuremol-a.

As denuncias feitas em Aviz logo apontaram como maiores responsaveis dois padres de S. Domingos; o principal — Bernardo Aragonez.

Frei Bernardo Aragonez, de origem hespanhola, alistara-se a pedido de frei João Moucho, na ordem de S. Domingos. Era moço de grosseira educação e de caracter ruim.

Em Hespanha, chegara a desempenhar missões de confiança no Tribunal da Inquisição; mas pela natural rebeldia do seu espirito e excessiva ambição, por tal forma se indispoz que foi obrigado a transpôr a fronteira e vir a Portugal, onde contou fazer carreira junto da côrte, por occasião dos decretos de expulsão dos christãos novos.

Tendo vindo recommendado a frei João, este, que andava a bem da patria e da Egreja, em activa conspiração contra a influencia dos conversos, julgou-o homem d'acção e de coragem. O trabalho clerical era então, em todo o reino, excepto no ponto onde dominavam algumas ordens jesuitas, dirigido com o fim de mover el-rei a solicitar as bulas indispensaveis para o estabelecimento do negro tribunal. Em Roma, junto do Papa Julio II, as diligencias e os interesses eram de diversa natureza e origem. O Aragonez conhecia parte dos segredos da curia e, em Hespanha, apprendera um pouco com que poderia informar os padres de S. Domingos sobre o estado da opinião em Roma, e na Peninsula.

Os actos de D. Manuel eram bastante intolerantes, em materia religiosa; mas no caracter d'el-rei havia intermittencias, contra as quaes era indispensavel estar prevenido.

Frei Ignacio, que mantinha estreitas relações com Antonio Carneiro, chanceller d'el-rei, tinha a sua suggestão na côrte, e o Aragonez encarregara se da propaganda entre o povo.

Assentou-se definitivamente que a sedição teria por fim convencer el-rei de que era impossivel adiar a creação d'um tribunal, que julgasse principalmente todos os crimes de heresia. A ausencia d'el-rei, a peste, a fome — tudo eram indicações da opportunidade para a empresa.

O Aragonez, porém, tinha um duplo interesse n'essa sangrenta aventura.

Andando no seu miseravel empenho de espionar as familias, onde o culto catholico era mais raramente observado, lograra conhecer a formosa filha do velho Lopo.

Tão ardente quanto habil, reconheceu facilmente que Deborah não era mulher que lhe permittisse, a elle, grosseiro e brusco e feio, ensaiar sequer qualquer tentativa de seducção.

A sua organisação de bandido não lhe deixou perder a esperança de que facil seria apoderar-se de Deborah, dado o conflicto que se preparava e as suspeitas de judaismo que prudentemente creara contra Lopo, na opinião publica.

Que me poderá faltar na conquista? dizia elle.

O coração? O coração que o reserve ella para quem se contente com tão pouco...

O Aragonez pertencia áquella raça de padres, que mais se confunde com a dos cabreiros montanhezes, ou com a dos guerrilheiros, sectarios ou bandidos, das serras de Hespanha. Tinha aquelle feitio e aquelles modos, que deviam mais tarde assignalar, na historia da guerra civil dos tempos de Izabel, a figura sinistra do cura de Santa Cruz. Não era um hypocrita, de olhar incerto, e gesto reservado: era o contrário — olhos vivos, pequenos, scintillantes, olhar atrevido e injurioso, ventas largas, respirando á vontade, pelas narinas dilatadas e inquietas. Musculosos os braços e as pernas, pescôço curto, beiços grossos sobre dentes ameaçadores. Com um capuz e umas camandulas, confundia-se com qualquer frade nas sombras d'uma adega; com um lenço vermelho atado na cabeça e um trabuco na mão, seria um salteador perseguido pelas justiças de Castella. Supportava o habito, mas havia-se mal com elle, por pesado e incommodo. Tinha mais espaduas que peito, e maiores as nadegas que o abdomen. Nada havia n'elle do aspecto seraphico d'um missionario, e, apesar da côr viva de alcoolico, estava longe de se confundir com o aspecto bonaçheirão dos frades gulosos, que fizeram as delicias da eschola flamenga.

Estava na fôrça da vida, na fôrça das paixões, ou peor que isso, na fôrça dos vicios. No trato era o Aragonez irritavel e aggressivo. A' frente do populacho era sinistro — tinha o gesto mais ameaçador, o passo mais ligeiro, a praga mais insolente! Arvorava o crucifixo, como quem conduz um archote: por vezes movia-o, com tanta irreverencia, que só muito de perto se notava que era uma cruz e não um cacete.

Estes exemplares de frades brigões eram vulgares na peninsula iberica, nos beatificos tempos d'el-rei D. Manuel.

Eram, por assim dizer, um symbolo suggestivo da intolerancia religiosa e da hybrida alliança dos dois poderes, que esmagavam o mundo — o Papa e o Rei.

Entre os frades de S. Domingos, nenhum havia mais arrojado e mais feliz. Alguns copos de vinho capitoso, duas pragas aragonezas e o habito regaçado, apparelhavam-no para as mais arriscadas empresas.

Muitas aventuras criminosas lhe tinham sido attribuidas, mas o governador, D. Alvaro de Castro, nunca se prestou a acreditar nas indicações apaixonadas do povo de Lisboa. A impunidade aguçava-lhe o atrevimento.

Já conseguira insinuar-se no ánimo d'alguns fidalgos, e chegou a sonhar

com uma viagem a Roma, na companhia de João Sotil, que foi mais tarde bispo de Saphim.

Ao planear-se a matança de S. Domingos, elle declarou a João Moucho:

— A familia do *judeu novo* ha de ser dividida em partes eguaes. Tu tomas conta do velho Lopo, que a casa d'elle é farta de joias e documentos; Ignacio, de Sarah, visto querer apoderar-se de Pedro, e eu ficarei com Deborah. Não peço muito, como se vê. As mulheres fogem de mim, e eu preciso de mulheres.

Os socios concordaram na partilha, e o Aragonez, mal a sedição rebentou, apoderou-se da pobre menina, arrastando-a para uma das dependencias do mosteiro, e confiou-a aos cuidados de Ruy Vasques, um desgraçado posto a sôldo da maldita seita e já a ella escravisado por segredos da sua vida desregrada.

Deborah, desde a scena tragica da morte de seu pae, ficou em abstracção tão grave! parecia viver sem pensar e sem sentir, os braços cahidos, cabeça inclinada, olhar errante e vago... Um verdadeiro cadaver vivo.

Aproveitando a desordem que reinava no mosteiro e na rua, Ruy Vasques pôde facilmente montar o seu baio, e logo que um famulo lhe lançou Deborah sobre o regaço, aconchegou-a com todo o cuidado, por causa da violencia do galope, metteu esporas no cavallo e partiu pela ingreme ladeira que trepava para a Alcáçova, encostando-se, quanto possivel, ao muro roqueiro, que circumdava o velho morro arabe.

Ruy Vasques, ao chegar lá acima, e ao passar pelo postigo da cêrca, afastou-se para o norte, e, cinco minutos depois, chegou a uma casa que se erguia á sombra de um olival, no extremo da melhor arrifana d'aquelles sitios.

Tendo depositado o seu precioso fardo, montou de novo, e descendo pela encosta do oriente, veiu até Villa Nova, a encontrar-se com o Aragonez, que sahia da casa de Pedro Soares, á hora em que a turba, reanimada por elle, ia em busca do usurario Jacob, cobrador de impostos.

O Aragonez mal avistou o seu cumplice:

— Tudo prompto?

— Da minha parte, tudo prompto.

— E ella?

— Não sei.

— Como, não sabes?

— Está viva, porque lhe senti o coração palpitar junto do meu peito.

— Mas, então?

. . . e partio pela ingreme ladeira

— Parece dormir quasi sempre... ou pelo menos não quer vêr-me, porque poucas vezes abriu os olhos...

— Vamos, responde: está segura?

— Como um passaro!

— Fechaste a porta?

— Podéra não; a porta e a adufa, que ha passaros capazes de fugir até pelas grades da gaiola.

— Dá cá as chaves.

— Prompto, mestre, aqui as tem.

— Ruy, dize-me, suppões que me resista?

— Com franqueza, com franqueza? Parece-me que não. Tambem eu esperava ter um boccado de trabalho, e, afinal, deixou-se transportar.

E accrescentou:

— Agora dê-me licença, frei Bernardo; na cidade ha hoje mulheres a ròdo, e o mel não se fez para os cães.

— Repara, meu villão ruim, que se lhe tocaste com um dedo sequer, vaes parar ás fogueiras da Ribeira, que estão proximas...

— Por esta!... disse Ruy, fazendo uma cruz com os dedos e chegando-os á bòcca; juro que me contentei com o abraço ensarilhado nas redeas do governo.

— Bem, parte, e, haja o que houver, é certo que ha quinze dias me não falas nem me vês.

— Temol-a travada, frei Bernardo?

— E' bom esperar tudo... Deus nem sempre agradece a quem o serve...

— Bem, apeia-te e cede-me o cavallo.

Ruy apeou-se, fez uma festa nas orelhas do seu baio, e entregou as redeas ao Aragonez, que, ao montar, perguntou ainda:

— Está alguem vigiando, ou guardando a arrifana?

— Ninguem. E' um paraiso, frei Adão.

— Que o diabo te leve, que eu levo commigo a serpente...

O cavalleiro arripiou o caminho da Alcáçova, e Ruy foi vêr mais de perto o assalto, o saque e o incendio nas casas dos judeus.

O Aragonez foi subindo e pensando:

— Emfim! As mulheres d'esta cáfila de herejes não pertencerão exclusivamente á canalha das ruas. Reserve-se o quinhão mais delicado para os que mais se arriscam e melhor dirigem! Deborah vae ser minha, quer ella queira, quer não. Se el-rei não fôr grato aos meus serviços e eu houver de dançar ámanhã na forca ou na fogueira, será o amor de tão formosa rapariga a minha extrema unção. Sei que sou feio e que me não sobra

feitio para fazer a côrte a estas creaturas tentadoras, que só querem cantigas de menestreis e requebros de cortezãos... Ora adeus, os homens são todos eguaes...

A meio caminho parou, como se o tivesse assaltado uma dúvida.

— E se ella me resiste? Sim, se ella prefere que eu a subjugue, em vez de ceder... Estou farto de a vêr fugir de mim com repugnancia e afflicção! Se me resiste, por Satanaz, que eu não tenho obrigação de ser hoje generoso. Os que quizeram dinheiro, tiveram-n'o, os que desejavam a vingança, vingaram-se... Eu quero as caricias d'uma mulher formosa e hei de deixar espoliar-me estupidamente? Quem sabe? A gratidão... E' certo que fui eu quem lhe salvou a vida... Eu podia tel-a deixado até morta, ou, n outra parte, polluida por algum lacaio ou magarefe... Decididamente, concluiu elle, apertando o trote, ou viva, ou morta, será minha!

E, passando a mão pela abertura do habito, certificou-se de que levava á cintura o seu punhal de *combate*.

Ia a tarde a declinar quando entrou na arrifana: apeou-se á porta, conduziu á mão o cavallo, que prendeu a uma arvore, e, encaminhou-se para a modesta casita, toda cerrada e mysteriosa.

Abriu a porta, e parou; subiu alguns degráus, e parou ainda... Com outra chave abriu outra porta, e penetrou no quarto onde estava Deborah.

As sombras eram já muitas, mas via-se bem a infeliz, sentada no leito, com a cabeça inclinada...

— Deborah, disse o Aragonez, salvei-lhe a vida...

Deborah ergueu a cabeça e olhou para o frade, tranquilla, indifferentemente...

— Deborah — amo-a e venho offerecer-lhe o meu amor, o meu braço, a felicidade... Quer ser minha?

— Sim, respondeu Deborah, fitando-o tranquilla e serenamente...

O Aragonez avançou alguns passos.

— Deborah, venho buscar os vossos beijos... Estaes em meu poder e sereis feliz.

A rapariga abriu mais os seus grandes olhos, que brilharam com extranha scintillação por entre as sombras do quarto.

O Aragonez ia a approximar-se do leito para que ella o reconhecesse...

— Minha querida Deborah! disse elle.

A pobre victima ergueu-se então, e soltando um grito, que parecia um grande gemido a rebentar n'um sorriso, exclamou:

— Meu pae! Meu adorado pae! Dá-me um beijo. Reconheço-te, és tu!...

O Aragonez recuou até a porta, aterrado e cambaleante.

— Está doida! Está possessa!

E ficaram os dois a olhar um para o outro.

O bandido, se não tem encontrado a porta fechada, teria fugido. Tal foi a impressão de terror que o dominou, ao vêr o aspecto desvairado de Deborah!

Teria medo da pobre louca? Não, decerto, que n'esse dia maldito, no meio de tantas tragedias, muitos desgraçados perderam a razão, olhando os cadaveres dos seus, e ao serem envolvidos no fumo das fogueiras!

As doenças nervosas, que hoje estão sendo a principal preoccupação da sciencia, eram muito graves e frequentes n'aquelle tempo abominavel, em que o fanatico mysticismo todas attribuia a influencias malignas de espiritos diabolicos. A therapeutica bestial dos exorcismos estava no seu auge.

O imperio de Galeno resistia á reforma com as investidas das artes cabalisticas e as invasões demoniacas no espirito dos sabios e dos incultos. Avizinhava-se Paracelso a fazer triumphar a sua eschola, buscando as causas morbigenas na influencia dos Astros, de Deus, da Natureza, do Espirito e do Veneno! Estava-se no tempo da quintessencia, e ninguem conhecia João Fernel, que em França fizera alvorecer a conciliação das doutrinas de Galeno com os progressos que vieram á chimica nas descobertas de mundos novos.

Quando o mais reles eczema era combatido com rezas e magias, isto é, quando ao mais insignificante incidente pathologico se attribuia uma causa astral ou divina, ou melhor, religiosa ou mystica, que terrivel mysterio envolveria as grandes crises cerebraes?

Um epileptico era um endemoninhado! O espirito das trevas luctava com os anjos do Céo no corpo d'esses doentes. Um epyleptico era captivo de Satanaz; um louco era um vencido do inferno!

Se os garros mereciam desprêzo, os loucos causavam terror.

O fogo da Inquisição quiz ser o salvador e purificador d'essas almas perdidas. Creou-se para combater o inferno do espirito, outro inferno real e deshumano!

Um louco era uma creatura infernal; os seus olhares, os seus movimentos, as suas palavras, eram illuminados, guiados, segredados, pela influencia autócrata do Espirito máu.

O Aragonez era atrevido, forte e corajoso; não o atemorisavam os

homens valentes, nem as mulheres fracas. Acabara de dar provas da dureza do seu caracter e do cynismo da sua audacia...

Conhecia bem o mundo real e não o temia, mas era supersticioso, como toda a gente do seu seculo. Conhecia a generosidade de Deus, e, por isso lhe falseava a doutrina e lhe desobedecia aos mandatos. Habituado a toda a casta de abusos, até do Céo abusava! Na logica do seu espirito, o perdão era a chuva mais torrencial que vinha de cima...

Mas, temia-se do Inferno! No Inferno havia essencias como a d'elle. O Inferno era um tribunal inexoravel. Satanaz devia ser frade, se não de S. Domingos, com certeza d'alguma ordem capaz de matar e queimar, principalmente os partidarios de Jesus.

Fôra até alli, com sangue frio, resolvido, inexoravel. Um, dois, cem homens que lhe apparecessem a roubar-lhe a prêsa... com elles teria de luctar. Se fôsse vencido, antes de morrer dos golpes inimigos, havia de morrer da sua propria raiva...

Restava-lhe esse orgulho de luctador...

Mas não lhe appareceram homens armados — apparecera-lhe o inferno.

Satanaz chegara primeiro que elle, e, sem cavallo, sem chaves, e sem punhal, penetrára n'aquelle quarto, n'uma lufada de vento que estava gemendo nas arvores da arrifana.

Fôra elle, decerto, que enchera de sombras aquelle recinto, elle que entrara no seio de Deborah, elle que o espreitava com olhos de fogo, nas orbitas roxeadas da donzella!

Satanaz não era justo, mas podia trazer-lhe o castigo... era seu rival no amor e no odio!

Se esse rival quizesse desfazel-o, poderia conseguil-o com um raio dos seus, como Deus, por vezes, fizera aos impios com os raios celestes!

Não havia dúvida... Deborah estava possessa...

Esperava que ella lhe resistisse, e ella entregava-se-lhe!...

Esperava que ella lhe offerecesse o supremo encanto de ter no olhar o brilho das lagrimas, e ella tinha a ardente irradiação d'um fogo maldito!...

Tinha a certeza de que ella o odiava, por elle ter sido o assassino do velho Lopo, e ella confundia-o com o assassinado!...

Contava com uma pequena fera que o mordesse, e achava-se em face d'uma louca que lhe sorria!

O Aragonez estava pallido, e ao juntar, n'um movimento instinctivo de oração, as mãos trémulas, achou-as geladas!

Encostou-se á parede, e procurou o coração; não o sentiu! Estaria já morto? Seria aquillo um pesadelo!

Estava sendo victima da maior das traições! Seria aquillo o remorso em que ouvia falar? Mas o remorso não era para elle...

Nem o remorso, nem o medo!

Então o que era aquillo? Se pedisse perdão a Deus?

Mas, se não era sincero n'esse pedido, como poderia elle enganar a Deus?

Todos estes pensamentos o assaltavam, o agitavam; tremia por fora e por dentro!

Entretanto, Deborah continuava com um sorriso dôce e caricia dor, mas o olhar parecia fitar um objecto proximo e vêr uma estrella muito ao longe...

O Aragonez quiz falar, mas a lingua, sêcca, febril, não se movia. Aterrava-o o ruido da propria respiração!

Estaria tambem possesso? Teria já no peito, a apertar-lhe o coração, as garras do vampiro?

Sacudiu a porta, que elle proprio fechara ao entrar, e a porta continuou resistindo. Rocou-se então pela parede e, alcançando a adufa, abriu-a.

Era noite e o luar começava a erguer-se. Fora um silencio majestoso; apenas ramalhavam as oliveiras.

Como duas grandes estrellas, os olhos de Deborah continuavam scintillando...

— E' preciso acabar com isto, pensou elle; terrores pueris são a vergonha da minha raça!

E limpou com a manga do habito o suor que lhe corria na fronte.

Encheu-se de coragem e, com voz trémula, dirigiu-se áquelle extraordinario espectro:

— Deborah, não tem medo de mim?

Não obteve resposta; á pobre louca voara o espirito por momentos, para as afastadas regiões dos sonhos, e repetia baixinho os nomes do pae e da irmã...

O frade avançou para ella e agitou-lhe o corpo, segurando-lhe os pulsos.

Pareceu-lhe que tocara n'um cadaver ..

De repente, teve uma idéa, e, bruscamente, procurou no cinto o estylete, seu companheiro inseparavel; recuou dois passos, e exclamou em voz alta, para afastar terrores:

— Se o espirito máu se apoderou do teu corpo, se a tua alma é prêsa do inferno, quero rasgar esse covil da traição, e que Satanaz venha as mãos commigo!

E ergueu a arma com movimento de gladiador, em combate com as féras.

O punhal não brilhou a luz do céo que entrava pela adufa...

Não era lâmina dos seus crimes; era o crucifixo do seu mestér.

Os dois companheiros, symbolos — um da guerra e outro da paz — dormiam sempre juntos á cintura do frade, mas a turbação e o medo fizeram que o bandido se enganasse, accordando o Amor em vez do Odio. — Cruzes ambos, e ambos sanguinarios, o punhal estava tinto de sangue dos christãos novos, o crucifixo do sangue de Jesus Christo! Um representava o crime, o outro representava o perdão; aquelle vivia para atravessar corações, este para os converter e dulcificar! Na cruz do punhal brilhava a Impiedade: no crucifixo a Fé! Ambos alfaias para uso dos homens — sagrada uma na morte de Jesus, temperada a outra na traição de Judas!

O Aragonez, ao notar o engano, julgou-se primeiramente desarmado, e, logo depois, como se uma luz brilhante lhe tivesse illuminado o pensamento, julgou-se invencivel!

— O inferno é incompativel com o calvario... pensou elle.

O Aragonez approximou-se então, mais calmo e confiado, da louca que o fitava absorta, vagamente, e chegou-lhe aos labios a cruz marchetada a que estava prêsa uma pequena e amarellada imagem de Christo.

Deborah fitou a reliquia, e o seu olhar, de vago e rutilante, tornou-se fixo, sereno e triste! E, depois d'alguns momentos de contemplação, em que as lagrimas lhe cahiram dos olhos, deslizando pelas faces como pela imagem do Martyr escorregavam as gôttas de sangue, lançou-se sobre o leito a soluçar, segurando e beijando o Redemptor.

— Estou salvo! exclamou o Aragonez. Deborah é minha! A cruz me defendeu do inferno, e o punhal me defenderá dos homens.

E, depois, dirigindo-se á lua, cujo disco prateado illuminava a arrifana e se projectava sobre o leito de Deborah:

— Obrigado, ó astro, pelo teu auxilio bemdito! Tu serás o facho d'este hymeneu, já que não chegam até aqui os clarões piedosos da cidade.

Voltando, foi-se ajoelhar junto do leito.

— Beija, Deborah, beija o Deus da minha e da tua fé, que não tenho ciumes do Céo, que me protege...

E, sempre de joelhos, foi collando novamente o crucifixo aos labios da doente, dizendo-lhe baixinho:

— Se já me ouves, se ja me comprehendes, serena-me o coração, que me encheste de terror, aquece-me o sangue que me gelaste...

.....

E, assim se passaram alguns momentos: Deborah soluçando, o frade de joelhos junto do leito, e a lua a illuminar o quarto...

.....

* * *

Que monstruosa noite aquella! Emquanto o céo esplendia com todas as galas d'uma noite serena e clara de primavera, na terra, os homens sopravam o mais hediondo vendaval. Do grande valle de Lisboa subiam ondas de gemidos e columnas de fumo! Lisboa convertera-se n'um grande circo de feras. Apar das luctas ferozes travadas nas praças públicas, que de villanias e profanações se praticavam nos recantos da capital, nos bordeis e alcouces, nas tavolagens e nas egrejas! A estas se acolhiam familias, batidas em todos os bairros e perseguidas até junto dos altares, e ahi mesmo, como nos velhos tempos pagãos, se sacrificava ao odio e ao amor! O cannibalismo organisara as suas secções — o saque apresentava a sua triplice physionomia — roubava-se cumulativamente, e em toda a parte — o ouro, a vida e a virgindade.

O zêlo da ignorancia e do fanatismo deu bodo repellente a todos os peccados mortaes.

Associaram-se no quinhão a soberba e a inveja, premiou-se a preguiça com a parte da avareza, e a gula dos famintos entendeu-se com a luxuria dos viciosos: a ira a todos estes animou e impelliu! D'esta revolta contra a moral religiosa resultou o tripudio de todos os crimes que podem enxovalhar uma civilisação! O homicidio, o roubo e o estupro tiveram o logar mais distincto n'essa saturnal catholica em que os nobres, os padres e a escoria social brindaram á pureza da Fé e á salvação da Egreja em libações de sangue, de lagrimas e de beijos!

Já vimos os mortos, já vimos os enluctados; calculamos a rapina feita por bandos de miseraveis nas arcas das familias — assaltos ás portas e janellas, o despojar dos cadaveres, desde os habitos arrancados aos pedaços, até os dedos mutilados com os anneis, e pulsos guarnecidos de braceletes em pedrarias; as arrecadas perseguidas por pedaços de orelhas femininas, a roupa dos leitos, os enxovaes pobresinhos, as imagens garridas dos pequenos oratorios, os collares quebrados nos collos mais gentis, as baixellas massiças dos melhores lavores; emfim a rapina voraz feita por milhares de miseraveis, rotos, famintos, descalços!

Isto é tudo? Não: falta o peor, a que a historia faz sempre a menor

referencia, e que constitue o maior ultrage d'uma sedição de ha quatro seculos: a violação das mulheres.

O caso do Aragonez não é um caso singular — é exemplar d'uma especie.

Não quererá a Lua, que assistiu á profanação, contar o que viu. É até provavel que ella, de espanto e horror, velasse o rosto pallido com algumas nuvens, que andavam rondando no firmamento. Devemos, porém, presumir o que é tão difficil de narrar.

De todos os crimes brutaes e selvagens é este do Aragonez o mais selvagem e brutal.

O que são, comparados com esta affronta, o assassinio e o roubo?

Morrer assassinado por um bandido é como morrer na guerra: perder o ouro e as alfaias é valorisar, perante a nossa resignação e consciencia, os outros bens da terra: mas ser mulher, e fraca, e indefesa, e ter de sacrificar a uma fera indomavel, insolente, feia e suja, o pudor, o orgulho, a castidade?!...

Violentar uma virgem!?

Sahir do berço tão pura como a mãe de Deus, e guardar essa pureza com recato e zêlo, através da infancia e da adolescencia... sentir a alvorada do amor guardado e defendido, pelo pudor, que é a sentinella natural, e pela educação, que é a sentinella da sociedade... ser virgem no corpo e no espirito — no corpo convertido em sacrario, no espirito, envôlto na confiança innocente... não poder affrontar um olhar cubiçoso, sem que os olhos se cerrem ou se desviem... sonhar mysterios que a ruborisam quando desperta, como se os proprios sonhos fôssem uma ameaça á honestidade... pedir aos linhos do enxoval e aos estofos dos vestidos a defesa das proprias graças, o segredo dos proprios encantos...

A virgindade! Porque se não pensa na grandeza d'estes vandalicos attentados que a Historia regista, aos milhares, nos horrores e cobardias da guerra que ha quatro seculos a realeza e os padres inflammaram!

A pureza é um thesouro que a Providencia defende nas trevas da noite e no silencio da alcôva!

O instincto da pureza faz contráctis os corpos virginaes. Dormindo, as virgens são como as estatuas antigas, ás quaes uma nesga de lençol era bastante para que não triumphasse a nudez. Move-lhe a graça os contornos com arte e recato, que, se um olhar surprehender uma sombra do collo ou um pedacito do pé, logo, com a sensibilidade das palpebras, o pé se retrae e as mãos se cruzam sobre as curvas do seio! O pudor das virgens é aquella fôrça vibratil que esconde Suzana entre as plantas d'um lago e arremessa ás aguas as nymphas de Camões!

O pudor é o pagem cioso da virgindade, que do proprio olhar se arreceia e envergonha, e que até das imagens d'um espelho teme o descredito e a lisonja.

É tragico, sim, que se apunhale uma mulher, e que, viva ou morta, se lance o seu corpo delicado sobre o brazeiro ardente: mas o ferro não pollue, mas o fogo não insulta!...

Mas, ter uma mulher assim guardados os thesouros do corpo e da alma, e, de repente, sentir-se enlaçar pelos braços athleticos d'uma féra, com formas de homem, desconhecido, patibular, baixa a condição e baixo o gesto, olhos de vicioso, bôcca de ébrio, faminto de amor, sensual e brutal, que ruge de prazer e blasphema na victoria?...

Ter medo, ter pejo, ter nojo, e não saber defender-se com os pés, com as mãos, com os dentes!... E prêsa, e maguada, e afflicta, pedindo soccorro que não vem, pedindo piedade que não se conhece, ora gritando com vigor, ora chorando com desalento, emquanto o verdugo, que parece querer matal-a, lhe diz palavras roucas, que são insultos, e a criva de beijos, que são baba... Antes a morte a punhal, antes os funeraes na fogueira!

E houve d'isso aos milhares em Lisboa n'essas horas, em que el-rei D. Manuel, no alcaçar de Aviz, se defendia da peste e beijava docemente a formosa rainha sua esposa!

Assistiram paes amantissimos, feridos ou presos, ao sacrificio de suas filhas! assistiram á profanação de suas mulheres muitos maridos, a quem, para cúmulo de barbaridade, não fizeram a graça de assassinar primeiro!

Não precisamos de que o Céo nos conte o que se passou, n'aquella noite catholica, na pequena casa da arrifana da Graça; demais o sabemos pelo que se passou n'outras casas, e d'outros bandidos que andaram a distribuir, sem hesitações e sem medo, a miseria e a vergonha.

Ao romper do dia, quando o Aragonez sahiu da casa mysteriosa, encontrou junto do portão o seu velho e servil companheiro Ruy Vasques.

— Então, ainda agora, frei Bernardo?

— Cala-te, miseravel, não pronuncies o meu nome...

— Melhor cara tenha o dia de hoje! Mais razão tinha o meu cavallo para se zangar commigo, e acolheu-me com excellente agrado. Pobre animal, esquecido aqui toda a noite, quando lá por baixo havia tanto que vêr e que gosar!

— O movimento segue?

— Segue, mas os ventos vão rondando para outro quadrante.

— Alvaro de Castro fez alguma tentativa?

— Começou a mexer-se um pouco e parece que mandou vir gente de Santarem.

— A marinhagem continua a auxiliar-nos?

— Qual! Depois da meia noite, a pouco e pouco, foram recolhendo aos navios.

— Diabo, diabo; faz-nos falta o auxilio d'essa gente.

— Alguns ficaram ainda; são os mais espertos. Parecem resolvidos a desertar, porque receiam castigos severos.

— E João Moucho?...

— Esse teve uma idéa; procurar o governador com a melhor gente da Ribeira e guardal-o bem, para que elle se não perdesse.

— Teve a idéa, mas não a executou. Melhor fôra que o fizesse antes d'el-rei chegar a Setubal.

— Houve um pequeno inconveniente... uma insignificancia... Foi prêso á entrada do mosteiro, por ordem de D. Alvaro... Mas descance, que elle é discreto.

— Para que vieste aqui?

— Para lhe dar um conselho.

— Não preciso dos teus conselhos.

— Olhe, não se arrependa...

— Bem, dize.

— Era conveniente que sahisse de Lisboa o mais depressa possivel. Observei na cidade, esta noite, alguma coisa que não deve tranquillisal-o.

— Depressa...

— Mestre Ignacio e Pedro Soares foram vistos a entrar para casa do regedor Ayres da Silva.

— Uma traição?

— Quem sabe! Ignacio vê longe e deve ter adivinhado que Antonio Carneiro não é homem para deixar de aconselhar el-rei a castigar e reprimir. Ora, Ignacio andou sempre jogando por detraz da cortina. Se elle ajudar a repressão, poderá salvar-se.

— Não, disse o frade, depois de pensar um momento, Pedro Soares procura Deborah, e Ignacio finge auxilial-o nas pesquisas.

— E se Pedro a descobre?

— Por que perguntas isso?

— Porque, quando ha pouco subia a ladeira, vi, n'uma sombra do postigo da cêrca, um vulto, que me pareceu o d'elle.

— Alguma visita á alcáçova. Depois descerá, perdendo-nos de vista...

Ruy Vasques ia a fazer uma objecção, mas calou-se e olhou espantado para cima do muro do lado occidental da arrifana.

— Repara, frei Bernardo, o que é aquillo?

O frade empallideceu.

— É gente armada.

— De chuços?

— Não, disse Bernardo saltando rapido para o cavallo, são lanças!...

— Que tentaes fazer, frei Bernardo? As lanças que enxergaes rodeiam o muro da arrifana, e estão perfeitamente dispostas para o assalto. Aquella porta, por onde pretendeis sahir, vae ficar ouriçada de ferro inimigo.

— Conheço a situação, mas não sou homem para hesitações. Quando o cêrco é apertado, torna-se inevitavel a sortida. Como estamos sendo vigiados, entra em casa, apodera-te de Deborah, e foge com ella pelo caminho da mina.

Entre a gente d'armas não ha cavalleiros, e o teu baio não é christão novo; sabe cumprir o seu dever.

— E se a mina estiver fechada para o lado dos trigaes?

— Espera que esta gente se afaste e volta pelo mesmo caminho...

— Que Deus vos acompanhe, disse Ruy, e fazendo o signal da cruz, escoou-se por entre o arvoredo.

— Que Deus ou o Diabo me acompanhem! e, esticando a rédea, o frade enterrou as rosetas douradas nos ilhaes do animal.

O cavallo deu um salto, e logo, em vez de abrir o galope, empinou-se como se tivesse topado com uma barreira imprevista e insuperavel.

O portão fechara-se com um trôço de gente, revestida de armaduras reluzentes e picos ameaçadores como linguas de vibora.

— Que é lá isso? perguntou o Aragonez. Já o serviço de Deus é embaraçado por guerreiros, sem commando de capitães e adais?

— Sua alteza assim o quer, não para vos embaraçar, mas para vos defender, respondeu um dos guerreiros, approximando-se do frade e postando-se como se estivesse na presença d'um superior.

— Não me lisonjeia a intenção de D. Alvaro, e não pode el-rei ter dado cargo especial a seus legados de velar por minha pessoa, quando vou acolher-me ao mosteiro da minha ordem...

— Assim será, acudiu, sempre com respeito, o inesperado interlocutor. D. Alvaro de Castro julga do seu mistér, emquanto não chegam novas e mandados d'el-rei, ou do seu secretario, começar uma devassa sobre os feitos *desdoirantes* de velhos e novos christãos...

— Trazeis então alçada para me prender em guisa de mercê real?! Está bem; aonde me levaes? a S. Domingos?

— Não, se me permittirdes; a casa de D. Alvaro, que deseja, por interesse proprio, e em serviço d'el-rei, preparar-se para fazer justiça.

— Justiça tem feito o povo, que reclama da Corôa a extincção da heresia.

— Direis isso ao governador, que é lettrado que bonda para vos acudir ao conceito.

— Segui-me, então, e deixae passar o meu cavallo.

— A minha gente está fatigada, anda mal e devagar... além d'isso, o vosso cavallo pode ser menos respeitoso que vós pela alçada do governador...

O frade, n'um brusco movimento, apeou-se.

— Quereis então conduzir-me a pé, por essas viellas, exposto ao sarcasmo dos infieis?

— Quem pensa em tal! exclamou o guerreiro.

E depois, voltando-se para a sua gente:

— Tragam a liteira.

A liteira tomou o logar da soldadesca, junto ao portão, e Bernardo encaminhou-se para ella, como quem tem pressa de acabar o episodio.

— Um momento mais, D. Bernardo. Quando vos apeastes, vi luzir uma cruz no vosso cinto. Se é um crucifixo, guardae-o, que a vós, e não a mim, pertence de direito; se é um punhal, entregae-m'o. Seria injuria á valentia d'esta gente confiar-vos a defesa da vossa vida.

Bernardo entregou o punhal.

— Agora, podeis entrar, e confiae em nós. Sois um deposito sagrado.

O padre subiu para a liteira, que era das mais cómmodas e aristocraticas e á qual estavam atrelados dois machos, pequenos e muito eguaes.

— Vamos; quarenta homens ladeiem o coche, e o resto fique ás ordens de Pero Esteves, que dará busca a todos os recantos da casa e da arrifana.

Os quarenta guerreiros indicados formaram alas, com as lanças ao hombro, gravemente, como os alabardeiros da Alcáçova faziam a sentinella nos aposentos reaes, e o prestito poz-se a caminho.

O Aragonez, na incerteza da sorte que o esperava, não desalentara ainda. Achava possivel que Alvaro de Castro quizesse apenas interrogal-o.

Por mui ligeiras que tivessem sido as communicações feitas a el-rei, as ordens de sua alteza só poderiam chegar com a demora de alguns dias. Além de que, a hesitação ou cobardia dos funccionarios aconselhavam-n'os a defender a revolta popular e a aggravar a responsabilidade dos christãos novos...

Era isso. D. Alvaro precisava d'elle, ou para se informar de minucias, ou para o ajudar a restabelecer a ordem.

Para que eram tantos sustos? A influencia dos frades de S. Domingos

Agora, podeis entrar, e confiae em nós

era invencivel... Provavelmente el-rei aproveitaria aquelle sinistro acontecimento para se entender com Roma e estabelecer a Inquisição.

Assim foi caminhando, affeiçoando o espirito ás melhores esperanças.

Afinal a liteira estava já perto da porta do governador.

Ahi a multidão em altos gritos pedia ao magistrado civil que acudisse á cidade.

Populares armados, mulheres desvairadas, creanças em chôros, todos, erguendo os braços para as adufas do palacio, pediam justiça, que n'aquelle momento já não podia ser mais que uma vingança parcial.

Entre a turba que assim clamava, havia gente que na vespera andara auxiliando a pilhagem e os morticinios! Muitas d'aquellas mãos supplices estavam tintas de sangue... Os cobardes que tinham fugido espavoridos deante da sedição, que uma resistencia opportuna e bem dirigida teria bem cedo inutilisado, estavam alli para offerecer o seu concurso e a sua dedicação!

A creadagem das casas mais nobres, armada por seus amos, organisava troços de guerreiros e enviava ao governador as suas improvisadas bandeiras. Os operarios da Ribeira, commandados por seus mestres, e armados de ferramentas de seus officios, acclamavam D. Manuel e vinham pedir barcos que os transportassem á outra margem do Tejo para irem em busca do rei.

A casa do governador, porém, conservava-se indifferente a todos estes clamores.

Quando a liteira e a guarda appareceram do lado da Sé, a multidão irrompeu em applausos e correu a verificar o acontecimento imprevisto.

Imaginou então o povo, que chegara el-rei, e que a elle ia dever-se o termo de tão angustiosas scenas.

Estrugiram no ar as mais enthusiasticas acclamações.

Ao chegar a liteira, que a custo pudéra caminhar, ao portal do governador, uma grande massa de povo cahiu de chofre sobre ella.

As lanças rodearam-n'a, e a turba afastou-se por um momento. Abriu-se então a portinhola, e o Aragonez, pallido, cheio de colera e de mêdo, foi arremessado para o *recebimento* com tal pressa e violencia, que teria cahido sobre o lagedo, se o não acolhe, nos seus braços possantes, Ayres da Silva, o regedor, que na vespera, ao começar o motim, fugira acobardado. A porta cerrou-se com estrondo, a fôrça armada postou-se em attitude aggressiva na frente d'ella, e a multidão, n'um grito tão unisono como o que até alli échoara sinistramente aos ouvidos de mouros e judeus, clamou:

— A' morte, á morte! ao fogo o assassino!

Abriu-se então uma das adufas do andar nobre e Ayres da Silva, debruçando-se:

— Povo de Lisboa! Tranquillisae-vos. Vae começar a justiça d'el-rei!...

Acclamando novamente D. Manuel, a multidão dispersou, justificando com aquella esperança o cançaço e o desânimo dos algozes e das victimas.

Que terrivel mysterio é a alma popular! Como ella se inflamma, e como ella se gela! Como ella nega n'um momento factos que vê, e acredita e acceita, em seguida, promessas que mentem!

Para se avaliar a promptidão das providencias adoptadas pela Corôa, bastará citar, que as cartas régias, que a ellas se referem, teem a data de 24 e 27 d'abril de 1506, o que se pode verificar consultando o *Appendix á alcada do Porto;* pela sedição de 1757. São ambas datadas de Evora, isto é, fôram escriptas quando el-rei vinha de Aviz para Setubal... A matança foi a 19 d'abril: assim o diz Christovam Acenheiro e a *Historia e Memorias da Academia das Sciencias*. N'este ponto fica vencido Faria e Sousa.

Houve, pois, um espaço de mais de oito dias, contando com o transito de Evora a Lisboa, em que esta cidade esteve sem governo, á mercê da bandidagem desenfreada.

Como se pode, pois, acreditar que as auctoridades não tivessem adoptado algumas providencias?

E' certo que a negligencia d'ellas foi castigada. Mas, que castigo merecia o *afortunado* rei que, sendo absoluto, tão mal sabia centralisar os poderes, ou tão mal os delegava, quando os seus interesses o afastavam da côrte, onde as suas fanaticas ordenações haviam de fomentar taes crimes e taes revoltas? E, comtudo, o povo acclamava-o, porque el-rei ia fazer justiça d'alli a oito dias, mandando encerrar os padres facinoras na torre de Alconchel.

Os terrores esmoreceram, quando o clero e a plebe se cançaram da façanha, e o vento foi espalhando, pelas ruas e pelo ar, as cinzas das fogueiras. A Inquisição estava estabelecida no ânimo publico, e el-rei D. Manuel, que legou a D. João III as responsabilidades de tão negra instituição, pode bem honrar a sua memoria com o titulo de *Primeiro Inquisidor de Portugal*.

El-rei D. Manuel tinha então 37 annos de edade e já contava 11 de reinado. Estava na fôrça da vida e devia ter a experiencia necessaria para viver com os homens. Nem esse vigor physico, nem essa vida de governo, davam demasiado vigor ao seu ânimo, nem prompta resolução aos seus embaraços.

A sua boa estrella irradiara sempre, sobre a corôa que elle recebera das mãos de seu cunhado, a luz que mais a fazia brilhar e resplandecer, e, a sorrir no horizonte do seu futuro, lhe indicava o caminho mais suave.

Assim como a fortuna vária para elle fôra sempre bondosa e constante, assim se lhe mantivera timido e docil o seu caracter subalterno. O seu espirito suggestionavel poderia ter sido o seu descrédito perante a Historia, se as mais brandas influencias e os mais sabios conselhos não o tivessem carinhosamente rodeado. Assim como em creança, por timidez e fraqueza, beijara, reverente, a mão ensanguentada de D. João II, sem o respeito e o amor que deveria merecer-lhe a memoria do duque de Vizeu, seu irmão, assim, homem e rei, obedeceria aos mais perfidos e aos mais justos conselhos.

Afortunado foi, porém, ao escolher para seu amigo e confidente, para seu inspirador e ministro, um homem, que se chamou Antonio Carneiro.

Que nome e que caracter tão modestos teve este vassallo de atiladas vistas e leal dedicação!

D. Manuel era apenas o braço executor da vontade, humildemente insinuada, do prudente e atilado escrivão da puridade.

Cançam-se os historiadores a fazer a historia da nossa terra pela cartilha de nomes dos principaes reinantes, e, deixam, quasi no olvido, esses nomes de modesta gente, que despida de sceptro e de corôa, soube encaminhar os soberanos de sangue mais nobre, mas de cerebro mais imperfeito, pelo melhor e mais patriotico caminho.

Quem fala no modesto estadista que passou a vida, na sombra, a accender a aureola do grande rei?

Perguntae, nas escholas, se a mocidade conhece esse rei, que se chamou Antonio Carneiro?

Nem se lhe conhece a origem, nem se lhe assignala a sepultura. O seu nome é apenas uma palavra na chronica. Os mais estudiosos descobrem-no e logo o esquecem. Era elle filho de nobre, tinha as energias da mocidade ou a experiencia da velhice? Onde adquiriu elle tanta sciencia de governo e tanta arte de vencer?

Era elle que agitava na cabeça de D. Manuel a corôa de um grande imperio; era a mão d'elle que segurava o sceptro na mão do principe que lembra o apogeu das glorias portuguezas!

Era um valido elevado á confiança do throno, por arbitrio real? Era fidalgo da antiga côrte a quem D. João II incumbira a guarda e a educação do joven duque de Beja? Algum guerreiro distincto em guerras africanas e orientaes, que tivesse por premio de seus feitos a privança nos alcaçares e alcáçovas?

Veiu d'elle Pero, conde de Idanha, que não logrou corrigir o fanatismo brutal do rei *piedoso;* mas elle, o mestre e o guia do *grande* rei, d'onde veiu?

Pertencia á côrte, e cingia uma espada, ou passava despercebido entre a creadagem cortezã? Limitava-se a ensinar administração a um rei absoluto, cujo nome a Europa respeitava e a Africa, e Asia e a America temiam, ou accumulava tão elevadas funcções, com as de algum ataviado heraldo, passavante ou arauto? Guiava elle apenas a mão de rei que firmava ordenações que levavam o Gama á India, Cabral á Terra Santa, Affonso de Albuquerque a Ormuz e Malaca, os Côrtes Reaes á Terra Nova? Ou, quando el-rei, no orgulho imbecil pela elegancia do seu talhe, se demorava ao espelho, era elle quem lhe assentava a coifa de ouro, e lhe aconchegava o pellote ou a chamarra?

Era Antonio Carneiro o servo, o secretario, o confidente de el-rei, que sempre aconselhava e vigiava, pensando, ouvindo, como se o rei, na sua immensa grandeza, no seu absoluto poder, tivesse adquirido um cerebro a mais para as responsabilidades do seu cargo.

Antonio Carneiro pensava por conta de D. Manuel, e revelava em voz baixa o seu pensamento.

D. Manuel interrogava-o com a majestade de um principe, com aquella majestade satisfeita, com que um tangedor de viola acredita que é dos proprios dedos que vem a vibração das cordas!...

É, Antonio Carneiro, como se fôsse apenas o fiel depositario das idéas de seu amo, dizia-lhe o que pensava, como se tivesse de entregar a espada que abrilhantara com um suadeiro, ou largar sobre a alcatifa a cauda do manto que regaçara!

O que teria sido d'esses reis magnificentes dos baralhos dymnasticos de Portugal, se outras mãos e outras cabeças não os tivessem guiado?

Em Setubal, n'aquella alcáçova, onde a justiça de D. João II condemnara e executara uma conspiração contra a sua auctoridade e poder, n'uma sala contigua áquella que fôra tribunal e patibulo, passeava el-rei, que viera apressado de Aviz, e que precisava de pensar no castigo merecido pela cidade de Lisboa, que elle proprio desvairara, com a sua politica de obrigatoria apostasia e de obrigatorio exilio dos perseguidos hebreus.

Nos momentos solemnes, el-rei tinha phrases e gestos varonis e, passeando no salão, ia interrogando Antonio Carneiro, como se estivesse só e pensasse em voz alta.

— Raça de bandidos, a quem a peste não exterminou de todo para que ainda me irritem com seus desmandos e revolta! Uma pagina cheia de lama e sangue nos meus pergaminhos de glorias! Roma ámanhã mal dirá a minha imprevidencia, porque dei ensejo ao descrédito do clero!

Se não tivera o dever de poupar minha vida e saude, que muito me resta ainda fazer para gloria do meu nome, eu proprio iria hoje atravessar o Tejo para enforcar nos pelourinhos da cidade, toda a cáfila de imbecis e de subditos rebeldes. Já que não posso reparar o damno, hei de ao menos ser implacavel no castigo!

Antonio Carneiro ia seguindo seu amo com os olhos e com os passos, como para lhe surprehender uma pergunta.

D. Manuel, abhorrecendo-se com a reserva do seu ministro, resolveu-se a interrogal-o:

— Que dizem as ultimas noticias?

— Que Lisboa se arrepende, ou se cança; isto é, que os desvarios se acalmam, e as auctoridades recobram ánimo.

— Recobram ánimo! recobram ánimo! Tenho soldados em todo o mundo; mantenho as conquistas com energia, subjugo o gentio a ferro e fogo, e Lisboa, permitte-se intimidar a gente a quem incumbi defesa e respeito...

Depois, como se tivesse tido uma idéa genial:

— Preciso, pelo menos, que morram cem pessoas, innocentes ou culpadas, das que commetteram crimes e das que não souberam punil-os...

— Por que dizeis cem, meu senhor?

— Pouco mais ou menos. Digo cem, porque quero que trinta sejam mulheres...

— Senhor, não alcanço...

— Depois comprehenderás. E' necessario um exemplo. Olha, Antonio Carneiro, vou acabar com a Casa dos Vinte e Quatro. Chamarei Lopo d'Abreu e verás o que faço.

— Parece-me, senhor, que do acêrto dos vossos primeiros actos deve resultar a indispensavel serenidade. Não tendes confiança no prior do Crato?

— Sem dúvida, n'elle e no barão, mas a minha inquietação não vem do desastre que passou, mas da perda da minha traça contra mouros e judeus. A guerra a elles, quero eu fazer, que sou senhor e juiz do que ao reino é mais propicio. Depois, n'estes negocios de religião, apraz-me sempre regrar meus actos pelos interesses da egreja e do Santo Padre. Lavrarás uma carta régia mandando que a devassa seja enviada para Evora, ao provincial da Ordem de S. Domingos, afim de que elle proceda, com rigor, e segundo os costumes, para com os frades que D. Alvaro enviar á presença d'elle.

— E, senhor, nada pensaes a respeito dos mosteiros? Notae, senhor, que, por mais errado que seja o caminho do povo, esta provado, que os frades abusam da sua influencia sobre elle. E' meu parecer, e, em vosso

caso, seria minha acção, que a devassa deveria começar pelos frades dominicos, decretando-se, desde já, a interdicção do templo. Vossa Alteza com taes affectos acolhe ao seio as viboras, que mordem no reino e na Santa Sé. Podeis e deveis ouvir Pedro Correia, que é homem de bom aviso e muito sabedor de factos e intenções...

— Os frades que vieram a terreiro como bandidos, acudiu D. Manuel, deverão ser punidos primeiramente. E' bom que se saiba que poucos são os que servem com inepcia os interesses da Fé.

— E, que pensaes, senhor, depois do castigo? Tencionaes deixar os infieis expostos ás furias populares? Reparae bem em que os judeos são trabalhadores, submissos, ricos, com grande pendor para o commercio e para a industria. Protegel-os não é heresia; é habilidade. E na prudencia dos actos está o vosso merito real. Peço-vos, senhor, que façaes justica castigando como vos aprouver, mas principalmente prevenindo novas sedições e vergonhas. Os christãos novos são obra vossa; deveis conserval-a e defendel-a. Acautelae essa gente de novas crueldades. Deveis lembrar-vos dos pedidos que vos fez a favor d'esses desgraçados, vossa mãe e minha senhora D. Beatriz, e vossas irmãs a rainha viuva D. Leonor e a duqueza de Bragança D. Izabel, tambem senhoras minhas.

— Bem deves lembrar-te de que a corrente da opinião nas maiores nações do mundo é contra a influencia d'essa gente que não segue a religião de nossos maiores; e que demais tenho afastado medidas que me apontam meus amigos e alliados.

— Com que nada tendes perdido, senhor. Prouvera a Deus que a proscripção dos infieis não tivesse sido causa dos motins que haveis mistér de reprimir, disse, levemente embaraçado, o ministro.

— Não vão os tempos de feição para descurar os interesses catholicos. A corôa de Castella vae-se affeiçoando á fronte dos reis de Portugal, e, assim como é prudente não contrariar Sua Santidade, não o é menos acompanhar os povos da Peninsula nos seus protestos contra a heresia.

— No mistér de corrigir nossas leis e de assegurar os nossos dominios d'além mar, melhor se affirmam vossas canceiras e proventos, senhor. Não vêdes mais quêda e confiada a Hespanha com a santa inquisição, que Portugal com o seu roteiro, de terra e mar, ao serviço da cruz?

— Assim será; mas preciso de assegurar a paz do reino para vir ás mãos com os povos que vamos a conquistar e civilisar.

— A paz interna pode assegurar-se aquietando os espiritos e conciliando raças e crenças; não apaixonando-as com tramas e ardis.

— Falas como um propheta, Antonio Carneiro.

— Falo como um vassallo, que tem a verdade para seu amo como melhor lisonja e mais leal submissão.

— A que tramas te referes, que tanto te abalam e confundem?

— A's que se forjam com os thuribulos de S. Domingos e de outras ordens arteiras, para mudar em sacristia a alcáçova de D. Manuel...

— Os servidores da Egreja são meus subditos. Disponho no reino da corôa de meu cunhado, que submetteu a nobreza, e da tiára de Julio II me vem poder para governar o clero. De taes poderes me trouxeram segurança o bispo do Porto e o doutor Diogo Pacheco, que é gente sisuda e cauta.

— E' meu dever prevenir-vos, senhor, que o altar, isto sem offensa da Fé catholica, vae tendo mais degráus que o throno de Vossa Alteza... Mór damno vem ao Estado da intriga dos mosteiros, n'estes vossos dias, que do perdão com que fizestes mercê aos descendentes do duque de Bragança.

— Inquietas-me sem razão, Antonio Carneiro.

— Raras vezes tem d'isso quem tem por mistér prevenir seus amos e senhores.

— Ias, pois, dizendo?...

— Que, visto pensardes em enviar nova embaixada a Roma, bom será que encarregueis Duarte Pacheco, que é bem falante e atilado, de apresentar taes querellas, ou receios, a Sua Santidade; João Sotil, apesar do habito que veste, dará por bons os meus assertos.

— Queres, então, que me vá a judaisar para Villa Nova e vigie, com má vontade, os servidores da Egreja?

— Senhor, não é isso que aconselho, disse Antonio Carneiro, animando-se-lhe o olhar. Vae apenas passada uma década depois que defendestes os filhos de Israel. As vossas mãos, ainda mal seguravam as redeas do governo, e já por magnanima inspiração livravam de vexações e tyrannias os perseguidores do fallecido senhor D. João II. Deveis lembrar-vos, senhor, que a gratidão os aplacou a ponto de se fintarem por vontade e se christianisarem por devoção.

— Foi essa piedade real que lhes deu alentos para de novo se malquistarem com a Egreja e com o povo, replicou vivamente o rei.

— Influencias que descem de S. Roque ao mosteiro do Rocio e põem o reino n'uma conflagração permanente. Pela minha honra vos digo, senhor, que amaes o vosso povo, mas confiaes a perfidos conselheiros o seu corregimento e direcção. A revolta, que os mosteiros sopram agora contra os filhos de Islam e de Israel, será soprada ámanhã contra vossos direitos e soberania.

— Senta-te e escreve, disse el-rei, com gesto resoluto.

Antonio Carneiro obedeceu.

Um pagem, n'este momento, annunciou:

— D. Alvaro de Castro, governador de Lisboa.

— Que venha depressa, disse D. Manuel.

D. Alvaro appareceu á porta do vasto salão, com a cabeça inclinada, capuz de velludo preto na mão direita e a esquerda na cruz da espada.

— Que novas trazes, D. Alvaro?

— Senhor, a minha magua...

— Falaremos depois do que menos interessa... As tuas maguas são fructo do teu desleixo ou da tua fraqueza... Logo que eu faça a jornada d'Evora, far-te-hei mercê do governo da tua casa... Pareces-me mais affeito a esse que ao governo d'uma cidade.

— Senhor, se permittis...

— Permitto, sim, que me respondas... Chegou o prior do Crato?

— Senhor, D. Diogo d'Almeida chegou a Lisboa, com um forte trôço de gente armada, e foi occupar as eminencias da Alcaçova, com bôas guardas e atalaias até o Tejo, e D. Diogo Lobo, egualmente apparelhado, está a seu geito, junto do mosteiro do Carmo, alongando gente bastante pelos Martyres e Ferregial até a Ribeira das Náus. Pelo norte da cidade distribui a gente que me obedece.

— Dize antes que te obedecia... A cidade fica entregue aos cuidados d'esses capitães. Elles teem instrucções minhas. Começaram as devassas?

— Senhor, as devassas tornam-se inuteis; os criminosos apontam-se a dedo e ha mingua de meirinhos e aguazis para deter tanta gente...

— A' cidade applicarei castigo negando-lhe fóros e prerogativas; os moradores que parecam innocentes, ou sobre quem é penoso fazer devassa, por terem sido remissos ou negligentes, percam para nos a quinta parte de todos os seus bens e fazendas, móveis e de raiz, e, das fazendas que couberem a suas mulheres, tambem a quinta parte será confiscada para a corôa d'estes reinos.

Depois, voltando-se para Antonio Carneiro:

— Vae apontando os meus dizeres, que são minha vontade e vou fazer cumprir.

— Senhor, os capitães da revolta são muitos, e assás conhecidos — disse Antonio Carneiro. — Não é assim, D. Alvaro?

— Tenho em meu poder os principaes, mas muitos mais ha que não logrei alcançar, por serem leigos ou frades de diversas ordens, e se terem a tempo homisiado, respondeu o governador.

— Quero cem, pelo menos, não esquecendo as mulheres, pois sei que tambem ellas entraram nos maleficios...

— Senhor, vim a vossos pés pedir-vos mercê de justiça para mim, que me vi desprovido de gente e de fôrça para evitar tamanho damno.

— Descança; far-te-hei justiça, como é mistér, logo que tenhaes cumprido as minhas ordens de hontem...

— No cumprimento d'ellas vim principalmente, e para Evora me encaminho com os mais criminosos... dois ou tres seculares e os religiosos João Moucho e Bernardo Aragonez.

— Apraz-me tão boa prêsa. Serão esses os primeiros a dar contas a Deus da sua obra diabolica. Dois frades de S. Domingos devem estar á vontade na torre de Alconchel... Mandarei que o bispo de Marrocos e o conego de Evora, na praça, e em frente de Nossa Senhora, lhes ensinem a morrer afogados e a deixarem-se queimar em fogueiras eguaes ás que accenderam em Lisboa. Apreciarão, assim, melhor a sua obra. Dos outros a fôrca será premio dos seus feitos... Podes retirar-te, D. Alvaro, e responde por elles a tua gente.

D. Alvaro recuou até a extremidade do salão, e chegado alli, querendo ainda fazer qualquer pedido, começou:

— Senhor, concedei-me:

Não acabou.

El-rei, com um gesto intimativo, indicou-lhe a porta.

O governador de Lisboa inclinou-se e sahiu.

Ficando só, el-rei disse ao secretario:

— Estás satisfeito?

— Quasi tenho notas sobre o desfôrço, que pode ser uma razoavel vingança e que ha de consolar as victimas, senhor.

— Achas pouco?!

— Acho muito pouco, senhor. Os mouros e judeus morrerão vingados, mas morrerão ámanhã cheios de luto, de fome, de escravidão, de odio! Os que escaparam das chammas cahirão desfallecidos sobre as cinzas...

— Bem, senta-te e escreve ainda, e do que vou dictar farás carta de minha chancella, logo que entendas que a justiça tem cabimento depois da vingança.

E el-rei, de pé, a meio do salão, levantando a fronte e os olhos, como quem busca idéas e forma, passando uma das mãos pelas melenas acastanhadas que lhe cahiam sobre os hombros, e a outra no punho garrido da sua espada, começou pausadamente:

— El-rei, desejando fazer mercê aos christãos novos, promette que, se bons quizerem ser e estar em nossos reinos, serão por taes conhecidos,

bem tratados como a christãos velhos nossos naturaes, e receberão de el-rei mercês. Permitte-lhes sahir livremente do reino e senhorios, para terra de christãos, com suas mulheres, filhos e bens, e voltar para elle sem necessidade de licença real...

Depois approximou-se do secretario, leu o que já estava escripto e continuou, passeando:

— Tambem poderão livremente vender seus bens de raiz, etc., etc... Escreve isso, como entenderes, Antonio Carneiro... Mas que não falte isto:

«... e lhe promette não fazer mais, contra elles, algumas ordenações como sobre gente distincta e apartada.»

Estás satisfeito agora?

— Senhor, por vós, por elles e por mim vos agradeço, disse Antonio Carneiro, beijando a mão d'el-rei.

E el-rei, intencionalmente:

— Por mim, em primeiro logar, que não esqueci o teu conselho e prevenção. *Não quero que o altar fique mais alto que o throno...*

— Recommende Vossa Alteza a Duarte Galvão que não diga isto ao Papa Julio II...

— Duarte Galvão, disse el-rei, ha de pregoar em Roma coisas bem differentes, para que o Santo Padre auxilie meus propositos nas conquistas do Oriente.

— Sempre esse sonho enganador a desviar-vos o entendimento de questões proximas e asinhas! Vêde o reino, senhor, como vae trabalhado por queixumes de toda a ordem! E' já immenso o mundo por onde tendes de espalhar vossos cuidados. Para que novas aventuras e contingencias?

— Quero aproveitar a obra grandiosa que veiu até mim, do esfôrço e valimento do Mestre de Aviz. Já que a fortuna me sorri e o Céo me é propicio, hei de accrescentar joias á minha corôa e brilho á minha fé.

— Contaes então com Sua Santidade?

— E com Deus. Duarte Galvão falará em Roma na necessidade de congraçar as nações christianisadas para se oppôrem ás invasões mahometanas...

— Comprehendo, disse gravemente Antonio Carneiro, continúa Vossa Alteza a olhar com amor as agulhas e miranetes de Jerusalem .. Tenho medo, senhor, que a temeridade nos roube o que o valor nos deu...

— Sois um tonto, Antonio Carneiro. A tão grandiosa empresa não iriamos sós, como fomos á Africa e á India... Por isso conto com o governo de Roma, que, para salvação dos logares santos, reunirá os principes christãos em tão generoso empenho.

— Não me parece asado o momento, meu senhor, que as côrtes catholicas andam em negocios de maior interesse e não querem pelejas com o soldão do Egypto. Não vos entretem de mais o vosso Castello Real?

— Pela minha fé que o hei de levar a cabo! O seu vulto ha de ensombrar a ilha do Magadoiro e fechar de torres e ameias o estreito de Gibraltar. Se não puder arvorar o pendão das quinas sobre o tumulo de Christo e arrasar para sempre as mesquitas musulmanas, fecharei o mar onde os piratas dos Xeriphes nos teem embaraçado a construcção da fortaleza.

— Abraçaes o mundo n'um só olhar! Quantos pontos da terra vos ficarão occultos! Acabae o vosso castello e deixae Jerusalem, que não podereis ir lá com Diogo d'Azambuja, para erguer novo forte, nem com Garcia de Mello, que, apesar de capitão das galés do mar, não conhece os segredos das terras do crescente.

E depois, com modo humilde:

— Mas, meu senhor, por que, em vez de deixar o espirito n'esses devaneios, não o concentraes nos graves problemas que tão de perto nos ameaçam? E' tão grande o nosso imperio d'além mar, que precisaes pensar n'elle a todos os momentos.

— N'isso me occupo, como sabeis, e pelos melhores capitães d'este seculo tenho espalhado meus cuidados.

— Grandes, sim, elles são e dos maiores, e, comtudo, nem sempre teem logrado a vossa confiança e estima. Quanto mais alargardes as empresas, mais sentireis a mingua de bons capitães.

— E' rica esta nação de gente fera na guerra e sábia no amanho das provincias, acudiu D. Manuel.

— E, comtudo, vossa alteza a vae gastando mais depressa do que poderá desejar a vossa brilhante estrella. Digo-vos, senhor, que deveis firmar as vossas conquistas e os vossos planos, como firmaes as vossas fortalezas...

— Tens razão para queixumes, tu, Antonio Carneiro, que sempre ouviste minhas confidencias e a quem sempre attendo ralhos e conselhos?

— Não falo por mim, senhor, que, acima de meus talentos, me tendes dado estima e valimento; falo por Vasco da Gama, por Duarte Pacheco, por Francisco d'Almeida, por Affonso d'Albuquerque, grandes servidores de Portugal e vossos, e de quem tantas vezes vos tendes injustamente arreceado.

El-rei carregou o sobr'ôlho e puxou com fôrça as melenas, cujas extremidades mordeu...

A referencia molestou-o, sem dúvida. Passado um momento, recli-

nou-se n'um farto cochim, e cruzando as pernas como quem recobra serenidade:

— Deves saber, Antonio Carneiro, que a todos, frades e capitães, escolho e pago para serviço da religião e do throno, mas nem a uns nem a outros mantenho ou quero, quando a sua influencia e valor podem ser um perigo para a integridade do meu poder... A esses que referiste não castiguei, providenciando; não reconduzi, por previdencia. A fôrça e o prestigio deitam raizes onde se demoram... O meu sceptro está affeito a sachar, por causa das raizes improprias, a terra dos meus dominios. Chamas a isto ingratidão?

— Ingratidão, não ouso... um pouco de volubilidade no conceito e no proposito...

— E, apesar d'isso, meu bom escrivão de puridade, dizes e fazes de mim tudo quanto queres!

— Sempre? Quando protegeis os christãos novos, sim.

— E quando não?

— Quando os expatriaes, ouvis mais altos conselhos. Então, acima do escrivão de puridade, estão Fernando e Isabel, de Castella, ou o vosso apaixonado amor por minha fallecida rainha e senhora, a formosa princeza Isabel, que Deus guarde.

D. Manuel levantou-se e passeou agitado.

Parou duas ou tres vezes, como para responder, e de novo volteou no salão.

Antonio Carneiro comprehendeu que se adeantara nos seus ralhos, e que, apesar do trato fidalgo do soberano para com elle, era possivel alguma phrase desabrida.

— Acreditae, senhor, que se recordei esse pacto de Burgos e Medina, não foi para avivar pesares do coração do homem, mas os compromissos acceitos pelo rei, apressou-se a dizer o secretario de estado.

— E' a segunda vez, disse el-rei, que me recordas a independencia com que eu resisti ao cardeal D. Jorge da Costa e confiei a resolução que vinha do meu amor a uma dama e ao meu paiz, á dedicação e á estima de D. Alvaro de Bragança. Cedi aos reis de Castella e persegui mouros e judeus... Não foi d'esse parecer nem o povo nem o conselho que ouvi. Que importa isso? ahi tens agora esse povo, a quem contrariei, fazendo mais que expatriar infieis, matando-os e queimando-os, contra minha vontade e ordenações.

— Deixe vossa alteza ser vário o povo; é assim de sua condição e inexperiencia; aos reis cumpre governar com firmeza e egualdade. Quando houver noticia de que Lisboa se aquietou, deveis, mais que nunca, cuidar

em Lisboa. Em poucos annos duas vezes o povo se revoltou contra a auctoridade dos seus soberanos. Isto não é de bom agouro.

— Queres aconselhar-me a esmagar a capital?

— Não; quero lembrar-vos que a cidade tem razões para estar descontente, e até irritada. De lá fugiu a côrte, e a gente rica se abalou tambem para diversos logares do reino, enfraquecendo o trabalho e o commercio. Affrontando a peste, que alastra nas casas e hospitaes, estão apenas os miseraveis que não podem emigrar. A fome é cruel e incessante; foram roubados os celeiros, e os comestiveis mais necessarios são guardados pela usura nas galés dos ancoradouros. A gente d'armas, que foi a castigal-a e defendel-a, tem privilegios razoaveis nas ucharias da classe média e nas boticas da rua Nova. Junte-se a isto, senhor, os resultados dos motins, e poderá vossa alteza calcular que terriveis desesperos alli estão minando a moral e a religião.

— Pensemos primeiramente na justiça a applicar... disse o principe.

— Duas palavras determinam justiça — salvação só se consegue com muito trabalho, e zêlo e dinheiro. Senhor, quereis pensar, resolver? servir o throno e a fé? Deixae o sonho de Jerusalem e as correrias interminaveis de Marrocos, e applicae vossos talentos e poderes á salvação da cidade.

De novo se abriu a porta do salão, e um pagem apresentou a el-rei um rôlo de pergaminho, sobre uma salva de custosos lavores.

— Lê, Antonio Carneiro, e, se fôr coisa de pouca monta, responde como se eu fôra ouvido.

El-rei ia retirar-se...

— Mais um momento, senhor; é uma missiva em que o corregedor de Lisboa, cedendo a rogos de gente grada e com auctorisação do prior do Crato, me envia e recommenda um moço cavalleiro de nome Ruy Vasques.

— Ruy Vasques? disse D. Manuel; não me é extranho esse homem. Podeis recebel-o. Se trouxer novas de valor, procurae-me nos meus aposentos, que muito me apraz saber como os meus vassallos emendam seus damnos e maleficios.

Pela porta opposta áquella por onde sahiu D. Manuel, entrou Ruy Vasques, com passo largo e rapido, e, depois de ter percorrido com os olhos todo o salão, encaminhou-se para o ministro de D. Manuel e cumprimentou-o com um vivo movimento de cabeça.

Ruy vinha pallido, mas no rosto lia-se-lhe, ora um reflexo de alegria intima, ora uma sombra de profunda angustia.

Antonio Carneiro acolheu-o benevolamente:

— Sois vos Ruy Vasques, que esta missiva me recommenda?

— Sou. E vós o honrado secretario d'el-rei, meu senhor?

— Dizei a que vindes, e, se a canceira do caminho vos embaraça a exposição, descancae n'esse tamborete, emquanto espero.

— Aqui, fatigado ou folgado, pagem ou fidalgo, christão ou judeu... aqui, na vossa presença... sob o tecto da casa d'el-rei, posso falar sempre.

— Falae, então.

— E' uma súpplica...

— Dizei, sem detença.

— Preciso da justiça d'el-rei.

— Pedis pouco...

— Peço tudo: — a vida, o amor e a honra!

— Parece-me que a tudo isso tendes direito.

— Senhor, não me conheceis, e de mim pouco diz a missiva que trouxe. Sou Ruy Vasques, filho d'alguem...

— Esquecestes o nome de vossos paes, ou quereis falar dos brazões que elles usaram?

— Nem uma coisa nem outra; quero simplesmente notar que pouco importa a ascendencia, quando servimos a causa do povo.

— Do povo de Lisboa?

— Sim, do povo de Lisboa.

— Do que se revoltou contra el-rei, matando e roubando, ou do que morreu ultrajado pelos excessos da villanagem?

— A causa das victimas, senhor, é a que me traz aqui a pedir o rigor das leis.

— Bem; podeis começar: a quem accusaes?

— A Pedro Soares, filho de um illustre capitão que morreu em Arzilla, ao lado de D. João de Menezes, e que, respeitando pouco a memoria do pae, em vez de terçar armas na Mauritania, anda no ensino de esgrima por logares onde ha vicios contra os costumes e rebeldias para com el-rei.

— E' grave o caso, murmurou Antonio Carneiro...

E, em seguida, extranhando a accusação:

— Por que não fizestes essas revelações a D. Diogo d'Almeida?

— A gente d'armas procede prompta e energicamente, mas não attenta com cuidado na origem dos aleives e nos fios da traça...

— E tem alliados o rebelde?

— Tem: mouros e judeus.

— E as provas?

— Tenho-as aqui; são provas encontradas em casa do velho Lopo, o refece fugitivo de Castella e de Italia, que, por conta da communa dos judeus, deu causa aos motins de S. Domingos...

— Deixae-as vêr, disse o ministro, lendo rapidamente os pergaminhos que Ruy tirou do peito e lhe entregou.

— Sarcasmos sobre as ordenações d'el-rei e calumnias bafordadas sobre a gente das ordens religiosas... Não sois do meu parecer? perguntou Ruy.

— E' só isto?

— Parece-vos pouco?

— Taes provas são arrazoados de christão, e não heresias de judeu. Pelo que diz da vontade d'el-rei, mostra ter parecer egual ao do melhor conselho dado a Sua Alteza... Hei de examinar a meu talante a suspeita que me trazeis...

— Diz-se christão Pedro Soares, mas ninguem o crê de tal fé. Todos os corredores que se aprestam para o servico d'el-rei em terras de gente moura o viram voltear de preferencia em afans de mouros, e não de fieis. Toda a cidade o acoima de capitão perigoso que lida contra a Egreja...

— Pensarei n'elle, e ao prior do Crato recommendarei devassa especial, se tanto fôr mistér.

E, depois d'uma pausa e de perscrutar a physionomia de Ruy:

— Que zêlo vos move em tão grave delação? o da vida, ou o do amor, ou o da honra?

— O da honra — de subdito d'el-rei e de servidor de Christo...

— Pois contae com o favor real, e a pouco trecho o recebereis. Não trebelha el-rei em casos aleivosos... Mas falastes tambem na vossa vida e, se me não engano, tambem nos vossos amores.

— Assim é; o zêlo pelos negocios do reino ordena que de mim fale em ultimo logar, respondeu Ruy, baixando os olhos.

— Dizei tudo.

— Pedro Soares, aproveitando a peleja entre mouros e christãos, roubou do mosteiro de S. Domingos uma filha de Lopo. Da cobiça do villão salvei eu a outra filha e fui pôl-a em puridade nas immediações da Alcáçova. Amo Deborah, christã, apesar do nome, e d'ella confiei meus lidimos projectos. Pedro Soares, não contente com a posse de Sarah, andou, em guisa de espião, nos arredores do improvisado abrigo. Pela mina que abre nos trigaes da Graça, e que vae ter a uma casa da arrifana proxima, logrou chegar até Deborah, a quem roubou...

Antonio Carneiro, emquanto Ruy ia falando, entreteve-se a revolver diversos pergaminhos dispersos sobre a mesa a que se sentara.

— Diga-me, Ruy Vasques, não foi n'essa arrifana que a gente de D. Alvaro afincou, com inesperada visita, frei Bernardo Aragonez...

— Tal ouvi dizer, mas não dei fé...

— Está bom, está bom. Fizestes bem em vir, porque inteirastes a historia mysteriosa da fuga d'essa donzella... Dizeis, pois, que Pedro Soares foi quem pôz a salvo a filha de Lopo... Faltou este avisamento na missiva de Pero Esteves... Vou devolvel-a para que elle a inteire... Esperae um momento.

Ruy não comprehendia bem o que se estava passando.

Antonio Carneiro vibrou uma forte pancada n'uma lâmina preciosa, burilada nos cantos de bastiães de alto lavor, e logo, á porta do salão, surgiu o pagem do costume.

— Diga a esse homem que acompanhou este *fidalgo* que venha aqui para negocio urgente.

— Perdão, senhor secretario de estado, eu vim sósinho...

— Não me chameis secretario; n'este momento sou apenas escrivão de puridade...

A' porta appareceu um guerreiro, de espada núa firmada no mosaico do salão.

— Podeis embainhar a vossa espada, Pero Esteves.

O guerreiro obedeceu.

Antonio Carneiro continuou:

— Fica sabendo que a tua fugitiva, antes de cahir nas mãos d'este mofino, voou nos braços de Pedro Soares. E' ladino o rapaz, e tanto que, melhor que os teus aguazis, descobriu uma bella entrada que Ruy Vasques tinha destinado para sahida.

E, apontando para Ruy, disse a Pero:

— Acompanha-o, hoje mesmo, até Evora, e entrega-o, da minha parte, ao licenciado Manuel Affonso, do desembargo d'el-rei, e dize a este que, desejando auxilial-o, lhe envio e recommendo um por conta dos cem que a justiça d'el-rei julgou necessarios para desaggravo do seu poder e da honra do reino.

Pero Esteves, voltando-se para a porta por onde entrara, gritou:

— Gente!

Vieram seis homens armados, que se perfilaram á porta do salão. Pero Esteves empurrou Ruy Vasques para junto dos seus homens.

— A caminho... Eu já vou. E' caso de trigança e zêlo.

— Mas isto é uma violencia! exclamou Ruy Vasques.

Ninguem o ouviu. Os guerreiros rodearam-n'o e levaram-n'o para fóra do salão.

Mas isto é uma violencia! exclamou Ruy Vasques

— Pero Esteves, disse Antonio Carneiro, mal ficou com o capitão da guarda, convém vigiar Pedro Soares. E' possivel que arda no peito d'elle um appetite de vingança. E' altivo e orgulhoso e pode dar origem a novas e perigosas pelejas entre aquelles a quem desejo unir e congraçar.

— Lembrei-me, senhor secretario, de o aconselhar a fazer uma jornada á Africa. Ha alli muito em que empregar a coragem e valentia, que assaz o recommendam.

— E ás filhas de Lopo, lembrou o ministro, que destino lhes havemos de dar? Aplacar odios é de boa arte em quem governa. Se ellas, para curarem as desgraças que soffrem, quizessem retirar-se a qualquer mosteiro...

— Não será difficil a empresa. Bastaria, para tanto, affeiçoal-as aos cuidados do padre Ignacio, que não deixaria de as frequentar, e que anda sempre no afan de alliciar novas monjas para o serviço de Deus.

— Tens confiança em frei Ignacio? perguntou o ministro.

— Sim e não. Conheço o interesse que o move, e desde que o do reino se affeiçoe ao d'elle, fio d'elle a minha intenção e o meu trabalho...

— Recommendo-vos cuidado e tino. Roma entende-se com el-rei, mas tem agentes secretos em todo o reino. Ignacio deve ser um d'elles. As boas relações entre os principes christãos não impedem que vigiemos os interesses que temos de acautelar. Dizei ao prior do Crato que muito fale e proceda com relação a christãos novos, mas que não perca o meio de evitar conjuras contra o poder d'el-rei. Em maio deve liquidar-se o trabalho da justiça em Evora. El-rei precisa de voltar a sua attenção para os negocios do Oriente. Affonso de Albuquerque vae mostrar seu brio e seu valor. Vae, pois, Pero Esteves, e volta cedo, que, se a côrte se demorar em Setubal, terei necessidade de ir a Lisboa para prevenir novos conflictos e novas rebeldias.

Pero Esteves cortejou e sahiu.

No recebimento da Alcáçova soou um clarim, e os corceis relincharam sob as adufas do palacio.

Ia a passeio el-rei D. Manuel, pelas margens do Sado, com a gente de sua casa, entre a qual figuravam tangedores de grande merito e menestreis de exquisita recitação.

El-rei montou o seu ginete de prateado selim e xairel andaluz, rojando na terra as franjas do brocado.

Um trôço de pagens, envolvidos em gente d'armas, seguiam D. Manuel...

O povo corria para ver a cavalgada trotando no areal — e, emquanto as ondas cresciam até banharem as patas dos cavallos, os populares ar-

rancavam dos gibões os seus lenços brancos e, agitando-os ao vento que vinha do oceano, gritavam — viva el-rei! — viva el-rei!

Antonio Carneiro, das torres da Alcáçova, avistava o cortejo e murmurava, agitando a cabeça:

— Sauda-te o mar e o povo! Vae, vae reinando, meu senhor, entre esses dois abysmos!

As trombetas soaram com estrepito, e as mulheres levantavam nos braços os filhos para que elles vissem bem o elmo do guerreiro e a chamarra de principe, que iam a dourar-se ao sol poente...

E o ministro, olhando sempre por toda a extensão da praia, repetia, como se estivesse pensando em cousas tristes:

— Os dois abysmos, os dois abysmos!

Voltemos á modesta casinha de Villa Nova, melhor diriamos, dos extremos ou arrabaldes de Villa Nova, vista a distancia a que ella ficava do bairro propriamente d'aquelle nome.

A casa de Pedro Soares devia avistar a communa dos judeus, mas erguer-se no grande e verde almargem para além do qual estava, para o norte, a branca casaria da gente mourisca, e que vinha quasi a misturar-se com as areias do Tejo. Tinha a casa de Pedro Soares a mesma apparencia das mais distantes, apenas enriquecida com frontal da laçarias e açotéas ou terraços, onde se debruçavam plantas e flôres d'um exotismo gracioso.

A mãe do nosso gentil heroe, coroado pelo diadema do amor e da dedicação, occupava n'aquelle recinto o que nos santuarios christãos occupa a imagem de Jesus. A boa velhinha tanto se desfazia em prantos, nos olhos macerados, quanto abria caudal de sorrisos nos labios, que o tempo empobrecera e contrahira. N'aquelle tempo, ora se estava em plena Paixão, cheia de sombras, ora em Paschoa festiva, com palmas verdes e ondas de incenso.

Dias havia em que n'aquella mansão se respirava o aroma sadio do feno do presepio, e n'outros o aroma embriagante e mystico do rosmaninho do Calvario.

A velha Joanna, imagem santa do sacrificio e da resignação, quando não labutava no amanho da casa, cheia de cuidados no bem-estar das suas pupillas, sentava-se n'uma velha poltrona, e, rezando n'um rosario de crystal, guarnecido de reliquias e imagens de Jerusalem, adormecia, ao cahir da noite, tendo no collo, reclinadas docemente, as cabeças de Sarah e Deborah.

Batia-lhe então no rosto, ou a luz das estrellas, ou um raio da lua, que do lado do Tejo lhe vinham pelas adufas mal cerradas, ou então, se

a briza era mais fresca, esvoaçavam-lhe no rosto as claridades e as sombras despedidas da luz trémula da lamparina, suspensa do tecto, em frente da virgem, muito garrida de seda e ouro, entre jarras de perpétuas amarellas e rôxas.

Passada a hora das Trindades, e, quando na cidade apenas se distinguia alguma luz de archote, que acompanhava dama de elevada jerarchia ou de commoda fortuna, desmanchava-se o quadro em casa de Joanna, e começava o serão, a que presidia, ou grande candeia fumarenta e frouxa, ou a lampada solenne, miniatura menos grave, mas mais illuminante que a dos fogos sagrados que as vestaes guardavam no tempo do paganismo. E as tres mulheres, depois de se benzerem, para abençoar o trabalho, beijavam-se carinhosamente para abençoar a alliança dos seus corações. E vinham então a roca e o linho, a dobadoura e a meada, o ouro, o fróco, a missanga e as lantejoulas, retalhos de seda, tiras de velludo; tudo emfim que era necessario para o labor da silenciosa officina.

E quantos dias se passavam, horas inteiras, em que além do ruido da agulha, ou o voltear do fuso, nada mais se escutava... Perdão — quebrava-se a miude este silencio com um ai, com um gemido, um soluço ou um beijo! Havia alli, n'aquellas cabecinhas — duas que ardiam em saudades e phantasias, uma que arrefecia em conformidade e desillusão — mais firmes que a luz da lampada, mais triste que a cidade ás escuras, a recordação das ultimas desgraças...

E cada uma d'aquellas creaturas, tão lembradas, affectava esquecimento, e despedia sorrisos... O amor tem estas sublimes delicadezas!... O coração sorve quasi sempre as nossas proprias lagrimas para que ellas não provoquem, ao mostrarem-se, as lagrimas dos outros.

Aquelle silencio vinha d'essa dedicação.

Todos estavam calados e todos conversavam com vivacidade... lá dentro, na consciencia, onde a voz é muda, a luz sem reflexo, a dôr sem pranto... Por isso, ellas ficavam tantas vezes, paradas as mãos, parado o olhar, quasi parada a respiração, a fitar a chamma da candeia ou a imagem do oratorio! E, ao despertarem d'esse sonho de momentos, reprehendiam a sua abstracção egoista, e logo procuravam o olhar das companheiras, para lhes enviar um sorriso, e para dizerem qualquer expressão consoladora.

Pretexto havia sempre para se dizer alguma coisa; mas era só um, sempre o mesmo, e a todas tres acudia...

— O Pedro demora-se hoje! murmurava Joanna.

— Ouço passos na rua; não ouvem? Será o Pedro? perguntava Sarah.

— Se Pedro nos falta, minha mãe, o que será de nós, dizia Deborah.

Depois voltavam, a agulha e o fuso, ás suas tarefas, e as tres mulheres vergavam a cabeça sobre o collo, ou as desviavam; e faziam bem, que, se a luz as fitasse, havia de illuminar, pelo menos, uma lagrima em cada olhar...

Não faltavam tambem os sustos, os sobresaltos, as allucinações... O medo obrigava-as a conversar ás vezes, com exaggerada vivacidade. Falar alto é a audacia dos medrosos.

O ranger d'uma porta, o arrastar d'uma cadeira, o vento na janella, um grito das sentinellas lá fora, o estalar da madeira, o crepitar da luz — tudo as agitava bruscamente...

E, depois de terem tremido todas tres, todas tres se animavam mutuamente.

— Não tenham medo; não é nada... Quem havia de vir agora?... Felizmente ha já socêgo na cidade...

— Se houvesse perigo, Pedro estaria aqui...

— Lá isso é verdade; é até provavel que elle ande a vigiar o almargem...

— Sim, sim, ainda hontem, já bem tarde, sahiu de casa, e foi, com gente sua, emboscar-se no olival proximo.

— O que elle nos tem recommendado é que não abramos a porta, senão quando ouvirmos a sua voz...

— E se alguem lhe imitasse a voz?

— Não me enganaria, acudiu rapidamente Joanna. E tu, Sarah, conheces-lha bem?

— Eu? Não só a conheço, adivinho-a! Quem pode tel-a tão varonil e tão meiga?! Conheço-lhe os passos, quando elle vem muito ao longe! Enxergo-lhe o vulto no meio das mores sombras...

— E tu, Deborah?

— Eu, senhora, ouço-o sempre, até quando elle não fala! Posso enganar-me, sim, posso enganar-me, que até já muitas vezes tenho sido victima d'esse engano. Accordada, ou a dormir, parece-me que elle me fala, e não é verdade — é sonho...

— Assim não ha perigo, e podemos estar tranquillas, concluiu a velha Joanna; e, com este pretexto, largou o serão, e foi sentar-se na ucha, arrumada a um canto...

Encostou a cabeça á parede, pousou os pés sobre uma almofada do melhor vélo e adormeceu...

As duas irmãs entreolharam-se, e, extendendo os braços sobre a mesa de trabalho, apertaram as mãos como dois namorados poderiam fazel-o para aproveitar a falta de vigilancia.

— Deborah! disse Sarah.

— Sarah! imitou Deborah.

Houve um momento de silencio.

— Ainda não tens uma pequenina esperança de que venhas a ser feliz?

— Não; nunca!

— Nem o meu amor te anima a esperar?

— A esperar, não; a ficar, sim.

— Queres dizer?

— Que vivo porque tu vives.

— E's uma louca, Deborah; tambem eu julgava que morria, quando...

— Cala-te, Sarah, por quem és. Tiras-me a fôrça de viver se me falas nos mortos...

— Perdôa, boa irmã; eu queria dizer que é mistér que amemos os que nos amam...

— Ainda não podes, Sarah, ensinar-me, nem a soffrer nem a amar. E's uma creança e não sabes o que são segredos...

— Tens um segredo?

— Tenho. Um? E' pouco — tenho dois. Um saber-se-ha para minha desgraça, o outro morrerá commigo para tua felicidade...

— E acoimas-me de creança? Estás em êrro, irmã querida. Hontem era uma creança, mas já hoje, mais que tu, mulher, para te defender e para amar...

Olha, nunca te aconteceu ver, no espaço de uma noite, abrir-se, nas trepadeiras da tua adufa, o calix d'uma aurora rôxa, e aos primeiros raios do sol fazer-se azul, muito azul?...

— Sim, tenho visto... Disse Deborah tristemente.

— Pois assim me aconteceu. Fiz-me mulher n'uma noite muito, muito negra, e, ao alvorecer, veiu o sol... beijou-me, e o meu coração, rôxo como as chagas de Christo, tornou-se azul, como o céo em dias de primavera...

— Tens visto, Sarah, nos cactos da tua açotéa, fulgurar, á luz do sol, uma flôr vermelha como o pudor das virgens, de petalas fortes como pontas de lança, e, n'um momento, um sôpro, uma geada, dobral-a na haste, escurecer-lhe a côr, e arremessal-a sob as estevas do almargem? Tens visto, Sarah?

— Sim, tenho visto, disse baixinho a gentil creança, triste e absorta...

— Pois assim me aconteceu, minha irmã...

Nas vidraças da adufa brilhou o clarão d'um archote.

— Que é isto, disse Sarah, levantando-se rapidamente, e indo espreitar pela vidraça.

— E' o teu sol, que chega, minha aurora azul...

— E' o Pedro, que vem em companhia d'alguns amigos...

E logo se ouviu na rua, é melhor dizer, no campo:

— Senhora minha mãe. Sarah, Deborah, sou eu, podeis abrir.

Joanna esfregou os olhos para despertar, Sarah correu á porta, e Deborah ficou de pé, concertando as flôres do oratorio, e, quem sabe? talvez orando á confidente dos seus segredos.

Pedro entrou, e, dirigindo-se a sua mãe:

— Abençoae-me, senhora.

Depois, a Sarah, com um sorriso:

— Boa noite, minha irmã.

E, por fim, beijando o cabello de Deborah, que continuava junto do oratorio:

— Estás melhor, minha boa Deborah?

E logo, sem esperar resposta:

— Ora, muito bem; aqui estou para as ajudar se fôr mistér. Não tenho dedos delicados para fiaduras e frioleiras, mas posso, sem jogar as armas, nem saltar barreiras em ginetes da Arabia, alegrar estas santinhas...

— Porque vieste tão tarde, Pedro? Não te lembras que estamos receando desgraças e aventuras? disse Joanna, beijando o filho.

— Vae passado o vendaval, senhora do meu coração... E, voltando-se para as duas irmãs, a quem beijou na testa:

— E, meninas dos meus olhos... Não vêem como as arvores estão quêdas e as estrellas brilhantes? Não vale agora recordar o naufragio...

E Pedro desapertou o cinto do gibão, e reclinou-se, affectando alegria, na poltrona ampla e fôfa.

— Por onde andastes, cavalleiro, que não trazeis novas de torneios, nem motêtes de trovadores? perguntou Sarah, fazendo requebro de dama da côrte.

— Por essa cidade, por onde a gente do prior anda a premiar os heroes de 19 d'abril, com fidalga hospedagem nas galés do porto. De trovas e villancetes, minha graciosa irmã, já nada resta do que foi enlêvo de principes e fidalgos. Fugiu tudo batido pelos autos de Gil Vicente... Mas vamos saber: em que passaram o serão?

— Fingindo trabalhos que não dão canceira, mas, em verdade, esperando-te — que é tarefa pesada para quem te deseja, disse Joanna.

— Eternas lisonjeiras, não vêdes que se me vae o merito minguado na vaidade que me causaes?... Preciso de vêl-as alegres e louçãs. A fortuna da gente bôa nem sempre ha de ser mofina. Conto com a protecção d'el-rei... para vós todas, e para mim, que, se lograr a vossa felicidade, irei a terras d'Africa buscar honras e proveitos.

— Dizes que seremos felizes, e falas n'outras terras e n'outras empresas?

— Se queres a nossa alegria, não annuncies novos temporaes aos naufragos, que salvaste.

— Para nos dizeres que partias, mal fizeste em vir tão cêdo...

— Basta, basta! Já não parto... Pelo menos emquanto minha senhora e mãe não der licença, Deborah estiver triste, e Sarah não tiver decorado o *Auto do vaqueiro Gil,* em honra do principe D. João.

— Está dito, não partirás, que eu não consinto que deixes os mouros de Lisboa por aquelles que em Arzilla mataram teu pae e meu senhor — disse Joanna com emphase apaixonado.

—Assim, sim; ficarás sempre a nosso lado, porque será mais facil obrigar o principe a renascer, que a mim a saudar de memoria, o seu natal em versos do grande Gil.

Sarah córou ao recitar este galanteio...

— E tu Deborah, não me dizes nada?

— Eu? Se és sincero na promessa, não partirás emquanto eu viva fôr. E's a alegria de nós todas; mas, se a minha alegria houver de me apartar de ti, não trocarei em sorrisos esta tristeza, que me alegra...

— Não vêdes, minha mãe, como saem elegantes os madrigaes em casa de Pedro Soares? Não se fazem mais gentis nos serões d'el-rei, entre duques e princezas. Ainda me fazem trovador estas monjas de régia estirpe. E não era para extranhar que eu me fôsse a cultivar as musas... Se até Antonio Carneiro verseja, quando não está a despacho na Alcáçova!...

— E se fizesses versos, que trovas farias a tua mãe?

E Joanna esperou sorrindo.

— Um psalmo, que eu cantaria de joelhos, tangendo as cordas do meu coração.

— E a mim? perguntou Sarah, curiosa, pondo a mão sobre o hombro de Pedro.

— A ti? Um idyllio trinado pela garganta de Amadis, onde o teu nome, por causa da rima, se mudasse em Oriana:

...Senão que sirvo a Oriana,
a lindeza soberana
a cujo nome estremeço
....
.....*a Oriana, formosa*
Oriana, minh'alma é tua
mais da lua,
que assim te creou donosa:

— Zombas de mim, Pedro? Isso é feio, e não t'o mereço...

E rubra, e quasi lacrimosa, abriu a gelosia e ficou a olhar as aguas do rio, ao longe, illuminadas.

Pedro ergueu-se, e approximando-se de Deborah, como se não tivesse ouvido o queixume de Sarah:

— A ti, minha boa irmã, faria uma elegia, em que os anjos, teus companheiros, te envolvessem n'um limbo de luz, e em que elles revelassem ao Céo...

Pedro baixou a voz, e por forma que só Deborah ouviu — o segredo da tua dôr...

— O meu segredo? murmurou Deborah tremendo.

— Sim, o teu segredo, que já é meu. Coragem...

E depois, em voz alta:

— Pedir-te-hia em verso, quando os anjos te deixassem, Deborah, um pouco de mel da tua infusa...

— E n'isso fica a tua refeição? objectou Joanna.

— E' bastante. Comi, ao cahir da noite, fructos deliciosos, em casa do corregedor...

— Que tambem lá os tem bem amargos; déste fé, Pedro?

— Sim — são os fructos da justiça... Queres ouvir, Sarah? Deixa as estrellas e vem reconciliar-te commigo...

Deborah trouxe o mel que Pedro acceitou, enviando á desgraçada menina um sorriso consolador.

— Sarah, á nossa amizade! Prova este nectar antes que lhe toquem os meus labios...

Sarah ergueu a infusa, com um sorriso de affecto e reconhecimento.

— Agora eu, disse Pedro.

E depois de beber:

— Com a tua bôcca fizeste mais doce o mel, minha abelha deliciosa.

— Pedro, por que me tratas como a uma creança sem tino?

— Ingrata! não vês que só os cortezãos teem a mentira no galanteio? Adoro-te a vivacidade e a innocencia, e não quero escurecer a tua alvorada... Estou perdoado?

— Estás — ahi tens o perdão...

E deu-lhe um beijo na testa.

— Ia eu dizendo — que ha fructos amargos em casa do corregedor. Fructos de justiça real. Por exemplo, uma sentença de morte para o célebre tunante sagrado que prendeu Deborah no carcere d'onde eu a salvei...

Deborah segurou-se a uma cadeira para não cahir...

— Esse homem está ainda em Lisboa? perguntou Joanna.

— Não, minha mãe, está na torre de Alconchel, em Evora-cidade, onde, movido pelo arrependimento, se prepara para morrer christãmente...

Deborah devorava Pedro com o olhar...

Pedro continuou:

— O miseravel confessou todos os seus crimes...

E voltando-se para Deborah, repetiu:

— Todos os seus crimes!

A martyr parecia de marfim!

— Que Deus se amercie da sua alma! rezou Joanna.

— E são muitos os maleficios e os damnos que elle causou? perguntou Sarah, que ajoelhara aos pés de Pedro para melhor ouvir a narração.

— Muitos! nem tu, pobre creança, podes avaliar quantos foram...

— Matou muita gente?

— Muita!

— Roubou muito dinheiro, muitas riquezas?

— Grandes riquezas!

— Roubou não só o que se pode readquirir com o trabalho, mas tambem o que nunca mais se pode haver? Não é assim?

Deborah aventurou-se a dizer:

— Pedro!...

E Sarah insistiu:

— Roubou tanto, que elle não pode restituir, e não se pode ganhar novamente?

— Só a vida se perde para sempre, disse Pedro.

— E a honra, Pedro?

E Deborah, ao dizer isto, tinha nos labios a tremura da febre.

— Tambem a honra...

Deborah, ouvindo esta sentença consoladora, soltou um suspiro e cerrou levemente os olhos, como para gosar mais intimamente a influencia d'aquellas palavras.

Depois reflectiu que, se o Aragonez confessara o crime, havia já muita gente que conhecia a sua desgraçada sorte. Como se poderia rehaver a estima e o respeito, desde que ella não fôsse como as outras mulheres? E, se a velha Joanna descobrisse aquelle segredo? E sua irmã? Ella bem sabia que não fôra a culpada. Assim como a deshonraram, poderiam tel-a assassinado... Que culpa teem os mortos da maldade dos assassinos? A Egreja só condemnava os suicidios, e ella bem sabia que a sua castidade fôra assassinada; não se suicidara.

Logo que a sua desgraça se tornasse pública, só lhe restava morrer.

As victimas de taes crimes são victimas excepcionaes — soffrem como victimas, e expiam como cumplices.

Como se pode rehaver a honra que um bandido rouba a uma mulher, quando esse bandido é padre, quando elle é um condemnado a uma pena infamante?

E comtudo Pedro dissera: «Tambem a honra!...»

Deborah, em cujo cerebro passaram rapidamente estas idéas, precisava de saber tudo.

Se a revelação foi feita a um confessor, Pedro não podia conhecer o seu segredo; se foi feita aos magistrados da justiça, seria em breve conhecido de todo o mundo.

Resolveu-se, portanto a perguntar:

— E esse homem confessou-se a Deus por intermedio dos seus ministros, ou só á justiça dos homens?

— Só a Deus, disse rapidamente Pedro.

— Então não conheces tu os crimes todos que elle praticou.

— Conheço...

— E quem te revelou um segredo de confessionario?

Pedro levantou-se, foi até junto de Deborah, como para se despedir, e disse-lhe quasi ao ouvido:

— A tua dôr e a tua pallidez! Não me enganara... Quando te salvei já estavas perdida...

— Deu meia noite na torre de S. Vicente. Vamos, filhas, ámanhã falaremos n'estas coisas tão tristes.

Pouco depois havia silencio em toda a casa de Pedro Soares; uma só luz alli brilhava — a lampada da Virgem; uma só pessoa dormia n'aquella noite — a velha Joanna.

Sarah e Deborah pensavam em Pedro — Sarah a vel-o e a sorrir-lhe, Deborah a desviar d'elle o olhar, e a chorar.

Pedro não dormia tambem; reclinara-se vestido no leito, e pensava no Aragonez.

— Se a justiça d'el-rei não o matar, matal-o-hei eu, e, logo que elle desappareça, mandarei Deborah para as monjas de Lorvão. Sarah ficará com minha mãe, e eu partirei para Africa em busca d'uma lança mourisca ou d'uma setta de selvagem. Este encanto, que parece accordar um paraiso, pode converter-se n'um inferno...

E Pedro, cançado de pensar, adormeceu já de madrugada, tendo-se esquecido de sonhar com sua mãe, como era seu velho costume; sonhando a sorrir com Sarah, a quem recitou *Amadis*, e despertando aos pés de

Deborah, tendo debaixo dos joelhos o corpo ensanguentado e frio do Aragonez.

Era a furia contra o crime?

Era a revolta do ciume?

Era o amor a esvoaçar...

Pedro, dormitando, ou desperto, sonhava toda a noite, e esse sonho continuado, fazia-o velar o sonho de suas pupillas. A tragedia de Lisboa trouxera-lhe ao espirito um alvorôço constante; aguardava sempre o imprevisto! O seu estado era o estado de guerra. Tinha medo de fechar os olhos; e, para não prejudicar o ouvido, raras vezes reclinava a cabeça — firmava o cotovello sobre o leito e descançava a fronte sobre a mão.

Era, em sua casa, um guerreiro acampado, prevenido para o alarme, armas ao lado, ao alcance do seu braço!

Se o cançaço o prostrava, escolhia a posição mais incómmoda, que o accordaria a miude, como se uma dôr provocada fôsse um grito de sentinella. Era desnecessaria a precaução, porque o coração de Pedro, por vezes, parava durante a noite, como para observar se algum perigo se avizinhava! Dentro d'elle havia um guerreiro de lança em riste, a perguntar ao silencio — *quem vem lá?*

A sua mão direita dormia sempre agarrada com fôrça ao cabo do seu punhal...

N'aquelle crepusculo do espirito em que ainda se ouve a realidade e já se vôa no ideal, quando as imagens dos dois mundos se confundem e se transformam, como em quadros dissolventes, as suas mulheres, como elle dizia, passavam da tranquillidade do lar para os horrores da sedição. Todas as noites Pedro representava no seu espirito as scenas de S. Domingos, a morte de Lopo, o rapto de Sarah, o assalto d'aquella casa, a defesa de sua mãe, a busca e a salvação de Deborah!

Sua mãe até rezava dormindo, Sarah falava sonhando, Deborah chorava desperta! Todas estas vozes nas alcôvas afastadas chegavam nitidamente aos ouvidos d'elle! A's vezes, havia silencio absoluto, mas elle ouvia vozes, n'esse silencio.

Eram os échos que se tinham demorado no seu espirito, assustado e apprehensivo...

Por isso, elle se levantava, e com passo subtil percorria o seu albergue, escutava ás portas, examinava a rua, e voltava de novo, mais tranquillo, a cerrar os olhos e a recomeçar os sonhos!

Em algumas noites levava mais longe as suas precauções — accendia um archote e subia ao terraço, e lá de cima, agitando a chamma no ar, o

que fazia uma chuva de faúlhas sobre a verdura do almargem, olhava ao largo, franzindo as palpebras, para enxergar melhor se os vultos distantes eram homens ou eram arvores.

A inquietação que o dominava quando ouvia ruidos não era inferior á que tinha quando nada ouvia. O ruido lembrava-lhe um assalto, mas o silencio lembrava-lhe a morte. N'este caso, não se limitava a escutar; despertava tambem os que dormiam.

Collava o ouvido ás portas, e, se não ouvia a respiração de *suas irmãs,* chamava baixinho, meigamente, com a solicitude de mãe:

— Sarah, Sarah, estás dormindo! sentes-te bem?

— Quem está ahi? perguntava Sarah, assustada.

— Não tenhas medo, sou eu. Tu não chamaste?

— Eu não! Só se foi a sonhar... Olha, é possivel, porque estava a sonhar comtigo.

— Bem, então dorme, e sonha com tua irmã...

— E tu não te deitaste, Pedro?

— Eu estou farto de dormir? É quasi manhã. Adeus.

A' porta de Deborah tambem Pedro parava algumas vezes, mas não chamava.

Mal elle encostava o ouvido, e ou porque visse a luz da lampada pelos resquicios da porta, ou porque lhe sentisse os passos, ou lhe ouvisse a respiração, Deborah era quem interrogava:

— E's tu, Pedro?

— Sou, Deborah. Perdôa-me se te desperto... Queria dizer-te que podias dormir tranquilla, porque está tudo em paz...

— Obrigada, Pedro; que Deus te pague o teu cuidado e o teu carinho... Vou dormir mais desejosa de accordar...

— Por que?

— Porque tenho pressa de te ver, meu bom amigo.

Ao passar pela alcôva de sua mãe, Pedro, como a porta estava apenas cerrada, ia, pouco a pouco, abrindo-a, e entrava, e seguia, pé ante pé, até o leito, tendo o cuidado de esconder a lampada atraz do corpo, ou cobril-a com a mão, fechada em concha.

Joanna dormia como um justo, tendo a mão espalmada debaixo da face. Pedro, então, inclinava a cabeça, lentamente, sobre o leito, desviando o corpo para não abalar sua mãe, e depunha-lhe um beijo na face branca e sêcca...

Entretanto, de todos os lados, a luz do dia, atacava, fresca e meiga, as adufas da casa, e espirrava, comprimida, através das frinchas, raios que illuminavam, em faixas, o tecto e o chão.

—E' dia, dizia Pedro; vem render-me o sol, meu companheiro na guarda constante do meu ninho.

E, então, despia a roupa mais pesada, deitava a cabeça no travesseiro, e, de costas, com os braços abertos, como se estivesse n'uma cruz, adormecia, tendo por cima da cabeceira, no fundo branco da parede, outra cruz, e outro homem, como se um fôsse a sombra do outro!...

N'aquella noite, porém, em que Pedro, por bem armado estratagema, descobrira um dos segredos de Deborah, o mais triste, o mais terrivel, como das outras vezes, andou vigiando a casa, em sonhos ou em delirio, porque na verdade o pulso lhe batia frequente e desordenado, mas, quando o sol entrou em casa não se deixou render.

Estava a pé depois da sua ronda habitual, e de pé ficou, passeando no seu quarto, como se pensasse na solução do mais difficil problema da sua vida!

E era o mais difficil!

De que lhe serviam n'aquelle caso a sua audacia, a sua coragem, o vigor do braço, a pericia do seu jôgo?

Para salvar Sarah bastára-lhe derrubar uma duzia de bandidos e fugir depois com ella, erguendo-a n'um braço e defendendo-a com o outro.

Para salvar sua mãe teria morrido no seu posto, se o acaso lhe não tivesse poupado o sacrificio.

Buscara Deborah com a tenacidade e o faro com que um perdigueiro busca uma perdiz, e encontrara-a e trouxera-a para alli, desmaiada, suspensa nos seus braços de ferro, ás escuras, pelo caminho angustioso de uma mina!

Fôra outra solução.

Mas, agora, a lucta não era a braço, nem a lança, nem a punhal — era a lucta do coração. Agora Deborah não era perseguida por um bandido; era a victima de uma sociedade.

O algoz estava condemnado, e em breve havia de ser reduzido a cinzas, mas ficavam os outros dois algozes, para quem não ha sentenças que os anniquilem: — a sociedade, que mata com os seus preconceitos; a consciencia, que mata com os seus escrupulos!...

Se a pobre menina tivesse sido assassinada, estava tudo acabado: ficava uma saudade; mas foi vilipendiada, e ficava com ella uma vergonha!

Podiam ter apunhalado o coração da victima, mas preferiram polluil-o.

Nova, formosa, casta, tinha a alma cheia de virtudes e pureza, mas fazia lembrar a ave mais innocente, a quem o caçador tivesse poupado a vida e quebrado as azas.

E se ella amasse alguem?

Mentiria, negando, porque não era capaz de um aleive...

E se ella fôsse amada por alguem? O amor fugiria ante a revelação d'esse segredo?

Estupido mundo! estupida moral!

Verdade, verdade; o segredo estava abysmado no coração de Sarah. O Aragonez esconderia o seu crime nas cinzas do seu corpo... Quem mais sabia de taes horrores?

— Eu, e só eu! concluiu Pedro.

— Mas, então, se Deborah me amasse, seria de mim que estariam dependentes a sua salvação e a sua felicidade!...

Pedro, ao fazer taes cogitações, respirou com fôrça, como se quizesse disfarçar um gemido, e, limpando o suor da fronte, sahiu da sua alcôva.

Em casa continuava o silencio mais profundo; apenas se levantara Zaira, a serva, que aproveitava aquella hora para ir descalça buscar agua á fonte proxima.

E subindo para o terraço, onde o sol fulgurava ha muito, Pedro ia pensando:

— Vae morrer, minha Deborah, aquelle que te roubou o corpo, e eu quero viver para te ganhar o coração...

— Pedro, Pedro, gritaram-lhe então; vaes colher flores? E para quem? Para Deborah, ou para mim?

Era a voz de Sarah.

— Hoje são... para minha mãe... respondeu Pedro machinalmente, como se a apparição de Sarah lhe trouxesse nova perturbação ao seu espirito hesitante.

Chegando ao terraço, Pedro sentou-se n'um pequeno banco de alvenaria, aberto na grossura da muralha, entre duas plantas de vigorosa folhagem. A cidade extendia-se-lhe deante dos olhos, descendo até o Tejo, e subindo até o majestoso templo da Trindade, do outro lado do valle do Rocio.

Estava fresca a manhã, apesar do sol não ter nem uma nuvem a ensombral-o. Do norte cahia aragem branda.

Pedro sentia-se profundamente triste, e no seu espirito havia um turbilhão de sentimentos, que elle proprio não sabia definir nem destrinçar.

Tinha vontade de fugir, e depois de estar muito longe, voltar então. Precisava de conhecer o mal de que enfermava. Tinha feito vinte annos, e sentia sobre os hombros a responsabilidade dos homens experimentados nas luctas da vida. Vivera muito em pouco tempo, e tanto se cançara a

estudar as pessoas com quem vivia, que lhe minguavam as fôrças para profundar o proprio coração.

Por momentos se julgava feliz, sem mesmo saber por que; e, logo uma nuvem de tristeza o envolvia, como se tivesse os mais negros presentimentos.

Era novo, sim; mas era um homem — braço e cerebro lhe bastavam para as luctas da vida, contra os crimes do homem, e contra as brutalidades do acaso, que parecem distracções da Providencia. Consolava-o o bem que fizera, e pensava, com orgulho, que, onde havia tanto inutil e tanta creatura parasitaria, elle se distinguia por ser amparo de tres mulheres — tres deliciosas creaturas, que o amavam e que lhe agradeciam!

O que seriam, porém, aquella preoccupação, aquelle orgulho, aquella vaidade, que o moviam a julgar-se feliz, no meio da desgraça alheia?

Que affecto era esse que a innocente Sarah lhe estava dedicando com tanto mimo?

E Deborah, seria apenas grata?

Pedro tinha uma alma piedosa, e Deborah era a mais infeliz das tres creaturinhas que o rodeavam. Teria elle mais compaixão por Deborah, e mais amor por Sarah?

Sarah seria d'estas organisações infantis, que se affeiçôam a qualquer homem, como algumas plantas que acceitam toda a terra, e podem ser transplantadas sem perigo de se atrophiarem ou morrerem?

Deborah parecia-lhe mais delicada e susceptivel... Ha plantas tão sensiveis, que até a mão do jardineiro, ao tocar-lhes, lhes contrae as folhas...

Com o amor é perigoso devanear...

N'aquella casa brilhava elle, como o sol no pequeno jardim da elevada açotéa. E alli havia flôres que abriam o calix aos beijos do sol, e outras que era necessario resguardar sob vidros fumados... O amor é como a côr, que resulta sempre da luz, mas que varia conforme os corpos em que ella se reflecte. As leis da physica moderna revelavam-se intuitivamente na sciencia de Pedro.

Não era ainda a sciencia da luz, mas era já o conhecimento do coração humano.

O olhar caricioso de Pedro, cahindo no olhar de Sarah, dava-lhe fulgurações variadas, como o arco que se formava no céo em dias de chuva e de sol; quando olhava Deborah, os olhos d'ella tinham um unico tom, vivo, fixo, quente. Parecia-lhe que, se agitasse Sarah, ella reflectiria mil cambiantes, e que, se o mesmo fizesse a Deborah, ella teria sempre a mesma luz, isto é, a mesma côr.

O amor em Sarah alegrava-lhe o coração, como se tal affecto lhe ro-

çasse apenas, doce e fagueiramente, á superficie dos labios. O amor em Deborah descia-lhe profundamente aos mais reconditos mysterios da sua alma, e alli se enraizava...

O amor em Sarah era uma chamma; em Deborah uma braza. Depois Sarah era uma eterna alma de creança; Deborah uma creança eternamente mulher.

Uma tinha o orgulho da sua mocidade, a outra o da sua infelicidade. Isso fazia com que aquella offerecesse sem rebuço o seu affecto, esta o guardasse secretamente.

Amavam-no ambas? talvez.

Se o perguntasse a Sarah, vel-a-hia saltar-lhe ao pescoço.

A pobre creança confundia ainda o amor com a amizade, como as creanças mais pequenas confundem a bondade com a belleza.

Se fizesse essa pergunta a Deborah?

Pedro estremeceu ao formular a hypothese.

Deborah responderia negativamente.

E por que?

Por que o amava demais para se lhe offerecer tão infeliz, ou por que, effectivamente, a gratidão, que é um dever, não se pode confundir com o amor, que é uma devoção?

Para haver orgulho, nada ha como ser muito feliz, ou muito desgraçado!

Deborah conhecera os homens ao entrar na edade do amor, como as creanças conhecem a luz ao entrar na vida — chorando.

Que lhe ficaria d'essa surpresa?

E Pedro ficou-se a pensar, emquanto olhava os barcos que iam Tejo abaixo, abrindo as azas á nortada da manhã.

Veiu arrancal-o a este devaneio matutino a voz fresca e alegre de Sarah.

— Bom dia, Pedro. Já colheste as flôres para tua mãe?

— Ainda não, Sarah...

— Pois aqui as tens. Fui mesmo arrancal-as á roseira que plantei na gelosia do meu quarto. São rosas de musgo; pequenas e vestidas de canotilho verde e ló esbranquiçado. Gostas?

— São tuas, e basta...

— Sabes, Pedro — de tua mãe não tenho ciumes...

— De quem tens tu ciumes?

— Não te zangas? De Deborah. Isto não quer dizer que não goste muito d'ella, e que não te agradeça as flôres que lhe dás... mas preferia que sempre te lembrasses de nós ambas ao mesmo tempo.

Amar é dôce como o mel, alegre como o sol, risonho como os labios dos anjos...

— Tontinha! Pois não comprehendes que tua irmã me estima muito menos que tu?

— Isso não; Deborah é muito tua amiga... Eu bem o sei!... Não por que ella m'o diga, mas porque eu bem adivinho no olhar com que te espreita, e na alegria com que te acolhe...

— Alegria? Pois não é certo que Deborah está sempre triste, quer eu chegue, quer eu me ausente.

— A alegria não se descobre em sorrisos... nem só em sorrisos, nem só em lagrimas... Quantas vezes eu sorrio, e brinco, tendo o coração tão oppresso... Acredita, Pedro; nas lagrimas d'uma mulher ha muitas vezes intimo prazer...

— Estás muito adeantada em questões de coração, Sarah... D'onde te veiu tão sabia experiencia.

— Do meu e do coração de Deborah...

— Então aquella tristeza não é apenas saudade de teu pae?

— Talvez, disse Sarah, parando o olhar, talvez... mas tambem eu tenho saudades, e muitas... Tantas! que quando me lembro d'elle parece-me que vou morrer... afflicta... sem poder respirar... mas depois o amor que nos rodeia, os carinhos da nossa casa, a tua bondade, Pedro, como se eu tomasse o mais benefico elixir, me dão saude e ánimo, esperanças e alegria...

— Entendes, pois, que a tristeza de tua irmã nasce d'outra causa...

— Ella já m'o disse — de dois segredos... e eu adivinhei um...

— Meu Deus, pensou Pedro. Que adivinhaste, Sarah?

— Adivinhei que minha irmã ama alguem...

— Mas tu entendes que o amor faz tristeza?

— Oh! não, pelo contrário; amar é doce como o mel, alegre como o sol, risonho como os labios dos anjos...

— Como explicas?...

— E' que Deborah... Eu não sei se digo uma creancice... é que Deborah, ou ama alguem que morreu, ou alguem que não existe, ou alguem que lhe foge...

Pedro segurou as mãos de Sarah, e supplicante:

— Dize, Sarah: a quem chora ella, a quem deseja, com quem sonha?.. Dize-me, sim, dize, minha Sarah...

— Santo Deus! que anciedade interesseira! Dir-se-hia que queres ressuscitar os mortos, realisar sonhos, ou vencer rebeldes!

— Comprehendes bem, Sarah, que se trata da felicidade de tua irmã, e o nosso dever é protegel-a, adivinhal-a...

— Pois bem; promettes guardar segredo?

— Prometto.

— Deborah ama...

— A quem?

— A Deus!

— Foi ella que te disse?

— Não; adivinhei que ella desejava recolher-se a um mosteiro, para rezar por nós todos... até morrer...

— Até morrer! disse Pedro sombriamente.

— Uma creancice, pois não é? Pensar em deixar-nos, a nós, que lhe queremos tanto! Chega a ser ingrata, ella, que é tão meiga e boa!...

Sarah, ao dizer isto, tinha lagrimas na voz.

— Porque tu tambem lhe queres muito, não é assim?

— Muito! Sarah, muito...

— Tão nova, tão bonita! Não era melhor ficar no mundo? Amar não offende a Deus... não é verdade, Pedro?

— Amar é o principal mandamento do Céo!... Ser mãe foi até a mais bella missão da Virgem! Deus não adornou a mulher com tantas galas de formosura e tantos thesouros de caricias para que ella tudo occulte e perca nas sombras d'um claustro... Dize-lhe, Sarah, dize-lhe que repilla taes idéas que me entristecem, que entristecem a todos nós, que a amamos com tantos zelos e dedicações.

— Serei eu capaz de a convencer? pensou Sarah. Como poderei fazer tão peregrino milagre? Se tu lhe falasses?

— Falar-lhe? Eu? em que?

— Na tristeza da clausura, e no amor...

Sarah, ao dizer isto, arrependeu-se, e córou:

— Não, Pedro, dize tudo isso a mim, e eu lhe repetirei as tuas palavras..

— E tu comprehender-me-hias?

— Experimenta...

— Pois bem, dize a Deborah...

— Que ella offende a Deus, por não querer amar os homens... interrompeu Sarah.

— Sim, tens razão — dize-lhe isso, e ainda...

— Que não amar os homens é desobedecer á lei de Deus.

— Sim, tambem...

— Que ella pode um dia, continuou Sarah, conhecer um rapaz, cheio de mocidade e de talento, talento de bem querer, generoso e altivo, de caracter tão nobre e tão distincto, de porte tão garboso quanto fidalgo, meigo como uma creança, ousado como um cavalleiro — um denodado pa-

ladino dos fracos e dos bons — uma grande alma de trovador, um forte braço de athleta, cujo olhar supplica e manda, cujos labios sabem insultar os máus e beijar os bons? Um espirito cheio de crença e fé, um entendimento cheio de razão e experiencia, que a fitasse como a uma estrella, que a colhesse como a uma flor, que a adorasse como a uma imagem santa, que a embalasse como a uma creança, no collo!

Sim, eu dir-lhe-hei que pode surgir ámanhã, na vida de Deborah, quando o lucto fôr a desbotar-se, um homem da tua estatura e do teu valor, meu irmão...

— Sarah, por quem és, não prosigas... A tua exaltação perturba-me...

— Pois, como poderia eu convencel-a senão assim? Onde buscar modêlo mais correcto, exemplo mais frisante? Quem ha ahi, n'esse pequeno mundo, que eu já conheço, onde só ha gente má, intolerante, grosseira, cheia de vaidade, atrevida e cobarde, viciosa e torpe, gente de armas que só pensa na guerra, gente de paz — ridiculos menestreis, gente de fé, beata e rude, fidalgos aventureiros, villões boçaes e servis — que possam comparar-se comtigo, meu Pedro! Para se arrancar do coração d'uma mulher toda a crença religiosa que a attrae aos pés de um altar, para se fazer companheira, serva, escrava de Jesus, só encontrando no mundo um homem a quem se ame, como se ama a Deus!

Pedro pegara nas mãos de Sarah e beijava-as commovido.

Sarah tinha no olhar um fulgor extranho.

Havia nas suas palavras aquella mystica eloquencia dos primeiros christãos á hora do martyrio...

Perdera, por momentos, aquella graciosa vivacidade de creança, e apresentava-se, aos olhos de Pedro, como a mais formosa heroina das grandes batalhas do amor!

Aquelle sorriso ligeiro e petulante, que poderia revelar, na sua transparencia, a ignorancia do mundo e a calmaria dos affectos, contrastava, via-se agora, com o grande vendaval de paixões que se lhe desencadeara no peito.

Sarah, ao contrario do que succede no mar, que ruge á superficie e dorme tranquillo nas profundidades do seu seio, tinha no rosto a serenidade d'um lago, e no coração a procella d'um oceano.

— E's um anjo, Sarah!

— Não; sou apenas uma mulher — e as mulheres são as sybillas que descobrem melhor os segredos dos tristes.

— E se Deborah não encontrar esse homem?

— Encontrou-o, sim, como eu o descreverei: mas, por um mysterio

que hei de conhecer, reserva para Deus o amor que tem a esse homem.

— Acabemos com isto, Sarah, e desçamos para tomar a nossa taça de leite, fresco como a tua mocidade, branco como a tua alma... disse Pedro, levantando-se.

— Não, Pedro. Peço-te um momento só. Não dormi toda a noite, e, se pouco dormi, muito sonhei. Purificou-se-me o espirito n'esses sonhos. Resolvi aproveitar estas horas da manhã para vir dizer-te, a ti! Pedro, eu! Pedro, que é preciso salvar, pela segunda vez, a nossa querida irmã. Conheço a tua bella alma, meu irmão, e sei de quanto és capaz... Embora faças um sacrificio, tu, que já a salvaste do inferno, salva-a agora do Céo. Deborah pertence-nos, e ella vae fugir-nos para o Céo, pelo portal sombrio d'um mosteiro. Pedro, pelo affecto que me tens, pela vida de tua mãe, pela alma de meu pae, por tudo que mais respeitas e queres, pelo teu futuro, pela tua gloria, de joelhos te peço: ama Deborah!

E Sarah ajoelhava deante de Pedro.

— E pedes-me que a ame?... Tu, Sarah?!

— Eu, sim; e Deus, que lê no meu coração, está vendo, n'este momento, quanto me orgulho d'esta empresa!...

— Mas... ia Pedro a dizer; Sarah, porém, tapou-lhe a bôcca com a sua mão pequenina.

— Deborah ama-te e chora, e adoece, e foge, e morre d'esse amôr! Ouço-a, ás vezes, de noite, a pronunciar o teu nome, surprehendo-a todas as manhãs, de joelhos, como eu agora estou, deante do oratorio de tua mãe, a rezar por ti... Se me affagas ella afflige-se, se lhe falas ella cora e perturba-se! Se te demoras, o seu olhar anda inquieto, — beija a occultas as flôres que lhe dás, e, quando ellas seccam, guarda-as religiosamente no seio... Pedro, disse Sarah, levantando-se, com modo resoluto, se me amas, e fitou-o com olhar severo e humido, ama Deborah, e pede-lhe que seja tua mulher...

Pedro ficou silencioso. Não estava preparado para taes surpresas e commoções. Saltara-lhe de alegria o coração ao saber que Deborah o amava, mas a admiração por aquella nobre creaturinha, que lhe falava d'aquelle modo, dominava-o a ponto de ficar sem alegria, sem tristeza e sem resposta.

Passados curtos momentos, que Pedro aproveitou acariciando a cabeça de Sarah, disse-lhe elle, aconchegando-a a si:

— Minha querida Sarah, a vida é mais triste ainda do que a vês e julgas.

Deborah não acceitaria o meu amor — não quereria ser minha mu-

lher. O seu caracter é nobre como o teu, e na vida de Deborah ha um mysterio, que tu nunca conhecerás e que a impede de abrir o coração a qualquer affecto com que tu sonharas...

— Não me digas isso, Pedro, que me affliges. Pois é possivel que haja alguma mulher que não acceitasse, alegre, radiante, a confissão do teu amôr?

— Todas as mulheres se julgariam felizes? perguntou Pedro, collocando Sarah bem de frente.

— Todas: menos eu, emendou, baixando os olhos... Quero-te para meu companheiro n'esta gloriosa tarefa de salvar uma infeliz. Depois, quando forem muito felizes, eu sel-o-hei tambem.

— Bem, minha adorada irmã; cuidarás commigo na sorte de Deborah. Vigial-a-has, de dia e de noite, e de tudo que vires e ouvires só a mim darás parte. Precisava de alguem que acceitasse essa tarefa, e julgava-te moça de mais para tão melindroso mestér. Nem eu queria inquietar a placidez da tua alma. Agora o caso é outro; estás uma mulherzinha com todos os encantos e virtudes...

Deborah surgiu no terraço, trazendo n'uma salva de prata duas taças de leite.

— Na ausencia de Zaira, que ainda não voltou da fonte, venho trazer a meus amos, que tanto madrugaram...

— Sarah, disse Pedro, depois de beijar Deborah, aqui tens o leite que te offereci ha pouco, fresco como o teu rosto e branco como a tua alma...

— Adivinhei-lhes, pois, os pensamentos, disse Deborah.

— Não, minha irmã, os nossos pensamentos foram para ti... Pedro só de ti me falou, e eu só de ti falei...

E as duas irmãs abraçaram-se.

Deborah tinha um sorriso nos labios...

D'esta vez Sarah é que tinha lagrimas nos olhos.

E despejaram as taças.

— Falaram de mim? Quanto lhes agradeço, meus amigos!

— Fizemos um pacto, eu e Sarah, para, em pouco tempo, alegrar o teu rosto, e dar-te confôrto e esperanças...

— E' uma conspiração generosa, mas inutil. Eu hei de ser alegre, porque a felicidade começa a sorrir-me no vosso carinhoso affecto. Para ser feliz, falta-me apenas um pouco de esquecimento e muito de resignação. Aqui, onde deve haver muita luz, eu sou apenas uma sombra.

Meus amigos, preciso de os deixar...

— E's ingrata, Deborah...

— Enganas-te — é a gratidão que me afasta. A gratidão e o amor...

— Sarah, disse Pedro, serenamente, não pode avaliar com rigor o alcance das tuas palavras. Eu, sim. Terei, pois, de te dar alguns conselhos, que me parecem conformes ás difficuldades da tua situação. Promette-me, pois, minha irmã, que nada resolverás nem farás, emquanto eu não voltar d'uma pequena jornada a Evora — Parto ámanhã.

— Prometto, disse Deborah.

— Antes, porém, da minha partida, preciso de te dizer duas palavras, a sós.

— Já? perguntou Deborah, sem olhar para elle.

— Quando voltares da egreja. O teu espirito virá mais conformado e generoso para escutar os meus conselhos.

Na torre proxima o sino chamava os fieis...

Sarah cingiu pela cintura a irmã...

E partiram...

Pedro debruçou-se do terraço para as vêr passar em direcção ao templo, e assim as seguiu com a vista até que ellas subiram a escadaria do adro.

— Meu filho, disse Joanna batendo-lhe no hombro, quando estão duas estrellas muito juntas é tão difficil saber qual d'ellas se está fixando!...

— Mas ha a certeza, minha mãe, de que se olha para o céo...

*

Pedro sahiu tambem a fazer os seus preparativos de viagem. Precisava de ir a Evora. No espirito traçara um plano de que poderia resultar a sua e a felicidade de Deborah.

De casa do regedor da justiça, onde pouco se demorou, foi em busca do prior do Crato, com quem esteve largo tempo. Depois deu uma volta á cidade baixa, afim de se informar dos ultimos acontecimentos. Desde que os delegados d'el-rei tinham começado o seu afan justiceiro, nunca mais dera, em sua casa, noticia do que o patibulo fizera para vingar os christãos-novos. Muitas dezenas de fanaticos e bandidos tinham pago com a vida, depois das mais horriveis mutilações, a sua obra de sangue e de pilhagem.

Nos cadafalsos estavam expostos corpos a que tinham os verdugos legaes amputado as mãos e as orelhas... muitos dos réos, por suas attenuantes, apenas tinham soffrido o garrote — o fogo, que a outros consumira, não deixara contar o numero dos justiçados!

Quasi todos os homens válidos das ultimas classes tinham sido chamados ás armas, e guarneciam Lisboa, que entrara n'uma relativa serenidade.

As grandes catastrophes populares são como os grandes temporaes — quasi sempre se mudam bruscamente em bonança. As grandes desgraças e as grandes dôres, creadas nas praças públicas, n'um momento se recolhem e emmudecem. O que fica de tudo isso, e que só lentamente se extingue, não o mostra a luz do sol...

Seria necessario, para o avaliar, andar escutando de porta em porta.

Lisboa parecia um cemiterio; e, por isso mesmo, havia n'ella um silencio profundo. Depois d'uma batalha, apenas se ouve, aqui e alli, um ténue gemido, que pouco depois se apaga.

A peste declinava; parecia fugir envergonhada deante da obra destruidora da intolerancia religiosa!

Os frades andavam aterrados, os mosteiros tinham as portas cerradas, os templos quasi desertos, o mosaismo homisiara-se, e os christãos-velhos tinham envelhecido de medo, ou de remorsos!

Apenas a plebe, diabolicamente influenciada pela eterna conspiração fradesca, lançava ainda olhares de fogo sobre os marranos que passavam... E, comtudo, porque a Natureza não veste lucto nas grandes hecatombes, vestia-se o arvoredo de ramaria e de fructos. Dir-se-hia que o maio festejava a justiça e a paz!...

Pedro, ao voltar a casa, encontrou Deborah costurando, no seu quarto de trabalho, Joanna mourejava na cozinha, dirigindo Zaira, Sarah regava os seus craveiros no terraço.

— Queres ouvir-me, Deborah? disse Pedro, sentando-se ao lado de sua *irmã*, e tomando-lhe as mãos.

— O meu maior prazer! Pedro.

— Pois bem; vou ser muito parco em palavras e muito frisante nas perguntas. Promettes responder-me com a voz do teu coração?

— Juro-o...

— Deborah, amas alguem?

A perturbação na interrogada era visivel. O sangue parecia querer rebentar-lhe nas faces... Olhou a costura, olhou o céo através da vidraça, apertou muito, sem querer, talvez, as mãos de Pedro, e, depois de alguns momentos:

— Porque me perguntas isso!

Não era uma resposta; era um adiamento salvador.

— Porque o fim da jornada de ámanhã depende da tua resposta, boa amiga. Sê franca; sabes quanto te prezo e estimo, e quanto desejo, para completar a minha obra, conhecer os mysterios do teu coração e apagar de todo a memoria dos teus infortunios... Dize-me — amas alguem?

— Como tu és bom, meu irmão! Quem me dera merecer-te! Que

Deus me tivesse defendido, como tu me defendeste, e eu te responderia com a pureza que me resta—a do meu coração...

— Mas, juraste-me...

— Sim, jurei, porque não me passara pelo espirito a menor desconfiança de que desejavas saber...

— Repara — Deborah, depende da tua resposta — a tua e... a minha felicidade.

E Pedro accentuou estas ultimas palavras.

Deborah poz as mãos nos olhos, como para meditar, e logo em seguida, como quem toma uma resolução inabalavel:

— Pedro, o amor é um direito, e eu não tenho o direito de amar... Se algum terno sentimento habita meu peito, não pode ser amor — é religião.

Quando uma mulher ama o impossivel, ama em sonhos, aspira a um ideal, appetece o que não existe, quer o que não lhe pertence, segue o que não vê, offerece o que não tem, não deve viver como as outras mulheres—espera, rezando, a vida d'um outro mundo, e offerece a Deus todos os anceios da sua alma. Fica, pois, sabendo, meu irmão, que a ninguem amo, nem quero...

— Mas se alguem te amasse, Deborah; se alguem, conhecendo a tua vida e o teu coração, te dissesse, sincera, apaixonadamente, que te queria para sua mulher?

— Responderia, que o amor, que não se reflecte na pessoa amada, não é amor, como não é luz o fogo que não illumina...

— Perdôa-me, se insisto, minha querida irmã, mas eu preciso de saber a fundo o estado do teu coração... Vamos, admitte que amavas alguem, e que esse alguem te amava e te queria... Serias sua mulher?

— Não; a um homem que se ama e respeita não se entrega uma mulher nas minhas condições. O segredo da minha desgraça já não é só meu...

— Esse segredo acompanhar-me-ha á sepultura, Deborah.

— Mas elle?...

— A justiça de el-rei, se elle tem o seu crime escripto no coração, tudo reduzirá a cinzas no cadafalso de Evora — coração e segredo!

— E tu vaes?...

— Verificar que o monstro, só na forma de um espectro, poderá reapparecer na minha e na tua vida.

— Pedro, tu que és tão nobre e tão leal, que pensarias de mim, se eu, embora innocente, rasgasse, a occultas do eleito do meu coração, essa pagina negra do livro da minha vida?

— Dir-te-hia: — deixa intacta essa pagina, e mostra-lh'a como prova do teu martyrio e da tua honestidade.

— Ai! Pedro, disse Deborah, soluçando e escondendo o rosto sobre o hombro do honrado confessor — que homem teria a nobre generosidade de perdoar a violencia e o infortunio?

Pedro inclinou a cabeça para o lado de Deborah, e, como se lhe depuzesse um beijo na testa, que o suor inundava, disse-lhe em segredo, muito em segredo:

— Eu! minha querida Deborah.

Deborah ergueu rapidamente a cabeça, e, n'uma forte convulsão de chôro, beijou as mãos de Pedro.

— Amo-te, Deborah, e as tuas lagrimas respondem-me afinal — tu tambem me amas... Pois bem, por Deus, que não quiz defender-te, tu serás minha, purificada pelo nosso amor, pelas cinzas d'um miseravel, e por essas tuas bemditas lagrimas...

Deborah não respondeu, ergueu-se rapidamente, enxugou os olhos, e chamou afflicta:

— Sarah, Sarah, vem já, vem depressa!

Sarah appareceu por encanto... dir-se-hia que tinha sahido do chão, ou que se occultara bem perto.

— Sarah, disse Deborah, Pedro, o nosso bom amigo, tão digno, tão honrado, nosso salvador e nosso Deus; Pedro, o mais digno e o mais honrado de todos os homens, acaba de me dizer que te adora, porque és formosa e pura! Vaes ser muito feliz, Sarah... ahi o tens...

E em seguida Deborah, cahindo n'uma cadeira, deitou a cabeça sobre a mesinha da costura, a soluçar, a soluçar nervosamente...

— Minha mãe, gritou Pedro, vindo ao encontro da velha Joanna — mande apparelhar o meu cavallo, que me leve até o Tejo. Parto esta noite.

Depois, voltando-se para Sarah:

— Vela por tua irmã, e adeus.

— Tu vaes?... perguntou a bondosa creança.

— Ver como se executa, a ferro e a fogo, justiça de el-rei...

E partiu...

III

O purgatorio dos frades

Nos seculos xv e xvi, Evora, a formosa capital do Alemtejo, teve notavel importancia na vida da politica portugueza.

Foi n'ella que, por diversas vezes, se reuniram as côrtes geraes, em que os nossos reis, sincera ou habilidosamente, quizeram retemperar o seu poder tradicional e absoluto, ouvindo os representantes das diversas classes sociaes sobre assumptos menos affectos aos interesses populares.

A' sombra do arco de Sertorio e sobre as ruinas de Diana passeou muitos dias a côrte de Portugal com o seu maior luzimento, rodeada dos fidalgos guerreiros, seus consocios no governo do reino. Foi alli tambem que, antes que D. Henrique abatesse o grande arco triumphal, D. João II mandou abater no cadafalso a cabeça fidalga do duque de Bragança e com ella o velho poder feudal.

Nas torres ameadas dos seus palacios estiveram encerrados, pagando o insuccesso de suas tramas e rebeldias, alguns cortezãos, cheios de orgulho e petulancias.

Não menos illustre e honrada ella foi, perante a Historia, nas aventuras do seculo xvii... Que o diga o exercito de D. João d'Austria, que teve de deixal-a senhora e livre, quando a julgava esmagada e perdida! Que o digam os bravos do Ameixial, se os filhos e as muralhas d'aquelle pedaço de terra portugueza sabiam, ou não, agradecer e aproveitar o favor da sorte e o milagre do patriotismo.

N'aquelle museu colossal dos mais raros modelos de architectura está escripta, em pedra ennegrecida pelos seculos, quasi a historia da humanidade, desde a civilisação extincta da velha Roma até o ultimo arranco da Edade-Média! E, como se tudo isso fôra pouco, ainda no seculo xix, sobre aquellas muralhas carcomidas sibilaram as balas de Napoleão, para castigar o esfôrço de tão honrada gente pela liberdade nacional; e, sobre as pedras d'aquellas calçadas, andaram as patas do cavallo de Loison, pi-

sando os corpos vencidos dos nossos soldados e villões! A' idéa da independencia se associa, na historia da princeza alemtejana, a idéa das liberdades politicas, tendo tido a gloria de receber em deposito as armas do grande exercito legitimista, depois da batalha da Asseiceira e da convenção de Evora-Monte.

Justiça de João II, arrojos de Manuel I, fanatismos de João III, vandalismo do cardeal-rei, sumptuosidades de João V, tudo alli se affirma nas innumeras abobadas dos seus conventos e nas ruinas de seus majestosos alcaceres.

Foi alli tambem que el-rei D. Manuel I quiz executar a sentença mais ruidosa da sua justiça, em desaggravo dos morticinios dos christãos-novos.

Convencera-se el-rei, por informação do seu conspicuo secretario de Estado, de que os chefes visiveis da sedição tinham sido os dois frades dominicanos, João Moucho e Bernardo Aragonez, como tambem se convencera de que de toda a ordem de S. Domingos partira a torpe conspiração contra marranos e confessos. Por isso expatriara todos os membros d'aquella ordem e entregara o mosteiro aos cuidados dos clerigos seculares; por isso isolara os dois frades dos suppliciados de Lisboa e seu termo, e os fizera prender na torre de Alconchel.

Não é facil determinar em terra tão coalhada de monumentos e ruinas, onde teria sido erguida a famosa torre de Alconchel, ante-camara do cadafalso dos bandidos dominicanos? Schaeffer cita, de passagem, esse pormenor; Herculano imita-o, apesar de ter consultado os documentos ineditos da Ajuda; Azenheiro, que até enumera com precisão o numero dos suppliciados, não pormenorisa as execuções d'Evora, senão com o trecho citado por Schaeffer e que é extrahido da *Chronica dos Senhores Reis de Portugal*.

Seria aquella torre algum monumento isolado, ou dependencia dos famosos conventos dos Loyos, Sé ou S. Francisco? Seria algum morro que n'essa época ainda recordasse a velha cidade romana? O facto de terem sido os dois frades enterrados no convento de S. Francisco poderia fazer suppôr, que elles teriam estado captivos em alguma torre d'esse convento...

O nome hespanhol dado a essa torre é indicio de que ella devia ter sido construida em tempos em que toda a Peninsula esteve sob o dominio do mesmo povo invasor...

A circumstancia de haver povoações com aquelle nome perto de Badajoz, Cuenca e Saragoça, fala-nos talvez de construcção anterior á conquista de Geraldo, e, portanto, devida ao trabalho de godos ou arabes, expulsos d'aquella cidade em principios do seculo XII.

De todas estas hypotheses, porém, a mais acceitavel é a de que os frades tivessem sido presos n'uma das torres que fazem parte do palacio annexo ao convento dos Loyos, fundado pelo 1.º conde de Olivença D. Rodrigo Affonso de Mello. Este fidalgo viveu no tempo de D. Affonso V, de quem foi guarda-mór e de quem recebeu tambem a mercê de governador de Tanger. O conde de Olivença falleceu em fins do seculo XV, e deu origem, com o casamento de sua filha D. Phillippa de Mello ao tronco da casa do Cadaval.

Não devemos tambem esquecer que foi n'uma d'essas torres que D. João II mandou encerrar o duque de Bragança D. Fernando.

A torre de Alconchel que é hoje conhecida por esse nome, é um môrro que existe junto do castello. Não tem condições que a Historia lhe attribue.

*

Pero Esteves, que de Setubal partira para Evora, com instrucções especiaes d'el-rei, entrou n'aquella cidade, com a sua gente e os dois captivos, ao principio da noite.

O calor e a poeira fatigara demais, durante a jornada, a sombria caravana.

Era indispensavel ultimar aquella grave missão sem esperar o dia seguinte. Os frades tinham pressa de entrar na sua prisão... Affligia-os os olhares da populaça, que os seguia e apupava...

O Moucho vinha pallido e acabrunhado, com os olhos no chão, e estremecia de medo, sempre que ouvia uma apostrophe dos aldeãos que vinham ao caminho vel-os passar, ou que se debruçavam dos muros para lhes arremessar pedras ou mãos cheias de terra. O Aragonez affrontava a insolencia, e chispava o olhar sobre os aggressores.

As creanças, o enorme rapazio, que enxameia as ruas das povoações, emquanto a guarda não se afastava por invios caminhos, entre arrifanas e almargens, corria adeante das lanças, alvoroçando os casaes, para que toda a gente viesse admirar o caso extranho.

As mulheres, ao verem duas sagradas creaturas entre gente do rei, soltavam exclamações de protesto e compaixão, e, como se estivessem assistindo á conducção de Jesus ao pretorio de Pilatos, de longe cuspiam, em movimento de grosseira esconjura, sobre os soldados de Pero.

— Judeus, marranos armados, Iscariotis de má morte, larguem os santinhos!...

Ao chegar o grupo a uma fonte, a fôrça parou alguns momentos.

— Morro de sêde! disse frei Moucho.

Judeus, marranos armados, larguem os santinhos!...

— Beba, disse Pero, mas com cuidado, que tenho de entregar-vos inteiro e vivo, e sois pesado de mais para irdes sobre as lanças, em guisa de liteira.

Moucho avançou, entre dois homens, e bebeu, bebeu, como se quizesse apagar o incendio que lhe minava o peito.

Não o deixaram acabar; com a ponta das lanças levantaram-lhe a cabeça.

— E' mistér não esquecer que as maleitas podem demorar a marcha.

O Aragonez bebeu tambem, e, com a mão, que metteu na pôça, banhou os olhos vermelhos e inchados.

Quando a noite chegou, os captivos resfolegaram. Ao menos, já não ouviam insultos d'uns e lástimas de outros, e o sol não os queimava com tanta impiedade...

Depois de atravessarem apressadamente, com os habitos regaçados, um extenso ferregial, entraram a porta de Machede.

— A quem ides entregar-nos? perguntou o Aragonez.

— A quem el-rei mandou pela bôcca do seu secretario, respondeu Pero.

— Advirto-vos de que, emquanto vestirmos estes habitos, pertencemos a D. Pedro, bispo de Marrocos e conêgo de Evora, e não ao desembargo d'el-rei.

— Hontem talvez que tivesseis razão; hoje, porém, muda o caso de figura... Ides ser confiado aos cuidados de Manuel Affonso, que anda com alçada mór n'esta comarca... Elle que depois vos dê o destino que lhe aprouver.

Frei João Moucho, mal entrou na cidade, ergueu a cabeça, como se tivesse recuperado fôrças, ou esperanças.

— Ora ainda bem, poltrão, que deixas ver os olhos! disse o Aragonez em tom reprehensivo.

— Não os levanto para que m'os vejas, mas para ver...

— Para ver o que? se a noite está escura, que nem o Arco de Sertorio serias capaz de ver desenhado no fundo negro do firmamento.

— Assim é — tu nada vês, mas eu vejo. Vejo, ou adivinho, esta nesga de céo, a primeira que meu olhar alcançou, logo que nasci. Olha, acolá, e indicava com o dedo uma luz distante, deve ainda existir a casa de meus paes, velha, feita em ruinas, no meio d'algumas cabanas, a cujo fogo me aqueci tantas vezes! Ai! Aragonez! parece-me que ainda estou na minha infancia, a dois passos do meu berço!...

— Pois, meu caro Moucho, se sabes onde fica o cemiterio, olha antes para elle... E's bem feliz! vens acabar onde principiaste... Fica-me muito longe o Aragão! Não te verei a cabana, porque nos espera a torre, mas

em breve matarás saudades, dormindo ao lado dos que tiveram o máu gôsto de te dar á luz n'esta maldita terra, onde morrem fidalgos e frades ás mãos dos reis impios ou imbecis.

— Aragonez, não tens a minima esperança?

— De ir queixar-me ao inferno das injustiças dos homens e de Deus? Tenho, sim.

— Não blasphemes, desgraçado, que a culpa foi nossa...

— Nossa, por que, imbecil? Não tivessem faltado os que se diziam decididos. Bem sabes que se a ordem quizesse!...

— Foi uma traição.

— Esperança! quando a poltronice só aleives aconselha?

— Mas o provincial?...

— Frei Alvaro? Esse ha de arrancar-nos os habitos e entregar-nos clerigos á justiça ecclesiastica.

— Estamos então perdidos?

— Alto, disse Pero, estamos chegados. Deve estar aqui o licenciado Manuel Affonso...

Moucho reconheceu o logar: o convento dos Loyos e as torres do alcacer d'Olivença formavam uma sombra... As ameias, comtudo, distinguiam-se formando um recorte no firmamento estrellado.

— A que vindes? perguntou um alabardeiro, ao ver a guarda estacar em frente do portal da alcáçova, batendo com as hastes ferradas das lanças no lagedo do pavimento.

— Da parte d'el-rei, com mandado do senhor secretario de Estado, disse Pero.

— Dae-me o que escripto trazeis, porque não posso franquear-vos a entrada, sem ordem expressa do senhor licenciado.

— Aqui tendes, apressou-se Pero a dizer, entregando um rôlo de pergaminho d'onde pendia o sello do Estado.

O alabardeiro passou o documento ás mãos d'outro homem, que desappareceu na escadaria, apenas alumiada por um lampeão suspenso na arcada do recebimento.

— Entretanto, disse o guarda, podeis encostar as lanças n'este recanto, que é contra a ordenação do desembargo d'el-rei a permanencia de gente armada n'este logar, sm troca de santo e senha...

A gente de Pero entrou de tropel e depoz a lançaria, encostando-a ao meio portão ainda cerrado.

O emissario não se demorou. Ainda vinha descendo e já dizia, em voz de aguazil confiado:

— O senhor licenciado Manuel Affonso manda que os presos, acom-

panhados de dois homens armados e do capitão da guarda, subam com presteza e vão á sua presença.

Assim se fez.

Pero subiu atraz do aguazil, e os frades logo em seguida, devidamente ladeados.

Manuel Affonso estava no salão, que se abria na volta da escada, sentado a uma grande mesa de madeira preta de talha e torceduras de notavel phantasia. Allumiava-se com alto candelabro de tres luzes, e tinha na cabeça o gorro distinctivo da sua auctoridade.

Os dois guardas ficaram junto da entrada, por traz do alto reposteiro escuro, onde se viam, em lavores do melhor estofo, as armas de D. Manuel. O resto do salão estava cheio de sombras.

João Moucho unira as mãos e deixara-as cahir sobre a cintura; o Aragonez cruzou os braços

— Capitão, disse o magistrado, são estes os frades de S. Domingos que el-rei me envia?

— Senhor — são frei João Moucho e Bernardo Aragonez, capitães do povo amotinado nas ruas de Lisboa, e responsaveis principaes dos maleficios de 19 d'abril, e que por ordem do governador D. Alvaro de Castro persegui e fiz prender.

— Levastes estes homens a Setubal, por ordem de D. Alvaro?

— As prisões ordenadas por D. Alvaro foram mantidas por meus amos, delegados especiaes d'el-rei. Foram estes que me enviaram a Setubal...

— Está bem, está bem, disse o licenciado. E em seguida:

— Frei Bernardo — sois accusado de terdes animado a sedição de Lisboa. Tal fizestes por vontade propria, ou por mando de vossos superiores?

— Senhor licenciado, sinto-me cançado e doente. Nem corpo nem espirito podem soffrer, antes d'algumas horas de descanço, esta posição e esta devassa. Além de que, as immunidades da ordem de S. Domingos, a que pertenço e sirvo, dão-me o direito a, sem rebeldia, reclamar justiça ecclesiastica, antes que a secular intervenha.

— Lembraes os direitos, que veem d'esses habitos, e não vos lembrastes dos vossos habitos, quando os manchastes e polluistes em damnos e sacrilegios. Attendo os rogos que veem de vosso cançaço e doença... E vós, frei João Moucho?

— Foram meus proposito e afan servir a Deus e á Fé catholica, e assim, ao mesmo tempo, os interesses do reino. Fazei de mim o que vos aprouver. É-me indifferente a ordem da intervenção das justiças... O tribunal de Deus me julgará em ultima instancia...

— Pois seja, rematou o licenciado.

Depois, dirigindo-se a um vulto que se movia no fundo do salão:

— Gil Gonçalo, na vossa qualidade de meirinho, recolhei estes piedosos irmãos á cella que lhes está reservada; e tu, Pero, deixae parte da vossa gente, de que proderei ter carencia immediata, e parti, ámanhã, para Lisboa com esta missiva, para frei Alvaro, que é bacharel em sacra theologia e Provincial de S. Domingos. Quero assim attender a reclamação dos accusados.

— Vamos, disse o meirinho, fazendo um signal aos dois frades.

Na mesma disposição, e com a mesma comitiva, o Aragonez e o Moucho sahiram do salão.

O meirinho, com passo vagaroso e tilintando um molho de chaves, grandes e ferrugentas, desceu a escada principal, atravessou o vestibulo, e um recinto, ao ar livre, onde se ouvia o passo regular dos vigias, e se via o brilho prateado das lanças; entrou depois n'um corredor extenso e humido, onde a lanterna do guia mostrava bem proximo da sua cabeça a curva da abobada.

Pelo caminho, como se falasse sósinho, Gil Gonçalo ia dizendo:

— Não foi por aqui, não, que entrou o infeliz D. Fernando; mas por ter entrado por melhor porta e gosado melhor guarida, não segurou melhor a cabeça sobre os seus hombros fadados para manto de rei!

E continuava andando, levantando e baixando a lanterna, conforme mais lhe convinha ver o chão, ou olhar em frente.

E Gil Gonçalo continuou monologando:

— Ainda não ha muito tempo andei por aqui, a mostrar estas bellezas ao novo duque D. Jayme, que, ao voltar ao reino, quiz vêr a pousada que el-rei D. João destinou para seu pae. Coitado! Foi vendo e chorando, mas as lagrimas seccaram, e elle sempre foi cuidando em substituir o seu brazão d'armas! Talvez tivesse razão — o cutello do algoz não é atavio muito alegre e glorioso no escudo da casa de Bragança...

— Falta muito! disse Pero.

— Não, disse o meirinho: subir alguns degráus... Este caminho não é usado, e até pouco conhecido da gente da alcáçova. Em chegando lá a cima verão que a vossa cella tem frestas que olham para o céo, e uma escada muito nobre, embora estreita e ingreme, que desce para o terraço interior. Ora, cá estamos!

Effectivamente, no cimo d'uma estreita escadaria, o meirinho parou, e, escolhendo e experimentando chaves n'uma grossa porta de ferro, conseguiu abril-a.

Os frades foram os primeiros a entrar. E' melhor dizer — os unicos,

por que mal transpuzeram os humbraes, o meirinho puxou novamente a porta para si, deu a volta á chave e disse aos seus companheiros:

— Estão arrumados! Os guardas que tratem d'elles com o carinho que elles merecem. As setteiras dão-lhe ar fresco durante a noite, e luz forte, mal rompe a manhã. Pelo que diz Manuel Affonso, estão aqui estão nas profundas do inferno...

— E quanto tempo estarão n'este purgatorio? perguntou Pero.

— Antes do fim de julho devem ter promptas as contas de pousada. El-rei pensa em vir para Evora em agosto, e, portanto, em breve a cidade, e elles tambem, ouvirão os pregões da sentença...

Fechada a porta, Moucho e Aragonez acharam-se ás escuras, n'um quarto rectangular, com uma setteira aberta em cada face. Pelas quatro aberturas não entrava senão uma ténue claridade; o olhar dos frades sahindo por ellas via brilhar as estrellas. A pouco e pouco foram-se affeiçoando ás trevas, e terrivel contradicção! só então puderam distinguir dois catres miseraveis, uma mesa que a elles correspondia em miseria e aspecto, e um cantaro...

Para missionarios ou ascetas tal confôrto estaria apropriado; mas para frades de S. Domingos, aquelle desconfôrto era já principio d'um terrivel martyrio.

Durante alguns momentos ainda se ouviram, na escada e no terraço, vozes que se afastavam; depois o mais completo silencio, apenas interrompido pelos passos das atalaias.

O Aragonez espreitou por uma das frestas e viu que a cidade dormia.

O arco de Sertorio erguia-se, como as torres dos mosteiros, d'um grande mar de sombras...

A' outra fresta, voltada para outro lado, foi o Moucho encostar a fronte encandescida. Ambos avistavam a praça onde estava o nicho de Nossa Senhora, que presidira á execução do duque.

Ambos se detiveram a fixar a luz da lampada, que se balouçava n'esse sinistro logar!

Um julgava estar vendo, nas sombras projectadas por essa luz, as tábuas dispersas do cadafalso...

— Olha, Aragonez, disse Moucho, estou recordando um facto que me fala da inflexibilidade dos reis.

E, sem se voltar para o companheiro, respondeu o hespanhol:

— E eu tambem; estamos a dois passos d'esse logar onde foi apunhalado o irmão do nosso carcereiro...

— E' verdade, replicou o outro: — Dois duques, dois principes, dois parentes... o duque de Vizeu e o de Bragança! O que será de nós.

— Tens medo da morte, Aragonez?

— Não; tenho medo de morrer...

— Tambem eu, tambem eu! Morrer, esperar a morte! ser assassinado, sem resistir, tendo fôrça, sem levar agarrados nos dentes o algoz e os seus mandantes! Alguem nos vingará, depois...

— E que morte teremos, Santo Deus!

— A que démos e aconselhámos... Ella por ella... se não é justo, era de esperar. Essa raça, que nos persegue, é tão boa como a que perseguimos.

— Nós não matámos a sangue frio, de vagar .. Foi uma vertigem! Foi como na guerra, d'onde saem ás centenas cadaveres e triumphadores...

— Vê se te calas; não estou para philosophias. Pensa e cala-te. Não quero nas tuas palavras o écho do meu pensamento...

E assim, olhando o céo e a cidade, ficaram mudos novamente. Parecia que tinham collado as faces a essas aberturas do mundo, da liberdade, da vida.

Atraz d'elles estavam o carcere, a fome, a sede, o desespêro, a morte com todo o seu sequito de martyrios!

E, quanto mais pensavam n'isso, mais extendiam o pescoço para aspirar a briza da noite. Ia-lhes a alma n'aquelle ver e n'aquelle suspirar...

— Aragonez — voltou novamente o eborense, que parecia mais se aterrar com o silencio que com os lamentos — tu crês em Deus?

— Que remedio!

— Mas Deus, afinal, talvez não olhe para nós, nem nos acuda...

— Tem mais que fazer... e nós nem ao menos somos geraes de ordens monasticas; somos apenas dois miseraveis que os grandes adulam e exploram.

— Por isso mesmo, Aragonez; Deus protege os miseraveis.

— Fala-lhe, então, se tens fé. Ha milhões e milhões de mundos no universo e ha milhões e milhões de miseraveis só n'este mundo.

O Moucho, ouvindo isto, sem mesmo reparar no que fazia, murmurou:

— Meu Deus!

— Fazes bem em o chamar em voz baixa, pode o Diabo ouvir-te, e chegar primeiro.

— Sabes o que eu queria, Aragonez?

— Que te dessem tempo para passares a fronteira. Isso tambem eu queria... Ainda que a respeito de extradição Castella está muito condescendente...

— Não; queria adormecer, dormir muito, e nunca mais acordar...

— Pois, enforca-te e deixa-me tranquillo.

Fatigou-se o Aragonez de olhar para a cidade, e voltou-se para ver a sua cella.

A cabeça de Moucho continuava a desenhar-se na meia luz da setteira.

— Um cobarde! murmurou o hespanhol, desdenhoso.

A noite começava a refrescar, e o Aragonez sentou-se no catre, depois de ter, com o habito que despiu, tapado a fresta mais proxima. O carcere continuava agreste.

— Não durmas em pé, desgraçado; faze como eu, e livra-me d'essa lançada fria que me faz tiritar.

— Tambem eu estou tremendo, mas não é por causa do ar da noite...

— Bem sei — é de medo... Se a populaça de Lisboa te visse agora, não poderia reconhecer o seu chefe feroz e sanguinario. Mal sabia ella que o onagro vestira a pelle do leão!

— Cobardia é isso, Aragonez... Sopraste o meu odio e agora cospes na minha fraqueza. Tu bem sabes quem me arrastou áquella desgraça.

— Talvez queiras dizer que fui eu! Não te esqueças de dizer isso ao provincial e ao licenceado...

— É possivel..., senão para salvar o corpo, ao menos para resgatar a alma.

— Acautela-te, porém; olha que se me aggravas a situação, abro-te a cabeça de encontro a estes muros...

O Moucho voltou-se rapidamente:

— Tomara eu que tal fizesses. Morreria com a certeza de que o teu martyrio seria maior que o meu.

— Descança, havemos de tel-o egual. Tambem ha egualdade na injustiça.

— Deixemo-nos de injurias, Aragonez, que, afinal, somos dois cobardes — em mim o medo supplica — e em ti pragueja. É a unica differença. Tu já pensaste bem na brutalidade do garrote?

O Aragonez deu um murro sobre a mesa.

— A tua companhia já é parte da minha tortura. O peor garrote é a buzina da tua voz lacrimosa a lembrar a agonia que ha de vir...

— É para entreter o tempo, Aragonez; a noite parece-me um seculo...

— Pois então senta-te.

O eborense imitou o seu companheiro: sentou-se na beira do leito.

— Queres conversar? pois conversemos. Talvez que te cances de me fazer perguntas. Vou embalar-te... Imbecil, falas apenas no garrote... E o resto? Ainda não te lembraste do fogo...?

O Moucho estremeceu a ponto do Aragonez sentir o ranger do catre.

— O fogo, sim. Se não fôsse o garrote, sentiriamos o calor da fogueira

a torrar-nos os ossos... Não te lembras das contorsões dos christãos novos nas fogueiras de Lisboa?

— Oh, cala-te, cala-te — juro que estarei mudo, até que o sol afugente estes terrores.

— Não podemos salvar a vida. Isso está assente; devemos attenuar o martyrio, percebeste?

— Pois bem, dize o que deverei fazer...

— Podemos ter o fogo, depois do garrote, ou antes de tudo...

— Tens razão — é melhor que venha depois...

— Mas podemos ter ainda o que é peor que o garrote e que o fogo, e é isso o que me horrorisa...

— Dize, dize, meu velho...

— É o corte... as mutilações, antes do garrote e antes da fogueira...

— Meu Deus! meu Deus! exclamou o Moucho pondo as duas mãos sobre a enxerga, para não cahir.

— Imagina, frade, que nos decepam os pés e as mãos! Poem-nos os membros sobre os cepos, e com um cutello afiado, e d'um só golpe, vibrado com certeza e fôrça, ferem pulsos e artelhos...

— Não poderemos nós arranjar um punhal, Aragonez?

O Aragonez continuou:

— Ainda se nos amarrassem, e quatro verdugos, a uma voz, disparassem os quatro golpes, com os pés e as mãos perderiamos os sentidos, e então que depois nos apertassem o arrôcho ou nos torrassem os tóros, que nada soffreriamos, talvez...

— Talvez! Talvez! pensou o outro com olhar desvairado.

— Mas não — o serviço vae por partes, e lentamente. Costumam até alternar — primeiramente um pé, depois a mão, depois outro pé...

— Já viste esse supplicio?

— Quantas vezes! aqui, em Santarem, em Lisboa; em Hespanha, na Italia...

— Que horror!

— Horror porque é a sorte que nos espera; mas deves lembrar-te de horrores ainda peores. Não viste á porta de S. Domingos, emquanto alcançavamos a cruz, como bandeira de guerra, a turba de christãos arrancar aos judeos as mãos, e ás judias os seios, á ponta de lança ou de punhal? Repito — este mundo é de bandidos — O Estado, a Egreja e a canalha devoram-se!

— Sim, tens razão: nós fomos instrumentos de tortura e agora despedaçam-nos... E' justo.

— Vamos ao que importa; tudo me diz que teremos a pena mais

grave, porque nos concedem as maiores honras. Pretendem fazer nos chefes d'esse movimento. Se a tua vaidade não soffre, resignemos tal celebridade perante a Historia...

— Effectivamente o verdadeiro chefe foste tu...

— Fomos os dois, não mintas... Olha que tens a cabeça no baraço em que está a minha. Se julgas que, puxando por ella, te salvas, enganas-te; enforcas-te mais depressa.

— Pois seja como quizeres...

— Bem, é indispensavel que sejamos o que de facto fomos — instrumentos d'uma conspiração tramada pela ordem dos dominicanos, sob a influencia do governo de Castella. Não te esqueças! Obedecemos a pressões de gente da Alcáçova, da mesma que levou el-rei á proscripção dos marranos... Toma bem nota das respostas. Falaremos com reservas fingidas das ambições de D. Jayme, tanto na privança de el-rei e na dos reis catholicos! d'aquelle que tem alcaçar de principe, com arautos e passavantes... Tens entendido?

— Estou entendendo, e não me esquecerei.

— Eu falarei de Antonio Carneiro e dos seus ardis, para provar a el-rei que mal avisado andou ao firmar, contra o conselho do seu secretario, as prescripções da provisão de 97. E' necessario que a intriga alastre, e que os superiores da nossa ordem sejam envolvidos tambem nas culpas de que nos accusam. E' melhor pensar n'estas coisas que tremer de medo em face do patibulo. Defende-te e defende-me...

— Farei quanto ordenares, Aragonez.

— Pois, então, extende-te para ahi, dorme, e resigna-te.

— Não conservas, pois, a mais pequena esperança?

— Emquanto ha vida, ha sempre esperança. O odio aos judeus deve ter ficado no coração da gente christã, e, d'um momento para outro, o que succedeu por conspiração de frades, poderá repetir-se por vontade do povo. Não tem el-rei o pulso de seu cunhado...

E os dois frades extenderam-se sobre os catres, fingindo que dormiam; é certo, porém, que quando a estrella d'alva appareceu, com grande brilho, a scintillar lá fora, elles ainda tinham os olhos pregados n'essas fendas abertas nas paredes d'aquelle sepulcro.

Quando soaram na torre da Sé as quatro horas, os dois miseraveis adormeceram, afinal.

Que terriveis sonhos deviam ter sido aquelles que estavam talvez a reproduzir o presente, que era um desespêro, ou o futuro, a peor das agonias!

Dormindo inquieto, e a gemer, o Moucho parecia luctar com um verdugo, ou com um espectro... Talvez com ambos.

— Larga-me, Lopo, larga-me, dizia elle — que não fui eu quem te queimou.

O Aragonez dormia mais tranquillo, e, como se falasse em segredo, dizia, por entre a respiração cortada:

— Deborah! Como tu estás formosa, rezando por mim a Nossa Senhora!

E a luz da manhã foi entrando mansamente e batendo nos rostos pallidos dos dois bandidos de S. Domingos.

Em baixo, á roda da torre, eram rendidas as sentinellas.

Os primeiros raios quentes do sol, que ia subindo, e que no horizonte tinha o tom avermelhado d'um grande incendio, despertaram o Moucho, que se ergueu apressada e afflictivamente. Esfregou os olhos, mais para extinguir um sonho incommodo, que para espreguiçar as palpebras fatigadas.

— Que horrivel pesadelo, disse elle, falando apenas com a sua consciencia, porque o seu companheiro continuava dormindo serenamente, estava sonhando talvez a realidade de ámanhã... Atado a um poste, sobre um montão de madeiros e maravalhas, esperava o levantar da chamma infernal... Foi sonho, foi... O calor que eu sentia nos pés e o clarão que me enchia o craneo, vinham d'aquelle disco celeste, que afugenta o frio da morte e os espectros da noite. Foi sonho, foi... E quem me diz que não é um sonho tudo isto que se tem passado?! Se este sol fôsse uma benção do Céo, um perdão de Deus?! Um raio de luz é o que mais deve parecer-se com um raio de esperança. Por que não ha de o Céo estar contente com a minha obra? Pois se Jesus é o filho de Deus, ha de o empyreo condemnar quem perseguiu os que negam Jesus? Sim, continuou elle, olhando para a alta e negra abobada do seu carcere, como se estivesse em extasi beatifico, a justiça dos homens pode ser fallivel, mas a de Deus nunca! Mór iniquidade seria que um povo ficasse impune, o povo que matou e pilhou, vidas e fortunas, e só eu seja punido pelo meu odio contra os infieis.

Quem ha de condemnar-me? El-rei? Mas el-rei com o seu zêlo religioso expulsou os christãos novos das terras do seu reino! O que significou isto? a guerra em nome da religião, o pregão legal, de que o meu foi cópia servil... Pois se os confessos foram expulsos, como se fôssem peores que a peste, expulsar judeus para outras regiões da christandade não será maior crime, que inutilisal-os para o damno na vida de toda a terra?!

A luz que o sol me trouxe é mais que a luz dos olhos — é a luz do meu espirito, sombrio, estupido, acobardado. Se as minhas palavras não tivessem a eloquencia da razão, como havia de tanta gente comprehendel-as e obedecer-lhes? Quem inventou o odio contra a mourama e a ju-

diaria? Eu? que já o encontrei inflammado no coração da populaça, e nas instituições mais fortes dos paizes christãos!

O frade achara o fio de considerações, que lhe enchiam o coração de esperanças e lhe davam confôrto á consciencia.

Sentou-se aos pés do catre, depois de ter lançado nos hombros o habito empoeirado, pousou os cotovellos sobre os joelhos, e o queixo mirrado nas mãos febris, e errando o olhar, ora pelo chão terroso, ora pelas setteiras illuminadas, ficou-se a pensar, a pensar...

A's vezes parecia não ver claro no enrêdo d'um raciocinio, e então, para ver melhor, fechava os olhos...

— Meleficios? Sim, eu os fiz, e animei a turba a que os fizesse; mas eu era a multidão, era a cidade, era o clero, era uma raça que até aos judeus attribuia a peste e a fome, e todas as coleras do Céo! Morreram muitos judeus e accenderam-se muitas fogueiras! esse sangue e esse fogo eram reflexos do Santo Officio, que mata e queima milhares de infieis por esse mundo todo!

Roma, a cidade santa, expede bullas para os reinos seus alliados, dando licença, em nome do Papa, para que se faça peor do que fez Lisboa, que não inventou as torturas e flagicios!

Se Roma manda, é que ao Céo apraz a destruição da heresia!

Pois ha de Julio II manter na cabeça a thiara de Pedro, e, por menos ter feito que Sua Santidade, ha de um pobre frade sentir no pescoço o garrote infamante?

E, quando o meu espirito tiver voado e com elle as cinzas do meu corpo, el-rei ámanhã, ou o principe D. João, mais tarde, ha de, em nome da Fé e da Justiça, destruir, a ferro e fogo, os confessos que agora escaparam á furia dos melhores fanaticos!

Pois é crivel que Deus permitta premios a Torquemada, o omnipotente, e castigo brutal ao Moucho, miseravel?

Que o Aragonez, um vicioso, que até das paixões mais sagradas tirou proveito para os appetites carnaes e para os prazeres mundanos, tenha a sorte dos hypocritas contumazes, admitte-se; mas eu, que sirvo a minha fé, alentada pelas licções dos mestres da Egreja, e o meu odio incendiado nas prédicas da gente santa! eu hei de ser perseguido e mutilado, como se estivessemos em pleno paganismo?!

Velho, doente, enfraquecido por vigilias e abstinencias, com o corpo macerado pelos cilicios, passo a vida a adorar Jesus, e sou, afinal, condemnado por Judas!

E o frade balouçava o corpo, como se um grande vendaval o estivesse agitando interiormente.

Machinalmente procurou no habito, que descahira sobre a enxerga, o seu rosario de galhas naturaes, e percorrendo-o, com os dedos trémulos e descarnados, começou a rezar...

O Aragonez continuava dormindo, e sonhando, e, por vezes, lhe assomava aos labios um sorriso de alegria, ou de triumpho.

O Moucho ia rezar:

— Avé Maria, cheia de graça... o Senhor é comvosco...

E o Aragonez parecia continuar:

— Bemdita és tu, Deborah... entre as mulheres!

Moucho interrompia a oração para beijar o crucifixo das suas camandulas, e de novo voltava á meditação e á reza...

— Já não posso salvar a vida, pensava elle; é fatal! Fui o precursor do grande tribunal de Deus sobre a terra... Cabe-me essa gloria! Vejo bem o futuro: sob aquellas mesmas abobadas de S. Domingos ha de triumphar a justiça da Fé. Aquelle sangue judeu que eu fiz derramar fecundará aquelle solo, e as columnas do Santo Officio brotarão para suster a cupula da Inquisição em Portugal! Todas as grandes empresas reformadoras teem os seus martyres... Escolher-me-hia Deus? Talvez... E por que não? Quem sabe se, emquanto eu blasphemo, accusando a Providencia, por me sacrificar o corpo, não cuida Ella, no seu juizo Supremo, em me salvar a alma?! Este sol que me despertou, este fogo que me aquece os membros, esta luz que me illumina o espirito... quem sabe? se tudo isto é um aviso do Céo?!... Se Deus me escolheu para seu agente, na salvação da Fé, e me reserva um logar de santo martyr, na sua côrte celestial!? Que tenho eu que sacrificar? Isto?

E repuxava nas mãos a pelle engelhada e sêcca, e comprimia na fronte os ossos da caveira!

— Isto já não é corpo, já não é vida! Se eu fôr perdoado, em breve a morte, sem ruido, sem brilho, sem exemplo, virá buscar-me e apodrecer-me... Depois do cadafalso, Roma pensará em mim, e a memoria do boçal camponio será maior que a d'el-rei D. Manuel, que descobriu o mundo, e que a do Papa Julio, que o dirige e governa!

E o frade, n'uma grande agitação de epileptico, cahiu de joelhos deante da nesga de sol, que lhe batia no rosto, e pondo as mãos, emquanto nas orbitas fundas se moviam os olhos pequenos e febris, começou a oração dominical:

— Padre Nosso, que estaes no Céo...

— Amaldiçoado seja o teu nome, frade impertinente, que me roubaste a primeira adoração sincera que tenho feito na minha vida. Sonhei com a moça mais formosa d'estes reinos. Princezas de Castella enxertadas em

alcôvas de reis portuguezes, não valem mais que esta fada dos meus sonhos.

E, depois, attentando no companheiro:

— Que estás tu fazendo, frade, piegas e poltrão?

E o Moucho, que já vergara a cabeça até quasi beijar a terra, batia com a mão direita fortemente no peito, murmurando:

— ... Agora e na hora da nossa morte, Jesus!

Ouviu-se o ruido de uma porta que se abria.

O Aragonez olhou e viu que a grande porta de ferro se afastava pesadamente dos humbraes, gemendo nos gonzos ferrugentos.

Um guarda adeantou-se e disse, annunciando:

— D. Alvaro, provincial da ordem de S. Domingos.

O Provincial, que assomou no limiar da porta, era uma grande dignidade da ordem de S. Domingos. A sua figura, mais que o seu habito, denunciavam a sua alta jerarchia ecclesiastica. De elevada estatura, sêcco, com a cabeça levemente inclinada, olhar intelligente, frontal espaçoso e distincto, orlado de cãs. Tez liza e rosada, barba irreprehensivelmente feita, bôcca aristocratica, de contracções fidalgas... A bôcca é um grande symptoma revelador de educação aprimorada. Uma bôcca bem educada nunca se descompõe por mais defeituosa que seja; e a bôcca do Provincial era das mais correctas, de linhas vigorosas e bem lançadas. Tinha cincoenta annos? Ou sessenta, ou, se quizerem, nem a cincoenta chegara ainda.

Havia n'aquella fronte indicios de precocidade na velhice — dir-se-hia que elle era um homem novo já encanecido, ou um velho de rosto ainda fresco e juvenil.

O habito egual no feitio aos dos outros frades da mesma ordem, mas de estofo mais fino e de corte mais elegante. Estava n'isso a sua distincção. Superior no habito, na attitude, no olhar, no dizer!... Se altas distincções recebera do Estado e da Egreja, de nenhuma conservava vestigios em bandas, fitas ou cordões. Dir-se-hia um bispo vestido de famulo, ou um papa disfarçado em frade.

O aspecto insinuante e doce, o passo medido e grave, o Provincial tinha o gesto seraphico, sem feminismo, e a palavra doce, sem fraqueza. Quando olhava parecia abençoar, quando falava parecia que a voz lhe sahia n'um suspiro. A mão esquerda sempre occulta na larga manga do habito, e a direita, delgada, comprida, nua de carne e de anneis, sempre erguida, em movimentos cruzados, como se estivesse a benzer o espaço...

Frei Alvaro entrou no carcere, n'essa mansa attitude que commanda e impõe.

Por traz d'elle havia dois ou mais frades que de seu amo ficaram separados, pela porta que se fechou com estrondo.

Ao verem o seu nobre visitante, os dois frades compuzeram o fato e o gesto e a elle se dirigiram, ou para beijar a mão ou a fimbria do burel.

Frei Alvaro, ao perceber o movimento, recuou serenamente, para se esquivar á concessão mal cabida quando feita a frades interdictos, e erguendo a sua mão de marfim, saudou-os com olhar baixo e triste:

— Que Deus se compadeça das vossas almas, irmãos...

E com um gesto soberano, em que havia mais compaixão que desprêzo, mandou-lhes que se sentassem, emquanto elle puxava, para seu commodo, o grosseiro escabello que alli havia.

— Meus irmãos — disse frei Alvaro, por ordem do Desembargo do Paço, tendo sido préviamente ouvido o delegado de Sua Santidade, eu venho a interrogar-vos sobre a intenção e origem de vossas culpas e peccados. A ordem de S. Domingos, de gloriosas tradições, e sempre tão desvelada no serviço da religião catholica, chora n'este momento a impiedade dos vossos actos, e pede a Deus perdão para culpas tão graves e desdoirentas. Sei que a fraqueza das vossas almas deu alento ao espirito das trevas, que as contaminou de sua peçonha e malificios... Dizei de vossa justiça, irmãos, na certeza de que, melhor reconquistará a sua salvação espiritual o que mais culto prestar á verdade, e melhor auxiliar o trabalho da justiça. Frei Bernardo, que é o mais novo, e o mais decidido em seus propositos, dir-me-ha, tomando o Céo por testemunha, que de vontade propria e diabolica influencia, se aventurou a desordens moraes e materiaes, contrárias ás leis da Egreja e do Estado.

— De joelhos vos falaria, irmão, se outra posição não houvesseis ordenado; mas, n'esta, ou outra attitude mais humilde, já que a dizer a verdade me convidaes, á face de Deus vos affirmo, que julgo ter cumprido meu dever, em serviço da Egreja e em obediencia a meus superiores.

— Frei Aragonez, começaes por offender o Céo e calumniar a vossa ordem. Onde ouvistes ordens ou conselhos, com ou sem restricções mentaes, que vos auctorisassem a sacrificar a vida de christãos novos e velhos, e a animar rebeldias contra as ordenações d'el-rei?

Isto disse, e o Aragonez, pondo-se em attitude impertigada, com as mãos sobre os joelhos e o busto erecto e firme, replicou:

— Sabei, senhor Provincial, que estes dois frades, eu e o Moucho, nada mais fizemos que obedecer ás indicações, já que não quereis que digamos ordens, das mais altas categorias da nossa congregação. Foi-nos dicto, nos termos mais suasorios, que era indispensavel fazer explodir o odio contra os christãos-novos, para que el-rei obedecesse, emfim, aos

pedidos da côrte de Castella, não só para perseguir os hespanhoes refugiados em Portugal, mas ainda para estabelecer a Inquisição, que existe em Hespanha, com grande proveito da Fé catholica.

— Senhor, disse o Aragonez com maneiras altivas e vozes desembaraçadas, se quereis conhecer das origens d'esta trama e das vantagens d'esta acção, que ensanguentou Lisboa, mais avisado andarieis interrogando o Geral da Ordem, que os mais modestos servidores d'ella.

— Tendes sobeja ousadia em vossos dizeres, acudiu frei Alvaro, e isso me prova que sois, dos dois captivos, o mais responsavel e peccador.

— Assim será, meu irmão, e haveis de permittir que, como tal vos trate, quem, em satisfação de vossos desejos, procedeu; mas acreditae que nós nada mais fizémos que obedecer, por nosso instincto e vontade, ás prescripções da nossa augusta ordem.

— Accusaes então a Ordem de S. Domingos de ter planeado a matança dos christãos-novos? disse frei Alvaro com ar exclamativo.

— Sem dúvida, meu irmão. Demais conheço as intrigas do vosso afan, e nada vos quero pelo laço em que cahi; mas, á face de Deus, diz-se a verdade, e deixa-se a hypocrisia para o trato com os ficis de espirito inculto e de fé muito viva.

— Pasmo do vosso orgulho altaneiro e da vossa impenitencia, irmão Aragonez. Ainda que, continuou frei Alvaro, em tom conciliador, a vossa attitude melhor disponha a minha vontade para o exercicio da justiça. Esaes, pois, disposto, a accusar a vossa ordem?

— Se tanto fôr mistér... disse o Aragonez.

— Não será, descançae, atalhou frei Alvaro. A minha devassa ficará n'esta visita, para que a vossa cynica indiscreção não prejudique a ordem que representa e que deseja acatar o poder d'el-rei.

— Nada vos levo, por isso, irmão; já contava com o vosso cuidado em destruir verdades que irritariam o throno e a tiara.

— Vejo que sois contumaz no crime de que vos accusam, e que até vos permittistes a liberdade de reprehender bullas e intentos de Sua Santidade.

— El-rei, disse o Aragonez, tem intelligencia facil com a côrte de Roma... Que o diga o rescripto Papal que outorga a dispensa de castidade perpétua ás ordens militares... Que o cardeal D. Jorge da Costa, e que o embaixador Pedro Correia expliquem, já que não pode ser Alexandre VI, nem Pio III, que viveu a vida das rosas, a Julio II, que, demais sabe manejos das ordens religiosas em Portugal, como a condemnação do Aragonez e do Moucho podem parecer um adiamento ardiloso do estabelecimento da Inquisição... Nego tudo de que me accusam, eu, que

mais não fui, que executor, ingenuo e imprevidente, da conspiração da minha ordem...

— E vós, frei Moucho, pensaes como o vosso cumplice e companheiro?

— Senhor, disse frei Moucho, aguardo tranquillo sentenças da terra e do Céo. Não confundo meus peccados com os do Aragonez, que, ao serviço da Egreja alliou a defesa de suas paixões e de seus vicios.

— Está bem, disse frei Alvaro, de nada mais preciso para resolver em conformidade com os interesses da Egreja e do Estado. Retiro-me sem vos absolver. Encommendae a Deus as vossas almas.

E, recuando, desappareceu na porta que se abriu, e logo se fechou.

— Estamos perdidos, Aragonez, disse Moucho afflicto. E foi tua a culpa. Tanta altivez, á beira do abysmo!...

— Julgaste, então, este traidor, de vozes mellifluas e hypocritas, capaz de nos deter na queda? És um imbecil.

A porta abriu-se de novo, e um frade de rosto coberto, leu em voz alta esta sentença:

— Manda frei Alvaro, provincial da ordem de S. Domingos, em virtude dos poderes que lhe assistem, que ámanhã, sobre o cadafalso que alli fôr erguido, na praça de Evora, em frente de Nossa Senhora, D. Pedro, conego d'esta cidade, prive dos habitos sacerdotaes a frei Bernardo Aragonez e frei João Moucho, da mesma ordem, e os entregue á justiça secular, em virtude de seus crimes.

— Obrigado, disse o Aragonez, extendendo-se sobre o catre miseravel.

— Cumpra-se a tua vontade, disse João Moucho, ajoelhando!

— Moucho, disse o Aragonez, erguendo o busto, para melhor ser ouvido, tu procuraste diminuir as tuas responsabilidades, á custa da minha pena.

— Estou disposto a dizer tudo. No Céo ou no Inferno, não te quero por companheiro.

— Sabes que estou perdido, e que a vida de um frade imbecil e estupido não pesará de mais na balança da minha sorte.

— Assim será; mas hei de perante a justiça secular denunciar teus vicios...

— Experimenta, frade do diabo, experimenta e eu mesmo serei teu verdugo antes de D. Pedro te arrancar esse habito.

— Julgas, então, que a historia de Deborah não ha de figurar no processo? Chamarei Ruy Vasques em meu auxilio e o teu mór maleficio será julgado e condemnado, como fôr de justiça...

— Que sabes tu d'essa rapariga, miseravel?

— Sei que a roubaste e polluiste, como os tunantes das ruas fizeram ás mulheres do povo.

— Mentes, mentes... nem me viste roubal-a, nem tive de a restituir, nem d'ella veiu queixa á ordem de S. Domingos, ou ao Desembargo Real. E's um villão refece...

— Ruy Vasques, disse o insultado, que está prêso, não sei onde, mas proximo de nós, tudo contou por miudos, para que a vida lhe fôsse poupada, e Pedro Soares tem o favor e o valimento de Ayres da Silva, o regedor das justiças. Agora, que o desembargo vae tomar conta de nós, essa tua façanha será averiguada e punida.

— E's ladino, velhaco, queres suicidar-te com as minhas mãos... disse o Aragonez. Assim fugirás ao martyrio e morrerás com a vingança a sorrir-te na maxima pena que me reservam! Pois enganas-te, bandido: deixar-te-hei barafustar na calumnia, e, como prejuro, serás julgado, quando não tiveres provas que me confundam.

— Provas de sobra virão do teu cumplice e de tuas missivas planeando o aleive...

— Refinado hypocrita, queres passar por innocente á custa da tua cara alvar e do teu fanatismo estupido, e não te lembras de que tens o habito salpicado de sangue humano.

— Humano, mas infiel, insistiu o Moucho, dando ás suas palavras todo o acinte da provocação. Olha que o teu, Aragonez, está salpicado de sangue e de lama...

— Moucho! Moucho! ameaçou o hespanhol, batendo com o pé no chão, por Deus, ou por Satanaz, toma cuidado com a lingua, se não queres que eu a arranque com a tenaz dos meus dedos...

— Sim, tu, não satisfeito com a morte do pae, violentaste a filha, n'uma furia de paixão bestial, e são os teus abraços selvagens que nos apertam o garrote, que, por termos defendido a religião catholica, ninguem nos levaria ao cadafalso...

— O Aragonez levantou do chão, n'um movimento brusco, o escabello de madeira, e ia a descarregal-o na cabeça do companheiro...

O Moucho recuou até a parede e fechou os olhos.

N'este momento ouviram-se passos e vozes na escada...

— Anda, scelerado, completa a tua obra, que já estão ahi as testemunhas...

O Aragonez depôz a arma improvisada.

— Quem será... disse elle, assustado. Ouve, Moucho, continuou em voz baixa, deve ser gente de justiça, por ordem de Manuel Affonso: se disseres uma palavra, uma só que seja, a respeito de Deborah, dar-te-hei morte mais afflictiva que aquella que nos espera.

Rangeram os gonzos, e um homem appareceu no limiar.

— Que inferno é este? disse o recem-chegado... Perdem as cabeças antes da sentença lh'as roubar! Ora vamos, muito juizo e alguma esperança.

— Ignacio! exclamou o Aragonez, para que vem falar de esperança, quem nos instigou e perdeu?

— Ninguem vos compelliu a exaggerar a aventura. Tolos, para que foram mais dominicanos que a Ordem de S. Domingos!!

No rosto de Moucho passou um riso de desdem; o Aragonez, porém, segurou por um braço o padre Ignacio, e perguntou-lhe com anciedade:

— Que novas nos trazes, padre Ignacio?

— Poucas, mas boas, respondeu Ignacio, imaginem que el-rei expulsou de S. Domingos os vossos companheiros.

— Então, está tudo perdido, não é assim?

— Não é assim. A administração do mosteiro foi confiada a clerigos seculares. Acho-me, pois, em S. Domingos, e na posse de preciosos documentos que trariam graves complicações diplomaticas entre as duas côrtes da peninsula. Os documentos que poderiam comprometter-me foram destruidos, os outros servirão para vos salvar...

— Para nos salvar!? exclamaram os dois frades, rodeando mais o padre.

— Sim, para vos salvar. Negociei com os partidarios dos dominicanos um levantamento popular em Evora que ha de impedir a execução da sentença...

— E teem elementos bastantes?

— Até de sobra! A occultas tem vindo muita gente de Lisboa, e o dinheiro de Castella facilita o alistamento.

— Então? perguntou o hespanhol, teremos a liberdade e a vingança?

— Assim o espero. Ha, porém, uma condição, que venho propor-vos por mandado do Provincial, que finge, e finge bem, acatar as ordens de Setubal. Um grande motim vos arrancará ao patibulo, se em todas as vossas declarações nem uma palavra houver que envolva os segredos da ordem e de todo o partido religioso.

— Acceito, disse o Aragonez.

— E tu, Moucho?

Moucho hesitou um momento, mas tendo encontrado o olhar do hespanhol respondeu afinal:

— Acceito.

— Bem; está contratado, nem uma confissão, nem uma palavra que vos comprometta ou comprometta os outros.

— Deixae andar os acontecimentos. D. Manuel terá de descer morto

os degraus do throno, se vós não descerdes vivos os degráus do patibulo.

— E tendes recursos para a empresa?

— Duas mil lanças bem manejadas por gente aguerrida, e quantos chuços encontrarmos nas villas da provincia. Depois, com esta gente e de Santarem e de Lisboa, faremos uma jornada até as margens do Sado...

— Que Deus vá em vossa companhia, saudaram os frades.

Ignacio sahiu e, quando descia, ia pensando:

— O difficil é tapar-lhes a bôcca, emquanto forem vivos. Depois... ora adeus... o garrote deixa-os de bôcca aberta, mas sem falar... Que extraordinaria mordaça é este garrote!

Ao ficarem novamente sós, os dois miseraveis procuraram reconciliar-se.

O desespêro é o principal elemento da guerra; a esperança a fôrça mais caricladora e transigente.

Aquelle plano do padre Ignacio era muito possivel... Elles mesmos já tinham pensado n'isso... Nem era de esperar que um povo tão religioso, tão fanatico, que tanto reclamava a extincção dos judeus, pudesse consentir que dois servidores da Egreja fôssem sacrificados aos interesses dos marranos, como dizia a plebe.

E depois recordavam-se bem, apesar de tudo aquillo ter passado como a nuvem d'um sonho, de que toda a gente os seguia, quando elles, em Lisboa, prégavam o exterminio da raça maldita.

E el-rei só adoptara aquellas medidas repressivas por influencia do seu secretario!

No seu intimo el-rei desejava limpar o reino dos herejes que fugiam de Castella. As suas ordenacões agora eram apenas formalidades...

O partido inquisitorial era grande no reino, a rainha estava com elle, e os catholicos da côrte esperavam anciosamente a maioridade do principe.

O duque D. Jayme estava nas boas graças de D. Manuel e visitava, com freqüencia e interesse, em terras de Hespanha, o duque de Medina, seu sogro. Além de que, talvez elle ainda viesse a succeder no throno... Muito era já o direito de fronteiro-mór de todas as terras do reino...

A empresa parecia viavel.

Os dominicanos tinham muita fôrça e influencia.

Expulsos, haviam de querer a desforra. A gente de guerra andava toda em correrias pela Africa e pelo Oriente... O que se tinha feito, sem resistencia contra a mourama, durante dois dias, poderia fazer-se n'um momento contra a justiça d'el-rei.

Os dois frades conversaram, muito á mão, sobre o assumpto, e, quanto

mais discorriam mais se animavam com a esperança de reconquistar liberdade e honrarias.

Chegaram quasi a reprehenderem-se por não terem visto claro n'uma questão tão simples. Em poucos dias deviam estar livres d'aquelles continuados pesadelos...

Se quizessem matal-os e dar com isso um grande exemplo ao povo, tel-os-hiam conservado em Lisboa... Se os mandaram para Evora, ou foi para os conservar presos, até que os maleficios esquecessem, ou porque se temiam da revolta...

Chegou a noite e, quanto mais o carcere escurecia, melhor elles viam na historia do seu futuro.

O Aragonez nem já estava tão desabrido. O Moucho já resignava a gloria de martyr. Deus tinha muitas maneiras de servir os seus escolhidos!

Por vezes applicavam o ouvido, por lhes parecer que já havia choques de lanças nas ruas d'Evora.

Pouco depois das 9 horas, ouviram effectivamente um ruido de vozes, que devia ser feito por uma multidão.

— Não ouves? disse o Aragonez.

— Oiço, sim. E' o povo, respondeu o Moucho.

— E se fôsse já? perguntou o hespanhol com um sorriso, e abrindo muito os olhos.

— Prouvera a Deus! Vê d'ahi, Aragonez.

A vozearia augmentava. O Aragonez espreitou pela setteira que lhe estava proxima.

— D'este lado, disse elle com desalento, nada vejo — apenas um clarão, que parece de incendio...

— E' d'este lado, é d'este lado, gritou muito alegre o outro frade, espreitando por sua vez.

O Aragonez correu para o pé do companheiro.

— É verdade; é na praça.

— É grande a multidão.

— E lanças! Não vês muitas lanças?

— E ha populares com archotes inflammados...

— Esta alli a nossa salvação. Não vês a gente armada por entre o povo?

— E' certo, é. Não ha lucta. E' a cidade toda na mesma empresa.

— Ai! Moucho, que da nossa torre não ficará pedra sobre pedra!

— Antes da alvorada a multidão abrir-nos-ha as portas.

— Espera: não ouves bater?

— Oiço, não sei o que, que lembra o martellar. O povo anda tambem na faina; repara bem...

— E é defronte de Nossa Senhora...

Os dois frades espreitavam com uma avidez indescriptivel, e, para aproveitarem bem a pequena fresta, tinham os rostos collados um ao outro.

Fusilava-lhes o olhar...

Então, ao longe, emquanto se interrompia o ruido da multidão, destacou-se uma só voz, que parecia cantar, pausada e monotonamente...

Era o pregão sinistro, que annunciava ao povo a construcção do cadafalso.

Os dois frades cahiram de bruços nos catres miseraveis.

*

Na *Chronica dos Senhores Reis de Portugal*, inserta na *Collecção de Liv. Ineditos de Hist. Port.* Tomo V, capitulo XXIV, depois de se fazer referencia á visita de frei Alvaro á torre dos frades, para interrogar os dominicanos Moucho e Aragonez, lê-se este laconico pormenor:

«... logo ao outro dia, D. Pedro, bispo de Marrocos e conego d'Evora, na praça d'ella, em um cadafalso deante de Nossa Senhora, os privou, pelos dictos crimes, de suas ordens, e os remetteu ás mãos da justiça secular.»

Nada mais!

A esta cerimonia de exautoração assistiram todos os frades d'Evora, e quantos dos arredores tinham sido chamados para darem imponencia ao acto. Não faltaram tambem alguns clerigos seculares, e o povo, sempre ávido de espectaculos emocionantes, veiu de grande distancia, em romaria, como se viesse assistir a uma festa nacional.

A praça foi prodigamente adornada com muitos infantes de lanças, e o cadafalso guardado e honrado com a guarda dos alabardeiros da casa do Bispo e da alcáçova d'Olivença. Duas escadas fixas, de madeira, davam accesso ao cadafalso, que apenas consistia n'um tablado de altura superior á de um homem de guerra, por forma que os ferros que estes erguiam, ladeando o palco da justiça, formavam á roda d'elle uma gradaria oscillante, onde o sol se reflectia em grandes ondas.

Nas adufas da praça se debruçava gente grada da cidade, e nos recantos, em palanques construidos durante a noite, a flôr da população alemtejana animava o espectaculo com os trajos variados.

Pouco antes do meio dia sahiu a triste comitiva.

Abriam o prestito dois alabardeiros da alcáçova e um tangedor de charamela. Logo em seguida vinham, com as suas vestes escuras, os meirinhos do Desembargo e o licenciado Manuel Affonso com o seu escrivão. Este tròço, que representava a justiça secular, fechava com uma guarda de segurança e poucos aguazis.

Seguia-se depois o bispo de Marrocos com os seus famulos, entestando duas longas columnas de frades dominicanos, com as mãos escondidas nas largas mangas do habito.

Entre essas alas negras sobresahia a figura elevada e elegante do Provincial da ordem.

Atraz de frei Alvaro, mas a distancia, com as mãos laçadas com os cordões dos habitos, iam, entre as quatro sentinellas da torre, os dois accusados.

O Moucho levava os olhos baixos e o Aragonez ia examinando a multidão, que os esperava encostada ás paredes e trepada nos portaes.

Os frades de S. Francisco e dos Loyos fechavam o prestito em montão.

As torres dos conventos e as da ermida de S. Braz dobravam como se houvesse officios de defunctos, e o povo, uma grande mó de mulheres e de homens com os capuzes descahidos e os gorros na mão, seguia a passo, em attitude respeitosa.

Ao chegar a procissão á praça, houve um grande movimento em toda a gente e aquelle sussurro que faz a curiosidade á hora de começar um espectaculo.

O sol estava no zenith.

O cortejo deu a volta á praça, e, ao passar em frente do altar da Virgem, o Bispo ajoelhou e, com elle, toda a comitiva. Passados alguns momentos de oração, de novo se pôz o prestito a caminho em direcção ao tablado. Pela escada da direita subiu o Bispo com o clero e os captivos, pela da esquerda o licenciado com a gente da justiça secular.

Era profundo o silencio.

Ouviu-se então o bispo de Marrocos, extendendo os braços para a multidão, em gesto de benção, pronunciar gravemente algumas palavras em latim.

Os accusados foram postos em meio do cadafalso, e quatro frades dominicanos se lançaram a elles e lhes despiram os habitos e as alfaias do seu mistér, vestindo-lhes gibões de velludo preto e lançando-lhes, sobre os hombros, mantos de tecido escuro e delgado.

Frei Alvaro, ao terminar esta cerimonia, compelliu os criminosos a voltarem as costas para o clero, e, pondo-lhes as mãos nos hombros, simulou arremessal-os para o lado de Manuel Affonso.

De novo o conego de Evora lançou a benção á multidão

Logo dois meirinhos os seguraram pelos braços, e os collocaram entre um trôço de aguazis.

De novo o conego de Evora lançou a benção á multidão, que, n'um movimento rapido e uniforme, extendendo as mãos para o cadafalso, parecia querer apanhal-a, como se a benção viesse dispersa pelo ar, imitando folhas sêccas trazidas pelo vento!

De volta á torre, os frades repellidos não tiveram na sua comitiva senão os officiaes e mais agentes do desembargo do paço.

Bispo e frades sahiram da praça pelo lado opposto. O povo tambem se dividiu: as mulheres seguiram a gente dos mosteiros, os homens a justiça secular.

Durante o caminho o Aragonez perguntou cautelosamente ao seu companheiro:

— Não viste aquelle homem que nos acompanhou desde a torre ao cadafalso, e que nos segue ainda, serpenteando por entre a turba de curiosos?

— Aquelle que agora se approximou do licenciado, e fala em segredo?...

— Sim, esse; não o reconheces?

— Não; rodeia-o muita gente...

— E' Pedro Soares.

— A que viria elle a Evora!

— Vem acabar com a minha ultima esperança.

— Qual? Talvez que até venha para a empresa do padre Ignacio. Não te lembras de que Ignacio lhe salvou a vida?

— Só me lembro de que lhe roubei Deborah... Ha de querer vingar-se. Mallograda a tentativa de revolta, o caso da arrifana acabará por perder-me de todo...

— Pensemos em que agora vae Manuel Affonso começar a devassa.

— Não se prendem com formalidades estes licenciados de má morte. Verás como tudo isto vae a correr!

— Mas o povo? Já não tens confiança n'elle?

— Pois tu não viste como elle esteve socegado? Os frades desprezam-nos, e elle esquece-nos!... Raça de ingratos!

— Não te lembras, Aragonez, de ter dicto o Ignacio que viera muita gente de Lisboa?... Deve ser isto... Pedro Soares é um espirito rebelde e ambicioso...

— Pedro Soares não pode querer senão a minha morte... Receia um perdão e vem aggravar as culpas. Ah! que se eu pudesse approximar-me d'elle um momento que fôsse...

— Para que?

— Para o matar, antes que elle realisasse o seu intento.

Pedro Soares seguia ao lado de Manuel Affonso e conversava com elle animadamente.

Ao chegarem á Torre, os exauctorados viram que Pedro se encaminhava com o licenciado para o Alcacer d'Olivença.

— Não ha dúvida, pensou o Aragonez, a devassa vae começar e Deborah é o meu verdugo!

O Aragonez começava a cançar. Fingira acreditar na morte, mas a verdade é que nunca deixou de ter esperanças de vida e de liberdade. O peor era que o tempo ia passando e as difficuldades cresciam! A sua situação era peor que a do seu companheiro. Moucho fôra um chefe de sedição; elle fôra menos que isso — fôra um criminoso vulgar.

E era Pedro Soares quem vinha agora esmagar-lhe a esperança!

Logo que o povo soubesse de tal façanha, revôlto, triumphante ou vencido, poderia salvar o Moucho; o Aragonez não.

Matar um judeu ou um mouro, não era caso para grandes responsabilidades — sacrificar uma donzella, não era zêlo pela fé catholica...

Quando a rua soubesse como elle sacrificara Deborah, a rua, em vez de o roubar ao algoz, far-se-hia algoz por sua conta.

O Aragonez, que não tremeu ao ser exauctorado sobre o cadafalso, tremeu devéras ao ver Pedro Soares.

A justiça pública perdôa e corrompe-se muita vez; a vingança particular é implacavel e incorruptivel.

O Moucho, pelo contrário, alegrou-se ao ver Pedro Soares. Muita gente de Lisboa é que elle queria ver em Evora, porque Lisboa era a cumplice.

Consola ver socios no crime, ou na desgraça.

E, se Pedro não vinha á revolta, mas á accusação, o perigo era para o hespanhol... N'esse caso poderia o rigor da lei cahir sobre o Aragonez. O seu crime era de outro valor...

E, assim pensando, recolheram ao carcere.

O triste passeio fatigara-lhes o corpo e o espirito.

Depois de uma pobrissima refeição, gosaram o repouso da sésta em somno leve e agitado.

O Aragonez foi o primeiro que accordou. Estava sonhando que lhe batiam no hombro.

— Quem é, disse ao despertar.

E olhou em roda.

— Sou eu, respondeu Pedro Soares, que estava de pé, junto da porta.

— Pedro Soares? Aqui?

— Sim, vim ao vosso carcere, como poderia vir a uma jaula de leões...

— E' corajosa a empresa...

— Não, que eu trago com que os domesticar...

— Ameaçar em taes condições não passa de cobardia.

— Enganaes-vos, não abuso dos vencidos, nem temo os desesperados...

— Viestes então dar uma volta ao garrote?

— Assim deveria ser, em nome da justiça... mas venho reduzir-vos o martyrio, se isso vos aprouver...

— Favores, para mim, da vossa parte?! Não vale o esmagamento? Ainda é necessaria a injuria?

— Que vos repugna?

— A compaixão.

— Não é por vós que aqui venho...

— Então, vindes por vosso interesse?

— Não acceitaria favores de tal origem.

— Então?

— Venho por Deborah!

— Quereis vingal-a?

— Pensei n'isso, mas já não é necessario. Aragonez, sabeis que ides morrer?

O Aragonez estremeceu, mas logo, retomando serenidade:

— Calculo. Isso pouco monta...

— A morte, continuou Pedro, é sempre má, mas, ás vezes, é horrivel!

— Não escolho.

— E a tua alma, desgraçado?

— Vindes em nome da Egreja?

— Não; repito: venho offerecer-vos ensejo de abrandardes o Céo, com uma acção nobre, e a justiça dos homens com uma mentira piedosa...

— Vós?

— Que dúvida?

— Em nome da vossa generosidade?

— Não, em nome da minha dedicação.

— A Deus?

— Tambem; mas falo do meu zêlo pelo nome e pela honra de Deborah...

— Dizei antes: pelo vosso amor.

— Não nego.— Se isso vos affronta, direi de outro modo — não venho medir-me com um bandido.

— Se eu pudesse, Pedro, matar-vos-hia...

— Nem isso vos deixaria dizer, se não tivesse interesse na vossa vida de hoje... De hoje, sim. A'manhã a vossa morte será o meu maior prazer... e, comtudo, venho fazer-vos uma proposta que poderá aproveitar-vos.

— Em nome do vosso amor? Dizei, afinal.

— Sim, em nome da minha paixão por Deborah, a quem, ou eu viva ou morra, preciso de salvar.

— Vindes, pois, propôr-me?...

— Uma transacção.

— E confiaes em mim?

— Tenho o cadafalso que me garante a vossa palavra.

— Vieste a Evora para me accusar?

— Enganaes-vos; vim a defender-vos...

— Vingae-vos, sem injuria; é mais fidalgo...

— Pela minha fé — o meu amor á victima supplantou o odio ao algoz.

— Então perdoaes-me?

— Perdôo, que Deus se compadeça da vossa alma.

O Aragonez estava assombrado. Que queria dizer tudo aquillo?

— Explicae-vos, Pedro Soares.

— Nem me sobra o tempo para delongas: Aragonez, sabes que desgraçastes uma mulher?

— Sei, disse o Aragonez, baixando os olhos deante do olhar de fogo de Pedro.

— O vosso crime pesa terrivelmente na vossa sentença...

— Sei, repetiu o Aragonez.

— E o vosso nome mancha o presente e o futuro da pobre menina.

— Deve ser assim...

— Deborah, que é joven e formosa, passará o resto da sua vida no isolamento e na vergonha...

— Que quereis que eu faça?

— Ouvi: Eu amo Deborah...

— Confidencias taes, a mim! n'esta situação?

— E' preciso que comprehendaes tudo. A vossa maldade não pode ir além da sepultura...

— Vamos, Pedro Soares.

— Quereis reparar o damno que causastes, mediante uma concessão que poderá aproveitar-vos, talvez ao corpo, com certeza á alma?

— Explicae-vos, ordenou o Aragonez, approximando-se de Pedro, mais tranquillo e confiado.

— Deborah tambem me ama, mas não será minha mulher em virtude do teu crime... disse o mancebo.

— Comprehende-se...

— Ora, eu quero que ella seja minha, porque, Aragonez, nem lhe roubastes o coração, nem lhe deshonrastes o espirito. Começaes a comprehender?

— Ainda não.

— Comprehendereis tudo; falemos, porém, em voz baixa para que o Moucho não desperte. Isto deve ficar entre nós. Morto este segredo entre nós ambos, eu e Deborah seremos sós, depois da vossa morte, a guardal-o.

— E' certo...

— Mas, se a justiça vos accusar, como espero, não por denuncia minha, mas pela de Ruy Vasques, que pagará com a vida a traição que vos fez, Deborah ficará perdida, e eu sem Deborah, porque ella, que corresponde ao meu amor, repelle briosamente a minha generosidade...

— Aguçaes-me a impaciencia, Pedro...

— E' indispensavel que negueis sempre, sempre, a accusação de Ruy Vasques.

— Tenho negado, mas não me acreditam...

— Acreditar-vos-hão quando indicardes outro homem como auctor do rapto e da violação de Deborah.

— Mas, a quem hei de eu accusar? Seria essa a minha ultima infamia, e vós viestes falar-me de reconciliação com Deus!...

— Não vos inquieteis com isso. Eu tenho um criminoso que vos substitue. Accusae-o, e elle confessará.

— Um de nós, Pedro, perdeu a razão... A quem poderei eu accusar, que logo não me confunda e esmague?

— A quem? A mim!

O Aragonez recuou afflicto.

Pedro Soares enlouquecera, sem dúvida. Pois elle queria assumir a responsabilidade de taes maleficios praticados por outrem?

— Sim, a mim, continuou Pedro. Lembrae-vos bem. Eu, que estive em S. Domingos, e que fugi salvando Sarah, evidentemente fugi com Deborah... Deborah foi guardada na arrifana, onde eu penetrei pela porta da mina, ao nascer do dia, e depois fugi com ella, levando-a para minha casa... Eu amo hoje Deborah. Porque não a amaria já n'essa noite maldita? Recordae-vos bem, Aragonez, estaes innocente, perfeitamente innocente...

— Sim, disse o Aragonez, ficando a pensar como se visse a aclararem-

se as trevas do seu espirito. Sim, podia ter sido assim... Effectivamente nada mais natural! Amaveis Deborah, raptastel-a, passastes com ella aquella noite, fugistes de madrugada... tendes Deborah em vossa casa... E' isso, é. O vosso raciocinio parece um grande sol a illuminar-me o cerebro! Se eu o disser e vós não me desmentirdes — eu estou innocente... Não ha dúvida, estou innocente. — Quem ousará dizer o contrário?

— Comprehendeis bem a situação, Aragonez. Não venho pedir-vos uma esmola, venho roubar-vos uma responsabilidade... Sois intelligente, deveis comprehender-me. Deborah preferirá ser minha victima a ser vossa. Demais, ainda que o arrependimento vos tocasse, nem vivo poderieis reparar o vosso crime. Eu posso! Sou novo, sou livre, e amo Deborah com todas as veras de minha alma.

— E Deborah consentirá em que sejaes accusado?

— Deborah será forçada a ter por criminoso quem a justiça lhe indicar. Perante a sociedade, a honra d'ella fica-me confiada. Só eu poderei restituir-lh'a...

— E vós fazeis tudo isso contando com a minha morte?

— Sim, conto...

— Mas, se essa culpa a menos, e ainda a impressão benevola que resulta sempre d'uma calumnia abortada, favorecer a minha causa?

— Se viverdes, Aragonez, depois de salvar a honra de Deborah, matar-vos-hei, como se mata um lobo no povoado...

— Ou eu vos matarei, Pedro...

— Não questiono. Morrerá um de nós; mas, como, além da honra, eu quero defender tambem a felicidade de Deborah, por Deus que nos escuta n'este momento, pelo odio que me tendes inspirado, pelo amor que me inspira este sacrificio, juro que procurarei executar a sentença que tiver afastado da vossa cabeça.

— Tendes fibra de homem, meu valente, e, no vigor e na decisão, pareceis-vos commigo...

Pedro voltou o rosto com ar de desprêzo.

— Está dito, resolveu o Aragonez, mentirei aos homens para me reconciliar com Deus... Agora, Pedro Soares, as garantias?

— Aqui estão, disse Pedro apresentando um documento, que o Aragonez examinou attentamente.

— A's mil maravilhas! Uma declaração em forma de que sois o unico auctor dos maleficios de que foi victima a formosa Deborah... com todos os pormenores e circumstancias do crime. Não falta nada... Toda a carga sobre os vossos hombros innocentes... Sois um heroe. Deborah merece tudo...

— Dispenso-vos os commentarios... Vêde bem que essa confissão refere-se a uma declaração supposta e anterior feita por vós...

— E' verdade...

— Pois então, escrevei...

Pedro conduziu o Aragonez até junto da mesa e apresentou-lhe um pedaço de pergaminho.

O Aragonez olhou fixamente Pedro, e, depois d'um momento de hesitação, escreveu...

«Perante a minha consciencia, e, achando-me prestes a render minha alma ao Creador, declaro, sob juramento, que estou innocente, etc.»

— Não esqueça, disse Pedro, a declaração formal de que nunca tocastes com um dedo sequer, ou com a fimbria do vosso habito no corpo virgem e casto de Deborah...

— Sim, não esquecerá tudo isso.

E o Aragonez continuou escrevendo.

— Devereis fechar com a denuncia, bem clara, bem firme, de que fui eu o criminoso, e de que até tendes em vosso poder a minha solenne confissão.

E o Aragonez foi escrevendo sempre...

— Está prompto?

— Está — vêde.

— Perfeitamente...

— Ficaes com essa prova?

— Fico; descançae, porém...

Pedro chegou-se á porta e bateu uma forte pancada com a mão.

A porta abriu-se e appareceu um guarda.

— Levae, disse Pedro, esta missiva ao sr. licenciado Manuel Affonso.

E agora: adeus, Aragonez.

— Para a vida e para a morte, disse o hespanhol.

— Para a morte só!

E Pedro sahiu rapidamente.

Poucas horas depois, Pedro Soares sahia de Evora, em direcção a Lisboa, e, pelo caminho ia pensando nas duas orphãs, que tanto desvelo lhe mereciam.

— O que eu fiz deve surprehender, mas salvar Deborah. Nem poderá agora recusar o meu amor, que isso seria perder-se e perder-me! A sua honra está dependente da reparação que eu vou offerecer-lhe; a minha liberdade d'ella acceitar essa reparação. A denuncia do Aragonez e a minha confissão, são provas esmagadoras. Se ella as desmentir ninguem a acreditará. E' verdade que no espirito d'ella ficará eternamente a sombra

negra d'aquelle homem, mas apenas em sonhos a veremos, porque a esta hora está lavrada a sentença. O Aragonez e o Moucho serão condemnados á morte. Ruy Vasques, pelo menos, não voltará á liberdade, e o mundo nunca descobrirá o segredo d'esse crime nefando! Vou, emfim, ser feliz... Ficaremos vivendo na pequena casa de minha boa mãe, e Sarah far-nos-ha a mais alegre companhia... Ao pronunciar o nome de Sarah, Pedro deteve-se no seu sonho e monologo...

— E' verdade, tinha-me esquecido de Sarah... Pobre rapariga! Como ella me ama, e como ella se sacrifica! O tempo cura todas as chagas, e a pobre menina é já mulher amoravel, mas não é ainda a mulher amante. E' um coração que desperta, e que ainda não teve tempo de fixar o seu anceio. Ama-me bastante para que seja sacrificio ceder-me a sua irmã, mas não ama menos Deborah, a quem sacrifica o seu amor por mim! Está ainda no periodo em que a mulher é principalmente um anjo... Tambem as aves, quando nascem, trazem azas, mas ainda não vôam. O coração de Sarah está perfeito para amar quem fôr digno d'ella; Deus, seu pae, sua irmã, eu, a velha Joanna, e a creatura que ámanhã surgir e a comprehender, seremos todos por ella amados com muito affecto e muita candura! Quem sabe que amor ella me consagra?! Pode ser o de irmão, pois não pode? O seu espirito vivaz faz-lhe resignado o coração. Se não tivesse alguem a quem acariciasse, morreria de dôr; mas, emquanto tiver, viverá para amar com thesouros de meiguice. A alma da pobre creatura ainda não tem sexo; é decerto como a das creanças, que ainda não sabem o que é a maternidade e já embalam no regaço as suas bonecas. Ha já muita luz n'aquella alvorada, mas ainda não appareceu o calor do sol! Ao ver sua irmã feliz, tambem ella o será, que o amor é como as outras riquezas — quando não é nosso, só os máus o invejam.... Dois ou tres annos mais e Sarah encontrará algum garboso e honesto moço que lhe admire as virtudes e lhe prenda o coração... Assim será, disse Pedro, pensando mais alegremente, terei duas noivas no dia do meu casamento — o sorriso de uma brilhará por entre a tristeza da outra... Depressa, que preciso de chegar cedo. E' pequeno, mas dos mais bellos, o rebanho de que sou pastor, e a caçada aos lobos nos matagaes de Villa Nova ainda não afastou todos os perigos. Em poucos dias terão as cinzas dos frades voado sobre o ferregial á porta de Machede, ou descido ao carneiro do convento de S. Francisco, mas Lisboa ainda fica com muitos frades, e no paiz ainda continúa a invasão dos castelhanos e aragonezes.

E, mettendo esporas no cavallo, Pedro desappareceu na garganta estreita de uma azinhaga.

IV

O lobo no aprisco

Durante a ausencia de Pedro Soares, na casa de Villa Nova, ou melhor, dos arrabaldes de Villa Nova, alguns casos se deram dignos de menção.

Ainda Pedro não tinha atravessado o Tejo e já em casa d'elle se tinha apresentado o padre Ignacio, nosso conhecido, que perguntou com toda a solicitude pelo notavel professor d'armas.

— Pedro, respondeu a velha Joanna, ainda afflicta com a partida precipitada do filho, foi ha pouco para Evora, onde foi chamado pelos negocios da justiça... Se quizesseis dizer quem sois...

— O padre Ignacio. Elle conhece-me, e até já me procurou para me agradecer um modesto serviço que lhe prestei!...

— O padre Ignacio! O nosso salvador?! Fostes vós, senhor, que nos livrastes da onda popular, n'aquelle dia...?

— Não falemos n'isso; uma insignificancia! Eu pouco conhecia o vosso Pedro, senhora minha, mas tinha d'elle tão bondosas informações, que logo o estimei, como a um filho!...

— Favores, senhor padre Ignacio. O meu Pedro é, na verdade, um excellente moço... Nem vós sabeis o que alli está... Bom, valente, generoso, leal, nobre... meu filho é o retrato vivo do pae...

— Bem sei, bem sei... Um bravo capitão, morto em Arzilla em defesa da bandeira nacional... Sei perfeitamente... Permitti-me, boa senhora, que eu vos apresente as minhas felicitações... Tendes um filho que é vossa gloria e inveja justificada dos melhores fidalgos d'este reino...

— Senhor, disse Joanna, por que não entraes? Modesta, como é, a casa do Pedro Soares pode ser pobre e triste, mas é honesta e respeitadora...

— A quem o dizeis!? Nem eu correra o risco, n'aquella tarde maldita, de me expôr á furia popular, se não soubesse que defendia a familia do infeliz Lopo e a vossa, nobre senhora, que sois modêlo de virtudes christãs.

Joanna conduziu o padre Ignacio até a casinha da entrada, a pequena officina de lavores de Sarah e Deborah.

— Permitti-me, senhor padre Ignacio, que eu vos apresente as minhas pupillas, as desgraçadas orphãs, que tanto choram a perda do pae, e que eu já adoro, como se fôssem minhas filhas.

— Ha quantos dias peço ao Céo esta ventura, senhora minha! E, se vim em busca de Pedro Soares, no meu intimo guardava a fagueira esperança de conhecer esses dois anjos...

— Obrigada, senhor, disse a velha Joanna. E foi-se a chamar as pupillas.

Logo que voltou:

— Ides vêr, senhor, o mais notavel contraste — uma, toda tristezas e pranto, outra, toda sorrisos e alegrias. Envolve-as o mesmo lucto, mas a orphandade reflecte n'ellas tons bem differentes. Uma é Sarah, outra Deborah.

O padre Ignacio dirigiu-se immediatamente a Sarah, a quem beijou a mão, que senhorilmente lhe extendeu.

— Minha querida Sarah, disse o padre — que eu bem adivinho no vosso aspecto que assim vos chamaes, venho trazer-vos, com a minha benção, os protestos e os votos da minha estima.

E, depois, cerimoniosamente, dirigindo-se a Deborah:

— Senhora minha, com as bençãos de Deus o confôrto da minha fé.

Sarah, vencido o primeiro embaraço da apresentação silenciosa, que de ambas fizera a boa Joanna, fez uma mesura e disse em tom franco e alegre:

— Devemos-lhe a vida, senhor padre Ignacio, e isso é muito; mas devemos-lhe, principalmente, a vida de Pedro, e isso é tudo. Para que possaes dispôr de nós, não é necessario que invoqueis o Céo, invocae Pedro, e seremos vossas escravas...

— Senhor, disse Deborah, quanto me apraz descobrir, entre tanta gente fanatica e intolerante, um homem de tino e de coração...

— Pareceis-me triste e doente, bondosa Deborah, e, se os conselhos da amizade se podem alliar ás consolações da Egreja, em nome de Pedro e de Jesus Christo, poderei ser vosso protector e conselheiro.

— Por que vos não sentaes, senhor, disse Joanna, e não dizeis a que devemos tanta honra?

— Coisa de pouca monta. O meu interesse por Pedro levou-me a fallar d'elle ao secretario de Estado, Antonio Carneiro. E, falei-lhe com afinco, mais, com amor, ou melhor ainda, com enthusiasmo; e, tanto disse, e tanto encareci, que o secretario me pediu que o levasse á sua presença...

— Quanto vos agradecemos tanta dedicação! Mas, dizei-me, o senhor secretario de Estado terá em vista cuidar no futuro de Pedro, disse Joanna, com grande interesse e reconhecimento.

— Sem dúvida. E' preciso que saibaes que Pedro não é homem para ficar esquecido n'uma casa modesta, feito mestre e tutor de tres donas. O seu braço e o seu talento reclamam um mundo novo para a sua actividade e gloria.

— O meu sonho consiste em vel-o bem empregado na casa da India, ou em outro mestér egualmente honroso e lucrativo. Pedro é o meu unico amparo. A tença, que meu marido me legou, é pequena e incerta, e o pobre rapaz tem de trabalhar muito nas suas licções para manter isto que vêdes, e que bem modesto é.

— Antonio Carneiro, foi dizendo o padre, com voz doce e sorriso affavel, descobriu, através da minha informação, que vosso filho, minha senhora, serve para mais que aquillo que pedis. Pedro é homem de grandes qualidades para qualquer missão guerreira, ou diplomatica, e, como sabeis, nunca, como agora, o reino precisou tanto de bons capitães, e de intelligentes negociadores.

— N'esse caso, Pedro teria de deixar Lisboa? perguntou Sarah.

— Sem dúvida, boa menina, e mais que Lisboa; teria de sahir da côrte, e até do reino. Quem sabe? uma viagem a Roma, ou uma campanha no Sudão, fal-o-hia um homem de valimento e independencia...

— Preferia que elle fôsse modesto e pobre, mas a nosso lado... disse timidamente Deborah.

— Comprehende-se esse egoismo... E, de facto, não vão os tempos para abandonar damas de taes encantos expostas ás paixões que por ahi se amotinam...

Padre Ignacio tinha bem traçado a róta da sua conversação.

— Então, não julgaes ainda passado o perigo de novos maleficios? perguntou Joanna, assustada,

— Qual? Isto foi o comêço. A ignorancia popular e os vicios dos dirigentes hão de, em breve, fazer renascer novos e mais graves conflictos. O judeu e o mouro são cada vez mais antipathicos ao nosso povo, e a questão religiosa está cada vez mais tensa e perigosa...

— Mas el-rei?... atreveu-se a dizer Joanna.

— El-rei não pode ter vontade propria. Ataca-o e affllige-o a côrte de Castella, que não vê com bons olhos, nem a heresia que campeia em Portugal, nem os morticinios selvagens que mancham a nossa historia. E' necessario tirar da mão do povo a vara da justiça. Mal por mal, antes a Inquisição, que essa, ao menos, investiga, julga e só depois castiga.

— Ai! que horror, senhor padre Ignacio! Pois nós ainda havemos de ter tão cruel instituição?...

— Sem dúvida, minha querida Sarah. A Inquisição não castiga senão os herejes, e a populaça de Lisboa até sacrificou vosso pae, homem de fé e muito temente a Deus...

As duas orphãos olharam uma para a outra, parecendo dizer:

— Lá isso é verdade!...

Ignacio não quiz ir mais longe.

— Mas falemos em coisas mais uteis; convém acautelar o futuro, e, se vós, senhora, me desseis licença, voltando-se para Joanna, dir-vos-hia que a vossa felicidade estaria no afastamento de Pedro d'estes logares onde tem tantos inimigos.

— E minhas filhas?

— A casa de Deus ainda é a melhor guarida...

— Preferia esta, senhor, decidiu vivamente Sarah. Onde estão a virtude e o amor está Deus tambem...

— Pode-se distinguir... Deus está effectivamente em vossa casa, mas principalmente onde estão aquelles que ao amor d'Elle, principal ou exclusivamente, se dedicam. Não é assim, senhora Joanna? Tendes em vossa casa o vosso oratorio e as imagens de Jesus e dos santos, mas, apesar d'isso, não vos dispensaes de ir á egreja.

Sarah não teve resposta, e Deborah deu-se por convencida.

— Tem razão, senhor padre Ignacio; sob as abobadas d'um mosteiro não esvoaça a calumnia, como á porta de nossa casa.

— Ainda bem que concordaes commigo, Deborah. Isto não quer dizer que vossa irmã não chegue ainda a concordar tambem. Bem se vê que Sarah é mais alegre e feliz. Ora, eu lhes digo, continuou Ignacio approximando-se mais das tres mulheres, como se quizesse fazer alguma confidencia, esta sociedade está ameaçada de mil perigos, e o mundo, fora dos mosteiros, é bom para as donzellas que amam e teem esperança n'um casamento feliz... Ora, Sarah é muito nova ainda e poderia recolher-se até a edade em que a sua vocação se decidisse pelo claustro ou pelo amor...

— Entendeis, então, senhor, que quem ama sem esperança deve acolher-se ao seio de Deus? perguntou a mais velha das irmãs.

— Bem entendido. Onde se pode encontrar mais tranquillidade e consôlo? Os tristes principalmente... O que fazem elles no meio d'um mundo de alegres e felizes? Os tristes e os desgraçados, que só encontram no mundo profano quem os acolha por generosidade e os offenda com os seus prazeres?

— E' certo, pois, insistiu Deborah, que lá dentro todas as dôres encontram dôres eguaes, todas as faltas perdão, e premio todo o martyrio?

— Mas, atalhou Ignacio, para que estamos a falar n'estas cousas? Não são ellas que nos interessam. Deborah e Sarah teem os seus amores e esperam ser felizes. A Egreja as abençoará. O nosso interesse deve consistir em afastar Pedro das tramas dos contrarios.

— Diga-me, senhor, Pedro corre algum perigo? Diga-o francamente, senhor Ignacio. Quem sabe se a sua visita teve por fim annunciar-nos algum revés?!

Joanna supplicava afflicta.

— Não, boa senhora, nada sei de vosso filho; e, se elle partiu para Evora, como dizeis, é possivel que eu lá me encontre com elle.

— Tambem ides a Evora, senhor? Então, se encontrardes Pedro, trazei-o depressa, que sua mãe e Sarah morrem de saudades por elle...

— Não sejas má, Deborah, reprehendeu Sarah; dize que todos nós o esperamos anciosamente.

— Tenciono voltar em poucos dias. Vou apenas para trocar duas palavras com os frades que estão na torre.

— E que sorte os espera, sabeis?

— A que espera sempre os grandes criminosos; principalmente o Aragonez, contra o qual ha a accusação de um crime peor que morte de homem.

— Peor? perguntou Sarah.

Deborah escutava apenas.

— Muito peor!

— E foi?

— A desgraça de uma mulher... Mas agora reparo, senhoras, que andaes a molestar-vos por meu prazer.

— Haveis de tomar alguma coisa, sr. padre Ignacio — uns fructos que vos refresquem e um copo de geropiga, doce como o mel, que vos consola o estomago e não vos desconcerta a cabeça.

E as tres mulheres começaram a servir Ignacio, trazendo-lhe uma o talher, outra a fructa, outra o cantaro...

— Como sois amaveis, senhoras minhas, que me daes um festim de tão delicioso aroma.

— Estes pasteis, explicava Joanna, são obra de Sarah, que apprendeu a receita com uma monja, que morreu de saudades...

— E este manjar? perguntou Ignacio, apontando para um covilhete de barro bem lizo e bem cozido.

— Este é trabalho de Deborah. — E' um primor.

— Sabe a violeta. Que bella essencia... pode bem chamar-se-lhe um primor no gôsto e na modestia.

Ignacio pegou na taça que Deborah lhe encheu.

— Minha gentil senhora, eu bebo aos vossos amores e ao vosso futuro.

E, dirigindo-se a Joanna:

— Aqui estava uma bella e virtuosa companheira para vosso filho, logo que el-rei o faça cavalleiro e fidalgo da sua côrte...'

Deborah empallideceu e Sarah córou.

Ignacio não se deteve...

— Sarinha, á viveza do vosso gracioso espirito e ao mysterioso escolhido do vosso coração!

— Eu não tenho quem me queira, conseguiu dizer Sarah, descerrando a custo um sorriso.

— Emfim, a todas tres brindo, invocando o nosso Pedro, que eu hei de fazer feliz, como elle merece e é mistér.

Joanna e as duas orphãs baixaram a cabeça, em agradecimento.

— Retiro-me, finalmente, e bem contrariado, que não é facil emigrar assim de tão honesto e amavel convivio. Dizeis então que Pedro deve estar de volta por estes dias? Se me permittirdes, eu voltarei antes de ir ao encontro d'elle...

— Quando vos aprouver, sr. padre Ignacio, esta casa...

— Perfeitamente; e, se de mim precisardes, não fareis mais que mandar-me chamar a S. Domingos, pois tenho agora a meu cargo a administração do mosteiro. Virei ajudar-vos a vida com o mesmo zêlo com que vim a salval-a.

Ignacio sahiu sorrindo intimamente.

— Disse pouco, mas vi tudo! ia elle pensando.

Disse pouco, na verdade, porque Ignacio não era homem que perdesse uma palavra. Quantas dizia, quantas reflectiam uma intenção reservada; mas, se pouco falara, muito lograra conhecer da vida intima de Pedro Soares.

Profundos sentimentos religiosos em Joanna e profundo desconsôlo em Deborah — Pedro Soares, assaltado por duas paixões, havia de fatalmente pôr no rosto de Sarah a tristeza de sua irmã. Mettido entre os amores que inspirara, Pedro, para se esquecer, ou para se curar, teria necessidade d'uma aventura... Esse desejo havia de leval-o á alcáçova, á presença do rei, cuja volubilidade o movia constantemente a buscar novos servidores. Alli, entre cavalleiros e fidalgos, Pedro distinguir-se-hia e havia de ter, pelo menos, uma influencia muito aproveitavel para os interesses da poderosa seita, que começava a governar o Santo Padre.

Ignacio pegou na taça que Deborah lhe encheu na mão

De duas uma — ou Pedro triumphava e seria um bello agente junto de Antonio Carneiro, ou descahía do valimento d'el-rei e far-se-hia um vigoroso elemento de rebeldia.

Quanto a Deborah, não podia haver dúvidas... Na impossibilidade de acceitar o amor de Pedro, havia de recolher-se a um mosteiro...

Pedro era um excellente moço; a sua lealdade garantia-lhe a sua boa fé. Em poucos dias se affeiçoaria a quem o tivesse roubado á sua obscuridade e levantado a regiões que envaidecem e estonteiam.

Atraz de Pedro, o padre poderia apparecer e insinuar-se nas altas espheras do poder e do mando.

O resto lhe viria de Roma.

O indispensavel era impedir que Deborah afastasse Pedro do caminho que lhe ia ser aberto.

A côrte estava recheada de gente descontente, mas fraca. A ingratidão do rei tinha esfriado muitas dedicações, e, á roda do pequeno principe D. João, começavam a agrupar-se os lisonjeiros e os ambiciosos.

Em casa de Pedro havia de sobra quem lhe franqueasse a entrada; nas ante-camaras reaes só elle poderia dar-lhe accesso.

Não era Pedro homem a quem se corrompesse, mas era d'aquelles a quem se podia contentar.

Desde que os proventos offerecidos fôssem de honesta apparencia, elle os acceitaria...

A felicidade de Joanna e de suas pupillas haviam de dar-lhe a ambição do confôrto.

Ignacio, como se vê, era um homem de raciocinio frio. Pertencia áquella raça de arteiros e subtis que se insinuam e caminham no meio a que se dedicam, com tal brandura e taes voltas, que mais parecem um parafuso, que se introduz e enrosca na madeira, em giro silencioso, que os arrebitos fortemente martellados em perfuradas chapas de ferro.

A maldade de Ignacio não era grosseira; era pertinaz.

Os effeitos d'ella não fulminavam, enfraqueciam.

Se precisasse de desfazer-se d'alguem, iria, pouco a pouco, viciando-lhe a atmosphera, mas nunca lhe amordaçaria a bôcca!

Era um especialista na cultura dos venenos moraes.

Por traz d'elle estava um grande mundo de mysterios.

Como só tinha propositos, não tinha paixões.

Apesar de novo, guardava a castidade sacerdotal; apesar de luctar, não alimentava odios.

Queria viver, e viver celebrado.

Como tinha vindo muito de baixo e queria subir muito alto, porque

não tinha azas, trepava aos hombros dos distrahidos, dos tôlos e dos ingenuos. Quasi que se podia dizer que elle não tinha carácter nem temperamento — só tinha vontade. Não tinha physionomia; tinha uma máscara automatica. Estava na edade em que não se é nem velho nem novo. Não era feio nem bonito — ás vezes era sympathico, outras parecia o contrário. Quando estava só, a máscara parava de todo e ficava apenas desenho e vulto, sem côr e sem vida.

Quem quizesse surprehendel-o, havia de penetrar-lhe, lá dentro, no labyrintho cerebral, ou applicar o ouvido ás palpitações do peito.

A fama não o insultava; pelo contrário — quem não se atrevia a chamar-lhe bom, dizia que elle não era maldoso. Citavam-se, a respeito d'elle, actos de caridade, e, quando não fazia uma acção boa, citava uma razão boa. A's vezes embrulhava um beneficio dentro de uma perfidia — se o accusavam, desmanchava o embrulho e convencia que fôra melhor que os que fazem bem, porque puzera a modestia no bem-fazer e offerecera a calumnia á ingratidão.

E' verdade que não era humano, mas tambem não era fera; moralmente parecia um ser hybrido formado de duas especies. Os que o julgavam tigre admiravam-lhe a mansidão; os que o reconheciam homem notavam-lhe uma austeridade feroz.

D'este conjunto de contradicções resultava a fama de justo.

O seu aspecto era ordinariamente grave e sêcco, o que não impedia que ás vezes parecesse alegre.

N'esses momentos sorria-se, como se, com uma das mãos, tivesse puxado, por linhas occultas, o sorriso de diversos tons, desde o mais ironico até o mais caricíador. Era capaz, muito capaz, de fazer coisas uteis e de defender gente de bem; até fazia isso de preferencia. Esse processo estava no seu programma. Quando chegava a occasião de fazer mal, não era elle quem o fazia, mas quem a isso arrastara.

O carácter dos hypocritas ainda não está definido.

Hypocrita, com cara de hypocrisia, não passa d'um ingenuo, timbrado de sinceridade. O verdadeiro, o genuino hypocrita, a si proprio se engana, chegando até a convencer-se de que é sincero e prima em lealdade.

Ignacio tinha momentos na sua vida em que estava convencido de que não possuia os defeitos e os vicios, que na verdade tinha, e que tão habilmente occultava.

A observação prova o phenomeno: — ha mentirosos, que, á fôrça de repetirem a mentira, chegam a convencer-se de que falam verdade. A si proprios se enganam os que passam a vida a enganar os outros.

A este numero pertencia Ignacio; votara-se a uma tarefa, talvez egoista, mas que elle appellidava de dedicada a uma causa humana e justa.

Tanto fez, que d'isso se convenceu, e desde então só cuidou em adoptar todos os meios para conseguir os seus fins.

Homens taes nunca são algozes visiveis, e desapparecem antes de serem victimas.

Ignacio, ao passar pela casa de Pedro Soares, só pretendeu deixar uma impressão leve, mal firmada, quasi esvanecida — uma impressão que deixasse dúvidas, para que lhe não chamassem tão bom que parecesse hypocrita, nem tão máu que parecesse modesto, nem tão innocente que parecesse banal.

Assim, tinha dicto palavras que lisonjeavam, idéas que se discutiam; tivera olhares que eram interrogações.

E não se enganara.

— Repararam, disse Joanna, depois d'elle sahir, como elle esteve sempre mirando as flôres do oratorio?

— E parece interessar-se por Pedro, não é verdade? reflectiu Sarah.

— Elle falou de monjas, mas não se esqueceu de falar de amores... Conhece o mundo... — observou Deborah!

Deborah, com a sua consciencia, ainda notou que elle lhe falara, com tanta franqueza, d'ella e de Pedro, que bem mostrara nada conhecer dos segredos da familia.

Sarah, que se arreceava de que elle procurasse seduzir Deborah com os prazeres do claustro, notou, com agrado, que só a ella, Sarah, elle tivesse recommendado o mosteiro.

— E quasi não falou no serviço que nos prestara e com que nos salvou das mãos da populaça, ia dizendo Joanna.

— Bem se vê tambem que não é dos partidarios da sedição, porque andou a pacificar a turba...

— Se elle não fôsse contra os dominicanos não lhe tinham entregado a administração do mosteiro...

— E' homem da confiança do secretario, e pode defender-nos em occasiões perigosas.

— E Pedro precisa muito de quem o conheça, visto ter inimigos ou invejosos...

— Quando elle voltar, hei de mostrar-lhe aquelle Senhor de marfim que tenho alli guardado.

— E eu hei de offerecer-lhe algumas flôres do meu terraço...

— E eu hei de pedir-lhe que me conte alguma historia de monja apaixonada.

Este côro annunciava o mais auspicioso acolhimento.

Ignacio adivinhou-o, e tanto, que no dia seguinte, ao accender das luzes, logo depois das Trindades, passou por baixo do terraço de Pedro Soares.

— Boa noite, disse elle avistando Sarah a um canto da açotéa; como passa vossa mãe e minha senhora?

— Sem novidade, senhor padre Ignacio. Não quereis descançar?

— Venho de S. Vicente e tenho de recolher cedo ao mosteiro. Sabeis? Tive noticias de Pedro.

— Oh! então subi, senhor. A boa Joanna muito vos agradecerá noticias do filho.

— Vou importunar vosso serão...

— Até nos fazeis a melhor companhia... Subi, senhor padre Ignacio, que a môça irá por vós para vos conduzir.

— Já que ordenaes...

E o padre, na melhor poltrona da casa, conversou largamente até as 10 horas sobre coisas intimas, religiosas e do Estado, não esquecendo historias de freiras, cerimonias do culto e anecdotas da Alcáçova.

Ignacio tinha de partir para Evora, afim de ter com os frades a entrevista que já conhecemos, e, como era de esperar, foi fazer as suas despedidas...

Foi um novo serão muito conversador e elucidativo.

Ignacio tinha o juizo formado a respeito das tres mulheres da familia de Pedro Soares, e adivinhara o que ellas lhe não tinham confessado.

Deborah era uma prêsa boa e certa; Sarah era um agente indispensavel, e Joanna era cera molle em mãos de quem lhe lisonjeasse o filho.

N'uma volta do fuso, Joanna lembrou a Ignacio:

— Aquella historia que nos prometteu, padre Ignacio... lembra-se? d'aquella moçoila, que acabou por se recolher a Lorvão.

— Ah, sim! Já me não lembrava... E' uma historia muito simples, com um merito apenas — o de ser verdadeira.

— Conte, conte, senhor padre Ignacio... disse Sarah!

— Quando conta esses contos parece que está a recitar um auto....

— Favores, minhas senhoras, grandes favores... Eu conto menos mal, porque sou observador. Faço a historia com toda a imparcialidade; faço rimances, como leitor, não como personagem d'elles. Como não me apaixono, não falsifico. Essa historia é das mais vulgares. Ha mil eguaes, e haverá milhões emquanto houver amores e conventos.

— Então, diga lá...

E Ignacio puxou a cadeira, como costumava fazer nos momentos so-

lennes, assoou-se, e, debruçando-se um pouco sobre a mesa do serão, começou batendo com os dedos, como se esse movimento lhe fôsse compasso para a musica da narrativa.

Pararam a dobadoura, o fuso e a agulha, e Joanna até espevitava a lampada, como se com mais luz ouvisse melhor.

— Se não está ahi bem, padre Ignacio, venha para este lado...

— Acceito, para não ter que voltar as costas para o vosso oratorio, senhora.

Joanna tinha todos os cuidados para que a narração não fôsse interrompida:

— O melhor é fechar o gato lá dentro; está sempre a brincar com os novellos...

Sarah poz o gato fora da assembléa.

— Vamos então lá, senhor padre Ignacio?

— Não vale nada; é uma historia muito antiga, que nunca chegará a velha porque é de todos os tempos...

— Antes de começar, senhor padre Ignacio, não quer beber uma gôtta?...

— Não tenho de cantar... senhora. Não é um soláu, é um conto de fadas, mas sem feitiços...

— Bebe um gole, e come um doce... Dá-me esse açafate que está sobre a ucha, Sarah.

Sarah trouxe o açafate e Ignacio retirou d'elle um suspiro d'amendoa.

— Bem, então vamos ouvir, disse Deborah, pondo os cotovellos sobre a mesa, e deixando os seus grandes olhos curiosos quasi a crestarem-se á luz da lampada.

— Esperem, esperem, deixem que o sr. padre Ignacio acabe de saborear o seu doce...

— Estou prompto.

— Bem, não interrompam...

— Começava a governar o sr. D. João II, quando um moço cavalleiro, dos mais fidalgos e decididos, foi amado, ao mesmo tempo e com egual ardor, por duas formosas damas da côrte. Ambas o queriam, e tanto lhe queriam, que em vez de ciume, sentiam o mór desejo de o cederem, cada uma á sua rival. Se Salomão, que foi um sabio, houvesse de sentenciar, o cavalleiro seria partido a fio de espada... Mas não, Salomão não se metteu no conflicto. Foi el-rei, que não era tão sabio, chamado a resolver o pleito, e mandou que, aquella que mais amasse, fôsse a primeira a esquivar-se a juras e galanteios...

Ignacio, n'esta altura, fez uma pequena pausa, tirou do açafate um outro doce, todo ovos, e depois perguntou:

— Qual d'ellas julgaes, senhoras, que resignou primeiro o seu amor?

— A menos amada, decerto, disse Sarah.

— A vossa opinião, Deborah?...

— A mais infeliz, senhor...

— Pois ambas vos enganaes, ou melhor, ambas acertaram em parte, o que vale dizer que ambas acertaram.

— Não comprehendemos...

— E' bem simples. — Como ambas o amavam muito, e nenhuma queria ser menos amante que a sua rival, ambas renunciaram á posse do moço cavalleiro!...

— Bonita acção, acudiu Sarah...

— E elle? perguntou Deborah.

— Elle, que não queria resignar a ambas, nem escolher uma d'ellas, consultou el-rei sobre a maneira de sahir da difficuldade.

— E o que disse D. João?

— Espera, meu rapaz, disse el-rei, nem ellas, nem tu, saberão resolver o pleito.

— Então quem? lhe objectou o mancebo.

— O amor!

— Pois não foi o amor que aconselhou ambas a sacrificarem-se?

— Não, minha querida Sarah.

— Não percebo, pois eu julgava...

— O amor, disse Ignacio, não foi jamais generoso; é egoista. Quanto mais verdadeiro, e forte, e apaixonado, mais exigente, e cego... O amor só a si proprio vê e ouve. A amizade sim, essa cede, condescende, resigna-se... São coisas differentes, minhas filhas.

— Tudo isso me faz uma confusão!...

— Continue, senhor padre Ignacio.

— São umas tontinhas. Ainda creanças e já querem conhecer segredos do coração!... observou Joanna.

— E' natural este embaraço. Pouca experiencia do mundo. Se ellas amassem já!

Deborah e Sarah puzeram o olhar no seu trabalho.

— Sim, minhas filhas, continuou Ignacio, o amor salta abysmos e barreiras, e, quando affecta de generoso, occulta-se, reforça-se, e irrompe depois, mais violento e invencivel até.

— Então é o amor peor do que eu imaginava... observou a irmã mais nova...

— Não, o amor é sempre bom e dedicado, mas a companhia...

— A companhia, dizeis vós?

Deborah era toda attenção.

— Sim, a companhia... o ciume — esse é que, quando o amor cede, logo o reprehende, e injuria, e instiga, como um sôpro pode inflammar uma braza que se deixa apagar.

— E depois?... perguntaram, ávidamente, as duas orphãs.

— Então a chamma forma-se de novo...

As duas irmãs pareciam adormecidas, fitando o padre...

Joanna veiu quebrar a abstracção:

— Tendes-nos sobre brazas, senhor... Afinal, o conselho d'el-rei?

— O conselho d'el-rei foi dos mais sabios e foi até approvado pela rainha D. Leonor. El-rei disse ao fidalgo da sua côrte:

«O amor fez ambas generosas? Pois bem, espera que o ciume decida. O ciume mais forte deve estar com o amor mais verdadeiro.»

— E depois?

— Depois, o ciume effectivamente fez das suas, e a que tinha cedido primeiro foi a que primeiro reclamou.

— E a outra?

— A outra, minha Sarah, resignou-se.

— Mas amava-o, não é assim?

— El-rei disse que tal amor era amizade...

— Mentiu el-rei! exclamou Sarah.

— Então, menina, reprehendeu a velha Joanna, isso não se diz... Perdôe, senhor padre Ignacio... estas cabecinhas, estas cabecinhas...

— El-rei não mentiu, disse Deborah, mas enganou-se. Não ha leis absolutas que regulem o coração da mulher... Imagine, senhor padre Ignacio, que uma d'essas creaturas, que resignaram a ventura do amor, tinha na sua alma um mysterio, uma dôr, um sentimento, um juramento, que pertencia á sua honra e ao seu Deus?! Poderia o ciume, em taes casos, desvirtuar o amor?...

— Não é esse o caso de que se trata. Essa historia não seria um galanteio, mas uma desgraça.

— Mas, n'esse caso?

— N'esse caso, esse amor seria um martyrio ideal, sagrado, só curavel no seio de Deus.

— E o que fez a resignada? perguntou ainda Sarah, com os olhos lacrimosos.

— Foi a resignar-se para Lorvão... onde viveu e morreu alegre e... esquecida.

Deborah olhou para sua irmã e, ao examinar-lhe o olhar triste e humido, pensou — Como ella o ama!

Ouviram-se as dez horas.

Ignacio dirigiu-se á adufa para vêr se o luar já podia allumiar-lhe o caminho.

Deborah foi ter com elle.

— Senhor padre Ignacio, pelo amor de Deus, salve-me...

— Então que temos, louquinha?

— Preciso de sahir d'esta casa. O senhor pode levar-me para Lorvão?

— Mas que idéa! Por que pensa n'isso? Pedro está a chegar...

— E' por isso mesmo...

— Então resigna o amor?

— Por amor.

— E foge-lhe?

— Por ciume...

— Basta, disse Ignacio, pensarei... Senhoras minhas, até á volta.

E depois para Deborah:

— Vou consultar as cinzas d'el-rei D. João II.

— E a resposta?

— A'manhã mesmo. Mas se o cavalleiro escolhesse?

— Fugir-lhe-hia.

— Sem o consultar?

— Assim é preciso.

— Admiro a resignação.

— Diga antes o desespêro.

*
* *

Foi das mais penosas e mal dormidas aquella noite... Deborah passou-a em sobresaltos.

Sentia mais vivo que nunca o seu amor por Pedro, que a salvara, e que agora a perdia. E ia perdel-a, porque ella, se não o amasse, poderia viver em qualquer parte, do proprio trabalho, ou da generosidade de Joanna. Amando-o, a elle, que era tão apaixonadamente amado por sua irmã, via-se obrigada a sacrificio maior que o de abandonar a casa — o de se enclausurar para o resto da sua vida.

Quanto mais generosa sua irmã se mostrava, mais generosidade lhe aconselhava e impunha. Sarah tinha só o amor fraternal a indicar-lhe o sacrificio; ella tinha mais — os dois amores lhe diziam que fugisse. Por

causa de Sarah e por causa de Pedro. Era possivel que Pedro a amasse de preferencia... sim... chegava até a estar convencida d'isso, mas desde que ella não merecia Pedro, nada mais facil que converter-se o amor em compaixão. O accôrdo entre Pedro e Sarah, para o casamento que lhe offereciam, era uma prova de que ambos se compadeciam da sua desgraça, mas não de que um a amasse, e de que a outra não soffresse o ciume.

O padre Ignacio bem o dissera — o ciume sopra a braza do amor...

A sua hesitação podia ser a desgraça de tres pessoas.

Além de que, pensou ella, estremecendo, entre mim e Pedro ha de sempre estar a figura sinistra do Aragonez... Elle morrerá, e a justiça, ao condemnal-o, se lembrará de mim. Assim serei vingada, mas ficarei diffamada... O fogo que lhe ha de consumir os ossos, abrazar-me-ha o rosto de vergonha.

Pedro seria tão bom que me chamasse sempre a *sua mulher*? Mas o mundo, a cidade, o meu bairro, quando ambos passarmos, apontar-me-hão — *a do Aragonez*.

O amor é um affecto precioso que se não dá, nem se vende — troca-se — e, para que a troca se dê, é indispensavel a equivalencia de valores. Pedro era de nobre origem e nobre coração, e tinha deante de si aberta e gloriosa a vida das armas, ou o favor d'el-rei. Vivia já honesta e honradamente, e chegaria a ser rico... Sarah era orphã e pobre, mas equilibrava a balança do casamento com a sua formosura e pureza.

Entre ella e Pedro a differença era manifesta!...

Decididamente só tinha um partido a tomar: fugir áquella convivencia, que era como um prazer que vem d'um vicio — um veneno que faz sonhar e morrer.

Pedro ia chegar, e repetir-lhe-hia os seus protestos d'amor — ouvil-os era apunhalar o coração de sua irmã, e era enganal-o, a elle, tão bom e tão leal! Era enganal-o, não porque ella o não amasse, Deus bem o sabia, mas por que nunca consentiria em ser sua mulher...

Far-se-hia noviça entre as monjas cistercienses, isto é, em vez de ser a menos casta em casa de Pedro, seria a mais virtuosa no rebanho de Philippa d'Eça. Onde passara com suas máculas a infanta D. Branca, podia estar com a memoria do seu infortunio a filha do velho Lopo.

Alli poderia ser que Pedro a esquecesse e até lhe abençoasse a resolução. Elle iria pela estrada illuminada da sua vida no alvorecer, e ella ficaria nas trevas densas da sua vida de saudades! Quem tem uma luz forte a bater-lhe no rosto, não pode distinguir quem se recolhe na penumbra...

O que iria Pedro fazer a Evora? Sem dúvida comprazer-se na morte

do hespanhol... Por isso se via a grandeza do seu amor, a ella, e do seu odio, a elle!... Mas assim como o amor, sob a forma de saudade, subsiste depois da morte da pessoa amada, assim o odio, sob a forma do terror, fica depois da morte dos que odiamos...

— De maneira que Pedro reconhece que, para eu lhe pertencer, é indispensavel que o outro desappareça... Tem razão. O peor é que a memoria não morre, e elle veria, se vivesse a meu lado, á noite, nos recantos sombrios da nossa casa, a diabolica figura... Não ha que hesitar. Não tenho mãe nem pae; Pedro, desde que o amo, já não pode ser meu irmão; Sarah, para ser feliz, precisa do meu sacrificio... Acabemos com isto.

E ergueu-se do leito, onde apenas se recostara vestida, durante a noite, e, sentando-se a uma mesa, escreveu:

«Meu bom amigo

«Pensei toda a noite no pedido que vos fiz. A luz da manhã trouxe-me o melhor conselho. Quero deixar immediatamente esta casa. Pedro pode vir, d'um momento para o outro, e é mistér que elle me não encontre. Soffro muito, e quero que Sarah seja feliz.»

Deborah não assignou esta missiva, e fechou-a cuidadosamente com a cera d'uma vela, applicando-lhe o sinete do seu pequeno annel.

— Zaira! chamou ella, abrindo a porta da alcôva.

A serva appareceu rapidamente.

— Leva isto ao mosteiro de S. Domingos, e entrega ao senhor padre Ignacio.

— E' aquelle senhor que esteve cá hontem, á noite?

— E'.

— Eu vou, senhora minha.

— Repara, não tem resposta, mas se alguma te der, é só para mim... Entendeste?

— Sim, menina...

— Viste minha irmã?

— Está ainda na sua alcôva, e ha pouco dormia como uma verdadeira santinha...

— Vae, anda. Eu vou descançar, porque passei mal a noite.

— A minha senhora está doente?

— Não estou bem; preciso de dormir...

Zaira sahiu, fechando a porta.

— Depressa, deixa vêr; disse a Zaira a irmã de Deborah. Que te entregou? Só isto?

— Só.

— Para levares?...

— A S. Domingos, ao senhor padre Ignacio.

— Espera, disse Sarah, e entrou na sua alcôva.

Alli, quebrou o sêllo da missiva, leu-a, e fechou-a de novo.

— Vae agora, Zaira, e não te esqueças das minhas recommendações.

Deborah, cujo espirito se fatigara toda a noite a resolver o seu problema, conseguiu adormecer.

Sarah, vigiando-a de perto, passeava no corredor como atalaia, em tempo de guerra, nas muralhas d'um castello.

— Oxalá que Pedro se não demore! O padre Ignacio será capaz d'uma infamia? Auxiliar taes propositos a occultas, sem eu saber, sem Pedro chegar!... Não, não pode ser... Se é um hypocrita, ficaria assim desmascarado, e Pedro castigal-o-hia. Ignacio vae, decerto, dissuadil-a d'aquelle proposito, e, pelo menos, aconselhal-a a que tudo resolva, de accôrdo com Pedro e sua mãe. Que eu por vezes cheguei a recear d'elle... Traria elle algum plano secreto?... Mas qual? E' um homem tão respeitado, que não pode deixar de ser respeitavel!

Tinha-se passado pouco mais d'uma hora, e já Zaira estava de volta.

— Trazes resposta?

— Aqui está. Ia a sahir do mosteiro, mas escreveu essas linhas sobre o altar de Nossa Senhora...

Sarah arrancou febrilmente a resposta das mãos da serva, e leu:

«Senhora

«Em vez de consultar D. João II, consultei a minha lealdade. Padre, nem vos dissuado de irdes para o serviço de Deus, nem vos aconselho a que atraiçoeis a quem vos ama. E' boa a vossa intenção, eu sei; mas, para fazer o bem, ha mais regras que para fazer o mal. O que se resolve com paciencia, resolve-se melhor. Confiae em Deus, em Pedro, em Sarah, e no vosso servo

Ignacio.»

— Que honrado homem! exclamou Sarah, alegre e commovida.

— Toma, Zaira; minha irmã dorme. Não a accordes. Quando ella te chamar, entrega-lhe isso. Eu vou lá acima ver o céo e as minhas flôres. Como ellas me vão parecer agora mais bellas e delicadas!

Ignacio, ao ler a missiva de Deborah, teve um sorriso que pareceu de protecção, e era de triumpho.

Depois de escrever a resposta, dirigiu-se a casa de Ayres da Silva, que o recebeu immediatamente.

— Então? disse-lhe o corregedor das justiças.

— O vosso alvitre, senhor, tem o melhor acolhimento. Vêde; e mostrou-lhe a missiva que acabara de receber.

— Por que prefere ella o mosteiro de Lorvão? El-rei deixa-lhe o direito de escolher. O de Cellas talvez fôsse melhor... disse Ayres da Silva.

— Recordações das lendas em que figuram as santas rainhas Thereza e Sancha ..

— Pois seja...

— Sabeis que o sr. secretario tem o maximo empenho em proteger essa menina?

— Sei; Antonio Carneiro é homem de coração.

— Quando viu o processo do Aragonez e a denuncia de Ruy Vasques, tanto se irritou que, por sua vontade, tinha mandado ordem para que os frades fôssem executados no dia da exautoração.

— E por que o não fez?

— Por que o Manuel Affonso disse não prescindir das confissões de Pedro Soares...

— Já as deve ter feito.

— Já; espero, a todo o momento, novas que expliquem a reclamação, que vou attender.

— Parece que alguma coisa grave se passou entre Manuel Affonso e Pedro Soares...

— Assim o julgo; e tanto que já fui convidado a vigial-o até que venham novas informações. Que idéa fazeis d'elle, senhor padre Ignacio?

— A melhor possivel. Pedro é um excellente mancebo: leal, valoroso, cheio de vivacidade e talento.

— Que relações mantem elle com a infeliz Deborah?

— As mais fraternaes... Isto não quer dizer que não tenha a respeito d'ella qualquer idéa... Rapazes, sabeis?... O fogo, a estopa, coisas do mundo, fôrças da natureza...

— Não tendes observado da parte de Deborah qualquer indisposição para com elle?

— Nunca; pelo contrário: uma adoração respeitosa, como todas as adorações.

— Mas esta insistencia da parte d'ella em querer sahir de casa?...

— Talvez um boccado de vocação... E depois, como sabeis, Deborah conhece a situação especial em que se encontra... Orgulho, capricho ou honestidade, tudo pode ser...

— Sim, sim, pode ser tudo isso. Effectivamente a situação d'ella é delicada. Fizestes d'elle, padre Ignacio, as melhores ausencias junto do senhor secretario...

— Fiz justiça, apenas. Pedro tem todas as condições para ser um cortezão leal e dedicado...

— Bem se vê que sois amigo dedicado d'essa familia...

— Quem o não fôra? Não imaginaes, senhor Ayres da Silva, o que n'aquella casa existe de amor e de simplicidade. A simplicidade é um dos melhores ornatos da virtude...

— Sabeis quando elle chega?

— Não; parto hoje para Evora, afim de auxiliar a devassa começada por Manuel Affonso e para descobrir alguns mysterios da administração de S. Domingos.

— Faço idéa do que por lá tereis encontrado...

— Dizei antes o que por lá não tenho encontrado. .

— Tereis o cuidado, padre Ignacio, de conservar bem secreto o vosso relatorio.

— Serei discreto, apesar da recommendação de Antonio Carneiro.

— O secretario está ancioso pelo escandalo... mas el-rei, mais dia menos dia...

— Pensaes que el-rei será capaz de recuar...

— El-rei tanto deseja acertar que hesita umas vezes, avança muitas e quasi sempre recua...

— Influencias da alcôva real...

— Cuidado com a lingua, padre Ignacio — nem todas as verdades se dizem...

— Então, a rainha?

— Em poucos mezes vereis os dominicanos na posse do mosteiro!

— Pena será que não perdôe tambem aos frades da torre. Seria a obra completa!...

— Meu caro, a enxertia de Castella ha de dar excellentes resultados...

— E o secretario?

— Esse resiste, e tem prestigio, mas anda sempre tanto na sombra, que mal se vê...

— Pois, cabeça tem elle...

— E das melhores! Cabeça tão bem organisada, que até consegue mover o braço d'el-rei...

— Então o sceptro?

— Obedece ao braço de Antonio Carneiro, que é tão humilde que chega a dominar... O seu conselho tem sempre a forma d'uma súpplica... Tem uma passividade que actua.

— Parece a estrella feliz d'el-rei...

— Não parece, é; e tanto conhece seu amo e senhor, que está sempre a movel-o a novas empresas. Como é bom timoneiro, não deixa parar el-rei, para que elle não balouce muito!...

— Esperaes, comtudo, que a côrte de Castella...

— Reponha o partido dos frades no seu antigo dominio? Sem dúvida. Em breve os christãos-novos hão de comprehendel-o.

— Entretanto posso continuar devassando?

— Com todo o zêlo, mas discretamente. Bem deveis comprehender-me. Roma governa o mundo.

— Felizmente, pensou o padre Ignacio.

— Que mais ordenaes, sr. Ayres da Silva?

— Que vades e volteis, sem trigança e sem preoccupações... Ide em paz.

* * *

Deborah, ao ler a resposta de Ignacio, não entristeceu, apesar da recusa. Os deveres são quasi sempre cumpridos de má vontade. Só as devoções se observam com prazer. A consciencia dizia-lhe que ella não tinha a responsabilidade do que estava acontecendo. Tentara o melhor esfôrço, e não tinha culpa de que elle se perdesse.

Quem havia de accusal-a?

Desde que Ignacio se recusava a auxilial-a, via-se forçada a esperar a volta de Pedro...

Havia ainda o recurso de lhe falar, franca e lealmente... Dir-lhe-hia mesmo que tentara fugir-lhe, sem o esperar... Isso seria uma prova da sinceridade do seu proposito...

Talvez fôsse melhor assim... Custava-lhe tanto partir sem tornar a vêl-o!... E não seria o perigo maior por vêl-o mais uma vez. O que poderia succeder?

Dizer-lhe elle que a amava? Olhando-a, não lh'o tinha elle dicto já tantas vezes?

Depois, as causas que a afastavam de Pedro não tinham desapparecido... Pedro seria razoavel e havia de auxilial-a a sahir de tamanha difficuldade. Elle mesmo lhe indicara o processo...

Ao almôço, as duas irmãs conservaram-se muito silenciosas. O silencio foi, como de costume, cortado por phrases de saudade inspiradas pela ausencia de Pedro...

— Vou á missa das 10 horas, disse Joanna. Acompanhas-me, Deborah?

— Da melhor vontade; e Sarah vae tambem?

— Sarah fica em casa. Não sabemos quando vem o Pedro, e bom será que alguem o espere e receba. Rezaremos por ella, disse Joanna.

E assim se fez.

Sarah, do terraço, despediu-se de sua irmã, do mesmo logar em que Pedro costumava saudal-as ao voltar da rua.

— Pobre irmã! pensou Sarah, quando Deborah desappareceu, como ella imagina que ninguem lhe conhece o seu plano! Fiz a Pedro o juramento de velar por ella, e hei de cumpril-o, com fadiga, mas com pertinacia. De noite e de dia seguil-a-hei, espreitarei todos os seus passos, adivinharei todos os seus pensamentos, devassarei todos os seus sonhos! Serei um homem n'esta santa tarefa, e Pedro agradecer-me-ha o zêlo e a dedicação... Quando forem felizes, quando pertencerem um ao outro, serei eu, e não ella, quem ha de ir curar uma doença do coração, fora do seu ninho, para que a minha dôr me não atraiçôe e eu não possa escurecer com a minha tristeza, o sol do seu paraiso... Se é bom amar, não é peor ser generosa... Depois, mais tarde, voltarei, feita mulher de juizo, e um dia, enchendo-me de coragem, e com o melhor dos meus sorrisos, hei de contar tudo a Deborah, tudo, para que ella saiba quanto a estimo... E meu velho pae, o nobre martyr, que tantas vezes se sorriu das minhas creancices, abençoar-me-ha do Céo, pelo meu sacrificio...

E Sarah, pensando assim, sentou-se no varandim do terraço, enxugando, com as costas das mãos, pequenas e rosadas, como se fôsse uma creança, duas lagrimas que desciam dos olhos macerados pela vigilia.

Veiu despertal-a d'este enleio, vago e triste, a voz de Zaira.

— Menina, menina! Não sei o que ha...

— Que aconteceu, Zaira? dize depressa.

— Não sei, menina, mas estão lá em baixo, e pedem para falar a minha ama, alguns homens que parecem gente da justiça.

— Meu Deus! exclamou Sarah afflictissima, o que terá acontecido? Viste entre elles o senhor Pedro?

— Não, menina. Um d'elles disse-me que não me assustasse, mas que vinham da parte do... do...

— Do Desembargo?

— Sim, menina; d'isso mesmo.

— Valha-me Nossa Senhora! Que presentimentos!...

E Sarah, que se levantara ao receber a noticia, sentou-se de novo, como se tivesse medo de cahir...

— Que quer que eu diga, menina?

— Nada. Eu vou; ampara-me, porém, que receio desfallecer.

Depois d'um momento:

— Agora, larga-me; arranca uma d'essas flôres...

Zaira obedeceu e Sarah aspirou uma rosa vermelha de aroma muito activo, á falta d'outros estimulantes para os sentidos, que lhe fugiam.

— Vamos lá, disse Sarah, fingindo serenidade e resignação. Seja o que fôr. Que Deus vele por meus irmãos!

Na pequena salinha, Sarah encontrou dois homens — um meirinho, de aspecto delicado, e um aguazil, afastado e reverente.

O meirinho, mal avistou Sarah, cortejou-a com fidalguia.

— Senhora minha — perdoae-me se vos molesto com a solennidade da lei. Não se trata de damnos ou de castigo, mas de protecção.

— Não comprehendo, senhor... A quem procuraes?

— E' aqui que mora Pedro Soares?

— E', sim, mas está ausente de Lisboa...

— Sei, sei, senhora minha.

— Por quem sois, senhor, dizei depressa...

— Por mandado do corregedor das justiças e em cumprimento d'elle, como se da parte d'el-rei eu viera, tenho de collocar sob a protecção do Desembargo Real ..

— A Pedro Soares?

— Não, minha senhora, á menina Deborah, filha do infeliz Lopo, fallecido...

— Deborah? E para que?

— Sabendo-se das violencias de que a infeliz foi victima, dada a sua menoridade, e tendo ficado sem parentes ou tutores legaes, pertence ao Desembargo Real collocal-a sob a sua protecção, até julgamento final dos auctores dos maleficios...

— E quereis, então, leval-a em vossa companhia?

— Sim, senhora minha.

— E para onde?

— Em respeito á sua vontade, para o mosteiro de Lorvão.

— Mas, senhor, Pedro deve chegar brevemente.

— O sr. Pedro Soares não tem direitos de preferencia á tutela dos orphãos, que recolhe em sua casa.

Sarah estava profundamente angustiada. Sua irmã ia chegar; a justiça leval-a-hia comsigo... E Pedro? E o seu juramento?

Senhora minha, perdoae-me se vos molesto com a solennidade da lei

Se a justiça devia protecção a uma, devia-a tambem á outra...

No seu olhar relampejou uma idéa generosa...

— Estou ás vossas ordens, senhor.

— Sois vós então?...

— A pessoa que procuraes: Deborah, a filha do infeliz Lopo...

— Perdoae-me, senhora, se vos faço esta pergunta: fostes vós que dissestes preferir o mosteiro de Lorvão?

— Fui...

— A quem manifestastes esse desejo?

— Ao padre Ignacio, de S. Domingos.

— Está bem. Dizei-me mais: tendes uma irmã?

— Sim, tenho — Sarah.

— Quereis despedir-vos d'ella?

— Não; preciso de evitar as amarguras da separação...

— N'esse caso, estou ás vossas ordens, senhora. Tendes lá em baixo uma liteira, que vos conduzirá á presença do honesto magistrado, a quem sirvo. Elle escolherá a pessoa mais propria para vos conduzir a Coimbra, onde sereis entregue a uma emissaria da abbadessa do mosteiro.

— Sois vós quem me acompanhará a casa de Ayres da Silva?

— Sou. Se quereis, porém, senhora, que a vossa serva vos acompanhe, esperarei o tempo de que necessitardes.

— Prefiro partir immediatamente... Peço um momento apenas para escrever duas palavras, e escolher alguma roupa.

— Não tenhaes n'isso mór cuidado. Ser-vos-ha fornecido tudo de que houverdes mingua durante a jornada...

— Bem, esperae um momento...

Sarah guardou diversas bugigangas n'um pequeno cofre de madeira oriental — flôres sêccas, imagens de santos, rosarios — tudo pequenas alfaias do seu culto a Deus e aos seus amores! e entregou-o a Zaira, que foi depol-o na liteira.

Entretanto escreveu a sua irmã:

«Minha querida Deborah. — Perdôa-me a surpresa. Resolvi afastar-me d'esta casa até que chegue o dia do teu casamento. Pedro consente, e, por vontade minha e d'elle, vou acolher-me, sob o olhar de Deus, a um mosteiro da sua escolha. Não te afflijas. Pedro deve chegar ámanhã. Sou feliz, e, se não fôssem as saudades que de ti levo, iria alegremente ver as margens do Mondego. Dá um beijo á nossa boa Joanna, e dize-lhe que em breve voltarei a seus braços. Pela memoria de nosso pae, e pelo amor de Pedro, Deborah, espera, resignada, noticias minhas. Deixa-te muitos beijos a tua — *Sarah.*»

N'esta escripta singella e triste ficaram os vestigios d'algumas lagrimas.

— Está bem, disse Sarah, Deus não me abandona. Pedro encontrará minha irmã; e, se a ordem do Desembargo vier a ser cumprida, Deborah, ao entrar em Lorvão, alli encontrará quem a vigie e defenda...

E depois, dirigindo-se a uma imagem da Virgem, suspensa na parede:

— Bem vêdes, Senhora, que honro a memoria de meu pae, e defendo o thesouro de meu irmão...

— Senhor meirinho, disse ella, mal voltou á sala da entrada, estou á vossa disposição. Deborah pede-vos que a acompanheis...

— Senhora minha, disse o meirinho, vergando respeitosamente a cabeça, estaes sob a protecção d'el-rei.

Sarah conchegou rapidamente o manto, occultou a cabeça no amplo capuz, e sahiu, seguida pelos dois homens.

Ao chegar á rua, disse a Zaira:

— Entrega este recado a minha irmã, e espera-me, que eu volto já.

A liteira partiu.

Ao passar em frente da egreja, Sarah estremeceu e puxou violentamente o capuz sobre o rosto.

— Que tendes, senhora, experimentaes o menor receio?

— Não; não desejo ser vista por esta boa gente da vizinhança.

E tinha razão: Joanna e Deborah, que desciam as escadas do adro, ao verem a liteira, detiveram-se e ficaram-se a olhar para ella! E, comtudo, nada mais vulgar que a passagem d'uma liteira no caminho de S. Vicente para Villa Nova!

Quando poderão os espiritualistas e os positivistas definir, ou explicar, estes sobresaltos do coração a que o povo, na sua sublime intuição, chama presentimentos?

E a liteira desappareceu n'uma volta do caminho, e Joanna e Deborah encaminharam-se, a passo lento, para casa.

Ainda estavam um pouco distantes e já levavam os olhos pregados no balcão do terraço, e Deborah, ergundo muito a cabeça, parecia querer devassar todos os recantos da solitaria açotéa.

O medo, ou grita muito, ou emmudece... O de Deborah movia-lhe muito o olhar, mas não lhe inspirava uma só palavra.

Joanna foi quem quebrou o silencio.

— Sarah calculou mal o tempo da missa, porque ainda nos não espera...

— Fômos nós que nos demorámos mais... Esperou... o sol está muito quente... ella vae apparecer, dizia Deborah, animando-se.

— Quiz rezar hoje mais por causa da demora do Pedro!... antes tivesse rezado em casa... disse Joanna, desculpando-se.

— Olhe, olhe, lá está ella por traz das flôres... está julgando que não a vemos...

A aragem bateu no canteiro aberto no muro, e os arbustos e as folhas das plantas balouçaram-se desmanchando o esconderijo...

— Ah! não está, não está!... Talvez que o Pedro chegasse agora...

— N'esse caso, estavam os dois á nossa espera, ou tinham vindo sahir-nos ao caminho...

— Já sei o que foi; como se levantou muito cedo, teve somno, sentou-se... Vamos envergonhal a, boa Joanna?

— Vamos até mais depressa, antes que ella accorde.

E as duas mulheres, sempre tão receosas de novos infortunios, e que tinham estado a enganar-se mutuamente, a si proprias se enganavam.

Apressaram o passo, evidentemente para fim bem diverso do que diziam, porque iam, não despertar Sarah, mas saber o que lhe acontecera.

Razão não havia, mas o habito da desgraça faz pensar constantemente n'ella...

Entraram em casa com tal vivacidade, que nem attentaram na pallidez da serva, que as esperava para lhes dar a má nova.

Deborah correu á alcôva de Sarah, cuja porta estava apenas encostada.

— Sarah, Sarah, ah! preguiçosa, que te deixaste dormir, emquanto rezavamos por ti...

Ninguem lhe respondeu...

Deborah e Joanna precipitaram-se na alcôva...

Sarah não estava lá. As duas mulheres interrogaram-se com o olhar, como se quizessem dizer:

— Que nova infelicidade é esta?

Olharam a alcôva, os móveis, as paredes, a gelosia fechada, e até se demoraram a olhar a Virgem, como se pudessem lêr-lhe, nos olhos piedosos, noticias do que se passara!

Afinal Zaira foi-lhes ao encontro.

— A menina Sarah...

— Sim, dize, onde está ella?

— A menina Sarah sahiu e deixou este recado.

— E' para mim.

E Deborah tirou nervosamente, das mãos de Zaira, o que ella lhe apresentava.

E começou a lêr:

— Minha querida Deborah:

Não pôde continuar; as mãos tremiam-lhe o escripto. e as lagrimas cegavam-na.

— Então? disse Joanna, lê, minha filha, talvez não seja coisa de affligir.

— Não posso, não posso! soluçava Deborah.

— Com quem sahiu a menina, não viste?

— A menina sahiu n'uma liteira, e disse que não se demorava, respondeu Zaira.

— Por que a deixaste sahir?

— Tenho ordem do sr. Pedro para obedecer cegamente ás ordens da menina...

— Vamos, Deborah, lê essas palavras de tua irmã, lê...

Deborah fez então a leitura, frequentemente interrompida pelos soluços e pelas lagrimas. A cada palavra tinha de enxugar os olhos. e de respirar n'um gemido.

Ao acabar, deixou cahir das mãos a mysteriosa despedida e abraçou-se. n'um grande transporte de dôr, ao pescoço da velha Joanna.

— Ah! minha boa mãe. quanto sou desgraçada!

— Coragem. minha filha, a desgraça não será maior que todas que já soffreste.

— E foi por minha causa que ella se sacrificou, ella. por quem daria a minha vida, a minha felicidade inteira!

— Mas socega, Deborah, socega...

— Que havemos de fazer, minha mãe?

Ouviu-se uma voz no corredor, alegre e vibrante!

— Onde está o meu rebanho. que não apparece á voz do seu pastor?...

— Ouviu-nos Deus, minha mãe! E' Pedro! Não ouvis a voz d'elle?

Pedro, á porta da alcôva, continuou as suas expansões:

— Por Deus! Parece que ninguem mora n'esta casa! Romeiro chegado de longa peregrinação, esperava encontrar illuminado o meu alcacer. e nem uma voz amiga vem acolher-me! Minha mãe e senhora, aqui me tendes empoeirado por fora. mas limpo de consciencia. que é mesmo um regalo vêr-me e admirar-me!

— Meu filho! exclamou Joanna. e correu a elle para o abraçar.

— Venham de lá esses beijos de que tão saudoso tenho andado por essas terras alemtejanas... Esconder o rosto! Não consinto: beije-me, senhora minha, de cabeça levantada, que, se de muitas culpas me accuso, nenhuma d'ellas me desdoira.

E agarrando com as duas mãos o rosto emmagrecido da pobre Joanna,

depoz-lhe na testa e nas faces muitos beijos tão ruidosos, como o estalar d'uma girandola.

— Que sêde d'esta bebida eu tive, pelo caminho, minha boa velhinha. E, como ella mitiga as saudades d'um filho ausente, inquieto e receoso!

Joanna reclinou a fronte no hombro do filho, para que elle não visse as lagrimas que lhe borbulhavam...

— Lagrimas de alegria, ao abraçardes o vosso namorado, são premios que consolam, e afiam as lanças do combate!... Chora, minha boa mãe, que essas lagrimas são sorrisos dos olhos!...

E, passando meigamente as mãos pela cabeça de sua mãe, que fechara os olhos e lhe soluçava sobre o peito, lançou o olhar a Deborah, que, deante d'elle, esperava a sua vez de o saudar.

— Minha boa Deborah, não tenhas ciumes d'estas caricias; foram ellas que me educaram o coração e me ensinaram a ler na tua alma, boa como a dos anjos, cariciosa como os teus olhos!...

— Pedro, disse Deborah, morriamos de saudade!

— E assim me envaidecem e enfatuam, que não trocara, pela tiara dos papas e pela corôa dos reis, este imperio moral em tão bellos corações! Não invejo nem os potentados nem os ricos da terra, que não ha, por aquella Virgem o juro, nem maior fôrça nem maior riqueza que tudo isto que possuo!...

E extendeu a mão a Deborah.

— E Sarah? Onde está essa ingrata, que não vem completar este quadro que Deus pintou com o pincel da sua immensa misericordia?

— Sarah? disse Joanna, erguendo o rosto, a nossa Sarah... não está cá... sahiu... mas volta... não pode demorar-se...

— Mas agora reparo! tu tens os olhos vermelhos, Deborah... e vós, minha mãe, não chorastes por eu chegar, mas por alguem ter partido...

— Não, Pedro, não foi isso...

— Vamos — quero saber tudo; não é com lagrimas que se afastam as desgraças. O que succedeu?

— Pode ser muito, mas tambem pode não ser... Sarah...

E Deborah não teve coragem de continuar...

— Minha mãe, falae vós. Preciso de saber o que se passou na minha ausencia... Se algum desastre houve em nossa casa, cumpre não perder tempo em lamentações. Sarah morreu?

— Credo, Pedro, ninguem diz semelhante coisa!

— Bem; mas eu conheço Sarah e tenho confiança n'ella. Fugiu?

— Talvez, disse Joanna.

— Mas para onde, para onde? Mataes-me com as vossas reservas. Sou

um homem, e os homens não choram quando é necessario proceder e luctar.

— Sarah, disse Joanna, mais animada ao vêr a coragem varonil de seu filho, Sarah partiu para Lorvão.

— Que é isto?

E Pedro abaixou-se para levantar a missiva de Sarah a sua irmã.

— São palavras de Sarah; vou emfim saber tudo.

E leu rapidamente.

— Vejo pouco, mas já é alguma cousa — um mysterio é sempre melhor que uma noticia má. — Sejamos calmos. E' necessario pensar. Minha mãe, pela minha vida lhe peço que me diga a verdade toda: quem entrou em nossa casa durante a minha ausencia?

— Filho, ninguem de quem se possa suspeitar. O padre Ignacio, o teu, o nosso salvador, veiu por ti algumas vezes... E ninguem mais...

— O padre Ignacio? Mas não foi com elle que Sarah partiu? Não é assim?

— Oh, não, disse Deborah. Ignacio, como poderei provar-te, é um dos homens bons do clero secular. Tenho d'isso provas.

— Então com quem?

— Parece que gente da justiça...

— Que ella viesse em busca de Deborah, comprehendia-se, mas de Sarah?... meditou Pedro, como se estivesse só. E ficou com o olhar parado e vago, como se estivesse mais preoccupado que afflicto.

E' que Pedro começava já a pensar nas consequencias da sua visita á torre d'Alconchel. A justiça poderia ter começado a operar algumas providencias que deveriam ser tomadas com relação a elle e a Deborah... Mas Sarah? Como se achava Sarah envolvida nos crimes do Aragonez? Que as duas fôssem chamadas á tutela do Desembargo, explicava-se, mas só aquella, que não figurava na devassa relativa aos frades?...

— Que pensas? perguntou Joanna a seu filho.

— Penso, minha mãe, que o mysterio será em breve desvendado, e que, felizmente, não se trata d'um desgraça irremediavel. Vou assear-me e revestir-me, e, em seguida, procurar Ayres da Silva, que deve conhecer bem esta inesperada aventura. Tenho razões para vos prometter a restituição de Sarah... Juraes-me que apenas o padre Ignacio veiu n'estes dias a esta casa?

— Juro-te, Pedro, acudiu Joanna.

— E comtudo, disse Pedro sahindo da alcôva de Sarah, é mais que certo ter entrado um lobo no meu aprisco. Pois, ai d'elle! que eu vou começar a caçada, e hei de obrigal-o a largar a prêsa.

Joanna e Deborah, mais confiadas na serena attitude de Pedro, ajoelharam deante da imagem sagrada, e rezaram... O que? uma prece pela felicidade de Sarah e um agradecimento pela volta de Pedro.

E, rezando, julgaram ver que a Virgem lhes sorria, e, por isso, nos labios de ambas, como um raio de sol, que espreita por entre nuvens, tambem um sorriso de esperança deslizou suavemente...

V

Sol entre nuvens

Pedro, logo que sahiu, foi informar-se do que se passara, e facilmente reconheceu que Sarah por um nobre impulso do coração, substituira sua irmã. Soube mais que Sarah tão habilmente se conduzira perante o regedor das justiças, que este, não tendo descoberto o engano, a fizera seguir para Coimbra e d'alli para Lorvão.

Sarah estava, pois, sob a tutela do Desembargo e zelosamente recommendada á abbadessa do mosteiro.

Tambem soube que o padre Ignacio não fôra extranho ao procedimento de Ayres da Silva, mas esse zêlo por Deborah correspondia, sem dúvida, á situação especial de Pedro, depois das suas confissões compromettedoras enviadas ao licenciado Manuel Affonso.

Era até de esperar que em breve houvesse qualquer resolução contra a liberdade do pseudo criminoso.

Essa provisão tinha sido feita, quando elle se resolveu a salvar a honra de Deborah, á custa da propria fama.

Era indispensavel que fôsse compellido a reparar a sua falta.

E com quanto prazer offereceria essa reparação!

Elle seria para toda a gente o algoz de Deborah; algoz primeiro, que horrivel coisa! salvador depois, que delicioso enlêvo!

Deborah tinha-lhe perguntado a proposito de salvação: *Tambem a honra?* E elle respondera — *Tambem a honra!*

E dissera a verdade.

A honra de Deborah tinha-a elle, alli, junto do peito, na denuncia d'uma infamia de que elle era incapaz, e que lhe fôra attribuida, a elle, por um bandido, a pedido d'elle, um namorado!

Deborah, na fidalguia do seu caracter, recusava-se a Pedro, por causa do Aragonez, e Pedro ia ser accusado aos olhos da sociedade e da justiça, de dever a Deborah a felicidade que lhe tinham roubado!

Deborah amava-o. e, quando soubesse quanto elle se sacrificara para a salvar e possuir, sentir-se-hia arrastada a salvar a fama do proprio nome e a vergonha do seu.

Não havendo reparação, a pena que o esperava seria pesada, afflictiva e infamante. Assim Deborah ficava (já o estava), menos dependente da generosidade de Pedro, que Pedro da generosidade de Deborah!

Já não tinha que pedir a ella que o deixasse livral-a d'uma desgraça; tinha que lhe pedir que o livrasse do cadafalso!

Estavam agora invertidas as situações de ambos, e invertidas irremediavelmente. Ou seriam um do outro, ou estariam os dois perdidos para sempre...

Que grande abnegação a d'elle perdoando á victima! Maior, muito maior seria a d'ella, perdoando ao seu verdugo!

Pedro, porque não queria ir ao encontro dos acontecimentos, não foi procurar Ayres da Silva.

Talvez não pudesse voltar a casa, e elle, que pensava na existencia d'um lobo, precisava de se avistar com o padre Ignacio, para lhe examinar o feitio e a ferocidade.

Voltou, pois, a casa e socegou sua mãe e Deborah sobre o destino de Sarah.

— E quando volta? perguntou a irmã da fugitiva, ao ficar só, ao lado de Pedro.

— Quando o sol da alegria brilhar por entre as nuvens do nosso infortunio.

— E crês n'esse dia, Pedro?

— Creio, sim, emquanto acreditar em Deus e no meu amor...

— Que Sarah saberá recompensar-te...

— E Deborah, por que não?

— A quem preferis, Pedro?

— Pergunta-o ao teu coração...

— Fôsse elle meu!...

— A quem o déste, Deborah, para que lhe não chames teu?

— Falemos menos de nós e mais dos que amamos...

— Por isso falo de ti...

— De mim?! Bem sabes, Pedro, que é mistér que me esqueças, e que me não obrigues a fazer referencias a factos cuja recordação me entristece e magôa.

— Penso exactamente o contrário, minha querida Deborah. Julgo até chegado e azado o momento de te dizer, mui singellamente, o que é indispensavel que saibas. Vae n'isso a tua e a minha fidelidades. Dize-me,

com a lealdade que te distingue, e sem receio do meu desconsôlo — Amas-me, Deborah?

— Se te amo, Pedro? não vês que a sinceridade na resposta seria uma deslealdade para com a pobre Sarah?

— Não é de Sarah que se trata; é de ti. Responde-me, que a tua resposta a nada te obrigará. Ficarás livre depois como antes d'ella — se me déres uma razão da tua reserva ou esquivança, nunca mais, repara bem no que te digo, nunca mais te falarei de mim.

— Pois bem, Pedro, é certo, Sarah ama-te, e é digna de ti...

— E tu?

— Eu não posso; o teu amor seria uma esmola, que eu não devia nem devo acceitar.

— E se eu te pedisse essa esmola?

— Dir-te-hia: — Deus te ajude...

— Vamos, Deborah, é preciso que sejas razoavel: queres que eu dê a tua irmã, que tu tanto zelas, a esmola que me recusas? Que culpa tenho eu de que tua irmã se affeiçoasse, a mim, como ao melhor dos irmãos e dos amigos? Pois não comprehendes que a adoro com a amizade mais fraternal e que para ti reservo os encantos d'uma paixão de noivo egoista, enlevado nos teus encantos de mulher? Deborah, minha querida Deborah! não sabes, desgraçada, que eu leio no teu coração, e que não podes occultar o affecto que me confessarias, se não fôra a desgraça que te feriu? Não queres dar-me a esmola do teu amor e queres que tua irmã mendigue o que eu para ti reservo desde o dia primeiro em que te vi sorrir, e, o que é mais puro e sincero, desde aquelle em que te vi chorar?

— Pedro, tem dó de nós ambas...

— Deborah, és uma senhora; deves comprehender a tua situação e a minha. Eu não quero que me pertenças, se, por acaso, ou outra razão, me não amas... Se não me julgas capaz de te fazer feliz; se nada te move a alliar o teu ao meu futuro; se não queres ser minha companheira nas alegrias e tristezas da vida, dize-m'o, com franqueza... Partirei em breve em busca do esquecimento, e continuarei, longe ou perto, a ser o teu protector e amigo. O meu amor não é a invocação d'um direito; é uma consequencia fatal da nossa convivencia e dos thesouros preciosos da tua alma.

— Pedro, estás affligindo-me... bem o sabes.

— Que sei eu? Sarah affirmou-me, como já o teu olhar e o teu carinho me tinham affirmado, que tu me vias em sonhos, te alvoroçavas com a minha presença, guardavas as minhas dadivas pobrissimas, choravas por mim d'amor e ciume... Se eu te não amasse muito, se tudo isso não fôsse o reflexo natural das tempestades do meu coração, eu não acreditaria na

revelação generosa de Sarah, e deixar-te-hia no silencio do teu orgulho; mas não, Deborah, o que tens sentido e soffrido sinto e soffro eu! Sonhas commigo? Que admira isso? Se eu a essa hora é por ti que vélo, mais como mãe desvelada, que como namorado feliz! Tu vês-me quando dormes? Pois eu adormeço e desperto pronunciando o teu nome, como nas preces mais intimas se invoca a mãe de Deus! Alegras-te quando chego? E' tudo reflexo do prazer còm que te avisto. Longe de ti, eu vejo-te sempre — até na luz das estrellas e nas flôres dos jardins. Tu esperas-me e eu procuro-te; tu vês-me e eu adivinho-te... Julgas viver porque eu te salvei, e eu sei que vivo porque tu existes.

— Pedro, se tu me adivinhasses! Eu queria responder-te, mas não sei. As tuas palavras são um canto, que me encanta, mas eù não tenho voz!... Vejo o teu olhar, e não me atrevo a fitar-te. Ouço-te, e não sei que diga...

— Mas cala-te, e olha-me, disse Pedro, erguendo-lhe o rosto, como se faz a uma creança para se lhe vêr a côr dos olhos: cala-te, e escuta-me, que o teu silencio me basta para que eu saiba que me comprehendes. Deborah, tu amas-me, e tanto como eu te amo. Para que nos havemos de enganar? Por acaso podes tu, boa amiga, substituir os teus sonhos, desviar os teus olhos, apagar as tuas saudades, esquecer o meu nome? Que culpa tens d'isso, Deborah? Que culpa tenho eu? Se és formosa, e se és boa, como poderás transformar-te? Quem nos approximou, depois de tantas desgraças nos separarem?... Não vês o destino, com a sua mão de ferro, a inclinar para o meu o teu olhar, a estreitar nas minhas as tuas mãos? Vê se podes fugir-me, ainda que eu te solte! Vamos, Deborah — fecha os olhos para me não veres, retira as tuas mãos de entre as minhas, tapa os ouvidos para me não escutares... Anda, foge-me, deixa-me, condemna-me!... Tu, que adoras a minha alegria, entristece-me; tu que me espreitas, apaga a minha imagem; tu, que me escutas, emmudece os meus labios! Que me importa que te cales, se falam por ti a luz de teus olhos, a côr do teu rosto, o embaraço da tua voz! Quem te pede que me confesses o teu amor, se tu consentes que eu te adore? Eu sei quanto pensas, quanto calas e quanto dizes! Não sabes responder-me? Melhor, que está n'isso a prova da tua innocencia e do teu amor. Perguntei-te se me amavas, e não me respondeste. Pois bem; não pergunto — affirmo — Deborah, eu amo te, e quero-te... Vês, nem um protesto; baixaste os olhos e soltaste um sorriso por entre a tristeza que te envolve... Sabes o que isso significa? Que te agradou o écho da minha voz e a essencia da minha confissão. Tu tambem me amas, Deborah, e a prova não está no que me dizes, mas no que não podes negar. O amor só reflecte em almas amorosas... Vês como trocamos a imagem do nosso amor? Se eu te beijar

as mãos, não as retiras, se eu te enxugar os olhos, não os afastas, se eu te affagar a trança, não te assustas... Sabes por que? disse Pedro, fazendo quanto dizia, porque o teu espirito se identificou com o meu, e porque o verdadeiro amor, se tem o extasi mysterioso dos sentidos, é na mocidade que alvorece tão casto e tão religioso como o amor das creanças!...

— Pedro, fala ainda, que nunca senti, desde que a desgraça me visitou, momentos tão felizes, sonhos tão dourados!...

— Olha, minha Deborah, a felicidade é como a bonança, que tanto mais bella nos parece quanto mais terrivel foi o vendaval. No canto da nossa casa, com o confôrto que hei de adquirir com o meu trabalho, ao lado um do outro, veremos, dia a dia, ir subindo e brilhando, por entre a neblina da noite do nosso passado de desventuras, o matiz da nova aurora...

— E Sarah, Pedro, e Sarah?

— Sarah ama-nos muito, para que não seja feliz vendo-nos sorrir. A sua alma, que desabrocha, tem ainda grande resistencia para as luctas do coração.

— Deste-me ánimo, meu amigo, para que lembre aquella miseravel aventura da minha vida, que será eternamente a nuvem negra a passar no céo da nossa felicidade... Quizeste ler no meu coração, e venceste... Não ha dúvida — eu amo-te, Pedro, com um d'estes amores com que se vive, e de que se morre — E tu és digno d'elle; pagas-lhe tão leal e generosamente que elle, envergonhado, se retrae e foge... Uma d'estas noites consultei a memoria de meu pae sobre a minha situação á face do teu sacrificio...

— E teu pae disse-te?...

— Que não o acceitasse; as sombras do meu passado fazem o eclipse do nosso futuro...

— Nada me lembra já, Deborah; vi erguer-se, á luz dos archotes, o cadafalso em Evora... No dia em que n'elle fôr executada a justiça d'el-rei, tu serás minha...

— Estará a vingança concluida, mas a reparação perante o mundo, Pedro, quem poderá offerecer-m'a!

— O mundo exigil-a-ha de mim, e eu hei de offerecel-a ao mundo!

— E deverei eu consentir? Perdôa-me este orgulho, meu dedicado irmão, mas não acceito.

— E' irrevogavel esse teu proposito?

— E'.

— Pois bem, minha noiva orgulhosa, vou dar-te uma licção de humildade. Deborah — a minha vida está nas tuas mãos. Ou consentes em ser minha mulher, ou eu sou entregue ás justiças d'el-rei.

— Que crime commetteste, que possa salvar-te o meu amor?

— O crime do Aragonez.

Deborah estremeceu.

— Que queres dizer?

— Pouco e o bastante — quem te victimou n'aquella noite que enlucta a tua mocidade e sacrifica o teu amor, não foi um bandido que te roubou, fui eu, que te amava. Denunciou o hespanhol a minha culpa, e confessei-a eu!

— Não sei o que estou ouvindo, Pedro; explica-me esse mysterio. É's tu o accusado de tal infamia?

— Sim, sou eu; o frade desce ao inferno isento d'essa mácula, e eu subo ao céo do teu amor para remediar o meu damno.

— Mas eu nego, desminto tal aleive contra a tua honra, meu honesto defensor.

— Prevalecerá a minha confissão perante a justiça e o meu arrependimento perante a minha victima. Deborah, estou nas tuas mãos — ou me salvas accusando-me, ou me perdes defendendo-me!

Zaira appareceu.

— Sr. Pedro — este recado é para vós. Quem o trouxe disse-me que vos esperava.

Pedro leu em voz alta:

«Sr. Pedro Soares

«Ordens vindas de Evora reclamam a vossa prisão. Sois accusado, e até já o confessastes, de terdes commettido o crime que se attribuia ao frade Aragonez, na pessoa de Deborah. Poupo-vos a vergonha d'uma condução entre gente do meu mestér. Vinde apresentar-vos, que os aguazis vos vigiarão a distancia.

Ayres da Silva.»

— Vês, Deborah? disse Pedro ao acabar a leitura. A minha liberdade e a minha vida estão na tua mão! Queres, em troca da reparação que offereço á tua honra, dar-me a liberdade e a vida?

— Oh! meu adoravel algoz! disse Deborah, lançando-se ao pescoço de Pedro, como eu te adoro!

— Bem, disse Pedro, vou agradecer a indulgencia de Ayres da Silva, e ficar á disposição d'elle. Tu, Deborah, farás companhia a minha mãe, e se eu não voltar, em virtude de qualquer disposição da justiça, dir-lhe-has que o meu crime está dependente do teu perdão.

— E não te arreceias de qualquer intriga dos teus inimigos?

— Não. Conto com Antonio Carneiro, a quem deverei falar com toda a urgencia.

— E eu deverei esperar as novas que me enviares?

— Sim. Preciso tambem prevenir-te de que, independentemente da minha intervenção, é possivel que se descubra que foi Sarah, e não Deborah, a pessoa recolhida no mosteiro de Lorvão.

— Foi então Sarah occupar generosamente o meu logar? Oh! quèrida irmã, como eu te pago com ingratidão o teu sacrificio...

— Enganas-te. O acaso e a dedicação de Sarah auxiliaram os meus planos. Se fôres reclamada e houveres de partir, tua irmã estará a teu lado... Eu mais tarde rehaverei as duas... Dize-me, Deborah, não vês que vae a nascer o sol da tua alegria?

— Vejo, sim, mas ainda por entre as nuvens d'um passado triste...

— Que este beijo as dissipe, disse Pedro, beijando a sua noiva.

*

Pedro dirigiu-se á presença do regedor das justiças.

— Em cumprimento de vossas ordens, senhor, venho entregar-me á justiça do Desembargo, a quem, decerto, ides remetter-me.

— O dever do meu cargo impõe-me o sacrificio de vos interrogar.

— Responderei sem hesitação, e sem temor...

— Pedro Soares, sabeis que o Aragonez foi condemnado á morte, pelo garrote?

— Não sabia, mas não extranho.

— Provado que fôsse o crime da arrifana, praticado contra Deborah, essa pena seria aggravada com o fogo *ante-mortem*.

— Fez-se justiça...

— O Aragonez, porém, jurou, não só estar innocente d'essa culpa, mas ainda que ella devia ser imputada a Pedro Soares.

— E' certo, disse Pedro serenamente.

— Surprehendeu-me a accusação, por vos não julgar merecedor d'ella, mas ainda mais a vossa espontanea confissão. Sou homem da justiça, mas tambem sou homem do mundo... Pedro Soares, é minha opinião que mentistes á justiça.

— Infelizmente não mereço o conceito que de mim fazeis... Deveis lembrar-vos de que raptei Deborah e a tenho retida em minha casa...

— Contra a vontade d'ella?

— Ella vos responderá, quando fôr interrogada. Mas, senhor, onde vêdes um mysterio?

— Em acceitardes as responsabilidades d'um crime...

— Sois homem fino e de boas vistas. Se pensardes um pouco, deveis comprehender, que essa responsabilidade, que acceito, perde a gravidade que pesava sobre a cabeça do frade...

— A violencia é sempre punivel...

— Quando provada, sr. regedor; só Deborah pode fornecer essa prova. Se ella affirmar que exerci uma violencia...

— Violencia ou seducção; sabeis que uma orphã é sempre filha do Desembargo d'el-rei.

— Sei, e é por isso mesmo que eu vos peço, senhor, já que estou impedido de o fazer, que peçaes a el-rei licença para eu desposar Deborah...

— E se ella recusar?

— Amamo-nos, senhor, e para realisar o nosso sonho de ventura, ella dirá o que necessario fôr, e eu confessarei quantos crimes me aprouver.

— Sois ladino e arteiro, Pedro Soares, e reconheço a honestidade do vosso proposito... Quereis afastar para sempre da vida da vossa noiva o nome sinistro do Aragonez? Pois seja. Sabeis que tendes amigos?

— Diz-me a consciencia que deveria tel-os, mas não os conto...

— Pois ficae sabendo que o conceito que de vós faço vem das boas ausencias que vos faz o padre Ignacio, de S. Domingos. Conheceis-lo bem, não é assim?

— Muito pouco, senhor; não esqueço, porém, que eu e os meus lhe devemos a vida.

— Consentireis, portanto, que elle vos apresente ao secretario d'el-rei?

— Sem dúvida — Deborah não me pertence e preciso de obter a graça real.

— Ha apenas um embaraço...

— E não podereis removel-o?

— Sabeis que estaes sob a minha guarda, e que só muito condicionalmente poderia restituir-vos á liberdade...

— Farei o que me indicardes.

— Daes-me a vossa palavra de homem de bem de que comparecereis na minha presença sempre que eu vos reclame?

— Juro-o, pela minha honra.

— Prometteis mais — que não perturbareis o espirito de Deborah, que eu fiz recolher ao mosteiro de Lorvão, até que el-rei vos perdôe o que não fizeste e vos conceda o que lhe ides pedir.

— Juro o, pela liberdade que me offereceis.

— Está dicto, dae-me a vossa mão, estaes livre.

E Pedro apertou commovido a mão de Ayres da Silva.

— Podeis retirar-vos, tendo o cuidado de não demorar a primeira prova da lealdade promettida.

— Assim será; vou dar-vol-a.

— Já?

— N'este momento.

— Não exijo tanto.

— Senhor — deixastes de cumprir um dever do vosso cargo.

— Como assim?

— Recebestes ordem para recolher Deborah... Vós o dissestes.

— Sem dúvida, e isso fiz.

— Enganaes-vos. Deborah está em minha casa, e ha uma hora apenas lhe falava eu do meu amor.

— Mas, então, houve quem desobedecesse ás minhas ordens, ou quem lograsse os meus agentes?

— Descançae, senhor, os vossos agentes não tiveram culpa, e quem vos logrou obedeceu ao mais generoso impulso.

— Contae-me isso, e depressa, que urge reparar a falta.

— Sarah, para salvar sua irmã d'uma pena que antevia, tomou o logar d'ella, e vós a enviastes para o mosteiro.

— Não tenho remedio senão o de canonisar todos os criminosos da vossa casa. E' certo, porém, que Sarah comprometteu a minha reputação de magistrado...

— Pelo contrário; se não fôsse ella, terieis commettido um êrro grave.

— Vejamos.

— Deborah está á vossa disposição. Respondo por ella... Entregar-vol-a-hei logo que a reclamardes. A tutela d'el-rei, tratando-se das filhas de Lopo, não pode limitar-se á mais velha. De bom aviso seria resguardar as duas...

— Tendes razão, Pedro Soares; o lògro deu ensejo de corrigir uma distracção do Desembargo. Ides, então, entregar-me Deborah?

— Quando vos aprouver.

— O mais tarde possivel.

— E' muito vago...

— Depois da execução do Aragonez...

— Até julho? será muito.

— Concordo... até que obtenha o meu perdão e a licença d'el-rei.

— Defiro o vosso pedido. Deveis notar, Pedro Soares, que, em pouco tempo, invertemos as nossas posições.

— Se me excedi...

— Quero dizer que começastes por ser meu captivo e acabastes por me prender...

— N'esse caso, senhor, não serei tão generoso como vós — não vos concedo a menor homenagem, e hei de, com o meu reconhecimento e brio, prender-vos mais á minha estima e ao meu respeito.

E Pedro cortejou e sahiu.

Mal transpoz o limiar da porta, appareceu junto de Ayres da Silva o padre Ignacio.

— Então? disse o recemvindo.

— Achastes o vosso homem, meu padre! Tendes dedo para a escolha. Agora é leval-o á Alcáçova e approximal-o d'el-rei.

— E depois virão os ciumes de Antonio Carneiro. .

— El-rei não gosta d'isso, e ha de impacientar-se.

— Melhor para o reino; os validos perpetuos servem apenas para despovoar Portugal em beneficio do Oriente e da Africa, com sacrificio de Roma.

— Ides, pois, fazel-o cavalleiro?

— Gloria e proveito: terá valimento e riqueza.

— E fé?

— Isso vem depois...

VI

O Mosteiro de Lorvão

Lorvão é uma povoação tamaninha, como se dizia no principio do seculo XVI. Muito pequena, muito alegre e muito asseada, nas proximidades de Penacova. O solo, tortuoso e accidentado, ostenta montes e valles quasi sempre verdejantes, graças ás aguas da ribeira que a atravessa com as suas margens orladas de juncos, que se debruçam, e de choupaes, que agitam a grande ramaria.

Se, no fim do seculo XVIII, Lorvão contava menos de quatrocentos fogos, calcule-se quantas cabanas então lhe interrompiam o matiz! Duas dezenas, talvez uma, ou menos, de casinhas dispersas nos montes e valles. Mas todas muito brancas, que a alvura é tradição secular em terras portuguezas. Caminhos feitos pelo pé do viandante, estradas da largura de duas pessoas de braço dado, abrindo clareira sobre as hervas, por entre brejos e matagaes. De distancia a distancia, a grandes espaços, muros de pedra sôlta a dividir as arrifanas, e debruçando-se d'elles, com ramadas cheias de fructo, alguns pomares de espinho e de caroço. Pelas vertentes da serra, fitas de clareira, em degráus, abrindo faceis caminhos ás cabras e aos chibos, e em baixo trincheiras de silvados dispostas naturalmente para amparar na queda o gado mais saltão, ou menos firme.

Aqui e alli, moitas de arbustos enlaçados, com os seus pomos silvestres, ou verdes ou vermelhos, doces ou amargos, a servirem de viveiro á passarinhada mais ladina, que chilreia ao nascer e ao pôr do sol... Na margem da ribeira, quasi a deixar que as aguas que descem dos montes lhe beijem os pés de cantaria negra e musgosa, ergue-se o tradicional mosteiro, que tinha sido guarida da ordem de S. Bento, e que então abrigava as monjas, que se tinham apaixonado pela lenda mystica de Thereza, a filha de D. Sancho, e irmã de D. Sancho e de D. Mafalda, todas tres, beatificadas pela côrte de Roma.

Já no seculo XVI o mosteiro de Lorvão affirmava a sua velhice, por-

que, na opinião de Leitão Ferreira, ella já então se justificava com dez seculos passados, depois da nomeação do primeiro abbade.

O musgo, que lhe trepa pela pedraria escura, não discute opiniões de archeologos, mas imprime-lhe caracter vetusto, que fala dos alanos, que por alli andaram, depois da conquista de Coimbra, a prender frades ao arado mais grosseiro para converter em almargens os terrenos mais incultos.

Cada escriptor lhe assigna, nas certidões da edade, uma data differente. Frei Bernardo de Brito, por exemplo, affirma ter lido, nos documentos do archivo do mosteiro, notas que o dão coevo de S. Bento: *Domus nostra lurbani constructa fuit virente pater nostro Benedicto.*

Outro conta que no seculo VIII um rei mouro de Coimbra isentara de imposto aquelle convento. Tambem se diz que Fernando I de Castella, nos frades do convento, encontrara apoio material por occasião do cêrco feito aos mouros.

Seja como fôr, na época da nossa narrativa, o mosteiro debruçava-se sobre as aguas da ribeira e abrigava nas suas muralhas, já envelhecidas, mais de cem mulheres, na sua maior parte donas das familias mais gradas, dirigidas pela célebre abbadessa D. Philippa d'Eça, que de si deixou, na historia dos mosteiros e do paiz, fama triste da sua moral e dos costumes monasticos portuguezes.

Já então n'aquelle vasto monumento se guardavam as mais preciosas riquezas, e lá dentro tal culto se prestava aos prazeres, e até aos vicios, que não faltavam queixas ao Santo Padre contra os desconcertos da ordem.

Era o logar dos mais apropriados aos idyllios mundanos, que os frades de S. Bento, no meio das suas riquezas, tão licenciosamente gosavam, e que as monjas, que alli entraram por solicitações de D. Thereza, continuaram e aprimoraram, como indicio de que não havia ainda os processos de desinfecção capazes de destruir todos os contagios.

Tinha o mosteiro as duas adufas gradeadas nas muralhas sombrias, mas lá dentro esplendia de luz e riquezas, como no melhor dos alcaceres da côrte.

Era aquelle o espirito da época, da grande época das glorias de Portugal, em que a nossa bandeira andou ovante em terras longinquas, e enfraquecida e intolerante a moral publica, e desmoralisada a industria religiosa.

Até dizem, escriptores dos mais eruditos, que o mosteiro de Lorvão chegou a estar povoado das filhas das monjas, novas e formosas, que n'elle ganhavam o premio das suas aventuras.

E' bom que tudo se saiba, e saber-se o que, sob o manto da mais habilidosa hypocrisia, se passou nos aureos tempos da fé religiosa, n'esses centros em que o amor dos homens prevalecia ao amor de Deus, edifica o nosso espirito e explica as arrojadas heresias.

Lorvão estava no seu auge de influencia e de celebridade.

Em cavalgadas vistosas vinham de Coimbra fidalgos e cavalleiros em busca de seus amores, e, se alguns se contentavam em passear nas margens da ribeira oppostas ao convento, para verem, por entre as grades do mosteiro, as damas dos seus sonhos, outros, mais ricos e felizes, logravam chegar, á hora da noite, á rótula do parlatorio, e passar depois, em galanteios e subtilezas, para as cellas das monjas amorosas.

Lorvão era uma formosa estancia, em que a fé e o amor tinham erguido o seu templo dentro das feias muralhas que os seculos escureceram.

De pagens enamorados, de cavalleiros ciumentos, de damas esquivas, de consortes infieis e barregãs sem pudor, se coalhava o velho mosteiro, forjando as anecdotas e as intrigas que enchiam os serões das lareiras e das salas mais ruidosas e fidalgas.

A' noite, quando Lorvão se envolvia no seu manto de trevas, as adufas do mosteiro scintillavam como castello encantado das velhas lendas allemãs, e os menestreis affeitos a soláus da côrte, e os tangedores doloridos enchiam a ribeira e as encostas da poesia mais sensual e da musica mais dolente.

Então as monjas povoavam arcadas de laçarias e torres ameiadas, com archotes ou lanternas, se não com as velas e tochas do culto religioso, e respondiam, lá de cima, com vozes frescas, em psalmos e jaculatorias...

Abriam-se então os largos portaes do mosteiro e n'elles, emquanto as vozes iam emmudecendo e as luzes fugindo, se escoavam, tilintando esporas ou espadins, a flôr da mocidade, ousada e galante.

Em noites de luar não era inferior o espectaculo no valle e nos montes de Lorvão. No fundo azul do firmamento se desenhava, nas suas linhas vigorosas, a architectura d'aquelle palacio lendario, e por entre o arvoredo se escoavam embuçados de figura gentil, imitando com a voz o canto das aves nocturnas, para avisarem a sua chegada.

Até não era raro, e no tempo de D. João III chegou a ser vulgar, que junto das moitas mais densas da cêrca do mosteiro, ao reflexo da lua ou das estrellas, passeassem, como phantasmas, ao lado de guerreiros bem equipados, monjas de figuras airosas e de passo leve!...

Quantas vezes, á hora do culto, emquanto na grande nave soava a triste melodia d'um *miserere,* pela adufa illuminada d'uma cella distante sahiam canticos mundanos cheios de meiguice e requebros! Motetes e vil-

lancetes d'uma poesia alegre e fresca, e que tinham sido compostos nos serões do mosteiro, faziam a volta do paiz e desciam aos labios populares, com a recommendação do olympo de Lorvão, e o nome da monja que os inspirara! Danças requebradas, importadas de Castella, vinham de Coimbra a Lorvão, e da ribeira ao mosteiro, com tanta frequencia, que já pelas abobadas sombrias andavam de mistura vozes de cantochão e estalar de castanholas.

Nas festas do orago, que n'esse tempo talvez já fôsse Nossa Senhora da Expectação, ouvia-se, pela noite alta, os repiques e as rezas, que rematavam ao nascer da aurora com os minuetes primitivos, cheios de mesuras, entre habitos e gibões, ou com danças campezinas de donzellas da terra, cingidas pela cintura, na vasta sacristia, ou nos corredores das cellas, ou no salão da abbadessa!

Nas festas de noviciado ou de profissão, depois das cerimonias da egreja, quantas vezes se extendia, sob a abobada do cruzeiro, a vasta mesa d'uma eucharistia profana, onde fulguravam os crystaes, e as luzes mostravam mulheres reclinadas nos braços de frades e clerigos, de cavalleiros e peões, que libavam á gloria de Deus e ás conquistas do amor!

E, emquanto as monjas, os frades e os fidalgos assim realisavam, aos olhos uns dos outros, as suas alegres saturnaes, pelos recantos escuros estalavam, como gorgeios de passaros, risos foliões e beijos apaixonados. E, n'uma ou n'outra cella, em secreto convivio, qualquer famulo do mosteiro, saboreando os doces da propria fabrica, bebia pela mesma taça da monja sua parceira.

Ao portal da entrada e no terraço do campanario, guardiões industriados no mestér de alcaiotes olhavam nos montes e no valle, como atalaias vigilantes, a approximação dos inimigos...

Andavam os livros de missa com as folhas prenhes de apaixonadas cartas d'amor, e as flôres dos amantes refrescavam os pés nos jarrões dos altares!

N'um momento, se qualquer auctoridade ecclesiastica surgia para fazer devassas, ou respeitar preceitos convencionaes de fiscalisação, tudo se compunha e ageitava em tanto recolhimento e piedade, que nada mais se via que monjas resignadas...

Entretanto por falsas portas, e em maravilhosos esconderijos, se sumiam, por arte magica, clerigos e donzeis!

Era alli que estava, á sombra da Egreja, o ninho mais fecundo da desmoralisação dos costumes.

Estava no auge da desmoralisação, no principio do seculo XVI, aquelle mosteiro, que tinha caminho de santidade e coio de hypocrisia.

As santas rainhas dormiam nos seus tumulos, ainda sem a beatificação de Roma, mas já com grande rol de milagres entre as monjas vivas, mais graves e piedosas.

Estava ainda longe a obra de Catharina da Silveira unindo os dois sarcophagos, de Thereza e Sancha, no altar da capella de Nossa Senhora do Rosario, mas já a phantasia mystica, ou as allucinações beatas, viam provas de santidade no aroma que sahia pelas fisgas d'essas urnas, onde as mumias estavam talvez aspergidas de sagradas essencias.

Mais de vinte annos eram já passados depois que a dynastia das Eças dirigia a communidade por vontade da corôa e sancção da Rota, e que as poderosas abbadessas corrompiam, com o seu religioso harem, a gente da justiça e os vigarios fiscaes.

Foi já n'esse tempo, que a poesia e o romantismo iam invadindo os espiritos femininos: e a arte de enganar os ingenuos reunia, n'uma cumplicidade discreta, peccadores de diversa natureza.

Adorava-se em extasi o olhar de Deus, mas fazia-se de preferencia versos ao Sol e á Lua, e este culto nascente pela obra da creação, levava as poeticas monjas a preferir o dormitorio nas cabanas dispersas pela cêrca, ao que a regra da ordem lhes determinava entre as grossas paredes das suas cellas.

Eram centros de conversação alegre e amorosa as crastas dos capitulos, o que não impedia que se rezasse, com tanta fé, quanto ruido, nas capellas interiores, de celebrados thaumaturgos.

Estava a eclipsar-se o abbadessado de Margarida, e já a substituia de facto, com promettedora vivacidade, a célebre Philippa, que alli soltara o primeiro vagido, que o écho das abobadas tinha repetido, já habituado ao gemer das parturientes e ao vagir dos recem-nascidos.

Parece que exaggeramos o colorido da descripção que estamos fazendo, e que mais obedecemos á suggestão de um partidarismo faccioso, que ao respeito pela informação provada da historia...

Não proseguiremos, pois, sem que tenhamos liquidado este ponto, em que ao romancista é permittido phantasiar com logica, mas nunca deduzir falsa e deslealmente.

Alexandre Herculano, que foi um inimigo de frades e freiras, como Almeida Garrett, escreveu:

«A historia de Lorvão e da sua abbadessa D. Philippa d'Eça é um dos quadros mais caracteristicos d'aquella época. Lorvão contava cento e setenta freiras, entre professas, noviças e conversas. A familia d'Eça preponderava alli.

Das freiras, então actuaes, uma parte nascera no mosteiro. Suas mães,

não só não se envergonhavam de as crear no claustro, e para o claustro, mas ahi mantinham tambem seus filhos, do sexo masculino.»

Isto era já bastante, dada a gravidade dos factos narrados e a auctoridade do narrador... Pois, será ainda o solitario de Valle de Lobos, que nos animará a descrever com tons carregados as scenas do prostibulo:

«Entre diversas peripecias, a mais singular foi o serem certa vez encontradas D. Philippa e outra freira em casa de um clerigo de Coimbra, escondidas com a sua amante ordinaria, que a justiça buscava.

«A penna recusa-se a descrever o estado em que todas tres foram achadas.

«Taes eram as devassidões e os escandalos de que vamos encontrar memoria nos mais insuspeitos documentos.»

O grande escriptor, de cuja probidade litteraria ninguem pode duvidar, assim refere o que eram os conventos n'esse periodo em que a maldade dos reis, a perfidia dos cortezãos e o fanatismo dos imbecis impunham a fé catholica, a ferro e fogo, e só procuravam, com tão preciosos materiaes, instituir e erguer o tribunal da Inquisição!

N'um livro recente de Lino d'Assumpção, que conscienciosamente revolveu esses preciosos documentos a que se refere Herculano, e, que ainda d'outros dá curiosa noticia, lê-se este interessante apontamento:

«A familia d'Eça tinha reduzido o mosteiro de Lorvão a casa de procreação de bastardos das monjas d'aquella familia — bastardas ellas proprias e outras legitimas — e a sustento e recolhimento da magna prole legitima e illegitima d'aquella já então numerosa e antiquissima familia, onde de paes a filhos, de mães a filhas, passava em legado a mais completa ausencia de senso moral. Familia, completamente bestial, e vivendo quasi unicamente pela instigação dos instinctos.»

Mas ha mais; e, quem tem documentos da época de que se trata, pode encontrar n'elles, mais pura e mais fresca a verdade que procure.

Por tal forma a desmoralisação monastica se desenvolveu no tempo de D. Manuel, que D. João III, para corrigir tardiamente os desmandos, sempre impunes, teve de sustentar com o poder das abbadessas, ou melhor, com o da nobreza de Portugal e a côrte de Roma, que as defendiam, demandas e solicitações, nem sempre coroadas de bom exito.

N'uma d'essas solicitações, encarregava el-rei o doutor Balthazar de Faria de explicar a Sua Santidade:

«... Que n'este reino de Portugal, no bispado de Coimbra, está um mosteiro de monjas da ordem de *Cistér*, o qual é muito antigo e fundado e dotado pelos reis d'estes reinos, meus antecessores, e casa de maior renda, que n'elles ha de mulheres, que vale a renda d'ella de quatro mil

cruzados (?) para cima, e valeria muito mais se as propriedades, quintas e granjas d'ella se não alienaram e emprazaram pelas abbadessas que pelo tempo foram; e que ha na dita casa cento e sessenta mulheres entre professas, noviças e conversas, e ha sessenta ainda e mais annos (este documento é de 1543) que n'ella são abbadessas mulheres da linhagem dos de Eça, em modo que grande parte das monjas da dita casa são da dita linhagem, que já nasceram na dita casa.

«E do dito tempo para cá no dito mosteiro não se guardou a religião e observancia d'ella em nenhum dos votos substanciaes, como pela regra e constituições da ordem se devera fazer, antes na dita casa se viveu muito tempo mui dissolutamente, e muitas monjas d'ellas... e... (adivinha-se) e teem filhos e filhas; e isto é muito notorio no reino, e causa de muita infamia da religião e escandalo do povo.»

Abonados com taes testemunhos que procedem de documentos vivos e auctorisados pareceres, não teremos receio de calumniar a reputação do velho mosteiro laurbanense, descrevendo as scenas que deviam entristecer a face de Jesus, se não houvesse o cuidado de lhe cerrar os olhos sobre a cruz dos altares.

Melhor procederemos dando crédito e fôrça á Historia, por mais que ella prejudique as mentiras dos reaccionarios, que por devaneios de poeta, ou fraqueza de leitura, deixemos a nossa e futuras gerações ignorantes ou illudidas.

De ter beneficiado com encantos e virtudes, que ella nunca teve e que os livros não rezam, se arrependeu talvez o nosso Garrett, ao escrever a sua *D. Branca*.

A infanta D. Branca, filha de Affonso III e da rainha D. Brites, foi durante dezesete annos abbadessa de Lorvão, e apesar de ter tido a missão abbacial no seculo XIII, não deixou de concorrer para a fama desdoirante do escandaloso convento... Foi-lhe juiz benevolo o escriptor portuguez, mas na edição de 1850 teve Garrett abalos de consciencia, e escreveu prefaciando o formoso poema:

«... tão recatado, o pobre (o romance), que até da infanta D. Branca, uma das mais despejadas leoas do seu tempo — fez a donzella timida e sem malicia que ahi pintei, mentindo bem descaradamente á Historia.»

Pois, apesar da generosidade de Garrett, cahiram-lhe em cima os cardeaes da egreja romana, por elle não ter respeitado a fama da senhora infanta.

Não queremos a ingratidão para a nossa benevolencia; venha antes o protesto, ou revolta, contra a nossa imparcialidade...

É necessario revelar, apontando-os a dedo, os prostibulos monasticos

que fizeram a gloria dos tempos beatos e fradescos. Andava em tão grande esphera a ignorancia do nosso povo, que a respeito de alcouces, com mulheres de cogula preta, véos de tafetá, longas estolas franjadas, ou calanticas em pregas, citava apenas o harem de D. João V, no formoso valle de Odivellas!

É muito pouco.

Para se avaliar melhor o que podem ser, ou vir a ser, ninhos de beatices e tonsuras, escondidos em todas as pregas e rugas da sociedade actual, é bom perguntar á Historia o que foi isso em seculos que já lá vão...

Entrámos em Lorvão pelo alto da serra, passeámos de dia e ao luar pelas margens da ribeira, admirámos as linhas do mosteiro desde a agulha do zimborio até os degráus do seu portal!...

Tantas vezes vimos abrir aquella porta para dar entrada e sahida a vultos tão extranhos e romanescos, que sentimos tentações de entrar.

Vá feito! Entremos.

Pela porta da egreja, ou pela do mosteiro?

Não é facil escolher, que muitas outras portas existem, mais ou menos encobertas e disfarçadas, desde o muro da fachada, até a brecha da cêrca, no desfiladeiro da serra. Se fôr necessario subiremos á torre, ou, suspensos dos ramos das arvores, nos balouçaremos até cahir sobre os milharaes, que são bom leito para quedas arrojadas.

Se quizessemos, ensaiariamos um vôo sereno e altaneiro; mas não é necessario... Até de rastros pelas frinchas das soleiras, ou trepando pela corda dos sinos, ou principalmente nas azas do amor, alli se entra á vontade, de dia e de noite, comtanto que não nos esqueçamos de guardar no cinto do gibão, ou pendurar no telim da espada, a bolsa prenhe de *justos*, por causa dos preceitos benedictinos e da moral religiosa...

Alli tudo se compra, desde o caseiro, que dorme á entrada da cêrca, até a abbadessa, que tem os bellos aposentos na parte mais nobre do mosteiro. A rodeira já estabeleceu em Coimbra o amante, que é homem com dedo para o commercio; os sacristães emprestam, sobre joias e segredos, grossos capitaes ás monjas mais velhas e dengosas, que pagam o amor aos tunantes que as aturam, e até os cães, gordos, fortes, de pêlo luzidio, apprenderam a rosnar, a ladrar e a morder, conforme são tratados pelos pagens e fidalgos, que a deshoras tocam a sineta do portal, mettem gazuas á escadinha da torre, ou escalam o muro do lado do pomar!

Se não quizermos ser reconhecidos, nem pagar por alto preço condescendencias de servos, nem generosidades do canil, pediremos, n'uma canção graciosa, aos dois olhos que brilham como estrellas n'uma das frestas da muralha, um pouco de gasalho e carinho, e logo voará, pelo es-

paço, um habito negro de S. Bento, que vestiremos n'uma sombra da ribeira e deante do qual se abrirão portas, corredores e cellas confortaveis!

Um pouco de mocidade, audacia que chegue, duas phrases galantes, duas *roltas* bem rimadas, uma espada agil e algumas moedas de ouro, abrem brechas indefensaveis n'aquella fortaleza do amor.

Se tivessemos tempo e pudessemos esperar alguns dos mais felizes visitantes d'aquella beatifica mansão, com elles entrariamos, gosando uma recepção brilhante. Por exemplo, Luiz da Silveira, muito conhecido na Alcáçova, e que já andava fazendo a côrte do pequeno principe D. João, o conde de Portalegre, o futuro mordomo-mór, ou, o novo estribeiro-mór, D. Pedro de Mascarenhas... Se esperassemos, veriamos como entravam, muito rebuçados em seus mantos, mas sem rebuço moral, D. Alvaro da Costa e o conde de Villa Nova, conselheiros de D. Manuel... E, uma vez ou outra, o escrivão da puridade D. Antonio de Noronha. que foi depois conde de Linhares.

Havia já algum tempo que não apparecia, em Lorvão, Simão da Silva, embaixador de Portugal junto dos reis africanos, mas ficara-lhe a prole, a honrar-lhe o nome e a diplomacia.

E, como não havia de entrar alli tanta gente da mais illustre do reino, se, como acabámos de lêr n'um estudo a que já nos referimos, os cargos da casa, e principalmente o abbadessado, tinham-se convertido em apanagio das familias que formavam partido e organisavam sequazes, e as quaes soccorriam com as rendas das communidades, punham e dispunham dos bens, viviam fora e dentro da clausura, em cohabitação de mancebia com fidalgos, clerigos, monges e até gente da baixa plebe...

A abbadessa D. Margarida d'Eça estava adeantada em edade, mas a joven D. Philippa fazia já admiravelmente as honras da casa, e recebia luxuosamente todas as suas elevadas relações. Se ella era aparentada com a melhor gente do reino!

As Eças vinham dos reis de Portugal — começaram em D. João, filho de Pedro I, e através de D. Constança, filha d'el-rei D. Henrique, e de D. Affonso d'Aragão, filho de D. João e irmão d'el-rei D. Fernando, de Castella, e por ahi abaixo, atravessando quarenta e dois filhos naturaes e legitimos de D. Fernando d'Eça, appareceram em Lorvão.

Tinham, pois, na sua ascendencia, reis de Castella e Portugal, um clerigo, D. Duarte, a abbadessa de Cellas, D. Brites, a abbadessa D. Catharina, no seu mosteiro, e uma freira de Santa Clara, D. Maria de Portugal, não contando com sua mãe D. Margarida, e o commendador de Panoias, e, entre irmãos e irmãs, bastardos como ella, havia muitos frades e freiras.

Riquezas lá dentro eram em abundancia. Basta dizer-se que o mosteiro tinha herdades, prazos, fóros, almoinhas, direitos de pescado e outros, em numero de quatrocentos e cincoenta, em diversas terras do reino!

Como alli se devia passar bem!

Era um estado, no estado! E isso se provou mais tarde, quando Philippa, dispondo dos auditores da Rota e da influencia papal, levou de vencida a perseguição de D. João III.

Por que não entramos?

Medo de sermos surprehendidos?

Alli só entra quem a abbadessa e as suas monjas querem. Lorvão tinha privilegios seculares, e o tempo os manteve e accrescentou. Nada tinha lá que fazer a jurisdicção episcopal. Coimbra não chegava a Lorvão, apesar de Lorvão pertencer ao bispado; o abbade geral d'Alcobaça gabava-se d'um simulacro de poder, que não se atrevia a usar; as freiras escolhiam livremente os seus confessores; alli só diziam missa os frades predilectos; os seus capellães não precisavam do bispo para administrar os sacramentos; Lorvão não pagava *colheitas* á passagem d'el-rei; a abbadessa era senhora do peixe do Mondego; o seu tabellião era official publico; os seus caseiros isentos de jugadas, fintas, talhas, etc., e até da albergagem. Até os servos tinham o direito de comprar nos mercados primeiramente que a nobreza e o povo! Quando os gados do mosteiro galgavam a fazenda alheia, não havia coimas a pagar! Um verdadeiro feudalismo religioso!

Um dia os tribunaes condemnaram uma forneira do sitio a cozer de graça o pão das santas monjas! Medo? vamos em muito boa companhia! Ainda que fôssemos criminosos! Cá fora é que estavamos em perigo... Abram-nos as freiras as portas, ou consigamos saltar lá para dentro, e a responsabilidade criminal fugirá de nós!

Havia pouco, D. João II, o grande inimigo dos fidalgos poderosos, mandara restituir ao mosteiro um frade que as justiças alli tinham ido prender!

Vigorava, com toda a energia, o couto para os homisiados.

O couto e o coito...

*

Estamos n'um dia de excepcional movimento dentro e fora do mosteiro. Repicaram os sinos desde a madrugada, e a egreja, aberta durante o dia, teve rezas e cantos, que chamaram os villões dos arredores. Ha flôres em bonda por todos os altares, e na capella-mór centenas de lumes.

Na pequena capella de Santa Margarida, tudo indica especial devoção

— os tumulos das rainhas santas estão cobertos de flôres artificiaes e verdura natural. Ha ainda na grande nave forte cheiro de incenso, e é pela porta do templo que se faz o fidalgo movimento do mosteiro.

A tarde vae a fazer escorregar as sombras pelo declive da serra, e em todas as direcções descem camponezes aos bandos, trazendo bandejas cobertas de linho alvissimo; as raparigas sobraçam ramos de flôres dos campos, e algumas regaçam, n'uma dobra do manto, um punhado de espigas de trigo, ou louras massarocas de milho, já esfolhadas. Outras, de braço arqueado e mão na cintura, sustentam na cabeça taboleiros de pães doces, de folares bem cozidos, ou de arrufadas, em grandes volutas espalmadas. Um bando de creanças conduzem uma ovelha, de vistoso collar, com a lã muito penteada e presos n'ella muitos lacinhos multicôres...

Arrastam-se, pelas margens da ribeira, até a porta do mosteiro, mendigos aleijados e andrajosos. Entram e sáem frades benedictinos, e ouve-se ao longe o ruido de cavallos que se approximam.

São os rapazes mais ricos de Cercosa e Marmeleira, de Friunes, Travanca, Penacova e Poiares, e outros pontos dos arredores, que veem a cumprimentar a abbadessa de Lorvão no dia dos seus annos. Não faltam tambem os de Coimbra, e os rendeiros das herdades e granjas do districto, tributarios da communidade. Não deixam de vir em alforges, que carregam uma récua d'Arouca, caixões de docerias e licores.

O primeiro cavalleiro que chegou á porta da egreja foi immediatamente acolhido por um creado, que o saudou respeitosamente.

— Vindes muito cedo, sr. Jacob Adibe. Ainda é grande o afan no mosteiro por causa da gente do campo, que vem com suas dadivas.

— Venho prevenir a senhora abbadessa de que esta noite não poderei fazer-lhe companhia ao serão. Dir-lhe-has que preciso de partir antes da madrugada, para muito longe de Lorvão. Vim por vel-a e felicital-a.

— Nada quereis para D. Philippa?

— Que lhe deixei recados do guapo moço Pedro de Mascarenhas.

— Não vem D. Pedro!

— Não; deve estar em Setubal acalentando o joven principe...

— Não sabeis uma novidade?

— Dize.

— Entrou hoje no noviciado uma formosa rapariga vinda de Lisboa, com recommendação do Desembargo...

— Rapto de donzella, ou castigo de adultera?

— Parece que nem uma, nem outra coisa. Ouvi apenas falar em abandono por desapparecimento da familia, no dia da matança.

— E' então uma christã-nova?! Pobre victima! Trazem-n'a para aqui,

Ainda Jacob não tinha desapparecido e já outros cavalleiros se apeavam

em nome da tutela! Melhor fôra que a levassem á fogueira; o fogo purifica e isto corrompe, e não mata... E' formosa?

— Como os anjos! Por isso vae por cá um inferno de ciumes.

— Já a viu o morgado de Travanca?

— Deve vel-a hoje.

— Olha, Rodrigo, mudei de proposito: dize á senhora abbadessa que eu volto esta noite.

Ainda Jacob não tinha desapparecido e já outros cavalleiros se apeavam e eram immediatamente introduzidos. Os creados levavam á mão os cavallos para os estabulos da cêrca.

A noite cerrou-se, emfim, lançando em trevas toda a ribeira e toda a serra, e apenas brilhavam, á luz das tochas, que ardiam no portal do templo, os cintos dos cavalleiros e os jaezes dos cavallos.

Os moços mais distinctos entre a gente de guerra e os mais jovens e imberbes fidalgotes dos morgadios proximos, trajando as melhores galas, iam e vinham, como se em dia de tanta concorrencia quizessem apenas beijar, com fingida compostura, a mão da abbadessa, que dava recepção com modesta hypocrisia na sua cella, elegante e singella.

N'uma farta poltrona, forrada de seda, Margarida d'Eça, com o habito em rigor, e o sorriso affavel, allumiada por dois grandes candelabros de muitas luzes, extendia languidamente a mão alva e roliça a toda a gente da sua côrte mesclada.

A seu lado, em duas grandes alas, estavam as monjas mais graduadas, e, na parede do fundo, em attitude recolhida, as noviças e as conversas.

Philippa, aos pés da abbadessa, sentada n'um immenso e rico almofadão de altos lavores em setim, suspendia a mão de sua mãe e chegava-a aos labios dos cortezãos, que se vergavam, dizendo alguma phrase de elogio á mãe e á filha.

Os frades, clerigos e monges, vergavam o joelho até tocar o solo, e, ao beijarem a mão da abbadessa, demoravam um pouco a genuflexão.

Margarida agradecia com a gravidade d'um pontifice, abençoando clerigos e seculares, e aos mais intimos do mosteiro fazia um signal quasi imperceptivel, para que se agrupassem á sua direita.

Na frente d'este throno e d'esta rainha, e apanhando, em grande altura, a parede da cella, estava erecto e sombrio um grande crucifixo, onde apenas reverberavam as pedrarias ricas d'um grande resplendor de prata.

N'aquella revista de gente hypocrita, de gente illudida e de ignorantes fanaticos, não havia ordem de categorias; depois do camponio de sapata ferrada e grosseira, passava o rico lavrador de grossa polaina abotoada, e

logo em seguida o frade de sandalia e o fidalgo cavalleiro de custoso burzeguim. Depois do habito de estamenha, vinha o de mais fino estofo, e á mão callejada do villão, e ao guante descalço de elegantes capitães, não deixavam de succeder os dedos finos e delgados d'um velho bispo, cujo annel, por seu turno, tambem a abbadessa beijava, erguendo-se na poltrona.

Durou esta cerimonia perto de meia hora, e finda ella a abbadessa tinha apenas no mosteiro as pessoas que distinguira com o signal especial de seu olhar.

— Mécia, disse Philippa, dirigindo-se a uma das monjas, ordenae que sejam cerradas todas as portas do mosteiro, e que Rodrigo não deixe que venha até nós quem se não tiver préviamente annunciado.

Mécia sahiu, com tão desembaraçados movimentos, que muito contrastavam com a molleza piedosa, que até então usara...

— Agora, minhas irmãs, disse Philippa, dirigindo-se ás freiras e noviças; podeis reunir-vos na sala do capitulo, afim de festejardes o anniversario da senhora abbadessa. A senhora abbadessa, por excepção, dispensa hoje, a todos, do rigoroso cumprimento do regulamento do mosteiro...

— Sim, minhas filhas, tendes hoje toda a liberdade. Eu vou recolher-me, porque estou fatigada, e porque não desejo que seja esta a minha ultima festa.

— Sabeis, D. Philippa, que venho hoje prevenido para entreter-vos com alguns dos melhores episodios da côrte de D. Manuel?

— E vós que os dizeis com tanta naturalidade e graça, D. Ruy!

— E' essa a vossa opinião?

— Minha, e de Clara, que nada mais faz que ouvir-vos quando narraes. E vós, D. José? Contamos com o vosso auxilio?

— Tinha umas canções novas, que dediquei á senhora abbadessa, mas, como sabeis, Alice abandonou-me, e o ciume roubou-me a voz e a alegria...

— Vingae-vos, D. José, que é assim que fazem os cavalleiros. Bem, resta-me a esperança de que frei João do Espirito Santo trará novas de Cellas, e frei João Padilha das nossas irmãs d'Arouca.

— Nada ha que valha registo fora do mosteiro de Lorvão. Se me permittirdes, senhora, dar-vos-hei d'Arouca o que os seus doces merecerem.

— Bem, disse a abbadessa, a noite vae-se adeantando e os meus achaques começam a impacientar-me... Que Deus me perdôe... Ajudem-me.

Philippa e outra freira ergueram Margarida, e todos os assistentes vieram de novo beijar-lhe a mão?

— Permittis, senhora, disse uma noviça, á abbadessa, quando chegou

a sua vez, que, agradecendo a licença que me daes, recolha á minha cella?...

— Ah! és tu, Sarah! Não me agradeces então a liberdade?...

— Agradeço, senhora abbadessa, mas sinto-me cançada... Sabeis que vim hontem ainda... Lisboa fica tão longe...

— Pois seja... Parecia-me natural que, na tua edade, antes quizesses um pouco de poesia e conversação!... Já não ha raparigas. No meu tempo!... Ora, vejam, senhores, esta pequena, com um palminho de cara capaz de enlouquecer um convento de frades...

— Senhora abbadessa!... disse Sarah em tom envergonhado e reprehensivo.

— Coitada, acudiu Philippa, ainda está com medo do Desembargo! Bem sabes que és bonita, e porque o és, aqui estás... Quer parecer a filha mais nova da Magdalena!...

— Não vale zangar, disse Margarida. Quer recolher-se? Pois que se recolha. Seremos duas fugitivas — a mais velha e a mais nova.

— Sim, que se recolha, disse o morgado de Travanca, com modo enfatuado, mas que ao menos não baixe os olhos, para que saibamos se são bonitos.

Sarah ergueu a cabeça e fitou o atrevido.

— Eureka, que é do melhor que tenho visto! Negros! fundos e vivos!

— São olhos de judia! disseram rindo duas monjas que rodeavam o morgado.

— Por Deus, que em defesa de taes olhos, ou apostatava como um perro, ou matava quem m'os roubasse...

— Vós?! observou Sarah, com um ar de encantadora simplicidade.

— Sim, eu; não me vêdes? novo, forte, musculoso, com impetos e audacia que sobejam.

— Enganei-me, então! disse Sarah, beijando as mãos da abbadessa para se despedir.

— Enganou-se? Perdão; agora ha de dizer porque...

— Digo, senhora abbadessa?

— Sim; o que disseste na verdade, pede explicação...

Sarah voltou-se para o morgado e de novo o fitou serenamente:

— Porque sempre ouvi dizer, que um homem que insulta uma mulher, nem é novo nem forte — é apenas um cobarde!

As monjas soltaram uma gargalhada unisona; nos homens houve um movimento de surpresa, e ao mesmo tempo de respeito.

— Senhora abbadessa, a vossa noviça está monja professa...

— A culpa foi vossa, senhor morgado. Para que insististes?

— Para ficar conhecendo a casta innocencia d'esta donzella.

A abbadessa retirou-se apoiada no braço de Sarah.

— E' pena, ficou dizendo o morgado de Travanca, que esta pequena não tenha, aqui ou lá fora, quem lhe assuma as responsabilidades!

Os homens não responderam.

— Olhe, morgado, disse Clara, monja de peito e rosto cheios, talvez o frade capellão...

— O melhor, disse Seraphina, outra monja de olhos andaluzes e figura delicada, é o morgado bater-se ás morcellas com frei João do Espírito Santo!...

— O que lhes digo, senhoras monjas, é que a pequena Sarah ainda se ha de arrepender da graça com que me injuriou.

— Basta de cerimonias do officio e de folias de creanças, já se ouve conversação animada na sala do capitulo. Sois esperados, senhores, disse Philippa.

E todos se encaminharam para fora da cella.

— Fique, D. Pedro, preciso de lhe fazer um pedido.

Era D. Pedro de Mascarenhas, a quem Jacob se referira.

— Notarão a nossa falta, e hoje ha profano em quem não devemos confiar.

— Tambem vos perturbou o olhar de Sarah?

— Que idéa! Philippa? Hesito, para que vos não perturbe a saudade de Jacob...

— Já o esqueci!

— Mas elle ainda vos ama, e por vossa culpa...

— Que importa tudo isso?

— Dizei-me, Pedro, tendes, na côrte do principe, por quem me fujas e esqueças?

— Juro-o...

— N'esse caso, segue-me.

E Philippa carregou com fôrça n'um dos cravos dos pés de Christo, e a grande cruz logo se moveu.

Pedro de Mascarenhas viu deante d'elle um pequeno salão da mais exquisita elegancia e de luxo mais phantastico.

— Entra, disse-lhe Philippa, emquanto a porta se fechava novamente sobre elles.

E depois, deitando-se ao pescoço do seu amante:

— Dá-me um beijo, ingrato.

— E Jacob?

— Não tenhas medo! Guarda-nos Jesus crucificado.

E apontou para a porta.

E depois, com movimentos de leôa, arrastou comsigo Pedro de Mascarenhas para um soberbo coxim.

N'aquelle recinto havia muita luz viva e muitos perfumes estonteantes.

— Onde estou eu, Philippa?

— No céo!

— E fizeste-me passar pelo calvario?

VII

Jacob Adibe

Sarah não comprehendia o que se passava n'aquella casa.

Que vida! que linguagem! que gente! Pois aquillo era uma casa de Deus, cheia de creaturas que, por devoção ou desgraça, renunciavam á vida do mundo?

Mas alli estava o peor dos mundos! Aquellas mulheres eram mais mundanas que todas as libertinas de Lisboa!

Como estavam aquelles homens alli, com liberdades de tavolagem!?

Ouvira falar em amores, em ciumes, e vira, incontestavelmente vira, as freiras trocando olhares suspeitos com os frades, e os outros... O mundo parecia-lhe agora um mosteiro e o mosteiro o mundo, de paixões, de vicios...

A's vezes lhe tinham falado na hypocrisia do claustro, mas alli não havia hypocrisia, havia despejo. As mulheres riam com grande ruido, descompostas, abrindo muito a bòcca e deitando a cabeça para traz! Surprehendera entre as companheiras phrases maliciosas, e algumas andavam nos corredores lendo, em voz alta, missivas d'amor!

Por entre os rosarios contavam-se historias maliciosas. Discutiam-se alli a plastica e a graça dos homens, com mais liberdade que entre raparigas, sem educação, nos arraiaes e romarias.

Havia alli endiabradas que trepavam aos altares para fazer cocegas nos pés das imagens dos santos, e depois affirmavam, rindo muito, que os santos lhes piscavam os olhos! Os namorados tinham alcunhas e os empregados da casa tambem. Ao *chaveiro,* ou claviculario, como se diria melhor — isto é, ao que fingia guardar as chaves do mosteiro, chamavam *S. Pedro;* a um frade muito timido, que dizia amabilidades, mas nunca descruzava os braços, chamavam *S. Francisco!*

Que extranha gente, que extranha linguagem!

A abbadessa, já velha e doente, a quem ella acompanhara até o leito, despedira-a com um gesto, e, com outro, admittira o seu confessor!

Quando entrou alli, logo a cercaram e lhe fizeram mil perguntas impertinentes. Queriam que ella lhes dissesse o nome do seu amante! Que malcreadas! E algumas perguntaram mais — se era o primeiro! Impudentes!

Sarah precisava de arranjar uma explicação que attenuasse as conjecturas do seu espirito. O que aquillo lhe parecia não podia ser... Nem era possivel que taes coisas fôssem toleradas.

Tanta gente cumplice, era de mais!

A abbadessa dissera que dispensava o regulamento n'aquelle dia. Já se via que as festas alli eram muito livres... eram como o Carnaval, lá fora... Quando a festa acabasse entraria tudo na regra mais austera...

Toda a noite sentira gente nos corredores, e ouvira falar nas cellas proximas. Até lhe parecera ouvir chorar uma creança!... Provavelmente gente que a abbadessa protegia... algum sobrinho que viera visital-a... E, por mais que fizesse diligencia para dormir, Sarah continuava pensando.

Tinham-lhe dicto que as monjas eram esposas de Deus, e que renunciavam ao amor dos homens. Mas alli era o contrário! Algumas das monjas diziam d'uma ou outra noviça — a minha pequena!...

Disseram-lhe que poucos dias antes uma freira morrera por se ter lançado no poço da cêrca... Perguntara por que fizera isso a desgraçada, e responderam-lhe — por ter a cintura grossa!

Que vaidade!

Julgava que aquelle mosteiro não era *dobrado*. Ouvira dizer que havia muitos annos que não havia d'isso... E os dobrados, como o de Santa Clara, tinham fortes paredes a separar os homens das mulheres. Alli havia homens em toda a parte! A' mesa do refeitorio lá estavam elles, frades e não frades. Aquillo chegava a parecer uma estalagem... E que mesa! Cada freira tinha acepipes diversos — fructas, doces e vinhos espumosos! Eram presentes de familias, mas d'essas familias só os homens é que lá iam assistir aos banquetes...

Tres monjas, contou-lhe uma das creadas, embriagavam-se todos os dias, e, como Sarah se admirasse, a creada continuou: e as filhas vão pela mesma!

Queixavam-se as creadas de que eram sempre despedidas ao fim de pouco tempo... Por que motivo? Por ciumes das mães e por atrevimentos dos *meninos*. Foi por isso que Sarah ficou sabendo que no mosteiro dormiam rapazes já em edade de atrevimentos!...

Sarah fechou muito os olhos para assim adormecer mais depressa mas,

perdera o tempo e o esfôrço. Faziam-lhe confusão as respostas mysteriosas d'aquella gente. Tratavam-na bem e mal, e ella desconfiava de todas... Uma freira, já respeitavel, abraçara-a e beijara-a muito, logo que entrou... Ainda bem! dissera Sarah comsigo mesma... Logo outra veiu avisal-a de que devia acautelar-se, e explicou... ora, como foi que ella explicou?... ah! porque tinha o Diabo no corpo!

— Nem isso! acudiu logo outra, porque o Diabo se parece com os homens!

Sarah começava a ter medo.

Lá fora ninguem sabia o que se passava alli dentro. Aliás não mandavam para tal sitio gente decente.

Quanto não fôra mais religiosa a casa de seu pae?! Casa de Deus se podia chamar a de Pedro Soares! Nem aquillo poderia agradar ao Céo... Se a religião necessitava d'aquelles abysmos, então não era ella o que Sarah sabia, por lhe terem ensinado. Antes moura, ou judia, que catholica em tal meio... E o caso é que ella estava alli á mercê de tudo e de todos. Quem havia de defendel-a? Aquelles frades eram libertinos, aquelles fidalgos cobardes, aquellas freiras umas descaradas... Se havia excepções, por educação ou indole, eram fracas em numero e fracas em resistencia aos vicios que as rodeavam.

A'quella hora havia gente no mosteiro que bebia e cantava! Aquillo era uma ameaça. Ouvia nas outras cellas constante fechar e abrir de portas! D'um para outro momento podiam abrir a d'ella...

Era indispensavel escrever a Pedro, para que viesse buscal-a e não consentisse na entrada de Deborah. Sua irmã morreria de medo no meio d'aquella gente.

Sarah ergueu-se, accendeu uma véla, porque era fraca a luz da lampada pendurada na frente do Christo, e, sentando-se a uma mesa, escreveu:

«Meu bom Pedro

«Ha duas noites que não durmo. O que aqui se passa causa-me horror. Defende Deborah d'este abysmo, e, se puderes, vem vêr-me depressa. Preciso de matar o medo e as saudades. — Tua irmã

Sarah.»

Sarah, acabando de escrever, ouviu um leve ruido... Olhou e viu que alguem levantara o pequeno postigo que tapava a rotula em cruz, aberta na almofada da porta. Se alguma luz havia lá fora, era só a da sua véla, reflectida n'uns olhos que espreitavam.

— Quem está ahi? perguntou a noviça.

— A irmã vigilante.

— Que desejaes, senhora?

— Como ainda não estaes recolhida, venho dizer-vos da parte de D. Philippa, e em nome da sr.ª abbadessa, que sois convidada a passar um momento na sala do capitulo.

— Pedireis a D. Philippa que me desculpe, porque a minha saude...

— Não é muito má, porque a estas horas ainda estaes de pé e escrevendo!...

— O que não impede que me defenda do ruido d'uma festa, onde não poderei estar a meu grado.

— Só mais tarde tereis o direito de reclamação. Por agora tendes apenas o dever da obediencia.

— Dizei, então, a D. Philippa que fui dispensada esta noite de me afastar da minha cella.

— Então, insistis?

— Insisto, respeitosamente, ajuntae ao vosso recado, minha irmã.

— Pareceis-me ingrata, minha menina, para quem vos convida por vos alegrar no convivio da gente mais grada do districto.

— Dizei então que insisto, respeitosa e reconhecidamente...

— Dá Deus as nozes... disse a vigilante.

E a rotula em cruz de novo desappareceu, por ter cahido o postigo.

Ao longe ouviam-se as cordas dos bandolins e o canto alegre das freiras, tudo misturado com salvas de palmas e girandolas de gargalhadas.

Na torre soava compassadamente a meia noite.

Sarah apagou a véla, e de novo foi reclinar-se sobre o leito.

A solidão, a saudade, longe dos que amava, em meio hostil e repugnante, na incerteza do dia seguinte, ameaçada de muitos perigos, indefesa... tudo isto entristecia a pobre noviça e dava-lhe vontade de chorar... Mas não chorou, porque precisava de se guardar e defender, e voltou a pensar:

— E isto — esta moral, estes costumes, estas escholas, se julgam necessarias para que a religião triumphe e a fé não vacille?! Para tudo isto existir, e ser assim, ha manifesto accôrdo entre o rei, o afortunado rei! os seus conselheiros e secretarios, gente de governo e justiça, lettrados, capitães, os bispos e os frades, o papa e a sua côrte, os principes de todo o mundo, os sabios, a nobreza e o povo!

E Sarah, sentindo-se adormecer, entreabriu fracamente os olhos, e fitando o pequeno crucifixo, murmurou com voz a extinguir-se:

— Tu, meu Jesus, és o unico que protesta...

E adormeceu.

E as danças e os cantares continuaram por alta noite!

A sala do capitulo! esplendida sala pelo tamanho, na sua superficie, na sua altura, na profusão de luzes, nos mesmos tons, isto é, nas sombras oscillantes e transparentes, que vinham dos móveis negros e da mobilidade das chammas das velas de cera!

Sobre os espaldares das cadeiras, que formavam um grande rosario em volta do salão, havia capellas de flôres campestres, e grinaldas que cahiam negligentemente...

Ao centro tamboretes de estofo custoso, onde sobresahia o amarello vivo das araras bordadas, como esmalte de xarão em pavilhões chinezes... E estes tamboretes, onde se reclinavam as freiras benedictinas, rodeavam, n'uma desordem elegante, as mesas de marmore, de pé central, em columnatas caprichosas, ou em forma de tanque apoiado em cabeças de leão. Aqui e alli, sobre grandes uchas de páu santo, marchetadas nos gavetões com argollas de prata, immensas salvas cheias dos doces mais finos, e de crystaes, onde os licores, rosa e verde, scintillavam como lanternetas irisadas.

Aos cantos do salão, e á roda de candelabros collocados sobre a alcatifa persa, imitando o serão de aldeãs, em tôrno da lareira, monjas e frades offereciam, ao reflexo, vivissimos rostos alegres.

As mulheres, cingidas pela cintura, os homens confundidos com as mulheres, e o riso, o joven brincalhão de todas as folias, a esvoaçar ruidosamente, como se tivesse guizos nos labios d'onde surgia!

Por cima de tudo isto, onde as sombras pairavam, mal se esboçavam os quadros dos apostolos, de grandes barbas brancas, narizes hebraicos e calvas uniformes, lizas e limpas.

A's portas, pendendo d'uma altura que se não avistava, gigantes reposteiros, em pregas amplas, onde avultavam a tiara do Papa e as chaves de S. Pedro, n'um farto e fôfo acolchoado.

Nos recantos mais sombrios, como odaliscas orientaes, freiras e monjas, de rosto claro, e pé descoberto e pendente, se recostavam no peito e no hombro de garridos cavalleiros.

Uma segreda blandicias e frioleiras no ouvido do seu par, outra concerta e ageita o gibão do seu amante, e todas teem nos labios um sorriso, que lhes expõe os dentes alvos como o leite e lhes regaça os labios, com a graça com que podiam regaçar a saia n'um passo de dança agil, ou dengosa!

N'este firmamento estrellado, os grandes focos, como se fôssem o Sol e a Lua, irradiam luz que alcança todos os recantos; e ainda, n'um acom-

panhamento bem harmonico dos dictos mais picantes, a nota arredondada de beijos que parece o ruido d'uma castanhola ao longe...

Por vezes se ouve o ciciar d'um riso muito discreto, e logo uma exclamação ruidosa como o saltar de rolha de garrafa escumante, e em seguida o estralejar d'um côro de gargalhadas francas, sem dique, isto é, sem pudor...

No chão, de pernas cruzadas, aos pés de monjas bonitas, ha frades de habitos negros e faces inflammadas. Alguns empunham taças elegantes e brindam em latim, e outros passeiam em volta do salão, improvisando rimas e dizendo galanteios!

Habituados á luz e ás sombras d'este vasto salão, poderemos descobrir que as freiras, algumas, desnudaram a cabeça, e já mostram, em bandós luzidios, a opulencia das suas jubas. Descaem, á flacidez dos cordões, os habitos escuros, e, sem grande esfôrço, se pode acompanhar, com ávido olhar, as curvas dos decotes...

— Mécia, disse uma das monjas á outra que volteava espevitando os candelabros e offerecendo manjares, que é feito de D. Philippa, que nos fugiu depois da recepção?

— Foi, como de costume, alindar-se para o serão, como se d'isso carecesse...

— E D. Pedro? perguntou outra, com riso malicioso.

— Foi de passeio pela ribeira, á espera de luar, ou a espreitar Jacob, que o faz arder de ciumes.

— Falta-nos tudo, faltando-nos D. Philippa...

— Sois pouco amavel, illustre morgado de Travanca. Não vos consola e alegra a nossa companhia?

— Sem dúvida, senhoras, mas, como não posso a todas lisonjear, busco a que todas representa.

— E excede, quereis dizer, não é assim?

— Não, queria dizer apenas — e as reune.

— E vós, Simão da Silva, disse Clara, ficaes hoje em idyllio, n'esse recanto, e não vindes, como as borboletas, crestar as azas n'esta luz?

— Que premio me daes se trocar por vós todas os segredos da irmã Lelia?

— Se não fordes muito exigente...

— Com perdão do vosso frade, vou tanger e cantar canções da minha terra e rimas dos meus poetas, se me derdes um beijo.

— Elle que vos escuta vos responda, que não pode haver ciumes, onde não ha maldade?

— Se é um, e em nossa presença, podeis pagar-vos, Simão da Silva,

acudiu um gordo monge, que, de pé, devorava os folhados dispersos n'uma das bandejas de doces.

— Então vá lá...

E Simão caminhou para um dos grupos d'onde lhe viera o convite.

— E eu? disse Lélia. Não sabeis que tenho direitos especiaes sobre as cordas do vosso bandolim?

— Pois seja Lélia; com um beijo resgato a liberdade de menestrel e com outro me pago dos trabalhos de tangedor.

— Pois seja, disse Lélia, e offereceu a Simão o rosto, que elle beijou.

— Agora, vós, Clara, com perdão do vosso confessor...

E beijou ruidosamente a freira guapa, que desejava ouvil-o.

Simão sentou-se, junto da mesa dos leões, cruzou sobre a esquerda a perna direita, ageitou o bandolim no regaço, e correu n'um preludio de artista, com uma palheta de tartaruga, as cordas do instrumento.

Com os olhos erguidos, apesar de ter a cabeça levemente inclinada, ia soltar a mão e a voz quando Mécia annunciou:

— A senhora D. Philippa d'Eça, regente do mosteiro de Lorvão, e sua futura abbadessa.

Uma salva de palmas acolheu a communicação, e a recemchegada foi recebida, estando de pé e empunhando as taças de licôres, toda a gente do mosteiro e os convidados.

— Pela abbadessa do mosteiro de Lorvão! disse o côro.

— Obrigada, senhoras e senhores, em nome de minha mãe e senhora D. Margarida d'Eça.

— Isto é uma prophecia.

— E' mais, é um voto.

— Já o sois de facto; por que não o sereis de direito?

— Se tal honra me couber, ella virá de vossa escolha, minhas irmãs, e da vossa protecção, meus senhores.

— Contae comnosco, gritaram todos, indo-lhe ao encontro.

— Não sonheis em voz alta, disse Philippa. Terei contra mim a Alcáçova e Roma!

— Roma vae parar a Carthago e a Alcaçova relaxa-se ao Soldão do Egypto, disse cambaleando um frade gordo e vermelho.

— Tendes aqui, ao vosso dispôr, a futura côrte de D. João, a magistratura ecclesiastica e os povos d'estes sitios! exclamou, de peito arqueado e mão na espada, um moço capitão, que beijou a mão de Philippa com os requebros d'um cortezão deante d'uma rainha.

— Uma mulher bonita é o melhor esteio da religião catholica. Não ha

santas feias sobre os altares. No mosteiro da seraphica rainha, que um dia ha de ser santa, a abbadessa deve ser nova, bella e amorosa!

Foi esta a opinião d'um abbade, que, ao dizer isto, como se nada tivesse dicto, sorveu um gole de vinho generoso.

— Estão acabadas as manifestações, disse D. Philippa, sentando-se no logar de honra, o que era destinado á presidencia do capitulo.

— Ieis cantar, Simão da Silva; pois não deveis interromper-vos. Ponde em verso sonoroso o acolhimento d'estes senhores.

Simão tomou a primitiva posição, voltando o corpo e o bandolim para Philippa, e com voz suspirada da cabeça, n'um falsete de religiosa inspiração, começou:

Avè Philippa!
Cheia de graça!

No salão estoirou uma salva de palmas, que interrompeu o vate.

Quando o ruido findou, Mécia, correndo o reposteiro, annunciou solennemente:

— O sr. Jacob Adibe.

Philippa fez um movimento de impaciencia e, dirigindo-se ao poeta:

— Continuae, Simão da Silva; ieis dizendo:

O Senhor é comvosco?

— Mas não o vosso, disse Jacob, que esse saltava ha pouco o muro da cêrca, depois de ter sahido pela porta secreta dos aposentos da futura abbadessa.

— Que lhe preste, disse Philippa. Não fizestes o mesmo? E' o castigo dos que chegam tarde... entram pela torre, e não teem repiques de sinos. Meu caro Jacob, se cantaes melhor que Simão da Silva, empunhae o bandolim e tangeio-o a vosso grado.

— Preciso de quem me inspire, e já não vejo n'esta casa quem possua tal arte...

— Socegae, que vou dar-vos estro bastante nos olhos d'uma noviça...

— Por minha vida, que acceito, pois, se é nova no mosteiro, talvez que ainda seja honesta...

— E por aqui vos perdeis, respeitavel monge, que agora guardaes a castidade de que tendes fugido? Sou melhor que vós, e vou cumprir a promessa: Mécia, que a vigilante convide Sarah a vir junto de nós.

— Ides ver, meu caro Adibe, o que ha de mais delicado em corpo de mulher e de mais grosseiro, não direi, mais petulante, em educação.

— A quem vos referis, senhor morgado? perguntou Jacob, franzindo o sobr'ôlho.

— A essa virago, judia ou christã nova, formosa como S. Miguel, casta como Maria, orgulhosa como el-rei, e fina como um secretario de Estado!

— Misturaes tão habilmente o divino com o profano n'esse descretear a proposito d'uma rapariga, que não vos requesta o morgadio, que estou capaz de dizer que, ou desejaveis judaisar com ella, ou ella vos aggravou a vaidade...

— Uma ninharia, explicou Philippa; Sarah achou de pouca valentia um galanteio de Travanca feito aos olhos da noviça pela franqueza do morgado.

— Parece que ella não só tem bons olhos, mas tambem excellente golpe de vista...

E Jacob, que se sentara n'um pequeno tamborete, ao dizer isto, balouçava o corpo, levantando um dos joelhos com ambas as mãos.

— Pois, meu caro, pareceis irritado, como se fôsseis magistrado do desembargo, zeloso de tutela...

— Noto que me chamaes caro, a miude, apesar de nada vos dever, nem haver mistér de vos pedir...

— Para que pondes em riste a vossa lança de cavalleiro, virgem como Sarah, n'estes jogos alegres dos mosteiros?... Podereis quebral-a por quem não vos mereça nem a lança, nem a liça.

— Ah! descançae, sr. morgado, que virgem, a minha lança não ha de enristar-se aos olhos de quem, só por vêl-a, poderia mareal-a.

— D. Philippa, disse frei João do Espirito Santo, approximando-se da filha da abbadessa, acabe com isto, que o conflicto pode ir longe.

— Assim é necessario. Para que chamei Sarah? Preciso de que Jacob não volte, e o que ámanhã terá de ser com D. Pedro, que seja hoje com este...

— Já percebi, abhorreceis o ciume...

— Porque amo a infidelidade.

O morgado, ao receber o ultimo golpe, não teve resposta facil.

Para disfarçar o embaraço fingiu não comprehender.

— Vêde, D. Philippa, já a vossos olhos não pode haver torneios. Quanto mais subis para a alcáçova, mais desceis no mosteiro.

— E' certo o que diz o morgado, Jacob?...

— Não vêdes, senhora, que elle vos arremessou a minha injuria clara e directa? Insultae-o em paga, que elle já está affeito a insultos de mulheres...

— Antes os vossos insultos, senhora, que os d'um renegado do amor e da fé.

E precipitou-se sobre Jacob, que não alcançou, por ter logo sido agarrado e detido pelos braços musculosos d'alguns frades

Jacob ergueu-se placidamente, endireitou o busto para respirar melhor, repuxou a fivella do cinto, e começou, olhando, ao redor da sala, toda a gente que se movera n'um impulso de curiosidade.

— Contaram-me, ha pouco, que o morgado de Travanca fôra sentenciado de cobarde por uma pobre rapariga orphã de um unico pae, como vós o sois dos muitos que tivestes...

— Insolente! disseram, levantando-se algumas monjas mais vivazes.

O morgado tinha nos labios um sorriso escarninho... Fôra d'elle o ultimo aggravo.

Os outros convidados mostravam-se neutraes; não morriam de amores pelo de Travanca, e temiam um escandalo áquella hora, em logar tão improprio.

Jacob continuou:

— Vejam como estou tranquillo. Fazei de conta que estou para vos entreter, contando e cantando uma lenda muito velha e muito esquecida. Ia eu dizendo: esse morgado, assim descoberto por uma graciosa rapariga, a quem insultara, expoz-se á irrisão dos homens e ao desprêzo das mulheres, e agora, depois de ter jogado com os homens contra uma mulher, joga com as mulheres contra um homem!

Pois bem, qualquer de vós, monjas, freiras e noviças de Lorvão, Philippa, Paula, Thereza, Clara, Mariana, Sancha, Eulalia, Alice, Beatrice, Alda — e até Mécia, e outras que amanhaes o mosteiro, e as que teem servido de amas sêccas e de leite, assistentes de partos, paranymphas em baptisados, hetairas, e alcaiotas — vós todas que tendes recebido beijos e moedas do rico e velho christão, senhor da casa de Travanca, por favor da herança, e de todo o mundo, por mingua de vergonha: vós todas que ouvistes o illustre varão insultar Sarah e insultar-me, a mim, acudi-lhe, que, pela minha honra vos juro que, julgando-vos acima d'elle, se alguma de vós repetir o que elle disse, a elle darei a honra de o esbofetear.

— E' de mais, exclamou o morgado, e precipitou-se sobre Jacob, que não alcançou, por ter logo sido agarrado e detido pelos braços musculosos d'alguns frades.

O Morgado, fingindo serenar:

— Tendes razão, senhores, a injuria ia fazendo-me esquecer os deveres da minha linhagem e os da minha fé. Sabei todos que, a todos pode injuriar, sem perigo de desaggravo, o filho do judeu expulso por el-rei D. Manuel, d'aquelle Jacob Adibe, que, emquanto seu filho atraiçoava o seu Deus, fazendo-se falso christão, para viver nos braços d'uma mulher, entregava ao duque D. Jayme a cidade de Azamor.

— Mentes, villão ruim, o velho e honrado Jacob, depois do abandôno

da cidade pelos crentes armados, tal energia e eloquencia empregou de cima das muralhas, impetrando a salvação de fazendas e vidas de seus irmãos, que ganhou a admiração dos seus e o favor do duque de Bragança... Mas, por Deus, mancebas de frades e seculares, cuspi-me um insulto, e eu salvarei a distancia que o acobarda...

Philippa d'Eça levantou-se solennemente, e, emquanto todas as monjas a rodeavam, como para defendel-a na contingencia d'um grave conflicto, dirigiu-se a Jacob:

— Em nome de D. Margarida d'Eça, abbadessa d'este mosteiro, eu, porque considero a vossa presença uma affronta á dignidade da ordem, e á...

Basta, basta, é já bastante, expulsaes-me do vosso prostibulo. Até que emfim!

Depois, olhando para o morgado, exclamou:

— Por meu pae, o heroe de Azamor, que eu adoro, por Sarah, que insultastes, e que eu não conheço, e por D. Philippa que vos honrou, insultando-me, vou marcar-vos com o estigma do meu desprêzo feito com o annel do ultimo rabino da minha perdida synagoga...

E d'um salto, sem que ninguem pudesse affrontal-o ou detel-o, cahiu sobre o peito do morgado, que rolou com elle na alcatifa. Segurando-o bem, tendo um joelho sobre o tronco do vencido, e a mão esquerda a apertar-lhe o pescoço, com a direita fechada, com a pedra e engaste d'um annel que scintillava, fez um sulco profundo na face do adversario.

Tudo isto se passou n'um momento!

Quando os homens acudiram em montão para livrar o de Travanca das mãos de Jacob, já aquelle tinha uma extensa mancha de sangue na face esquerda.

Tão rapidos foram estes movimentos que, ao sentir-se agarrado, já estava de pé, tendo deixado o morgado extendido de costas e arquejante.

Os gritos das mulheres e o vozear acalorado dos homens, despertaram toda a gente do mosteiro.

Apenas a abbadessa continuava dormindo com o seu confessor!

Sarah, mal o conflicto começou, sahiu da sua cella e veiu prevenir a teimosia de D. Philippa, apresentando-se na sala.

Ao chegar, porém, junto do reposteiro, ouvira tão violenta discussão que não se atreveu a entrar.

Emquanto esperou conheceu a situação.

Ao sentir a queda dos dois corpos, entrou precipitadamente e dirigiu-se a Philippa.

— Senhora, fizeram mal a alguma de nossas irmãs?

— Que vos importa? Sabei que a vós se deve este escandalo. Andaes depressa! Ha dois dias apenas...

— Eu! senhora!

— Sim, agradecei a Jacob Adibe, que vae ser posto fora d'este mosteiro pelos meus servos e guardas, a galhardia com que vos desaffrontou. Se não fôra a ordem do Desembargo, com elle irieis vêr romper o dia para os campos de Lorvão...

Jacob questionava com os outros convidados, emquanto dois frades levantavam e compunham o morgado.

Este, mal se viu em pé e pôde falar, manchando os dedos no sangue da face, e mostrando-os aos frades e cavalleiros:

— Meus senhores, por este sangue, juro, disse elle, que o filho do judeu de Azamor, se Deus e el-rei quizerem, pagará nas fogueiras da Inquisição, o seu odio a Christo e aos christãos.

Jacob voltou-lhe as costas com movimento de desprêzo.

N'este momento viu Sarah, que se dirigia a elle com os olhos rasos de agua, brilhando como duas estrellas.

— Senhora, disse elle, perdoae-me... Quizeram que eu vos visse, quando vou deixar de vos vêr.

— Obrigada, senhor, pela vossa fidalguia e pelo vosso sacrificio. Tenho um favor a pedir-vos.

— Contae commigo.

— Entregae esta missiva em Lisboa, a meu irmão, Pedro Soares.

— Irei, ou mandarei; descançae.

— Então não partis?

— D'aqui, sim; para longe, não sei.

Os creados e guardas rodearam Jacob, que sahiu precipitadamente.

Ao chegar á porta encontrou-se com D. Pedro Mascarenhas.

— Dae-me a vossa mão, D. Pedro...

— Já me não odiaes?

— Parece que não! Até vos estimo e agradeço.

*

Sarah passou o resto da noite em grande agitação. O seu espirito soffrera tão grandes abalos, desde que entrara no mosteiro, que já começava a perturbar-se.

Como havia ella de viver muitos dias em tal convivencia? Era impossivel.

Pedro não vinha vêl-a, Deborah não era ainda sua companheira.

Todos que a cercavam eram desconhecidos — rodeavam-n'a galanteadores sem educação, e ciumentas sem reserva. Sobre a moral do mosteiro já não tinha a menor dúvida. Chegou um dia a pensar em que talvez no claustro houvesse alguma liberdade; em licença como aquella, se lh'a tivessem annunciado, não acreditaria.

Sarah adivinhava o que não podia saber; tinha a respeito da maldade aquella intuição infantil que classifica as pessoas e os factos, sem os comprehender. Nem d'outra forma se comprehendia o pudor, resguardando-se.

Aquillo era uma gente sem moral, sem religião, sem vergonha! As mulheres começavam a parecer-lhe homens vestidos de monjas.

Ellas não olhavam, nem falavam, nem riam como as raparigas da sua educação e da sua edade...

Sarah sentia que aquella gente sabia mais que ella, mas não valia mais; faltava ás outras alguma cousa que ella não podia explicar, mas que abria um abysmo entre a sua timidez e a vivacidade das suas companheiras. Sentia nas monjas do Lorvão uma superioridade que não invejava.

Não as odiava, não, que as irmãs, afinal, não eram más; algumas eram até amoraveis e bondosas. Se não fôssem monjas chamar-lhes-hia desgraçadas, e a desgraça sempre commove e affeiçôa... Mas aquellas libertinas vestidas com o habito com que serviam a Deus, ora lhes pareciam ridiculas, ora repugnantes.

Aquella, por exemplo, que se matara, devia ser uma pobre rapariga...

Talvez désse uma excellente mãe de familia!

Matou-se por ser má, ou por ser boa? Talvez por vergonha... Amava um homem, e a familia, em vez de a defender, abandonou-a; que, afinal, metter uma rapariga n'uma casa d'aquellas, era o mesmo que abandonal-a...

E as outras, quando despiam o habito, eram mulheres como todas as outras... Se estivessem em suas casas, ajudando as mães, cuidando nos irmãos, já não podiam amar aquella vida desregrada... Algumas eram tão novas! Alli não havia um homem a quem ellas respeitassem, que lhes désse conselhos! Os homens que entravam n'aquellá casa, eram homens tambem sem mulheres e sem filhos... Pelo menos, se tinham d'isso, não o diziam lá fora. Alli sim, porque eram todos cumplices do mesmo crime. Nada lhe parecia peor que o vêr criminosos muito de perto. Todos teem formas humanas, e todos algumas virtudes...

O perigo via-o ella; estava em se demorar alli — depois da repugnancia, vem a compaixão, o perdão apparece logo em seguida. Além de que, se tudo aquillo existia, era porque Deus se não oppunha... e até perdoava.

Magdalena devia ser do feitio d'aquellas monjas, e Jesus perdoou-lhe... Já conhecia algumas lá dentro que tinham filhos, e affagavam-n'os muito, o que era divino, mas depois affagavam os paes, o que era infernal. Como apparecia Deus no principio, se o Diabo apparecia no fim?...

Havia á roda d'ella mulheres nobres, da classe média, e até mulheres do povo. Como n'um hospicio de endemoninhados, a multidão fazia muito bulicio, mas, afinal, cada pessoa dizia coisas diversas, e muitas estavam caladas!...

E tambem Sarah notou que, no meio de tanta libertinagem, a fé sabia manter-se. Vira algumas companheiras rezando por seus namorados. Sarah chamava-lhes assim... Não faltavam as lagrimas. Afinal, a doença reinante não era a maldade, era o amor... Algumas eram verdadeiramente irresponsaveis; tinham sido, á fôrça, enclausuradas por causa dos seus amores. Vergaram a cabeça e submetteram-se!...

O coração é que não se resignara. Honradas familias, que se oppunham a uma affeição innocente, impelliam assim as pobres raparigas para allianças secretas, criminosas, sacrilegas! E' verdade que algumas tinham fugido do mundo, mas muitas tinham sido expulsas d'elle... Que tinha, então, o mundo que lhes exprobar?

A excitação de Sarah provinha principalmente da revolução que se estava operando no seu espirito. O que ella estava sentindo seria producto da sua bondade, ou da fraqueza das suas virtudes? Como estava a empardecer a seus olhos aquelle mundo negro, que tanto a assustara ao principio da noite?

Talvez que a sua vaidade estivesse envenenada ao contacto da lisonja!...

Houvera um grande escandalo por causa d'ella, e um homem, que não a conhecia, batera-se por causa da côr dos seus olhos. Coisa extraordinaria! Ella, uma pobre creaturinha, sempre occulta e recatada na sua casa de Lisboa, viera perturbar o serão do notavel mosteiro e causar inveja a tantas mulheres requestadas! Por que seria? Por ser mais formosa que as outras? Sarah, sem o perceber, ia asphyxiando-se com aquella viciada atmosphera...

A pobre menina, n'um lampejo de razão, conheceu o perigo, e procurou mudar o fio das suas meditações, pensando em sua irmã.

A saudade trouxe-lhe bem viva a imagem de Deborah, com o seu rosto formoso, como o de uma imagem da Soledade...

Comparou a fronte e o olhar de sua irmã com os de todas essas mulheres, com quem ella ousara por momentos comparar-se, e então comprehendeu a differença.

— Aqui, minha Deborah, serias tu quem havia de triumphar, não por seres mais formosa que ellas, mas por seres a mais casta...

E, assim, se lhe aquietou o coração, que se lhe levantara em ondas, ao sôpro da vaidade juvenil.

Soou na extensa galeria a sineta, chamando para a oração matutina. Reuniram-se todas as reclusas e encaminharam-se, em montão, para o côro da egreja. Ninguem diria, ao vêr essas mulheres de rosario nos dedos, que eram as mesmas que encontrámos na sala do capitulo!

O côro era fechado por uma alta rotula de madeira, que chegava quasi ao grande arco da abobada:

As monjas ajoelharam em volta de Philippa, que ficou de pé, dominando o grupo...

Sarah, de soslaio, examinou-a attentamente, ainda preoccupada com o confronto que fizera, e murmurou:

— Não ha dúvida; na belleza de Philippa já não ha o menor vestigio de honestidade. Tem a belleza diabolica; os homens querem-n'a, mas não podem amal-a...

A luz da experiencia tinha no cerebro de Sarah a velocidade da outra... O meio, em pouco tempo, ensinara-lhe um punhado de verdades.

Jacob poderia tel-a admirado, como os artistas admiram uma bella estatua, mas não poderia adoral-a, como um crente á Virgem do seu altar...

Philippa era, na verdade, uma esplendida estatua!

Lembraria, se tivesse o habito em maior transparencia e desalinho, aquellas figuras egypcias que assignalavam, nos tempos biblicos, a elegancia natural, que consistia nos pés descalços, na perna a espreitar por entre a tunica regaçada, na anca redonda e descahida, no collo, parecendo suspenso, a precipitar-se, no pescoço de cysne, na cabeça, pequena, erecta, topetada sobre a nuca, e pequenas madeixas a deslizar pelas faces...

Philippa, com uns leves toques de esculptor primoroso, dava-nos a illusão d'essas mulheres.

Por isso ella trazia tão leve o pé e tão curto o habito, tão elegante a cintura e tão branco o seio, tão nú o pescoço e tão cuidado o cabello!

O rosto era delgado, sem dureza, a bôcca pequena para ser bonita, os labios tumidos para serem sensuaes, e os olhos brilhantes, com scintillações de todas as côres, no fundo das immensas molduras de sobrancelhas e pestanas espessas e arqueadas!

Sob a manga larga, mas de docil tecido, adivinhava-se-lhe o braço esculptural, e as mãos, pequeninas, de dedos delgados, andavam sempre erguidas e promptas para chamar com uma caricia, ou para afastar com uma arrogancia.

Ao contrário da regra imposta ás outras monjas, Philippa tinha a cogula estreita a desenhar-lhe o corpo, e a cabeça livre de feias coberturas.

Sarah tinha razão; aquella mulher, que tão deslustrado papel desempenhou na historia do nosso paiz, e que foi a synthese da desmoralisação monastica do seculo xvi, poderia ter a lisonja de alguns cortezãos, como uma rainha, mas não adoradores apaixonados, como uma mulher.

No rosto, cheio de belleza, não havia um traço de sinceridade: no olhar rutilante, nem uma scentelha de pureza; nunca lhe passara nas faces uma aurora de pudor!

E, sem saber porque, Sarah começou a rezar, muito reconhecida, a Nossa Senhora, por não ser Philippa mais bella que Deborah...

Como a innocencia se faz perfida enganando os innocentes!

Finda a oração, ouviu-se de novo a sineta, que chamava agora ao refeitorio.

Ergueram-se todos, e o bando precipitou-se sobre a rotula.

A egreja estava deserta.

Deserta não, que Sarah bem viu, a descer os degráus do cruzeiro, o esquecido amante de Philippa d'Eça, o christão-novo — Jacob Adibe.

E d'alli foram para o refeitorio, onde a conversação, sustentada em segredo, recahiu constantemente nas recordações da vespera. O morgado de Travanca foi apreciado de diversas formas, mas todas pouco abonatorias do seu prestigio.

Uma freira o descrevia arrogante e insolente, logo uma monja contava como elle cahira de costas, pouco elegantemente; uma noviça, então, ria a bom rir, lembrando a ameaça final contra o pobre rapaz, tão bom e tão generoso, que, para ficar em Coimbra com uma irmã e a avó, se fizera christão.

Jacob era um judeu, ou melhor fôra um judeu, que respeitava na religião de Moysés as taboas da lei e a crença dos paes. Nunca tivera Jacob odio a Jesus. Pelo que fazia e dizia, bem incapaz se mostrava de matar a sêde de Christo com a esponja da amargura, nem de lhe jogar a tunica, com os dados, sobre o tambor dos phariseus.

O que ellas não sabiam explicar era o enthusiasmo de Jacob na defesa de Sarah...

Sarah viera de Lisboa, Jacob nunca a vira, e tanto que até estava apaixonado por Philippa... Como fôra então provocar o morgado por causa de uns olhos que nunca fitara?

— Comam e estejam caladas, que ao altar da mesa não são cabidas tagarelices e risadas, dizia a abbadessa, a da direita, sentada na cebeceira da mesa.

— Ainda não estão fartas de galhofa? O que lá vae, lá vae! Só lhes digo que tenho saudades de Jacob. Judeu ou christão-novo, valia bem

mais que todos os peraltas que por ahi andavam... Pelo menos era um rapaz de coragem, era um homem...

— Cheio de basofias moralistas, capazes de enternecer meio mundo. Quem nasceu para paladino de innocencias, não se aventura ao galanteio das mulheres...

D. Philippa pensava assim e por isso o dizia.

— Pois, melhor irias, minha filha, com um homem que te estimasse, que com um fidalgo que te quizesse, philosophava Margarida, mostrando a sua experiencia dos homens e do mundo.

— Vou já no caminho dos vinte, e sei melhor que vós, senhora abbadessa, o que me convém. Poderia ficar-me por um confessor, cheio de latim e de somno, se tivesse a vossa edade e os vossos achaques. Abhorrece-me a reedição de galanteios, e a mudança de auctores importa a mudança de estylos.

— Repito, disse amargurada a abbadessa, não quero ouvir falar n'esse conflicto, que pode transpirar lá fora e aggravar a nossa fama.

— Bem me importa isso! Tomara eu salvar-me, senhora abbadessa, no dia em que aqui ha de entrar el-rei D. Manuel.

— D'essa te livrarei eu...

— Pois ha muito que penso n'essa heroica aventura. E a todas nós eu juro solennemente que para tanto me poderá servir a côrte que me faz D. Pedro de Mascarenhas.

— Não pensas n'outra coisa! Melhor andarias pensando mais nas monjas que partem e não voltam!

— A quem vos referis, senhora?

— A' irmã Sabina, que se partiu, com licença tua, ha oito dias, e ainda não voltou...

— Ora, deixae-a, que não anda perdida. Achou-a o cavalleiro Reynaldo, que a guarda em Poyares, e que ha de restituil-a mais magra e mais sabida...

— Por que choras, Maria? perguntou a abbadessa a uma freira que estava na extremidade da mesa e que nada comia nem ouvia.

— Ausencias de frei Paulo Reynol, que, desde que disse a primeira missa, não mais veiu ou escreveu. Por Cellas anda demorado, prêso talvez aos encantos de mulher mais nova e mais formosa que eu...

— Consola-te, filha, disse Margarida. Os homens são todos assim, vão e veem como a primavera. Deixa passar o outomno e o inverno e elle voltará ao ninho, como as andorinhas... E tu, Antonia, desde hontem entristeceste, seguiu no interrogatorio D. Philippa, fitando uma noviça alourada que questionava animadamente com as companheiras, não ouviste o que querias, ou ouviste de mais?

— Não, senhora minha, ouvi e disse o que me aprouve, mas notei que o ser clerigo não impedia o desfôrço quando Jacob nos insultou. Se Christo teve um azorrague para os vendilhões, não era muito que um padre tivesse mãos para um insolente.

— Estás muito atrazada, Margarida; talvez que um dia se chame musculo ao coração; por agora chama-se-lhe apenas — sentimento. Ora, consulta Paracelso.

— N'essas questões não consulto os physicos, mas a irmã Martha, que faz maravilhosas descobertas.

— Que descobriu ella então?

— Que o amor é ao sol que melhor se affirma.

— Explica-te, por quem és.

— Pois não vistes, senhora, a egreja deserta, apenas com Jacob, atravessando com o olhar os quadradinhos da rotula?

— E que quer isso dizer?

— Que o amor ao serão é divertimento, e de manhã é sacrificio.

— Estás muito sábia, Martha.

— E' fructo da observação... Quem madruga não dormiu!

— Dizes bem e provas tino, Martha... Então Jacob?...

— Ou não dormiu, ou sonhou... Quem se ergue, na mocidade, para vêr nascer o sol, é que tem a nascer-lhe no coração o sol do amor!

— Esse milagre tambem pode ser do ciume ou do despeito, disse Philippa.

— Não sou d'esse aviso, senhora, disse Martha, com palavra vivaz e olhar intelligente. O ciume e o despeito são fructos do amor que já floresceu. Só os novos amores procuram o sol que nasce...

— Dize-nos, pois, Martha, de que lado do côro estava hoje o oriente...

— Do lado de Sarah...

— Senhoras, disse esta, nada vos digo, por que tanto me dizeis?...

— Porque haveis de ter a gloria que vos pertence... Hontem, na recepção, fizestes a injuria, no serão tivestes a desforra e, logo ao amanhecer, a consagração.

— E tenho culpa? respondeu Sarah, singellamente. Bem sabeis que, se nada vos dou, por nada ter, nada tambem ouso roubar-vos. Bastante desejo eu que todas sejam felizes!...

— Sarah é boa rapariga, disse Mariana, e, decerto, não tem culpa das conquistas que faz.

— Que ella não se illuda com os fachos que se apagam, fogos fatuos que ha seculos illuminam as grades d'este mosteiro e que dão o abandôno e as sombras de que veem tantas lagrimas, disse Martha, sentenciosamente.

Margarida bateu tres palmadas, erguendo-se, e toda a mesa se levantou tambem.

— Graças a Deus, misericordioso! minhas irmãs.

E as monjas, em procissão, passaram na cabeceira da mesa, beijando a branca abbadessa.

— Minhas filhas, antes que o sol aperte, dêem uma volta na cêrca, que ha muito depois que dirigir no asseio e amanho do que a folia de hontem enxovalhou e destruiu.

E todas aquellas raparigas e mulheres, em grupos de tres e quatro, desceram á cêrca, onde havia sol a bater nas leiras, e sombra fresca debaixo dos pomares.

Um dos grupos era formado por Martha, Sarah e Mariana. Foi o mais constante, que em todos os outros as figuras se substituiam com rara vivacidade, como se a maledicencia carecesse de faceis mutações para ter melhor pasto e menor responsabilidade.

— Sarah! disse Martha, meigamente. Julgas-me uma louca perdida?

— Eu? Por que o perguntas?

— Tens o aspecto de boa e deves julgar-me pelo que ouves... Pelos teus amores, que os deves ter, dize-me, que idéa fazes de mim?

— Que és uma boa e infeliz rapariga...

— Infeliz, disseste, e acertaste.

— Não sois boa?

— Quanto posso!

— Então receias que te não preze?

— Sabes a historia de Maria e Martha?

— Maria, a que adorava Jesus, e Martha, que andava no afan da casa? Sim, conheço.

— Pois bem; eu sou Martha de nome e Maria do Evangelho!

— Passaste a vida ajoelhada aos pés de Nazareno?

— Não; aos pés do confessor, que o representava.

— E depois?

— Amei-o.

— E' natural.

— Natural e evangelico; amei-o, e elle morreu..

— Como Jesus?

— Não, que não pôde resuscitar.

— E choraste-o?

— Muito.

— E que fizeste para o esquecer?

— Nada; para o lembrar vim para aqui.

— E conseguiste-o?

— Ainda não; busco um homem de habito e de fé que se pareça com elle. Deus prometteu-me substituil-o, mas todos que me manda são feios e máus...

Sarah voltou-se para a outra companheira.

— E' isto verdade, Mariana?

— Não; nasceu já enfraquecida e ficou dementada depois do ultimo filho...

— Que horror! disse Sarah, largando o braço de Martha.

E depois dirigindo-se a Mariana:

— E tu, minha irmã, não me contas a tua historia?

— E' simples: atraiçoei meu marido.

— E elle?

— Perdoou-me e, por causa do mundo, metteu-me aqui, e aqui vem trazer-me o perdão...

— Então o vosso amante...

— E' meu marido.

— Teu marido?

— Sim, coisas da vida, que eu conto em segredo para que não transpirem.

— Era então perigoso?

— Decerto. João, que é um rapaz muito distincto e considerado, deixaria de vir aqui...

— E se não fôsse teu marido?

— Isso então era outra coisa... Nem elle deslustrava o seu nome nem eu escandalisava o mosteiro...

— Extraordinario mundo este! pensou Sarah, e foi sentar-se ao lado d'uma velha monja, por lhe parecer não encontrar alli surpresas para o seu espirito.

— Estaes aqui tão só, madre Guiomar, porque não seguis e vigiaes tantas de nós, que somos novas e ignorantes?

— Cabecinhas loucas não toleram queixas de velhos corações...

— Escuto-as eu; podeis fazel-as; tanto d'amor tenho ouvido falar, que já me apraz escutar lamentos dos esquecidos. Dizem-me que sois modêlo de piedade e sacrificio... falae, senhora...

— Não estamos, minha Sarah, no mosteiro benedictino de Ferreira d'Aves nem temos por abbadessa Philippa d'Albuquerque.

Aqui ha muito de quem folgue e ria e pouco de quem reze e pense. A que fôr branda de condição e santa nas acções será de todos perseguida e até das creadas desprezada..

— Parece-me que exaggeraes...

— Já lá vão os tempos de Thereza, que passou a vida de joelhos, de Guiomar da Silva, que tão devota foi que, depois de morta, pôde cantar um *Te-Deum laudamus,* ou de Antonia da Cunha, que morreu com as cinco chagas de Christo, ou de Maria Martins, que voou de joelhos e de joelhos se conservou entre nuvens de perfumes! Aqui, agora, nasce mais gente que morre. Quasi todas essas raparigas, que para ahi vêdes, viram a luz do dia por entre as sombras do claustro! Perguntae ás cabras, que andam alli no monte, quantas bôccas infantis lhes despejaram os uberes...

— Mas, vós, rezaes constantemente, não é assim, madre?

— E' o meu consôlo. Deus de misericordia, para eu não vêr a vida d'esta casa, pôz-me nos olhos a gôtta serena.

— Agora reparo! Estaes cega? Fitaes-me de tal forma, tendes tão limpido o olhar, que tal não diria. Como deve ser triste a escuridão! disse Sarah, pegando nas mãos de Guiomar.

— Enganaes-vos; vejo só o que vale admirar; vejo o menino Jesus da minha cella, tal qual como a Antonia de Sá, que, cega como eu, viu os dois capuchos que rezavam ao pé de Bernarda Maria, quando esta estava a expirar... Um dia perdi as contas, como succedeu a Maria de Figueiredo, e vi depois o Anjo da Guarda que veiu trazer-m'as, presas nas pennas brancas das suas grandes azas!

E, como se tivesse esquecido Sarah, ficou a rezar, movendo os beiços docemente.

Sarah, mais triste, sentiu-se isolada no meio de tanta gente! Quem poderia comprehendel-a? O bem e o mal alli eram companheiros da loucura... Umas, tinham o fanatismo que obceca, outras, as paixões mundanas que desmoralisam.

Aquelle mosteiro parecia o logar onde Deus e Satanaz se avistaram para luctar. A chamma da fé parecia ter o reflexo da chamma do vicio.

E Sarah tinha razão. Alli bem o explica frei Bernardo de Brito, na *Chronica de Cistér,* em que narra muitos milagres na historia de Lorvão, só as freiras dementadas invocavam tradições e faziam exercicios divinos.

A educação monastica, limitada a docerias e bordaduras cultuaes, produzia apenas mulheres levianas e mulheres tontas.

Nem tinham noções do céo nem da sociedade! A religião era a cegueira, a moral o relaxamento.

Toda a sciencia estava nas cabras que davam leite e nos altares que faziam milagres.

As novas não tinham temor, nem de Deus nem dos homens; as velhas, desprezadas dos homens, amavam sensualmente os santos e os anjos.

E Sarah não tinha noticias de sua irmã!

Quando chegaria, ou quando lhe enviaria novas?

Se alguem a protegesse, teria resignação para esperar...

E sentou-se, n'um pequeno banco de pedra, á sombra d'uma grande oliveira, que havia fora do muro e cujos ramos formavam copa dentro da cêrca.

As monjas tinham acampado nas escadas do jardim e á roda do grande tanque, do lado opposto. Tiravam sinas, lendo na palma da mão, e deitavam cartas para conhecerem os segredos de seus amantes. Algumas andavam á procura de trevo e outras hervas empregadas em curas e exorcismos...

Perto de Sarah, só estava Guiomar, a cega, rezando, com os olhos voltados para o céo...

O sol era ardente, e nem um sôpro de viração agitava as plantas e as arvores.

Apesar d'isso, quando Sarah estava mais absorta nas suas meditações, os ramos da oliveira a que se abrigara moveram-se como se tivesse passado uma lufada rija... Sarah estremeceu e olhou a ramaria verde escura que vinha de cima do muro como um docel...

Viu então um braço nú que afastava alguns ramos... la a levantar-se...

— Não se mexa, disse uma voz fresca; não se mexa nem olhe para cima.

— Quem está? perguntou Sarah, obedecendo.

— Quasi ninguem: Pepe, ou José, se achar melhor — sou o mais novo dos pastores da serra. Não ouvis os chocalhos das ovelhas? E' que andam a pastar e a chamar por mim.

— Sáe d'ahi, rapaz, que o muro é muito alto e podes cahir...

— Cahir, nanja essa! O tronco da oliveira é mais grosso que as columnas do altar de Nossa Senhora e tem as braçadas tão bem dispostas que parece até escada de fidalgos para cella d'abbadessa...

— Vens então varejar a flôr ou estragar os ramos?...

— Qual! Ganhar cinco *maravedis,* que são uma fortuna com que hei de chegar a ter um *portuguez* do finissimo ouro do nosso rei...

— Para que te deram esse dinheiro?

— Para dar um recado á noviça mais bonita que eu visse na cêrca do mosteiro.

— E então?...

— Espreitei e vi — sois vós...

— Enganaste-te, com certeza..

— Talvez não; quem entende d'ovelhas, entende de mulheres. Falta-me só uma prova: chamaes-vos Sarah?

— Sim, respondeu Sarah, conservando-se com a fronte encostada á mão, como se estivesse meditando.

— Eu não dizia? acertei como um monge sabio... Pois, senhora minha, como se diz na Alcáçova, meu amo...

— Teu amo!

— Sim, que são meus amos todos que pagam para algum serviço honesto, que a outros não me presto...

— E quem é teu amo?

— O senhor Jacob Adibe...

Sarah estremeceu intimamente.

Alguma audacia! pensou ella.

Depois socegou.

E' verdade, dera-lhe um recado para seu irmão. Era natural que lhe mandasse resposta...

E em voz mais alta:

— Que diz o senhor Jacob?

— Meu amo é um pastor como eu, mas de gado mais fino. E' um pastor a valer... Eu fujo quando vejo os lobos a namorarem-me o rebanho, mas elle atira-se-lhes que é uma belleza...

— Dize depressa...

— Então lá vae. O senhor Jacob desconfia de qualquer manobra contra a menina, e, provavelmente, como sois bonita, quer defender-vos.

— Corro, então, algum perigo?

— Quem está ahi dentro está sempre em perigo. Se fizessem como eu, que ponho á parte o gado com gafeira...

— Vamos, Pepe...

— Ora o senhor Jacob não entra ahi quando não quer. Quando elle quizer é um pulo... Encarrega-me, pois, o senhor Jacob... Aquillo é que é um rapaz ás direitas! Cinco *mararedis*, cinco *mauros*, cá na lingua da serra, por trepar uma oliveira!... Faz mesmo gôsto! Não é verdade, menina Sarah?

— Mas dize, dize...

— Encarrega-me de lhe dizer que, logo que se veja em risco de soffrer algum desastre ou injuria, emfim, sempre que precise de soccorro, se fôr de dia, ponha na fresta da sua cella este ramo de oliveira...

E Pepe, dizendo isto, deixou cahir no regaço de Sarah o ramo em que falava.

Sarah pegou n'elle distrahidamente.

— Está ouvindo, menina Sarah?

— Estou.

— Bem, o ramo de dia, e á noite uma luz.

— E quem verá esse signal?

— Eu e as minhas ovelhas, em troca d'uma caixa cheia de *reaes pretos,* d'aquelles de D. João II — que dizem — *pela lei e pela grey,* como se canta em Coimbra.

— E quando dormires?

— Render-me-hei. Meu pae tambem tem rebanho de rapazes. Havendo necessidade, cahimos lá dentro como se fôssemos assaltar terras de mouros.

— Obrigada, Pepe.

— Lá darei o agradecimento, que para mim não é. Olhe, menina, como o tempo está quente e de luar e os pastos por aqui estão na conta, todas estas noites trarei a rede para junto do muro. E haveis de sentir o tilintar, que estas malditas nunca estão quietas! E que Deus vos faça abbadessa d'outro mosteiro.

E Pepe desappareceu.

— A Providencia vela por mim! Sinto-me mais forte e animada!

E, envolvendo-se na multidão das companheiras, Sarah entrou no mosteiro.

Ao chegar ao cimo da escadaria, olhou o monte em frente.

Pepe, com grande cajado ao hombro, tendo ao lado um molosso quasi do tamanho d'elle, fazia sentinella ao seu rebanho.

— E a mim! pensou Sarah, reconhecida.

VIII

As duas irmãs

Pepe tinha o typo que poderia resultar d'um misto de andaluz e de napolitano. Era mais vivo que os pastores das paizagens de Italia, mas tinha, como elles, aquella artistica physionomia d'um cantor que começa por quebrar os échos da serra e acaba por mendigar, cantando, nas ruas das cidades.

O olhar era hespanhol, mais hespanhola que portugueza a accentuação guttural e sonora... O rosto alegre, d'uma alegria communicativa, e a graça despretenciosa e picante denunciavam-lhe intelligencia tão viva como o olhar. Moreno, com feições delicadas, que não correspondiam á sua modesta condição, cabellos negros, luzidios como as madeixas dos ciganos, a cahirem sobre o pescoço e a emmolduarem-lhe o rosto, peito nú... dava a um pintor de raça uma cabeça de estudo, vigorosa, graciosa e empolgante!

Teria dezeseis annos, quando muito; mas, apesar de pequeno, apresentava hombros largos e musculatura sadia. Corria como um gamo, saltava como uma lebre, e, mesmo descançando, tinha aquella mobilidade de gestos e de olhares, que abonam a saude do corpo e do espirito... Mesmo só, nunca estava calado — conversava animadamente comsigo mesmo, transmittindo sensibilidade a tudo que o rodeava — pedras, ovelhas, arvores, passaros, hervas e insectos! Sentado, revolvia nas mãos o seu cajado, arremessando-o ao ar, equilibrando-o nos dedos, castigando a terra e os vermes, açoutando os ramos...

Se largava o cajado, pegava em juncos e canniços, e inventava n'elles, com a ajuda da sua faca, laços, corôas, armas d'arremesso e gaitinhas pastoris... Conhecia todo o seu gado, e a cada cabeça dava uma alcunha... Conversava com as ovelhas, como se ellas fôssem rapazes e raparigas da sua edade, e inventava intrigas de familia para ter pretexto de ralhar com umas e premiar as outras...

Deitado de costas, á sombra das arvores, assobiava aos passaros, e com elles ao desafio, ora applaudia o que melhor cantava, ora afugentava, atirando-lhes torrões, os que não respondiam, ou piavam apenas.

Trepava ás arvores para ver os ninhos, mas não os arrancava.

— E' boa vizinhança, dizia elle. São creanças, mas não dão noites más!

A's vezes passava horas, de bruços, observando os formigueiros, que comparava aos mosteiros de frades e de freiras. A's formigas mais pequenas e louras teimava em chamar noviças, e ás outras, grandes e negras, monjas de Lorvão...

Calado nem um momento; quando não conversava com a *sua gente*, assobiava e cantava.

A' beira d'um regato, lançava n'elle uma fileira de folhas seccas, a que chamava uma armada, e soprando-a, mandava-a descobrir mundo, em nome d'el-rei...

Nada d'isto lhe fazia esquecer os deveres do seu cargo. De quando em quando chamava o cão, o seu *Frade*, e mandava-o enxotar as ovelhas para o logar em que as queria. O cão vinha alegre e obediente, e Pepe dava-lhe instrucções, que o *Frade* ia cumprir, depois de lamber as mãos do dono.

Puzera aquelle nome ao meigo animal, para ter o direito de espancar um frade, quando fôsse preciso, dizia elle.

— E vá lá com Deus, que ainda pensei em chamar-lhe Abbade geral, disse Pepe, no dia do baptismo...

Seu pae era rendeiro do mosteiro, e ás vezes, quando o anno ia mal, como tinha muitos filhos, não podia pagar as rendas.

Um dia a abbadessa despediu-o, e seu pae chorou muito, e á noite foi-se ao alto d'uma penedia para se atirar por ella abaixo.

Pepe seguiu-o, e disse-lhe com affectada alegria:

— Pae, arranjei o dinheiro; podemos ficar nas terras.

— Onde o arranjaste, Pepe?

— Não se importe com isso; eu que digo que arranjei, é porque está arranjado.

— Enganas-me, Pepe.

— Por alma da mãe, pae, juro que está tudo arranjado.

E depois, acompanhou o pae a casa, o pobre velho, que chorava então, mas de prazer. Pepe ficou como se pode imaginar. Deixou socegar a familia, e veiu guardar as ovelhas. Andava rondando o muro da cêrca, quando viu approximar-se um homem muito embuçado, a quem o caseiro abriu a porta e os cães não ladraram.

Não largou o seu posto.

Ao romper do dia o vulto ia a sahir e Pepe tomou-lhe a deanteira.

Era um mocetão, esvelto e nada feio.

Pepe contou-lhe a sua historia, e, ao contal-a, chorou tão sincera e affli-ctivamente, que o desconhecido attentou no rapaz com viva curiosidade.

— Salvaste hontem teu pae! E' uma bonita acção. E agora?

— Agora, senhor, se lhe não levo o dinheiro, perco a vida de meu pae e a alma de minha mãe!

— Juraste por ella?

— Se não jurasse, elle não me acreditava. Menti ao pae e ao Céo, como um perro, que não tem pae e que não crê no Céo...

— Teu pae vae erguer-se, que o sol já se annuncia. Que farás, pequeno, se tiveres de matar a esperança com que o pobre velho adormeceu?

Pepe ficou um momento a pensar, e depois, erguendo a cabeça, com a majestade d'um pequeno heroe, exclamou, com as lagrimas na voz:

— Fujo a meu pae, atirando-me pela penedia que elle escolheu, e vou ao Céo explicar a minha mãe, que foi para lhe salvar o homem e os filhos, que eu atraiçoei a sua alma de santa.

— Admiravel rapaz! murmurou o desconhecido.

— E ella, sabendo isto, perdôa, pois não perdôa, senhor?

— Perdôa, sim, descança. Onde é a tua cabana?

— Do outro lado da serra; logo ao descer.

— Quantos irmãos tens?

— Commigo, somos oito...

— Vá feito, disse o desconhecido, por Moysés ou por Jesus, que afinal uma acção boa agrada sempre aos deuses.

— Senhor, eu não vos engano. Não vos offereço o rebanho, porque não é meu, mas dou-vos o pastor e o seu cão; tereis uma matilha para vos guardar até á morte!

— Vamos lá; acompanho-te. Olha, porém, que se me preparas alguma armadilha, levo por fiador a tua vida.

Pepe já não ouviu estas palavras; mal lhe disseram *ramos lá,* chamou o *Frade,* recommendou-lhe o seu gado, e foi monte acima...

Quando o pae de Pepe accordou, recebeu da mão do pequeno pastor, na presença do moço cavalleiro, mais que o necessario para o pagamento das suas rendas...

Desde esse momento, Jacob Adibe teve ao seu serviço dois cães, que se lhe rojavam aos pés e o fitavam com o olhar a trasbordar meiguice — eram Pepe e o *Frade*...

Imagine-se, pois, com quanto prazer o nosso pastor recebera a fidalga incumbencia de velar, de dia e de noite, pela pobre Sarah!

Era já uma prova de confiança na sua lealdade e na sua fôrça! Coragem tinha elle, e fôrça andava desenvolvendo-a, levantando pedras no monte e esticando os braços nas oliveiras...

Com seus irmãos regulara os quartos de sentinella, mas elle, coitado, só vencido pelo cançaço se deixava adormecer!

Ia passar os dias e as noites com os olhos pregados nas grades do mosteiro.

Aquella alegria infantil, que enchia a sua constante solidão, modificou-se muito.

Deixou de assobiar aos passaros, de brincar com os juncos e canniços, de observar os formigueiros de Lorvão, de palestrar com o seu rebanho!

Afiou, com cuidado, a faca dos seus brinquedos, aguçou mais o seu cajado nodoso, e nem já se deitava de costas ou de bruços, olhando o céo muito azul e a terra muito parda!...

Rondava o monte, como uma atalaia nas ameias d'um castello, e, de lado, passeando lá no cimo, ou de frente, descendo até a cêrca, ou ainda descançando, sentado nas restevas, ou de pé encostado ás arvores, tinha sempre os olhos pregados n'aquelle palmo de muralha, onde, de um momento para o outro, poderia apparecer um ramo d'oliveira, ou a luz d'uma véla.

E o *Frade,* o dedicado companheiro, não comprehendendo a tristeza ou a preoccupação do seu dono, sempre que podia acompanhal-o, punha-se ao lado d'elle, com o corpo de rôjo, extendidas as mãos, erguido o focinho, com os olhos no ponto para onde Pepe estava olhando!

Sarah, durante a noite adormecia, por vezes acalentada por aquelle monotono tilintar das ovelhas, e, ao erguer-se, ia logo espreitar o monte... Sempre que entrava na sua cella enviava o olhar para aquelle horizonte de vigilancia e salvação, e á noite, depois das Trindades, quando as sombras do valle já envolviam o cume da serra, via que estava sempre estrellado o céo da sua existencia.

Eram os olhos da matilha de Jacob que tremelluziam como estrellas, deante d'ella, na linha do horizonte, por baixo do arvoredo, quasi junto da terra...

*

N'um dos curtos momentos em que Pepe se ausentava, deixou um de seus irmãos no seu logar, e foi na direcção da sua casa, ao encontro de Jacob.

— Falaste-lhe, perguntou-lhe o christão novo.

— Como estou falando comvosco, sr. Jacob. Como ella é bonita! Parecia mesmo uma imagem!

— E disseste-lhe...

— Disse-lhe tudo... E ouvi-lhe a voz tão doce, tão meiga, que dava mesmo vontade de estar empoleirado a cantar-lhe lá de cima, cantigas que a alegrassem... Pareceu-me tão triste a pobre noviça!

— Nada te contou do que se passara até aquella hora?

— Nada, sr. Jacob. Notei apenas que estremeceu quando lhe disse o nome de meu amo. N'essa occasião esqueceu-se do que eu lhe recommendara, e olhou para mim. Pareceu-me ver os olhos meigos e humidos d'uma gazella!...

— Bem, Pepe, vigia-a sempre e, no caso de fazer o signal, se tiveres tempo avisa-me, mas opera immediatamente.

— Deixe isso por minha conta.

— Salva-me aquella ovelha e esse rebanho será teu...

— Para que me fala em paga? Pago estou eu e de sobra, que só com a vida se paga a salvação da nossa vida...

— Não falemos n'isso, Pepe. Sei que és leal e dedicado. Se ás vezes aguço appetites é porque estou farto de pagar amor, serviços e lisonjas... Vamos, porém, ao que importa. Conheces o morgado de Travanca?

— Como os meus dedos. Salvo se fôr verdade o que me disseram?

— O que foi então?

— Que o afeia e transfigura um gilvaz que lhe fizeram na face esquerda.

— Reconhecel-o-has, apesar d'isso, sempre que elle se avizinhe do mosteiro. E' indispensavel não o perder de vista. Se elle lá entrar de noite, e isso lhe será facil, não rondes extra-muros, salta, embosca-te, escuta, espreita. Os cães conhecem-te a voz e tu conheces as sacristãs. E's pequeno, em qualquer canto te escondes... Nas medas de lenha, nas uchas do vestiario, nas bancadas das galerias, nos telhados, junto ás adufas abertas, nas pregas dos reposteiros, sob a mesa do comedouro, nas escadas das serventias particulares, na torre dos sinos, em qualquer parte, emfim, onde possas espreitar e ouvir, esconde-te... E's forte e agil, e, quem pratica o bem, não tem medo de surpresas. O crime é a atmosphera dos cobardes... Se fôr necessario, aluga, corrompe, compra, ameaça, lucta e morre... Offereceste-me a tua vida; não a quero; mas, se fôste sincero, offerece-a, dedica-a, sacrifica-a a essa pobre creatura, que veiu ensinar-me para que serve a vida e deter-me no caminho da prodigalidade e do vicio, em que eu ia a embrenhar-me, sem consciencia, sem rumo, sem esperança...

— Basta, basta, sr. Jacob, que já comprehendi o bastante. E verá! Hei de ser digno d'essa gloriosa missão. Provarei que uma creança sabe fazer-se um homem, e, sempre que eu haja de proceder, hei de lembrar-me da vida de meu pae e da alma de minha mãe.

— Bem, Pepe, bem, disse Jacob, vivamente exaltado, aqui tens dinheiro, e deu-lhe uma bolsa, para luctares com os fracos; aqui tens uma arma, e entregou-lhe um punhal pequeno e afiado, para venceres os máus e os fortes... A' tua intelligencia e ao teu coração confio a lucta com os bons.

Pepe guardou tudo, soffregamente, como se receasse que alguem estivesse a espreital-o.

— Eu já tinha afiado a minha faca na pedra da lareira e experimentado o seu golpe nas piteiras dos vallados, mas isto é melhor, disse elle, affagando o cinto, e, sobretudo, o dinheiro, que envenena, fere e insulta...

— Pedi a teu pae guarida por alguns dias... Ao primeiro alarme, irei em teu soccorro, e, ainda que Lorvão tenha de ir pelos ares, hei de salvar Sarah das garras dos seus inimigos!... Tens comprehendido?

— Perfeitamente...

— Já não te offereço o rebanho; prometto levar-te commigo para Lisboa e mandar-te para as Escholas Geraes e fazer de ti um homem!... Repara bem — um homem!

O pastorzito ficou a pensar... Já não protestava contra a promessa que lhe faziam...

— Para Lisboa?! dizia elle, fitando o céo ao acaso, por não saber para que lado ficava a formosa cidade. Para Lisboa! e vou apprender a escrever, e a falar bem, e a desenhar os campos da minha terra, e a ganhar o pão dos meus pequenos?! Ah! senhor Jacob, que eu não precisava d'isso para vos amar, mas sinto que vos amarei tanto, tanto, como amo o Sol, que me aquece de inverno, e a Lua, que me guarda de noite.

— Estás apparelhado e prompto. Vae, Pepe, e que Deus te inspire e encaminhe.

Pepe subiu até as oliveiras, que coroavam a serra, e depois desceu até o pequeno que o substituira.

— Ha alguma novidade, João?

— Nada de monta, respondeu o pequenote. Apenas vi dois homens que andaram lá em baixo olhando o muro, e depois tornearam o mosteiro.

— Era gente do sitio?

— Não. Eram desconhecidos. Pareciam aldeãos de Travanca, vestidos como os maltezes que por lá acampam em dias de feira...

— Dizes então que não ha novidade?! Nada a teus olhos, é tudo aos meus. Ora, desce á estrada e vê se os avistas no portal ou na egreja... Se não os encontrares desce á ribeira e entra na venda do *Judeu* ou na tavolagem do *Africano*. Lembras-te das caras e dos fatos d'elles?

— Eram eguaes nas barbas e nos mantéos.

— Bem, não percas tempo. Pede licença, pede esmola, ou não peças nada, comtanto que entres onde elles estiverem e ouças o que elles dizem.

João partiu a correr...

— Espera ainda, disse-lhe Pepe, e, com ares de nobre, tirou do cinto alguns *maravedis*, que deu a seu irmão.

— Toma, se fôr preciso entra de cabeça erguida, abanca, come e bebe e offerece. Quem dá é tio. Come e não bebas e dá mais vinho que comida. O vinho é falador, a comida reservada. Fala pouco e ouve o mais que possas.

— Está dicto, disse João, alegre e vivo. Posso partir?

— Espera ainda: nada perguntes, espera que te digam... Se te quizerem enganar não te faças esperto, mas tôlo. Tudo isto antes da noite e longe das mãos d'elles. Se bem andares, conta commigo. Antes das sete horas quero-te aqui.

João, depois de ter ficado alguns momentos a olhar para o irmão, á espera que elle se lembrasse de mais alguma coisa, fez tinir o dinheiro, metteu-o depois no peito e foi-se aos saltos, por cima dos sulcos, como um coelho bravo fugindo dos batedores...

Quando João chegou á estrada, os dois maltezes, como elle lhe chamava, mas que eram dois verdadeiros ciganos, com modos e atavios de alquiladores, escoavam-se pela ribeira em direcção á venda do *Judeu*.

Chegados alli, pediram um cantaro de vinho e azeitonas e abancaram, ao fundo da casa, batendo com os chicotes sobre a mesa grosseira e suja.

João, que ensaiara o aspecto mais alvar e a voz mais timida, achegou-se a elles pedindo um ceitil.

— Vae-te d'aqui, rapaz, que praga!

E o outro:

— Nascem os miseraveis pela ribeira, como nascem os cogumelos pelos montes! Arreda, arreda.

— Maldicto dia! disse o pequeno. Nem fieis na egreja, nem caldo no mosteiro, nem um real na estrada!...

— Então hoje não abriu a egreja?

— Abriu de manhã cedo para as orações das monjas, mas não appareceu ninguem... Ninguem é um modo de dizer. Appareceram pobres como eu, que é o mesmo que não apparecer ninguem... ou peor ainda.

— E nos outros dias? perguntou um dos ciganos.

— Nos outros dias é outra coisa. Apparecem por lá cavalleiros e fidalgos bem vestidos e caridosos... Por exemplo: o senhor morgado de Travanca, que isso é que é um fidalgo...

— Então não perdes o dia. O morgado apparece por ahi hoje e ainda poderás apanhar moeda nova e de pêso...

— Ora, mas a que horas virá elle? Eu tenho que partir de Lorvão ao principio da noite e já não o apanho.

— Com certeza que não; o senhor morgado não é homem que passe antes da meia noite, e então perde as esperanças. Dize-nos cá, rapazola, costumas ir ao convento?

— Algumas vezes. A senhora abbadessa metteu-me no rol dos que teem gamella e pão.

— Deves então saber de que lado ficam as cellas das noviças...

— Se sei! Do lado do horto e da porta da cêrca...

— Já sei, já sei; é do lado do muro a que está encostada uma oliveira enorme, que se debruça sobre elle.

— Sim, é para esse lado que dão as frestas das cellas, mas o corredor que lhes dá entrada é do lado opposto e communica com a escada que vem á sala do capitulo e que desce pelo refeitorio até a escada, onde está a serventia, junto ao portal.

— Conheces bem a casa, não tem dúvida, o que tu não sabes é que na sala do capitulo se ouve tudo que se passa e diz nas cellas das noviças...

— Sei que não se ouve nada. A escada vem á galeria onde está a porta da sala, mas não é necessario atravessar o capitulo para entrar no refeitorio.

— Era o que eu dizia, disse um para o outro.

E logo em seguida:

— Dinheiro não temos, mas, se queres, bebe uma gôtta de vinho que ha de dar-te fôrças para a jornada.

— Obrigado, senhores, mas não bebo.

João desceu a ribeira, torneou o mosteiro a distancia e foi parar ao posto de seu irmão.

— Sei tudo; preparam os maldictos um assalto ao mosteiro.

— Soubeste-lhe os nomes?

— Não; mas esperam hoje o morgado de Travanca.

— Querem o ouro da egreja?

— Não; as cellas das noviças.

— A maior riqueza, para um morgado rico...

Vae, João, traze e dispõe os nossos rapazes todos, que temos esta noite caçada ás raposas. A que horas chega o morgado?

— A' meia noite.

— Boa hora.

— Boa hora, para que, Pepe?

— Não te assustes, pequeno; á meia noite deixo o monte e vou para as Escholas Geraes. Anda-me ligeiro, rapaz, e esse rebanho será teu...

E Pepe, com a mão na ilharga, apontava solennemente, ao irmão, o caminho da cabana.

*

Sarah recebeu noticias de Deborah. Foi essa a sua unica consolação n'essa tarde.

Dizia-lhe sua irmã:

«Minha boa Sarah

«Matam a pobre Joanna as saudades que nos deixaste, e a mim, apesar de ter sido causa da tua fuga. Em breve ter-me-has a teu lado, que a ordem do Desembargo não pode deixar de ser cumprida. Quatro ou cinco dias mais, pois, como sabes, a viagem é muito demorada, e eu estarei a teu lado, esperando que se resolvam os negocios de Pedro.

«A nossa Joanna fala muito em ti e nada pode consolal-a da tua ausencia. Pedro foi apresentado na Alcáçova, pelo padre Ignacio, de quem é muito amigo. El-rei acolheu-o com todo o favor, e pensa mandal-o á Africa, n'uma commissão de serviço muito honrosa e lucrativa. O tempo da sua ausencia será o que havemos de passar juntas.

«Antonio Carneiro protege francamente o nosso Pedro, e, por motivos que tu desconheces, mas que um dia te explicarei, condemna-o a casar com uma de nós! Não sei por que, escolheu-me... Pedro afiançou-me que era esse o teu desejo.

«Não imaginas quanto Pedro tem sido caricioso para mim! Apesar do desgôsto que resulta da tua ausencia, julgo-me tão feliz!... Perdôas-me esse desabafo, sim, minha boa Sarah? Para que hei de estar a fingir!...

«Já não choro tanto... pelo contrário, muitas vezes me sorrio com a velha Joanna, que está muito orgulhosa por ver o filho tão requestado na côrte.

«Diz-se já que Pedro fará parte da primeira embaixada que ha de ir a Roma... Está um fidalgo, mas sempre bom, delicado e generoso...

«Fala sempre de ti com tanto enthusiasmo!... Até me diz que te deve a sua felicidade!

«Minha querida Sarah, eu nunca te falei do meu segredo? Perdôas-me,

sim? Eu amo muito o nosso Pedro! Amei-o, sempre, e, se o não disse mais cedo, foi porque imaginei que tu o amavas como eu! Pedro fala-me muitas vezes em o nosso casamento, e affirma que tu, mui brevemente te apaixonarás por algum cavalleiro dos mais fidalgos da côrte, em que ambas seremos apresentadas. Deus o permitta, Sarah! Apesar de tudo que me dizem, eu só descançarei quando tiver a certeza de que escolheste noivo, tão bom e tão leal como o nosso Pedro.

«Ahi não te será facil encontral-o, que sempre estás n'um mosteiro, mas em tu vindo para Lisboa, como és formosa e meiga, facilmente serás amada por qualquer brigão honrado e alegre.

«Lisboa está socegada, a peste vae a desapparecer, e o odio entre christãos e judeus, se não pode acabar, vae pelo menos mais esmorecido.

«Os nossos serões deslizam apenas perturbados pela idéa de que Joanna ficará só com seu filho até que chegue o dia do nosso casamento. Porque está definitivamente ajustado esse contrato... N'esse dia, sahiremos as duas de Lorvão, celebraremos os esponsaes e viremos a Lisboa passar alguns dias, até que Pedro parta para Africa.

«Quanto me custa pensar n'essa separação, minha Sarah! Tanto! que toda a minha felicidade se turva de nuvens negras, quando me lembro que hei de passar muito tempo não escutando as palavras apaixonadas de Pedro.

«O padre Ignacio diz que elle ha de ir longe... Até lhe prometteu que, se elle defender algumas pretensões do senhor D. Manuel, em Roma, terá melhor resultado que Pedro Correia, que é um habil embaixador.

«Minha querida Sarah, temos sido muito infelizes, não é assim? Mas quem sabe? Talvez que o Céo nos proteja e ainda tenhamos um futuro muito alegre?...

«Pedro é homem para alcançar essa victoria. Para ambas, nota bem isto, para ambas. Se visses como elle fala de ti, com todo o amor d'um bom irmão! Sarah, Sarah, já me não fazes ciumes!... É que eu cheguei a convencer-me de que tu, se o amaste, terás muitos rapazes que te queiram, e que eu, se o perdesse, não encontraria quem o excedesse, ou pelo menos o egualasse!...

«Quanto desejava ter noticias d'esse mosteiro! Muitas rezas, muitas penitencias e muita ordem, não é verdade? Essas boas senhoras, que te rodeiam, tão puras, tão religiosas, é possivel que te aconselhem a odiar o mundo e não a pensar no amor!

«Cuidado com os excessos, minha querida Sarah; não te deixes dominar pela austeridade da regra, e não te beatifiques, esquecendo a familia e teu noivo, que o has de ter — o mais elegante e arrojado.

«Nós, eu e Pedro, devemos partir n'um d'estes dias, acompanhados d'um agente de Ayres da Silva. Vou emfim vêr-te, que me parece que ha já um anno que te não vejo!

«Pedro leva recommendação especial para um bello mancebo dos arredores de Lorvão, de quem muito se fala aqui, por ser filho do judeu proscripto Jacob Adibe, que acaba de prestar relevantes serviços em Africa ao duque de Bragança, D. Jayme. Pedro leva ordem de o trazer a Setubal, onde será apresentado a el-rei, que deseja recompensar no filho a lealdade do pae.

«Adeus, Sarah, até breve. Ahi vae um beijo da tua

Deborah.»

Sarah leu esta missiva de sua irmã, e ficou muito tempo com ella sobre os joelhos, a pensar...

— Já não tem ciumes! disse Sarah. Coisa extraordinaria, tenho eu! Não ha dúvida; Pedro ama-a e vae recebel-a... Posso contar com o seu amor de irmão. Assim devia ser! Se ella não vê senão Pedro! E tem razão. Ninguem ha tão nobre, tão fidalgo, tão bom! Jacob parece-se um pouco!... Parece-se mesmo muito. Não tem como Pedro a innocencia e a castidade moral, pelo menos, que fez de Pedro um homem de familia, de juizo, de previdencia... Jacob é um homem do mundo, que começa pelo fim... Pedro vae a subir, Jacob começa a descer...

Tinham approximadamente a mesma edade, egual caracter, mas Jacob começara a viver mais cedo... Chegava a ella na volta da jornada... Pedro fugira-lhe ao partir... Mas havia muitos pontos de contacto entre Pedro e Jacob, apenas com a differença de que Pedro era um bravo no cumprimento d'um dever, e Jacob nas suas apaixonadas devoções. Pedro amara Deborah, porque lhe experimentara o coração, Jacob adivinhal-a-hia...

Pedro era um solitario, um triste; Jacob um arrebatado, um poeta.

Um era sublime de dedicação; o outro um estouvado generoso.

Pedro começara por encontrar Deborah no começo das suas esperanças; Jacob encontrara Sarah no fim das suas desillusões...

Pedro amara Deborah pela sua bondade; Jacob impressionara-se com os olhos de Sarah.

E Sarah continuou pensando muito nos dois unicos homens que encontrara no alvorecer da sua mocidade — um a quem requestara amor e de quem recebera amizade, outro a quem pedira amizade e que lhe offerecia amor!

Sua irmã taes palavras ouvira a Pedro, que já não tinha ciumes, e ella, conhecendo a felicidade de sua irmã, ainda lhe tinha inveja!

Bem dissera Ignacio — a amizade resigna-se, o amor resiste.

E a prova?

A prova era que Sarah, meditando muito sobre as palavras de sua irmã, a si propria perguntou:

— Se ao ver Deborah, Jacob a preferisse?...

E Sarah levantando-se resoluta:

— Que Deborah fôsse sua irmã...

E' assim o coração humano, e é na mocidade que elle mostra mais nitidamente as suas dedicações e os seus egoismos.

A pobre noviça sentia-se grata para com Jacob...

A gratidão é o principio do amor?...

Quando, pois, Sarah respondeu a sua irmã, começou assim:

— «Conheço Jacob Adibe, é um corajoso e leal mancebo, que poz o seu braço ao serviço da minha causa. Sem me conhecer, desaffrontou-me... sem me vêr, vigia-me; sem m'o dizer, ama-me...

«Dizes-me quem elle é; já o conhecia, porque o tinha adivinhado... Não se approxima nem me espreita; espera o meu olhar na luz d'uma vela, e o meu sorriso n'um ramo d'oliveira...

«Não comprehendes tudo isto que eu te digo, minha irmã? Pois vem, e conhecerás este mysterio.

«Como n'um conto de fadas, eu tenho dois talismans, duas varinhas magicas com que posso chamar em meu soccorro...»

E Sarah deteve-se...

Para que havia de participar a sua irmã talvez um gracejo de galanteador de mosteiro?...

Quem era Jacob? um adonis expulso pelas monjas, por causa d'uma noviça sem protecção?...

Uma aventura mais d'um cavalleiro feliz... Chamava-lhe soccorro, e talvez fôsse uma ameaça.

E depois talvez uma vingança... Philippa repellira-o, e elle buscava o desfôrço amando outra mulher. Quem lhe offerecera protecção? O pastor. Se tudo isso fôsse um ardil?...

Sarah ficou perplexa. Era verdade não lhe ter ainda occorrido semelhante idéa!... Por que lhe inspirava tanta confiança Jacob, a ella, que tão pouco o conhecia?

Pois, era natural tanta dedicação por uma rapariga que elle vira apenas n'um momento?

Não seria aquelle mosteiro um reguengo por onde aquelle caçador andava na pista de caça nova?

Como era fraco o coração das mulheres! Bastara um acto de dedica-

ção, talvez vulgar n'aquelles paladinos affeitos a brigas e contendas, para que ella se julgasse privilegiada no coração d'um homem habituado a conquistas mais ou menos difficeis! Creancice!

Que perigos podiam ameaçal-a? Talvez o morgado de Travanca... mas esse nem a côrte lhe fizera, e não seria tão imprudente que tentasse uma violencia contra ella, que estava sob a tutela da justiça...

Aquillo, evidentemente, era um estratagema para lhe inspirar gratidão, um pretexto para manter relações e influencia romanescas.

Era um plano muito habil, que devia impressionar-lhe a imaginação. Afinal elle fazia parte d'aquelle meio e podia ser tão bom como os outros...

Sarah sentia um profundo desgôsto ao fazer todas estas supposições. Agradava-lhe muito mais a primeira impressão... Por que não havia ella de ter mais encantos que as outras?

Farto de mulheres levianas, era muito possivel que Jacob, talvez mal educado, mas fidalgo nos intentos, notasse a differença profunda entre Sarah e as suas companheiras... Talvez que até, conhecendo os perigos a que ella estava exposta, a quizesse salvar de qualquer trama urdida pela abbadessa e por sua filha...

Receando uma vingança, era possivel que aquellas mulheres, não podendo exercel-a contra Jacob, a planeassem contra ella... Que afinal era valente, impetuoso, e estas qualidades não se compadecem com a hypocrisia e a traição!... O que lhe dissera o pastor, tinha o cunho da sinceridade e do desinteresse...

Ao principio da noite, Sarah conservava-se abysmada n'estas reflexões, quando entrou na cella Philippa d'Eça, que vinha com ar solenne.

— Sarah, disse a filha da abbadessa, venho prevenir-te...

— Senhora...

— Venho prevenir-te de que a senhora abbadessa foi avisada, por denuncia anonyma, de que está planeada uma fuga, ou um rapto para esta noite... Tomei as minhas precauções. As condições em que aqui te achas são differentes d'aquellas em que se acham as tuas companheiras. Estás depositada á ordem do Desembargo... Se te concedi por homenagem todo o mosteiro foi por fazer justiça á tua educação e á tua lealdade. Tenho o direito de te isolar e prender... Não o farei...

— Mas, senhora, não sei a que vos estaes referindo. Creio que ninguem poderá attribuir-me semelhante proposito. Juro-vos, senhora, que estou innocente.

— Não duvido; o meu dever, porém, é prevenir-te de que se mallograria qualquer tentativa, e de que a punição te seria muito incómmoda.

— Dizei á senhora abbadessa que pode confiar em mim e procurar n'outra cella a causa dos seus receios.

— Oxalá que assim seja.

E Philippa sahiu, sem enviar á noviça um olhar de despedida.

A noite adeantava-se, e o morgado de Travanca apeava-se á porta da venda do *Judeu,* onde se achavam ainda os dois ciganos.

— Zampa, chamou elle, sem entrar.

— Senhor morgado, cá estamos para receber as suas ordens.

— São bem poucas e bem faceis de cumprir...

— Faceis? Já rondámos o mosteiro, estudámos a disposição interior, e não achámos nada facil chegar ás cellas das noviças, sem risco de sermos descobertos. Pelo lado da cêrca, ha pastores e luar — dois contratempos.

— Enganas-te, pateta. E' exactamente isso o necessario. Ninguem te falou em entrar no mosteiro, nem em escalar a cêrca. A nossa obra é mais interessante e menos perigosa. Não vamos praticar um crime, mas um acto de justiça. Não venho á caça d'uma noviça, mas d'um judeu.

— E é valente?

— Que te importa? Os meus cães não são ciganos; teem brial, capacete e lança...

— Não percebo, senhor morgado...

— Nem é necessario. Basta que faças, e o teu companheiro, o que vou indicar. A abbadessa foi prevenida de que o mosteiro será escalado esta noite. Ella tomará as providencias que lhe aprouver... Já as tomou provavelmente... Vocês, pouco depois da meia noite, rondem o mosteiro, e se virem alguns homens a escalar o muro, atirem-se a elles, e façam alarme com as businas. O resto é commigo.

— Tenho entendido, senhor morgado.

— Não me chames morgado.

— Então quem sois, meu amo?

— Jacob Adibe.

— Zampa ajudou o morgado a montar, e, quando o cavalleiro já ia distante, gritou da porta da venda, de forma que fôsse ouvido por todos os bebedores:

— Até á vista, senhor Jacob, até á vista!

— Jacob de palestra com os ciganos de Travanca!? disse um dos freguezes para o dono da casa.

— Não faz mal, disse o *Judeu,* enchendo um cantaro, aquelle só entra em empresas d'amor. Faz elle muito bem! Gosa emquanto é novo...

Zampa sahiu com o seu companheiro; metteram-se á ribeira...

Ainda não tinham chegado ao muro da cêrca, pararam.

— Não ouves? disse Zampa.

— Espera; parece gente d'armas, que vae pela outra margem, a esconder-se no juncal.

Zampa, escondendo o corpo dos raios do luar, espreitou attentamente:

— Não ha dúvida, disse elle, vi luzir uma lança...

— Teremos o caldo entornado?

— Qual?! o morgado falou-me em medidas tomadas pela abbadessa. Deve ser isso...

— Medidas contra nós?

— Não; contra outros.

— Quaes outros?

— Não sei. Desconfio de que fingimos de feiticeiros e somos, afinal, feitiços.

— Teremos dança rija, Zampa?

— Isso sim! pouco trabalho e boa paga. Aquillo é que é um amo. Não arriscamos a pelle, e ainda nos mettem na ordem de Christo.

— Cada vez percebo menos...

— Eu tambem não percebo muito; mas é como se percebesse... Vamos lá para deante.

— E as facas?

— Devem estar a dormir, para não fazerem barulho.

— E se houver uma surpresa?

— Não sabes que ellas teem um somno muito leve?...

E os dois bandidos coseram-se com o muro, e foram-se escoando até a oliveira, que já conhecemos.

— Quem vem lá? gritou-lhes uma voz...

— Quem vem lá! Nós é que devemos perguntar: quem está ahi atravessado no caminho, a dormir como um cochino?

— Estou no meu trabalho; guardo as ovelhas que andam no monte; não as vêdes, nem as sentis?

— Ah! sois o pastor?

— Para vos servir, meu fidalgo.

— Viste passar alguem n'esta direcção, ha pouco tempo?

— Vi, sim; pelo garbo e fidalguia pareceu-me o senhor morgado de Travanca.

— Tu conheces o senhor morgado?

— Se conheço! E' um dos meus melhores amigos. Ainda hoje me deu um bom *portuguez* d'ouro para eu vigiar a cêrca do convento.

Zampa subiu com o auxilio de Pépe

— Então és dos nossos! nós tambem trabalhamos por conta do senhor morgado...

— Que me contam? disse Pepe, levantando-se vagarosamente. Bem vae ella, que seis olhos vêem mais que dois.

— E não haverá por aqui alguem que ande em trabalhos de emboscada?

— Só se estiver dentro da cêrca, mas não que entrasse por este lado.

— Seria bom observar...

— Podeis subir e ver. A oliveira tem degráus como o throno, mas sobe-se melhor por ella.

Zampa subiu com o auxilio de Pepe. A cêrca estava inundada de luar; só o horto desapparecia na escuridão.

Pepe afastou-se dos dois ciganos, emquanto Zampa observava a cêrca.

— Com a conversa esqueci-me das ovelhas, que já lá vão monte acima. E' necessario chamal-as.

E, mettendo dois dedos na bôcca, soltou um assobio estridulo, que se repetiu prolongadamente na serra.

Os cães ladraram com violencia, e os quatro ou cinco irmãos mais velhos de Pepe, mocetões armados de bons cajados, acorreram ao chamamento.

— Traição? disse Zampa, e tanto elle como o seu companheiro fizeram logo brilhar as lâminas das suas facas.

— Qual traição, nem meia traição, disse Pepe, tudo isto é gente nossa.

— Mentes.

— Quer minta quer não, deixem-se de ameaças. Larguem as facas se querem entender-se comnosco.

— Vaes pagar-m'a, disse Zampa, e, pondo o mantéo no braço esquerdo, em guisa de escudo, formou o pulo para Pepe.

Não teve tempo; o cajado de Pepe girou no espaço n'uma evolução rapida, que fez gemer o ar, e apanhando o braço do cigano, fez-lhe voar a faca a grande distancia. Zampa soltou um grito e cahiu, ou escorregou pelo muro, com a fôrça da dôr.

— Entrego-me, disse o outro cigano, arremessando a navalha para dentro da cêrca.

— O que querem de nós?

— Eu direi o que queremos, disse o capitão d'um trôço de lanças, que acabava de chegar ao logar do conflicto.

— Em nome da lei, estão presos...

Os dois ciganos reanimaram-se ao verem o soccorro que lhes chegava, e Pepe e seus irmãos julgaram, ao verem a gente d'armas, que o seu esfôrço ia ser secundado pela fôrça pública.

Pepe, comtudo, não desejando ficar separado de Jacob, como era o mais ligeiro e pequeno, aproveitou-se da confusão e desappareceu n'uma volta do muro da cêrca, sem que ninguem désse por falta d'elle.

Desarmados os desordeiros, e mettidos entre as lanças, novo trôço de guardas de segurança, acompanhados de servos com archotes, veiu juntar-se ao grupo. Entre elles vinha Jacob Adibe, e á frente o morgado com a sua ridicula arrogancia.

— Capitão, disse o morgado, juntae aos vossos captivos mais este, auctor e principal responsavel dos assaltos planeados. Como vêdes, o rapto estava excellentemente preparado. O senhor Jacob Adibe guardava a entrada que communica com a galeria das noviças, emquanto os seus cumplices preparavam a escalada da cêrca. Se não fôssem as denuncias, teriam realisado os seus damnados intentos. Vêde, senhor capitão, a luz que brilha n'aquella fresta — é a da cella de Sarah. Querem-no mais claro? Perfeito accôrdo entre a estrada e o convento. Felizmente chegámos todos a tempo. Este fidalgo, judeu contumaz, apesar do baptismo a que fingiu submetter-se, não podendo frequentar o mosteiro, de que foi expulso pelo seu feitio brigão e insolente, resolveu raptar a pequena Sarah. Sahiu-lhe o gado mosqueiro, e, ainda bem, que, se elle triumphasse, graves responsabilidades impendiam sobre a senhora abbadessa...

— Senhor capitão, disse Jacob, esse bandido é o auctor d'uma traição villã em que me vejo colhido. Ordenae-lhe que se cale, ou eu falto-vos ao respeito e mato-o, como se deve fazer ao maior dos miseraveis.

— Assim será, disse o capitão, mas a verdade é que tinheis gente emboscada para um assalto, e gente do vosso agrado e confiança, e que aquelle signal — e apontava para a cella de Sarah — denuncia accôrdo perfeito entre vós e a noviça.

— Além de que, capitão, como sabeis, ainda ha pouco Jacob esteve na venda do *Judeu* procurando corromper estes homens, e apontou para os ciganos, que eu encarregara de evitar o crime.

— Mentes, perro sabujo, não fui á venda do *Judeu,* nem falei a estes bandidos que alliciaste para a armadilha em que se deixou cahir a minha lealdade.

— Negal-o-heis se quizerdes, disse o capitão. A outrem, que não a mim, deveis dar contas dos vossos actos. E' certo, porém, que todos os freguezes da venda affirmam que alli estivestes... pois vos viram e ouviram, e até commentaram a vossa presença e esquivança...

— Pois, seja assim, disse Jacob. Estou ás vossas ordens, senhor capitão. Peço-vos, todavia, me isoleis d'esse homem, a quem, só por deferencia a vós e aos vossos, eu dou este nome.

— Senhor morgado, disse o capitão, a vossa missão está finda; os criminosos estão sob a minha guarda. Cumpre-me guardal-os e fazel-os respeitar...

A guarda poz-se em movimento, e o morgado entrou no mosteiro, onde as monjas estavam despertas e alvoroçadas.

— Contae-nos o que se passou, disse Philippa, mal o viu.

— Realisaram-se as minhas e as vossas prophecias, senhora; Jacob Adibe tinha a sua gente a postos, e, se não houvessemos procedido com tanta energia e diligencia, a esta hora um grande escandalo teria prejudicado a fama do mosteiro.

— Sarah, disse Philippa, dirigindo-se á noviça, insistes em affirmar que és extranha a tão audaciosa cilada?

— Juro-o, senhora; e mais vos juro que estou convencida de que Jacob visava a defender-me de quem me ameaçara na vossa presença, e não a perseguir-me ou roubar-me.

— São graves as insinuações que fazes. Desculpo ou explico a tua ingratidão para o senhor morgado, que tão solicito foi em defender-te, e para D. Pedro, que tão prompto auxilio nos prestou; mas não tolero que assim calumnies teus bemfeitores.

— Não me interrogueis então, senhora. Não posso, entre os cobardes que me insultam e os fidalgos que me desaffrontam, ser por aquelles e accusar estes.

— Retira-te, disse Philippa com voz soberana, farei superiormente as communicações relativas ao vosso irregular procedimento.

— Fazei o que vos aprouver, senhora, que só muito instigada direi quanto tenho visto em Lorvão... Muito agradará ao Desembargo de el-rei conhecer pormenores da casa santa e honesta em que guarda e zela a honra das orphãs, que devia proteger. Quem é fidalga por bastardia, monja por leviandade e abbadessa por corrupção, faz o que vós fazeis — expulsa os amantes de que se abhorrece, insulta a honestidade de que se divorciou, e defendé-se com os rufiões que a exploram. Jacob é incapaz de uma villania... Já não digo tanto de uma fraqueza de que se arrepende e envergonha. E' por isso que está innocente do aleive de que o accusam, e que tanto se arrepende de vos ter amado, ou appetecido.

— Tens a linguagem de uma barregã, embora com o aspecto de uma vestal.

— E' influencia do vosso exemplo e da vossa educação, senhora. Virtudes com que aqui se entra, aqui se perdem. Vicia-nos até o ar que respiramos. Hei de contar a Pedro Soares, que é valido de el-rei, como n'esta casa se adora a Deus com o ritual das saturnaes pagãs, e como n'uma

casa destinada á moral e á conversão se educam as mulheres para o prostibulo, e enxameiam os devassos e os histriões. Nunca ouvistes tanto da bôcca de uma rapariga da minha edade, não é assim? E' que julgaes agora, e sempre julgastes, que só o vicio e o descaro davam energia e coragem; é que nunca tivestes pae que vos reconhecesse e educasse, nem mãe que vos fizesse honesta e boa.

— Senhora D. Philippa, disse emfim o morgado, que tudo ouvira boquiaberto, mal vae o vosso prestigio e mando, se vos deixaes injuriar por uma creança...

— Prescindo dos vossos conselhos, senhor morgado. Isto é negocio entre mulheres; a vossa intervenção molesta-me, e não me soccorre...

Philippa, ao contrario do que Sarah esperava, não se mostrava irritada, e parecia apenas meditar...

— Dizei-me, senhora, como quereis que intervenha, em vosso beneficio e defesa...

— Retirando-vos, senhor morgado, porque preciso de ficar a sós com esta noviça.

— Se isso vos apraz...

— Quereis que vol-o repita?

— Está bem; eu me retiro; lembrae-vos, porém, do vosso nome e futuro...

— Pois é no meu futuro que estou pensando. Adeus, senhor morgado, disse Philippa, indicando-lhe a porta.

Ficaram sós a filha da abbadessa e a noviça Sarah.

Houve um momento de silencio. Interrompeu-o Philippa, dirigindo-se a Sarah, sem irritação, até com doce familiaridade.

Sarah não podia explicar o que via.

Reconhecia já que fôra imprudente. Não pudera conter-se, mas fizera mal. Indignara-a a certeza de que Philippa se associara com o morgado na cilada de que Jacob fôra victima.

Aquella mulher, que todas as monjas respeitavam, ou, melhor, temiam, ouvira-lhe os insultos, e, se ao principio corara de raiva, depois se mostrava placida e conciliadora.

Que transformação!

Sarah soprara um vendaval e surgira-lhe a bonança! Arriscara-se ao insulto e ao castigo, e annunciava-se-lhe o esquecimento e o perdão! Que aquella mulher não tivesse pudor, comprehendia-se, mas que não tivesse brio?!

O brio não tem sexo, e ás vezes até não tem moral... Mas aquella mulher não tinha nem uma nem outra coisa!

— Disseste-me, Sarah, que Pedro Soares era valido d'el-rei?

— Disse, sim.

— Elle frequenta a Alcáçova, conversa com D. Manuel, ouve-lhe as suas confidencias, dá-lhe os seus conselhos?

— Sem dúvida...

— E Pedro Soares é?...

— Meu tutor, amigo e irmão.

— E tu, Sarah, tens influencia no ánimo de Pedro?

— A que resulta da minha estima...

— Bem; tudo te perdôo, Sarah, se nada contares a Pedro do que se passa em Lorvão, e se me ajudares a conseguir de Pedro que traga el-rei a este mosteiro, ou que receba na Alcáçova a filha da abbadessa de Lorvão.

— A que titulo, senhora?

— A que titulo? Creança! olha bem para mim... Não me achas elegante e formosa! Não tenho eu encantos que apaixonem um principe?

— Senhora D. Philippa de Eça, lembro-vos o que vos disse. Castigae-me a injuria, mas não me injurieis com as vossas confidencias.

— Enganas-te — não te quero castigar. A maneira como me falaste, prova-me que és já uma mulher capaz de me comprehender. Julgas, por acaso, que eu amo os homens. Que illusão? Os que faço cahir a meus pés servem-me de degráu. Eu não quero reclinar-me nos braços dos amantes; quero subir por elles, até me apoderar do que mais alto está, mais rico é, mais poder tem!... Hei de ser abbadessa, mas antes d'isso, emquanto sou nova e formosa, quero a influencia historica das mancebas, que semeavam de principes bastardos, e até de herdeiros presumptivos, os degráus do throno portuguez... Quero que a cogula preta, que envergo, chegue a valer tanto como um manto de rainha! Monja, ao serviço de Deus, ou mulher, ao serviço do rei! Já sou esposa do Rei dos Judeus, por que não serei amante do rei dos christãos-novos?... Na galeria das abbadessas de Lorvão ha fidalgas de raça, princezas e infantas, beatas e santas... Quero excedel-as, quero collaborar com el-rei no exercicio do seu poder... Sarah, insulta-me, se te apraz. Vejo que me conheces, mas faze mais: faze com que, aos empurrões de Pedro, ou nos braços d'elle, eu suba os degráus do throno real, ou que el-rei venha orar de joelhos no meu altar!...

Sarah, que se levantara, ouvindo tal confidencia, foi recuando, recuando, sem dizer uma só palavra, até quasi desapparecer na porta da grande cella.

— Ouve-me, Sarah, não fujas. Deves conhecer bastante o mundo, para que não extranhes o que vou dizer-te. Sou pouco mais velha que tu, mas

conheço o mundo, apesar de parecer afastada d'elle. A belleza é um thesouro que se perde nas formalidades da moral. Na mulher ha virtudes mil vezes superiores á sua castidade. Tens visto os genios enramados de louros, mas de laranjeira nunca. Eu não ambiciono a parte do Céo destinada aos innocentes, mas a outra onde o engenho tem o seu altar. Onde podes imaginar, Sarah, que são recebidos os homens de talento? No inferno? por Deus, que o Céo seria então, sobre injusto... insupportavel. No Céo, junto das creanças, das virgens e dos contrictos? Quem havia alli de comprehendel-os e amal-os?... Crê, Sarah, ha no mundo bugigangas que só valem aos olhos dos idiotas. Quando a natureza fez uma mulher bella, impoz-lhe o dever de utilisar essa qualidade em proveito d'uma causa, d'uma idéa, d'uma obra. A formosura equivale a um par de azas vigorosas. Quem as tem, deve voar. Se até os mochos, que se arrastam, dão os seus vôos á roda da luz!... Sabes d'onde vem a minha superioridade e o meu dominio? Julgas que da minha vontade ou dos meus talentos? Não; é da frescura da minha pelle e do fulgor dos meus olhos. Comecei pelos cortezãos, chegarei aos principes, e não esquecerei os pontifices. O habito faz-me a ultima e a primeira entre as mulheres. Uma mundana religiosa está em risco de ser canonisada. Vê a galeria do Céo!... A victoria não está no peccado, mas no arrependimento. Ora o arrependimento só vem na velhice... Quando não ha resistencias é facil vencer... E eu hei de vencer, Sarah, o meu temperamento e a minha ambição, quando não puder amar, ou fingir que amo. Julgas que os homens valem mais que nós? E's uma tonta. Toda a nossa fôrça está na fraqueza que ostentamos. Um rei nos braços de uma mulher é um homem como qualquer outro; ás vezes até lhe é inferior... Bem presinto a tempestade que pode erguer-se contra mim, e é por isso que me defendo. A'manhã, quando vagar o logar de abbadessa, o reino votará contra mim, mas a Rota, mas a côrte de Roma defender-me-hão. Vencer sem luctar, fatiga menos. Sarah, tu és formosa como eu, não sei se tanto ou se menos um pouco, em todo caso d'outro genero. A minha belleza esmaga, a tua prende. Os meus olhos mandam, os teus supplicam; a tua audacia é levantada e nobre, a minha é impudica e chocarreira. Ora, o mundo não se compõe apenas de homens viciosos ou sensuaes; ha n'elle tambem os mysticos, os apaixonados, os sonhadores. Em vez de nos combatermos, podemos associar-nos. As nossas fôrças reunidas fariam o mosteiro invencivel. Hei de ter a meus pés o principe D. João, mas, antes d'isso, é indispensavel que ajoelhe el-rei D. Manuel. Isto é um sonho como outro qualquer, mas pode chegar a ser uma realidade... Estás tão muda e immovel, que me pareces assombrada! E' que não sabes o que é um mosteiro. Infamam-n'o,

é certo, mas é porque não o estudam. A natureza não se doma; quando ella vive em liberdade, á luz do sol, na grande lucta do trabalho diario, distrae-se, esquece-se; não tem rebates e appetites. Adormecem em pé os homens que andam a cavar os campos, contentam-se com o leito conjugal as mulheres que embalam os filhos e os amammentam. O seio da maternidade não entretem olhares cubiçosos! Desnudae o collo da Virgem e lançae-lhe Jesus no regaço, e os homens respeital-a-hão. A belleza ociosa é a belleza viciosa. Os mosteiros são viveiros; erraram-lhe o nome — viveiros d'amores, mas viveiros occultos. E o amor, crê tu, Sarah, é noctivago; vê melhor de noite, na sombra, a occultas. Ha homens que são como os pavões, porque as femeas fazem ninho nos logares mais secretos. Desde que se inventou o preceito da castidade, tornou-se indispensavel o mosteiro para attender ás reclamações da natureza. A sociedade estupida poz entraves ao seu desenvolvimento. Em nome de Deus? Mente, que Deus manda amar. Entre os seres da Creação, qual é o que se prende com as regras que esterilisam n'uma vida inteira as suas formas e anceios? Deves ter visto as flôres?... Como nós as adoramos, e como ellas se amam e multiplicam! Ouves as aves? Calcula que de segredos vão nos seus ninhos, abençoados de Deus! No fundo do mar, que de beijos e caricias, velados pelas ondas!... Vamos, Sarah, se amas, ama, que o amor não é um sonho, mas um prazer. Queres o teu Jacob, pois entrega-te... E, entrando no mundo por esta porta, que é a mais sombria e discreta, colloca-te a meu lado, completa o arsenal com que combato, e eu juro-te que reis, bispos, secretarios, regedores de justiça, capitães, vigarios, monges e seculares formarão a nossa grande côrte, já rica e fascinadora, mas que pode tornar-se dominante e omnipotente!...

Philippa estava mais bella que nunca! A sua cabeça parecia d'uma leôa, onde faiscava o olhar mais eloquente que as suas palavras.

Era effectivamente a leôa de que fala a Historia e que encheu de pejo os chronistas mais sisudos.

Adivinhava-se n'aquella phantasia e n'aquella ambição, podemos dizer, até n'aquella impudencia, a abbadessa que alguns annos mais tarde foi presa por ordem de D. João III, na casa de um frade devasso, em Coimbra, em condições que a chronica vela, receosa de ser lida por gente honesta.

Era, n'aquelle discretear licencioso, a mesma abbadessa que, apesar da fama que devia envergonhal-a, ganhou, com o favor do Papa, os seus rendimentos, o seu logar e a sua preponderancia!

Se não logrou ver o principe D. João submettido aos seus encantos de mulher, viu-o dobrar o joelho deante d'ella a um gesto do pontifice.

Sarah, graças á vivacidade com que Philippa lhe falava, não comprehendera todo o alcance das suas palavras. Parecia-lhe que estava ouvindo uma possessa... Mas ia ouvindo-a... E depois quiz interrompel-a, mas foi prevenida por uma sacristã que annunciava:

— A noviça Deborah, que a senhora abbadessa manda apresentar para que lhe sejam indicados os seus aposentos.

— Deborah! disse Sarah, e lançou-se muito commovida nos braços de sua irmã.

— Sarah, minha querida Sarah, perdôa-me a surpresa que te fiz. Ainda não me esperavas, não é assim?

— Escreveste-me, dizendo...

— Sim, mas essa carta só foi expedida de Lisboa, depois da minha sahida... Emfim! eis-nos de novo juntas...

Deborah notou a presença de Philippa.

— Sarah, esta senhora é?...

— D. Philippa d'Eça, que substitue a senhora abbadessa nos seus impedimentos...

— Oh! minha querida senhora, disse Deborah, e ia a lançar-se nos braços de Philippa...

Sarah, que viu este movimento, collocou-se entre ambas.

— Deborah, é contra a regra do mosteiro...

Deborah recuou envergonhada.

— Desculpe, minha senhora...

— Não, Deborah, a regra não contraria o vosso impulso. Vem a meus braços, Deborah; minha filha, conta com a minha protecção e amizade.

Deborah reanimou-se e avançou, mas Sarah deteve-a:

— Não é a regra do mosteiro que se oppõe; é a regra do decôro. Deborah não pode acceitar nem a vossa protecção, nem a vossa amizade.

— Sarah, disse Deborah, em tom reprehensivo...

— Não, minha irmã — se quizeres morrer, dize-me, que eu propria te darei o veneno mais violento; mas se não queres desmaiar o teu pudor, nem macular a tua honestidade, não ouças essa mulher, nem d'ella te approximes. E' o veneno mais subtil para matar a nossa honra..

— E Sarah, cingindo sua irmã pela cintura, a foi conduzindo pela galeria que ia dar á sua cella.

Philippa ergueu-se arrebatadamente.

— Innocencias em flor! Esperaremos o outomno...

— Que quer isto dizer, Sarah? perguntou Deborah entrando na cella.

— Nunca viste o inferno, minha irmã?

— Nem quero ver...

— Pois então, disse Sarah, pondo a mão nos olhos de Deborah — faze-te cega, emquanto aqui estiveres.

— E tu viste-o?

— Sim, vi e ouvi quanto me aprouve, e posso garantir-te que vivi n'estes dias muitos annos de vida. Não me encaneceu o espirito, mas tenho já na minha alma de creança os sulcos profundos da experiencia e das desillusões... Ah! Não podes imaginar, minha irmã, o que se pensa, se diz e se faz! Se a industria religiosa só tem d'estas officinas, que vergonhosos productos estão espalhados por esse mundo! Olha, minha Deborah, eu mantenho religioso o meu espirito, ainda cheio d'aquella uncção que veiu de nossa boa e santa mãe; mas crê, se não visse Deus através da memoria e do exemplo que ella nos legou, a flôr das minhas crenças teria murchado no meu coração ao bafo calido e venenoso d'estes frades, d'estas monjas e d'estes fieis, que enchem a egreja e o mosteiro. Se não fôsse o templo das nossas casas, o sacrario dos nossos corações, penso agora, que já vi *isto* — o Christo não teria altar que o não estremecesse, prece que o não infamasse, culto que o não fizesse córar na cruz. Deborah, eu não sei o que é ser mouro ou judeu, nem por que se accendem no mundo as fogueiras contra os que communicam com o céo, por intermedio d'outros deuses, porque, se para alguem ser christão é necessario ser cumplice de tantas vergonhas catholicas, eu prefiro o mouro na sua mesquita e o judeu na sua synagoga a estes hypocritas sem pudor, n'estas tavolagens do vicio e da fé. Jacob, o judeu, parece-me o melhor christão, e estes christãos, que o perseguem, judeus de peor raça, os verdadeiros, os unicos, que crucificaram Jesus... São estes os mesmos que ainda hoje o lanceiam com as suas profanações e sacrilegios.

— Não me fales assim, Sarah. A lei de nossos paes...

— Pois, é d'ahi que vem a sua santidade; é por ser d'elles, e não por ser da Egreja, que faz do celibato a mancebia, do amor um vicio, da fé uma arma e do culto uma armadilha! Deborah, interna-te na tua alma, e cerra os olhos a este mundo, que é todo mais que uma fraqueza, uma vergonha. A turba é ignara e os outros são maldosos.

— Cuidado Sarah, cuidado; paira sobre nós a trovoada da intolerancia, e pode fulminar-te o raio da perseguição. Ainda tenho nos ouvidos o crepitar das fogueiras, e vem de Hespanha, a todo o momento, o écho de mil gemidos. Nas fogueiras de S. Domingos reflectiram-se os clarões da inquisição hespanhola... Cuidado, Sarah, cuidado! Lembra-te de que dorme no leito d'el-rei a filha de Fernando e Izabel... A peste está em contacto comnosco... não a absorvamos... Se a onda vem alta e im-

petuosa, baixemos a cabeça e defendamos o peito... Olha que ella pode arrastar-nos...

— Tens razão, Deborah, a tua vinda deu-me novos alentos. Defenderei o teu espirito das minhas desillusões, e tu defenderás a minha palavra das revoltas mais imprudentes. Descança, pois, no meu leito as fadigas da viagem, Deborah, que eu velarei por ti. Afinal nós todos que nos amamos, somos deuses uns dos outros... Deita-te, dorme, e sonha... Emquanto dormires, verás Pedro, e quando despertares, ver-me-has, a mim, que ficarei rezando...

E as duas irmãs beijaram-se, fechando os olhos — Deborah, sobre a branca almofada de Sarah, e ajoelhando Sarah diante da imagem do Nazareno...

VII

A côrte de D. Manuel

Emquanto as duas irmãs se acompanham e defendem, voemos de Lorvão á Alcáçova de Lisboa, onde o rei *afortunado,* com sua familia e a sua côrte, dispõe as luctas e as glorias que assignalaram o periodo aureo da nossa vigorosa nacionalidade.

No opulento castello, que encimava o monte oriental, estava a Alcáçova, que fôra durante muitos annos morada de nossos reis, e que affirmava, nas suas muralhas gigantes, e nos seus coruchéos polidos e multicôres, a arte vigorosa e exquisita de D. Diniz.

Quantas paginas de historia nacional poderiam ser escriptas com os échos d'aquelles baluartes e arcarias?! Alli a mão de cada principe gravou um nome e additou uma pedra, sem conseguir desmanchar o velho contôrno que recordava a passagem dos povos que prepararam o advento e o dominio da nossa gente. A velha architectura mourisca, que zombara do tempo e do gôsto artistico dos povos que dominaram e fugiram, lançava ao espaço, como a sahir da formosa collina de Lisboa, o majestoso e phantastico edificio, como se os nossos reis tivessem collocado o seu throno magnificente onde poderiam dominar todos os degráus da velha cidade!

Se não tivessemos feita, garrida e opulentamente, pelo estylo encantador de Julio Castilho, a descripção do historico castello, tal qual elle foi, ou devia ter sido, no principio do seculo XVI, dariamos azas iriadas a nossa phantasia para deixar, nos quadros que temos colleccionado, um apagado bosquejo de tanta riqueza e maravilha. Fale, porém, em nosso logar, o illustrado e elegante escriptor, que tão admiravelmente surprehendeu Lisboa, na meninice garrida da primeira cidade portugueza:

«Todo de cantaria, ostentava o edificio um desenho irregular, como construido que fôra sem plano, e aos poucos, conforme as exigencias da vida dos successivos habitadores.

«Das suas janellas estreitas e de ajimez, dos seus eirados como que suspensos de tamanha altura, gosava-se, em cheio, a mais esplendida vista do rio, cidade e campo. Em volta, uma cova funda, defendia de incursões inimigas aquelles paredões historicos. A entrada, tal como ainda lá se vê, estreita e tortuosa, aberta sobre uma atarracada porta de volta redonda, ennegrecida dos invernos, conduzia, por uma ponte levadiça, a um pateo interior, desafogado e espaçoso.

«Sobre o pateo, ou *recebimento*, cahia em roda uma varanda de arcarias cobertas, apoiadas em columnellos, á maneira de claustro. Para essa varanda, adornada de vasos e jarrões de Talavera, em que viçavam plantas que iam enlaçar-se, aqui, além, na verga rendilhada, dava ingresso, a um canto, uma escada de pedra, não larga, abafada de alcatifa da Persia, e forrada de magnificos azulejos *mudejar* em relêvo. Á entrada da escadaria, em baixo, perfilavam-se as guardas em vistosos trajos que lembravam o Oriente.

«Da mencionada varanda penetrava-se, por uma porta pequena, mas muito trabalhada de laçarias, para os aposentos d'el-rei.

«O interior d'este interessantissimo paço devia ser, e era sem dúvida, primoroso nos enfeites. Aquellas salas e camaras, de ladrilho mourisco, orladas de azulejos e relevados de cupulas de cedro dourado e pintado, povoavam-se de toda a casta de mobilias marchetadas, ora nuas, ora pannejadas de brocados de seda e ouro, e revestiam-se dos mais custosos pannos de armar, que Arrás e Cordova nos enviavam á porfia.»

Assim descreve, com tão logica deducção, o auctor da *Mocidade de Gil Vicente*, o velho palacio roqueiro do principio do seculo XVI.

N'elle vivia el-rei, durante alguns mezes do anno, com a rainha D. Maria, a fecunda princeza de Castella, filha dos reis catholicos, mais bondosa que seus paes, mas como elles de invenciveis tendencias ultra-religiosas e intolerantes.

Havia apenas meia duzia de annos que el-rei contrahira este segundo matrimonio, porque fôra curta e ephemera a vida da rainha D. Izabel, e e já sobre as alcatifas da Alcáçova brincavam, além do principe D. João, apenas com quatro annos de edade, as formosas infantas D. Izabel e D. Beatriz, que contavam tres e dois annos, e os infantes, ainda de collo, D. Luiz e D. Fernando.

Como se vê, D. Manuel para em tudo ser afortunado, não só no mar e na guerra ganhava notaveis victorias, não só na escolha dos seus capitães, para a descoberta do mundo e governo das colonias, mostrava o favor da sorte, tambem na fecundidade da esposa, assegurava prodigamente a successão do reino.

As reaes miniaturas eram o enlêvo da bondosa rainha, que, apesar das tendencias do seu espirito e dos conselhos da côrte de Castella, tanto com os filhos entretinha cuidados e carinhos, que pouco tempo lhe sobrava para influir nos negocios do Estado.

Dez filhos teve a pallida Maria, e a essa tarefa quasi annual, deveu a pobre senhora estragos e desfallecimentos, que deram vaga muito transitoria no coração do monarcha. Não fructificou sob o luxuoso tecto da Alcáçova o exemplo d'esta princeza, porque a sua successora menos se occupou do amor e dos filhos, que da politica de Carlos V.

Havia no paço real, graças ao encanto mystico e humano ao mesmo tempo, com que a joven rainha, que então apenas contava vinte, ou vinte e um annos, a todos tratava e acolhia, uma atmosphera saudavel, que seria um ideal de amoravel perfeição, se não fôsse o exaggerado requinte religioso e supersticioso d'aquella épocha.

Isto mesmo, porém, era por vezes attenuado pelo espirito aristocratico, já brilhantemente litterario, que pairava n'aquelles salões onde os trovistas, sob o commando de Gil Vicente, brilhavam mais que os lustres de preciosos metaes e pedrarias.

Até o grave secretario de Estado Antonio Carneiro, que tão afanoso andava sempre na resolução dos mais complicados negocios do reino, se permittia, nos mais intimos serões da rainha, recitar as suas voltas mais felizes.

Andava a graça alliada á etiqueta de tal arte, que não teria as honras de cortezão quem não alliasse á elegancia da mesura o espirito lisonjeiro da phrase.

Saudava-se alli um conceito e uma trova com o mesmo ardor com que se acolhia a noticia d'um feito d'armas em paizes longinquos.

Das filhas dos reis catholicos foi a rainha de Portugal D. Maria, a que mais se retrahiu na influencia e mando, e mais se contentou em ser esposa e mãe.

Foram rainhas todas as quatro filhas de Fernando VII. D. Izabel e D. Maria, de Portugal, por D. Manuel; D. Joanna, a pobre louca, por Philippe, Formoso; e D. Catharina, que se sentou no throno de Inglaterra, ao lado de Guilherme VIII.

A mais feliz foi, decerto, tambem esta, a cujos serões teremos de assistir nos salões da Alcáçova, porque muito se harmonisava o seu espirito mystico e beato com as pacatas diversões da sua côrte.

D. Manuel era homem brando, sem talento e sem iniciativa, valendo-se, por egoismo, dos bons conselhos dos seus secretarios. Tinha vaidade na sua fortuna e nos seus cabellos castanhos.

Quando Antonio Carneiro, ou Jorge Garcez, lhe davam bom aviso e sabio conselho, acreditava que, acceitando-os, os produzira, e provocava então apreciações elogiosas dos entendidos que o rodeavam. Procedia com as suas qualidades moraes, como com as outras. Ao espelho, admirando o azul dos olhos, todo se desvanecia, como se até o espelho lhe estivesse dizendo que elle era um rei excepcional.

Porque era pequeno, endireitava-se muito, e estofava-se o mais possivel para corrigir a magreza. E, apesar d'isso, afortunado sempre, tendo estes defeitos proprios dos fatuos e presumidos, conseguia sempre parecer elegante, e era até sympathico, com a fronte levantada, espaçosa, alegre, d'uma alegria um pouco jactanciosa. A sua illustração consistia, dizem os chronistas mais lisonjeiros, em saber historia... Provavelmente o que elle sabia, além da historia e da geographia do seu tempo, eram historias, que fazem interessante a conversação d'um fidalgo, mas não bastam para os creditos d'um principe. O que elle tinha a seu lado era um modesto estadista, que, além de o ensinar a aproveitar-se da sua boa estrella, lhe dizia cousas sábias e justas.

O que elle fez peor, e que o não acredita aos olhos mais benevolos, foi o que resultou de suggestão de mulheres, ou de intrigas, que só envenenam o pensar e o sentir dos insignificantes.

Bastou que a sua D. Izabel, de envôlta com um beijo, lhe pedisse os iniquos firmans contra os judeus, para que elle logo parecesse um lacaio de Fernando o Catholico...

Como a rainha D. Maria não ia tão longe no preço dos seus affagos, logo se entregou á prudente direcção de Antonio Carneiro.

Uma intriga mesquinha, sem provas, sem indicios, sem auctoridade, bastou para que elle deixasse esmagado pela mais cruel ingratidão o grande portuguez e servidor Duarte Pacheco.

Se não tivesse tido a felicidade de ser rei, que até a corôa lhe veiu por um acaso, que não soube preparar nem prevenir, seria um excellente homem e um razoavel marido. N'esse caso teria defendido a creação das escholas, que honra o seu reinado, mas não teria neutralisado esse esfôrço com a creação de tantos mosteiros de diversas ordens, que foram eschola de ociosidade e perversão.

Todas as nossas glorias e façanhas na Africa e na Asia succederam por valentia, talento e lealdade dos capitães portuguezes, e, emquanto os nossos valentes e atilados cabos de guerra faziam maravilhas de tactica e coragem, el-rei affagava, e preparava as ingratidões sobre o murmurio das invejas.

Trocava a lhaneza pela lisonja, e fazia concessões aos appetites de sua mulher para manter o favor com a côrte de Castella.

Estava longe de ser um soberano guerreiro como os seus antecessores: foi, por assim dizer, o primeiro rei de côrte... O que brilhara na praia de Belem, na partida do Gama, foram as barbas do velho Restello e as madeixas do principe.

Havia pouco, á partida de Albuquerque e de Tristão da Cunha, estreara el-rei dois fatos deslumbrantes, do velludo mais fino, e gastara, nos seraphicos cabellos, dois frascos das melhores essencias orientaes!

Acceitou o conselho para mandar traduzir os foraes para a *leitura nova,* concertou os livros da Torre do Tombo e reformou as chronicas antigas; mas, porque lhe indicaram que puzesse o *Livro da Armaria* no Real Archivo, logo, por sua conta, se lembrou de crear os Reis d'armas e instituiu uma guarda de 24 cavalleiros, para o acompanhar a passeio com clarins e charamelas. Apar d'isto, por bondade ou fraqueza natural, transigia docilmente com pedidos ou conselhos.

Ao mesmo tempo que creava muitos titulos de nobreza, entregava a educação do principe, não a qualquer fidalgo da sua côrte, mas ao modesto Gonçalo Figueira, que, diz Francisco Andrada, nos *Annaes de D. João III,* era tão honrado quanto plebeu, a ponto de não ter senão o titulo de cidadão portuguez.

Para o ensino de leitura nomeou o padre Alvaro Rodrigues, e para a escripta Martim Affonso, que era mestre de primeiras letras na cidade de Lisboa.

É provavel que esta escolha fôsse feita pela rainha, que mais particularmente tomava a seu cargo a educação dos filhos.

Com o principe privavam então, bem despreoccupados da sua futura missão nos negocios do reino, D. Antonio d'Ataide e D. Luiz da Silveira, mas sempre sob o olhar vigilante da bondosa rainha, que presidia á sua côrte, mas sabia manter todo o luzimento e fidalguia.

O bispo Jeronymo Osorio fala, com encanto, d'esses serões manuelinos. Sá de Miranda tambem allude a elles, quando escreve:

Os momos e serões de Portugal
tão famosos no mundo, onde são idos?

La Clede, que nem sempre é em extremo lisonjeiro para D. Manuel, encarece, n'estes termos, os costumes e a galantaria da côrte e dos serões d'el-rei:

«Sua côrte era demasiado brilhante e galharda, sem que fôsse impudica. Os cavalleiros á porfia se tornaram pressurosos em agradarem as damas; assim mesmo seus colloquios — delicados, energicos e galantes —

observavam todas as maximas do pudor: a deshonraria e a vergonha seguiam de perto todo aquelle que se olvidava do respeito devido ao decoro do bello sexo. Aos jovens não era permittido accesso junto das donzellas, sem que tivessem primeiro praticado algum acto de valor heroico nas coisas da guerra: e este preceito os volvia sobre valorosos, emprehendedores; a honra de um bom acolhimento era então o mais nobre dos galardões; e por este, com primasia a todos os outros, os cavalleiros affrontavam os maiores perigos, até inauditas temeridades.»

Junte-se ao que diz La Clede o que se conhece do estimulo e acolhimento que os poetas, como Gil Vicente, sempre encontravam na côrte de D. Manuel.

Comparem-se os serões da Alcáçova com os do mosteiro de Lorvão!

Na côrte figuravam damas, como a rainha D. Maria, que era mãe diversas vezes e d'isso não se cançava, de viuvas que buscavam, em novas paixões e allianças, o esquecimento dos seus mortos, e de donzellas, que só esperavam um feito guerreiro dos seus namorados para os attrahirem com um sorriso.

E, em toda aquella gente, cavalleiros e donas, havia o mais profundo e até vicioso espirito de beaterio! Mas havia pudor!

Que seria da immoralidade se não tivessem existido os mosteiros?

Na Alcáçova havia os grandes e os pequenos serões.

Os mais agradaveis eram, por assim dizer, os quotidianos, e que se passavam nos aposentos da rainha, sem illuminações especiaes e sem cortejo. El-rei entrava só, e a rainha, ou já lá estava, ou vinha depois acompanhada de sua dama camareira.

Eram dispensados n'essas noites os porteiros das maças, os reis d'armas, os arautos, os moços fidalgos, os passavantes e os officiaes-móres.

Vinham damas, mas poucas, algumas das mais intimas, da familia dos fidalgos mais adherentes aos negocios do paço. Appareciam até n'essas noites pessoas notaveis, por seus talentos, mas ainda sem categoria para a frequencia official.

Eram esses os verdadeiros serões, porque el-rei os aproveitava, para conversar ligeiramente sobre os negocios do reino e travar conhecimento com gente que desejava ver e tratar.

Bastava que, além dos soberanos, estivessem o duque D. Jayme, os secretarios Carneiro e Garcez, o conde de Tarouca, o senhor de Villa Nova de Portimão, e alguns dos moços fidalgos, alegres, e necessarios pela variedade de suas prendas.

Pedro d'Alcáçova, o futuro secretario de D. João III, tambem se habi-

tuara a essas palestras a que o levava seu pae, para lhe tornar conhecidos os mais notaveis segredos do convivio com principes e cortezãos.

Menestreis havia sempre para os intervallos das trovas e da conversação, e que tangiam violões, e violas d'arco, com muito garbo e esmero.

Dispensava-se el-rei, para tão intimas diversões, de cingir a cabeça com a sua coifa de rede d'ouro, nem punha a chamarra de setim sobre o pellote de damasco.

A rainha D. Maria, como se estivesse apenas com as aias e damas, presidia ao serão trabalhando nos seus lavores, ou vigiando os filhos, ou rezando...

Não havia danças, nem tinham, portanto, cabimento a *moirisca* e os *tordiaes;* a musica era só para acompanhamento de trovas e romances.

Havia liberdade de jogar, senão o xadrez, que muito prendia a attenção e arrefecia o convivio, pelo menos outros jogos, como aquelle de que nos fala Garcia de Rezende, no *Cancioneiro*.

D. Manuel era um homem do mundo, principalmente um homem do mundo, affavel, doce, da mais fidalga galantaria. Jogava a lisonja e o epigramma com muito garbo litterario; não sendo versado em sciencias, tinha um raro dom assimilador, que o fazia audacioso no ataque das questões. Como todos os reis, falava em tom dogmatico, e aproveitava-se do respeito dos seus vassallos para mudar de assumpto, quando era necessario occultar ignorancia.

Antonio Carneiro conhecia-o bem, mas adquirira a grande arte de o ensinar e corrigir, por forma que parecia apprender com elle, e aproveitar-lhe as correcções.

D. Manuel conhecia os delicados processos do seu secretario, mas se os agradecesse, inutilisava a bondade d'elles, e, por isso, se deixava na illusão de que concebera as idéas do seu conselheiro.

Em paga, acceitava-lhe de bom grado a superioridade, e n'elle tinha a maxima confiança. A habilidade d'el-rei consistia principalmente n'esta delicadeza e n'este tino.

Depois, D. Manuel olhava para a Historia, como olhava para os crystallinos de Veneza, que lhe forravam o seu vestiario — alindava-se deante d'ella, pagando bem aos chronistas da sua época...

N'um dos serões da Alcáçova, a rainha D. Maria, sentada no seu logar predilecto, tinha a seus pés as suas aias, que a ajudavam na bordadura d'um estandarte para o bergantim real — uma longa faixa branca onde, a pouco e pouco, ia surgindo n'um escarlate vivissimo a cruz de Christo.

Os infantes a um lado do salão, sobre uma rica alcatifa da Persia, brincavam alegremente, com longas tiras de brocado e grandes fiadas de coraes...

Junto d'uma pequena mesa, o principe D. João e D. Luiz da Silveira folheavam collecções de illuminuras, que representavam as caravelas mais notaveis na exploração do mar indico.

Dois pagens imberbes, vestidos de seda, iam e vinham, acudindo aos mil cuidados das creanças, e ás reclamações constantes da rainha, que, a cada volta da sua agulha, lançava um olhar ao principe e aos infantes.

Não havia ainda muito tempo depois que entardecera, e n'estes aposentos dava entrada, com passo brando, mãos no cinto, peito arcado, D. Manuel, conversando com o seu secretario, mui proximo, em attitude humilde, trazendo a cabeça mais vergada que o olhar...

Antonio Carneiro inventara este processo de dizer com submissão e independencia o que julgava necessario a seu amo e senhor.

A's vénias do salão respondeu el-rei, com um sorriso para a rainha, a quem beijou a mão, sendo imitado por Antonio Carneiro, e com um gesto de *á vontade* para o movimento de respeito geral com que fôra acolhido.

— Sois então de parecer, meu caro Antonio, que os negocios da India voltam de novo a ser contingentes e embaraçosos?

— Sim, meu senhor, se é possivel o embaraço á vossa vontade e resolução.

— Gosto de ti assim, sem medo, mas prevenido. Dize-me, então, Çofalla agita-se de novo?

— Não, meu senhor, Çofalla está sob o dominio de Nuno Vaz Pereira, que tem por subdito fiel o usurpador Ibrahim...

— Mas Francisco d'Almeida não entregou o poder ao célebre Micante?

— Assim foi; mas Francisco d'Almeida arrependeu-se da preferencia. O Micante sahiu-se peor que o Hocem, e teve de o depôr.

— Elles lá se entendem, Antonio. Tenho toda a confiança em Francisco d'Almeida; elle metterá na ordem todos esses ridiculos, em cujas cabeças ponho corôas com a mesma facilidade com que poria o garrote, se os temesse.

— Não são tão fracos como os julgaes, senhor; se elles não molestam o meu senhor e amo, que está longe de Quilôa, Çofalla e Calecut, muitos bons portuguezes por lá os soffrem, perdendo sangue e vidas em continuadas refregas. Sabeis, senhor, que Calecut se revoltou outra vez?

— Pois ainda? Não lhes aproveitou a licção de Duarte Pacheco...

— E que licção! Folgo de ouvir vossa alteza fazendo justiça ao bravo capitão.

— Não lh'a nego, mas quizera que, pelo menos, tivesse dado menos azo á malevolencia. A calumnia, meu caro Antonio, é um achaque — e

os achaques não atacam senão os corpos predispostos... Vêde D. Francisco, como elle se mantém sem queixas, e sem embustes.

— Por agora, por agora. A guerra lhe virá com a inveja de seus feitos.

— Que resista, é o seu dever.

— Se Vossa Alteza o não auxiliar...

— Se eu tivera esse dever não lhe daria a graça de o nomear. Dizias, então, que Calecut...

— Volve de novo ás armas, depois de batida por D. Lourenço d'Almeida.

— Eu nunca mandei vencer, mas esmagar... Por que não os esmagou D. Lourenço?...

— Para vencer, meu senhor. A guerra não se faz sempre com a guerra. Muitas vezes tenho dicto a vossa alteza que o dominio da India vae mais assegurado com favor e geito, que com fôrça e violencia. E' muito grande a India, e para a fazer portugueza é mais necessario convencel-a, que esmagal-a.

— Se o thesouro pudesse esperar...

— O thesouro mais se queixa, que se consola, das pressas em submetter povos e religiões... Ha quantos annos pagamos victorias, para mais carecermos d'ellas? A India não é o reino. — Os mouros e indios são tantos como as estrellas dos céos — se não podemos contal-os, como havemos de destruil-os? — Aproveital-os é o segredo da conquista.

— Pois se te apraz, manda instrucções n'esse sentido ao viso-rei.

— Elle as tem já do proprio conselho, e até da propria experiencia.

— Arrependeu-se, então, de excessos mal pensados?

— Não d'elle, mas de Gonçalo de Goes, um dos capitães da armada de Lourenço d'Almeida, e que aprisionou no caminho de Cananor uma embarcação mauritana, com salvo-conducto de Lourenço de Brito, governador da fortaleza. Gonçalo Goes enforcou toda a tripulação nas vergas do seu navio...

— E Lourenço d'Almeida?

— Accusou-o e privou-o de cargos e honrarias.

— E' pouco, disse el-rei... Lourenço d'Almeida parece mais culpado que Gonçalo Goes...

— Era Gonçalo do parecer de vossa alteza, pondo o effeito do terror acima do respeito pelas convenções...

— Mas as instrucções não eram minhas. Devia cumprir as ordens do viso-rei...

— A culpa foi remida, porque Gonçalo Goes se deixou morrer em

frente de cincoenta mil mouros e indios, ao lado de cento e cincoenta defensores da fortaleza de Lourenço de Brito!

— Então foi enxovalhada a bandeira nacional?

— Falam de victorias portuguezas as ultimas noticias, mas deve ser ainda muito fraca a situação dos christãos.

— As violencias de Gonçalo irritaram o rei de Cananor e os mouros de Calecut, e o cêrco deve estar fechado e angustioso... Ah, meu senhor, não podeis calcular que de prodigios tem sido obrados por vossos intrepidos vassallos! Grande gloria deve ser a de um rei que preside a taes actos de coragem e valentia!

— Mas, afinal, meu caro Antonio, disse el-rei sentando-se n'um fofo divan, olhando o espelho fronteiro, e emquanto sacudia vaidosamente os cabellos castanhos, luzidios — afinal, perdem-se todas essas glorias e toda essa forte gente, porque um louco suprou as cinzas do apagado odio de Mafoma!

— Já concordaes commigo, meu senhor?

— Concordo algumas vezes, e concordaria agora se tivesses acudido a tempo com reforços a tão apertada situação.

— Podeis concordar comvosco, meu senhor, porque já concordastes commigo na expedição da armada de Tristão da Cunha...

— Ah! disse D. Manuel, vendo os dentes n'um pequeno espelho que trazia no cinto; sim, a esquadra de Tristão pode chegar a tempo... Oxalá elle veja a urgencia...

— Tristão esteve cego, mas vae curado e apparelhado para grande alcance. E, se a cegueira lhe voltar antes de dobrar o Cabo, lá tem a seu bordo os olhos de lynce do grande Affonso d'Albuquerque.

— E o recurso é bastante?

— Até de sobra: sete náus — a *Sant'Iago*, a *Garça*, a *Leitôa Velha*, a *S. Vicente*, a *S. Jorge*, a *India*, e a *Lagos*, mal cheguem á ilha Sacotora, não perderão tempo a cruzar no cabo de Guardafú, e seguirão immediatamente para Cananor...

— Para salvar Lourenço de Brito e a sua gente?

— Ou para a vingar...

— Em que dia partiu Tristão?

— A seis d'abril. Sabe-se que passou em Bezeguiche, fez-se na volta da Terra de Santa Cruz, em junho arribara para a rota da Guiné. Deve, pois, ter chegado ha muitos dias a Moçambique, se na passagem da Boa Esperança não soffreu naufragio serio.

— Para haver noticia do cêrco em Lisboa, ha quanto tempo já deve ter succedido a derrota de Lourenço de Brito!

— O soccorro não será para as *serpes*, que saberão defender-se por muito tempo, mas para a armada de Lourenço d'Almeida, que ha de acudir ás fôrças de terra e ver depois, a cavalleiro d'ella, os navios acastellados que o Samorim empregou contra Duarte Pacheco.

— Foi de bom aviso o meu expediente!...

— Foi uma honra, senhor, que fizeste ao meu conselho...

— Vaidoso... Tu és vaidoso, Antonio Carneiro. Perdôo-te, porque estamos na intimidade. Se eu tivesse contrariado o teu parecer, serias então lisonjeiro? Julgas que se não tivesses talento e não soubesses pensar, te manteria no meu conselho e privança?

— Confundis, meu senhor, a minha modestia...

— Ficaes, meu senhor, disse a rainha, com bondoso sorriso, falando em coisas de tão longe... Não vos bonda a hora do sol para os negocios do Oriente?... Ora vinde, vinde, meu senhor, ver os lavores que vos preparo para o vosso real bergantim... Pudera eu bordar as chagas de Christo n'esta cruz, que é d'elle!

— Eu vou começar por agradecer obra de tanta valia sahida de vossas mãos, senhora minha.

E os pagens approximaram o divan d'el-rei da cadeira da rainha.

— Anda cá, Antonio Carneiro, disse o pequeno D. João, mostra-me n'este mappa, onde fica essa India de que tanto falas a el-rei... Mostras, sim?

— Pois não, meu senhor...

E Antonio Carneiro apontou no mappa o logar da terra indiana.

— É aqui, n'este ponto da Asia. Vêde, meu senhor... E esta linha indica o caminho que seguiu D. Vasco... Foi por aqui que os vassallos d'el-rei, vosso pae, se foram a descobrir mar e terra em poder da gente mauritana...

— Aqui não ha christãos?

— Não havia, mas agora ha...

— E esses indios e mouros não adoram Jesus Christo, como eu e a rainha nossa mãe e senhora?

— Não, meu senhor. Existe Deus aqui, como em todo o universo, mas não conhece esta gente a Jesus Christo...

— E santos? Lá não ha santos como estes que adoramos?

— Ha d'esses... e d'outros.

— Outros? Quando eu fôr homem, hei de mandar destruir esses outros tros e a gente que lhes rezar... Não é verdade, D. Luiz?

— Se o ordenar vossa alteza... respondeu Luiz com uma mesura cortezã.

— Sem dúvida que ordeno. Jesus é o Deus de todos os homens...

E a rainha, com outro sorriso, ainda mais cheio de admiração e amor, ouvindo o filho, exclamou:

— Que graça! Como elle é já piedoso e catholico! Dá-me um beijo, D. João.

O pequeno principe correu a lançar a cabeça no regaço de sua mãe, que o afagou ternamente. A loura cabeça do futuro rei de Portugal pousou sobre a cruz vermelha do estandarte.

— Meu senhor, disse D. Maria a D. Manuel, vêde a obra do acaso: como fica bem o ouro d'esta cabeça sobre o vermelho d'esta insignia!

E a rainha beijou repetidas vezes a cabeça de seu filho, como se quizesse fundil-a ao calor dos seus labios...

— Que diz Gonçalo Figueira dos progressos do principe, na leitura e na escripta? perguntou D. Manuel a sua mulher.

— Gonçalo Figueira louva-se muito no que lhe dizem Alvaro Rodrigues e Martim Affonso.

— E esses? insistiu el-rei.

— Molestam de mais com leituras e escriptas o pobre mocinho... Quasi não lhe deixam tempo para as suas orações, disse a mãe.

— Ler e escrever, acudiu Antonio Carneiro, são instrumentos que facilitam as rezas e fortificam a fé. Como ha de o senhor D. João conhecer os livros sagrados, se não lhes conhecer os caracteres? Os mestres da Egreja fizeram modelos de preces na sua beatifica eloquencia.

— Pois sim, sim, Antonio Carneiro, mas fatiga de mais a teimosia do padre Rodrigues em guiar a pequenina mão de meu filho, e dá-lhe canceiras á vista a demorada licção de Martim Affonso.

— O melhor seria educar, por agora, e instruir depois; mas, damno por damno, antes o do braço applicado á escripta, que o dos joelhos em tão demoradas devoções.

— Sou do vosso parecer, Antonio Carneiro, disse el-rei. Que o principe se recreie e exercite desinquietando mais o espirito que o corpo. Hei de recommendar esse cuidado a Gonçalo Figueira... Elle ahi vem.

— Meu senhor, disse Gonçalo, approximando-se e beijando a mão pequenina de D. João. Sua excellencia o principe, tanto se adeanta em tino e prevenções, que parece adivinhar vossos designios, preferindo desenvolturas da sua edade ás canceiras que lhe propõem o aio e os mestres.

— Gonçalo, pareceis queixoso do principe, meu filho... Que aggravos vos fez elle, que com tanta arte vos queixaes, observou a rainha.

— Não são aggravos, senhora, que não os fazem anjos tão gentis: re-

paros, quando muito, por ver, que lhe fica tão impressa a doutrina da Egreja, e tão apagadas as regras da nossa lingua.

— Tudo será corrigido, que em promessas a Nossa Senhora ponho todo o empenho em lhe abrir o entendimento. Vereis, Gonçalo Figueira, como, ao fim da minha novena, o principe ha de honrar os mestres, sem esquecer o culto da religião.

— Tenho essa fé, senhora minha, e auxiliarei vosso empenho, impedindo privanças com mentores, sem resguardo, nem methodo, que andam enchendo a cabecinha de meu amo com factos e idéas improprios da sua edade.

— Explicae-vos, Gonçalo, disse D. Manuel; entreguei-vos a educação do principe, e se de vós a fiei, defendei-a de más licções e conselhos.

— Não basta a minha vigilancia, que andam mentores na côrte, com mais auctoridade e poder...

— E desconfiaes?...

— De ninguem; mas vejo cedo de mais idéas tristes e escuras em cabecinha tão nova e loira.

— Meu pobre D. João, disse a rainha, pondo-o em pé, entre ella e el-rei. Que podes tu saber, além do que vês e do que te ensinam teus mestres?

— Vamos, Gonçalo, desterra meus receios. Se ha n'elle revelações, só podem vir de Deus.

— Quereis, senhores meus, que eu interrogue?

— Seja, disse D. Manuel.

— É vulgar a adivinhação nas creanças, disse Antonio Carneiro, approximando-se do grupo. Temos o nosso principe entre os doutores da Egreja.

— Meu senhor, disse Gonçalo, vergando o joelho sobre a almofada que estava proxima de D. João, como se escreve o vosso nome?

O pequeno João ficou assustado e olhou para a rainha, como a pedir misericordia. Ao fim de alguns segundos, repetiu a pergunta que lhe tinham feito:

— Como se escreve o meu nome?

— Sim, meu filho, disse a rainha, como se escreve D. João?

João olhou para el-rei, depois para Antonio Carneiro, fez um movimento de impaciencia, e, afinal, fazendo um signal a Luiz da Silveira, gritou:

— Ó Luiz, dize tu...

Teve um acolhimento de hilariedade o expediente principesco.

A boa disposição da sua côrte serenou o interrogado, que novamente repetiu a pergunta que o incommodava.

— Como me chamo eu?

— Não é isso, interveiu D. Manuel, affagando-o, o que se pergunta é como escreves o teu nome, meu filho?... Tu não te chamas João?

— Eu? Não, meu senhor...

— Então, como te chamas? vamos, dá-nos essa novidade.

— Eu sou D. João III...

— Bravo! disse D. Manuel. Isto é uma surpresa magnifica! As côrtes reunidas nos aposentos da rainha, minha senhora, acabam de proclamar a minha abdicação!

E os reis de Portugal, saudaram, beijando-o, o novo monarcha.

A creança não comprehendia o motivo de tal successo. Alguem lhe ensinara a licção, sem a explicar.

— Estou demittido, meu senhor, disse, sorrindo, Antonio Carneiro.

— Com certeza, atalhou el-rei, recostando-se, e serás substituido por D. Luiz da Silveira, ou, se quizeres, aproveita o valimento, e mette empenho para teu filho, Pedro da Alcáçova.

Gonçalo, o aio apprehensivo, insistiu na prova:

— Meu senhor, quando fordes rei de Portugal, que monarcha imitareis? El-rei o senhor D. Manuel, meu excellente amo?

— Não; meu senhor e avô, o rei de Castella, D. Fernando II.

— Por que? meu senhor.

— Porque elle é muito amigo de Deus e do Papa, e da Santa Inquisição...

D. Manuel ergueu-se vivamente irritado.

— Tendes razão, Gonçalo Figueira, ha na Alcáçova tutores e mentores que não escolhi e nomeei. De Castella, que me aperta reclamando foragidos do Santo Officio, veem tramas á minha côrte e familia. Meu sogro pensa em voz alta, e o écho d'esse pensamento chega a estes muros, em que vivo. Gonçalo Figueira, leve o principe e guarde-o, e vigie-o de maneira que ninguem lhe fale, ou que eu saiba quem lhe fala assim.

— Tambem me privaes de conversar a sós com o principe? perguntou resentida a rainha.

— Eu proprio me privarei, para que vingue a minha ordem e a ninguem ella offenda.

— Mas, meu senhor, onde poderá elle ter conselho mais amigo e licções mais proveitosas?

— Deixae-me, senhora, poupar vosso filho á exploração de hypocritas e intrigantes. Castella não me dá licções de fé. E' vasta a terra de meu sogro; que elle a governe com o seu engenho, que eu governarei Portugal com o favor de Deus e de Roma.

Porque elle é muito amigo de Deus e do Pápa, e da Santa Inquisição

2 3 4

D. Manuel continuou:

— Estou novo, e novo está o meu reinado, e, se em tão pouco tempo me veiu arrependimento de minhas resoluções, foi por ter n'ellas, alguma vez, mais escutado affeições que argumentos. Levae o principe, Gonçalo Figueira, vigiae-o, vigiae os mestres, a vós proprio deveis vigiar, a mim e á vossa rainha, a lisonja e a galantaria, a rua e a Alcáçova... As creanças são anjos e os anjos são os mensageiros dos avisos do Céo. Estou avisado. Ainda não estás demittido, Antonio Carneiro; segue-me e aconselha-me.

*

Emquanto chegam novas personagens aos aposentos da rainha e recolhem, aos seus proprios, principes e infantes, sigamos el-rei, que assim imitamos Antonio Carneiro, que obedeceu ao gesto de D. Manuel.

El-rei passou á sala onde costumava dar despacho aos seus secretarios.

Nos momentos solennes, o monarcha gostava de se isolar, não só para melhor pensar nas questões, mas ainda para não revelar a familiares e affins as hesitações do seu ánimo e a volubilidade do seu parecer.

A sós, ou com Antonio Carneiro, o que era a mesma cousa, discutia todas as dúvidas e não se envergonhava da sua ignorancia e mais fraquezas.

A hora não era a mais propria, mas desde que el-rei se inquietava com as respostas inconscientes de seu filho, as quaes, em todo caso, eram écho d'uma opinião descontente que lhe invadira a Alcáçova, não podia passar um momento mais sem que se aconselhasse com o homem da sua confiança. O conselheiro d'um rei absoluto é mais assistente que o medico; por isso, D. Manuel pouco cançava o physico com as consultas, mas nem um momento se separava de Antonio Carneiro. Ainda que lhe resistisse, queria sempre ouvil-o.

Depois, el-rei não tinha vistas largas; dava-se por feliz quando adivinhava os perigos do dia seguinte.

Admirava-se de que uma creança, o principe, repetisse o que ouvia a muitos fidalgos da sua côrte. Na Alcáçova era encarecida a todo o momento a piedade dos reis catholicos...

Sua mulher citava, a miude, com grande enthusiasmo, o zêlo do Santo Officio, principalmente o do Tribunal de Sevilha.

A rainha não sabia impor-se, mas não se submettia. Não podendo arcar com Antonio Carneiro no conselho dado ao marido, dava nos seus beijos o veneno, que julgava nectar, aos labios do pequeno principe.

Sorria-se a pobre fanatica quando planeava vencer no filho o que não podia vencer no pae!...

Antonio Carneiro conhecia a fôrça do inimigo, e fingia submetter-se, mas de facto revoltava-se. A côrte de Castella encontrava n'elle uma forte resistencia...

Quando Antonio Carneiro via el-rei hesitante, fazia mais que aconselhar, explicava, e, se o plano não era efficaz, recorria ás prophecias pavorosas sobre desastres para os interesses do reino, ou, em recurso extremo, desconsôlo para a alma do monarcha.

A matança de S. Domingos ficou arma poderosa na dialectica do secretario. El-rei fôra victima da sua primeira mulher D. Izabel; mas Antonio Carneiro não accusava as rainhas; pelo contrario, defendia-as — eram victimas de seus paes, isto é, do throno hespanhol.

D. Manuel não sabia explicar bem a causa da sua irritação n'aquelle momento. O que ouvira a seu filho contrariava-o, porque não estava bem convencido de que seguia o melhor caminho.

A opinião pública era contra os judeus, e abhorrecia os christãos-novos.

Quem estaria illudido? elle, ou a opinião do seu reino?

Conviria resistir, ou transigir?

Se havia conspiração contra a sua politica tolerante, nas veias dos conspiradores corria o seu proprio sangue.

El-rei fez-se acompanhar de Antonio Carneiro até a sala do despacho, mas, chegado alli, não ousou interrogal-o...

Encostou os cotovellos á mesa, e a testa ás mãos, e conservou-se silencioso...

Antonio Carneiro reconheceu a necessidade de intervir... No espirito de el-rei havia uma tempestade que podia ser perigosa.

D. Manuel quando não via claro, julgava que estava cego.

— E' necessario obrigal-o a abrir os olhos — pensou o secretario.

Approximou-se então de seu amo e disse-lhe mui serenamente:

— Em que pensaes, meu senhor?

— Em mil coisas, respondeu o rei, qual d'ellas a mais grave.

— Se não receasse molestar-vos, pedir-vos-hia que me dissesseis algumas d'ellas. — São sempre tão atilados os vossos pensamentos, que conhecel-os é dever de quem tem de executal-os.

— Tenho sido tolerante de mais, Antonio...

— Tolerante, é má palavra, meu senhor — justo é que deve dizer-se. Ora substitui a palavra, e logo vereis que nunca é demasiada a justiça.

— E seria justo compadecer-me dos inimigos da Fé?

— Avaliae pelos resultados. Quizestes converter judeus, e os christãos mataram-nos... Soprastes as fogueiras, quando era vosso designio apagar o fogo das paixões...

— Pois, sim, mas agora punindo os algozes, reaccendo de novo esse fogo...

— Tendes razão, senhor, as vossas melhores intenções dão resultados funestos. Quando as queixas são graves as mésinhas são perigosas. O necessario é assentar definitivamente n'um processo. Perseguir, primeiro, defender depois, hesitar mais tarde — nem é tolerancia, nem é justiça. Ha sentenças que parecem eguaes e são bem contrárias. Falastes no fogo? pois bem, se o soprardes lentamente — avival-o-heis — com fôrça e impeto, elle se apagará.

— Ainda quereis em mim maior energia e fôlego?

— Não, meu senhor, mas quero mais confiança no conselho e mais firmeza no proposito.

— A Historia me fará justiça, Antonio...

— Assim o espero, e muito tem ella que engrandecer no vosso reinado. A boa estrella que vos tem guiado continuará brilhando na justiça do futuro. Mas, é porque tendes uma estrella propicia, que vos norteia, que julgo necessario que não vos transvieis por fogos que saltam, incertos e fugitivos, como os fogachos do mar...

— A que chamas então os fachos de Sant'Elmo?

— A's vossas hesitações em face de mouros e judeus.

— E' que lucto entre Deus e os homens...

— Eis o vosso achaque. Os christãos fizeram homem o seu Deus. Servi os homens e bastará .. a Deus.

— Os homens reclamam de mim a imposição d'esse culto.

— Se quereis que a intenção vos salve, é necessario que vos decidaes. Um rei que hesita é um rei que se perde.

— Eu não hesito; eu penso.

— Perdão, meu senhor, o vosso damno vem das vossas hesitações. Quereis extinguir os judeus, isto é, quereis ser vassallo de Innocencio VIII e do rei d'Aragão? quereis servir o throno de Castella, respeitar a memoria de minha fallecida rainha e senhora? Não vos repugna ao sentimento? julgaes isso util ao vosso reino e ao vosso poder? Pois bem, n'esse caso, respeitae de novo a bulla *Pessimum genus*, arrancae outra vez os filhos aos judeus contumazes, mettei mais vinte mil desgraçados nos acanhados Estãos, fixae uma só hora e uma só praia para a fuga dos infieis, sequestrae-lhes os bens, e açoutae-os na praça pública, lisonjeae Torque-

mada e Deza, seu successor, laçando no vosso reino os fugitivos das torturas castelhanas, firmae com mais vigor o alvará de 1503...

— Antonio Carneiro, fazeis-me remorsos, e abusaes da vossa memoria...

— Pinto-vos o quadro para que o apagueis, se elle vos incommodar. Os reis devem ter uma opinião e uma acção. Vosso cunhado, o senhor rei D. João II, resistiu sempre a Castella e a Roma, que lhe exigiam a entrega e o castigo dos judeus internados. Não pensaes que fez bem? Pois fazei o contrário. Tendes deante de vós o fogo da impiedade; soprae-o rija, violentamente, e apagae-o de vez.

— E as matanças... Antonio Carneiro?

— São obra vossa, senhor, porque animastes o odio que devia ter sido atormentado. A provisão de 1497 foi o sôpro lento... animou-o... Condemnar os dominicanos e a plebe de Lisboa é condemnar as bullas, os alvarás, e as provisões! Lançae-vos, senhor, se vos apraz, no caminho que vos traçaram, não eu, que vos amo e respeito. Restitui os fóros á cidade e o mosteiro aos prégadores, perdoae ao Aragonez e ao Moucho, em nome do crucifixo que elles alçaram por entre ondas de sangue e de fumo, lançae na terra portugueza os alicerces da Inquisição... Hontem revogastes, obedecendo a um nobre impulso do vosso ánimo, todas as ordenações de proscripção, devassa e flagicio... Pois bem, revogae a revogação, e ficará assegurada a impunidade para o roubo, para a prostituição e para o assassinio... A corôa deve ser feita de metaes brilhantes e preciosos, mas forte, resistente, erecta sempre, quer a topete a aguia do poder, a esphera terrestre, ou a cruz da fé!

D. Manuel continuava com a fronte escondida nas mãos, emquanto Antonio Carneiro declamava, com o rosto vermelho, passeando agitado.

— E, se eu fizesse tudo isso? perguntou el-rei sem affrontar o olhar do seu ministro.

— Os labios do futuro D. João III repetiriam phrases que os cortezãos de Julio III e de vosso real sogro, aninhados na Alcáçova, lhe ensinariam, exaltando vossa energia e talentos; o povo, para melhor illuminar a vossa fronte de rei, apagaria os archotes do vosso sequito nocturno, e faria projectar nos muros d'este castello o clarão das fogueiras, e a rainha de Portugal encheria das mais gratas caricias a vossa alcôva real!

— E tu, Antonio Carneiro, o que dirias?

— Eu! Que importa o meu parecer, no meio de tão universal concerto? Perguntae, antes: o que diria a Historia?

— A Historia? disse D. Manuel, puxando para si o seu ministro. Sim, Antonio Carneiro, o que diria de mim a Historia?

— Que el-rei D. Manuel I, primeiro em nome, em merito e no amor

á terra de Portugal, o vencedor dos mares, o conquistador da terra, aquelle que gravou, na sua corôa, os nomes da Africa, da India, da Arabia e da Persia, o que foi obedecido por Vasco da Gama e Affonso de Albuquerque, o que fez as mais sábias ordenações e favoreceu as lettras e as artes; que esse rei afortunado pintou no estandarte real a cruz vermelha da ordem de Christo, com o sangue de milhões de martyres, revogando, com os seus alvarás de odio e de perseguição, a sentença com que Jesus perdoou, no cimo do Calvario, á raça que o crucificara.

— Abraça-me, Antonio Carneiro, que sou teu rei e teu amigo. Déste a melhor fé ao meu espirito e maior vigor ao meu braço.

— Perdoae-me, senhor, exclamou Antonio Carneiro, dobrando o joelho e beijando a mão d'el-rei, o vassallo não accusou seu amo, arrancou-lhe o segredo da sua consciencia... Ide beijar o principe, meu senhor. D. João III bemdirá um dia a memoria de seu pae.

A' porta do salão assomou Gonçalo Figueira.

— Meu senhor, o principe D. João, meu amo, retira-se aos seus aposentos e vem receber a vossa benção.

D. Manuel levantou o filho nos braços e beijou-o na testa.

— Que Deus te abençôe, neto dos reis de Castella, mas filho do rei de Portugal!...

X

Os serões

El-rei entrou novamente nos aposentos da rainha, onde havia já novas personagens a animar o serão. Algumas damas, fidalgas e formosas, formavam grupos de conversação animada, e, por vezes, segredavam, quem sabe? alguma perfidia piedosa contra o secretario Antonio Carneiro. A' proporção que a gente da côrte ia chegando, e agrupando-se, ia circulando a noticia de que D. Manuel se achava em conferencia com o seu valido, como lhe chamavam, para assim melhor accentuarem a influencia do conselheiro no espirito do rei.

— Sabeis, senhores, dizia um fidalgo de pouco nome, que a côrte de Castella insta de novo pela entrega dos foragidos?

— Consta que effectivamente D. Miguel da Silva, nosso embaixador, muito affeiçoado á côrte dos reis catholicos, falara n'esse sentido a Jorge Garcez.

— Por que a esse? extranhou o informador indiscreto.

— Por já se saber em toda a peninsula que a *sombra d'el-rei,* ou não daria o recado, ou levaria el-rei a responder negativamente.

— A rainha deve sabel-o, disse o outro, em voz mais baixa, como se a curiosidade o estivesse espicaçando.

— Se D. Guiomar quizesse...

— Bem os adivinho, meus senhores. Não vêdes que sua alteza está preoccupada com a ausencia d'el-rei? Ella bem sabe que Antonio Carneiro não é homem que perca tempo a estas horas da noite. Despacho em serão não dá ordenações, dá intrigas...

—Abeirae-vos, senhora, de sua alteza, que deve precisar de entretenimento e confôrto.

E' preciso tambem que não percamos tempo...

— Senhora, disse D. Guiomar, fidalga affeita ás prédicas de S. Domingos, dir-se-hia que tendes os olhos n'esse estofo e bem mais longe o pensamento.

— E' assim, é; ao preparar a signa de meu senhor, lembro que gloriosas viagens poderia fazer el-rei, se navegasse no mar da fé christã, onde ha tantas descobertas a fazer.

— Se essa viagem se não faz, a culpa é do timoneiro... Sabeis, senhora, a que Palinuro me estou referindo?...

— Sei, disse a rainha, levemente enfadada.

— Por que navega el-rei tão só? Mostrae-lhe o perigo, senhora.

— Se não ha braço mais vigoroso, nem vista de mais alcance...

— E não temeis um naufragio?..

A rainha fitou a sua interlocutora.

— Vêdes signaes de máu tempo?

— Algumas nuvens que já perturbam o ánimo dos mareantes...

— Más novas, D. Guiomar?...

— Boas não são. Os infieis triumpham, e o Céo não deve estar contente. Emquanto os dominicanos se preparam para o supplicio, a mourama fugida de Castella renova sacrilegios e infesta o reino...

— Não lhes ficou licção dos maleficios que soffreram?

— Qual? Pelo contrário, nascem as synagogas e as mesquitas por baixo dos nossos altares, e Portugal é asylo de judeus proscriptos.

— Conheceis algum fructo malino da clemencia real?

— Quantos?! Pede-se debalde o cumprimento das capitulações que existiam para a extradicção dos criminosos, e mal se acredita que a filha dos reis catholicos não possa evitar o damno.

— E' cioso el-rei das suas prerogativas, e o momento não asado para renovação de odios. Bem sabeis quanto os christãos novos se agitaram com os favores recebidos.

— Quietos os da raça de ingratos?! Se soubesseis, senhora, o que por ahi se conta!... Redobram de audacia os inimigos da Cruz...

— Contae-me o que sabeis e tanto vos magôa.

— Permittis, senhora, que vol-o diga ao ouvido? O que conto para vosso governo e geito, não pode ser uma delação. Basta que saibaes...

E D. Guiomar, chegando os labios ao ouvido real, segredou uma longa historia, acompanhando a narração de gestos violentos e olhar irado.

— Que me contaes, senhora? Pois chega a tanto a audacia dos condemnados? Pois o perdão é semente tão ruim? disse a rainha um pouco alvoroçada.

— E' como vol-o digo. Mais alguns dias e Mafoma e Moisés serão os idolos adorados nos vossos Estados, senhora. Mas não vos inquieteis, que as reclamações de Castella hão de poder mais que os conselhos de Antonio Carneiro.

El-rei, n'este momento, apparecia, dizendo em voz alta as ultimas palavras da sua conversação.

— Descança, meu Antonio, que assentarei por uma vez no rol dos meus planos. Abrirei as minhas fronteiras aos perseguidos de todo o mundo, e assim alcançarei mais conversos que inimigos.

— Receio muito que vos enganeis, senhor meu. Infelizmente os factos não são de molde a esperar arrependimento e gratidão, disse a rainha.

— Sobre os estragos da guerra as virtudes da paz não germinam sem demora...

— E' que não conheceis Jacob Adibe.

— Conheço, conheço; d'elle me falou o conselho com louvor pelos feitos do velho, em paragens bem perigosas.

— Bem dizia eu! Não vos disseram ainda que Jacob anda a marcar os christãos com os diamantes dos seus anneis. Pedi a Antonio Carneiro que vos conte a façanha d'esse judeu entre as religiosas de Lorvão.

— Que sabeis a este respeito, Antonio?

— Sei que o pae poupou muito sangue christão, e que o filho zela muita honra ameaçada.

— Mas não sabeis que, tendo renegado na pia do baptismo a fé e o berço, se pavoneia judeu, affrontando a vossa generosidade e a justiça de Castella! Mais ainda: que, tendo atravessado o reino de meu pae, incorreu no desagrado do Santo Officio, e se gaba, entre nós, de não temer ameaças nem perseguições...

— Senhora minha, taes queixumes não acertam com os dizeres de meus informadores, que abonam virtudes de Jacob mais christãs que as de seus inimigos.

— O que não impede que a estas horas esteja sob as lanças d'el-rei, por ter tentado raptar uma noviça de Lorvão, informou D. Guiomar.

— Antonio Carneiro, disse D. Manuel, informa-se de tudo, e, se de facto Jacob Adibe tiver commettido os crimes de que o accusam, que soffra as penas que determinei em meu alvará de ha tres annos.

— Esse alvará, meu senhor, vós mesmo o acabaes de revogar.

— Que a côrte de Castella o mande queimar em estatua, em nome da Inquisição, e que Portugal o julgue pelo que elle tiver feito fronteiras a dentro.

— Mas, senhor, o christão novo judaisa quando o deixam, e a vossa bondade vae até a liberdade de viver christãmente e não chega á licença de ter orgulho público da judiaria. Se sois catholico, senhor, defendei a vossa fé, que não pode ser rei, á face do mundo christão, quem se faz cumplice de mouros ou judeus. Transijo comvosco, continuou a mansa e

beata rainha, emquanto poupardes á devassa os segredos da consciencia infiel, mas, se fordes mais longe, a ponto de permittirdes affrontas ao poder de meus paes e aos escrupulos da minha devoção, para não perder a minha alma, volverei á minha patria, saudosa do vosso amor, queixosa da vossa resistencia. Por Deus vol-o juro, farei o que digo, por me salvar e a meus filhos d'esta guerra que declaraes ao Céo, com as armas da heresia.

— Basta, senhora minha, que se não entrego o judeu a Castella, não me opponho a que a Inquisição o procure. A mão que revoga um alvará é a mesma que o renova. Quero estar bem com Deus e comvosco. Não vale a sorte d'um homem a sorte d'uma familia real na peninsula. Além de que, se Jacob está preso, como affirmam, é contumaz em profanações e pode ser excepção á face das leis. Não é verdade, Antonio Carneiro?

— Não ouvi o que dissestes, senhor; estava pensando n'outra verdade.

— Qual?...

— Já vol-a disse: um rei que hesita é um rei que se perde.

— E' necessario distinguir, Antonio; a minha tolerancia deve ser pacificadora e não irritante. Para fazer a paz entre christãos-velhos e novos, é bem cabida a minha intervenção transigente; mas para açular odios e garantir audacias contra a Fé e a favor da heresia, não.

— Assim será, meu senhor; mas quem mór interesse deve ter na paz são os governos e não os governados, acudiu a rainha. Como quereis, meu senhor, resistir á corrente das nações mais amigas? Não vêdes Castella a pugnar pelo catholicismo, a Italia a imitar Castella, a Allemanha na sua tarefa religiosa? Não vêdes a Inglaterra trabalhada pelas intrigas das seitas? Que esperaes? Dar licções ao mundo? Poderão os reis catholicos gastar seu esfôrço na punição dos infieis, tendo nós as fronteiras abertas aos que fogem á justa punição? Quereis contar com Roma, amesquinhando o poder papal? Meu senhor, pensae, no que resolveis. Os secretarios passam, e a crença fica. Quando a guerra explodir, com quem contaes? Com Antonio Carneiro? E' pouco. Consultae Miguel da Silva, que escuta a opinião da côrte de Roma. O que faz e o que diz elle? Que Roma vê com máus olhos a vossa generosidade.

— Senhora minha, disse Antonio Carneiro, para contrariar a vossa avisada opinião não posso manter-me nos conselhos d'el-rei. Teem as damas, perdoae-me, o prestigio dos seus nomes e a influencia das suas virtudes e dos seus encantos, mas nem sempre, por maiores que sejam seus talentos, podem alcançar as previsões d'uma politica internacional eivada de interesses contrarios, e mesquinharias intrigantes. Não pode vossa alteza lembrar, a meu rei e senhor, que a côrte de Roma, traba-

lhada por uma nova e forte opinião religiosa, não deseja em Portugal a perseguição dos judeus. Tente, vossa alteza, meu senhor, arrancar, a Sua Santidade, bullas para o estabelecimento da Inquisição em Portugal, e nada conseguirá...

— Julgaes que Roma se opporia? disse el-rei.

— Sem dúvida? Roma está fortemente trabalhada pela nova influencia que não se oppõe á Inquisição de Hespanha, porque está animando a emigração para Portugal e para os Paizes-Baixos, mas não queria o esmagamento dos judeus sobre a terra, por mais que elles contrariem o culto da divindade que lhe preside.

— Então essa influencia?

— Essa influencia não tem o fanatismo dos frades peninsulares; pelo contrário, promove com muito cuidado, o desenvolvimento dos interesses materiaes que podem enriquecer o mundo e dar-lhe riquezas e preponderancia.

— Continua, Antonio Carneiro, disse el-rei, já esquecido da proclamação de sua mulher.

— E' uma nova doutrina, que vae começar a dominar o mundo, que reclama braços, iniciativa, trabalho e riquezas! O novo padre não é um fanatico — é um traficante. Presidido por Jesus, fal-o mestre da sua obra, incentivo do seu progresso, fecundador do solo, cultor das artes, sophisticador da sua doutrina, reproductor do seu capital. Apodera-se de Roma com o seu intuito mundano, e leva na sua frente Jesus, antes do Calvario, quando andava separando Deus de Cesar, e a ambos prestando obediencia e culto. Julio III está a esta hora escutando essa gente e ensurdece á voz do Senhor. E' uma nova phase religiosa, uma nova theocracia que se explica e adopta. O que é o judeu? Já pensastes n'isso, senhor? Já lhe medistes o valor e o alcance? O judeu não é rigorosamente uma seita — é uma raça — forte no corpo e forte no ánimo — que trabalha muito, que economisa, que guarda, que enriquece — é uma colonia vigorosa de obreiros, embutida n'uma civilisação anciosa de prazeres e recheada de vicios. O judeu não vem de Moisés, ou se vem, não é d'isso que enferma; vem do paganismo, que adorava o bezerro de ouro. — E' mundano, é egoista, é onzeneiro, é servil — é quanto quizerem — mas é principalmente um poderoso elemento de trabalho e uma fonte caudal de riquezas. A nossa época alenta-se nas energias burguezas, e essa burguezia tem por esteio principal a cobiça d'essa raça errante e potente, que accumula capitaes, desenvolve o trabalho, e consolida a ordem! Todo o trabalho é uma riqueza, toda a riqueza é uma fôrça, toda a fôrça é um poder. Reis e papas, que matam os judeus, enfraquecem os povos, o que já é máu; mas tambem enfra-

quecem os reis, que é peor ainda. Vêde, senhor, a classe média; percorrei as boticas da cidade, fazei appellos ás urgencias do Estado, creae novos tributos... A quem visaes, a quem tributaes, de quem recebeis, a quem pedis, e quem vos serve? Os christãos, entretidos na cavallaria, empenhados na guerra, adormecidos nos prazeres? Não, os judeus, firmes nos seus balcões, vigilantes sobre as suas uchas, garantidos na sua usura, prevenidos nos seus cálculos, e invenciveis no seu esfôrço... Julgareis, talvez, meu senhor, que o jesuita, trepando a escada da fé, desde a missão oriental até o throno do Papa, quererá esmagar, em vez de aproveitar, essa gente, essa seita, essa raça, essa caravana, que deixa na sua passagem sulcos de ouro e que forma no espaço nuvens de pedrarias? Enganaes-vos, senhor, e vós, senhora, tambem. Com a vossa gente de armas dominaes a Africa e a India, com os vossos mareantes sulcaes e venceis os mares. Estão traçadas as linhas do planeta, meu senhor...

E estará finda a vossa obra? Vêde o reino. Está pobre, desorganisado, limitado ao commercio das suas possessões... Começam agora o culto das sciencias e o exercicio das artes, raros almargens irrompem pelos matagaes, affirmando a riqueza e o lavor da vida rustica; definham as industrias pequenas nos recantos dos bairros mouriscos, fecham-se de cardos e silvas os caminhos feudaes, caem envelhecidos os castellos das villas, e correm ao acaso os rios mais caudalosos. A'manhã tereis vencido a India e a Africa, familiarisado os mares com os continentes e assegurado a nossa independencia na peninsula iberica... Que quereis então fazer? Inventar outros mares, sonhar outras terras? Não, decerto; tereis de educar e instruir o vosso povo, encher de sol as vossas cidades, erguer custosos monumentos á vossa historia, organisar para a paz a vossa gente de guerra, commerciar com o mundo inteiro as vossas conquistadas riquezas. Com que gente contaes para essa empresa? Com os soldados estropeados de volta de Cochim e de Calecut? com os heroes de Ormuz? com a nobreza ociosa e debilitada pela pujança de D. João II? com o povo de joelhos ás portas dos templos e com as ordens religiosas no fabrico de conspirações e de vicios, nos claustros dos mosteiros? Estaes illudidos, senhores meus — haveis de precisar do sangue, e do braço, e do ouro d'esses judeus, e de perdoar-lhes, ao contardes os recursos do thesouro publico, as divergencias da sua fé. Não sabeis o que se passa lá fora. O jesuita está na casa de S. Pedro e o jesuita não põe a Inquisição sobre a bôcca d'esses poços auriferos de que brotam fontes de riqueza, de fôrça e de poder...

— Então o Papa, se eu lhe pedisse auctorisação para instituir em Portugal o Santo Officio, negar-me-hia...

— Sem dúvida — o novo frade é a intelligencia que aproveita, e não o

fanatismo que estraga e prodigalisa.. Experimentae, senhor; abri á emigração judaica de Castella as fronteiras lassas de Portugal e vereis a fecundidade d'este sólo. O judeu não deve ser odiado como uma seita, mas aproveitado como uma raça. .

— Cançaes-me a cabeça vós ambos, rainha e senhora, e tu palavroso conselheiro. Será o que Deus quizer, e que esse Deus me inspire, já que tantas coisas contrárias vejo e não distingo. O Desembargo que diga de sua justiça a respeito de Jacob e quejandos...

— Sim, é bem melhor, senhor, pedir ao Céo conselho, que aos homens lettrados, disse a rainha ironicamente.

— Senhor, disse Antonio Carneiro, fingindo não ter ouvido o remoque de sua alteza, — os vossos parceiros aguardam que vos digneis...

— Não jogo ainda; preciso de ouvir primeiro os novos tangedores e os velhos trovistas... Tens trovas novas, Antonio?

— Algumas que fiz a D. Guiomar de Menezes?

— Que pena não ser eu de Menezes, disse D. Guiomar.

— A vós, senhora, não teria feito voltas profanas, mas jaculatorias ao Menino Jesus.

— Estaes muito piedoso, senhor secretario...

— Para as intrigas da piedade, madre Guiomar...

— Ha quantas noites não temos Gil Vicente?

— Já vae passada uma dezena.

— Novos autos o entreteem?

— Não que elle invente, mas em que figura.

— Sempre sois muito faladora, D. Brites... Ora, deixae o pobre Gil com seus amores. Como ha de elle pintar o amor, se o não sentir?

El-rei formou circulo de fidalgos a que presidia, emquanto as damas rodeavam a rainha, que as acolhia com o seu melhor sorriso, entregando-se todos á mais familiar conversação.

— Gil deve estar escrevendo o novo auto em que lhe falei, disse D. Manuel. Tenho ciume de minha irmã, que se envaidece com o *Auto dos Reis Magos,* que lhe pediu e tão facilmente o houve composto e corrigido.

— Em breve ahi o teremos com obra nova, que ha de desbancar a festa da Epiphania, a que minha cunhada, a rainha D. Leonor, soube dar tanto realce e brilho. Tendel-o visto D. Maria Cardosa? perguntou a rainha; andaes sempre sabedora de coisas novas...

— Gostando muito d'ellas, nem por isso acompanho as novidades dos nossos trovistas; prefiro lhes as modas flamengas, que corrigem os nossos velhos costumes...

— Por fora... não é verdade? perguntou um moço fidalgo.

— Já assim não pensa D. Branca Coutinho que embelleza seus vestidos, sem d'elles haver favor, accrescentou Antonio Carneiro.

— Feris, senhor, a minha vaidade.

— Por que não dizeis modestia?

— Para vos respeitar o galanteio.

— Fizeste mal em vir, Diogo Brandão, disse el-rei, avistando o critico portuense...

— Meu senhor, vim para distrair maguas, que me vieram dos queixumes do infeliz Gomes d'Abreu.

— Ainda chora a morte do ginete?

— Ainda, e o desastre dos seus amores...

— Não voltarei a Saragoça emquanto elle andar d'amores a saltar muros da Alcáçova, insinuou sorrindo, el-rei.

— Já ouvistes, senhoras minhas, os queixumes do pobre cavalleiro, gemidos em rimas do sr. secretario?

— Eu julgava que Antonio Carneiro não cultivava a ironia. Achastes bom o conceito? perguntou a rainha a Diogo Brandão.

— Mandae, senhora, que o diga, que eu, entretanto, irei regendo as arcadas dos tangedores.

— É um gracejo sem alcance, tem mingua de graça e sobram-lhe imperfeições no improviso, disse Carneiro.

— Dizei, que eu vol-o rogo, disse Violante de Ataide, pondo a descoberto os seus dentinhos risonhos.

— Os negocios do Estado varreram hoje a memoria e o gôsto...

— Meu senhor, intrometteu-se Brandão, chamae a despacho o vosso secretario... Elle que redija um alvará em oitava...

— Antonio, mandou el-rei, honrae os fidalgos da minha côrte. A Alcáçova tem de chorar peccados do infeliz amante e a perda do seu corcel...

— Envergonhaes-vos das musas ou de nós? perguntou a travessa Margarida Henriques. Lembrae-vos de Affonso de Albuquerque, que tem barbas tão grandes e encargos tão pesados, e ainda assim sabe trovar, sem instancias, e guerrear sem timidez.

— Que me perdôe o grande Affonso. Dou homem por mim... Diogo Brandão, que tem de cór os meus dizeres, far-vos-ha a vontade.

— E se eu vos estragar o favor?

— E' vosso costume corrigil-o.

— Lá vae então por vossa conta:

«Queixumes d'um donzel a quem morreu um cavallo, quando lhe nascia uma esperança.»

— Diogo Brandão, achegando-se para os doi circulos que formavam

um oito de voltas elegantes a um lado do salão, inclinou o corpo para a frente, e, dirigindo-se a suas altezas, começou:

De dois males deseguaes
me vejo tão combatido,
que perco todo o sentido,
sem saber nem ter sabido
que mal d'estes me doe mais!
Com ambos me não leixaes
Coração não me repousa
Com desejar uma cousa...

— Tem sabor a Garcia de Resende, disse Diogo Brandão.

— Não interrompam, reprehendeu interessada Margarida Henriques; deixae Garcia de Resende a secretariar Tristão da Cunha. Secretario por secretario, antes Antonio Carneiro...

— Querem que continue?

— Continua, sim, mandou el-rei. No fim diremos nosso parecer.

— Bem! E Diogo Brandão, levantando os olhos, como quem recorda idéa ou forma esquecida, repetiu:

Coração não me repousa
Com desejar uma cousa...

O pagem que guardava a porta principal do salão adeantou-se.

— Perdão, senhores, está alli pedindo licença para ser introduzido, por ter recebido convite d'el-rei, meu senhor, o padre Ignacio, do mosteiro de S. Domingos.

— E' verdade, disse D. Manuel, esperava-o... Mas vem só?

— Não, meu senhor; traz em sua companhia um moço cavalleiro, que diz chamar-se... Pedro Soares.

— E' esse mesmo. Amanhã ouvirei as oitavas de Antonio Carneiro.

E depois ao pagem:

— Manda-os entrar para o salão do conselho...

E el-rei, seguido de Antonio Carneiro, sahiu por entre as alas dos seus convidados e familiares.

— Senhor, disse Antonio Carneiro, ides concertar negocios, a esta hora, relativos a frades dominicanos?

— Que queres, Antonio? pediste-me que recebesse esse moço, a quem tanto elogiaste valor e brio, e é meu dever animal-o no empenho de fazer carreira pelas armas, ou na diplomacia. Sobram-me capitães valorosos

para a conquista do mundo, mas faltam-me agentes para os favores dos governos.

— Reservaes intuitos em Roma, ou em Castella?

— Nas duas côrtes, sem dúvida...

— E quanto a Ignacio?

— Pode ser util em ambas as partes.

— Com quê?

— Com a espada de Pedro.

— Comprehendo — tendes então, uma esperança?

— Na cruz da espada...

— Acautelae-vos, senhor, que o logar de inquisidor-mor é coroado como o dos principes... Noto, senhor meu, que andaes ha tempo preoccupado demais com as missivas de D. Miguel da Silva. Se tendes confiança em mim, abri-me o vosso peito. Eu sou tão leal que vos affirmo ter approximado Ignacio, por ser contrario á influencia de Castella. Se sonhaes com o tribunal da Inquisição, por fazer graça, á rainha, minha senhora, seguis caminho errado. Ignacio é agente da nova côrte papal, e Pedro Soares fidagal inimigo de perseguições intolerantes. Se ides com meu conselho, bem ides com taes ajudas; se d'elle vos afastaes, perdereis vosso tempo. Olhae o reino, a Africa e a India, e não percaes espaço demasiado com os negocios do Céo.

— Eu digo, como tu dizes, ou melhor como tu escreves:

Coração não me repousa
Com desejar uma cousa...

— E essa cousa é? Senhor, dizei, pela vossa leal estima para commigo, o mais sincero dos vossos vassallos.

El-rei e o secretario tinham chegado á porta do salão do conselho.

Antoniò Carneiro ia abril a...

— Espera, lhe disse el-rei. Vou dizer-te meu plano. Consiste em pouco: ganhar tempo.

— Como, meu senhor?

— Lembras-te do que me disseste hoje a respeito da seita, que surge, influente e poderosa, junto da côrte de Roma?

— Sim, e então?

— Castella afflige-me e tenta arrastar-me á sua politica de sangue e de fogo. Poderia responder-lhe, como lhe respondeu meu cunhado D. João II. Era mais simples, mas tambem mais perigoso. Prefiro enredar governos e embaixadores. Vou começar a fingir que avanço, e encarrego o Papa de

me negar o que meu sogro de mim reclama. Assim direi que estava prompto a ceder, mas que não posso...

— E' obscuro, mas com um esfôrço distingue-se...

-- Ignacio é um agente secreto d'essa força. Não se revelou, e eu não o descobri... Vaes entendendo?

— Sou avesso a comprehensão de tramas...

— Ignacio fará o contrário do que lhe recommendo, porque é essa missão que o trouxe até mim, receoso de que a outras mãos fôsse o encargo...

— Quereis então experimentar o prazer de ser enganado?

— E de enganar. Concordas?

— Não, meu senhor. A corôa de Portugal não deve dirigir-se na politica da Europa com os enredos e embustes que não estão nas suas tradições. Se tal fizerdes, perdereis no conceito do Papa e no dos reis catholicos. Ou continuaes a obra de D. João II ou principiaes a de D. João III. Essa dúvida, ou essa fraqueza pode significar, perante a Historia, uma lacuna no throno portuguez. Tendes feito a guerra, em nome da civilisação; tambem em nome d'ella é que deveis fazer a paz. Mandae Ignacio e Pedro a Roma, se isso vos agrada, mas sem que reveleis designios nem concedaes poderes. Bastará que elles digam o que de vós se diz e se pensa. Depois resolvereis.

— Pois seja, tratarás de tudo, e eu irei, entretanto, ouvir a continuação dos queixumes de Abreu, o cavalleiro infeliz.

El-rei afastou-se.

Antonio Carneiro, á porta, pensava:

— Sou o secretario d'um rei, ou o aio d'uma creança?

— Senhor secretario, disse Pedro Soares, mal Antonio Carneiro entrou no salão do conselho, uma simples coincidencia permittiu que viesse incommodar el-rei á mesma hora em que o sr. padre Ignacio vinha por sua alteza. Tendo de conduzir com urgencia, por ordem de Ayres da Silva, a menina Deborah, ao mosteiro de Lorvão, vinha pedir-vos, senhor, vos dignasseis solicitar d'el-rei a satisfação de alguns desejos meus.

— Podeis dizer, Pedro Soares, estou á vossa disposição. Estima-vos el-rei e ha de servir-vos em tudo que fôr justo e não contrariar os interesses do Estado.

— Senhor, alistado na legião destinada á pacificação da Africa e da India, deveria partir, sem que as urgencias da guerra me reclamem, antes de findar o mez, para o meu destino, com o commando da minha gente, que ainda não está apparelhada. Lorvão não é um mosteiro, é um abysmo. Alli a honestidade debruça-se no cairel. Deborah não deve demorar-se lá,

e as justiças do reino querem detel-a até que eu liquide as minhas responsabilidades... Senhor secretario, venho pedir a el-rei licença para me casar, afim de poder confiar minha noiva á guarda e aos cuidados de minha santa mãe.

— Ficae descançado. El-rei auctorisou-me a deferir as vossas pretenções. Só partireis depois dos esponsaes...

— Obrigado, senhor. Mas isto não é tudo. Sendo Deborah minha mulher, ficará *sui juris*, isto é, apta para se administrar e, portanto, para iniciar sua irmã mais nova... Desejava, pois, senhor, que Sarah fôsse retirada de Lorvão, antes da minha sahida...

— Concedido, disse o secretario.

— Perdoae-me, senhor; estou hoje muito exigente. Tenho ainda outra pretenção...

— Dizei; oxalá que eu possa conceder quanto pedirdes.

— E' coisa de pouca monta: em poucos dias devem ser executados em Evora os frades dominicanos. Só depois d'essas execuções eu deverei receber Deborah por minha mulher. Permittir-me-heis que espere?

— Se é só isso não tereis de esperar muito. Se o cumprimento da sentença se demorasse, el-rei poderia hesitar em fazer justiça. Eu abreviarei a execução, para que não ganhe terreno a reacção que invadiu a Alcáçova.

— Que Deus vos pague o bem que me fazeis.

— Voltareis por aqui, Pedro Soares, antes de partirdes para Lorvão. El-rei deseja ainda receber-vos, e talvez imcumbir-vos de tarefa menos molesta que a de combater os mouros de Cananor. Tereis embaraço em ir a Roma em missão secreta junto da côrte de Julio II?

— Que el-rei disponha de mim como lhe aprouver.

— Voltae então; depois ireis em caminho de Coimbra; entretanto os frades pagarão suas dividas, e vós em seguida regressareis á côrte com vossa mulher e cunhada.

— Senhor secretario... disse Pedro, cortejando e sahindo.

— Agora nós, senhor padre Ignacio, temos muito que conversar, disse Carneiro.

— Dizei, senhor.

— El-rei precisa de vós.

— E' grande honra, senhor...

— Honra e proveito...

— Basta-me a primeira...

— Seja; não se esquece el-rei de que *quod abundat*...

— Podereis começar, senhor secretario.

— Tendes recebido noticias de Roma?

— Frequentes vezes.

— Os amigos do Papa?

— Trabalham — contentam-se com isso — o trabalho é tudo.

— Mas trabalham com exito, ou por simples devoção?

— A sociedade fomenta, mas não usa devoções.

— Faz bem em dividir os poderes.

— Quer dividil-os, e possuil-os a ambos.

— Já tem Deus do seu lado?

— Já.

— E o Papa?

— Espera conquistal-o... e o cêrco vae já apertado.

— Eis o que interessa, disse Antonio Carneiro. Sentemo-nos, sr. padre Ignacio. Consta que os christãos-novos, animados com a nova attitude d'el-rei, julgaram opportuno recorrer a Sua Santidade... E' verdade?

— E'. Os nossos sabem quanto elles valem, e ajudam-nos.

— E Julio II?

— Inclina-se para elles, mediante concessões.

— E Castella?

— Sopra cada vez mais as suas fogueiras, em nome da mais estupida superstição; mas os reformadores hão de tambem invadil-a, e vencel-a.

— Nada se lucraria, então, em transigir com os reis catholicos?

— Pelo contrário, tudo se perderia. Em breve os thronos da Europa hão de assentar sobre as consciencias submettidas. Isso é que representa fôrça. Sobre cadaveres a realeza não tem firmeza.

— Sois do meu parecer, e é indispensavel que el-rei seja do nosso.

— E a rainha?

— E' uma difficuldade, mas não invencivel.

— A fraqueza do espirito do sr. D. Manuel é mais para temer. A acção fraca pode vencer quando a reacção é mais fraca ainda.

— Tendes razão. El-rei é voluvel, e tem medo do inferno...

— Tambem receio o duque D. Jayme...

— Inoffensivo. Anda entretido na guerra, na piedosa obra de resgatar a memoria de seu pae...

— E o paiz?

— Uma miseria! Se ámanhã D. Manuel fundasse a Inquisição seria acclamado com delirio. O povo, se não anda no mar, ou além d'elle, reza, não sei se por amar o Céo, se por temer o inferno. Em todo caso parece filho de Torquemada.

— Resta-nos, então, só uma esperança: Roma.

— Sim, Roma, governada pelos novos.

— El-rei finge resistir, e finge condescender. A'manhã um beijo da rainha, um recado de Castella, um murmurio da côrte, revira-lhe a opinião e a vontade. E' preciso, portanto, aproveitar as disposições em que agora está.

— Que é preciso fazer?

— Partir para Roma, e lá, approximando-vos de Pedro Soares, que entrará na intimidade de D. Miguel da Silva, nosso embaixador, sabereis das relações particulares d'el-rei de Portugal e dos reis de Castella.

— E depois?

— Para que o perguntaes? Sabeis de sobra qual é o alcance das minhas palavras... Depois falae com S. Pedro e tudo poderei contrariar... Ha na Alcáçova dois partidos — o do rei e o da rainha — isto é, o da politica nacional, legada pelo algoz do duque de Vizeu, e o da côrte castelhana, intolerante, fanatica e retrógrada. Precisamos de auxilio, venha d'onde vier, comtanto que inutilise a surda intriga que põe em perigo a paz do reino. Querem os reformadores fundar as novas sociedades na exploração d'uma raça, que, convertida ou não, é um grande elemento de fôrça e de riqueza? Não discuto a moral d'estes intuitos; é certo, porém, que, n'este momento, me convém. Estou comvosco, padre Ignacio.

— E podereis contar commigo; serei contra el-rei, por causa d'elle e em proveito do reino. É preciso defendel-o de influencias extranhas. É possivel que os padres da seita um dia recommendem a Inquisição; mas, n'esse dia, ella será estabelecida e sustentada por elles, e não queimará gente por questões de fé, mas por interesses materiaes da humanidade.

— Ides, pois, padre Ignacio, começar a vossa tarefa, tendo o cuidado de não esquecer que farei duplas communicações — as que lerei em conselho — e as que guardarei para mim.

— Já conheço, senhor secretario, a honra que me dá el-rei... Podereis indicar-me o proveito, se elle não é paga, mas gratidão?

— Deixo á vossa escolha a situação futura...

— Sellaes com a vossa palavra esse direito?

— Opponha-se Roma ás petições d'el-rei, se elle as fizer, sob a influencia de Castella, e sereis, na egreja portugueza, o que mais vos agradar e dér proveito.

— Acceito. Quando deverei partir?

— Logo que el-rei parta para Almeirim, e depois das primeiras novas de Tristão da Cunha.

— Contae commigo, senhor secretario.

— Entretanto continuareis no mosteiro. Em breve elle será restituido aos prégadores...

— Incondicionalmente?

— Cuidarei na exclusão dos que teem culpas no ultimo acontecimento.

Os dois homens separaram-se com um sorriso e um apêrto de mão.

Antonio Carneiro dispunha-se para a lucta, e ao regressar aos aposentos da rainha, como se estivesse a recordar as suas ultimas rimas, ia dizendo mentalmente:

Coração não me repousa
Com desejar uma cousa

— Então? perguntou el-rei.

— Acceitam e partem brevemente. Escolherei esse momento.

— Antonio Carneiro, conversei na tua ausencia com a rainha.

— Sobre o mesmo assumpto?

— Não, sobre Jacob.

— E promettestes?...

— Examinar o caso, que me parece grave. Talvez não valha a pena discutir a entrega...

— É uma reconsideração...

— Mas não official. Imagina, Antonio, que Jacob Adibe fugia de nós, e se internava em Castella?

— Uma traição...

— Não vale discutir nomes. Jacob que fuja, e tu indica-lhe o caminho.

— Entendei-vos directamente com Ayres da Silva. Poupae-me a missão, que não é propria de minha magistratura, senhor.

— Pois bem, o regedor das justiças cuidará n'isso. Bem vês, Antonio Carneiro, que se vou a negar tudo que me pedem... porque me pedem, repara bem... Não soffreria uma imposição, mas assim... Fechemos os olhos... Bem sabes, além de tudo, que, a justiça de Castella já em tempo veiu a Portugal buscar os fugitivos, por que isso lhe deixámos fazer, para não violar as promessas feitas a judeus e a christãos.

— Sabeis quem é Jacob Adibe?

— Disseram-me que filho d'um judeu proscripto. E' uma aggravante...

— Mas é um judeu que poupou vidas de christãos na tomada de Azamor...

— Bem sei: prejuro e traidor. E' bem certo que os filhos não teem as culpas dos paes; nota porém, que nunca vi brancos filhos de pretos — os mais felizes são pardos.

— Noto, senhor, que á roda da rainha, minha senhora, saltitam e

murmuram agentes de diversas origens, mas todos conspiram contra vós, senhor...

— Conspiram? conspiram? Que idéa! Que me importa isso? Até me lisonjeia a conspiração. E' signal de que tenho opinião e fôrça; se não a opinião dos outros, a minha; se não a minha fôrça, a que me vem dos outros. Vem d'ahi, Antonio, já ouvi os teus versos, — não são máus — são melhores que os teus conselhos, e ouvem-se com mór agrado. Vem agora ouvir os de Diogo Brandão.

El-rei bateu no hombro d'um moço fidalgo, que o era por nascimento. mas não por nomeação régia.

— Ruy Gonçalves de Castello Branco, sabemos que sois repentista. Haveis de improvisar alguns villancetes esta noite.

— Senhor, obrigado; tendes, porém, antes de mim, a Ruy da Gama, que responde de prompto á pergunta de qualquer...

— Não vos escuseis á minha custa, Ruy Gonçalves. Onde está Diogo Brandão nenhum de nós deve invocar as musas sem afinar o metro com a musica....

— Não haja ralhos por tão pouco, disse el-rei; ouviremos Diogo Brandão... Senhoras, ditae um mote.

— O mote será meu, disse D. Guiomar de Menezes, mulher de peregrina belleza e razoavel vaidade.

— Perdão — Maria Cardosa. Já tivestes, senhora, resposta de Antonio Carneiro. Abraçaes o céo e a terra! Deixae agora D. Margarida de Ataide...

— Attenção, meus senhores, disse el-rei soberanamente, venha o mote de D. Margarida.

Fez-se silencio momentaneo.

D. Margarida de Ataide collocou-se sentada em frente de Diogo Brandão, e, depois de pensar um pouco, disse vagarosamente, accentuando as palavras e até as syllabas:

Não falando, mas morrendo,
confessaram.

Diogo Brandão levantou-se, ajustou o cinto, e compoz o gibão, passou a mão nos cabellos, sorriu-se para D. Margarida d'Ataide, comprimentou el-rei e a rainha e começou agitando o busto em requebros effeminados:

Os que logo declararam
suas dores, em querendo,
muitas vezes se estimaram.

mas muitas mais se obrigaram
aquelles, que padecendo,
não falando, mas morrendo,
confessaram.

— Muito bem, muito bem! disseram diversas vozes, emquanto os homens e as mulheres trocavam olhares e gestos approvativos.

— Outra, disse Brandão, fazendo uma mesura de agradecimento:

Bem podem dizer fugidos
seus amores, os primeiros,
mas a que estes já vencidos
pela morte conhecidos
são seus males verdadeiros,
e se muitos confortaram
em suas penas dizendo
e d'isso se contentaram,
portanto, mais obrigaram,
aquelles que, padecendo,
não falando, mas morrendo
confessaram.

Uma salva de palmas encheu o salão, e o poeta, que na arte de amontoar palavras foi um dos mais distinctos d'essa época e que mais paginas consumiu no cancioneiro de Resende, foi cordialmente felicitado!

— Haveis de escrever isso para eu guardar, sr. Brandão, não é assim?

— Senhora minha, se me não falhar a memoria, cumprirei vossas ordens.

— E guardae uma cópia para Resende, disse Ruy da Gama, que faz provisão do seu e do trabalho alheio...

— Obra pobrinha e defeituosa não merece já os cuidados de quem anda poetando pela India em honra de Tristão e Albuquerque.

— Não valem os d'elle mais que os nossos, e aos d'elle falta o merito, que teem estes.

— Qual? perguntaram algumas vozes.

— De serem d'elle...

— Crivae-vos, senhores trovistas, uns aos outros, com tanto desapêgo e graça, que até dizeis bem quando dizeis mal...

— Ha um, senhor, entre nós, que esplende como o sol, e de quem todos dizem mal por não saberem dizer melhor o bem que elle merece, disse Castello Branco.

— Falaes do Gil?

— Pois de quem? De Gil, que faz versos de ouro, tão artisticamente cinzelados em lingua hespanhola e portugueza, como o outro Gil cinzelou baixellas e sacrarios para o paço de Santo Eloy.

O pagem, n'este momento, annunciou com voz sonora e alegre:

— O sr. Gil Vicente!

Houve um movimento de curiosa vivacidade em todo o salão.

Gil appareceu ao fundo. Era um moço gentil, delgado, alto, de bella fronte, olhar vivo, cabello setinoso, em madeixas sacudidas sobre o estofo azul do corpete que lhe alargava os hombros, e mais accentuava as linhas do busto, apertadas na cintura, onde havia cadeias douradas e fivellas de pedrarias. O resto do tronco, em largos tufos que lhe cobriam as nadegas — meia de seda rosa desde o borzeguim atacado até o alto da perna, bem lançada e sem musculatura, como as dos pagens nas operas lyricas, desempenhados por *travestis* da melhor plastica... Gorro na mão, de longa pluma a roçar a alcatifa, sorriso nos labios, feliz e triumphante!

Gil avançou, com passo ligeiro até junto da rainha, vergou um joelho sobre o almofadão, segurou com a extremidade dos dedos a mão real, que tocou, muito ao de leve, com os labios. Levantou-se de novo, ergueu a cabeça, e, já a distancia, tendo recuado tres passos, outra vez a inclinou, levando o gorro até o peito, fazendo voar a pluma, que voltou a descer rapidamente até o chão. Encaminhou-se depois até o *divan* d'El-rei, e embora, com menor requinte e demora, cortejou D. Manuel.

Em seguida, n'uma volta rapida, inclinando a cabeça sobre o peito tantas vezes quantas eram as damas que cortejava, parou um momento deante de cada uma. Finda esta volta, que foi feita em menos tempo do que o necessario para a descrever, metteu o gorro debaixo do braço, arqueou o peito, sacudiu o cabello, e, com as mãos extendidas, foi apertando as de Diogo Brandão, Castello Branco, Ruy da Gama, etc., ao mesmo tempo que cortejava, a distancia, o secretario e os fidalgos mais grados d'aquella côrte opulenta e alegre.

Os homens sorriam-lhe, face a face, uns batendo-lhe no hombro, outros nas mãos, outros saudando dos cantos do salão com gestos familiares e carinhosos... as damas recebiam-lhe as vénias baixando os olhos, não raras acolhiam com sorrisos os graves comprimentos, e outras o examinavam com viva curiosidade.

Quem lançasse n'esse momento um rapido golpe de vista por toda a sala, veria na attitude dos grupos, na direcção dos olhares, nos segredos mal disfarçados, nas indicações feitas, que Gil Vicente era o alvo de todas as attenções.

Ninguem diria, no aspecto d'aquella côrte, que assim adorava o crea-

dor do theatro nacional, o cultor e reformador da nossa lingua, o poeta gracioso e conceituoso que enriqueceu, a sorrir, a nossa litteratura, que estava em Portugal, a tres mezes da horrivel sedição em que morreram duas mil pessoas! em dois dias! por questões de fé religiosa! e a dois passos apenas d'essa infernal intriga diplomatica, que havia de levantar os muros do Santo Officio!... Ninguem diria que estava no seio da côrte d'um rei que symbolisava a descoberta de novos mares e de novos continentes, e no escurecer sinistro da consciencia d'um grande povo!!

N'aquelle momento reinava Gil Vicente, o poeta!

Que prodigiosa é a influencia do talento!

Que magica supremacia exerce a grande arte!

Roma, Castella, Italia, Allemanha, Deus, Jesus, Moisés, Mafoma, a Africa, a India, o mar, a guerra, a intriga, os conselheiros do principe, a sociedade dos padres, o Papa Julio, a perseguição dos judeus, a reforma das ordenações; tudo, emfim, que prendia e dominava a politica d'aquella épocha, tinha esquecido!

Gil Vicente enchia a Alcáçova, os aposentos da rainha, os olhos e os espiritos, até o espaço a que elle lançava os versos dos seus *autos*, em scenas, em declamação, em caracteres, em scenario, fazendo desabar no abysmo da banalidade e da monotonia o velho jôgo de vocabulos, sem imagens, sem idéas, emmaranhado e enigmatico!

Na palavra de Gil Vicente havia fogo, luz, movimento, verdade... Uma grande arte, uma nova musica, vinha deliciar o ouvido e commover o coração. Ainda não se comprehendia bem o que aquillo era, mas já se adivinhava a grande revolução litteraria que havia de assignalar, na historia, o periodo classico italiano, que foi a condemnação dos combatentes do *Cuidar e suspirar*. Gil, que lançou a nossa lingua nos moldes mais elogiados por João de Barros e Fernão d'Oliveira, que democratisou a litteratura palaciana com os quadros campesinos da vida beirôa, e com os perfis vigorosos da gente popular, deu á narrativa aquella singelleza e encanto, tão differentes do estylo falso e amaneirado das eclogas pastoris.

Assim como Luiz de Camões symbolisou o sentimento da nacionalidade, Gil Vicente symbolisou a liberdade de consciencia. Adeantou-se Gil no falar e no sentir, ao mesmo tempo e ao seu meio, e, quer elle tenha sido, quer não, o Vinci e o Angelo portuguez, lavrando a custodia de Belem e affirmando a ourivesaria da Renascença, o que alguem affirma e alguem nega, a verdade é que Gil, que surgira na côrte de D. João II, pela mão da rainha D. Leonor, n'essa côrte se manteve e na de D. Manuel, com tal fixidez e fulgor, que foi a admiração do seu paiz.

Elle surgiu no tempo dos momos e entremezes, mas não se escravisou

á influencia d'esses *crochets*-poeticos. Fez obra sua, que foi até a fundação do theatro portuguez, assim como Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda, que acataram a tradição provençal, foram até o espirito idealista italiano.

Assim, o seu talento e o seu estro não se moldaram na velha eschola, assim o seu caracter e a sua independencia não se perderam em perfidas cortezanias.

Gil cingira a lyra como um rei impunhava um sceptro! Deante de principes vergava a cabeça por galantaria, mas não o pensamento por servilismo.

Os seus versos, recitados por elle, pareciam que tinham sido escriptos a côres, e não a tinta preta sobre amarellado pergaminho. Era um poeta que sentia, um versejador correcto, e um actor com voz, com figura e com alma!

Com a mesma naturalidade com que, alguns annos antes, fizera o *monologo do Vaqueiro,* na alcôva da rainha, para saudar o nascimento do principe D. João, se mostrava agora fidalgo da melhor estirpe e de garbo mais captivante.

Estava no periodo aureo da sua influencia. Adoravam-n'o as duas rainhas, D. Leonor e D. Maria, e cada uma disputava, com súpplicas e queixumes, a presença do moço poeta nos serões dos seus paços.

Tivera um successo o seu *monologo de Visitação,* e a illustre viuva de D. João II, pouco depois lhe applaudira, com grande enthusiasmo, em uma noite de Natal, *O auto pastoril castelhano!* Em seguida ao dos *Magos* veiu o da *Sybilla Cassandra,* que arrastou toda a côrte de D. Manuel ao templo da Madre de Deus! E depois o de *S. Martinho* e ainda o dos *Quatro tempos!...*

E a gloria a illuminal-o cada vez mais com os seus fulgores n'uma épocha tão cheia de odios e de lucto! E, envolvidos nos esplendores da côrte, iam de Lisboa para Evora, Almeirim, Santarem e Coimbra, sempre, a figura, a palavra, o gesto de Gil Vicente, alegrando o fanatismo das Rainhas, as preoccupações conquistadoras dos reis, e as intrigas dos fidalgos!

Parecia um sol a conservar eterno dia n'aquellas almas cheias de crepusculos!

E, momento a momento, como se andasse a cerzir com versos graciosos a esplendida litteratura dramatica, que resurgiu no espirito de Garrett, ia aprimorando e modificando o gôsto e os costumes da sua geração. E, vestindo sedas e velludos, e cortejando principes e vassallos, ia estudando e descrevendo typos, habitos e consciencias populares, apertando

assim, em faixas de conceitos, franjadas de rimas, a orgulhosa fidalguia e o povo ignorante e esquecido!

Por isso todos os olhos se fixavam em Gil Vicente, e d'elle se falava em todos os grupos, e as mulheres e os homens lhe sorriam, e elle, com ar de alegre triumphador, acolhia saudações e emmudecia invejas...

A chegada de Gil Vicente representava nos serões da Alcáçova, desde os mais intimos, até os mais solennes, ou o principio, ou o fim d'elles. Emmudeciam os trovistas, depunham os tangedores as violas, arrefeciam os idyllios silenciosos!... Se elle chegava cedo parecia que era aquella a hora em que se illuminava mais fortemente o salão; se chegava tarde, parecia que o dia jorrava de surpresa pelas adufas, empallidecendo as chammas dos candelabros!

— Gil, disse el-rei, tarde vieste... E por que, sendo aqui tão desejado?

— Senhor, perdoae-me, que hoje não vim por vós, nem para me deter...

— Vindes então encerrar um serão, que seria um dos mais pobres, se durante elle não se tivesse falado em vós?

— Talvez, meu senhor; e trago-vos chave de ouro para que o encerreis alegre e feliz.

— Vinde a mim, Gil, e entregae-m'a. Não haveis de arremessar-m'a d'onde estaes.

— Se o permittirdes, senhor, será d'aqui, e em voz bem alta, que eu vos direi o mote, para que o aproveiteis na vossa prosa real e magnanima.

E Gil collocou-se no meio do salão, como se fôsse recitar um dos seus autos, ou monologos.

— E' o auto que vos encommendei, Gil? perguntou a rainha.

— Ainda não, senhora minha. Deve haver mais cuidado em ordens de vossa alteza.

— Pela alegria do rosto pareceis empenhado em tarefa de gôsto, disse Antonio Carneiro.

— E não vos enganaes, sr. secretario. Ides ver.

— Ahi vae o mote, disse D. Manuel. Toma tento. Podes responder em verso, ou em prosa:

Reina Gil Vicente.

— Obrigado, meu senhor. Será em prosa dictada pela poesia do coração. Ouvi-me, senhoras, que sois virtuosas, pela fé e pelo amor; e vós senhores, que sois sabedores e justos:

Noticias de Coimbra dizem-me parar n'aquelles sitios, um velho amigo, tão velho como só chegam a ser os amigos que tivemos na infancia, que

Ahi vae o mote, disse D. Manuel

escutaram as nossas primeiras confidencias, que nos saudaram nas primeiras glorias. Esse amigo, senhoras e senhores, é judeu pelo respeito á crença de seus paes, mas judeu christianisado pelo respeito ás leis do reino. Tendo o pae sido proscripto de Portugal, refugiou-se em Castella, e, tendo-o Castella perseguido, refugiou-se em Portugal... Triste, desilludido, christão perante as leis, judeu perante o povo, portuguez de lei á face da sua consciencia, ha muito que pensava em acolher-se aos braços de seu pae, que se acha em terras do Oriente. Nasceu-lhe porém, no occidente, o sol do amor, que vem dos olhos de uma mulher formosa, e lhe poz em labaredas o coração... Nada mais simples, não é verdade?... Deixar-se consumir n'esse fogo... Assim era, de facto, e a tanto estava disposto, se o não reclamasse, com os acenos mais diplomaticos, o fogo da Inquisição de Castella. Sei eu, sabem todos, que se pede a extradicção d'elle, christão-novo, não sei se por ser novo em christandade, se velho em judaismo. Eis o meu ataque n'essa liça do *cuidar e suspirar*, senhor.

— Como se chama o teu amigo, Gil?

— Jacob Adibe...

— Effectivamente o reclamam, Gil; mas eu...

— Senhor, que ides dizer? perguntou a rainha rapidamente.

— Calae-vos... disse el-rei em voz baixa. — Explicarei tudo.

— Mas vós?...

— Eu, D. Manuel I, herdeiro e successor de D. João II, que nunca cedeu a taes instancias de Castella, respondo-te, Gil, com o mote que te dei:

Reina Gil Vicente

— N'esse caso?

— Dizei o que vos apraz.

— Não será entregue a Castella o meu leal amigo?

— Não será; repara no que te digo: Se Jacob estiver livre, sahirá do reino, por qualquer ponto da fronteira terrestre.

— E, se estiver captivo?

— As vossas redondilhas lhe abrirão o carcere.

— Obrigado, senhor! Que Deus faça o vosso reinado o mais bello e feliz!... Não o conheceis, senhor... Ah! mas se o conhecesseis?!... Que têmpera de portuguez e que alma de christão! Por essa vossa sentença, senhor, dar-vos-hia a minha lyra, a minha musa, o meu futuro!

— Tudo conseguis, Gil, quando pedis com interesse. A vossa eloquencia, ou obedece a regras diabolicas, ou se mergulha em philtros divinaes. Estaes nomeado, Gil Vicente, mestre de rhetorica do principe D. João.

Gil Vicente approximou-se de el-rei e beijou-lhe a mão, agradecido.

Foi dando, e não recebendo, um beijo, que Judas atraiçoou...

Gil Vicente ia a retirar-se.

— Tu proprio, Gil, ides a Coimbra?

— Sim, meu senhor. Partirei ámanhã.

— Para que tanta pressa?

— Sou tão leal, senhor, que sempre espero traições.

— Dizei-lhe, então, que o livro da inquisição, e que elle me livre do embaixador de Castella...

— Prometto por elle.

— E, se o amor o detiver?

— Pela minha honra — juro com egual confiança na vossa palavra, senhor, que sois meu rei, e na d'elle, que é meu par...

D. Manuel córou.

Antonio Carneiro, que se approximara:

— Começa a punição mais cedo que o crime!...

— Por que dizeis tal? replicou el-rei, levemente contrariado.

— Porque faltaes, senhor, á vossa promessa, entregando a Castella aquelle a quem promettestes salvar.

— Quem sabe? Elle é audacioso e protegido... Poderá atravessar Castella, sem que os esbirros do Santo Officio o alcancem e prendam.

— E se não puder?...

— Trocaes a paz d'um judeu pela paz d'uma nação?

— As nações tambem teem consciencia... E, portanto, remorsos...

— Basta; Gil, voltae cedo; a Alcáçova vos aguarda sempre, e vos espera a miude... disse el-rei. Que o vosso amigo vos inspire um auto como sabeis fazer...

E Gil Vicente recuando, de cabeça baixa, sahiu do salão...

VIII

Em ferros d'El-rei

Jacob, ao ser prêso em Lorvão, seguiu, entre gente armada, para Coimbra. Lorvão fica a pouca distancia da formosa cidade do Mondego, o que não evitou que a viagem, feita a pé, e por máus caminhos, durasse muitas horas.

Estava a tarde a declinar quando a guarda e o prêso chegaram á porta de Al-medina, que fica proxima da rua da Calçada e communica com a rua das Fangas e a do Quebra Costas hoje muito modificada. Ao passar o arco, a guarda ajoelhou deante da imagem da Virgem, que el-rei D. Manuel alli mandou esculpir, junto das armas do reino e da cidade. Aos pés da Virgem viam-se a serpente e o leão, symbolos tradicionaes da velha cidade mourisca. Jacob ajoelhou tambem, sem a isso ser compellido, e no olhar que lançou á triste e formosa imagem ia o melhor baptismo da sua fé ardente em todas as religiões de paz e d'amor.

No azul do céo, que ia a escurecer, sobresahiam as linhas da *torre da rrolaçom,* de que nos fala Pinho Leal, e que depois foi, por muitos annos, paços do concelho. Ainda hoje lá se vê o grande sino, que annunciava a hora do silencio á cidade...

Depois d'esta rapida oração, a caravana seguiu para o castello, onde hoje se acha estabelecido o observatorio astronomico. Esse castello assignalava-se na historia pela prova de bravura e fidelidade do alcaide-mór Martim de Freitas.

Tinha desapparecido a velha torre de Hercules, onde se lia a inscripção: *Quinaria turris Herculea fundata manu,* mandada fazer por D. Fernando I, e que ficava junto á capella do Bom Jesus.

Ainda não existia a velha rua da Sophia, tão conhecida hoje, e que constitue a parte principal da cidade baixa.

A guarda dirigiu-se ao castello, e alli entregou o prêso, que foi recolhido n'uma camarata, humida e sombria.

— Por que não entraria eu em Coimbra pela porta da Traição? pensou Jacob, mal se achou no carcere, sobre um escabello tôsco, encostado a uma mesa grosseira e balouçante, onde ardia uma lampada triste e agoirenta.

Despojou-se Jacob dos seus atavios mais incómmodos, e chamou uma das atalaias que lhe passeavam, com andar pesado, junto da porta gradeada.

— Que quereis? lhe disse francamente o guarda.

— É aqui, dizei-me, que deverei passar a noite?

— Decerto; achaes incómmoda a estalagem?

— Não, bom homem, parece-me até excellente; mas, como julgo difficil passar uma noite sentado, e tão mal sentado, pergunto-vos: não ha no castello uma enxerga, um catre, uma taboa, uma esteira, para que eu não tenha que descançar os ossos na terra humida?

— Amanhã haverá tudo isso, mas hoje tereis de vos contentar... A terra não é mais dura que a enxerga que cá temos, e que as taboas que pedis.

— Tendes razão, homem de Deus. Já experimentastes a terra?

— Todas as noites. Mal os presos se aquietam, sacudo as grades, para ver que taes estão, e estiro-me ao comprido alli fora, que é mesmo um regalo!

— Já se vê, disse Jacob, sondando com o olhar a physionomia do guerreiro, depois de terdes ceado...

— Ceado!? Quem dera d'esses banquetes! A gente dorme mais depressa com fome que com a ceia a bulir-nos...

— Mas se ceasses?...

— Sacudia os ferros com mais fôrça e aventurava-me aos pesadelos...

— Ahi tens, disse Jacob, atirando-lhe com uma moeda de prata, come e bebe, e, se quizeres dormir, dorme, que eu só quero de ti um serviço.

O guarda levantou a moeda, olhou para ella admirado, e, mudando a catadura e a voz, disse:

— Dizei, meu fidalgo; no que pedirdes, sem prejuizo dos meus deveres, podereis contar commigo.

— É bem pouco: preciso de escrever algumas palavras, e depois fazel-as chegar ao seu destino.

— Diabo, diabo, disse o guerreiro, tudo isto não vale nada. Podereis escrever quanto vos aprouver... O peor é expedir a missiva...

— Ha ordem para eu não poder communicar?...

— Ordens não ha, mas eu devo ser rendido lá para a madrugada, e o meu camarada não vos conhece tão bem como eu...

— Percebo, disse Jacob: encarrego-te de dizeres ao teu camarada quem sou e quanto valho... Dá-lhe isto, e dize-lhe que tenho mais...

E deu-lhe outra moeda de prata.

— E para onde quereis que envie as vossas novas, meu fidalgo?

— Para o mosteiro de Lorvão.

— É como se já lá estivessem. Ides então escrever?

— Logo que para isso me apparelhes...

— É já; como se fôsseis o sr. alcaide sereis servido.

O guarda ia a sahir.

— Vinde cá, disse Jacob, sabeis por que estou preso?

— Ora, por que ha de ser? Extendestes algum adversario...

— Não matei ninguem.

— Roubastes algum thesouro a algum judeu...

— Não sou ladrão...

— Conspirastes contra el-rei?...

— Não, nada d'isso. Sou judeu!

O guarda recuou dois passos.

— Judeu! disse elle, isso é mais sério. Se sois judeu, e estaes preso, é signal de que sois reclamado pela Inquisição de Castella...

— Por que dizeis isso? El-rei não entrega a Castella judeus refugiados em Portugal! A sua promessa...

— Qual promessa, nem meia promessa... Tomara eu tantos *portuguezes* de ouro, quantos judeus teem dormido n'este castello nas vesperas de serem enviados clandestinamente á fronteira, e alli entregues aos esbirros do Santo Officio.

Jacob estremeceu.

— Bem, disse, depois de ter serenado, os judeus pagam melhor. Acreditae que matei e roubei e não me julgueis da lei de Moysés. Sou christão, como vós, embora baptisado á porta da egreja...

E Jacob entregou mais duas moedas de prata...

— Isso vi eu logo, senhor fidalgo! Não tendes cara de judeu: lá isso não tendes. Os judeus não emprestam, senão com juro, e vós até daes com generosidade.

— Bem, trazei-me o que pedi...

— E não só isso. No *salão*, do outro lado, ha uma enxerga e um xairel, que parecem inventados para cama de principes... Não os tem melhor el-rei na sua Alcáçova... Vou por elles.

Poucos momentos depois, o guarda reentrou munido do que promettera, e tudo dispôz nos seus respectivos logares.

— Quereis mais alguma coisa, meu fidalgo?

— Não; deixae-me em paz.

O guarda correu os ferrolhos da grade, pôz a lança ao hombro e começou a passear, na meia luz do corredor. Por vezes parava, batia com a haste da arma na soleira da porta, e, mettendo a cara pela grade, perguntava com voz interesseira:

— Quereis alguma coisa, meu senhor?

— Não vos esqueçaes de falar a quem vos render, ouvistes?

— Não haja receio, que hoje não tenho somno.

— Obrigado pelo zêlo.

— E por que não? Não é cuidado em vos vigiar, mas em vos servir.

— Dormi ou velae, que isso não me importa; deixae-me porém em paz.

E o passeio continuou, a principio rapido, depois vagaroso, e afinal tão fraco e irregular, que parecia apenas o ondular d'uma sombra projectada pela lampada da luz frouxa que illuminava o corredor.

*

Jacob mal pôde escrever, achegou-se á mesa balouçante e traçou este lamento:

«Senhora: — Escrevo, ao principio da noite, n'um dos carceres do castello de Coimbra, ouvindo os passos dos vigias, ao lado d'uma enxerga miseravel! Estou calmo; penso em vós. Só uma idéa me tortura, idéa que vae e vem, como uma borboleta escura que adejasse á roda da minha lampada fumarenta. Anda ella tão rapida, volve-se e revolve-se em curvas tão diversas, são tantas as sombras em que passa, tantos os raios de luz em que se affige, que ainda não logrei vêr-lhe a côr das azas. Será negra? julgar-me-heis culpado? Será branca? ter-me-heis por innocente?

Perdi a liberdade por vos defender, e talvez perca a vida por me evidenciar. Que importa tudo isso? Um só pensamento me sobresalta: — se vós, senhora, me julgaes capaz do que aleivosamente me assacam.

«Disseram-me que estaveis em perigo, depois de vos ter visto. Antes d'esta felicidade, injuriei um homem; depois d'ella, desafiaria o meu e o vosso Deus.

«Não sei quem sois, e vós não sabeis quem sou. Não obstante, os nossos olhos reconheceram-se; reconheceu-vos o meu coração.

«Não quero dizer-vos nem uma banalidade, nem uma injuria — que seria banal dizer-vos o que sinto, injuria prometter-vos o que não vale.

«Não sei se sois livre, e sei que estou captivo.

«Não posso libertar-me nem prender-vos...

«Posso, comtudo, pedir-vos mais de uma lagrima de compaixão, uma palavra de confôrto...

«Aonde irei parar, n'este declive em que me lancei, n'este tempo em que estamos, com o passado, que me impelle? A vida? á morte? Se á vida, quero renascer á luz dos vossos olhos; se á morte, á extrema unção da vossa piedade. Senhora minha, soffrerei, sorrindo, a pena injusta, se com uma palavra triste me enviardes a absolvição...»

E Jacob ficou muito tempo a pensar se devia escrever quanto lhe acudia ao pensamento, e, depois, bruscamente dobrou a escripta, e a sellou com o mesmo annel com que rasgara a face do morgado insolente.

— Olá, gente, gritou para a porta.

— Meu fidalgo, disse o guarda estremunhado.

— Ainda não fostes rendido?

— Parece-me que não, apesar de ter, em sonhos, dado o santo e a senha á minha propria sombra...

— Aqui tens meu recado para o mosteiro; se fordes leal dobrarei a parada.

— Ficae descançado que já arranjei um escudeiro capaz de chegar ás profundas do inferno, sem crestar os cabellos.

— E' da vossa confiança?

— E da vossa, pelo que vejo: é um rapazote que hoje chegou a Coimbra e que está dormindo como um cão, no portal do Castello.

— E' de Coimbra?

— Não; é de Lorvão.

— Perguntae-lhe o nome.

— Já o disse — é Pepe.

— Pepe! exclamou Jacob; e apresentando ao guarda uma nova moeda de prata — se elle viesse até aqui?...

— Diabo, diabo! só depois de passar a ronda...

— E' um momento; falando com elle, explico melhor o que a escrever gastava muito tempo.

— Pois seja, que o rapaz é vivo, fala depressa e anda ligeiro.

O guarda prolongou-se pelo corredor sombrio, e gritou á sentinella que vigiava o pateo da entrada:

— Jonas, deixa entrar esse perro que fez canil do portal.

— O' rapaz, disse Jonas a um pequeno vulto abrigado n'um sombrio recanto da arcaria, se queres ganhar um escudo, vem cá, que eu vou abrir-te o caminho.

— Não é preciso incómmodo .. Como a grade não toca a abobada, e

as lanças, que a rematam, estão mais socegadas que as vossas, vou-me por ellas acima e caio lá dentro sem cair...

E, ainda bem não tinha dicto isto, e já com a agilidade d'um reptil trepava os varões gigantescos, passava o corpo entre as pontas das lanças e o arco da abobada, e escorregava rapidamente, pela parte de dentro, lançando-se a meia altura sobre o lagedo do recebimento, com tanta elasticidade que o guarda o segurou pelos sovacos, parecendo recear que elle tornasse a subir como se fôsse uma pella.

— E's passaro que já conhece a gaiola, birbante...

— Como não dormi tive tempo para estudar a manobra... Lá na minha terra, para espreitar os ninhos, nas arvores e nas muralhas, trepo mais depressa e salto de mór altura. Mas, quem precisa de mim?

— Um judeu, que molhou a cabeça ha pouco tempo, para que não lh'a cortassem... Ahi no fim do corredor, á tua esquerda...

Pepe deitou a correr, e, ao avistar a luz da prisão, agarrou-se ás grades, como se quizesse derrubal-as, e disse, em voz baixa e meiga:

— Sr. Jacob, ó sr. Jacob! Pepe está aqui, para andar, correr, ou voar em vosso serviço...

— Meu bom rapaz, disse Jacob, approximando-se da grade e passando-lhe a mão pela cabeça, como se afagasse um cão, ou uma creança.

Pepe, ao sentir-se acariciado pela mão de Jacob, baixou a cabeça e fechou os olhos, como costuma fazer o animal mais amigo do homem, quando o dono o afaga.

— Para que vieste, Pepe, tão longe e a pé, deixando sós as tuas ovelhas e cheia de cuidados tua familia?

— Quiz saber para onde vos levavam, e vim por montes e atalhos, espreitando a escolta...

— E não me perdeste o rastro...

— Isso, sim! E admiro-me eu do nariz do meu *Frade!* Tem faro egual o meu coração de pastor...

— Obrigado, Pepe; fizeste bem em me seguir. Preciso de ti. E' necessario que voltes para Lorvão e leves noticias minhas á menina Sarah. Informa-te de tudo quanto se tenha passado e traze-me resposta d'ella e noticia do que ouvires.

— E se já aqui não estiverdes?

— Tens razão... sei eu por acaso para onde me levam? Mudarei de carcere? Sahirei do castello? Deixarei Coimbra? Que de surpresas poderei ter emquanto tu vaes e vens?

— E se eu ficasse agarrado ás muralhas do castello, e mandasse alguem ao mosteiro?...

— Tenho confiança em ti, Pepe, e tenho mais cuidado em Sarah que em mim proprio. Parte, e volta depressa. Se me encontrares, ver-te-hei, se me não vires... E Jacob ficou, por um momento, a pensar... Se não me vires, disse elle, afinal, afagando novamente os cabellos negros do pastor... busca-me, fareja, descobre-me... Nos castellos, pelos caminhos, ou debaixo da terra, has de encontrar um vestigio da minha presença. Prêso, ouvirás lá fora os meus gemidos; fugitivo, verás na terra os meus passos; deixarei a branquear na minha sepultura um pedaço da minha mortalha. Traze-me noticias de Sarah e busca depois noticias minhas.

Pepe ficou calado e triste.

— Em que pensas, meu rapaz?

— Que sou como o meu rebanho: á fôrça de viver com elle, adivinho o bom e o máu tempo.

— Então agora, que tempo annuncias?

— O peor de todos, o que se annuncia.

E Pepe, tendo dicto:

— Até á vista, sr. Jacob.

Guardou no peito a carta para Sarah, e sahiu do castello, esquecendo-se de saudar a sentinella.

— Vaes macambuzio como um frade, meu rapaz. Parece que te mordeu a tarantula, ou apanhaste febre quartã!...

Pepe, sempre tão falador, que tinha sempre resposta acertada e prompta, voltou a cabeça, fez um gesto de despedida ao guerreiro, e afastou-se, com passo lento...

Ainda Pepe não tinha desapparecido na ladeira e já a ronda torneava a muralha, e interrogava as atalaias.

Jacob conservou-se algum tempo encostado á mesa, com o rosto illuminado pela lampada, e os olhos fixos na parede, não como quem pensa e vê, mas como quem sonha.

Por fim, obedecendo ao cançaço, estirou-se sobre a enxerga, adormeceu, e sonhou deveras; sonhou que Sarah lhe escrevera, dizendo-lhe que o amava; que Gil Vicente, o seu grande amigo, viera vel-o e salval-o...

Com o grito das sentinellas despertou. Sonhara apenas... A verdade era só aquella — a prisão com os seus muros negros, a lampada com a luz mortiça, a grade com os ferrolhos, e o guarda a passear na penumbra. com as rosetas das esporas a tilintar no lagedo, e a lança a descair-lhe no hombro.

Que triste noite aquella, que seculo de afflicções e amarguras! Deante d'elle o mysterio... A culpa que lhe attribuiam era uma pequena traição, uma mesquinha vingança: era um supplicio que irritava, mas que não

trazia o desespêro. O que estaria, porém, atraz d'essa vil traição?... Quem sabe! Talvez outra maior...

Estivera em Castella e cahira no index inquisitorial. Era novo, ardente, e via seu pae proscripto... Falou alto... foi o bastante — ouviram-no, denunciaram-no, perseguiram-no. Galgou a fronteira e veiu a Portugal. Pensava em ir para mais longe, mas os braços de Philippa d'Eça prenderam-no...

O amor christianisou-o, e, depois d'isso, converteu-se, primeiramente em ciume, depois em odio, depois ainda em desprêzo.

Começara a vida do paraiso confundindo o prazer com o amor...

Vira uma nuvem e adorou Juno... O fogo, quando é explosão, não deixa cinzas... Ha amores nos homens que são como foi a maternidade na Virgem, que ficou virgem, apesar da conceição.

Jacob, na sua vida aventureira, conhecera mulheres, mas não amara. . Porque lhe ferveu o sangue julgou que lhe vibrara o cerebro...

Sarah veiu mostrar-lhe o engano. O amor era aquillo que ella lhe inspirara; não pensava em beijal-a, e precisava de a adorar de joelhos.

Até alli fôra todo egoismo, agora era todo abnegação. Sentia-se mais casto depois das suas aventuras da mocidade, que antes dos seus sonhos de innocente!

Até alli as mulheres tinham seio; agora tinham azas!...

Começara por dormir com ellas, e abhorrecera a vida; agora sonhava com Sarah, e queria toda a vida em sonhos...

Jacob quiz adormecer novamente; mas não pôde. Amava tanto a vida, que já tinha medo de perdel-a.

Se pudesse fugir? Dinheiro tinha que bastasse para corromper um homem, mas alli havia muitos a guardal-o...

E fugir para onde? Para longe de Sarah? E de Sarah, que elle julgava em perigo?

E depois, ou havia, ou não, desejo de o perseguir; no caso affirmativo, iriam buscal-o onde elle estivesse; se havia apenas a accusação falsa de que tentara raptar Sarah, facil lhe seria livrar-se sem culpa.

Além de que, escrevera a Gil Vicente, e appellara para a amizade d'elle e para o valimento do poeta na Alcáçova.

Gil era-lhe dedicado; sabendo que elle estava prêso, iria vêl-o...

Jacob estava n'uma terrivel indecisão — ora tinha uma esperança que o resignava, ora o desespêro que lhe amargurava o pensamento.

Assim se passou a noite — alguns momentos dormitou, e durante elles a noviça lhe apparecia nas sombras da prisão, como uma imagem celeste em um nimbo miraculoso.

E, emquanto ella lhe sorria, Jacob não despertava... Tinha o extase dos abstractos, via-a nitidamente! a mesma figura, a mesma voz... Elle queria então dizer-lhe muitas palavras, fazer-lhe muitas confidencias, inventar respeitosos galanteios, elle! que os fizera sempre com a grande eloquencia fria dos que não falam sinceramente... e ficava mudo! Tinha vergonha de lhe dizer o que tantas vezes dissera a outras mulheres. Parecia-lhe que ella o reprehendia, não pelas palavras que elle não ousava pronunciar, mas pelos pensamentos que o assaltavam.

O amor é sempre supersticioso; e por isso Jacob começava attribuindo o seu enleio a uma influencia magica, ou melhor divina, sobre o seu destino.

Lembrava-se de que sentira alguma coisa parecida com uma revelação, quando, pela primeira vez, á porta do mosteiro, ouvira falar em Sarah, e na sua entrada .. Era extraordinario! Nunca a vira, e n'esse momento, via-a como ella se lhe apresentou depois — formosa — mais do que isso — bondosa — ainda mais, ideal!

Por que se dera esse phenomeno?

Quantas vezes lhe tinham dado noticias eguaes a respeito d'outras noviças e monjas, e logo sentia o desejo atrevido de as vêr e lisonjear, de lhes fazer a côrte, de as requestar por divertimento e vaidade...

Quando lhe falaram em Sarah o que o alvoroçou não foi o desejo de a vêr, foi o receio de que a vissem. Fizera o proposito de não voltar ao mosteiro, e voltara irritado contra tudo e contra todos, ancioso porque Sarah fôsse aggredida, em vez de acariciada.

Quantas vezes perdoara elle as impertinencias do morgado, e, em vez de o ferir no rosto, o beliscara no orgulho?

Depois, e de repente, tomara odio áquelle meio em que vivera, esquecera a mulher que o abandonara, perdoara ao rival que perseguira, e ficara absorto, contemplativo, deante d'aquella mulher — creança, que era mais formosa que as outras, mas d'uma formosura, que elle vira de relance, e que não era apparatosa!

E, comtudo, Sarah era audaz, petulante, como um fidalgote imberbe: tinha o masculo orgulho, que intimida pela humildade.

Não era uma creança timida, mas tinha da creança a franqueza que vem da innocencia. O seu pudor não era d'aquelles que se intimidam, mas dos que se defendem. Córando, mostrava no rosto o fogo da vergonha soprado pela indignação. Não era comparavel ás raparigas da sua edade, e que primavam em dissimulação de beatas, ou em audacias de impudicas.

Não era innocente, mas casta, d'uma castidade consciente, como a pro-

bidade dos homens de bem, que conhecem e abhorrecem a corrupção dos biltres. Via-se bem que tinha a fibra de mulher temperada no infortunio e na dedicação... Quando ella amasse, como ella saberia amar!

Elogiar-lhe o rosto e o vulto seria desmerecel-a... Aquelle bello estojo guardava a joia mais preciosa... Ao vêr-lhe o olhar e o sorriso, era dever avaliar as riquezas da sua alma...

D'onde viera ella?

Por que estava alli?

A sua historia devia ter sido curta — era apenas a historia d'uma infancia... Começava-lhe agora a morrer a adolescencia, vida de dois dias, começados e fechados em duas alvoradas! Era talvez apenas uma filha e uma irmã, mas já com o tino de uma esposa. Mulher para a sorte mais feliz, que ella saberia dourar com as magnificencias da sua educação ou intuição delicada e artistica; mulher para a desventura, que ella saberia dulcificar com a sua corajosa resignação, e o seu carinho angelical! Como havia de ser feliz o homem que a tivesse por companheira?! Honesta, meiga, forte, docil e altiva!

A sua virtude não era como a sensitiva que se contrae, se respiramos sobre ella, mas como o brazeiro que gera linguas de fogo!

Como era formosa quando erguia a fronte!

Ella ia decerto responder-lhe... Mas com que palavras?

Com as de uma confissão clara, precisa? Talvez não — elle desejava e não desejava isso.

Dizer que sim á primeira pergunta é resposta vulgar em mulheres impressionaveis e faceis. Nem elle lhe perguntara se ella o amava. Por instincto calculara as reservas d'aquelle espirito superiormente educado...

Ella ia dizer-lhe que era grata e fazia justiça ao caracter d'elle, mas não diria mais... Nem devia dizer mais. Se ella o não conhecia! E n'essa incerteza, para que desejava elle a liberdade?

Havia de voltar ao mundo, para não mais pensar em Sarah!

Jacob queria, e não queria... Esperava ancioso uma resposta em que transparecesse uma esperança, mas temia que ella lhe mandasse uma certeza. A certeza lhe tinham enviado as outras a quem elle requestara; Sarah só podia mandar-lhe um agradecimento.

Ha coisas que não se dizem, adivinham-se... O amor fala principalmente quando está calado.

O que elle queria era ver o rosto d'ella quando lesse as suas palavras. Os olhos diriam tudo, então; um olhar, um estremecimento, um rubor, um sorriso, surprehendido n'esse momento, seria a melhor resposta.

O que elle lhe disse não dizia nada... Se ella pudesse ler-lhe, n'aquelle

momento, lá dentro, no pensamento d'elle, havia de acredital-o... Mas aquillo não se escreve, não se diz, não se acredita...

Uma noite inteira, n'uma prisão sob mysteriosas ameaças, calumniado, perseguido, perdido talvez, e de tudo esquecido, para só a ver, só pensar n'ella!...

Talvez que ella, áquella hora, na sua pequena cella, orando á Virgem, accordada ou em sonhos, tambem estivesse a vêl-o, a elle, e a pensar o que elle pensava, n'um mundo de aspirações, de incertezas, de esperanças...

O que elle sentia, se era uma grande saudade, era sem dúvida um grande amor.

Onde estava a arrogancia do seu temperamento, a rigidez do seu caracter, a sua desdenhosa compaixão para com affectos pueris, que se não traduzissem em satisfação de desejos e em glorias de conquista? Parecia uma creança, cheia de mimos, nervosa, desejando o desconhecido, com o coração cheio de sorrisos, e com vontade de chorar!...

Sim, de chorar; se não fôsse improprio, feio, ridiculo, se não estivesse accesa aquella lampada, se elle proprio não pudesse ver tal fraqueza — a sua vontade era chorar por aquella viva, com aquella uncção religiosa com que se chora por um morto!

E se ella o visse!

Mas que doença esta, meu Deus, disse Jacob, que terrivel doença! E' febre, é delirio, é loucura!...

E não sabia que existia esse mal!

E o grito das sentinellas repercutia-se pelas abobadas do castello, e Jacob, com os olhos cerrados, dormitando apenas, via em nuvens de luz a imagem de Sarah, e movendo os labios, dizia-lhe, com a difficuldade tormentosa d'um sonho:

— Sarah, minha querida Sarah! deve ser isto o que se chama amor...

IX

Céo toldado

Pepe metteu-se a caminho para Lorvão. Ia triste e cheio de presentimentos. A noite estava clara, e o luar é sempre o melhor guia e companheiro.

Percorrer umas tres leguas approximadamente a pé, não era tarefa que intimidasse o pastor. Se fôsse necessario, faria a viagem a correr... Mas para que, se apenas depois de nascer o dia teria de procurar Sarah...

Faltava-lhe o cão, e arrependeu-se de não o ter trazido; mas elle viera a esconder-se da escolta, e o cão, que agora lhe seria bom companheiro, então poderia ter-lhe prejudicado a espionagem.

Pepe, ao chegar ao Mondego, hesitou um momento sobre o caminho que deveria seguir. Resolveu-se, afinal, a seguir rio acima, pela estrada que atravessava a serra do Dianteiro. N'essa travessia teve tentações de voltar para traz...

— Pois não seria melhor vigiar Jacob que levar declarações de amor á pobre Sarah? Se não fôsse Sarah, meu amo não estaria preso, e Deus sabe exposto a quantos perigos!

Ia a lua em meio do firmamento, isto é, tinham desapparecido as grandes sombras das arvores, quando Pepe, tendo descido o monte de Santo Antonio dos Olivaes, entrou no valle de S. Romão, onde descançou para retomar fôrças, que sentia quebrantadas...

Extendeu-se sob a ramaria amontoada n'um recanto d'aquelle valle, que é o enlêvo dos viajantes, e, depois de comer alguma fructa que trazia no seu bornal, fitou a lua e gemeu profundamente:

— Meu pobre amo! como serias feliz se esta lua te alumiasse agora, em vez da lampada triste do teu carcere?! Como tu havias de aspirar esta briza fresca e perfumada, que desce do Espinhaço!...

E Pepe ia a cerrar os olhos para dormir, quando ouviu o galope d'um cavallo, que vinha pela estrada, na direcção de Coimbra.

Sem saber por que, talvez por imaginar que o cavalleiro viesse de Lorvão, levantou-se, pegou no cajado, e lançou-se a passo pela estrada fora, ao encontro do inesperado viajante.

Áquella hora, por aquelle caminho, e a galope, só andava gente extranha áquelles logares. A gente do campo viaja com vagar. E o cavallo era fino... e o cavallo é sempre uma feição do cavalleiro...

Pepe avistava já o manto, que batia, com a velocidade e o vento, sobre as ancas do ginete. O homem que montava o fogoso animal parecia, assim, ter azas e vir agitando-as para auxiliar a carreira.

Provavelmente ia passar-lhe proximo sem que o visse...

Talvez houvesse alguma novidade em Lorvão, ou viesse alguma noticia grave para Coimbra...

Se Jacob não estivesse prèso, aquelle cavalleiro, que tão bem montava e que tão veloz corria, devia ser Jacob. Mesmo de longe, notara como elle descera o morro fronteiro e saltara alguns barrancos no valle. Era um valente calção, e uma mão de redea egual, ou superior, a poucos que já admirara no corro de Coimbra.

Para dar na vista, chegou-se mais para o meio da estrada e procurou em cheio a faixa do luar.

Emfim o cavalleiro passou-lhe proximo, e Pepe parou, para lhe admirar a carreira, e principalmente lhe espreitar o rosto.

Impossivel!

Uma nuvem de poeira envolvia cavallo e cavalleiro, como se a terra estivesse a arder e elles viessem suspensos na fumarada.

Pepe tomou uma resolução e gritou, agitando, ao mesmo tempo, o cajado.

— Olá, viajante, cuidado com a ribeira!...

Pepe viu erguer-se a cabeça do cavalleiro, o cavallo empinar-se, e fazendo uma volta rapida e firme, estacar a poucos passos, emquanto a nuvem descia rapidamente até assentar no chão.

O cavalleiro desenhou-se, então, nitidamente, firme no selim, e o cavallo, coberto de escuma branca como a do sabão, respirava com grande ruido, deitando pelas ventas pennachos fumarentos.

— Que é lá isso, rapaz? Temos ribeira a cortar o caminho?

— A cortar o caminho, não, se acaso seguis para Santo Antonio, mas, se tiverdes de cortar á esquerda, correis o risco de cair...

— Não é aqui o valle de S. Romão?

— E', sim, meu senhor... Depois de subirdes o monte haveis de ir passar á serra do Dianteiro.

— Deve ser isso... E's d'estes sitios?

— Estou proximo de casa. A minha choupana é em Lorvão.

— E então d'onde vens?

— De Coimbra.

— De Coimbra? A que horas sahiste de lá?

— Ha mais de duas horas, porque tenho vindo a contar as pedras.

— Ouviste falar na chegada d'um prêso remettido de Lorvão?

— Não ouvi coisa nenhuma, mas vi tudo.

— Tudo! queres dizer?...

— Que estive com o prêso, que é meu amo, e o meu melhor amigo...

— E teu amigo?

— Já vol-o disse; e dos melhores. Eu até devia estar prêso com elle; e se fôr necessario, deixar-me-hei filar...

— Tu falas do sr. Jacob Adibe?

— Todo inteiro. Conheceil-o, meu senhor?

— Ouvi falar n'elle, e vou saber onde elle pára.

— Nada mais simples: em chegando a Coimbra, dirigi-vos immediatamente ao castello. Elle lá está, coitadinho, mettido n'uma casa, que é peor que um curral. Valente, como elle é, alli prêso, dentro de grades! Parece um leão na jaula!

— Então, por que o deixaste?

— Por que? nem eu sei. Porque sou tôlo... porque elle me pediu que trouxesse um recado ao mosteiro...

— E esse recado é para Sarah?

— Talvez: mas quem me está perguntando?... Conheceis a menina Sarah?

— Sou seu irmão, rapaz.

Pepe tirou immediatamente o gorro.

— Salve-o Deus, sr. Pedro — que eu já sabia que existieis. Falou de vós, lá em casa, o sr. Jacob, e a vosso respeito disse maravilhas, que eu não quero repetir.

— Levas, então, missiva de Jacob?

— Sem dúvida, e logo que a entregue, voltarei para Coimbra, e vou deitar-me á porta do castello á espera do que der e vier.

— Dás-me essa missiva?

— Nem que me matasseis! Sei o que ella diz apesar de não a ter lido...

— Então o que é?

— O que dizem todos os namorados. Ainda que o sr. Jacob não é como os outros; mas eu sei quanto gosta da menina Sarah... Até o ajudei a defendel-a d'aquella manobra do morgado...

— Vae, então, cumprir o teu dever, e dize em Lorvão que me encontraste no caminho de Coimbra.

— Ides ver meu amo?

— Vou.

— Não o deixeis, emquanto eu não voltar; receio que o mudem de prisão...

— Vae descançado, Pepe, e não te arrependas de seres um homem de brio e honra.

— Pepe? Então sabeis o meu nome?

— Não podias ser outro. O pastor que vigiou minha irmã devia parecer-se comtigo, meu valente rapaz.

— Sabeis, senhor, que me lembraes o sr. Jacob?

— Por que?

— Pelos conselhos que me daes, e porque não sois de imposturas...

— Bem; sabes a que vou?

— Consolar o preso?

— Mais que isso; cuidar na sua liberdade.

— Reparae, senhor, que o cavallo esfria, e pode ter alguma dôr...

— Tens razão. Adeus.

E Pedro Soares partiu novamente a galope, pelo valle, e, poucos momentos depois, trepava o monte de Santo Antonio, com a mesma velocidade que Pepe lhe admirara.

*

Na dia seguinte ao da entrada de Jacob na prisão do castello, annunciaram a este a visita d'um moço cavalleiro.

— E' Gil, disse Jacob, e immediatamente: trazei-m'o.

Pedro Soares, mal lhe abriram a grade, entrou e ficou parado junto d'ella, com o manto descahido do hombro esquerdo e o gorro na mão direita.

— E' ao sr. Jacob Adibe... que tenho a honra...

— Sim, sou eu, senhor; e vós sois?

— Pedro Soares, de Lisboa, irmão, ou protector, como vos aprouver, da noviça a cuja defesa sacrificastes a vossa liberdade...

— Cumpri o meu dever, apenas. Conheço-vos por tradição, e sei que fareis o mesmo, se tivesseis estado nas minhas circumstancias.

— Agradeço-vos o confronto, e, confesso-vos que tendes razão. Porque eu não me comparo senão com gente da vossa elevação e lealdade.

— Sois irmão de Sarah?

— Não; assim me chamo e ella me acceita, porque, como tal a amo e protejo. Serei seu cunhado, graças ao meu amor por Deborah, sua irmã.

— Dae-me a vossa mão, senhor, e prometto que, dada a vossa situação junto de Sarah... perdoae-me esta franqueza de trato... n'esta solidão tenho-me habituado a invocal-a assim .. dada a vossa situação junto de Sarah, devo dizer-vos, senhor, que a vossa attitude me tranquillisa... Não acreditaes no aleive de que fui victima?

— Sarah conhece a verdade toda, e as mulheres não se enganam. Dizei-me, porém, sr. Jacob Adibe, em que relações estaes para com minha irmã?...

— Consultaes-me sobre factos, ou sobre sentimentos?

— Deixo-vos o direito de opção.

— Dir-vos-hei tudo. Defendi Sarah, e por ella me interessei, como faria, no cumprimento d'um dever de cavalheiro, para com qualquer mulher honesta, perseguida, indefesa...

— E' só isso? Daes-me a vossa palavra?

— Não; é mais: amo-a, sem que lh'o tenha dicto, como nunca amei outra mulher...

— E ella?

— Nada sei... senhor.

— Só me faltava ver-vos para vos conhecer perfeitamente. Sarah contou-me quanto vos deve, e, mal cheguei a Lorvão, pediu-me que vos acudisse. Acceitaes o concurso do meu braço e da minha vontade?

— Acceito.

— Que pensaes fazer?

— Esperar.

— E' pouco. Esperar pode ser a perdição. Conheço de sobra a incerteza que nos rodeia. Esperar o que? A liberdade? E vem ella sempre que a esperamos? A liberdade procura-se, conquista-se.

— Confessando a culpa?

— Não é d'isso que se trata. Sabeis que a Inquisição de Castella vos reclama?

— Sei; mas el-rei...

— Não me fio em el-rei; Castella governa em Portugal na alcôva do rei. As negociações diplomaticas apertam o cêrco á vontade de D. Manuel. Fernando comprime com os labios da filha a recusa do genro... E' preciso sair d'aqui quanto antes. Seja como fôr. A trama ou a violencia; podeis contar commigo.

— Mas fugir para onde?

— Já vol-o disse — para fora d'aqui, e depois para longe, onde não

seja facil chegar, ou para perto, onde ninguem possa descobrir-nos... D'aqui á fronteira não é grande a distancia, mas seria ir ao encontro do inimigo...

— Bem vêdes a difficuldade. Por mar, como sabeis, não é facil a sahida.

— Inventarei um asylo em Portugal, bem secreto, bem occulto, onde não chegue o faro dos aguazis. O melhor esconderijo seria em Lisboa. Entretanto, a situação mudará talvez...

— Confesso-vos, meu caro Pedro, que preferia atravessar a fronteira quanto mais depressa melhor, pois temo mais a hypocrisia de D. Manuel, que a ferocidade de D. Fernando. Atravessar a Beira, escoando-me pela serra da Estrella, ou pela da Louzã, e entrar em Castella velha por S. Martin de Trevejo, ou Valverde del Fresno, seria empresa longa, mas muito menos arriscada...

— Tendo de abandonar o paiz, o melhor seria, disse Pedro, procurar o mar, e aventurar-se a elle em qualquer barco da Figueira ou Buarcos. Tenho em Montemór quem possa apparelhar-vos para a fuga...

— El-rei tem vigiado com cuidado todo o nosso littoral, e no mar os castelhanos fazem incómmodas sentinellas... Decididamente, prefiro esperar. A Alcáçova ainda ha de saber resistir ás pressões extrangeiras, e os ultimos acontecimentos de Lisboa justificam a resistencia de Portugal...

— Não vos fieis n'isso, meu caro amigo. Cartas particulares de D. Izabel mostram que a exigencia aperta a hesitação e a fraqueza de D. Manuel...

— Então os ultimos alvarás?...

— Teem a mesma fôrça que os penultimos, e os outros... Não ha a menor estabilidade nas leis, a menor constancia real. Palavras leva-as o vento, e a do rei está cada vez mais leve...

— Comtudo, el-rei não faria uma traição...

— Traição foi uma palavra que se inventou para os villões — os reis nunca são traidores — são habeis. As infamias, se as praticam, não lhes pesam na consciencia — ao engano chama-se recurso... Convém estar prevenido...

Jacob ficou pensando alguns momentos...

A situação era difficil; accumulavam-se as contrariedades — Fugir? Como? E para onde?

Dois problemas sem solução são demais para um espirito attribulado. E, comtudo, elle tinha dois grandes protectores — Pedro era homem para o arrancar d'alli á fôrça, d'alli principalmente, em que não eram grandes os rigores com elle — Gil devia ter movido a opinião da Alcáçova...

El-rei, se era violentado a qualquer acto menos correcto, esquecendo as suas resoluções, havia, no caso de o entregar, de buscar garantias que lhe attenuassem a responsabilidade. Não se entregava assim um portuguez a um tribunal extrangeiro, para ser condemnado por factos não puniveis á face da legislação do seu paiz. Em Portugal, Jacob era um christão; submettera-se á lei; não podia ser expulso.

Era verdade que desrespeitara o alvará de 1503, contra a entrada de fugitivos de Castella. A bulla de Innocencio referia-se só a castelhanos, e elle era portuguez.

Jacob communicou a Pedro Soares estes seus raciocinios.

— Tendes alguma razão; mas a razão não vale tudo. N'estes tempos, pelo menos, nada vale. D'um para outro momento, tudo se transforma e se desdiz. Lembrae-vos, por exemplo, de que el-rei transigiu permittindo que os delegados do Santo Officio perseguissem em Portugal os fugitivos. E' a suprema cobardia, mas é um facto. El-rei, não tendo coragem para entregar os foragidos, deixa que os extrangeiros venham prendel-os ao seu reino!

Jacob não conhecia a politica ardilosa de D. Manuel, e, nas suas considerações, prophetisava o que effectivamente succedeu, uns quatro annos mais tarde, quando el-rei entregou alguns desgraçados a Fernando V, exigindo, comtudo, carta de seguro, civil e ecclesiastico, para que elles fôssem restituidos a Portugal, sãos, salvos, sem terem soffrido qualquer pena.

Mas isto fez-se quando o conselho d'el-rei insistiu a valer pelos nossos direitos, e tudo embaraçava a intriga particular da Alcáçova, posta ao serviço de Castella, a despacho das leis e do conselho real.

— Vamos, meu caro Jacob, é urgente resolver. Livre d'este carcere, occultar-vos-hei em qualquer parte...

— E para sahir d'aqui?

— Ha muitos meios: um consiste em subornar os guardas. Se elles se deixam vencer... bem está...

— E no caso contrário?

— No caso contrário, devemos empregar o outro recurso, vencel-os pela fôrça...

— Importa isso o vosso sacrificio. Ides expor-vos, e comprometter-vos. Não acceito. A vossa vida e a vossa liberdade são preciosas... O que seria das vossas pupillas, se lhes faltasseis? Deborah deve ser vossa mulher, e Sarah fugir d'aquelle abysmo. Não acceito tanta dedicação, Pedro Soares. Deixae-me no meu proposito, esperarei. Só acceito um favor, que me fará profundamente grato. Se permittis?...

— Dizei; que poderei eu negar-vos, depois de vos ter offerecido a minha vida?

— Bem; peço-vos que, se eu não reconquistar em breve a liberdade, se houver de cahir nas garras dos esbirros do Santo Officio, permittireis que eu veja, uma vez só, a vossa Sarah.

— Contae commigo.

— Ainda: se eu não lograr essa felicidade, se as torturas e as penas me roubarem a existencia, direis a Sarah, que morri pensando n'ella...

— Prometto?

— Isso me basta. Velae pelos nossos amores, Pedro Soares, e deixae-me entregue ao meu destino. Adormecerei hoje mais tranquillo, morrerei amanhã mais consolado.

Os dois amigos abraçaram-se com fôrça, e despediram-se.

Jacob ficou sentado no seu miseravel escabello, pensando que, se pudesse viver, que vida alegre e amoravel o esperava! mas, se houvesse de morrer, que tristezas e que saudades n'esse terrivel momento! Os sonhos de felicidade enfraqueciam-lhe o ánimo...

Quantas vezes buscara os perigos mais graves? Quantas vezes affrontara a morte por caprichos e futilidades? Batera-se por galanteios; fôra ferido por vangloria... e agora sentia-se esfriar com a lembrança sinistra de que teria de resignar ao amor e á liberdade!

E escondeu a cabeça entre as mãos... Para pensar melhor? Quem sabe? Talvez para occultar alguma lagrima, que o surprehendera, quando elle estava com os olhos muito abertos a olhar para... o futuro!

— Que vergonha, Jacob! disse elle, erguendo-se, repentinamente, e espreguiçando os membros, como para revigorar os musculos, nem pareço filho d'essa raça maldita, que anda pelo mundo aos baldões, abandonada de Moysés, perseguida de Jesus, insultada pelos homens! Raça sem patria sem lar, sem amores, banida de toda a parte, castigada na sua fé, lapidada na sua apostasia — na fé que herdou — na apostasia a que a violentaram!

— Vamos, Jacob, coragem, não suppliques, ameaça, — não te lamentes, vinga-te. A justiça é uma religião tambem, e levanta os seus altares em nossa consciencia. Julga tambem, prende tambem, executa as tuas sentenças, Jacob...

E, levantando os braços, como se tivesse uma vaga aspiração, ou invocasse o Céo, exclamou:

— Tenho a consciencia livre... e o corpo captivo... Ah! liberdade, liberdade!

— Aqui a tens, Jacob, disseram-lhe do lado da porta.

Jacob voltou-se rapidamente para a grade, e soltou um grito de surpresa e alegria.

— Oh meu Gil! É Deus que te envia!...

— Um enviado de Deus n'este inferno não pode demorar-se...

E Gil Vicente, envôlto n'um grande manto, e com farto gorro de plumas a descançarem no hombro, entrou na prisão. e, batendo com o peito no de Jacob, abraçando-o, envolveu o seu amigo nas pregas amplas do seu manto escuro.

— Homem, disse Gil; tens o rosto pallido e os olhos vermelhos; pareces uma mulher. Judeu d'uma figa, comtigo mesmo estás judiando.

— Esperava-te, Gil. Preciso do teu conselho e da tua amizade...

— Ainda bem que não precisas do meu dinheiro. O meu conselho não presta, a minha amizade não vale — preferi trazer-te, n'este cantil, o nectar dos deuses, capaz de dar coragem a um velho cheio de maleitas: e, n'esta capa e n'este gorro, a liberdade que estavas pedindo aos arcos d'estas abobadas moucas, e malcreadas.

— Disseste a liberdade?

— Vamos por ordem... o que eu disse primeiro foi *este nectar,* referindo-me á melhor geropiga, com que arranjo inspiração na feitura dos meus autos. Vamos, bebe um gole...

E Gil levou á bôcca de Jacob uma pequena cabaça que trazia a tiracollo. Jacob obedeceu e saboreou um trago.

— Então, hein? sentes-te melhor? Mais calor, mais fôrça, não é verdade? Com isto Noé livrou-se do frio, quando o metteram na arca...

— E agora? insistiu Jacob. Falaste-me em liberdade?

— Fala baixo, que as lanças são agudas... de ouvido.

E Gil, dando o braço a Jacob, passeou com elle na prisão.

— Em Lorvão ha mais espaço e mais luz... Deves ter saudades d'aquelle céo de Magdalenas reincidentes... Pois meu caro, resigna-te— vaes ver o sol e a lua, mas tão cedo não verás as estrellas que brilham nos olhos das monjas bonitas...

— Trazes-me boas novas?

— Tão boas, como a abbadessa de Lorvão — boas, mas falsas... É necessario muito cuidado com ellas!... Vá outro gole, Jacob... Que diabo, tens ainda as mãos frias!...

Jacob bebeu novamente.

— Agora eu... e lá vae por nós ambos: á saude d'el-rei!...

— Seja: A' saude d'el-rei, se elle ama a justiça...

— Tanto a ama, que vae livrar-te d'ella. El-rei é atilado e sabe, portanto, que amar a justiça é poupal-a ás injustiças que ella pratica.

— Devo, pois, ser grato a quem faz da justiça tal conceito?

— Evidentemente, que D. Manuel reconhece a existencia d'um novo poder do Estado.

— A equidade?

— Não, a amizade. Pedi-lhe por ti, pedi-lhe a valer, e el-rei fez-me teu carcereiro... Estás prêso emquanto eu quizer.

— Vaes, pois, dar-me a liberdade?

— Ainda duvidas?

— A liberdade incondicional? a liberdade sem restricções? a liberdade sincera? a liberdade livre?...

— Não, meu cubiçoso exaggerado: a liberdade de fugir é que eu trago.

— Comprehendo; foi assim que fez Pilatos — lavou as mãos e deixou crucificar... E forçaste-me a beber á saude d'el-rei?

— Foi o mesmo que Deus disse aos homens — trabalha e eu te ajudarei...

— Diz el-rei que me põe na rua!... Uma illusão... A verdade é que me expõe...

— Seja como fôr, achas preferivel defenderes-te dentro d'estes muros, rodeado d'estes guardas, sem veres o céo, o sol, as mulheres?

— Tens razão, Gil. O mundo é muito maior que esta prisão; mas o mundo tambem tem muros, sentinellas, sombras, traições... Trazes-me a liberdade dos passaros, que se apanham com a mão, e se soltam n'uma gaiola. Tenho a liberdade de dois poleiros. O meu paiz gradeado pelo oceano e por Castella.

— Ingrato!

— Sou o que quizeres, mas vejo. Ver n'estas sombras não é ser ingrato, é não ser cego.

— Então, que querias mais?

— Se el-rei me julga innocente, porque não ordena que me absolvam de faltas que não commetti, e não responde a Castella que é sagrado o meu asylo?

— E' assim mais simples.

— Mais simples!? A vontade omnipotente de um homem perde-se n'um acto de justiça, para não contrariar uma tutela madrasta!

— O tempo não é de mais para discussões bysantinas. Queres defender-te ao ar livre, ou aqui sob as lanças da justiça?

— Ao ar livre; tens razão.

— N'esse caso, não percamos um momento. Trago salvo-conducto que impede que me sigam, vigiem, interroguem ou detenham. Deante de mim

se abriram as portas d'este castello e a porta d'esta prisão. Quando quizer sahir abrir-se-hão de novo, para me darem passagem...

— Trata-se, então, de ti?...

— Não, meu pateta; é de ti. Gil Vicente, de noite e bem rebuçado, não faz trovas, que me não ficava bem confundir-me com os tunos que andam por essas ruas... Comprehendes, cabeçudo?

— Continúa...

— Ora, Gil Vicente, mudo, é pouco mais ou menos Jacob Adibe. Menos judeu, mas estatura approximada. A natureza tem d'estas aberrações. Debaixo d'este manto e d'este gorro, o typo christão do poeta confunde-se com o poeta judeu. Rimamos, por um acaso providencial, na estatura e no passo...

— Vae andando...

— El-rei dará por bem feito quanto eu fizer.

— Em proveito d'elle?

— E no teu. Farei mais um papel. Jacob, eu com o teu gibão sou capaz de arranjar a tua voz e até de ter os teus amores... Desaperta-te, maldito, que eu quero provar-te o que te digo.

Jacob machinalmente desapertou o gibão e o cinto.

— Vês este manto, escuro como a noite?...

O guarda n'este momento passava junto da porta, com passo lento.

— Este manto, disse Gil, não é um manto, é um sôpro...

E girando com elle no ar, passou-lhe as dobras sobre a lampada, cuja luz se apagou...

— Depressa, disse Gil, passa-me o gibão, envolve-te n'esse sôpro...

— Quereis que vos accenda a luz, disse o guarda, ao ver o carcere immerso na escuridão.

— Com certeza, disse Gil, presta-me a lanterna que te allumia...

A sentinella arriou a lampada da abobada e passou-a á mão que lhe extendiam.

— Eu accendo, deixa estar... dispenso-te o incommodo...

E, com aquelle recurso, reaccendeu a lampada da prisão, restituindo a outra.

— Gil Vicente, disse Gil a Jacob, que estava rebuçado no manto e tinha o gorro sobre os olhos, agradeço-te as novas que me trouxeste, e peço-te que digas a el-rei que mui grato lhe estou por sua generosidade e gentileza.

— E, depois? perguntou Jacob, que queres que eu faça, logo que te deixe?

— Que vás para o diabo, e não voltes aqui, onde hei de ficar penando

e onde durante a noite concluirei o auto que me encommendou minha rainha e senhora. Se não sabes, meu caro Gil, continuou o poeta, para onde has de ir, eu tambem não sei... Só me lembro da cella d'alguma monja de Lorvão, onde te agradecem, em vez de te castigarem, as judiarias de que és capaz.

E Gil, verificando a justeza do gibão de Jacob, deitou-se de costas sobre a enxerga, e em voz baixa ordenou:

— Nem uma palavra, emquanto atravessares o castello. Se te interrogarem, dá o nome de Gil. Entretanto, chama d'aqui para que dêem sahida a Gil Vicente. Fora da porta está um cavallo, monta-o e parte. Ninguem te perseguirá, mas occulta-te. Depois me dirás onde poderei procurar-te. Marcha, Gil Vicente, dá arreganho a essa capa, levanta a cabeça, e passa como senhor por entre esses esbirros imbecis. Na primeira estalagem onde descançares não te esqueças de beber á saude d'el-rei, e á minha...

— Rapaz, disse Jacob, emquanto se debruçava sobre a enxerga, para apertar a mão de Gil, encaminha o sr. Gil Vicente.

— A's vossas ordens, meu fidalgo, disse o guarda.

— Até á vista, disse Jacob, traçando o manto, até occultar metade do rosto...

— Olha, respondeu Gil Vicente, imitando a voz de Jacob, por causa do guarda, que esperava, por alma dos teus defunctos não faças versos, nem á lua; não vás, pelo caminho, desacreditando o meu estro.

Jacob sahiu com passo largo, e, durante alguns momentos, Gil, sentado sobre a enxerga, esteve a escutar-lhe os passos, que foram emmudecendo pelas immensas arcadas.

— Já deve estar na rua, pensou Gil. Pobre moço, que Deus vá na sua companhia!

E, deitando-se novamente, com a cara para o lado opposto á porta tão vigiada, soltou um suspiro:

— Agora, ó minha musa, vem dormir commigo! E começou a recitar mentalmente finezas de Amadis.

*

Jacob atravessou effectivamente toda a distancia do seu carcere até a rua, sem que ninguem lhe detivesse o passo.

Assim que sentiu no rosto o ar fresco da noite, recobrou o alento, que lhe ia fugindo no seu captiveiro, e procurou com a vista o ginete de Gil Vicente. Não perdeu muito tempo n'essa busca. O animal, conduzido á mão pelo pastor, veiu ao encontro do seu novo cavalleiro.

— Prompto, meu amo, disse Pepe. Dá-me licença?...

— Já sei; toma lá, e metteu-lhe uma moeda na mão.

— Não era isto o que eu queria dizer. Desejava que me dissesse se viu o sr. Jacob?

— Cala-te, Pepe. Não me chames Jacob; sou Gil Vicente.

— Por Deus, senhor! Eu não acredito o que vejo! O sr. Jacob, livre? E o outro senhor?...

— E' um bom amigo, como tu, um rapaz, que tomou o meu logar.

Então para onde ides agora?

— Não sei; ámanhã pensarei n'isso; agora vou pernoitar a qualquer logarejo proximo, e depois mandarei noticias para Lorvão. Tu volta para o teu posto, fazendo crer que ainda estou prêso. Preciso de tempo para me afastar. A' cabana de teu pae mandarei recado. Obrigado, Pepe.

Jacob metteu esporas no cavallo, e partiu a galope.

Pepe voltou para o recanto do castello, mas ainda lá não chegara, virou-se rapidamente, julgando que Jacob voltara para lhe fazer alguma nova recommendação.

Enganava-se; não era seu amo, era outro cavalleiro que surgira de um massiço de arvoredo e que seguira, tambem a galope, a direcção que tomara o moço christão-novo.

— Deve ser algum servo de Gil Vicente, que vae enganado; pensando seguir o bondoso fidalgo... Antes assim... será guia e companheiro do pobre fugitivo. Ah! que se eu tivesse tambem um bicho d'aquelles!? Emfim, o principal é que elle esteja longe d'estas muralhas malditas... Estava sempre com medo de que o matassem...

E Pepe foi enroscar-se outra vez no seu esconderijo.

Entretanto o guarda, como de costume, parava á porta da prisão de Jacob, e, mettendo a cara na grade, dizia:

— Quereis alguma coisa, meu fidalgo?

Gil Vicente não respondeu.

— Se precisardes de mim, chamae, e, se eu dormir, ralhae com fôrça.

Gil Vicente começou a levantar a respiração.

— E' o que eu dizia; já se vae acostumando. Como elle resona.

Jacob galopou toda a noite por caminhos e atalhos. Não levava destino; seguia ao acaso, atravessando a Beira, na intenção de escapar á vigilancia da intriga portugueza. Receava menos a acção do Desembargo que os ardis da côrte da rainha. A situação parecia-lhe clara: D. Manuel, collocado entre sua mulher e o seu poeta, isto é, entre a rainha e Gil Vicente, sahira da difficuldade enganando ambos, e a ambos servindo. Era necessario inutilisar essa dupla manobra fazendo triumphar o seu amigo...

Como durante a noite tinha encontrado raros viajantes, e não desejava attrahir-lhes a attenção, não pôde orientar-se, nem reconhecer os logares que ia atravessando. Por instincto de defesa, sempre que avistava os campanarios das egrejas, se internava nos campos, ás vezes mettendo-se em azinhagas, que o levavam ora para o norte ora para o sul, senão o repunham no ponto da partida...

Nas primeiras horas de viagem, como sentira bem perto o galope d'outro cavallo, chegara a querer esperar por elle e seguir de camaradagem... Depois deixou-se d'isso. Tinha a certeza de ter passado em Penacova e Farinha Podre, mas ao nascer do dia, quando julgava ter-se approximado muito da Covilhã, interrogou um viandante que lhe disse ir elle no caminho de Foz d'Arouce... Era pois evidente que descera, em vez de seguir a direito.

— Pareceis transviado, senhor...

— Talvez; é verdade que me dirigia a Tortozendo...

— Então, ides errado; Tortozendo fica lá para cima, proximo de Pera, e vós ides em caminho opposto.

— Deverei então voltar para traz?

— Sem dúvida; eu vou a Ceira, e, se quizerdes a minha companhia, podeis acceital-a. Posso, para vos ser agradavel, acompanhar-vos a Goes ou a Pombeiro, onde podereis ter hospedagem razoavel.

— Acceito o vosso offerecimento. Sinto-me muito fatigado e desejava continuar na minha viagem depois de algumas horas de descanço.

— Pois então segui-me, que o vosso cavallo ainda pede mais repouso. Devereis ter andado muito, ou muito depressa...

— Venho de Poiares...

— De Poiares? Então não ha grande razão de queixa. Bem se vê que não sois d'estes sitios...

— Não, sou... respondeu Jacob, procurando logo mudar o rumo á conversa. Vós é que conheceis isto a valer!...

— Se conheço! Não ha atalho que eu não tenha percorrido. Ainda ha pouco ensinei outro cavalleiro a dirigir-se, sem perder um passo e um momento, a Teixoso.

— É muito longe d'aqui?

— É um bom boccado: fica para os lados de Sobral e de Unhaes da Serra.

— E esse cavalleiro vinha n'esta mesma direcção?

— Vinha; e, se não fôsse eu, a esta hora estaria em Foz d'Arouce, sem saber o que havia de fazer á sua vida. Esta noite parece que toda a gente anda perdida...

— Tendes razão... já são dois...

— Dois! Tres, se me fazeis esse favor.

— Falastes só em mais outro...

— Assim é! mas como esse outro me perguntou se eu tinha encontrado algum cavalleiro que viesse de Coimbra e que procurasse hospedagem, conto tres...

— Tendes razão.

— E foi por isso que eu vos perguntei d'onde vinheis. Como vindes de Poiares, não sois o mesmo...

— Decerto...

— E o caso era urgente, porque o homem pediu-me que dissesse, se eu encontrasse o tal fidalgo, que elle vinha de Lorvão...

— De Lorvão?! disse Jacob, trahindo o interesse que esse nome lhe despertava.

— De Lorvão, sim; parece que houve coisa séria no mosteiro... Tambem quando será que alli passe uma semana sem grande escandalo?

— Vamos então para onde vos aprouver. O que eu preciso é de uma cama para mim e um estabulo para este valente animal.

E Jacob, dando a esquerda ao pobre aldeão, que montava uma azemola, carregada com o cavalleiro, os alforges e uma cabeçada cheia de guizos, foi arripiando o caminho que fizera nas ultimas horas da madrugada.

— Dizeis, então, bom homem, que esse tal cavalleiro sabia de qualquer facto grave occorrido em Lorvão...

— Emquanto elle esteve descançando contou-me essa historia, e até me disse que se tratava do rapto d'uma noviça, ou freira, ou monja — que isso é que me não lembra bem...

Jacob disfarçou um estremecimento, espreguiçando-se, como se fôsse attribulado com somno, e, bocejando, voltou-se para o seu companheiro:

— Isso não é para admirar: quantas vezes tem isso succedido! O que deve causar espanto é haver em Lorvão, isto é, no mosteiro, necessidade de roubar o que alli existe tão bem tolerado e até reconhecido... E qual seria o fidalgo que, roubando coisas d'essas, deve ter ficado bem roubado?

— Quando o viajante me contou o caso, eu puz-lhe logo o dedo... Não podia ser outro... Para aquellas proezas só homem muito rico e muito banazola...

— E havia por lá algum d'esses?

— Pudera não... Eu, pelo menos, disse logo: Foi o morgado de Travanca...

Jacob, d'esta vez, occultou a commoção, conchegando a espora no pé direito. E de cara voltada:

— E acertastes?

— Como se tivesse visto.

— Deixemos lá gosar a vida ao pobre morgado. As mulheres inventaram-se para serem roubadas, não é verdade? As que casam tambem são roubadas aos paes: é o roubo que os paes approvam á fôrça.

— Em chegando a Ceira deve haver melhores informações. Talvez seja alguma pequena da côrte, ou de alguma familia illustre das Beiras. As mais finas são as que fogem mais, e as mais ricas as que teem mais quem fuja com ellas.

— Mas, dissestes rapto, e o rapto é ás vezes contra vontade das mulheres.

— Quem acredita n'isso? Quando uma mulher não quer é porque não quer. Eu, pelo menos, lá em casa, por mais que faça para fazer calar a companheira, não o consigo... Mesmo tapando-lhe a bôcca ella grita mais que eu...

Jacob já não respondeu ao gracejo do guia: ia abysmado nos mais tristes pensamentos. Quasi tinha a certeza de que se tratava de Sarah, e o cavalleiro que andava errante não podia ser outro senão Pedro Soares.

Pedro ignorava que elle, Jacob, sahira do castello; logo não era a elle que procurava, Jacob estava vendo os acontecimentos.

Pedro, ao voltar a Lorvão, soubera do desastre, e lançara-se na perseguição do seductor.

Tinha necessidade absoluta de ajudar o pobre moço n'aquellas pesquisas... Onde encontrasse o morgado, matava-o. Já não se importava com o futuro...

O bandido aproveitara a prisão de Jacob e a ausencia de Pepe para realisar o seu plano...

E onde estaria elle agora com a sua victima? Tendo muito ouro para distribuir, em qualquer parte havia de encontrar cumplices activos e discretos.

Jacob olhou disfarçadamente para o seu guia.

O pobre homem, como não lhe tinham respondido, adormecera; pelo menos ia com os olhos fechados e a cabeça a baloiçar com os movimentos da azemola; as mãos iam cahidas sobre a sella e as redeas bambas.

— O' camarada, disse Jacob, batendo-lhe no hombro com o cabo do seu pequeno chicote; se dormis, ao chegar á encruzilhada, fico sem saber para onde hei de voltar.

O guia sobresaltou-se, e, sorrindo, ainda com os olhos fechados, respondeu, emquanto restituia vigor aos braços e ás pernas:

— Não ha novidade, meu fidalgo. Ainda que eu durma, a besta vae

sempre accordada, e ella sabe o caminho tão bem como eu. Quando a monto digo-lhe ao ouvido para onde vou, e, depois, se é preciso dormir, dorme-se á vontade...

— Não poderieis andar um pouco mais depressa?

— Levaes muita vontade de almoçar, pelo que vejo. Estava prompto para um trote razoavel, mas esta maldita é que nunca varia de passo.

— E por que não metteis a espora?...

— Este diabo é como minha mulher: quanto mais a espicaço, mais devagar anda; e, se apertar muito, começa a escoucear e espoja-se...

— E' que eu precisava de partir cedo para Tortosendo, e talvez, se tiver tempo, ainda vá a Penamacor...

— Se o morgado de Travanca viajasse com este passo, só no fim do mez chegaria ao seu destino.

— Então, já se sabe a que ponto elle se dirigiu?

— Isso nunca se sabe; mas suspeita-se. Os raptos beirões dão sempre pretexto para um passeio até a fronteira...

— Gostam de passeios longos...

— Longos, mas menos perigosos. Ainda não ha muito tempo uma fugitiva de Santa Clara foi parar a Cilleros, uma pequena aldeia onde as justiças portuguezas não puderam chegar.

— Que povoação é aquella, disse Jacob, apontando para um monte de casinhas brancas.

— E' alli que nós *quatro* iremos descançar.

— Por Deus, que já não posso conter-me com somno. Vou lá esperar-vos. Este passo mata-me.

E Jacob partiu rapidamente pela estrada.

O guia endireitou o busto, metteu esporas no animal, que, arrebitando as orelhas se largou tambem atraz do fugitivo de Coimbra.

Quando Jacob chegou á povoação, mal teve tempo para se apear. O guia estava a seu lado.

— Aonde estamos? perguntou Jacob.

— Em Pombeiro. Podiamos ter-nos dirigido a Goes, mas, como sou aqui mais conhecido, preferi este logar.

— Todos me servem. Preciso de tomar alguma refeição, e depois descançar os ossos...

— Ha aqui a venda de Joaquim Falerio... é uma estalagem modesta, mas a comida é asseada e o gado bem tratado.

— Principalmente o gado. Quero boa ração para o meu *Lucero*... chama-se assim o meu companheiro. É possivel que elle tenha muito que andar, e preciso de que não lhe faltem as fôrças.

— Ides vêr que tendes um tratamento de principe. O' mestre Falerio, disse o guia chegando-se á porta d'uma venda de vinho. Trago-lhe aqui um freguez, que não pode ser tratado como eu, ou qualquer outro valdevinos. Boa mesa e boa cama para elle — manjedoura baixa e cama de boa palha para a cavalgadura, que é das melhores que tenho visto.

Falerio veiu á porta, desfazendo-se em cortezias.

— Que vossa mercê tenha muitos bons dias e se acolha já á minha cabana, porque o sol está quente...

E, depois, chamando para dentro:

— O' João, toma conta do ginete do sr. fidalgo e da azemola do... (mestre Falerio hesitou um pouco) do tio Narciso.

— *Lucero* é como um borrego. Passem-lhe a mão pela cabeça e depois tratem d'elle como uma creança. Dispam-n'o todo, sellim e cabeçada, que elle quando galopa, galopa, mas quando descança quer ficar á vontade.

E Jacob, dizendo isto, ia ajudando o João, um rapazote descalço e peito nú, a despojar o *Lucero* dos atavios com que jornadeara.

O corcel de Gil Vicente, ouvindo falar em *Lucero,* não percebia que era com elle; mas não atraiçoou o seu dono provisorio — a tudo obedeceu, por saber que ia, emfim, descançar.

— Vá, disse Falerio, ao pequeno João, leva isso para a arribana.

E dirigindo-se a Jacob:

— Agora, meu fidalgo, se quereis lavar-vos atravessae a loja, que lá ao fundo, á entrada da fazenda, tendes um tanque de boa agua... Vou dar-vos um pedaço de linho, do meu casamento, com que podereis enxugar o rosto e as mãos.

Jacob ficou admirado de tanta cortezia e limpeza em gente tão grosseira e miseravel.

— Ahi tendes, disse Jacob atirando a Falerio com dois escudos, isto é pelo acolhimento; depois faremos as contas.

Falerio guardou o dinheiro, fazendo uma demorada mesura.

— Não vos arrependereis, senhor, de terdes escolhido a minha casa. Agora vou cuidar do almôço.

Jacob estava, havia muitas horas, sem comer, e, apesar de lhe faltar o appetite, sentia-se necessitado de adquirir novas fôrças.

Foi, pois, cuidar de se assear no tanque que lhe indicaram, e veiu sentar-se a uma mesa, onde já, excepcionalmente, se via uma toalha branca com abertos franjados nas extremidades.

O guia veiu ter com Jacob:

— Se me daes licença, aproveito um cantinho n'este altar, mais limpinho que a mesa da communhão, ao domingo, na egreja da terra.

— A vontade, disse Jacob indicando o lado opposto ao seu.

— Não imaginaes que delicioso vinho tem este homem! um pouco carregado e forte, como todos d'esta região, mas puro, puro a valer. Quando a gente está a bebel-o, parece mesmo que está a comer a polpa da uva. D'aqui até o Fundão o vinho é todo assim. O que é necessario é bebel-o com muita conta, porque pecca por traiçoeiro.

— Eu bebo pouco, por isso não me arreceio.

— Principalmente quem tem de cavalgar precisa de ter mais cuidado. Partis hoje mesmo para Tortozendo, ou demoraes-vos alguns dias por estes sitios?

— Partirei hoje mesmo, e antes da noite.

— Pois eu ficarei até o jantar, se ao almôço não vierem dois amigos de Coimbra, que vão até Boidobra. Estou ancioso por saber noticias de Lorvão. Quem vive na provincia aprecia muito estes casos, que parecem historias das que se contam á lareira. Além de que, quem viaja e anda sempre a dormir pelas estalagens, precisa de saber muita cousa para entreter os companheiros.

— Pois eu nada me interesso por esses factos. São tantos, na roda do anno, que, á fôrça de serem vulgares, nem sequer me prendem a attenção...

— Olá! disse o guia voltando-se para a porta da estalagem e dirigindo-se a dois novos freguezes; ora ainda bem que não faltaram! Chegaram agora, ou já estavam de hontem á noite?

— Chegámos agora mesmo, e vimos moidos que nem saccos de farinha.

Os recem-chegados tinham o typo de recoveiros — homens fortes, requeimados, de altas polainas e gibões de pelles.

— Quereis almoçar, não é verdade?

— Sim; mas vamos lá para cima, que não queremos incommodar quem está...

— Mas eu precisava de conversar...

— Os vossos amigos ainda teem logar a esta mesa, observou Jacob.

— Ouvem, rapazes? disse o guia.

— Ouvimos, sim, respondeu um d'elles. Obrigados, meu fidalgo.

— Já que o desejaes, disse o outro, ficaremos por aqui... que, se estavam conversando em particular, então não acceitamos.

— Qual em particular! disse o guia — Estavamos conversando em cousas que para ahi se dizem.

— Então, com licença...

E, dizendo isto, os dois abancaram, depois de se descobrirem e cumprimentarem amavelmente Jacob.

— Que novidades ha? perguntou o guia aos seus amigos...

— Novidades em barda: em Coimbra não se falava em outra coisa!...

— Mais que uma? contae lá, que a segunda talvez me interesse.

— Então já cá chegou alguma?

— A de Lorvão, disse o guia.

— Ah! essa já não vale. Desde que se soube o caminho dos fugitivos, ou estão agarrados a esta hora, ou já ninguem pensa em perseguil-os.

Jacob teve tentações de perguntar algo a tal respeito, mas disfarçou...

— Então, qual é a outra novidade?

— Fugiu do castello um moço christão-novo, que alli se achava prêso!...

— E' extraordinario! disse Jacob, deitando vinho n'uma gamellinha de barro.

— E o mais interessante é que foi encontrado no logar d'elle...

— Quem? Quem? disseram ao mesmo tempo Jacob e o seu guia.

— Nada mais e nada menos que esse poeta em que agora tanto se fala, e que tem tanto valimento na Alcáçova!

— E o que lhe fizeram? perguntou Jacob.

— Ora, o que lhe haviam de fazer? mandaram-n'o á côrte, e nada mais. Elle contou que, tendo ido visitar o amigo, este lhe dera a beber uma geropiga que o adormeceu profundamente. O judeu — que ser judeu ou christão-novo é a mesma coisa — mal apanhou o trovista a dormir deveras, tirou-lhe o manto e o gorro... A' meia noite, em Coimbra, era grande o alvoroço, e andava a gente d'armas em busca pelas couraças.

— E não o apanharam?

— Qual! Que tambem, disse um dos recoveiros, por lá se dizia á bôcca pequena, que, desde que o tal Gil Vicente se achava na manobra, era provavel que não houvesse muito interesse em rehavel-o ás mãos...

— Então todos os fugitivos se escaparam? disse Jacob, não podendo esperar mais tempo noticias de Sarah.

— Nenhum, é certo; mas a noviça, já se sabe, atravessou a Beira e entrou em Castella, na altura de Valverde.

— Como se sabe isso?

Por gente que hontem chegou a Coimbra e que disse tel-os encontrado n'aquella direcção.

Jacob deu o almôço por findo, e esquecendo-se dos seus companheiros, passeou agitadamente na estalagem.

Os recoveiros e o guia entreolharam-se rapidamente.

— Falerio, disse Jacob, quanto devo?

— Já vos retiraes, senhor?

— Já; manda apparelhar novamente o meu cavallo...

— Então, não quereis dormir algumas horas? Já vos tinha arranjado uma alcôva, que é mesmo uma belleza, roupas novas e frescas...

— Mette tudo isso na conta...

— Tinha já disposto alguma caça para o jantar, e até comprei um vinho mais fino para a vossa sobremesa...

— Já disse; mette tudo na conta; apparelha o meu *Lucero;* preciso de partir immediatamente.

— Está bom, meu senhor, está bom, não quero que ralheis commigo... Vinte escudos é muito?

— O que quizeres, contanto que eu parta já. Aqui tens o dinheiro.

E Jacob deu vinte e dois escudos ao estalajadeiro.

— Contastes com o almôço d'estes homens?

— E' verdade que me esqueci, mas, como elles continuam comendo, á hora da partida vos direi quanto agora ficaes devendo.

Jacob foi para a rua esperar que lhe apromptassem o cavallo...

Os outros commensaes ficaram á mesa.

— Está em nossas mãos, disse o guia.

— E ganhámos bem o nosso tempo, ajuntou um dos recoveiros...

— Vae partir em direcção á fronteira; e é preciso prevenir os nossos patrões em Valverde e em S. Martim.

— Quem ha de ir a essa empresa?

— Dois, pelo menos, disse o guia — um sahirá mais ao norte e o outro mais ao sul.

— E tu? perguntaram os recoveiros.

— Eu irei seguindo-lhe as pisadas, para ter a certeza de que não reconsidera...

— Ainda receias?

— Sempre. Imagina que alguem lhe diz que Sarah ainda está em Lorvão?

— Tens razão; é bom vigial-o.

E os tres amigos encheram as gamellas e tocaram-n'as com solennidade.

— A' saude de Fernando V, disse o guia em verdadeiro castelhano.

— E á de Deza, o illustre presidente do Santo Officio!

— Obrigado, bons amigos, disse Jacob, já montado, acenando, agradecido, da porta, para os seus companheiros.

— Até á vista, responderam elles, bebendo o resto das grosseiras taças, e pondo-se em movimento, como se fôssem tambem partir.

*

Jacob partiu. Para onde? Para a fronteira, mas sem saber que levava tal destino! Não era bem para a fronteira; era para perto de Sarah. Se

ella tinha sido roubada de Lorvão, se tinha atravessado o paiz, se entrara em Castella, elle havia de ir até onde ella fôra.

E para o fim do mundo? Mesmo para o fim do mundo! Não descançaria emquanto lá não chegasse. Iria nas azas do amor? Talvez. Mas tambem nas azas do odio! A correr por aquelles caminhos incómmodos, elle só via Sarah, a quem amava, e o morgado, a quem tributava o odio mais profundo.

N'elle as duas paixões eram egualmente violentas. Havia uma mulher que o encantara, a quem dedicara adoração religiosa; essa mulher, se não quizesse ser d'elle, não seria, que esse amor era nobre e cheio de abnegação; mas, não ser d'elle porque um bandido se oppunha, e a sacrificava, isso não! Sarah ainda lhe não tinha dicto que o amava, mas dera-lhe a certeza de que não queria pertencer ao fidalgo de Travanca...

Logo, o seu dever era libertar Sarah das mãos do seu algoz. Sarah era para elle mais que uma mulher — era um idolo que lhe dera uma religião, que elle não tinha. Porque elle, afinal, não era judeu nem christão; nunca fôra um sectario como seu pae. E tanto que se resignara ao baptismo catholico sem violencia, sem odio; fizera-se christão para ficar em Portugal, como quem paga um imposto para adquirir um direito.

Tudo isto explicava o sentimento do amor?

Não era só isso.

Jacob exercia o sacerdocio que defende os pequenos e os fracos.

Nunca, junto d'elle, ninguem maltratara uma mulher ou uma creança, que não fôsse castigado. Um dia espancou um homem que maltratara um cão!...

Sarah era uma rapariga muito nova e muito bonita... mas, se não fôsse tudo isso, elle poderia não amal-a, mas havia de defendel-a. Aquillo era um dos predicados da sua indole.

Vira uma só vez Pedro Soares, mas, como formara d'elle uma idéa lisonjeira, se alguem o affrontasse, Jacob esbofeteaaria o insolente...

E aquelle caso era demais complicado; ao seu amor de rapaz, e á sua compaixão de homem, alliava-se o seu brio e a sua dignidade, que é de todos os tempos. O morgado roubara Sarah, mas, ao mesmo tempo, vingara-se d'elle. O cobarde roubara a pobre menina para tirar a desforra do gilvaz que recebera. Tratava-se, pois, d'uma affronta que o visava. Tinha que salvar Sarah e tinha que vingar-se... Por isso elle ia voando nas azas do amor e nas azas do odio!...

Nem se lembrava já de que estivera prèso e fugira, sem absolvição e sem julgamento; de que, não lhe pertencendo Sarah, não tinha direito a defendel-a com tanto zêlo; de que até esse zêlo poderia comprometter a

quem queria zelar; de que corria atraz d'uma sombra, que não era a dos fugitivos, mas apenas uma miragem da sua exaltada imaginação; e o peor de tudo — de que entrando em Castella, entrava em terra inimiga... De nada se lembrava Jacob!

Que certeza tinha elle dos factos que lhe contaram? Quem eram esses homens, que lhe tinham perturbado o espirito com taes novas?

Mas, tudo aquillo era tão natural!

Pois não planeara o morgado raptar a noviça, quando elle, Jacob, estava livre, e podia oppor-se, como se oppoz?

Por que não havia o algoz de voltar a perseguir a sua victima, depois de afastados tão serios obstaculos?

Se o amor não tinha animado o morgado, o desejo da desforra havia de, fatalmente, aconselhal-o a nova tentativa. Porque, afinal, elle, Jacob, esmagara insolentemente o orgulho do atrevido fidalgo...

Depois, aquelles recoveiros, que vinham de Coimbra, sabiam da sua fuga, e sabiam do rapto de Sarah...

Se a primeira noticia era verdadeira, por que não havia de ser a segunda?

Estes raciocinios passavam como um clarão pelo cerebro de Jacob. Eram estrellas que o iam guiando, e elle seguia-as...

Ou a febre lhe causava delirio, ou o cançaço o fazia dormir com os olhos abertos e os pés firmes nos estribos — porque a verdade era que elle ia sonhando... E sonhava o melhor exito para a sua arriscada empresa! Sonhava que ia encontrar pelo caminho os passos que perseguia, que chegava a tempo de salvar Sarah, que Sarah, reconhecida, o amaria a elle só, e com os extremos idolatras de que elle já enfermava, que haveria ás mãos o seu inimigo e lhe lavaria o rosto com todos os estigmas que a sua colera pudesse inventar!...

E, n'esta excitação, n'este sonhar, n'este querer, n'esta esperança, que parecia realidade, ia, de aldeia em aldeia, de villa em villa, de cidade em cidade, descançando momentos, comendo migalhas, coberto de pó, rosto macerado, corpo dorido, passando de noite como uma sombra das lendas castellãs, de dia como um soldado batido, depois d'uma batalha, pela matilha dos vencedores!

A lançar-se em terras de Castella, nos principios do seculo XVI, um christão-novo, já queimado em estatua pelo Santo Officio, de Sevilha, reinando Fernando V, e sendo Deza, o inquisidor-geral!... Só podia ir n'aquella vertiginosa carreira um desesperado que fôsse ao suicidio, ou um louco duplamente apaixonado, que se tivesse deixado arrastar pelas azas do odio e do amor!

Segurem-n'o bem, disse um d'elles em puro castelhano, e passem-lhe já as laçadas

Ao cabo d'estas canceiras Jacob, tendo trepado serras e alcantis e atravessado rios e ribeiras, chegou afinal á fronteira, deixando Aranhas ao sol posto, descançando um pouco nas margens de Erjas, que foi descendo até Monfortinho, para evitar a travessia de S. Martim. Passou o rio em Pedras Alvas, sem atravessar a povoação, e de novo parou na margem direita do Tejo, junto de Alcantara.

Havia já algum tempo, desde que atravessara o Erjas, que se achava em terras de Castella.

Nem contara o tempo passado n'essa viagem fatigante! sabia apenas que era noite, e que tinha descido demasiado para seguir a direcção provavel dos fugitivos.

Fôra a isso forçado pelo receio de que mais acima houvesse vigilancia extraordinaria para os emigrantes de Portugal.

Alcantara estava ao lado esquerdo do Tejo; alli talvez pudesse installar-se, formar os seus planos e começar as suas pesquisas.

Passaria o rio ao amanhecer, para não despertar a curiosidade da população...

Uma fila de salgueiros determinavam, mesmo na escuridão da noite, as curvas do rio, onde a agua corria apenas em alguns sulcos pouco profundos do seu pequeno estuario.

Jacob prendeu o cavallo a um dos salgueiros, e extendeu sobre a terra o xairel que trouxera dobrado sobre o sellim. Para se deitar dobrou primeiro o joelho...

N'este momento, dos salgueiros proximos desprenderam-se algumas sombras...

Jacob quiz erguer-se, mas já não pôde; duas mãos vigorosas lhe carregaram nos hombros, fazendo-o cahir de bruços: e logo outras lhe prenderam as pernas.

Eram quatro homens vestidos de negro — negros o fato e os rostos, que traziam cobertos com mascaras.

— Segurem-n'o bem — disse um d'elles em puro castelhano, e passem-lhe já as laçadas...

Jacob, apesar da fôrça que o esmagava, deu um esticão ás pernas, e, n'um grito de leão ferido, torceu o tronco, conseguindo libertar-se.

Então o chefe, deitando as mãos aos cachaços de dois d'elles, arremessou-os sobre Jacob.

Os tres homens revolveram-se sobre a terra, com uma furia brutal. Entretanto o terceiro, tomando posição ao lado da cabeça de Jacob, que já ensanguentara com os dentes os assaltantes, apertou-lhe violentamente o pescoço.

— O maldito judeu tem dentes de tigre, e musculos de baleia! Judeu amphibio é o primeiro que vejo. Façam-n'o calar, mas não o matem. Olhem que a prenda é de subido valor.

Ainda que com difficuldade, conseguiram atar as pernas de Jacob...

— Cuidado com os braços, disse um.

— Com os braços e até com a testa, accrescentou outro, o maldito até marrando é perigoso.

— É que Moysés tinha d'isso na cabeça...

— A minha vontade era arrancar-te os dentes, maldito perro, praguejou o mordido.

— Pouco d'esse luxo, reprehendeu o chefe — inteirinho é que eu quero entregal-o — Uma bòa dentadura pode render muito nos interrogatorios, se fôr desmanchada com vagar.

— Agora o que havemos de fazer d'isto?

— Não haja pressa... E' necessario experimentar as ligaduras... Piquem-n'o, a vêr se dão de si...

Então um dos esbirros, com um punhal, feriu o prêso, atirando-lhe um golpe rapido a uma das pernas.

Jacob agitou-se violentamente, mas não se desprendeu...

— Está na conta, disse o chefe, mas convém esperar um pouco mais. Depois da lucta, não admira que esteja enfraquecido...

— Nós tambem precisamos de descançar. O bandido fez-nos suar deveras. Nos musculos parece hespanhol e christão!

— Descancem o Sevilhano e o Morenito, e tu, Garrovillas, que deves estar folgado, entretem-te a despejar o bornal e o cinto, e todos os mysterios d'esse diabolico gibão.

Os dois primeiros espojaram-se sobre a terra, tendo o Sevilhano o cuidado de pensar o rosto na agua do rio. O terceiro debruçou-se sobre Jacob, para cumprir as ordens do mysterioso director do assalto.

O peito de Jacob parecia uma montanha agitada pelos cyclopes; a respiração ruidosa e difficil dilatava-lhe as narinas; tinha o rosto congestionado, e os olhos brilhavam na escuridão, como os d'um tigre já ferido, e ainda aculado. Documentos, dinheiro, e reliquias que pertenciam ao velho judeu proscripto — tudo foi arrancado ao prêso e passado ás mãos d'aquelle que parecia mais um chefe de salteadores que um agente das justiças castelhanas.

— Fetiches e amuletos da mais desaforada judiaria, sobre o peito d'um christão-novo!! Temos aqui uma mina! Ha de lhe arder melhor a carne do que lhe ardeu a figura! Por isto se pode avaliar o que vae lá por essa terra, que dá asylo, em nome do rei, a esta canalha impenitente. Para tão

pouco não valia a pena dar as princezas de Castella a principes de tal raça... Não ha nada mais, Garrovilla?

— Esperae, que o melhor tem elle aqui, na cintura... Uma bella lâmina! Tão bôa que até brilha á luz das estrellas. Do que nós nos livrámos! Se elle tivesse tido tempo para se coçar, lá se ia pelo Tejo abaixo todo o preço da nossa façanha.

— Deixa-te de lamurias, poltrão, e dá-me essa arma.

Garrovilla ao entregar o punhal passou-lhe a mão pelo cabo e sentiu, sob os dedos, o relêvo de duas iniciaes.

— Reparae, senhor, que ha lettras n'essa prenda.

O chefe passou tambem os dedos sobre o cabo, e disse em voz alta, mas como se falasse comsigo mesmo:

— G. V. está certo... Vê se nas pontas d'esse xairel ha tambem as mesmas lettras. E Garrovilla percorreu com a mão as curvas das iniciaes estofadas no xairel de Gil Vicente.

— Cá estão. Fizemos asneira, patrão?

— Não, imbecil...

— Então, Jacob Adibe escreve-se agora com estas lettras?

— Escreve-se, sim. De Lisboa vieram explicações do caso. El-rei ainda não entrega os refugiados, mas já os solta. É um systema que obriga o sr. D. Fernando a maiores canceiras e despesas, mas, emfim, é um systema.

Jacob teve um estremecimento, que se fez notar...

— Vê lá esse morgado, que parece não gostar da conversa.

— Não ha novidade, respondeu Garrovilla, elle só mexe por dentro...

— E tem razão para isso... ver-se assim atraiçoado pelo seu rei e pelo seu amigo!

— Jacob sentiu gelar-se-lhe o coração, e fechou os olhos para se concentrar na sua dôr.

— E, depois, coitado, comeu por boa a historia do rapto, e veiu metter-se na bôcca do lobo...

Jacob, ouvindo isto, respirou e gemeu fortemente. Era um suspiro de alegria...

A noticia da liberdade de Sarah compensava-o bem da traição que o perdera.

— A noite está arrefecendo muito, e não vá este diabo apanhar por aqui algumas maleitas, que o façam mais barato.

Os tres esbirros levantaram Jacob e puzeram-n'o sobre o cavallo, de maneira que a cintura ficava sobre o sellim, e a cabeça d'um lado e as pernas do outro iam como dois ceirões a balouçar-se no espaço.

— Vamos devagar até Alcantara. Lá entregaremos este fardo, e depois que o façam viajar de castello em castello, de prisão em prisão, até Sevilha. Eia, rapazes, é metter ao rio, a passo, para não entornar a carga...

Jacob, na tortuosa posição, sentia-se cheio de dôres e de desespêro; levando a cabeça pendida, ia olhando o céo, de fundo escuro, mas profundamente estrellado, como um manto de velludo recamado de brilhantes; e, abrindo muito os olhos, n'um lamento intimo, que faria chorar quem o adivinhasse, ia pensando:

— E é certo, que ha Deus, que pôde crear todos esses mundos de luz, e não pode evitar tantos negrumes no coracão humano!...

X

Sevilha

A velha cidade arabe e mourisca, a terra de S. Fernando, é das que mais attrahem e captivam os excursionistas peninsulares.

Não ha em Hespanha pedaço mais cheio de tradições e mais tentador de esperanças! Dentro de seus muros, coalhados de torres, a gente de Sevilha mantém um paraiso que nada nos fala de velhice e de tristeza!

Encanta ouvir o *touriste*, que, ao regressar de Sevilha, nos fala, com o mais vivo enthusiasmo.

Que de bellezas em monumentos, de variedade em costumes! de vivacidade e graça nas mulheres, ao atravessar a formosa cidade andaluza, com os seus jardins, fontes, cathedraes, bazares, feiras, procissões e touradas!

Crê-se bem não haver no mundo terra mais alegre e exquisita, mais cheia de arte, de sol, de perfumes e de sorrisos! A graça feminina e a quente verbosidade dos homens, o matiz deslumbrante do vestuario da população, a musica popular rebentando a toda a hora das ruas, dos cafés, dos palacios... As flôres debruçadas das janellas, dos balcões, e a surgirem por entre as tranças negras das hespanholas — a pandeireta e a castanhola estrugindo em todos os recantos da velha cidade arabe, o torvelinho industrial de gentis raparigas, que enxameiam nas fabricas de tabacos e de faianças!...

Como é accrescentada a briza do Guadalquivir com o movimento vertiginoso dos leques e o lançar provocador da mantilha!

Jorram ouro e pedrarias nas procissões mais devotas, e sôam palmas e clarins ao sol, na grande arena, ao entrar a quadrilha de qualquer toureiro de nomeada!

A moderna Sevilha, alegre, viva, trabalhadora, é o encanto dos mais apreciados artistas. Cantam-na os poetas, illuminam-na os pintores, descrevem-na os folhetinistas, como se nunca sobre ella tivesse passado a aza

negra da morte, o lucto que veiu d'um dos maiores crimes da humanidade, commettido em nome de Deus e de Jesus!

E que admira que hoje Sevilha seja a feição mais pronunciada na vigorosa e alegre physionomia da Hespanha, se no fim do seculo xv ella já era o enlêvo e o encanto dos historiadores e geographos?

Nos primeiros lustres d'este seculo, já um illustre escriptor hespanhol, referindo-se a Sevilha, á Sevilha anterior ao negro dominio de Fernando e de Carlos V, fala em estylo elegante — dos immensos terrados cobertos de arbustos e flores, das varandas elegantes onde corriam, como tecidos de renda, enrediças verdes e floridas, grenadilhas encarnadas, e jasmins de Virginia com largas corollas de oiro! Citava tambem os serões dos namorados, em accordes de bandurra, debaixo das sacadas!...

Houve, porém, um periodo, e por signal bem longo, em que Sevilha entristeceu, chorou; os seus cantares eram gemidos; as suas côres, o lucto: o seu trabalho, a oração e a tortura! As suas mulheres mais formosas eram perseguidas por isso, como as mais ricas pelos seus thesouros, e, em vez de fabricas cheias de operarios servindo a terra e o Céo com o seu trabalho, havia carceres cheios de miseraveis, captivos como os cães, afflictos como os antigos martyres do christianismo, tão desesperados de justiça, tão desvairados com o soffrimento, tão esquecidos do seu e do Deus alheio, que os que não succumbiam na loucura, não acreditavam em Deus, nem na Egreja, nem na moral, á hora extrema!

A aragem do formoso rio parecia quente, como as linguas de fogo dos autos de fé, e as aguas que jorravam das velhas fontes mouriscas pareciam brotar vermelhas como o sangue de tantas victimas.

Andavam rubros os olhos dos velhos por causa dos filhos, e das creanças por causa dos paes, e o orvalho, o unico que então refrescava a gente n'aquella desgraçada terra, eram lagrimas, que faziam sulcos profundos nos rostos emmagrecidos. Havia no ar um denso nevoeiro de hypocrisia, e, em vez das canções alegres, caracteristicas da alegre gente andaluza, apenas se ouvia entoar sinistramente o *Benedictus* e o *De profundis*...

Orava-se, nos templos, com mentido fervor, e os espiritos praguejavam, mesmo em frente dos altares! A espionagem espreitava, por todos os centros e recantos, a surprehender palavras e a devassar intenções. A intriga chegara ao seu auge, o odio ao seu fastigio; só o amor tinha o seu tormento! O frade era o senhor da terra, que em vez de fecundar esterilisava. A liberdade, nem na alcôva mais escusa, nem no sacrario mais intimo, se julgava segura! A vida era tão contingente como se uma grande peste estivesse assolando aquelles bairros, outr'ora ruidosos e festivos.

N'um bello livro, *Vária historia,* do fallecido escriptor Ribeiro Guimarães, nota-se um facto que não poderia comprovar-se com a historia de Sevilha.

Diz o illustre escriptor que as melhores cidades do norte de Portugal foram as mais poupadas ás crueldades da Inquisição, e que esse facto se deverá attribuir ao zêlo devoto d'esses povos que passavam então o melhor da sua vida em visitas aos templos, e em procissões e romarias aos santuarios dos arrabaldes.

Essa tendencia das populações do Porto, de Braga, e de Guimarães, ainda hoje se affirma e é objecto de especial commentario dos povos do sul.

Não buscou o sr. Ribeiro Guimarães fundamentar o argumento na historia de Sevilha, com relação á Inquisição hespanhola.

Sevilha é uma terra onde a religião tem o seu culto mais extremo e mais luxuoso, e, comtudo, foi a terra de Hespanha onde a Inquisição mais cannibalmente exerceu as suas perseguições.

Ainda hoje o culto catholico na formosa cidade de Andaluzia tem as maximas opulencias e os melhores requintes, que, se não veem da moral mais religiosa, obedecem ás tradições mais beatas da velha Hespanha.

Em Sevilha, onde o Santo Officio exerceu a mais sangrenta influencia, ainda hoje as festas religiosas, principalmente as da Semana Santa, brilham tão esplendidamente que são o encanto de todos os *touristes* do mais delicado gôsto artistico.

O espectaculo que offerece a praça de S. Francisco, n'esses dias em que os templos despejam nas ruas de Sevilha as suas imagens de primorosa esculptura, com andores que representam hortos dos mais floridos e perfumados, é o mais bello que os artistas de todas as crenças poderão admirar em qualquer parte do mundo catholico!

De dia, á luz dourada e quente do sol andaluz, e á noite, alta noite, á luz das estrellas e dos candieiros monumentaes da formosa praça, passam, com toda a solennidade, as procissões, onde as galas das alfaias, o bordado dos pendões e as myriades de lanternas põem um cunho indelevel de gôsto e arte, sem prejuizo da gravidade do culto.

Ha, nas filas dos espectadores, nas alas do transito, nas colchas e festões das sacadas, aquelle aspecto rico e alegre, que não prejudica a unção religiosa de taes festividades.

As festas religiosas de Sevilha não teem o aspecto sombrio d'um culto oppresso pela dôr, mas da commemoração triumphal d'uma conquista!

Toda a Semana Santa parece um domingo de Paschoa! Jesus crucificado, balouçando-se nos hombros dos fieis, sob uma chuva immensa de petalas de rosas e cravos, não tem a apparencia d'um martyr, justiçado,

como homem, pela injustiça dos judeus, mas o d'um Deus, que para melhor subir ao Céo, e velar pela humanidade, subiu o Calvario, e abriu os braços na cruz, como poderia abrir as azas no seu vôo altaneiro.

A Paixão é o grande festim sevilhano. Emquanto a Virgem passa, de rosto macerado, esmaltado de lagrimas, que parecem rubis, o Amor adeja infantil e risonho, no rosto das raparigas e dos rapazes, como se aquellas lagrimas representassem gôttas de orvalho refrigerante e fecundador!

Os andores teem magnificos doceis franjados de prata e ouro, como de prata e ouro são as varas em que se apoiam.

Os mantos das madonas, que vão, de mãos postas, sobre esses jardins aereos, brilham e rebrilham com as projecções magicas da luz sobre as pedrarias que os recamam...

Andam as mulheres com graciosas mantilhas no caminho das egrejas, mas, por baixo d'essas mantilhas, esfuziam sorrisos tentadores, que não offendem o Céo, porque alegram o mundo.

Ha flôres sêccas, como borboletas espalmadas, nos livros de orações, que ellas lêem nas bancadas e junto dos retabulos das capellas, quando, com a cabeça inclinada, escutam melodias do côro e aspiram as ondas de incenso.

As festas religiosas são as grandes festas sevilhanas; foram-no sempre durante seculos; e, comtudo, Sevilha teve durante tres, e principalmente nos seculos XVI e XVII, a mão de ferro e o facho ardente da terrivel Inquisição!

Bem se vê que o phenomeno que se deu em Portugal não foi imitado da Hespanha.

Parece que, sendo Sevilha a essencia da historia e dos costumes hespanhoes, não podia deixar de ser a escolhida para theatro d'essa immensa tragedia, que fez tantas victimas, para que o sorriso que ella ostenta tivesse todo o encanto d'uma fagueira convalescença.

Tendo existido, como existiu, a Inquisição em Hespanha, era indispensavel que ella assentasse o seu negro tribunal e os seus ardentes patibulos nas ruas e praças da formosa e alegre cidade. Tem assim o drama maior exito nas situações, que não ha para entristecer um coração como ver chorar uma cidade, ou uma pessoa habitualmente alegre. A tristeza dos felizes é mais triste que nenhuma outra...

Afastemos, pois, da nossa imaginação a Sevilha do seculo XV, ou a do seculo XIX.

Estamos em pleno seculo inquisitorial. A fé é obrigatoria; Deus não sorri; ameaça e vinga-se. Christo não o representa; é o Papa. Cesar dá o braço á Divindade e domina o mundo. O perdão converteu-se n'uma

fraqueza e a justiça n'uma tyrannia. O Evangelho apagou os seus dizeres de paz, de tolerancia e de amor! No frontispicio da nova biblia lê-se agora — *Crê, ou morre.* O catholicismo presente a Reforma e defende-se. Os grandes herejes estão no periodo da incubação. Vae na terceira phase o protestantismo!

A Triana não tem descantes, seccaram-se as flores nos terraços, cahiram as folhas sêccas dos livros de missa, não ha bailados nos bazares nem namorados sob os balcões; estão mudas as bandurras, fizeram-se negras todas as mantilhas, começa a erguer-se a grande cathedral, os frades acampam pelas ruas, as castanholas são gemidos, e, em vez dos dedos negros das ciganas, batendo nas pelles das pandeiretas, erguem os esbirros o açoite sobre as espaduas brancas das mouras e das judias, que não renegam a sua fé, e das christãs cubiçadas, que não renegam a sua castidade!

A cubiça do ouro e do amor aninha-se no Palacio da Fé, e a cidade, posta a saque, fornece carne humana ás fogueiras, que a consomem. Ricos e pobres são captivos e condemnados — os ricos, por causa do seu ouro; os pobres, por causa da sua crença.

Os reis catholicos estão satisfeitos — o rei porque é máu — a rainha porque é fanatica. Roma embute-se em Castella, e tem uma das mãos no sceptro de Fernando V!

Sevilha, orlada dos seus prados, e emmoldurada nos seus montes, não é o velho oasis da Andaluzia — é o cemiterio da Hespanha...

*

Duas raparigas vestidas de negro cruzaram-se na esquina da praça principal.

— Salve-te Deus, Mercedes! A tua mantilha branca?

— Fiz d'ella mortalha de meu pae...

— Então, tambem?

— Tambem, sim; relaxado em carne, como o teu, Carmen...

— E por que? Pelos peccados do meu?

— Não, Carmen, por outros bem contrarios.

— Bem contrarios? Que outros descobriu o Santo Officio no teu pobre velho?

— Morreu teu pae por amar o meu, não é assim?

— E' certo.

— Pois o meu foi condemnado por amar teu pae...

— E agora?

— Esperemos...

— Esperar na orphandade, sem carinho, sem pão, sem casa?

— Ah! filha, que ainda não mediste o abysmo... Esperar pela nossa vez...

— Jesus! Que idéa! Mas ajustemos a defesa... Nega que me conheces.

— Matam-me por eu negar...

— Então confessa...

— Matam-te, depois de mim.

— Fujamos, Mercedes, fujamos d'este inferno! vamos de noite, pelos campos, pedindo esmola...

— A quem nos entregue?

— Então não pediremos...

— Morreremos de fome...

— Queimar-nos-hão os cadaveres e perderemos as almas...

— Não digas que me viste, Mercedes...

— Para que, se estamos sendo vistas?

Ao longe, dois esbirros da Inquisição tomavam notas, emquanto as desgraçadas raparigas se abraçavam chorando...

— Tens visto o Paco? perguntava uma mulher n'uma alluvião de soluços.

— Paco está nos carceres da Fé...

— Quem o denunciou, Consuelo? Elle estava escondido!

— O pae d'elle, desorientado na tortura.

— Que horror!

— Não digas isso... estavam deitando chumbo derretido nos pés do miseravel...

Pelas ruas andam creanças famintas, quasi nuas...

— Pelo amor de Deus, senhor...

— Não tens casa?

— Não, senhor; durmo na margem do rio.

— Então, tua mãe?

— Está alli; e a creança apontava para o palacio sinistro.

— Que fez ella?

— Disse, no mercado, que Deus era injusto para com os pobres...

— E por isso prenderam-na?

— Ha muito tempo!

— E a sentença?

— Bateram-lhe com um chicote, até ella desmaiar.

E o transeunte deu-lhe uma esmola.

— Ouve, rapaz: não digas a ninguem que tive dó de ti, percebeste?

Uma pobre velha era conduzida entre dois esbirros:

— Olhem, dizia outra n'um grupo acampado n'um portal do bairro cigano, lá vae a Antonia Martinez, por delação do seductor da filha...

— Que fez, para haver suspeita de ter judaizado?

— Exercicio de máus costumes. Não fôsse tôla! Sendo christã-nova não devia fazer o que Nicolau espreitou e viu...

— Coisa grave?

— Nada mais, nada menos que tirar o cebo e a gordura da carne que comprou para o jantar, e, não contente com isso, purificou-a na agua e dessangrou-a!...

— Está arranjada! Quem judaiza por tal forma...

— E é *suspeita rehemente*...

— Pobre Joanna!

— Boa mulher, muito infeliz, mas tambem muito imprudente...

— É já a segunda delação?

— É a primeira, porque eu tenho estado calado, disse um vizinho da Joanna; mas a verdade é que ha tres dias eu proprio a vi tirar o tutano d'uma perna de carneiro!...

— Cala-te, doido, disse do lado um rapazote sabido em regulamentos e penalidades — se não fizeste queixa, podes ser filado...

— D'essa estou eu livre, que ainda não passaram seis dias...

Pela *calle de los Gitanos* vae um marrano perseguido pela villanagem mais suja. Um espião convidara-o a beber, e dera-lhe o vinho Caser para matar saudades, licor que era fabricado por gente de Moisés.

O marrano provou, e, conhecendo o lògro, cuspiu...

Salvou-se do carcere, mas teve de fugir, lapidado pela canalha!

Pablo, que já se não lembrava de que fôra judeu, foi a passeio com uma formosa rapariga... Não se lembrou de que era um sabbado, e vestiu camisa lavada e fato novo... Elle ia alegre, e ella mais bonita que nunca... Ao passar á porta de Jerez foi preso, foram presos ambos! Um rival de Pablo utilisara o artigo 4.º do édito inquisitorial!

— Onde está Samuel? perguntou um operario que andava trabalhando na reconstrucção da cathedral.

Respondeu-lhe um companheiro:

— A vestir o sambenito.

— O que? Tambem elle?

— Pudera não! Fez annos em Domingo de Paschoa, e festejou-os com a familia. É um homem perdido.

— Pobre moço! Então isso é heresia?

— Isso é velho... a *ruaya* é motivo principal de delação.

Na praça da Explanada, a dois passos de distancia, um *sereno* narra a uma ronda de civis, que áquella hora, cinco pessoas de um e outro sexo foram presas em suas casas e conduzidas, no *borzeguim*, aos carceres da Inquisição!

Passeia-se com difficuldade na Plaza Mayor, porque é necessario evitar as grandes manchas negras que ha na calçada, e que são vestigios das ultimas fogueiras que alli crepitaram!...

Os esbirros e aguazis andam pelos logares publicos, rodeando e atravessando os grupos. Toda a gente lhes dá passagem, e a conversa muda, logo que elles se approximaram. Olha de revés a maldita gente e inclina por vezes a cabeça para ouvir melhor.

Era vulgar esta scena, ao principio da noite, nas encruzilhadas mais concorridas:

— Que ha de novo, D. José, por essas terras de Hespanha?

— Tudo bem, graças aos beneficios da nossa Santa Inquisição! Cae, como tordos, a judiaria em Valencia e em Granada, e Sevilha vae honrando a sua historia, com bastante zêlo e fogo...

— Philippe traz idéas de soprar ou de apagar fogueiras?

— Diz-se que de embaraçar o inquisidor-geral... Tantas queixas o assaltam, foi tão grave o que disse o bispo de Cordova, são taes os attentados de Lucero, que Deza terá de se recolher ao nosso arcebispado...

— Começa bem el-rei, mas Deza ha de resistir...

— Não creio; até já se fala em o substituir por D. Diogo Ramires de Gusman, bispo de Cordova: Lucero e outros ministros de Cordova terão a sorte de Deza.

— Caluda, D. José...

— Ninguem pode ouvir-nos...

— Mas é que o *nudo escorredizo* anda a voltear perto de nós.

Effectivamente, os negros esbirros adejam no sitio, e procuram, decerto, alguem.

— Quem será?

E os grupos entreolham-se, e os homens se consultam sobre quem irá recair a diligencia.

Começa a lenta, a disfarçada dispersão, e faz-se o silencio na rua, ou na praça.

De subito, dois ou quatro aguazis envolvem um homem só, e levam-no para o carro especial, puxado por machos, com as patas forradas de pelle de bufalo, e atacadas com correias. D'ahi o nome de *borzeguim* dado ao vehiculo traiçoeiro.

Se o captivo não resiste, o *nudo escorredizo* não vem á acção; no caso

contrário, logo o laço envolve os braços da victima, ou, sendõ necessario, o pescoço.

Quantas vezes o borzeguim conduziu gente enforcada na violencia da captura?!

Pobre Sevilha! Como estavas triste e abatida!

N'uma pousada, por exemplo, perguntava um viajante, que não conhecia Sevilha, á estalajadeira amavel:

— Ha muito que ver n'esta bella terra?

— Se ha! *caballero?* Muito, e cada vez mais. Já viu as obras da Cathedral?

— Já.

— Então vá ver o Quemadero?

— O Quemadero. O que é isso?

— E' o novo monumento construido no campo da Tablada. Um bello cadafalso!... uma grande guarida de boa cantaria e tijolo, como os fornos das faianças, tendo lá quatro estatuas ôcas, de gesso... os *quatro prophetas*, como dizem os entendidos.

— E serve?...

— Para queimar gente viva. Mette-se alli, nas estatuas, a gente de *zamarra* e *coraza*, e o fogo, por fora, coze os herejes e a heresia, como se fôssem jarros da melhor argilla. Só lhes falta o vidro e a côr...

E a locandeira ria, com gôsto, alvarmente...

Que miseravel seculo e miseravel gente!

Ao serão, depois de fechadas portas e janellas, contavam-se historias, e faziam-se conjecturas sobre a sorte dos captivos.

Era vulgar a narração que começava assim:

— Quando teu pae foi queimado...

Ou então:

— Teu irmão era tão fraco, tão doente! que, quando o subiram na' corda, chamou por mim, e morreu!...

Em festas — baptisados ou bôdas — os convivas, durante o banquete, tinham sempre os olhos pregados na porta...

Os esbirros, vulgarmente, vinham pôr a nota funebre nos ágapes das familias.

Os ricos simulavam pobreza, para não aguçar cobiças do Santo Officio, e os pobres, que logravam juntar migalhas, escondiam-nas debaixo da terra!

Os paes explicavam aos filhos que tinham visto autos de fé, havia uns vinte e seis annos, os primeiros de Sevilha, em que, em menos de nove mezes, tinham sido queimadas na cidade duzentas e vinte e oito pessoas e encarceradas para sempre umas sessenta e nove!

— E em toda a Hespanha. n'esse anno? perguntavam os filhos aos paes.

E os paes repetiam o que ouviam dizer a muita gente:

— Foram queimados mais de dois mil judaizantes, e mais de dezesete mil penitenciados!

E como as creanças ficassem absortas, elles diziam ainda:

— E em estatua? até vae perdida a conta!...

E, apesar d'isso, os mouros e judeus, até na egreja dos dominicanos, de joelhos, assistindo á abjuração dos *levemente suspeitos,* emquanto o inquisidor prégava, e o accusado de pé, sobre um estrado, beijava a cruz e os Evangelhos, oravam intimamente a Mahomet ou a Moisés!

Na rua da Inquisição, uma louca dizia, em altos gritos, *blasphemias hereticas,* e pedia que lhe abrissem as portas d'aquelle inferno.

Um physico, que passava, mandou que a levassem d'alli, e, para a distrahir, foi perguntando:

— Como te chamas?

— Judia...

— E que mais?

— Christã.

— Teu pae?

— Morreu na Tablada.

— E tua mãe?

— Com garrote, na Plaza Mayor.

— Não tens irmãos?

— Ouço-os gritar e gemer alli dentro; e apontava...

— Não tens casa?

— Roubaram-m'a.

— E o que fazes?

— Morro de fome...

E, depois, fechava o punho para o céo — e gritava, chorando e rindo:

— Oh! Jesus, tu tambem has de morrer queimado...

— Levem-na d'aqui, dizia o physico, á gente que passava...

E essa gente olhava para a louca, com ar compungido, olhava depois para o Palacio da Fé, e afastava-se depressa, deixando a energumena no chão, a contorcer-se, a gritar, a rir, a chorar, e a cuspir para o céo!...

Era assim a formosa cidade da Andaluzia, no principio do seculo XVI!

Nem cantares, nem flores, nem sorrisos, nem sonhos tranquillos, nem paz na familia! O odio, o luto, o medo, o desespêro! Quem fazia taes damnos aos homens? Deus? Não; os homens...

Não eram brandos os costumes nos principios do seculo XVI; a par da

grande intolerancia do Estado e da Egreja havia a intolerancia religiosa do povo. O que se fazia em Hespanha, por ordem do sangrento tribunal, fazia-o Lisboa, sem Inquisição, a todos os seus christãos novos.

Evidentemente, se a formosa Sevilha não tivesse regulamentado os autos de fé, o fanatismo popular faria a guerra mais encarniçada á raça dos infieis.

É bem certo que todas as instituições politicas são filhas dos povos que as toleram.

N'aquelles tempos malditos, deixem-nos empregar este vocabulo absurdo e odiento, a ignorancia era tanta, que a maldade instinctiva e o fanatismo contrahido em seculos de obscurantismo faziam dos povos os collaboradores da tyrannia de que estes foram victimas.

Affirmava-se, naturalmente, na evolução do espirito, que é tão natural como o movimento da Terra, aquella transformação, que aperfeiçôa, esclarece, humanisa. Os cerebros abriam-se como os calices das flôres, que nascem pelos campos, sem canteiros, sem cultivos, apenas com a seiva da terra, o calor do sol e o orvalho da noite!

As sociedades, no seu movimento natural, fazem dos homens o que a onda dos mares faz das pedras mais angulosas: a onda leva-as, tral-as, revolve-as, bate-as, lima-as, gasta-as, no tôrno incessante do seu novêlo, até as lançar sôbre as areias das praias, redondas e polidas.

Que grande desenvolvimento intellectual e moral tem uma sociedade quando ella começa a reclamar escholas? A civilisação está no movimento como está n'elle o calor e a vida!

A proporção que a luz se faz, mais facilmente se multiplica!... Que violencia adquire um grande incendio, que começou pela inflammação lenta de pequenos pedaços de combustivel!... Sevilha, que era intolerante para com toda a heresia, ia humanisando-se, á proporção que a sua vingança se tornara feroz e fria.

Foi por isso que ella começou, como Lisboa, pedindo o fogo da terra para os que desafiavam o fogo do Céo, e foi por isso que ella ia, dia a dia, entristecendo, á proporção que enfraqueciam os que ella julgava fortes. O povo é uma creança excessivamente irritavel e excessivamente generosa...

E, demais, a Inquisição aproveitara o excessivo zêlo religioso para perseguir o pensamento em todas as suas manifestações: o que era julgado justiça para os infieis convertera-se n'um perigo para toda a gente. O fanatismo religioso brincara com o fogo, e elle proprio se sentia queimar!

XI

A Inquisição

Ver a Inquisição de Sevilha não é ver completamente a Inquisição em Hespanha.

Para se avaliar os terrores d'essa instituição seria necessario espreitar Madrid, Valencia, Murcia, Toledo, Granada, Valladolid...

Já que a acção do episodio portuguez nos levou a terras de Hespanha, e é em Sevilha que teremos de nos demorar, é nosso dever fazer uma pequena excursão historica pelas origens da Inquisição moderna n'aquelle paiz.

Foi em Sevilha que resurgiu o velho tribunal perseguidor dos algibenses, com a nova tarefa de perseguir mouros, judeus e christãos novos.

Ia no seu ultimo quartel o seculo xv, era indomavel o poder papal, altivos e ladinos os agentes da côrte de Roma, e fanatico e intolerante o rei catholico. A rainha Izabel era de caracter mais brando, mas d'uma cega piedade, que a fazia escrava da sua escrava consciencia.

Alli por 1460 estava Castella limpa dos horrores, que depois soffreu pelo espaço de tresentos e trinta e nove annos, e até frei Alonso Espina arguia Henrique IV do abandôno em que vivia a religião catholica, maltratada pelos infieis que a vilipendiavam.

Era tal a irritação e o zêlo de Espina que este se deu ao pesado incómmodo de andar offerecendo-se a diversos bispos para syndicar as heresias e denunciar os hereticos. Parece que este franciscano não logrou o seu intuito, apesar de ter andado pelas dioceses a espionar a vida de mouros, judeus e christãos-novos, que discutiam os dogmas do catholicismo... Comtudo, no pontificado de Paulo II, Frei Antonio Riccio conseguiu ser nomeado inquisidor de Castella, logar que foi honorario apenas, porque não medrou a idéa de restabelecer as perseguições feitas na Antiguidade á consciencia dos povos.

Roma não viu com bons olhos este abôrto das suas tentativas. Foi

então que Pedro d'Osma, um erudito professor, deu ensejo a um ensaio de violencia contra a consciencia do povo hespanhol.

Ia decorrendo o anno de 1473, quando D. Alonso Carrillo, arcebispo de Toledo, inspirado pela côrte de Roma, se lembrou de reunir cincoenta e dois theologos para julgar as heresias do philosopho. Osma não resistiu á pressão e abjurou oito das suas proposições. Immediatamente Xisto IV declarou boa a condemnação, sem attender o parecer dos inquisidores.

Fernando e Izabel acabaram com todas as hesitações, e resolveram reorganisar a Inquisição, que, no parecer de todos os historiadores, fez, sob pretexto de religião, mais lagrimas e sangue que as guerras e conquistas mais desastrosas para a humanidade.

As condições eram diversas, mas a Fernando uma bastava — que fôssem repartidos com elle os bens confiscados! A mesma tactica, e a mesma politica que se planeavam em Portugal.

Alonso Ojeda, prior do convento dos dominicanos em Sevilha, o inquisidor siciliano Philippe de Barberis, e Nicolau Franco, bispo de Treviso, e nuncio de Sua Santidade, conversaram sobre o assumpto e começaram soprando os odios dos christãos-velhos sobre os convertidos.

Obtido o pretexto, o rei Fernando calculou os proventos e reclamou o beneplacito papal. A rainha resistiu por algum tempo, e por fim cedeu...

Procurou D. Izabel contemporisar com os processos suasorios, mas, por mais que recorresse á propaganda do cardeal de Mendonza, do bispo de Cadiz, Diogo de Solis, de D. Diogo Merlo, e outros funccionarios e dignidades da Egreja, se conquistou a abjuração de Osma, não pôde evitar o estabelecimento da Inquisição.

Estavam n'esse proposito o rei e o Papa, e ella não pôde e não soube resistir-lhes.

Em 17 de setembro de 1480, apparecem nomeados os primeiros inquisidores: frei Miguel Murillo e frei João de S. Martinho; para conselheiro da rainha o dr. João Ruiz de Medina de Rio Secco, e o capellão João Lopes del Barco.

Resistiram os povos a esta innovação, e, para honra da Hespanha, convém não esquecer que ella soube, revoltando-se, crear sérias difficuldades á execução do plano.

Não era Fernando V hesitante como D. Manuel, e, por um decreto datado de Medina del Campo (27 de setembro), ordenou que os povos de Sevilha prestassem auxilio aos inquisidores.

Conhecendo esta resolução, os infieis dos bairros de Sevilha occultaram-se nas ricas propriedades do duque de Medinasidonia, do marquez de Cadiz e do Conde dos Arcos.

Os inquisidores tudo preveniram, e foram, com outro recurso, em busca dos desgraçados...

Mal passou, pois, o dia de Anno Bom do anno de 1481, foi promulgado um édito inquisitorial, no qual se dizia:

«...Tendo chegado ao seu conhecimento a mudança de domicilio dos christãos-novos, ordenam ao marquez de Cadiz, ao conde dos Arcos, e a todos os mais senhores dos reinos de Castella, que, no prazo de quinze dias, prendam e enviem a Sevilha todos os fugitivos, e lhes sequestrem os bens; e, deixando de cumprir qualquer d'estas requisições, incorrem em excommunhão e nas penas impostas por lei contra os fautores da heresia, especialmente na de confiscação e privação de dignidades e officios, além de desligar os seus vassallos da obediencia e vassallagem, não obstante qualquer promessa jurada e homenagem, reservando para os inquisidores e para o Papa a absolvição da censura.»

Estavam assim absorvidos todos os poderes. Até os prelados ficavam despojados de seus direitos!

O Palacio da Fé não pôde comportar todos os christãos-novos apanhados na rede d'este édito. Inventou-se então o Castello da Triana para guardar o excedente.

No livro de D. Fernando Garrido — *Perseguições Politicas e Religiosas* — cita-se, como valioso documento d'aquelles bons tempos e de tão memoraveis façanhas, a inscripção que os frades collocaram na fachada d'aquelle castello:

Eil-a, que é, na verdade, caracteristica do nivel intellectual de tão santa gente:

«O Santo Officio da Inquisição contra a iniquidade dos herejes, começou em Sevilha, no anno de 1481, sendo summo pontifice romano Xisto IV, que permittiu a sua instituição, e reinando em Hespanha Fernando V e Izabel, que a solicitaram.»

E depois de indicar o nome do primeiro inquisidor-geral, o celebre Torquemada, termina assim:

«Permitta Deus que dure até o fim do mundo, para defesa e augmento da Fé.

«Ergue-te, senhor, e julga a tua propria causa. Entregae-nos as raposas.»

Não permittiu Deus que ella durasse para além da grande revolução que, no fim do seculo passado, abalou o mundo e libertou a consciencia humana.

Cabe-nos agora, no gôso d'uma liberdade immorredoura, afugentar as modernas raposas, ensinando ao povo a historia velha e feia.

Dado o primeiro passo, o segundo torna-se facil.

Ao primeiro édito de que resultara a prisão summaria dos refugiados, succedeu logo outro offerecendo o perdão aos christãos-novos judaizantes que se delatassem a si proprios.

O laço a poucos apertou, apesar da promessa de que a culpa seria aggravada, se, passado o prazo concedido, fôssem delatados por outrem.

Depois da perseguição aos refugiados, veiu logo o édito do perdão, que exhortava os judeus novos, judaizantes, mediante a absolvição a delatarem-se a si proprios. Esgotado o praso, os que não tivessem aproveitado o ensejo de se salvarem seriam rigorosamente punidos!

Era uma villissima rede armada aos credulos pela traça dos inquisidores. E tanto que só lograram perdão, dos muitos que confessaram, os poucos que se prestaram a denunciar os que não confessaram as proprias culpas!

Que honrada gente!

Com a adquirida velocidade, e animados pelo bom exito das primeiras tentativas, lembraram-se, os defensores da Fé, de pregoar novas leis, exploradoras do sordido egoismo e de sordidas invejas que pullulavam n'uma sociedade mal educada.

Determinaram, então, sob pena de peccado mortal, excommunhão maior, e outras, que toda a gente era obrigada a denunciar judaizantes, no prazo de seis dias!

Foi assim creada a torpe industria da espionagem, que veiu destruir a confiança e o amor, desmoralisar e impedir o convivio social, alluir pela base o santuario da familia!

Viram-se então os espectaculos mais vergonhosos. Os amigos atraiçoavam os amigos, os filhos os paes! Quantos maridos, para se salvarem das penas do Santo Officio, entregaram a ellas as proprias mulheres?! E quantos, por mais humanos, cederam no meio das maiores torturas, e aos filhos arrastaram, afinal, para seu lado?!

Os desgraçados, batidos por esta forma, recorreram a Roma, e o Papa aproveitou o ensejo para tirar aos reis catholicos o direito de nomearem os inquisidores.

As solicitações de Izabel só conseguiram que as appellações fôssem julgadas por um juiz ecclesiastico, especial delegado de Xisto IV.

Em Sevilha ficou o arcebispo com essa faculdade.

A infeliz cidade andaluza estava á mercê da justiça, que se abrigara dentro de seus muros!

O resto da Hespanha, o resto do mundo, não lhe escutava os gemidos!

A egreja de Sevilha puzera a cidade em estado de sitio. Alli o rei era

o arcebispo, que tinha o direito de revêr os processos, e dispunha, a seu talante, da vida e da fortuna d'aquelle povo!

Passou, pois, o Papa a nomear inquisidores, e de facto nomeou Pedro de Ocaña, Pedro de Murillo, João de S. Domingos, João do Espirito Santo, Rodrigo de Segarra, Bernardo de Santa Maria e Thomaz de Torquemada.

Em 4 de janeiro de 1441, foram sacrificados na Plaza Mayor seis condemnados ao fogo. E logo, em 26 de março, dezesete. Em 26 d'abril, uma grande quantidade, que a historia não fixa, e, em 4 de novembro, duzentos e vinte e oito foram queimados vivos, e sessenta e tantos condemnados a carcere perpétuo!

Em Hespanha, a Inquisição enluctou e arruinou mais de vinte mil familias!

Em Sevilha, a mortandade attingiu taes proporções que foi necessario construir o célebre Quemadero, na Tablada, em que os condemnados eram queimados em turmas de quatro, em estatuas de gesso!

E isto na Europa, e isto na Hespanha, e isto no alvorecer do seculo da Renascença, em que o mundo se alargou e as velhas civilisações voltaram a vida no culto das artes mais delicadas!

Esta furia devia fatalmente dar em resultado a extraordinaria emigração para França, Portugal e Africa.

Roma teve de intervir por causa dos abusos, mas interveiu aggravando, e não suavisando, os rigores. Diversos breves do Papa affluiram a Hespanha. O primeiro nomeava juiz de appellações o arcebispo de Sevilha Domingos Manrique; em dois mais prohibia que qualquer bispo, descendente de judeu, fôsse juiz em causas de fé. O arcebispo de Toledo era feito, em Saragoça, juiz, com attribuições eguaes ao de Sevilha. N'este arcebispado era administrador perpétuo D. Alonso de Aragão, uma creança de 14 annos, filho natural de el-rei!

Taes questões se levantaram entre a côrte de Castella e a de Roma, que esta triumphou sempre, que os esforços de João de Sevilha, para que triumphasse a bulla de 2 de agosto, foram infructiferos.

Em 2 de agosto de 1483, foi dada a forma de tribunal permanente á Inquisição.

Para esse tribunal foi nomeado, pelo breve de 17 de outubro d'esse mesmo anno, chefe geral, o célebre Torquemada, que tambem foi inquisidor-geral da corôa de Aragão. Estes poderes foram confirmados por Innocencio VIII, em 11 de fevereiro de 1486.

Torquemada era o grande homem! Fernando estava radiante!

Não era facil encontrar outro heroe mais apto para desenvolver as confiscações de bens e a torrefacção de herejes.

Logo surgiram quatro tribunaes subalternos em Sevilha, Cordova, Jaen e Ciudad Real. Escolhidos, para assessores e conselheiros, João Gutierrez de Chaves e João de Medina.

Para defesa dos interesses reaes creou-se logo o conselho real da Inquisição, de que Torquemada foi feito presidente, e composto tambem do bispo eleito de Mazara, radical Sancho Velasquez, de Cuellas, e Poncio, de Valencia, com a formatura em Direito.

Foi em 29 de outubro de 1484 que foram promulgadas em Sevilha as primeiras leis da Inquisição moderna. Eram todas leis financeiras, que estabeleciam impostos, pela forma mais gananciosa.

Os principaes artigos d'essas leis eram relativos a delações, estimulo a denunciantes.

Referiam-se a toda a Hespanha — unica differença entre elles e os já publicados.

No sexto artigo começava a cahir a máscara — a ganancia substituia-se á fé.

A penitencia do reconciliado devia ser a privação do exercicio de todos os empregos honorificos, e do uso do ouro, prata, perolas, sêda e lã fina, de modo que todos conhecessem a *infamia em que haviam* incorrido pelo crime de heresia.

A heresia consistia, ao que se deprehende de tão sábia lei, do uso do ouro, prata e perolas!

Ficava tão perto a Sierra Morena!

A' vista d'isto, os christãos correram a Roma a comprar *breves de rehabilitação.*

Outro artigo impunha contribuições pecuniarias aos confidentes voluntarios, e que eram destinadas á sustentação da fé catholica.

O descaro chegava ao ponto de dizer, o artigo oitavo, que o confessado espontaneamente não ficava isento de confiscação de bens, *em que por direito havia incorrido, commettendo o crime de apostasia ou heresia.*

Que se punisse o crime de heresia, porque a heresia era um crime, ainda se explicava, mas a *apostasia,* que era o arrependimento do crime, e até o preço da promettida absolvição?...

A ganancia chegava a tal extremo que até os confessados espontaneamente eram obrigados a indicar á época em que tinham feito a heresia, para se poder avaliar os bens que então possuiam!

De maneira que os confessados que tivessem vendido bens ou dotado com elles seus filhos, veriam desfeitas suas vendas e transacções. A liquidação era feita, com todo o rigor, a favor do fisco.

Mais se dispunha que, se o hereje, prêso, requeresse a reconciliação

com sincero arrependimento, *apenas lhe fôsse imposta a pena de carcere perpétuo!*

E este arrependimento não dependia da confissão do prêso, mas da resolução dos inquisidores! Elles julgavam todos os casos de consciencia!

No artigo decimo quinto, por exemplo, da barbara legislação, determinava-se que os ricos fôssem sujeitos a tortura, se confessassem, e depois, *ainda que ratificassem a confissão,* fôssem novamente sujeitos a tortura para se ver se se desdiziam!

Tambem se prohibia aos réos o conhecimento das accusações feitas pelas testemunhas.

Ás torturas assistia sempre, pelo menos, um inquisidor, para tomar nota das confissões.

O ausente, sem prazo determinado, não comparecendo, era julgado e condemnado como hereje convicto.

Não havia tempo nem sequer para tomar conhecimento da accusação!

A heresia, verificada depois da morte do hereje, auctorisava a confiscação de bens, e a exhumação e queima do cadaver!

E tudo isto em nome da religião do generoso Christo, todo perdão e justiça!

Tambem simulavam caridade as disposições das referidas leis. Até os reis eram obrigados a dispor de parte dos bens confiscados a favor dos filhos dos justiçados. E as pobres creanças eram recolhidas no seio de familias intolerantes, que, a todo o momento, ou as ensinavam a praticar a intolerancia, ou a odiarem a memoria dos paes!

Quando recordamos este passado ignobil é que admiramos aquelle clarão immenso da Revolução franceza! Que sangrenta maravilha!

E a hypocrisia ia até o ponto de libertar os escravos dos confessados, sem confiscação!

Já que não podiam confiscar-lhes os bens, destruiam-lh'os... E que liberdade, a d'esses escravos, no tempo em que só escravos havia, até sentindo o azorrague na consciencia!

Como preceito mais hypocrita, tambem se determinava que os inquisidores não recebessem presentes. Que medo de corrupção!

Para que receberiam presentes os que tudo roubavam?

E os herejes, ou confessos, punidos com maior generosidade, eram condemnados a andar, em público, com o sambenito, assistindo com elle á missa cantada em todos os dias festivos!

Nas procissões não faltavam esses desgraçados com a ridicula decoração, atraz das imagens de Jesus e da Virgem — de Jesus, que derruiu o templo; da Virgem, que chorou o martyrio de seu filho!

E assim a Inquisição, inventada para fazer a unidade catholica da Hespanha, provocou as guerras civis de Granada, de Valencia e de Flandres, que tanto concorreram para a desgraça d'aquelles reinos!

Que nos perdôe o jesuita Mariana esta condemnação, em nome das conquistas do seculo XIX.

Que nos perdôem os jesuitas d'este seculo, que ainda andam soprando os odios de raça e de religião.

Não deixemos que o futuro seja espelho do passado.

Façamos a historia, mas não resuscitemos os factos.

Nega-se ás vezes a penna a contar o que então se passou! Armados com taes éditos, os inquisidores exerceram os seus poderes com um requinte de maldade em que difficilmente se acredita.

Ficou escripta, e estão nos archivos os documentos que a justificam, a historia d'essa época sombria, em que se commetteram as mais ferinas atrocidades!

Como uma grande mancha d'azeite, alastrou a Inquisição em toda a Hespanha.

Hesita-se em escolher o ponto onde ella mais se affirmou, perseguindo herejes, que são innocentes, e até innocentes da heresia!

O reino de Aragão veiu engrossar prodigamente a obra inquisitorial, e, para mostrar a sua fôrça e independencia, ao mesmo tempo que sacrificava a gente miseravel e anonyma, que se perdia nos seus terriveis recenseamentos, voava, como vampiro arrojado, a cobiçar e a prender, nas suas garras immensas, pessoas das mais gradas, a quem nem a real influencia podia servir de escudo.

Aragão offereceu mais resistencia ao desenvolvimento da Inquisição. O confisco de bens não podia realisar-se. A nobreza de Aragão provinha quasi toda de antigos christãos-novos, sacrificados no Santo Officio.

O decreto de abril de 1484, de Fernando V, reformando o tribunal, por indicação de Torquemada, explodiu entre essa nobreza, que appellou para Roma com toda a energia.

Torquemada não deu tempo a que as reclamações fructificassem, e nomeou inquisidores frei Gaspar Juglar e o dr. Pedro Arbués, o grande bandido, que Roma beatificou, quando Satanaz tinha direito a chamar-lhe creatura do inferno!

Juglar era religioso dominicano, e Arbués conego da egreja metropolitana.

Todas as auctoridades aragonezas, inclusivé o justiceiro-mór, em 19 de setembro, juraram obediencia. Mas a conspiração não parou. Partiram para Roma e dirigiram-se aos reis catholicos os delegados de Aragão protestando contra as leis iniquas.

Entre os reclamantes figuravam Luiz Gonzalez, secretario do rei, Philippe Clemente, protonotario, Affonso de la Caballeria, vice-chanceller, e Gabriel Sanchez, thesoureiro-mór, todos filhos de judeus que já se tinham enlaçado nas casas mais nobres do Aragão.

Juglar e Arbués arrecearam-se do protesto e desenvolveram a maxima actividade. Entenderam-se com o vigario-geral de Saragoça, João de Gomedes, e condemnaram numerosos christãos-novos, que foram queimados em diversos autos de fé.

O Papa e o rei não deram solução á pretenção dos fidalgos ameaçados, e estes resolveram fazer justiça por suas mãos.

N'essa conspiração figuraram principalmente Sancho Paternoy, João Abbadia e D. Vasco de Aragão, senhor de Sástago. Quotisaram-se os descendentes de judeus e entregaram a D. Vasco dez mil soldos, destinados a gratificar o assassino de Pedro Arbués. Andava cheio de medo, embora sem remorsos, o terrivel inquisidor, que todos os dias vestia cotta de malha, por baixo do hábito, e um casco de ferro por baixo do barrete.

Em 15 de setembro de 1585, Arbués estava rezando na cathedral, quando João Esperandeo lhe vibrou uma punhalada n'um braço, e, em seguida, Vidal de Oranso outra na cabeça, e que deu a morte ao tyranno vinte e quatro horas depois.

A reacção foi tremenda! O povo, o povo! o grande martyr da Inquisição, levantou-se contra os christãos-novos! Os reis catholicos aproveitaram o ensejo para consolidar o Santo Officio!

O assassinado começou a ganhar a aureola de martyr, e, como as suas victimas não podiam bradar, e os seus cumplices o beatificavam, foi-lhe erigido um grande jazigo!

N'esse jazigo, que foi inaugurado em 8 de dezembro de 1487, fez-se a seguinte inscripção, que é a synthese da outra esculpida na estatua de Pedro d'Epila:

«Quem descança n'este sepulcro? Uma segunda pedra fortissima, cuja virtude afasta de si todos os judeus; pois o sacerdote Pedro é a pedra fortissima sobre a qual Deus edificou a obra da Inquisição. O feliz Saragoça! Alegra-te de teres aqui o que é gloria dos martyres. E vós, ó judeus! fugi d'aqui, fugi prestes, porque a pedra preciosa do jacintho tem a virtude de afugentar a peste.»

Começou então a vingança tetrica, horrivel!

N'um pequeno esfôrço prenderam os esbirros mais de duzentas victimas! Todos os judeus e christãos-novos, ou descendentes d'estes, foram

considerados cumplices de homicidio. Foi rara a familia de Saragoça que não teve uma pessoa a figurar nos autos de fé!

Dar fuga ou hospitalidade a algum fugitivo era crime que merecia a fogueira.

Foram condemnadas as melhores figuras saragoçanas! Entre ellas a de D. Jayme Armandariz, senhor de Cadreita, cavalleiro de Navarra e progenitor dos duques de Albuquerque, que foi penitenciado por ter recebido, uma noite, em sua casa, Garcia de Moros e Gaspar de Santa Cruz, que fugiam de Saragoça.

Por haverem, em Tudella, soccorrido o fugitivo João Pedro Sanchez, tiveram egual sorte Fernando de Montesa, João de Magallon, Guilherme Forbas, João Vasquez, Martinho de Aguas, e outros.

Tambem vestiu o sambenito o infante de Navarra, por causa dos fugitivos de Aragão! E outros, e outros, como D. Lopez de Urrea, primeiro conde de Aranda, D. Vasco de Aragão, a quem já nos referimos, D. Pedro Urries, Beatriz Santângel, mulher do senhor de Sisamon, Luiz Gonzalez, o secretario-geral, Hilaria Ram, mulher de Affonso Liñan, todos os conspiradores que indicámos e numerosos cavalleiros illustres de Tarragona, Saragoça, Calataynd, Barbastro e Huesca!

João Pedro de Sanchez e Antonio Agustin foram queimados em estatua. Agustin era pae do arcebispo de Tarragona e sogro do duque de Cardona, e foi mais tarde chanceller d'Aragão!

Entre tantas crueldades, resalta a penitencia imposta ao filho de Gaspar de Santa Cruz, que havia fugido para Tolosa. Como tivesse auxiliado a fuga de seu pae, foi prêso, e foi de sambenito levar, aos dominicanos de Tolosa, a sentença que condemnava seu pae, já então fallecido.

O pobre moço foi compellido a requerer a exhumação do cadaver e a fazel-o queimar, e a levar depois a Saragoça a certidão passada pelos inquisidores de que fôra cumprida a sentença.

Os assassinos do perfido e fanatico Arbués, que o romance de Fereal fez morrer assassinado por uma mulher, foram arrastados pelas ruas, com as mãos decepadas, enforcados depois, esquartejados, e afinal fazendo-se exposição d'esses sangrentos despojos em alta estacaria na via pública!

João de Abadia encontrou no suicidio a isenção de taes martyrios!

E' interessante uma nota que algures encontrámos a respeito das prisões realisadas e sentenças executadas até 1488.

N'essa data, diz um historiador hespanhol, já tinham sido verificadas as prisões de mais de *cento e quatorze mil e quatrocentas victimas*, que representam outras tantas familias, compostas de *quinhentas mil* pessoas! N'essa data já haviam sido queimados *dez mil duzentos e vinte*, em pes-

soa, e *seis mil oitocentos e sessenta,* em effigie, por terem fugido, e condemnados *noventa e sete mil tresentas e vinte uma* a diversas penitencias, ao sambenito, a prisão temporaria ou perpétua, e a confiscação de bens!

Por isso os padres e os reis de Hespanha encontraram tão grandes resistencias para radicar, nas diversas provincias de seus reinos, o tribunal da Inquisição...

Em Teruel, depois de graves resistencias, a victoria da religiosa tyrannia só foi decretada em 1485; em Valencia, os cavalleiros e senhores de vassallos luctavam com egual denodo; em Lérida, Fernando V só triumphou em 1487; Barcelona, embora ludibriada, por não querer um inquisidor especial, e Roma ter nomeado especial, o geral Torquemada, só foi vencida no fim d'esse anno; Maiorca aguentou-se até 1490; a Sardenha foi mais longe — cahiu em 1492, e a Sicilia só muito mais tarde!

A Hespanha resistiu quanto pôde, mas os joelhos da realeza e do clero cahiram-lhe sobre o peito e esmagaram-na.

Ao findar o seculo xv, em todos os cantos dos reinos unidos da Hespanha ardiam as piras inquisitoriaes.

Era o clarão d'essas immensas fogueiras que estava illuminando o céo de Portugal n'esses dias em que reinou D. Manuel, tendo tido a seu lado, e sob o docel do seu throno, cada uma no seu periodo de caricias e suggestões, tres formosas e fanaticas princezas de Castella!

O reflexo da Hespanha ameaçava a todo momento incendiar a terra portugueza!

Para que se possa avaliar quanto eram summariamente processadas as victimas da Inquisição, bastará repetir o que algures cita um escriptor que viu em Saragoça os processos de mais de tresentas pessoas accusadas de auctoras, ou cumplices, no assassinio de Pedro Arbués. Esses processos não gastavam, cada um, mais de quarenta quartos de folha! E em tão pouco espaço se continham a delação, o mandado de captura, a confissão do réo, a accusação do relator, a resposta verbal do prêso e a sentença!

A's leis de Torquemada, Deza accrescentou algumas.

Uma amostra:

Quando alguem abjurasse, como suspeito vehemente, promettesse não se reunir com herejes, perseguil-os quanto pudesse, delatal-os á Inquisição e cumprir a sua penitencia, consentindo que o castigassem como relapso, se faltasse a ella!

Convém notar que o relapso era condemnado ás chammas, ainda que se arrependesse.

Na *Chronica dos Reis Catholicos* e nos *Illustres Varões de Castella* ha pormenores interessantes sobre as reclamações contrárias a tão iniqua legislação, apresentadas por Fernando del Pulgar e dirigidas ao cardeal Mendoza, arcebispo de Sevilha.

Houve um momento, n'esta lugubre historia da inquisição hespanhola, em que, havendo cançaço na mortandade de judeus, se organisou e estimulou a vingança nos judeus contra os christãos-velhos e novos.

Custa a acreditar, mas é verdade! Basta recordar o que se passou em Toledo, em 1485.

Os judeus rabbinos da synagoga d'aquella cidade foram obrigados a jurar, juramento feito em harmonia com a lei de Moisés, que dariam noticias de todas as pessoas que soubessem professar o judaismo depois de receberem o baptismo, ameaçando-os com diversas penas, e entre ellas a de morte, ordenando-lhes, além d'isso, lançar nas synagogas excommunhão, segundo o rito mosaico, contra os que não delatassem o que soubessem sobre o assumpto.

A essas vinganças dos judeus corresponderam tantas perseguições que, em 13 de fevereiro de 1486, se celebrou um auto de fé, em que figuraram setecentas e cincoenta pessoas, homens e mulheres, reconciliados em sentença publica, descalças e com vélas na mão, e nuas!

No meio de grande multidão, no caminho para a cathedral, os desgraçados choravam de vergonha...

A maré foi subindo: em 2 d'abril, isto é, dois mezes depois, houve novo auto de fé — novecentos condemnados! Em 7 de maio outro com setecentos e cincoenta! em 16 d'agosto foram queimados vinte e cinco e, logo no dia seguinte, dois ecclesiasticos; e assim a seguir até 10 de dezembro, em que foram penitenciados novecentos christãos-novos, e velhos! Temos, pois, em Toledo, n'um anno, um balanço de 27 queimados e 3:000 penitenciados. Tudo isto julgado e executado apenas por dois juizes, ou inquisidores!

Sevilha, em actividade, não ficava atraz de Toledo. Note-se que, em 1481, diz Mariana, alli foram queimadas 2:000 pessoas, além d'outras tantas em effigie — e dezesete mil penitenciados!

Vinte e um mil processos em um anno! Que velocidade de cartorios!

Felizmente, a 16 de setembro de 1498, a Hespanha libertou-se da maldade de Torquemada. Triste foi a missão d'este religioso assassino. A sua memoria ainda hoje causa a mais profunda repugnancia.

Hypocrita, como Judas, fanatico, brutal, sanguinario, passou a sua torpissima vida arrancando vidas e atormentando consciencias.

Só admira que os punhaes que abriram o craneo de Arbués não

tivessem tambem vingado tanta innocencia perseguida, tanta dôr, tanto luctо! Encheu, aquelle sicario, o mundo de viuvas e de orphãos!

Bastará citar estes terriveis algarismos, arrancados ao registo da inquisição hespanhola, e ao rol dos seus feitos na sua hedionda biographia!

Emquanto foi inquisidor-geral, aquelle heroe da fé catholica fez morrer nas chammas do Santo Officio 10:220 individuos?

E até se comprazia em queimar as effigies de 4:840 das pessoas que perseguia e lhe escaparam! A *pequenas penalidades,* por exemplo: infamia, privação de empregos e penitencia pública, uma insignificancia... apenas 97:321!

A obra gloriosa d'este illustre varão pode ficar inventariada em 114:401 familias desgraçadas, perdidas, espoliadas de bens, de esperanças e de crenças!

O medo rodeava este senhor da Hespanha de cincoenta cavalleiros e duzentos infantes, que sempre o acompanhavam nas suas viagens e lhe guardavam a mesa e a alcôva!

Ficou-lhe devendo a Hespanha o abandôno das suas officinas e dos seus campos.

As chammas lambiam mais que os corpos dos condemnados, os productos da industria, os fructos dos pomares, as searas e os vinhedos! E das cinzas, sempre quentes, surgiam a miseria e a fome, as sinistras companheiras de uma sociedade escrava e perseguida!

As façanhas de Deza, successor de Torquemada, foram dignas do seu antecessor. Oito annos apenas exerceu elle o logar de inquisidor-geral, e, tão bem aproveitou vontade e tempo, que levou para a sepultura a gloria de ter queimado 2:592, em estatua 846, simplesmente penitenciadas 34:958 pessoas! Total: 38:440 victimas!!!

Que esplendida bagagem para a eternidade!

Quantos volumes se poderiam escrever sobre esta terrivel instituição!

Os escandalos de Lucero, as conspirações dos bispos, e as reacções esmagadas, são um montão de tragedias das mais violentas situações.

Entre os processos notaveis pullulam as maiores iniquidades!

A Inquisição provocou, afinal, tantas resistencias que a sua acção foi cada vez mais avigorando-se com a ferocidade.

Pode-se citar, ao acaso, qualquer dos episodios que a Historia refere, que todos elles repugnam aos costumes tolerantes e brandos dos nossos dias.

Só aquelle estupendo tribunal ousaria condemnar, por causa de attenuantes, á *simples* pena de carcere perpétuo e confiscação de bens, a célebre octogenaria Blanquina, viuva de Gonçalo Ruiz, perseguida pelos inquisidores de Valencia!

A causa allegada n'este processo foi haver a pobre dama, sempre tida como boa catholica, praticado, *quando moça,* actos suspeitos de judaismo!

A causa verdadeira foi a cobiça que a sua grande fortuna despertara... tão grande que, graças a ella, acudiram á infeliz o rei Carlos V e o Papa Leão X!

Os herdeiros tanto prometteram e tanto deram, que Blanquina foi declarada levemente suspeita e absolvida, *ad cautelam,* sem sambenito.

A confiscação foi feita por corrupção e abortou por sentença!

Um velho, Pedro Fernandez, com 70 annos de edade, passou por muito tempo no carcere, soffreu torturas, teve penitencia e foi, afinal, condemnado a pagar alguns ducados, só porque uma mulher disse que elle comia toucinho!

Era rico e d'isso tinha fama em Valladolid.

Foi o bastante.

Em Murcia, morreu, atormentado nos carceres secretos, um mouro, porque fôra surprehendido a ler livros arabes da seita de Mahomet!

Em Granada, sobre o estrado em chammas, morreu, abraçada a duas filhas, uma cigana, cujas lagrimas tanto *commoveram* os inquisidores, que lhes fizeram a graça de as queimar juntas!...

Em Sevilha, ao subir o cadafalso, uma christã-nova foi assaltada pelas dôres de parto. Retirada da praça por alguns momentos, voltou de novo, amparada, e com sambenito e samarra, a collocar-se no poste e a esperar as chammas!!!

N'um auto de fé, em Toledo, em 1486, foram queimadas, á vista umas das outras, cinco pessoas de uma só familia!

Muitos dos condemnados eram conduzidos em carros até o cadafalso, por causa dos estragos feitos pelas torturas. Só depois de bem amarrados ao poste da fogueira, desenrolavam o corpo, coberto de chagas e de mutilações!

As raparigas formosas deixavam mais tempo expostas, e lançavam-lhes o fogo com mais lentidão!

Desgraçada época; maldita gente!

Desde a perseguição dos judeus até a expulsão dos mouros, desde os reis catholicos até o *Demonio do meio-dia,* a lucta foi constante até chegar o momento em que, á fôrça de martyrios, se realisou a unidade religiosa na Hespanha.

Foi então, no desabar das synagogas e mesquitas, que as terras de Hespanha mais se coalharam de conventos.

N'esse piedoso seculo XVI chegou a haver em Hespanha nove mil conventos, com mais de noventa mil frades, trinta e quatro mil freiras, e

duzentos mil individuos pertencentes á Egreja, e que eram de todas as classes e categorias!

Por isso a população baixou a seis milhões, ella que attingira quinze milhões antes da expulsão dos mouros! No bispado de Calahorra, com sessenta mil habitantes, chegou a existir quatorze mil clerigos! Sevilha excedia em gente sagrada a prodigalidade de Calahorra, e em nove mil casas, com que se enriquecia, sete mil pertenciam a conventos e egrejas.

A Inquisição deu todos estes bellos resultados: o deserto nos campos e nas cidades, a fome, as luctas civis, a perda da marinha, do exercito, de Napoles, da Sardenha, da Sicilia e dos Paizes-Baixos!

Parecia que Deus, irritado com tantos crimes e vergonhas, se resolvera a castigar tanta fereza e iniquidade!

Foi por este caminho que irrompeu a heresia entre o clero, e a consciencia humana começou a revoltar-se fazendo a critica dos costumes e da moral.

Sopravam com mais fôrça os catholicos orthodoxos da Hespanha as fogueiras da sua vingança.

Morreram, então, os martyres da reforma com o mesmo estoicismo com que tinham morrido os martyres da religião christã.

A Hespanha fazia-se precursora da Allemanha, e as criticas de Francisco de Osuna e de Paulo de Leão evidenciavam a corrupção dos servidores da Egreja e preparavam o espirito público para a reforma lutherana.

Juan Valdés e Rodrigo Valero desprezaram a bulla de Adriano VI, e cuspiram, desdenhosos, nas fogueiras em que morreram.

Philippe II assiste ás execuções de Carlos de Sesa e de Domingos de Rojas; mas nada d'isso pode já deter a carreira.

O pensamento habituou-se ao fogo, e n'elle se alentou, luctou e venceu!

XII

Phenix

Vimos, n'um rapido golpe de vista, a inquisição hespanhola nos principaes centros da sua funebre acção.

Contámos as vespas, as abelhas, que andavam zumbindo, com o seu ferrão venenoso em volta d'uma sociedade assustada e afflicta; resta-nos entrar no cortiço, e ahi, envoltos nas trévas d'essa immensa officina, apreciar esse trabalho mysterioso e diabolico.

Temos deante de nós, n'uma das ruas de Sevilha, o Palacio da Fé, onde se estabelecera o tribunal do Santo Officio, com as suas cavernas e as suas torres, isto é, com os seus mysteriosos subterraneos e os seus altos respiradouros!

Não era um palacio, nem um mosteiro; devemos adivinhal-o, já que não temos vestigios da sua antiga architectura, como edificio mais pesado, mais triste e mais forte que os mais velhos alcáceres e castellos do seculo xv. Um pouco de convento, muito de fortaleza, mais ainda — um grande morro de muralhas altaneiras, a defender-se no seio d'uma cidade das ondas populares, como os grandes rochedos debruçados sobre o Oceano defendem a terra das ondas do mar.

Castello sem ameias, muralhas sem setteiras, egreja sem fachada, alcacer sem gelosias e sem luz, ôco rochedo onde os acoutes de vendaval faziam écho prolongado e sinistro!

Mal se distingue por onde se entra, e, ao descobrir-se-lhe a entrada, se julga vêr a bôcca d'uma caverna, onde se açoutam vampiros noctivagos, de olhos redondos, bicos grandes, e aduncos, azas pesadas e cahidas...

E percebe-se que aquellas muralhas ennegrecidas, apesar da sua firmeza e rigidez, por cada mortal que as transponha, dilatam e contrahem tão rapidamente a pedra, e a alvenaria que as forma, como se tivesse n'essa abertura de abysmo um esphincter da mais prodigiosa elasticidade.

Se mal se comprehende como se pode penetrar n'aquelle muro sombrio, nem se acredita que possa d'elle sahir quem o tiver transposto!

Era aquella uma das velhas bastilhas do mundo nos tempos triumphaes da tyrannia, que os seculos e as revoluções fizeram desabar, como se a civillsação se tornasse incompativel com ellas.

Entalham-lhe o frontispicio filetes de largo bojo, como supportes de mais delgada muralha, e que ainda mais partem, com sombras verticaes, o rosto d'estes brutaes monumentos. Uns restos de velho gôsto mourisco manteem a grande altura, e já na segunda muralha, que parece sahir da primeira, laçarias quasi desfeitas em ogivas tapadas com grosseiros betumes. Os velhos estylos amontoavam-se, trepando desordenadamente por aquella ignobil fachada, como se o Palacio da Inquisição tivesse sido feito dos detritos de civilisações perdidas.

Lá em cima, e nos rebordos dentados, cresciam e se enredavam hervas, que se debruçavam e descahiam em cachos, que, de dia, pareciam limos a escorrer d'um pantano, e á noite frades pendurados a fugir do covil!

Aqui e alli rebentavam chaminés de forma conica, como os barretes dos villões, e elevando-se, muito acima d'ellas, uma torre quadrangular, com o feitio de atalaia, vigiando a açotéa immensa que rematava o edificio.

Nivela-se com a rua o portão da entrada, para dar accesso aos frades de sandalias e aos machos de borzeguins, e a grade de grandes varões de ferro mal se avista no fundo da afunilada abertura, em arcadas ennegrecidas, feita na parte mais saliente do bojo da fortaleza.

A' flor da rua, sobre a arcada maior e illuminada por uma lampada, espalma-se uma grande cruz, sem imagem, liza, negra!

Das excrescencias dos muros, das hervas do terraço, das ogivas esburacadas, e até dos braços da cruz, saem, ao principio da noite, morcegos aos bandos, que volteiam ao redor da lampada baloução̧ante.

Os esbirros, com a côr dos morcegos, a um e um, surgem, a todo momento, da escura garganta; munidos de lanterna a bater-lhes no hábito, saem e entram os frades dominicanos.

Por vezes, e sem ser presentido, pára em frente do portal o carro dos captivos, e, como succede á entrada d'um formigueiro, quando algumas formigas arrastam até lá algum insecto morto, uma multidão de gente, negra como a noite, aflue a ver e a transportar a prêsa recemchegada.

Andam lanceiros bem equipados a rondar os cunhaes, e dois, postados ao lado do feio portal, tão firmes e defendidos fazem sentinella, que parecem simples armaduras vazias a decorar o portico d'um castello.

Uma noite, pouco tempo depois da viagem que fizemos da Coimbra

portugueza até Alcantara hespanhola, havia junto do Palacio da Fé excepcional movimento e animação.

Apesar de já ter o sereno annunciado as doze da noite e da chuva miuda que cahia, fora do portal havia um trôço de frades, munidos de lanternas, e os esbirros andavam mais assiduos nas esquinas das ruas proximas.

A direita do edificio, cincoenta cavalleiros, postados em fileira, sustinham os seus cavallos inquietos e rinchões, e, á esquerda, duzentos infantes, com as lanças firmadas na terra, pareciam esperar alguem, aguardar qualquer acontecimento.

Guarda tão luzida era indicio seguro de que o inquisidor-geral, o poderoso Deza, o successor do Torquemada, viera a Sevilha e estava demorado no seu paço ecclesiastico.

Negocio grave devia ser o d'aquella noite para que Sevilha tivesse tão honrosa visita!

O povo, a distancia, fazia alas, encostando-se á casaria.

Em frente da Inquisição era grande a clareira. Entre a gente d'armas ardiam alguns archotes.

— Temos obra de monta, observava um popular mettido entre duas mulheres trepadas n'um degráu. Deza a fazer serão é que tem bonitas historias a contar...

— Que ouviu dizer a este respeito, D. José?

— Pouco, ou quasi nada. É grande o mysterio, e tem sido bem guardado.

— O meu Paco, accrescentou a outra, ouviu esta manhã, á serva de um familiar, que se trata... Ora, como disse elle? É um nome muito exquisito... Que se trata...

— Ora, muito obrigado, senhorita Manuela, assim ficamos na mesma.

— Eu não me lembro do nome; mas sei o que quer dizer — um christão-novo relaxado em carne, executado em effigie, e que agora o Santo Officio houve ás mãos, com as melhores artes.

— Ah, n'esse caso já sei; trata-se de um parvo, que, tendo fugido da fogueira, veiu novamente procural-a. O seu Paco devia ter dito que se tratava de uma borboleta...

— É isso, é, mas não foi borboleta que elle disse. Elle explicou-me — era um nome que se dá ao relaxado que sae das cinzas da sua effigie.

— Ah! já sei—é uma *Phenix*. É verdade que em Murcia se dá esse nome aos que veem offerecer o corpo á fogueira que lhe queimou o espantalho.

— Alli, em baixo, disseram-me que viera hontem de Portugal um judeu entregue pelo rei de lá.

— Isso não pode ser. Ha quanto tempo estão elles a fugir para França e para Portugal, e por lá se ficam, por muitos annos e bons!...

— Olhe, D. José, de Sevilha não é elle, e, se fôsse, não se fazia este extendal todo. Tanto luxo para receber um condemnado, é signal de que a prêsa é graúda, e que os trunfos lhe andaram na pista com esbirros emplumados.

— Provavelmente, explicou com ar de importancia D. José, os agentes hespanhoes, espalhados no extrangeiro, deitaram-lhe a mão e trouxeram-n'o á fronteira. Meu cunhado já andou n'essa empresa, mandado por D. Fernando e tolerado por D. Manuel...

— Mas isso foi n'outro tempo, acudiu a mulher.

E, depois, muito em segredo, ao ouvido da companheira:

— O meu genro fugiu para o Algarve, e ainda o não apanharam.

— Fie-se n'essa. Tomara eu salvar-me tantas vezes do Santo Officio, quantas, com decretos ou sem decretos, os esbirros hespanhoes teem apanhado pelas orelhas, até mesmo em Lisboa, judeus fugidos d'aqui, e os trazem roubados.

— Olhe, D. José, lá vem o borzeguim, e traz peixe...

Effectivamente, o borzeguim deslizou na praça e foi parar á porta do Santo Officio.

Os conductores abriram a portinhola do carro.

Approximaram-se algumas lanternas.

Dois esbirros puxaram por um homem, que estava amarrado, de pés e mãos, como se puxassem por um cadaver.

Um frade chamou seis lanceiros, infantes, que se collocaram junto do carro.

— Desatem-lhe as pernas, e levantem-no, disse o frade.

Assim se fez, e o prêso foi posto de pé, mas teria cahido se o não tivessem amparado.

O desgraçado, depois de algumas tentativas, não podendo servir-se dos braços, que continuavam presos, nem das pernas inchadas e trôpegas, cahiu de joelhos junto das rodas do borzeguim.

O frade approximou-lhe do rosto a lanterna que tinha na mão.

O prêso estava pallido e tinha os olhos fechados.

Era o martyrio, era a vergonha, era a cólera?

Era tudo junto.

— Levanta-te, disse o frade.

— Não posso, respondeu, a meia voz, o condemnado.

— Bem, replicou a negra personagem, voltando a examinar o desfallecido. Se te desligarmos os braços, poderás mover-te?

—Talvez...

— E promettes obedecer?...

— Prometto...

— Pela tua fé?

— Pela minha honra.

— Desliguem os braços d'esse homem, e, ao primeiro movimento hostil que elle fizer, que seis lanças o atravessem.

Os esbirros deslaçaram as correias que cingiam o tronco do infeliz, que soltou um suspiro ao espreguiçar os braços, evidentemente com difficuldade e dôr.

Quantas dôres, por parecerem as ultimas, consolam como se fôssem um prazer!

Com um pequeno auxilio, a victima ergueu-se, incerta, cambaleante, como se a açoutasse o vento da morte...

— És Jacob Adibe? perguntou o frade.

— Sou.

E Jacob continuava com os olhos cerrados.

— Por que não abres os olhos? Estás cego?

— Não; não quero olhar para não vêr.

— E's cobarde?

— Não; fujo de olhar para elles.

— O olhar não mata; estamos habituados ao fusilar de grandes cóleras. Temos o fogo que apaga esses raios irados e orgulhosos.

— Dize antes o gêlo, que vem do cynismo e da deshumanidade.

— Deixa-te de aggravantes, que a pena não pode ser excedida. Abre os olhos, Jacob, que tens de caminhar sem guia.

Jacob obedeceu, sem mesmo saber que estava obedecendo. O seu olhar faiscava do fundo das orbitas roxeadas. Jacob viu a scena, que era lugubre, mas não viu o rosto dos homens que o ameaçavam. Os frades tinham os capuzes descahidos sobre os olhos...

— Para onde me levam? perguntou elle, fitando o portal, ou antes a grande mancha na muralha de tijolo.

— Segue em frente, lhe disse uma voz.

Jacob extendeu os braços e penetrou na escuridão.

Alguns frades o seguiram. Ouviu-se o ranger d'um ferrolho pesado, e depois o bater d'uma grade...

As torres, que se erguiam nas extremidades do edificio, pareciam debruçar-se para verem a scena.

O borzeguim volteou novamente e desappareceu n'uma das esquinas das ruas. O povo foi afastado pelos esbirros, apagaram-se os archotes en-

tre a guarda, voltaram ao seu giro as sentinellas, e os morcegos continuaram a bater com as azas nos vidros do lampeão. Persistia a chuva cahindo miudinha, e, ao longe, ouvia-se a voz do sereno, annunciando o primeiro quarto de hora, depois da meia noite...

*

Jacob atravessou uma longa abobada, illuminada, apenas, com algumas lanternas, a grande distancia umas das outras. Fizeram-no subir uma escadaria, com degráus muito altos e irregulares. N'este trajecto, o christão-novo observou que, pela galeria e pela escada, em cada arco da abobada e em cada patamar, havia um grande crucifixo, ou pintado, ou em relêvo.

No primeiro pavimento a que subiu, depois de lhe terem afastado um immenso reposteiro preto, onde sobresahia a figura de uma caveira coroando dois fémures, Jacob entrou n'um vasto salão, onde ardiam muitas tochas de cera, e de cujo tecto pendiam pesados lampeões. O salão tinha o aspecto de um côro de egreja, por causa da disposição dos coxins com espaldares que o enchiam em filas lateraes. Ao fundo, sobre um estrado e n'uma alta cadeira dourada com estofo carmezim, estava o inquisidor Deza, com o habito da ordem, distinguindo-se apenas dos outros frades por ter na cabeça um capello, quadricorne.

Deza tinha a apparencia de um modesto prégador sagrado dos nossos dias, ou de um austero juiz dos tribunaes superiores da Inglaterra. Corpo delgado, rosto sêcco e pallido, cabeça pendida, mãos em beatifica posição.

Ao lado do inquisidor, e de pé, montões de monges, fazendo-lhe côrte, e a distancia, perfilados junto das paredes, fila de familiares, de mãos escondidas nos habitos, e altos capuzes na cabeça com máscaras negras, que consistiam apenas n'um toldo cahido, de panno preto, aberturas nos logares dos olhos e da bôcca...

Jacob, ladeado por dois esbirros, parou a meio do salão.

Com os braços cruzados, a cabeça pendida, o prisioneiro parecia indifferente a tudo que o cercava.

À direita d'este tribunal e sentado a uma mesa forrada de tecido vermelho, um empregado, com ridiculos atavios e com a penna d'ave mettida na orelha, dispunha-se a escrever...

Deza quebrou o profundo silencio que reinava n'aquella assembléa, levantando-se:

— Em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo, agradeçamos a

Jacob parou a meio do salão

Jesus Christo o serviço prestado á Santa Egreja Catholica Apostolica Romana, permittindo que á justiça do Santo Officio não pudesse esquivar-se um inimigo da fé, que, volvendo ás nossas mãos, poderá remir a sua alma, e morrer na graça do Senhor, como é mistér. Que a luz da Divina Providencia illumine este judeu apóstata e relapso, e afugente de seu espirito o genio das trevas.

— *Amen* — respondeu em côro toda a funebre assembléa.

— Jacob Adibe, continuou Deza, depois de ter feito tres vezes o signal da cruz, este santo tribunal, a que presido, tanto zela o prestigio da religião, quanto os interesses politicos dos estados catholicos do mundo. São estreitas e amigas as relações que entre si manteem os reis de Hespanha e o de Portugal... A tua presença aqui importaria uma violação dos tratados, se el-rei de Castella tivesse violado o direito de asylo, ou agentes da justiça de Castella, ou de Aragão, tivessem exercido os poderes da sua alçada em terras portuguezas. Vaes, pois, responder, pela fé em Jesus, ou em Moisés, se é ou não verdade teres sido aprisionado em terras da nossa jurisdicção.

Jacob ergueu a cabeça, fitou o inquisidor, e perguntou serenamente:

— Quando deverei morrer? E' isso o que me importa.

— E a nós o que menos interessa. Repito-te a pergunta: Sabes que o acto temerario que praticaste significa a tua entrega voluntaria á justiça da Egreja?

— Sei que fui victima d'uma vil traição do vosso e do meu rei, e que, emquanto eu viver, amaldiçoarei, de todo o coração, a cobardia de Manuel I, e a ferocidade de Fernando V, envolvendo na minha maldição, a vossa hypocrisia, que profana a majestade de Deus e suja a dignidade dos homens.

— Onde foste prêso? disse Deza, como se não tivesse ouvido a resposta de Jacob, e depois de impôr silencio ao murmurio levantado pelos frades.

— Em Lorvão.

— E quando? quando vos prendeu o Santo Officio?

— No dia em que a traição d'um rei me entregou á vingança d'um frade.

— E' certo teres fugido do castello de Coimbra?

— Não fugi, enxotaram-me, para me prenderem no laço da liberdade.

— Essa liberdade era sincera até a linha da fronteira. Por que a ultrapassaste?

— Porque me disseram que uma mulher, que eu amo, a transpuzera antes de mim.

— Quem vos mentiu, Jacob?

— O odio!

— E como se chama essa mulher?

— Amor!

— Estás, então, no proposito de não responder ao Santo Officio, que não admitte segredos em quem julga e condemna?

— Ides matar-me — abri-me depois o coração.

— E' certo que estás condemnado á morte; mas repara: a pena maior traz a morte, mas ha outras que trazem a vida a morrer. Pede a Deus conselho, serve a Egreja e a justiça, e salva a tua alma, desgraçado.

— Não me insulteis com a vossa piedade...

— Pela ultima vez: queres responder? Cumpre-me ajudar o Santo Officio a castigar os herejes e a rehaver os fugitivos. Se tal fizeres, poderei recommendar-te á compaixão do tribunal.

— Qual é o premio que offerecereis á villania?

— Se prestares serviços á Egreja, poderás morrer com a consciencia tranquilla e o corpo são...

— E' pouco. A minha consciencia defende-se sem aleives e o meu corpo não troca as chagas, que o esperam, pelas ulceras que vós todos tendes n'alma.

— Renegaste a religião mosaica?

— Baptisei-me na egreja christã.

— E' o mesmo. Mas tens judaisado depois d'isso: ou, pelo menos, tens-te abstido do culto catholico.

— Não vos reconheço o direito de me interrogar. Vencido, resigno-me: eis tudo. Fazei de mim o que puderdes; que o que depender da resistencia da minha vontade não fareis.

— Consolava-me a esperança de te poupar á tortura... não queres?

— Assaz a tenho experimentado, e sinto-me com coragem para arrostar com ella. E já vos previno, a vós todos que me ouvis: se o corpo gemer e o instincto da propria conservação me levar á prática de actos que signifiquem obediencia, pela minha honra vos affirmo que farei restricções mentaes em todos os meus juramentos, desde a primeira dôr que me causardes, até exhalar o ultimo suspiro.

— E, apesar de tanto orgulho e de tanta resistencia, abjuraste, junto dos altares christãos, a fé que teu pae manteve intacta?

— Meu pae é um crente, não é um pensador. Crê em Deus, por causa do seu Deus. E' um sectario, e eu sou um philosopho. A minha divindade reflecte-se em todas as religiões, mas não depende d'ellas. Não confundo o divino com o profano, e as religiões que se convertem em poder tem-

poral, que governam os Estados, exploram fraquezas, espoliam fortunas, ensinam o êrro, contra a natureza e contra o amor; que fazem commercio e industria, decretam a guerra e erguem cadafalsos, não são religiões: são ordenações que veem de poderes intrusos, executadas por bandos de sicarios. Quereis saber se sou judeu ou christão? Respondo-vos, porque tendes as minhas palavras por heresia: sou um homem, e vós sois umas feras.

— Não te levo em conta a injuria, mas vou mandar escrever as heresias. E tenho fé, que estas paredes, que ouviram agora tão damnadas doutrinas, que se triumphassem seriam a perda da humanidade na vida eterna e da Egreja verdadeira n'este mundo, hão de ouvir a vossa conversão e arrependimento.

— Sois demais estupidos e ignorantes para que me convençaes, discutindo commigo sagradas theologias...

— Nem te consentiria que discutisses qualquer dogma. O que Deus revelou está fora do dominio da razão humana...

— Então que quereis? Deus não quiz ainda revelar-me a bondade da vossa obra; e, se vem d'Elle a luz do meu entendimento, eu comprehendo e sei que, em nome de Deus, andaes deshonrando o Céo e a humanidade.

— Vê-se que não és apenas uma prêsa do inferno, mas até um dos seus agentes. Ha reflexos satanicos no teu olhar, e intriga infernal no teu dizer. Em nome de Jesus acceitamos a lucta e havemos de te submetter á piedade.

— Acabemos com isto, disse Jacob com um movimento de hombros, que indicava indifferença, ou desprêzo.

— Disseste que amavas uma mulher. Os impetos do teu caracter annunciam que em ti as paixões devem ser violentas...

— Tendes razão — o meu amor só é comparavel ao meu odio!

— Pois, muito bem. Mantenho as mais bellas esperanças de que o Santo Officio logrará a salvação da tua alma.

— As paixões, quando são nobres, não quebrantam, revigoram a resistencia ao absurdo e ao crime...

— Mas nunca ao reconhecimento das verdades christãs.

— Quereis dizer catholicas?

— Quero dizer que, se tanto fôr preciso, já que teus membros não se atemorisam com as provas a que os expões, já que o teu desamor á vida converte a morte de castigo em premio, a essa mulher que amas confiaremos a tua salvação....

— Não alcanço a ameaça...

— Pois, admira! Por onde andam teus talentos e perspicacia?

— E' que este meio estonteia e embrutece.

— Não tanto; e ides ver. E's indomavel? não te vencem as nossas ameaças? Pois bem. O que não pudermos alcançar com o supplicio, que a mim proprio magôa e compunge, alcançaremos com as supplicas de Sarah.

— Quem pronunciou aqui o nome de Sarah?

— Eu, Deza, o inquisidor-geral dos reinos unidos da Hespanha!

— Sois um cobarde, inquisidor-geral, que ousaes pronunciar, além do nome de Deus, o d'um anjo, que o Céo não mandou á Terra para que o profane algum bandido da vossa laia e especie...

Em toda a sala se levantou um demorado clamor.

Deza ficou tranquillo e mudo, fazendo apenas um gesto ao auditorio para que se acalmasse.

Restabelecido o silencio, Deza ia a continuar o interrogatorio.

Os braços de Jacob tremiam sob as mãos dos esbirros que o estavam segurando.

— O genio do mal revolve-se no teu corpo... Que estragos terá elle feito no teu espirito?! Descobri, ao acaso, ou talvez por inspiração divina, a parte ainda sã do teu coração de homem. Quem sabe? talvez algum resto purificado nas aguas do baptismo... Fundiu-se o gêlo das tuas ironias ao ouvires o nome d'essa mulher... Dizes bem; parece-me que ella é effectivamente um anjo, e será por isso o melhor instrumento para te arrancar a alma perdida dos abysmos do purgatorio... Havemos de encontral-a e trazel-a, para que ella te convença...

Jacob nem sequer escutava tão hypocrito discurso, e procurava, apenas, certificar-se de que a sua razão não começava a vacillar. De repente, pareceu-lhe ouvir a promessa de que lhe trariam Sarah, que viria consolal-o n'aquelle abysmo... Os labios ficaram-lhe immóveis, mas nos olhos brilhou um sorriso — Um sorriso alegre confunde-se com um olhar amoravel.

Deza continuou:

— A tua conversão, Jacob, é uma das mais preciosas para as glorias da Inquisição de Sevilha. Tens fama de lettrado, és rebelde e contumaz. Relaxar-te em carne, queimar-te em estatua, fazer-te resuscitar das cinzas havidas da propria effigie, é tarefa vulgar, e não abona demais nem o zêlo religioso nem a arte de justiça: convencer-te, arrancar-te a abjuração de doutrinas, que, apesar de falsas, podem ser sympathicas, como a máscara do inferno em obras de tentação, será o mais alto serviço com que eu hei de honrar o meu cargo. Eu poderia esmagar-te, desfazer-te, torturar-te o corpo e o espirito, obedecendo a impulsos ruins de

despeito e de vingança. Prohibe-me o Céo que tal faça! A tua abjuração não só salvará a tua alma; salvará tambem a de muitos infelizes que andam a balouçar-se na dúvida sobre os direitos e poderes da Egreja. Jacob, meu filho, abjurarias de todos os teus erros, se a formosa donzella a quem amas te pedisse, para tua e alheia felicidades?...

Jacob não respondeu; estava pensando em Sarah, e calculando quanto lhe seria difficil morrer sem tornar a vêl-a!

— Vamos, Jacob, a esta hora, nos carceres da Inquisição, gemem, e choram, e desfallecem muitos criminosos, por não quererem submetter-se aos conselhos da razão. Poupo-te a esses martyrios, morrerás na graça de Deus, verás Sarah na hora extrema... abjuras?

Jacob continuou mudo... Estava pensando; quanto mais lhe custaria a morte, se a essa hora avistasse o olhar de Sarah...

— Ainda uma vez, Jacob; o tribunal da Inquisição não pode, não deve, não ha de prescindir da tua abjuração. Escrevel-a-has no teu carcere, e, na egreja, deante do sacrario, sobre um estrado, para que todos te vejam, has de lel-a, beijando o crucifixo e os Evangelhos. Se tudo fizeres voluntariamente, verás Sarah, que virá pedir-te antes, ou agradecer-te depois — aliás, definharás incommunicavel no teu carcere, minado pelas saudades!... Só consentiremos que os teus inimigos te visitem e escarneçam...

Jacob parecia sonhar...

Estava pensando:

— Quem sabe se, depois de morto, a minha alma poderá andar no mundo, acariciando e defendendo Sarah?...

— Ainda outra noticia, Jacob, já que vão exgottadas as instancias. Se lograrmos haver ás mãos a pobre Sarah, e já deves saber de que meios nos podemos servir, ella soffrerá, na tua presença, as torturas de que tu desdenhas...

Jacob despertou sobresaltado.

— Que disseste, algoz, que tens o nome de juiz?

— Que Sarah nos será penhor da tua abjuração solenne. Se não cederes, vel-a-has, não matando as tuas saudades, mas morrendo da tua impiedade e obstinação.

Jacob esteve um momento perplexo, como se quizesse certificar-se do que ouvira, e, depois, sacudindo fortemente os braços, fez oscillar os esbirros que o seguravam.

O rosto tingiu-se-lhe de vermelho, como se uma grande onda de sangue lhe tivesse galgado a cabeça e tentado rebentar-lhe nos olhos... Ao segundo esticão soltou os braços, e, quando os esbirros, assustados e pres-

surosos, julgavam que elle ia aggredil-os, viram-n'o soltar um grito e levar as mãos á cabeça... E, como um homem embriagado, trocou as pernas para se equilibrar, e cahiu de bruços, desamparado e ruidosamente...

— Levem-n'o, disse Deza, e sangrem-n'o. Tem sangue e vida que hão de chegar para tudo.

Deza, ao dizer isto, denunciou uma passageira perturbação. Não contava com aquella crise. Podia ser um simples diliquio, mas tambem podia ser a morte. Jacob era novo, forte, sanguineo; a colera perturbava-lhe a circulação... O que teria succedido?

O inquisidor não pôde ficar no seu logar e dirigiu-se a Jacob para o examinar com mais cuidado.

— Está vivo, disse elle, mais tranquillo. E' assim que preciso d'elle. Levem-no para uma das camaras de misericordia, e o physico que o trate com prudencia e zêlo.

Os esbirros levantaram Jacob e levaram-no para fora do salão.

Deza deu por finda a audiencia, e foi, rodeado dos mais elevados officiaes do Santo Officio, recolher-se aos seus aposentos.

— Bem fizestes, monsenhor, lhe disse Pedro Ocaña, que já gosara as honras de inquisidor, empenhando-vos tanto na caça d'esta raposa. E' das mais audaciosas, e não das menos arteiras.

— Acredita, frei Pedro, que são estes os herejes que mais devemos temer. Intelligencia clara, leitura sem escrupulos, ánimo rebelde!... São temiveis! Teem o feitio especial de missionarios... Tenho mais medo da doutrina que deixam que da vida que perdem!

— Na polé, na corda e no carcere temos argumentos que hão de convencel-o...

— Espero isso em Deus, mas não confio demasiado... Que dizes a isto, Frei Rodrigo de Sagarra? Olhae que tendes n'esta empresa ensejo para perder ou firmar o vosso cargo...

— Bem vêdes, monsenhor, que não tenho mingua de vontade. Viva elle, que eu saberei matal-o...

— E' grosseiro esse pensar, frei Rodrigo. Não se trata de João Vives, com publica synagoga... Sabe o povo que os judeus não teem direito á vida... Outra religião não se admitte. E' como uma invasão extrangeira. Moisés não pode dominar em terras catholicas de Hespanha...

— Poderemos proclamal-o possesso, observou frei Bernardo de Santa Maria, inquisidor effectivo de 1484, nomeado pelo Papa, e que conservava as honras de auxiliar.

— Ainda te resentes, meu velho, da antiga camaradagem de Torquemada. Vão mudando os tempos. Pois não vês que, se ainda ha milhões

de almas que nos temem, começam já a apparecer centenas que nos discutem? E' preciso ter cuidado com a heresia em nome de Christo. Não esqueçaes que as antigas feitiçarias, magias e superstições, inventadas para punição da ralé, já não podem ir além dos ignorantes e rudes, e dos doentes energumenos. Os bispos já começaram a judaizar, dizemos nós, mas a verdade é que começaram a obra da revolta. Lembrem-se de D. João Avila, o bispo de Segovia... A onda cresce. E' preciso queimar com as Biblias, muitos livros que por ahi começam a surgir, cheios de factos e critica.

— Taes prégadores de heresia terão a sorte de Jacob Barba...

— Continuaes no absurdo, já vejo; Jacob Barba era um impostor, com ambições de Messias. Os povos desadoram essas audacias. Nem Jesus escapou a essa corrente... Para temer são os peccadores mortaes, que interpretam o christianismo e o divorciam dos preceitos catholicos. E' indispensavel que Jacob Adibe renegue as suas doutrinas.

— Pois confiae em nós, disse sêccamente Pedro Murillo... Algum tempo de clausura ha de enfraquecer-lhe o corpo e desalentar-lhe o ánimo. Além de que, a tortura será applicada com cuidado e arte...

— Será conveniente, antes de o expor a provas, que, na organisação de Jacob, podem dar-nos surpresas, que elle veja, excepcionalmente, o effeito d'ellas em outros impenitentes. O exemplo edifica, e é muito necessaria e util a abjuração solenne e pública.

— Podeis ficar descançado, monsenhor, se os meios directos não bastarem, os indirectos produzirão resultados. Sem lhe rasgarmos o peito poderemos feril-o no coração...

— Prefiro, por agora, esse recurso. Devo até explicar-vos que tenho recommendações especiaes de nossos reis para me haver com Jacob, que é portuguez, por forma que D. Manuel se convença de que o Santo Officio se empenha mais em conversões, que em maleficios. A rainha D. Maria, com tal exemplo, mais depressa conseguirá o predominio d'esta instituição em todos os reinos da Peninsula.

— Quando partis, monsenhor? perguntou Murillo.

— A'manhã, ao nascer do sol. Deixae quatro lanceiros e outros tantos esbirros á porta da minha cella. E não vos esqueçaes de vigiar a saude de Jacob; dae-lhe mesmo pretexto para soprar a chamma amorosa que o consome. Já o queimámos em estatua, queimemol-o agora por dentro: depois concluiremos a nossa obra...

E o inquisidor-geral lançou a benção aos dominicanos, que deante d'elle vergaram a cabeça, cruzando as mãos sobre o peito.

Ocaña, Segarra e Murillo ficaram em conferencia.

— Deza, disse o primeiro, começa a fraquejar... Tarde lhe chegou a compaixão e a prudencia!

— E' que já está sentindo sobre os hombros a mão pesada de Philippe I, explicou, confidencialmente, Murillo.

— Os negocios de Cordova e as sympathias pela velhaca actividade de Lucero talvez o obriguem a recolher-se a este arcebispado...

— Precisamos de adeantar o mais possivel este negocio do judeu portuguez. Todas as demoras podem vir a inutilisar a execução da sentença.

— Tens razão. Segovia, Toledo, Cordova, Murcia, Granada e Valencia fazem o que querem, e Sevilha ha de estar com hesitações a respeito da sorte d'um relapso, já relaxado?!

— Tudo porque o rei de Portugal tem medo de Antonio Carneiro, como se o nosso Ximenes devesse estar á mercê do menestrel sentimental.

— Exactamente por elle ser portuguez é que deve haver pressa em corrigir o hereje...

— Que, afinal, para nada serve o auxilio da nossa princeza. A filha auxiliando a impunidade dos que fogem á justiça do pae!

— Era até de bom aviso aproveitar as delações de Jacob para internar mais fugitivos, que por lá andam a escarnecer de nós...

— Imaginem, segredou Murillo, puxando pelo habito dos seus companheiros, que Deza, mais dia menos dia, perde honras e poderes, e o nosso trabalho vae todo por agua abaixo...

— Estás sempre a sonhar surpresas.

— Surpresas? Então não sabem que já se fala na intriga de João Desa?

— Contra Deza?

— Sim, contra Deza. Philippe I está irritado contra Lucero, e attribue a culpa do escandalo de Granada, Cordova e Andaluzia, ao inquisidor geral...

— Fez muito bem o *tenebrero,* inventando os *confessos diminutos.* Abusaram calumniando? Pois, foi bem feito que considerassem os accusados *penitentes fictos.*

— Contaria então o bispo de Cordova a Philippe o caso das synagogas?

— Sem dúvida nenhuma...

— E' claro que o bispo e o rei teem por falsas as procissões, as synagogas e a cumplicidade das familias de christãos-velhos. Ou Lucero não fôsse alcunhado de *tenebrero.*

— Pois sim, mas emquanto Deza, lamentou Segarra, deixa alargar a influencia de Lucero, recommenda-nos, a nós, abjurações solennes e queimas de Biblias e pasquins! Gente, gente e sempre gente é que é necessario queimar. A'manhã revolta-se Cordova, depois Toledo, e a Egreja fica transformada em synagoga e mesquita!

— Inferno! exclamou Murillo. Vamos ter para ahi annullação de sentenças. Philippe I é capaz de inventar as reconciliações secretas...

— Depois de diffamados, convictos, confessos e condemnados ao fogo?

— Sim, sim; já ouvi dizer que até poderão reconciliar-se, quantos o pedirem, até mesmo depois da execução das sentenças!

— Isso é uma desgraça! disse um.

E logo um outro accrescentou:

— Quem acredita n'isso? é a mesma historia de Domingos Manrique, muito ancho por ser juiz unico de appellações!...

— E' evidente, accrescentou o terceiro. São sempre as mesmas innovações, que duram um momento. Lembrem-se dos auditores do Sacro Collegio a confirmar as absolvições... E' a piedade intermittente que vem de Roma ao cabo de algumas romarias?...

— Pois é, disseram os outros.

E Murillo tambem exemplificava:

— A bulla de 25 de maio cahiu no desagrado do Papa e a 2 de agosto veiu tão generosa para com os judeus e christãos-novos que logo se viu ter sido feita por engano... Nem a João Sevilha aproveitou!

— Então que devemos fazer?

— E' simples. Emquanto Deza não é substituido, convém dizer-lhe que governe; faça justiça rigorosa, rapida... Que assignale, com um largo traço de sangue judeu, a sua passagem pelo throno de Torquemada.

E Murillo, que parecia ter mais auctoridade, rematou a conferencia:

— Tu, Ocaña, toma conta de Jacob, que está n'uma camara de misericordia; eu e Segarra vamos esperar que monsenhor accorde para lhe lembrar que o bispo de Catania pode, d'um para outro momento, despejar os carceres e apagar as fogueiras. Jacob está em nossas mãos — ha de emmudecer e falar, quando nos aprouver. Para que se inventou a mordaça e o fogo? Para Philippe I ser apenas o *Bello?* Reis bonitos e rainhas ciumentas importam-se, acaso, com os perigos da Egreja?! Veremos se a revolta triumpha! Se temos aqui fechada a mão da Providencia!

E os tres frades separaram-se lentamente.

Pelas innumeras galerias fez-se então um silencio de tumulo, isto é, cheio de ruidos mysteriosos. Só os guardas que as percorriam adivinhavam, como n'uma praia se adivinha o mar ao longe, os murmurios que sahiam das muralhas e dos subterraneos. Eram os gemidos dos que soffriam despertos, era o delirio dos que dormiam fatigados, o delirio dos febris!

E tudo aquillo reunido, misturado, não dava uma voz humana; parecia apenas um écho do vento e das ondas, lá, muito ao longe!...

XIII

Um amigo

As camaras de misericordia estavam no primeiro pavimento, em companhia do cartorio e do tribunal.

Eram os quartos dos ricos, dos poderosos e dos que tinham a maior responsabilidade nas heresias endemicas da sociedade hespanhola.

Eram a ante-camara dos carceres, dos segredos e das salas de tortura.

Tinham as camaras de misericordia todas as surpresas d'um palco recheado de bastidores e alçapões de theatro moderno, especialmente destinado a representação de visualidades e magia. Transformavam-se de grandes em pequenas, de luxuosas em pobres, de carceres em *boudoirs*, de *ateliers* em cella de frade.

Se se tratava de mulher formosa, requestada por inquisidor audaz, tinha a camara de misericordia todos os adornos e louçanias d'um camarim de actriz moderna. Se o prêso era um philosopho, um estudioso, a camara se transformava n'uma bibliotheca fradesca, cheia de manuscriptos; se d'um cabo de guerra, a camara se convertia n'um arsenal, onde as armas eram apenas decorações das paredes n'um symbolismo inoffensivo. A camara de misericordia era uma estação cuidada para cada recluso, como se então já fôsse conhecida toda a therapeutica adoptada nos manicomios do nosso tempo!...

Jacob foi recolhido n'uma d'estas camaras. Para elle a cella estava especialmente preparada com emblemas religiosos, livros sagrados e quadros que representavam autos de fé. Havia alli mappas de geographia nascente, caravelas portuguezas e hespanholas, tudo encimado pela apparição de anjos entre nuvens e de Christos, aureolados em sarças ardentes. Havia tambem, pelas paredes, quadros biblicos, do novo e velho testamentos, desde o peccado original até a resurreição de Jesus, desde a serpente do Paraiso até o purgatorio, onde as almas estavam representadas, por bus-

tos de gente gorda e corada que parecia tomar banho de fogo, com phosphorescencias amarellas! Não faltava até a oração do Horto e o beijo de Judas, a scena do Pretorio, e o Calvario com os phariseus... O leito era modesto mas limpo... A cabeceira todos os utensilios da escripta... Um grande crucifixo, o emblema obrigado, na parede principal.

Era uma cella quadrada, de paredes brancas.

Hesitava-se, ao vêl-a, se era um quarto de hospital, ou uma cella de frade, ou um carcere secular.

O seu aspecto não causava terror; infundia tristeza. Havia um cheiro a incenso, que é proprio da sacristia d'um templo. A um dos lados estava um altar, com uma lampada, e a outro um confessionario de madeira escura, com muita obra de talha.

Jacob tinha sido extendido sobre o leito e soffrera uma sangria.

O physico deixara-o reanimado e tranquillo.

O olhar estava sereno e percorria intelligentemente as paredes e o tecto da pequenina sala. Voltara-lhe a memoria e, embora com difficuldade, ia reconstituindo o passado.

Antes de abrir os olhos ouvira distinctamente:

— Vamo-nos, deixemol-o só. O socêgo poderá salval-o.

— Eu não o excitarei... Por quem sois, senhores, deixae-me alguns momentos junto d'este martyr. Quero escutar-lhe a respiração e os primeiros gemidos...

— E' contra a ordem, dissera uma voz aspera: o vosso logar é no vosso carcere; demais tendes abusado da nossa complacencia...

— Senhores, disse ainda meigamente o caricioso enfermeiro, bem sabeis que não é com isto que attenuo' minhas desgraças. Se quizerdes, o guardarei cá dentro, como lá fora o guardam lanceiros e esbirros.

Jacob sentiu depois um murmurio de vozes, que se ouvem melhor por serem segredadas:

— Emfim, deixemol-o... Que perigo vem d'ahi? Ao nascer do sol os separaremos. E' possivel que a essa hora o inquisidor queira informar-se do estado do prêso...

Depois a turba sahiu; a porta fechou-se com ruido, e o silencio se fez de tal forma que Jacob só ouvia a propria respiração e a d'alguem que se debruçava sobre elle, e que lhe tomava o pulso e lhe auscultava o coração, e até lhe regaçava levemente as palpebras.

Tendo recobrado algum alento, Jacob descerrou os olhos, e logo procurou com intencional curiosidade a figura que o velava.

Em pé, no centro da camara, com desvelos femininos, o enfermeiro, porque era um homem, com as vestes d'um recluso, procurava attenuar o

clarão da chamma, cobrindo com o proprio corpo os vidros da lampada, onde uma luz quasi morta bruxoleava a custo.

— Não vos incommodeis, senhor, disse Jacob. Affronto com prazer essa luz tão branda e amiga.

— Quanto folgo, sr. Jacob, de vos vêr, emfim, voltado á vida...

— Estive então muito mal?

— Ai! Deus do Céo! Que susto nos causastes! Nos causastes, é modo de dizer — me causastes — é melhor.

— Mereço-vos especial sympathia! ..

— Pelos tormentos da minha vida, pela minha fé, pela liberdade da minha consciencia, pelo martyrio dos meus, victimas innocentes d'esta Inquisição maldita, vos juro, sr. Jacob, que tremi nos poucos momentos em que estivestes entre a vida e a morte...

— Obrigado, senhor. As vossas palavras consolam-me das brutalidades dos homens!...

— E chamaes a isto homens?!

Jacob, com um pequeno esfôrço, ergueu-se um pouco no leito, para melhor poder examinar o seu amavel interlocutor.

— Dizei-me, senhor, quem sois?

— Quem sou? Um infeliz como vós, mas com menos valor que vós.

— E chamaes-vos?...

— Nem já me lembro do meu nome. Fui, n'outro tempo, Paco Reynold, ou Francisco Reynold — um pouco hespanhol e um pouco francez.

— Estaes sob a alçada do Santo Officio?

— Ha dez annos! Desde que notei, entre alguns amigos, a coincidencia de terem nascido no Egypto Baccho e Moisés.

— Só por isso?...

— Só. E' possivel que tambem tivesse notado que Baccho tinha, como Moisés, dois raios de luz sobre a fronte, e que Baccho e Josué mandaram parar o Sol!...

— E bem dissestes, Paco Reynold. Ha inteira semelhança entre a religião pagã e a judaica, entre a judaica e a christã... E por isso vos prenderam e vos martyrisam?

— Sois de meu parecer, senhor?! E porque sabemos e pensamos nos esmagam e atormentam! Pois não é verdade que tanto valem os seis dias da obra da creação como os seis tempos dos phenicios, dos indios e dos chaldeus? Pois a esses seis tempos não chamou o primeiro Zoroastro, os seis Gambabars tão célebres entre os persas? E ha quem conteste essas verdades? E vós as sustentastes, altivamente, em face d'essa ignorancia algoz, que nos persegue? Pequeno, sem protecção, sem mesmo

medir o alcance das minhas affirmações, disse o que me ensinaram, e por isso aqui estou, atormentado e perdido!

— Mas vós tendes razão. Quem estuda a Historia encontra, a todo o momento, estes pontos de contacto. Então, não estamos vendo o paraiso terrestre no eden de Saana, na Arabia? Não é verdade que o jardim das Hesperides era guardado por um dragão, e o paraiso por um cherubim? Antes de terem sido salvos Noé com sua familia, não salvaram os antigos Deucalião e Pyrrha?

— Tambem eu disse isso, tambem disse, sr. Jacob! Até lembrei que Hercules aos pés de Omphale era copiado servilmente por Sansão aos pés de Dalila...

— Estupida gente, que só exalta os ignorantes. Que differença de crayeira encontram elles entre Sansão e Hercules?

— Ah! sr. Jacob, comvosco pode-se conversar, porque sois lettrado na Historia e atilado no raciocinio. Pois, não é verdade que tanto faz Abrahão sacrificando Isaac, quanto a historia de Agamemnon?

— Sr. Reynold. O martyrio é coisa triste. mas a imbecilidade não o é menos. Que hão de elles dizer-me? Que Apollo, entrando nas portas do Oriente, não lembra Elie, no seu carro de fogo?

E Paco foi sentar-se aos pés da cama de Jacob, para melhor conversar sobre o assumpto que tanto o interessava.

— Ah! disse elle. Ha quanto tempo não digo estas coisas a quem as oiça com interesse e a quem as accrescente com tanto brilho...

— Quanto poderiamos dizer, meu amigo, sobre taes coisas, tão evidentes quanto perigosas! O que elles vos fariam se lhes ensinasseis que Foê, deus da China, nasceu de uma virgem fecundada por um raio de sol... Não se está vendo a Virgem Maria fecundada pelo Espirito Santo?

Paco parecia suspenso dos labios do seu infeliz companheiro?

— Meu caro Jacob, eu, vosso companheiro no mesmo infortunio, sinto-me revigorar com o encanto da vossa corajosa investigação! E a Trindade? Escrevi lealmente o meu pensamento, e levaram-me á abjuração da minha sciencia, a que deram o nome de fé!

— Fizestes bem, meu caro Reynold. A Trindade é uma velharia. Perguntae por ella a Platão, que já a conhecia da *Alma do Mundo*. Foi da Trindade de Platão, já copiada e modificada por elle, que sahiu a Trindade dos judeus, que se converteu na Trindade christã.

— Sois deveras versado n'estas materias, senhor Jacob!... E é a um homem d'estes, de esclarecida intelligencia, sem sombra de fanatismo, versado e consciente, que o tribunal da Inquisição quer abafar a voz e apagar a consciencia!...

— E como vos prohibem de pensar, meu pobre Reynold! Pois ha fôrças na humanidade que impeçam o trabalho mental d'um homem, que, craneo a dentro, profunda estas questões?

— Oh! se ha! sr. Jacob. Milhões de fôrças! Tantas coisas nos dizem, taes torturas nos fazem, que, por mais que a razão nos diga o que é logico, acabamos, afinal, por acceitar o absurdo... Quantas vezes tenho dito, a sós, nas horas das minhas meditações: Quem sabe: Talvez elles tenham razão!

— Que diriam elles então se nós lhes disséssemos que, ao fazerem a sua religião, nem ao menos tiveram o dom da originalidade? Não crearam elles Deus e o Diabo! Que novidade! Já no Egypto e no Oriente essa descoberta, ou invenção, tinha sido feita. Conheceis, Paco, disse Jacob com affectuosa intimativa, Typhon e Osiris, Oramase e Arimane?

— Sim, conheço... é isso que vós dizeis... E, não obstante, temos que esquecer tudo isto!

— Sois judeu, não é assim, Reynold?

— Sim, sou judeu, como poderia ser christão. O meu defeito vem do meu baptismo, não da minha consciencia. Quasi não distingo, tão pouco fanatico me fez a leitura de bons livros! Os livros judeus são a base da religião christã...

— Sem dúvida, sem dúvida, disse Jacob, cuja palavra ia aquecendo, á proporção que a heresia o dominava. Quem annunciou Jesus? Os prophetas judeus! De quem descende Jesus? Em linha recta de David! Estaremos todos doidos?! Jesus nasceu judeu, foi baptisado pelo rito mosaico! E é por esta razão que nós queimamos os discipulos de Moisés?

— Ah! meu caro companheiro, pensar aqui é prohibido, e vós pensaes! Admiro a vossa coragem e a vossa sciencia. Quão perigosa seria a vossa palavra entre as multidões! Nunca ensaiastes essa arma? Foi com ella que o christianismo triumphou... Refiro-me ao christianismo puro, e não a esta industria que tem a sua séde em Roma e succursaes em todo o mundo!

— E nunca encontrastes n'esta casa quem vos escutasse e applaudisse?

— Isso sim! A cobardia aqui é enorme! As dores corporaes esmagam os orgulhos do espirito. A carne corta os vôos da alma. Foi porque me disseram que vós ereis um revoltado, cheio de coragem, que eu quiz ficar junto de vós, uma noite, uma hora, um momento, o bastante para matar as saudades que tinha de ouvir um homem, um verdadeiro homem! Um homem, como eu imagino que hão de ser aquelles que um dia hão de fazer saltar estes muros, e deixar livre o pensamento!...

— Sabeis qual é a sorte que me espera?

— Sei, senhor, infelizmente. Sei que a morte nos espera, com todos os seus horrores, mas sei tambem que o mundo está cheio de surpresas. Roma tem conflictos amiudados com os reis... A que chegará um dia essa divergencia? E quando chegará ella a produzir um conflicto grave e sério? Não são raros os perdões, e a intriga entre os inquisidores pode desmanchar, n'um momento, a obra de seculos. Se Philippe I quizesse!?...

— Ah! sabeis que Philippe I mostrou tendencias para reagir? Como vos chegou nova tão fagueira aos rigores do vosso carcere?

— Acasos inexplicaveis, senhor; uma conversação surprehendida entre familiares... Como sou mais lido e mais sabedor pedem-me que seja inspirador dos herejes. Fizeram de mim uma especie de enfermeiro das almas. Oh! meu caro sr. Jacob, tende dó de mim!... Para evitar as torturas que me causam horror, quantas vezes minto á minha consciencia, e faço a catechese catholica com todo o calor d'uma artificiosa argumentação?!

— Que sacrificio deves fazer?!... Ora, ahi está um supplicio que lá fora não é conhecido: ensinar aos outros o que temos por falso e erroneo!...

— Ainda hontem tive que explicar a creação do mundo...

— Estou vendo-vos, meu sabio, pintando Deus na obra de crear a materia!

— Narrando, sim, explicando não, que a consciencia não sabe explicar processos contra a natureza!...

— Dissestes que Deus creou o planeta e o lançou no espaço...

— Sim, disse isso, mas não disse mais, que não sabia explicar a posição e o equilibrio dos outros corpos celestes!...

— E falastes tambem na creação da luz?

— Sim, tinha de dizer isso, e isso disse, Deus creou a luz?

— E só depois foi que Deus creou o sol!

— Eis o absurdo, senhor; mas eu o sustento com a mais requintada má fé. Crear primeiro a luz e o sol depois! Valha-nos Deus! Ou o sol não é a luz, ou a luz foi absorvida pelo sol!

— E, vós, infeliz Reynold, sendo judeu, attribuis toda a moral social ao evangelho christão! Quanto vos ha de ter custado o sacrificio dos vossos conhecimentos historicos! Com quanto pesar tereis occultado que, se Jesus pediu o perdão para as injurias, Pythagoras, muito antes d'elle, disse o mesmo, sem revelação divina? Confucio tambem disse egual conselho. *Faze aos outros o que quizeres que te façam*, disse Zoroastro. Jesus, por outras palavras, disse isto mesmo mais tarde... E a eucharistia?...

Paco Reynold fez um movimento brusco e extendeu o corpo sobre o leito de Jacob para lhe ficar mais proximo:

— Sr. Jacob, disse elle, é demais, não quero ouvir-vos...

— Irrita-vos a minha critica? A vós que a acompanhaes com tanto zêlo e convicção?!

E Paco, quasi em segredo, disse a Jacob:

— Perdão, meu amigo, mas a vossa lealdade, a vossa boa fé, castiga de mais a minha cobardia. Perdoae-me, senhor, que me atormentam os remorsos. Calae-vos, por quem sois! Deixae sem commentarios o meu descretear traiçoeiro... Perdoae-me...

E Paco, com as lagrimas nos olhos, e as mãos postas, fitava estupidamente Jacob.

— Sois um louco, decerto. Que receaes? Que vos comprometta e atraiçoe? Pensae em voz alta, senhor. Pesa-me o vosso infortunio e consola-me o vosso raciocinio. Ainda que as torturas me levassem ao ultimo suspiro, pela minha honra vos affirmo que ninguem saberia o que me dissestes...

— Ainda que as torturas vos matassem, dissestes?

— Sim; e jurei-vos pela minha palavra de honra, de homem bom, e pela minha alma, prestes a voar...

— E sois vós, que me dizeis isso?

E Paco Reynold, cahindo de joelhos á cabeceira do leito, e beijando soffregamente as mãos do doente, só dizia, soluçando:

— Perdão, senhor, perdão!

Jacob passou a mão enfraquecida pela cabeça de Paco.

— Bom amigo, disse elle. Qualquer que seja a vossa falta, eu vos perdôo.

Na cella operou-se então uma mutação magica do mais extraordinario effeito theatral.

O confessionario desdobrou-se, mostrando ser um movel articulado, que perdia, ao movimento d'uma mola, a sua forma, desdobrando espaldares e braços e derrubando raios e talhas, para mostrar uma pequena mesa, onde um frade de rosto coberto escrevia tranquillamente.

Por detraz do altar, do lado opposto, e á luz da lampada que n'elle se reflectia, appareceu um esbirro, de olhar penetrante e rosto descoberto.

Jacob sentou-se no leito, ouvindo tão extranhos ruidos:

— Traição! disse elle. O que quer esta gente?...

Paco recuara até a parede, e de mãos postas, dirigindo-se a Jacob, supplicava:

— Perdão!

— Ah! miseravel! disse Jacob.

E, depois d'um rapido momento, em que o fitou irado, accrescentou tranquillo:

— Perdôo-te. E' piedosa a tua obra. Abriste a sepultura a um morto!...

Então o frade do confessionario disse pausadamente:

— Jacob Adibe, confirmas as heresias que acabas de proferir na presença d'esse homem, e de que fomos testemunhas?

Jacob deixou cair a cabeça sobre o leito, e com os olhos cerrados, extendeu a mão direita, como se quizesse jurar, e disse com voz sumida:

— Sim...

Paco, encostado á parede, trémulo e pallido, açoutava o rosto com as mãos, e dizia, chorando:

— Cobarde, miseravel, por que te não deixaste morrer pendurado ou de pé, esmagado no potro?...

E como houvesse um momento de silencio, emquanto o frade escrevia lentamente o auto, Jacob extendia novamente a mão, e com voz agora firme e forte, repetiu:

— Sim... Confirmo...

*

A espionagem interior da Inquisição era um dos serviços mais cuidadosamente organisados, e era exercida por agentes effectivos, profissionaes, e por adventicios e voluntarios.

Os *profissionaes* tinham, geralmente, as tarefas mais grosseiras: ordinariamente se limitavam a espreitar e escutar.

A principal delação resultava do confessionario; mas, como era indispensavel conservar as apparencias de que era inviolavel o segredo da confissão, aquelle previdente tribunal buscava, na prova testemunhal dos espiões, a ratificação do que não podia revelar o confessor.

Assim, cada frade confessor tinha a sua escolta de delatores, e bem a instruia, de forma que os interrogatorios fôssem feitos a provocar a reedição do que fôra dicto no confessionario. Assim, appareciam nos processos, sem quebra do juramento sacerdotal, as confissões graves feitas pelos accusados.

Os profissionaes tinham ao seu dispôr vastissimos recursos para o desempenho do seu torpissimo mestér.

Ora se vestiam de frades, ora de captivos — mudavam de cara e de habito, como era necessario. O guarda do carcere, o enfermeiro, o physico, o servo, as testemunhas chamadas a depôr, eram muitas vezes esses agentes educados e instruidos para especiaes investigações. Para as mu-

lheres havia mulheres, e, não raro, a infamia empregou n'esse trabalho traiçoeiro creanças de rosto angelical e já de coração corrompido!

Havia espiões que dormiam nos carceres, ao lado das suas victimas, e que nada perguntavam, porque se fingiam mudos, e que nada respondiam — porque tambem eram surdos!

Eram esses os que melhor escutavam as confidencias e o somno dos seus companheiros! Nas pocilgas immundas havia muitas vezes uns idiotas, sempre acocorados, como seres inferiores, de olhar bestial e riso alvar... Esses idiotas eram os mais habeis rafeiros á caça de segredos. Quem havia de recear a percepção de taes monstros?!

Tinha esta companhia artistica os actores da mais rara aptidão! Copiavam todos os typos, edades e até sexos! Se era necessario tagarelar alegremente, apparecia quem tivesse a graça natural e o riso communicativo. Não faltava, n'aquelle theatro de melodrama, quem passasse horas a inventar máguas, e tivesse o raro dom de excretar lagrimas, com a mesma frequencia e facilidade com que poderia excretar saliva!

Para provocar as melhores sympathias, tambem a rebeldia tinha os seus habeis intérpretes. Esses mostravam desprêzo pela vida e reagiam contra os juizes e os guardas; planeavam conspirações, insultavam os frades e fomentavam as resistencias. Tinha dois fins, pelo menos, esta comedia ignobil: justificar as torturas dos innocentes, e explicar o desapparecimento do espião, quando o seu trabalho já não era necessario.

Quando havia n'uma prisão cumplices do mesmo crime reunidos, mas vigiados para justificar essa *ficelle*, com um d'elles chamado a interrogatorio, ia sempre, por coincidencia, responder tambem o companheiro espião. Só este voltava depois, triste, indignado, para contar que o traidor se denunciara, a si, e aos co-réos!... E, n'esse momento, que de exclamações compromettedoras soltavam os innocentes e os criminosos!?

Importantes phenomenos de suggestão, com que a sciencia está hoje a braços, eram alli provocados, por espiões, sobre raparigas de temperamento nervoso, fracas de corpo, timidas de ánimo, á mercê da vontade alheia...

Desde o espião boçal, destinado á trasmissão inconsciente dos gestos espreitados, até o logico intérprete de gemidos, sorrisos, olhares, rubores, estremecimentos e desmaios, aquelle exercito tinha gente com todos os gráus de educação litteraria e scientifica, para tratar com os accusados de todas as categorias sociaes...

Tinham os poetas quem lhes recordasse as voltas mais graciosas e as elegias mais dolentes; os philosophos quem lhes falasse das escholas da Antiguidade e dos theologos que andavam a organisar a reforma na Alle-

manha do seu tempo; os artistas ouviam a critica da arte, e, aos pedaços, a historia da sua evolução; os homens d'officio tinham quem lhes mostrasse incorrecções de instrumentos, e principios rudimentares de mechanica! Havia especialistas em lithurgias de religiões perseguidoras e perseguidas: guerreiros que recordavam façanhas de Ormuz e Azamor, mareantes que tinham andado na descoberta do mundo!

Este exercito de espionagem assaltava os accusados, á entrada d'aquelle inferno dantesco, e, por tal forma lhes envolvia os sentidos, que parecia uma nuvem de vampiros diabolicos que, antes das torturas que maceravam o corpo, iam envenenando o espirito da pobre gente e sugando os mais reconditos segredos das mais defendidas e reservadas consciencias!

Entre os profissionaes, havia uma numerosa companhia recrutada nos *condemnados,* ou nos *esquecidos* — os condemnados a penas longas, ou perpétuas, de carcere e penitencia; os esquecidos, que assim tinham privilegios e tolerancias á custa de denuncias, que espontaneamente offereciam.

Chamavam as estes espiões *voluntarios* — por uma terrivel ironia do diccionario inquisitorial.

Que diriam a essa denominação os *occasionaes,* que eram um grupo importante entre esses voluntarios e que compravam com a villania a vida desgraçada que lhes toleravam n'aquelle antro de miserias e de crimes!!

Os occasionaes eram os accusados de excepcionaes aptidões, que o tribunal escolhia para qualquer servico especial.

Sob diversos pretextos, votavam as torturas a um d'esses infelizes, porque a semelhança do delicto era indicio de que elle conhecia algum novo accusado.

Ou o desgraçado soffria essas torturas, ou acceitava a tarefa de arrancar confissões, utilisando n'esse empenho, o seu odio contra a Inquisição, a sua fé religiosa, e até a sua compaixão pela nova victima.

N'esse caso, por mais sinceridade com que acompanhasse as confissões do atraiçoado, nunca isso lhe seria levado em conta...

Salvo se, para a outra vez, se negasse a torpeza egual!...

Se era necessario devassar um mouro, era entre os mouros que se apurava o traidor...

Jacob era judeu? E judeu intelligente, sabedor?

Era indispensavel applicar-lhe Francisco Reynold.

Só no seculo xviii appareceu Hahnemann, a sustentar, contra Hippocrates, a theoria therapeutica do — *Similia similibus*... e ja no seculo xv Torquemada applicara esse principio á theoria da salvação das almas!

Francisco Reynold era um perfeito exemplar d'essa especie miseravel de homens que são eternos martyres, por medo do martyrio!

Quanto elle teria de soffrer emquanto não acceitasse aquella maldita missão! E quanto soffreu elle durante esses momentos em que esteve arrastando, pelo sentimento da piedade, aos tormentos que elle fugia, aquelle homem tão honesto, tão leal, tão generoso!

Não lhe queimaram os pés, nem lhe deslocaram os braços, nem o apertaram no potro; mas afinal, tinham-lhe posto na alma todos esses horriveis apparelhos!

Cahiam-lhe da testa bagas geladas de suor, e dos olhos lagrimas quentes como o fogo! Parecia-lhe que lhe parara a circulação: tremia por dentro com calafrios, e por fora a pelle se ouriçava, e as pernas não o sustinham!

Tinha a respiração cortada e ruidosa, o olhar ora desvairado, ora supplicante, e as mãos crispadas moviam-se desordenadamente; ora as levava á parede para se amparar, ora com ellas comprimia a cabeça, ora as juntava sobre o peito, para rezar, ou pedir perdão...

Não, as torturas do corpo não o fariam soffrer tanto!

É que isto a que nós chamamos espirito, materia intangivel que nos abala como uma rajada de vento, e que nos faz sinistros vendavaes no mar de sangue que nos palpita no peito, tem uma harpa delicadissima, de nervos tão sensiveis, tão contracteis, que ao roçar por ella o sôpro d'uma idéa, triste ou vergonhosa, se abala e vibra, e se despedaça!

Despedaçavam-se em Francisco Reynold todas as cordas da sua alma delicada!

E Jacob, indifferente á tarefa dos zelosos officiaes, que faziam, sorridentes, a acta d'aquella triste sessão, olhava compungido para Paco, estudando n'elle, que o fitava com caricioso terror, um dos mais sombrios e mais horriveis mysterios d'aquelle tribunal da Egreja...

Que poderia Jacob soffrer nos carceres e nas torturas, que pudesse comparar-se áquelle martyrio? O remorso era o fogo mais impiedoso com que se podia martyrisar o cerebro d'aquella victima!

Via bem Jacob que o seu espião, n'aquelle momento, desejava ardentemente ou a morte ou a loucura.

E o moço christão-novo, esquecido de si proprio, fez um signal a Paco para que se approximasse do leito.

O espião forçado voltou de novo a ajoelhar junto de Jacob, e, deitando a cara sobre a roupa, soluçou amargamente.

— Pobre Reynold! disse Jacob, puxando-o para si e abraçando-o, não te lamentes da tua fraqueza, que eu leio na tua alma os effeitos d'esse martyrio. Não te quero mal por tão pouco... Tens soffrido muito, não é verdade?

— Ah! senhor, horrivelmente! Tres vezes me tenho recusado, e tres vezes me castigaram! Da primeira açoutaram-me até me ficarem os ossos descobertos; da segunda passei oito dias de gollilha ouriçada... É horrivel! Oito dias amarrado, na mesma posição, para não ferir o pescoço na infame gargalheira!...

Mais tarde queimaram-me os pés com estanho fundido... Agora cedi!... Se eu não podia matar-me! Se elles não querem que eu morra!...

Jacob apertou o espião nos seus braços vigorosos.

O esbirro approximou-se de Paco e puxou-o com violencia:

— Já aqui não tens que fazer. Marcha para o teu covil. Não sabes que és como as sanguesugas? Chupaste? Vae despejar isso para não morreres envenenado...

— Um momento mais; eu já me recolho...

— Qual momento nem meio momento... Olha que vaes a toque de azorrague...

E o esbirro alçou o açoite de coiro, que trazia debaixo do braço, para castigar Reynold...

Não teve tempo para descarregar o golpe... Jacob deu um salto... O açoite estalou, mas foi na cara do esbirro.

O frade mascarado gritou ao aggredido:

— Firme! chiton! não lhe toques. Monsenhor não quer que o belisquemos. Retira-te, e entrega Paco ao teu companheiro. Monsenhor dorme no tribunal. Depois ajustaremos contas.

O esbirro abafou um movimento e um grito de colera, e sahiu.

Paco sahiu á frente do seu irado vigia, e, ao chegar á porta, voltou-se para enviar a Jacob um olhar supplicante.

Jacob ficou só com o phleugmatico escrivão, que assistiu a toda a scena com a serenidade d'um burocrata encarregado do mais inoffensivo expediente.

— Jacob Adibe, disse o secretario do Santo Officio, vou deixar-te só, n'esta camara, onde todas as paredes ouvirão os teus gemidos, e até o ar que respiras devassará a tua consciencia. A'manhã, depois da partida de monsenhor Deza, escreverás a apostasia das doutrinas que ha pouco sustentaste...

— E quem poderá obrigar-me a tanto?...

— O Santo Officio, que de melhores titulos se condecora, pois que regista na sua historia abjurações de hereticos mais confessos e contumazes.

— Perdeis o vosso tempo, senhor, que não sei por que generosidade vos trato tão impropriamente; pois que, se me falaes como a um servo, eu devo, por vos ser superior, tratar-vos como a um animal de carga...

Perdes o teu tempo, que a fôrça ainda não está constituida em Direito, e tu nem fôrça tens, que só a um cobarde cabem taes grossarias e alardes.

— Contava com essa resposta. A minha experiencia me habituou a ouvir arrogancias de desesperados com a generosidade que elles pedem...

— Que te peço?...

— Sim, que me pedes! Ha no mundo variadas formas de pedir compaixão — Uns recorrem á humildade, outros á ameaça. No fundo é tudo pedir, que o desespêro impotente não pode fazer outra coisa. Os humildes pedem agradecendo, os orgulhosos exigem ameaçando. Em nossa arte está o dever de distinguir as especies. Tu és dos que ameaçam, julgando que assim não tens o dever de ficar grato... Illusões! E's forte, és corajoso, e podes bem affrontar a cólera de meia duzia de homens. Já comprehendi tudo isso. Mas, lembra-te de que estás nas mãos, não de seis homens, nem de vinte frades, mas d'uma sociedade inteira. Aqui até o orgulho dos reis e dos principes tem sido efficazmente abatido. Se não sou vosso amigo, admiro-vos... A admiração faz parte da estima. E' quasi sempre por ella que se começa. Quero dar-vos um conselho: não rebaixeis essa fidalga altanaria! A muitos orgulhosos tem aconselhado a humildade, para lhes evitar humilhações; a ti recommendo-a para que não amesquinhes o teu brio. Onde cederes, não haverá violencia. Ora, sejamos razoaveis; ninguem põe em dúvida o teu denodo. E' necessario que ninguem se convença de que podes ser submettido pela fôrça brutal. Comprehendes o meu raciocinio?

— Comprehendo, disse Jacob. Continua...

— Ora, ainda bem! disse o secretario, conchegando a máscara, és um bravo, e podes sustentar a tua bravura com o esbirro a quem insultaste, commigo sobre quem podes cahir com um salto de tigre, com dois ou tres guardas que me acudam... Mas, depois? sim, depois, o que tencionas fazer, Jacob Adibe? As portas estão bem cerradas, e dentro d'ellas está um exercito de homens ecclesiasticos e seculares. Ha gente de fé, inoffensiva, generosa, mas ha gente armada, boçal, guerreira, disciplinada e forte. Cahirás sob o pêso d'ella, apenas sob o pêso, que ella é tanta, que onde estiver não te deixará espaço... Serás vencido, afinal, e os aggredidos vingar-se-hão. Alguem te espancará com o cabo da lança, alguem com o bico do pé; laçar-te-hão os braços, as pernas; pôr-te-hão na bôcca a mordaça vil; jungir-te-hão a um poste, e ahi, captivo, até nas faces vos cuspirão irreverentes. O teu sangue andará em ondas revoltas e rugidoras, e vibrarão loucamente os teus nervos; o pejo te inundará o rosto, e tu, forte, fidalgo, orgulhoso, como o leão velho, sentirás passar junto de ti, insolente e triumphante, o asno mais cobarde! Esbofetear-te-hão com dois dedos e

um sorriso, os insolentes, simulando a chrisma, e açular-te-hão os que te respeitariam se estivesses em liberdade.

Jacob ouvia, meditando profundamente.

— Sou um funccionario d'este tribunal. Ganho aqui a minha vida, e, procedendo como procedo, estou livre de todos os perigos a que essa gente lá fora anda constantemente exposta. Ha quinze annos que occupo este logar; ha pois quinze annos que assisto ás maiores revoltas e ás mais estrondosas submissões. Quantas vezes tenho vontade de applaudir rasgos de valente rebeldia?! São um esplendido indicio de caracter varonil! Os cobardes causam-me nojo. Por isso mesmo, quando vejo baquear um forte e fazer-se ludibrio dos fracos irreverentes, tenho pena, tenho sincera pena...

— Estou prevenido contra todos os teus ardis; mas é verdade que acho logica n'esses raciocinios... E's, sem dúvida, um velhaco refece, á altura dos teus companheiros, mas tens razão, porque me estás convencendo.

— Tudo isso é prova de que és tão valente, quanto razoavel. Se queres que te matem, e se aqui houvesse quem te quizesse matar, prezo tanto a tua dignidade, que não hesitaria em aconselhar-te a que te não submettesses. Em poucos segundos cahirias para ahi atravessado por uma lança, ou esmagado sob os pés dos esbirros... Mas não; acredita, poupar-te-hão a vida e levar-te-hão de rastos ás torturas e ao patibulo.

— A que me aconselha então a tua experiencia?

— É bem facil de adivinhar: a que adoptes a submissão voluntaria. Essa cafila grosseira de agentes que representam a fôrça seguir-te-hão respeitosos. Serás mortificado, mas não insultado; sentirás sobre o peito o joelho da lei, mas não te incendiará o rosto a bofetada insolente. Correrá o teu sangue, mas não o aquecerá a vergonha! Cahirás na arena como o gladiador romano, compondo a tunica, mas não de roldão aos pontapés da turba... Sentirás nas carnes os dentes das feras, mas não o chicote do domador. Jacob Adibe é, sem dúvida, um homem superior... Não quebres o ideal que de ti formámos antes de te vermos de perto .. Os espiritos vulgares desejarão ver-te esmagado, supplice, ou submettido sem reagir, impotente; nós, que sômos homens de espirito, preferimos ver-te tranquillo, resignado. Lembra-te de que ha duas coisas que fazem um homem revoltado: a coragem e o medo. Fôrça, a verdadeira fôrça está na serenidade com que se affronta uma catastrophe! O que farias se a náu em que navegasses estivesse a sossobrar? Blasphemavas contra o Céo? cuspias no vento e nas ondas? Serias um louco, e a loucura é fructo do terror. Affrontar o pélago com um sorriso seria a suprema essencia da valentia humana? Morre-se de uma sentença no Santo Officio, como se morre em liberdade de um ataque de peste. Quem julgas o mais forte? O que, na

hora extrema, pragueja ou chora, ou o que sorri e espera o fatal desenlace? És um homem e tens o dever de te distinguires entre essa multidão de captivos que, a esta hora, ou fazem o que fizeste, ou pedem perdão de joelhos. Já vês que sou mais teu amigo do que julgas. És um vencido, convence-te d'isso. Acceita o castigo de fronte erguida e serena, e não consintas, revoltando-te, que te enxovalhem!. . Nem só as mulheres teem a honra no corpo; tambem os homens. Ha mulheres que preferem morrer a serem polluidas; a virgindade dos homens está no rosto, que nunca foi esbofeteado!

— Tens razão, diabolico conselheiro, tens razão. Dispõe de mim; submetter-me-hei. Que devo fazer?

— Dormir tranquillo, e obedecer sem reservas. O Santo Officio precisa da tua abjuração. Dá-lh'a, se quizeres, e, se não, nega-lh'a... É dever d'elle arrancar-t'a para salvação da tua alma e prestigio da Inquisição... Se não fôssem as circumstancias especiaes em que aqui te encontras, soffrerias gradualmente os processos que adoptamos para vencer resistencias; assim terás primeiro de apreciar, *de visu,* esses processos. Amanhã deixar-te-has conduzir á sala das torturas, onde estudarás se te convém abjurar sem oppressão. O triste espectaculo illuminará o teu espirito...

— Pois seja; descerei a esse inferno, levando sobre o peito a cruz da tua fé.

— Bem, fica em paz, e que a noite te seja conselheira leal, como eu sou.

E Jacob, vencido pela doença e pelo cançaço, reclinou a cabeça, pensando n'esta triste ironia — um amigo que me atraiçôa, outro que me desarma!

E a lampada, bruxuleante, ficou como unica companheira visivel do infeliz condemnado...

XIV

A sala das torturas

Percorrendo as paginas sombrias da *Historia da Inquisição*, e quantas historias do mundo que falam, com pormenores, d'esse infernal laboratorio de dores e angustias, não esquecendo Lacroix nos seus *Moeurs, usages et costumes au moyen-âge et à l'époque de la Renaissance*, e nas *Penalités anciennes; supplices, prisons, et grâce en France*, de Ch. Desmaré, não lográmos obter uma descripção nitida, suggestiva d'esse pedaço negro do Santo Officio!

Duas palavras frias, com adjectivos deprimentes, duas citações de sombras e gemidos, como as que descrevem um carcere do *Porte de S. Martin* ou dos nossos theatros secundarios de tragedias grosseiras, teem bastado para sensibilisar os leitores do nosso tempo.

E' muito pouco! E' tão difficil de descrever, como qualquer das montanhas do Averno, que o Dante descreve nos seus versos de bronze, e que só o buril de Gustavo Doré é capaz de interpretar nas suas gravuras de maravilhosa phantasia.

Aquelle antro diabolico, onde a maldade do homem se aninhou, como uma fera no covil, para saborear as suas victimas, não pode ser apreciado por um scenographo copista da vida real, nem traçado com as linhas symetricas d'um constructor de subterraneos, nem inventariado nos seus moveis por um official do deposito publico.

A sala das torturas é um symbolo da barbaridade de alguns seculos, producto lendario das gerações de escravos no corpo e na consciencia!

Não era uma sala, era um mundo, onde se projectava toda a sombra immensa dos espiritos fanatisados e cegos... Nos seus muros havia todos os vestigios d'uma velhice vigorosa: nas suas alfaias o cunho ensanguentado de todas as tyrannias.

Existem rochedos e descrevem-se cyclopes: mas que rochedos deviam ser esses, que se erguiam e despedaçavam sobre os hombros de taes mons-

tros? Tinham o feitio de homens, esses gigantes, que revolviam a terra; mas, que grandeza tinham esses hombros, que faziam taes maravilhas? Quem ha que não descreva o Empyreo? Quem não pinta o scenario do Inferno? E comtudo, nada mais difficil que desenhar o sonho mais poetico, luminoso, florido, cheio de cherubins e de harmonias, em que o Céo se apresenta ao espirito religioso dos christãos!

Vela-se o Infinito, com uma abobada azul, e nada vemos através d'ella senão com os olhos do espirito, esse immenso telescopio que devassa todos os segredos do espaço!

Fala-se nas chammas infernaes, cujas linguas teem a forma das que lambem a resteva nos campos, mas ignora-se a maneira de as descrever na sua impetuosidade sibilante!

Um philosopho muito antigo, cujo nome se perdeu na noite dos tempos, disse que Deus era um grande circulo, cujo centro estava em toda a parte, e cuja circumferencia não estava em parte nenhuma! O impossivel, o absurdo, dá a idéa mais approximada d'um ideal que é convicção de todos os espiritos!

O aspecto das coisas resulta menos d'ellas que da vista de quem as olha. Como é mais formosa que todas as outras a nossa aldeia natal! Que de perfeições inimitaveis nos filhos do nosso amor! E' dos nossos olhos, que vêem a côr, o tamanho e a forma!

Quem pretende descrever a forca? O algoz? Ella é apenas um portico isolado, singello, nu, sobre um tablado vulgar. O condemnado? Elle é um monstro esqueletico, cujos braços semelham os da Morte, e onde o baraço, a balouçar-se no espaço e a desenhar-se no céo, parece mais um latego movido pela mão de Deus, que erguido da terra pela justiça dos homens!

A sala das torturas! Como havemos de fital-a e descrevel-a? Com os olhos do nosso seculo civilisado e brando, mais amoravel que forte, mais tolerante que convicto, em que vivem o perdão e o scepticismo em vez da fé e da intolerancia?

Com o olhar frio do historiador, que se transporta á época e ao meio que critica, e alli pormenorisa o aspecto vulgar d'um covil de homens cheios de ferocidade e odio?

Já que temos de fazer essa digressão, olhemos então essa caverna de crimes legaes, com os olhos das victimas, que foi para elles que ella se edificou nas entranhas d'uma sociedade endurecida.

Que sombras esvoaçam sob a immensa abobada, negra e humida, cheia de recantos e arcarias, por cujos muros trepam insectos nojosos, pregos enferrujados e cruzes negras; e d'onde pendem cabos e roldanas,

lampadas e mordaças, máscaras e chicotes, n'uma promiscuidade de céo e inferno, que fazia lembrar a estação intermédia do Purgatorio.

Tem esta sala o aspecto triste da galeria d'uma mina, onde a luz viesse a custo, coada pelas paredes d'um poço, ou scintillasse como pyrilampos, nas excrescencias da rocha...

Mina onde os homens fôssem blocos arrancados, com mão grosseira, d'um filão de sangue, que estivesse a denunciar-se nos laivos vermelhos que elles mostravam á superficie...

Ignora-se a extensão das arcarias, porque apenas se vê o plano que a luz d'uma ou outra fresta, alta e empoeirada, escassamente illumina. Sobre o lagedo do chão estremecem as sombras das grades, por onde o ar, pouco e a custo, vem abanar as longas sanefas de teias d'aranhas.

Vê-se a agua a gottejar sobre a muralha negra, lembrando as lagrimas d'uma viuva através do véo de lucto!

Rojam no chão cadeias que pendem de fortes argolas, como se aquillo fôsse uma jaula ou um canil.

Apaga-se n'uma arcada, grande e muda como a bòcca d'um tunnel, a porta d'este recinto, massiço de madeira e ferro, com fortes escoras de encontro ás fendas da abobada, e pesados ferrolhos, que fazem, ao moverem-se, echos prolongados e sinistros.

Empilham-se, a um lado, caixões, crivados de orificios, destinados a estojo de martyres, e a outro, tinas fixas, com agua immunda, e baldes e lambazes, proprios da limpeza de navios.

Aqui e alli, n'uma desordem intencional, uma multidão de ferramentas e utensilios, que lembram o espolio das officinas de Vulcano.

Fornalhas primitivas em desvãos grosseiramente aproveitados, brazeiros moveis com a chamma lenta a crepitar por entre carvão e lenha; bigornas, massetas e gargalheiras, borzeguins desapertados, mostrando ainda restos de sangue nos dentes que os forram; a grande roldana conjugada por um cabo de couro a um molinete de madeira, apta para icar e precipitar corpos na faina da deslocação; barras de estanho, calçado de couro esponjoso, para uso de agua fervente; martellos de longos cabos, encostados ao eixo d'uma grande roda, a *cruz de Santo André*, onde eram crucificadas as victimas condemnadas ao esmagamento!

Em grossas escápulas, que rebentavam das juntas da cantaria, pendiam azorragues de diverso figurino, denunciando requinte de invenção e de maldade. Havia alli açoutes de differente graduação na escala brutal do flagicio — o chicote vulgar, simples, entrançado para a resistencia, e rematado em pitas, que estalam no ar e rasgam a pelle ao paciente; ao lado, o seu irmão mais velho e cruel, reforçado com duas voltas de cor-

reia embebidas em oleos, que lhes dão consistencia e elasticidade, com applicação ao dorso das mulheres delicadas; a seguir, as classicas disciplinas, em *bouquet* de pernadas rematadas em nós e revigoradas com tecidos d'arame, isto é, mais nervosas e valentes que as que martyrisaram Jesus; e ainda o *latego nodoso*, o tradicional flagello, invenção infernal do seculo v — um rosario de espheras metallicas, ouriçado de pontas agudas!

A um canto, a granel, um molho de lanças, que serviam para reanimar os torturados, como faz o aguilhão aos animaes de carga, penetrando-lhe nos ilhaes..

Ao centro, como altar d'este templo, throno d'esta realeza, ou eça d'esta camara ardente, estava o *potro!*

Filho dilecto da forca, tinha d'ella a configuração, mas, como não lhe chegava a estatura para suspender um homem pelo pescoço, esmagava-o com cadeias de ferro na altura dos pulmões.

Prodigiosa invenção humana!

Piedosa cirurgia da egreja catholica!

Tôsca e suja, tambem alli ha uma mesa destinada ao escrivão da Inquisição, o estenographo de todas as confissões arrancadas ao medo, á dôr e ao delirio.

Abundava, entre as victimas, gente que o terror desvairava, e a quem o martyrio dava tal inconsciencia do que estava vendo e ouvindo, que, ao ser interrogada e torturada, dizia automaticamente, ou quanto lhe suggeriam, ou cousas contrárias e sem nexo. N'este caso o escrivão interpretava, aperfeiçoando, um depoimento claro, logico, convicto!

Umas vezes este trabalho era apenas uma aleivosia profissional, outras, producto d'uma vontade decidida e fanatica de descobrir e punir criminosos. No tempo de Carlos V, um desgraçado enlouqueceu durante a tortura, e, taes respostas deu, que deixou de chorar afflicto, e, a rir alvarmente, denunciou duas filhas suas! A Inquisição, para tirar partido d'esta monstruosidade, como se o episodio de Abrahão e Isaac pudesse justificar-se no mundo real, aproveitou-se da loucura do pae e obrigou-o a conduzir lenha para a fogueira das raparigas!

Era alli, sobre aquella mesa tôsca e suja, que se escreviam as palavras d'esses martyres perdidos, afflictos, delirantes, loucos!

Quem nos diz de que era feito o chão d'essa masmorra? Aqui parece o fundo d'uma cisterna, limoso, enxarcado, coberto de detrictos e de vermes; alli, ha madeira apodrecida embebida no lôdo: mais longe, cano de exgôtto obturado e infecto...

Ha pedaços de tijolo com a côr da ardosia, e lagedo polido e estalado,

servindo de passadeira n'esta alcatifa immunda e sinistra! A um lado, onde os inquisidores que assistiam áquelle combate de feras, como os imperadores no logar nobre do Coliseu, o chão era forrado de pedras de sepulturas, com inscripções quasi apagadas, deixando a grande dúvida de que houvera alli o claustro d'um mosteiro, ou o carneiro d'algum cemiterio.

Ao centro tem a cobril-o uma camada lodosa, d'um matiz limitado entre o vermelho e o roxo...

Que diria a analyse chimica d'esta escara mysteriosa?

Aquelle cimento era amassado com sangue e lagrimas, sangue dos corpos retalhados e das chagas gottejantes, lagrimas em que se desfaziam os olhos dos que não podiam gritar por causa das mordaças, nem estrebuchar por causa das algemas!

Estava n'aquelle pedaço de chão extracto de milhares de vidas, onde se misturavam em percentagens deseguaes, sangrias de muitos homens de coragem e pranto de muitas mulheres esmorecidas.

Raras vezes deixava de existir, lá ao fundo, onde a luz das frestas não chegava, algum cadaver de torturado sem resistencia, ainda com os olhos abertos, na esperança de gritar por elles, ainda amordaçado para que a caveira não lavrasse o seu protesto!

Andam junto das frestas, estonteados em tão pouca luz, moscardos de azas verdes, os pequenos corvos que denunciam as podridões que se occultam; e em todo o recinto um cheiro nauseabundo e venenoso!

Ao pé d'este *atelier* da morte, chega a ser alegre e generoso o cadafalso, com a forca, ou a degollação, ou o garrote, ou o moinho dos empallados, ou a roda forrada de cadaveres, ou a cruz de Santo André!

Alli, ao menos, a carne chagada, os ossos quebrados, o sangue, as lagrimas misturam-se, é verdade, mas não ficam sobre o solo, convertidos em monturo repellente: a fogueira bem accesa fulgura, crepita, sobe, devora cadafalso e victimas, e manda, em columnas de fumo, pelo espaço immenso, na piugada do espirito, residuos de todo esse combustivel, deixando, apenas, á espera que o vento as arraste tambem, cinzas leves, com uma só côr e uma só forma!

Que differença! Como se comprehende bem com quanto anceio os presos torturados appeteceram, nas horas passadas n'aquelle antro, a tragedia final da praça pública?

Quanto lhes sorria a morte á luz do sol! Sentir no rosto o ar livre é o grande consolo dos escravos!

Ao menos, tendo o céo sobre a cabeça, talvez que Deus estivesse a espreital-os, e ou lhes perdoasse pelo que tinham soffrido.

Na sala das torturas não estava Deus; não podia estar! Aquellas cru-

zes eram falsas, falsas as imagens, falsas as preces que alli se rezavam. A justiça não podia morar onde só a fôrça se impunha...

Depois, o mundo sabia, na praça pública, o que a Inquisição lhes tinha feito, quando elles iam no auto de fé; eram tambem julgadas pela consciencia dos seus! Talvez que elles tivessem razão; mas nas sombras do carcere abafado em espessas muralhas, a sós com o algoz, soffrendo muito, e depois mais, e mais, morrendo mil vezes, mil vezes resuscitando, para ficarem longas horas moribundos, e, afinal, voltarem para o covil, sem terem salvo a vida nem respeitado a consciencia!?...

E fala-se com horror da cova dos leões, para celebrar o milagre de Daniel?!

Quanto não seria melhor lançar o penitente ás feras?

Quem sabe? talvez que as feras se compadecessem, ou respeitando o rei da creação, ou esmagando-lhe rapidamente o craneo nas suas garras vorazes?

Morrer luctando como os escravos romanos!...

Só recordando a sala das torturas do Santo Officio se pode comprehender como, nos circos ensanguentados, os luctadores, ao morrerem, saudavam o seu principe!

Como os judeus e christãos-novos saudariam os reis catholicos, se elles viessem áquella sepultura de vivos, e mandassem apunhalal-os pelos sicarios da sua lei?!

N'aquella viciada atmosphera, n'aquellas paredes infernaes, n'aquelle chão, que era um abysmo de terrores, não havia só o que tão facilmente se pode reproduzir; havia olhares que fusilavam pragas, dentes que rangiam ferozes, pranto que pedia perdão, sangue que ameaçava vinganças.

Guarida de feiticeiros, entregues a exorcismos e ao fabrico de venenos subtis; caverna da barbaria onde se aninhavam os anthropophagos dos tempos primitivos; ninhos de espectros que povoavam sonhos e delirios de tantas gerações ignorantes e beatificadas — tudo isso tinha n'aquelle subterraneo inquisitorial a sua imagem repugnante!

Não era uma cadeia — era um abysmo; não era um confessionario — era um potro; não era um tribunal — era um açougue!

Chamavam Santo Officio a essa instituição que mantinha a sala das torturas! E' que confundiam o Palacio da Fé com o Palacio da Garduña, os frades com os bandidos, a justiça com os *guapos* e *ponteadores*, isto é, com a ralé de Sevilha, que roubava á fôrça e matava por dinheiro.

*

No dia da partida do inquisidor-geral, dois frades, acompanhados de alguns familiares, foram á camara de misericordia, onde se achava Jacob.

la tambem com elles o escrivão do tribunal.

Jacob melhorara de saude, isto é, recuperara algumas fôrças, apesar da noite que passara, pensando na sua desgraçada situação e soffrendo as mais cruciantes saudades dos seus dias de liberdade.

O secretario, ao entrar na camara, interrogou Jacob, que passeava agitadamente.

— Em cumprimento das ordens recebidas do meu presidente, venho perguntar-te se queres fazer a pública abjuração das tuas heresias?

Jacob parou n'uma das voltas, e, fitando o inquisidor, disse com apparente serenidade:

— Não; salvo se o inquisidor permittir que essa abjuração seja acompanhada da declaração de que fui obrigado a abjurar.

— Não gracejes com assumptos de tanta gravidade, que o prazo da tolerancia e do emprego dos meios suasorios é curto, e deve findar brevemente.

— Já te disse; faze de mim o que te aprouver.

— Acompanha-me, pois, que preciso de te instruir sobre a sorte que teem de soffrer aquelles que se não submettem á vontade do Santo Officio.

E, depois, voltando-se para os familiares e esbirros:

— Conduzam este homem á sala das torturas.

Jacob collocou-se, sem hesitação, entre aquella gente, que lhe poz as algemas, com a rapidez e facilidade que denotavam longa prática profissional.

Jacob não offereceu a menor resistencia; apenas desviava, em protesto, os olhos, de labor tão repugnante.

— Muito bem, Jacob, disse o secretario, vejo que agradeces o meu conselho. E vaes praticamente verificar quanto elle foi razoavel.

— Vamos, disse Jacob, erguendo a cabeça com majestosa resignação.

E, avançando para fora da camara:

— Que Deus me dê coragem para vêr praticar tão infames cobardias!...

E levou as mãos ligadas até a altura do coração, para vêr se elle batia serenamente...

— Bem, esto calmo!

Apesar d'isso tinha o rosto pallido, os olhos vermelhos e, na testa espaçosa, brilhavam algumas gôttas de suor.

E o grupo seguiu pela galeria, e desceu as escadas, que communicavam com os subterraneos.

Pelo caminho, os frades iam vergando o joelho deante dos crucifixos

collocados nas paredes, e, depois de fazerem o signal da cruz, seguiam, rezando em latim.

Jacob mal viu o caminho percorrido!... Se elle ia recordando o olhar de Sarah, e, perguntando a si mesmo, se ella se lembraria d'elle e se teria dó da sua miseravel situação!...

Foi longa a viagem... e cada vez mais cheia de sombras.

Afinal, o pequeno grupo parou junto d'um portão chapeado de ferro.

O secretario mandou que um dos esbirros batesse fortemente com a ponteira d'um bastão.

Ouviu-se, então, o correr agreste dos ferrolhos d'uma porta interior e, depois os de outra, e depois os d'aquella em que se déra o signal.

Era dia, mas, apesar d'isso, esta scena era apenas allumiada pela chamma d'um sujo lampeão pendurado na abobada que intervallava a primeira e a segunda porta.

Percorrida esta distancia, Jacob viu nova abobada, nova lampada, e nova porta!

Essas arcadas eram os fossos da sinistra fortaleza. Como havia de transpol-as qualquer gemido de dôr, ou grito de soccorro?

Jacob comprehendeu a situação. Alli dentro, se Deus não quizesse salval-o, ninguem poderia fazel-o. A tyrannia com taes resguardos tinha assegurada a impunidade dos seus crimes! Homens, mulheres e creanças, fortes e débeis, corajosos e cobardes, eram todos eguaes! As torturas graduavam-se por forma que a dôr se distribuia sempre a vencer coragens e resistencias.

Dois passos mais e o christão-novo estava, na casa maldita, n'esse extenso e escuro subterraneo que já descrevemos.

A officina estava em laboração. Sentia-se correr agua e crepitar o fogo. Andava alguem a arrastar correntes de ferro e a experimentar os molinetes grosseiros. Frades de negros capuzes, que lhe tapavam o rosto, tiravam das escápulas os azorragues e agitavam-n'os no ar, experimentando os. Um folheava o livro de orações e depois depunha-o aberto sobre uma das hastes do pôtro; outro, sentado á mesa, procurava, n'um monte de processos, um d'elle, e n'este a parte da accusação que ia ser investigada.

Nas bancadas, sentados, dois ou tres juizes, condecorados com este titulo para ludibrio da justiça humana...

Um frade, dos mais velhos, e tambem mascarado, arrancava da parede um crucifixo, como um serralheiro pode arrancar uma grosa do seu ferramental. Um servo procurava obter mais luz varrendo com alto espanador as immundas teias que se balouçavam nas frestas. No chão, ao acaso, no fundo d'esta caverna, havia lanternas accesas.

Prêso pelo pescoço a uma corrente suspensa da cantaria, como um cão de guarda, junto do portão d'uma arrifana, estava um mouro, sentado, envolto na sua tunica branca e grosseira e tendo na cabeça turbante do mesmo tecido. Era um homem novo, de rosto cobreado, faces cavadas, olhar intelligente, mas amortecido; descahiam-lhe os labios n'uma desoladora ironia.

Havia já algumas horas que estava n'aquella posição, e, por isso, a fadiga o levou a tomar uma attitude contrafeita, que fazia com que o desgraçado não estivesse nem sentado, nem de joelhos, nem acocorado. Era uma posição insustentavel durante um minuto! Era um minuto de descanço!

O tamanho da corrente e a altura da argola apenas lhe deixavam que encostasse a cabeça ás lages da muralha, tendo sempre o tronco perfilado, o pescoço extendido... Sempre que deixasse descahir o corpo, a gargalheira lhe repuxaria a cabeça e lhe afogaria a respiração... Tinha ao lado um jarro, talvez de barro, que a côr não deixava determinar-lhe a materia, e, no regaço, para o não ter sobre a terra humida, um pedaço de pão, tão negro como o jarro, mais duro que a colleira!... Passara alli a noite? Talvez; mas não dormira, evidentemente, ou dormira de olhos abertos, revolvendo-se no chão, *gemendo e chorando*, como se diz da Virgem na *Salve Rainha*, com egual ou superior propriedade.

A verdade é que o martyr já não via a disposição da scena, nem ouvia as vozes de commando d'aquella faina selvagem.

N'uma das suas reviravoltas aconselhadas pelo instincto, extendeu as pernas, encostou os hombros, apoiando o tronco sobre as mãos, assentes n'uma faixa do lagedo, e com a nuca encostada á pedra do arco, n'um suspiro longo, soltou esta palavra:

— Piedade!

E apesar de não a ter repetido o mouro, o écho da arcaria, ouvindo-a lá no fundo, repetiu sinistramente — Piedade!

Foi o bastante; a um gesto do secretario, um esbirro, que olhava pelos buracos abertos na máscara negra, desprendeu, d'um dos grosseiros cabides, uma mordaça.

Não falam, com a necessaria minucia, d'este brutal apparelho, os livros que consultámos. Falam d'elle os historiadores da época, como d'um objecto vulgar, conhecido em todos os tempos. Effectivamente, o que a justiça empregou durante seculos foi, até nossos dias, empregado por ladrões e assassinos. Mas que mordaças são as modernas? A palavra generalisou-se a ponto de caber a qualquer coisa que tape a bôcca e impeça o uso da fala. Amordaça-se com um lenço... As mordaças, ainda não ha muitos annos,

empregadas pelos assassinos das nossas Beiras, consistiam n'uma peça de couro, com atilhos nas extremidades. Não differiam portanto das vendas...

N'uma velha edição (1830) do *Dictionaire de la Penalité*, de Saint-Edine, faz-se uma referencia á antiga mordaça dos supplicios.

Offerece ella alguma novidade, porque a placa de couro que se applica sobre a bôcca escancarada tem no centro duas aberturas em cruz, e, á roda d'ella, quatro orificios destinados a permittir a respiração. Essa chapa, de forma oval, está prêsa a duas tiras muito resistentes, que vão juntar-se e enlaçar-se junto da nuca do paciente.

A cruz era a companheira inseparavel de todas as torturas! Alli ao menos, desempenhava a missão providencial de evitar a asphyxia.

O mouro foi immediatamente amordaçado, e, como o seu martyrio se tivesse aggravado com o novo e mortificador apparelho, quando novamente suspirou, supplicando piedade aos seus algozes... em vez d'aquella palavra humilde e triste, apenas se ouviu, por entre um rugido abafado, um ciclo enfraquecido assobiado nos braços da cruz!...

A presença de Jacob despertou e reanimou o mouro. Consola sempre ter companheiros na desgraça!

Jacob fitou o martyr inundando-lhe o rosto com o seu olhar de profunda compaixão, e, como se estivesse a falar a um moribundo, que nem já falasse nem ouvisse, disse-lhe n'esse olhar, que tivesse fôrça e paciencia.

O secretario approximou-se de Jacob:

— O mouro, em vez de nos offerecer uma confissão, pediu-nos piedade. Que a tua prudencia, Jacob, te amordace tambem...

No cerebro de Jacob explodiu uma apostrophe; a bôcca ficou muda!

Preparou-se então a brutal assembléa. Os juizes sentaram-se nas bancadas que estavam á direita da mesa do escrivão. Este tomou o seu logar, e, levantando um pouco a máscara negra, para poder fazer leitura do processo, bateu com a mão sobre o manuscripto para chamar a attenção dos ajudantes.

O frade, que marcara uma folha no livro das orações, dispoz-se tambem para a leitura. Os carrascos, bem velados, collocaram-se junto do pôtro, emquanto dois esbirros musculosos se punham de sentinella junto do mouro acorrentado. Um servo de vestes seculares, de joelhos, junto do brazeiro, soprava com um folle, que a custo se movia... Jacob ficou de pé, rodeado d'alguns familiares.

— Soltem esse homem, disse um dos juizes.

Logo os esbirros metteram uma chave á gargalheira do mouro, e a corrente cahiu ruidosamente sobre o poial de lagedo que sahia da muralha.

O mouro, ao vêr se livre do cruel apparelho, deixou pender a cabeça

sobre os joelhos, e ageitou o corpo para descançar os membros contrafeitos. Denunciou-lhe a physionomia as dôres que lhe vinham d'essa liberdade. Alli até o bem, quando apparecia por momentos, se convertia em tortura!

— Ponham-lhe agora as algemas, continuou o presidente.

E os esbirros, immediata e bruscamente, prenderam os pulsos do infiel.

— Levantem-no...

— Não pode mexer-se...

— Então, arrastem-no e deitem-no n'esse catre...

Os esbirros, fingindo levantar o mouro, levaram-no de rastos, para cima d'um movel composto de quatro varaes, formando rectangulo, como uma maca ou padiola. No centro d'essa figura balouçava-se uma lona do comprimento d'um homem.

— Tirem-lhe a mordaça...

Ao desprender-se a mordaça, o peito do mouro levantou-se n'uma longa e consoladora aspiração!

— Dêem-lhe um gole de licor...

Mal tocou com os labios a taça que lhe apresentaram, o mouro abriu mais os olhos mostrando reanimar-se.

O physico tomou o pulso da victima, deitou a cabeça sobre o peito, no sitio do coração, e demorou-se auscultando-o.

— Pode começar o interrogatorio, disse o technico, afastando-se indifferentemente...

— Como te chamas? perguntou o secretario com voz aspera.

— O meu nome mourisco?

— Não, o de christão-novo.

— Samuel Fernandez.

— Samuel? Esse é judeu.

— E' como o de Jesus...

— Responde simplesmente. Que edade tens?

— Trinta e tres annos, é a de Christo.

— Estás com vontade de que te sacrifiquem?

— Oxalá!

— Olha que não ha falta de vontade...

— Nem de phariseus!

— Qual é o teu Deus?

— E' o nosso...

— Como se chama?

— Deus do Céo!

— Dize commigo: Jesus Christo.

— Jesus Christo... disse o mouro syllabando vagarosamente.

— Fizeste alguma restricção mental, ao pronunciar este nome?

— Fiz.

— Qual foi?

— Foi mental.

— Que o digas. E' preciso que digas o que pensas.

— Se eu não penso o que digo!...

— Ordeno que digas, em voz alta, o nome que calaste.

— A mordaça não deixa falar; para fazer falar não basta mandar.

— Vaes ver...

E o escrivão olhou para o presidente.

— Que o açoitem no rosto, para que a lingua se mova.

Ainda o moiro não tinha comprehendido estas palavras, e já o latego, movido pela mão d'um dos carrascos, lhe estalava n'uma face, deixando-lhe um sulco vermelho.

O corpo do marrano contorceu-se como o d'uma serpente a andár...

Jacob fechou os olhos, e encostou-se á parede.

O mouro parecia de sangue, tanto o rubor que o afogueava! Jacob parecia de cera, tal a pallidez do rosto!

— Vamos, Samuel, disse o frade das orações, confessa o peccado do teu pensamento. Confessaste meia verdade, completa-a.

— Tendes razão: Mahomet...

O secretario escreveu.

— Onde nasceste?

— Em Tanger.

— E's hespanhol!

— Fui.

— Por que dizes, fui?

— Porque não é nossa patria a que nos persegue e flagella.

— Teu pae?

— Morreu.

— Tua mãe?

— Seguiu-o.

— Onde morreram?

— Na Inquisição.

— Queimados?

— Não; apodrecidos...

— De que foram accusados?

— De innocentes...

— Tens irmãos!

— Tenho, ou melhor, talvez ainda tenha.

— Onde vivem?

— Perguntae antes — onde morrem?

— Pois seja; já que procuras exgottar-nos a paciencia.

— Não sei.

— São, como tu, mouros refeces?

— São, como eu, forçados christãos-novos.

— Como se chamam?

— Quereis chamal-os? Não sei.

— O Santo Officio não ignora que elles viviam em tua companhia, e oravam em mesquita secreta. Sabes onde elles estão?

— Não sei.

— Mas, ao seres prêso, fizeste signal a alguem para os prevenir...

— De que deviam fugir; mas não sei para onde foram...

— Vê se te recordas.

— Tenho a cabeça esvahida; se soubesse, ter-me-hia esquecido; ignorando, é impossivel adivinhar...

— E' preciso que nos ajudes a salvar-lhes as almas.

— Perdendo-os, como vós me perdestes?

— Em tua casa havia uma mulher...

— Era minha.

— Quem t'a deu, para lhe chamares assim?

— Deu-se ella.

— Sabemos; era uma christã que assim atraiçoava a moral, com a mancebia, e a religião mourejando comtigo. Has de entregal-a ao Santo Officio.

— E chamas a isso religião e moral?

— Não te pedimos conselho; exigimos-te uma declaração.

— Matem-me. Isso podeis fazer. — Preciso de que ella viva para rezar por mim.

— Insistes? Repara bem! é caro o preço da obstinação. Vamos, que temos mais que fazer. Dize, onde estão teus irmãos e tua mulher?

— Estão a salvo!

— Mais razão ainda para confessares...

— Confesso-me a Deus, e, emquanto vos me martyrisaes, elle já me absolveu...

— Ides ser torturado...

— Ainda mais? Tenho uma esperança — a insensibilidade...

— Se não respondes, vaes conhecer o supplicio da agua...

— Já soffri o fogo da vergonha, e não morri!

— Meu filho, disse o frade das consolações, salvae aquelles que vos amam. Nós os faremos arrepender e elles ganharão o Céo.

— E vós, que me daes taes conselhos, como esperaes salvar-vos do inferno?

Um dos juizes fez um rapido signal aos negros carrascos, e logo elles se precipitaram sobre Samuel. Emquanto um lhe passava uma correia sobre o peito para o segurar ao catre, o outro lhe prendia os pés, com muitas voltas de corda delgada.

Depois, um d'esses terriveis ajudantes collocou-se ao lado da cabeça, tendo na mão um grande vaso cheio d'agua e com um longo rebordo cahido.

— Então, Samuel, perguntou o frade das orações, para que nos obrigas a estas dôres? Responde, meu filho, antes do sacrificio a que nos obriga o nosso zêlo pela fé catholica: onde estão teus irmãos e a tua concubina?

— Na esperança de que eu os não atraiçôe.

— Se elles te vissem soffrer, Samuel, ou te desligariam do teu juramento, ou não seriam dignos da tua lealdade.

— Matae-me, e eu vos agradeço...

— Samuel, insistiu o frade, nada aproveitam elles com o teu martyrio. O tribunal os descobrirá e tu terás soffrido inutilmente. Se resistires á agua, experimentarás o fogo, e depois, mais dôres e afflicções. E quem sabe, Samuel, se teus irmãos te esquecem e tua mulher te atraiçôa?

— Calem-se, miseraveis, exclamou Samuel. Antes as torturas que veem das vossas mãos, que o veneno que vem da vossa lingua.

— Faça-se a tua vontade.

E o frade afastou-se, lendo monotonamente no livro das orações.

O supplicio da agua tinha, como todos os outros, as suas variantes. A primeira, que era a mais simples, consistia em applicar ao paciente um apparelho que o constrangia a manter a bôcca aberta.

Emquanto um dos algozes lhe apertava o nariz para o obrigar a engulir com a necessidade da respiração, outro lhe deixava cahir successivamente, e por algum tempo, um jôrro d'agua. Esta operação, além de muito afflictiva, era perigosa.

E esse perigo não era só para os organismos doentes; tambem nos corpos sãos elles existiam, e a presença do physico nem sempre poderia evital-os.

Era fatal consequencia d'esta tortura a dilatação forçada do estomago, levada até promover soffocação e anciedade precordial. Devia-se, por consequencia, contar com a difficuldade na circulação do sangue, quer no co-

O supplicio da agua tinha, como todos os outros, as suas variantes

ração, quer nos pulmões, e até por vezes com a syncope e a congestão cerebral.

Estamos, pois, em face d'um occulto cadafalso, em que a pena de morte se divertia com os condemnados, e em que a tyrannia, convertida em justiça, barbara e estupidamente, se arriscava, no empenho de fazer falar as suas victimas, a emmudecel-as para sempre!

Samuel a tres perguntas successivas, que lhe foram dirigidas, ficou mudo, revelando assim, o firme proposito de não responder.

Quando um dos mascarados ia applicar-lhe á bôcca o apparelho que deveria forçal-a a manter-se aberta, um dos juizes ordenou suspensão dos preparativos, e, chamando o secretario, falou-lhe em segredo.

O olhar do mouro acompanhou todos estes movimentos, com manifesta anciedade.

O secretario, por sua vez, deu tambem alguma ordem, que dois familiares sahiram a cumprir com toda a presteza.

Reinou então n'aquelle recinto o mais extraordinario silencio.

Jacob tinha o presentimento de maiores desgraças. O que elle soffrera durante aquelles momentos em que se fez o interrogatorio e as brutaes sevicias de que tinha sido victima um homem incontestavelmente superior a toda aquella gente que o opprimia! E tremia, ao lembrar-se de que lhe faltasse a coragem para dominar os seus naturaes impulsos de revolta contra tantas iniquidades!

No rol extenso das torturas do Santo Officio não estava marcada aquella que lhe infligiam. A elle, que preferia morrer a vêr uma violencia! A elle, que nunca medira as consequencias dos seus desaggravos!

E' que a vida lhe parecia agora mais preciosa que nunca, e porque, na verdade, verificava a sua grande fraqueza, que o expunha aos insultos de qualquer d'aquelles cobardes. Quem sabe se elle, ainda um dia, poderia tirar uma desforra de tantos insultos e humilhações?!

Se elle se visse livre d'aquelle captiveiro?... Ouvira falar na chegada de Philippe I e nas suas tendencias hostis contra a Inquisição...

Quem sabe, pensava, talvez que toda aquella tolerancia havida para com elle significasse já a influencia do novo soberano? E lembrava-se tambem de que, sendo portuguez, seria possivel que a diplomacia dos agentes de D. Manuel lhe poupasse a vida... Não era a primeira vez que tal succedia... E recordava-se de que um dia o rei de Portugal entregara á Hespanha alguns foragidos hespanhoes, e puzera a condição de que elles não seriam nem mortos nem martyrisados!...

Amigos tinha-os... Gil Vicente fôra victima d'uma traição... Que admirava isso! Por que fugira elle para Hespanha? E Pedro Soares? Esse

tambem tinha valimento na côrte... Tambem o teria esquecido? Se esses dois homens se alliassem no empenho de o arrancarem áquelle supplicio, haviam fatalmente de triumphar... Assim não devia perder a esperança de voltar a vêr a sua Sarah, que era a sua unica estrella n'aquelle céo tenebroso!...

E os argumentos do frade, tão fihos e tão penetrantes, que lhe mostraram a coragem, a fôrça, n'uma feição nova para elle, mas que era, na verdade, soberba e majestosa?! Soffrer aquelles espectaculos era mil vezes mais corajoso que revoltar-se contra elles...

Estava Jacob immerso n'estes pensamentos, quando ouviu o ruido de portões que se fechavam e viu que o mouro Samuel era vendado pelos seus guardas, levantado do catre e collocado a distancia, no chão, no recanto mais afastado e sombrio... Puzeram-lhe a mordaça novamente.

Viu então Jacob, entre dois esbirros, uma mulher de figura esculptural, com as vestes de moura e o rosto de andaluza. O busto decotado e a cabeça apenas ornada de fartas madeixas negras, ondeadas e luzidias, que se espalhavam sobre os hombros e collo, brancos como jaspe... Havia majestade real no passo d'esta madona, de olhos profundos e negros, e de bôcca talhada para beijos e apostrophes.

O saiote curto, e o manto descahido, como se o houvera vestido mão affeiçoada ao golpe de mantilha. Os braços nús, ornados de braceletes, de que não fôra possivel despojal-os!

Era nova, de uma mocidade exuberante e d'uma belleza casta, que prendia o olhar, mas não auctorisava o galanteio. Baixava os olhos, mas trazia a cabeça erguida...

Ao verem-na, os frades fizeram um movimento de curiosidade, ou de admiração. Bradaram-lhes os appetites de feras nos corpos insensiveis as dôres humanas.

Mal esta mulher se collocou em frente do secretario, este perguntou, depois de a ter fitado com olhos cubiçosos:

— Como te chamas?

— Suzana Fernandez.

Ouvindo este nome, Samuel soltou um gemido, que parecia o urro d'um leão, ao cahir da tarde.

Suzana voltou a cabeça, mas viu apenas os vultos dos carrascos que se tinham collocado atraz d'ella.

— De quem és filha?

— Não sei.

— Não sabes quem foi teu pae?

— Um homem, que passou um dia pelo bairro da Triana...

— Só isso?

— Não; e que não passou mais...

— Que nome tinha elle?

— Tinha dois: Frade e Seductor.

— E tua mãe? Quem era?

— Era minha mãe.

— Morreu?

— Cahiu no Guadalquivir...

— Matou-se, a impia?

— Não, cahiu de fome!

— Com quem vivias, quando foste presa?

— Com um mouro, que passou pela minha porta, e voltou muitas vezes, e ficou para sempre!

— Para sempre?

— Sim, para sempre — ou elle junto de mim, ou eu junto d'elle...

— E se um morrer?

— Morrerá o outro.

— E's christã?

— Não sei, ou melhor — talvez — se o christianismo nada tem comvosco nem com a Inquisição.

— Mas tu fugiste ao veres Samuel nas mãos dos esbirros...

— Mentes. Fui cumprir uma ordem d'elle.

— E essa ordem era...

— Avisar os irmãos de que deviam fugir... Bem sabes que voltei depois, e me entreguei antes que me procurassem.

— E que vinhas fazer á porta do Santo Officio?

— Buscar a sorte d'elle...

— Vaes dizer-nos onde estão os fugitivos; deves saber.

— Sei...

— Dize, então...

— Nunca!

— Para que recusas? Samuel já o disse.

— Mentes, ainda. Samuel nada sabe... Para o dizer tinha de mentir, e elle nunca mentiu. Se soubesse tinha de atraiçoar um segredo, e elle nunca foi traidor!

— Torturámol-o, e elle foi vencido.

— Já te disse que mentes; mas isso nada importa. Eu saberei...

— Como?

— Perguntando-lh'o.

— E onde esperas falar com elle?

— Lá em cima! E Suzana ergueu os olhos para a grande curva da abobada.

— Lá em cima só poderão encontrar-se se ambos salvarem as suas almas, entregando ao tribunal da Egreja os que fogem d'elle por motivos de fé.

— Faça-se a tua vontade. Por Deus o juro: se eu pudesse, matava-te... Como não posso, morro.

— Poderias morrer christãmente, purificando o espirito no arrependimento e na delação, e o corpo insensivel nas chammas que o consumissem. Assim sentirás as chammas n'este mundo e no outro!...

— O espirito já é uma chamma que nos devora o corpo; arde, não se queima.

— Mas o teu corpo é bello e a chamma do teu espirito illumina-o, não o destróe. Não te importa vel-o torturado, desfeito, chagado, negro, feito em cinzas?...

Suzana estremeceu...

Depois, recobrando serenidade:

— O meu corpo não é meu; é de Samuel. E' só meu aquelle que em Samuel tendes torturado.

— Queimando os dois corpos serão sacrificados ambos com as dôres que se reflectirem.

— E o vento, depois, confundirá as nossas cinzas!...

— Nada confessas?

— Confesso que não.

— Pois bem, tu o disseste. Vamos torturar o corpo herculeo de Samuel nas tuas carnes delicadas.

No recanto escuro alguem soltou um gemido abafado.

Suzana fez-se mais pallida, e, porque lhe fraquejassem as pernas, cahiu sobre o catre.

O presidente gritou:

— Aproveitem o tempo e o acaso...

Suzana, em um momento, viu-se exactamente na situação em que tinha estado Samuel.

Ligada ao catre, desde o pescoço até os pés, não podia fazer o mais leve movimento.

A placidez que apparentava dava-lhe o aspecto de um cadaver. As algemas prendiam-lhe as mãos sobre o peito, o seio levantado, mas insensivelmente arquejante, a cabeça levemente descahida, os pés unidos e ligados e o tronco despido dos habitos superiores, davam a imagem fiel de uma pobre mulher que houvesse succumbido e esperasse a hora da sua inhumação.

Antes assim fôsse! Mas era o contrário; era o começo de uma vida de dôres, cheia de contracções e agonias, que poderia rematar pela morte, mas tambem pela vida mais afflictiva e incompleta.

Vieram, então, dois frades collocar-se — um junto de Suzana, outro junto de Samuel, provocando confissões com rezas a Deus e súpplicas aos pacientes!

E tudo isto para arrancar a duas creaturas de religiosa lealdade a denuncia do logar em que duas victimas futuras tinham procurado refugiar-se!

Samuel sabia que Suzana, a sua amante, bella como uma rainha e fiel como uma mulher de bem, por causa d'elle, e para morrer junto d'elle, alli estava soffrendo os mais crueis martyrios!

E Suzana, que adivinhara, nos gemidos que ouvira, amores e odios de Samuel, avaliava quanto elle soffreria entre as pontas crueis d'aquelle cruel dilemma — ou denunciar seus irmãos, ou matar sua mulher!

Quem ha ahi que nos empreste a penna privilegiada capaz de descrever torturas d'esta natureza? O corpo e o espirito flagellados ao mesmo tempo!... Essa lucta immensa que affirma a existencia dos grandes heroes, porque rasga ao mesmo tempo o musculo e o sentimento, que teem o nome de coração, quem pode descrevel-a?

Como se ha de pintar, com vivo colorido, o que é negro como a morte, e como o mysterio?

Dentro da alma vigorosa de Samuel bradavam duas vozes em altos gritos: uma era a do amor que tinha a Suzana, a outra era a do amor que tinha a seus irmãos.

E ambas, bradando ao mesmo tempo, n'aquella perturbada consciencia, formavam o grito do dever, que é superior ás fraquezas do coração!

E os frades, argutos, subtis, hypocritas, cheios de dialectica natural, que vae ao encontro de todas as incertezas, que baralha e confunde todas as dôres, que vira e revira toda a justiça; os frades, falando da vida do corpo e da vida do espirito, dos deuses e dos homens, do que se vê e do que se conjectura, falando e rezando sempre, debruçados sobre as victimas, ora lhes davam esperanças, ora lhes produziam o desespêro; sempre, sempre, com a persistencia de um mosquito que sibilla e ameaça morder — a dizerem aos ouvidos de um e de outro:

— Confessa! confessa! confessa!...

Era horrivel!

E um dos algozes, entornando o jarro sobre a bôcca de Suzana, que não podia respirar, que engulia, estando cheia, que soluçava engasgando-se, que não podia erguer-se, nem gritar, nem chorar, nem morrer! E Samuel

a ouvir gemer Suzana, e esta ouvindo rugir Samuel, e a agua a cahir, e os frades a rezar, interrompendo-se apenas para dizerem:

— Confessa! confessa! confessa!...

Isto fatiga, isto móe, isto adormece o pensamento, o sentimento, a razão, o coração; entorpece o corpo e a vontade!... Geme-se, pragueja-se e enlouquece-se!...

Os olhos já não vêem, os ouvidos já não ouvem, e apenas se sente o estomago que augmenta, a garganta que estala, a cabeça que se congestiona! E ha vontade de erguer os pés, e os pés não se movem! e os braços contorcem-se, mas não se erguem! quer-se voltar o tronco, e elle está collado ao catre! Falar torna mais afflictiva a deglutição; ferem-se os pulsos nas algemas, doem horrivelmente os queixos desviados!

E quando o algoz pára um momento o jôrro d'agua, e, emfim, a victima logra um instante de relativo descanço, apesar das ancias que a instigam a que se volte, e a que vomite na posição propria para a salvação de um naufrago, o zumbido impertinente continúa:

— Confessa! confessa! confessa!...

E de cada suspensão resulta uma observação do physico, que tres vezes foi chamado e tres vezes respondeu friamente:

— Pode continuar o interrogatorio...

Chamavam áquillo, as feras, interrogar a humanidade!

E durante todo este tempo de barbaro sacrificio, nem o mouro, nem a christã confessaram coisa nenhuma!

Jacob, cuja vigorosa e gentil cabeça se mantivera algum tempo erguida, desfallecera nos braços dos familiares que o amparavam.

Vencem mais facilmente os homens valorosos as dores alheias, que as proprias!

Ao recomeçar a tortura, o algoz notou laivos rôxos nos labios de Suzana...

Levantou o vaso e fez um signal ao physico.

Approximou-se este e mandou que a levantassem, voltando-a sobre a grande cuba que tinha estado recebendo a agua corrente.

— Não podem continuar as provas? perguntou um dos juizes.

— Não podem, respondeu o physico.

— E outra applicação da agua?

— Hoje é impossivel, disse o physico. Se insistirmos, o segredo morrera afogado.

Sempre phleugmaticamente, disse o secretario:

— Que Samuel volte para o seu carcere, e Suzana fique até que as provas possam continuar.

E, como quem carrega gado abatido no matadouro para o talho, ás costas, desleixadamente, os esbirros levaram o corpo de Samuel...

Suzana ficou entregue aos cuidados do fradesco galeno, que ordenou fricções aos pés e lhe fez tomar alguns cordiaes.

Ia a dissolver-se a terrivel assembléa quando se acercou do juiz presidente um frade acodado, mostrando vir encarregado de missão importante e urgente.

— Que ha, disse o principal dos tres juizes que se tinham sentado na bancada especial.

— Ha testemunha valiosa que diz conhecer o paradeiro dos fugitivos.

— Prenderam-na?

— Immediatamente, e já se acha á sombra do Santo Officio.

— Quem é ella?

— Um moço, que terá uns dezesete annos, e que fala com demasiada vivacidade.

— Onde estava elle?

— N'uma rua do bairro de Triana, conversando com um dos socios da Gardunha.

— E' sevilhano?

— Parece que sim, e parece que não. Em todo caso diz conhecer Samuel e Suzana, e prestar-se entregar os irmãos fugitivos...

— E' indispensavel interrogal-o...

— Isso é difficil.

— Por que?

— Porque o rapaz parece idiota: diz coisas sem nexo, por entre muitas certas e verdadeiras.

— Diabo, diabo! disse o inquisidor, sempre contrariedades!...

— Em todo caso conta pormenores bem ligados e faz algumas considerações bem deduzidas!

— Por que lhe chamas, então, idiota?

— Porque tem o riso alvar e lisonjeia em alta voz o Santo Officio, como se fôsse um servidor d'elle.

— Algum velhaco empenhado em desviar pesquisas...

— Não parece. E é isso que o faz parecer desarranjado — com as lisonjas mistura blasphemias...

— Só isso?

— E com as lagrimas solta estridulas gargalhadas!

— Diz elle, pois?

— Que ouviu dois mouros christianisados n'uma tavolagem, nas margens do Tejo, em Alcantara, a planear a fuga para Portugal.

— N'este caso, a estas horas, devem estar a salvo...

— Ora, é isso que faz presumir, que, embora idiota, é bom catholico. o doido Pepe...

— Elle chama-se Pepe?

— Assim o diz. Metteu-se na conversa e convenceu os mouros de que estariam mais seguros escondidos na Andaluzia, que passando a fronteira.

— N'esse caso o rapaz é hespanhol, e de lei.

— Assim nos pareceu.

— Bem, ámanhã o interrogaremos. Affirma elle que o seu conselho foi acceito?

— Que sim; que até foi acompanhal-os ao seu esconderijo.

— Guardem-no bem, e que não communique, nem com os familiares. Esse rapaz poderá prestar-nos um grande serviço.

XV

Um familiar

No dia seguinte, a pavorosa officina recomeçou o seu labor. Povoaram-na as mesmas figuras, algozes e victimas.

Samuel vinha muito enfraquecido, mas Suzana reanimara-se um pouco.

O frade escrivão, que na vespera dirigira o interrogatorio, recomeçou a sua tarefa.

— Suzana, disse elle, soffreste muito e o teu estado é melindroso. Aconselho a que te poupes... Queres, emfim, confessar onde estão os fugitivos?

— Não, disse Suzana serenamente.

— N'esse caso, teremos de recomeçar as provas. Frei Pablo, approximae-vos da accusada e cumpri o vosso dever.

O frade piedoso, que já conhecemos, approximou-se de Suzana:

— Abandona, minha filha, essa perigosa obstinação. Diz a sciencia que periga a tua vida, e, se o tribunal recorrer a novas applicações da agua, com o sangue da tua garganta poderá vir a vida do teu peito...

O frade alludia ao processo de fazer adherir ao palatino e ás amygdalas uma tira de finissima cambraia, e depois da agua produzir o terrivel effeito pneumatico, arrancal-a subitamente como para arrancar com ella o delicado apparelho d'aquella região...

Suzana não mediu todo o alcance d'aquella ameaça, mas adivinhou, intuitivamente, que se tratava d'um supplicio superior ao que já soffrera.

Apesar d'isso, sem hesitar, ella respondeu:

— Não, nada confessarei.

— Vamos a isto, disse o secretario, dirigindo-se aos carrascos.

O physico adeantou-se para a bancada dos juizes, e, em voz baixa:

— Senhores, trata-se d'uma mulher, cuja respiração se faz por forma

diversa da do homem... Opto por nova tortura, pelo menos emquanto não forem reparados os estragos de hontem.

Os juizes conferenciaram...

Afinal disse o presidente:

— Suzana, o tribunal poupa-te a uma nova tortura physica. Espera elle que a tortura moral te submetta mais facilmente. Vamos abalar-te o coração por um processo indirecto, respeitando assim a fraqueza da tua vida! Já que não queres entregar os infieis ás penas da Egreja, verás soffrer o teu desventurado companheiro.

— Perdão, senhores, perdão! Martyrisae-me antes a mim, que, se me obstino, emquanto estou sã de entendimento, é possivel que a dôr me perturbe a razão e eu seja vencida. Não receiem matar-me — levae, ao menos, até ahi a vossa generosidade. Quero soffrer tudo, tudo... Samuel nada sabe, e o seu martyrio será inutil. A mim, e só a mim, deveis torturar. O segredo que desejaes conhecer está aqui.

E Suzana levando as mãos prêsas ao coração:

— Rasguem-me o peito n'este sitio e vel-o-heis, já que pelos labios não conseguis arrancar-m'o... Perdão! senhores, perdão!

E Suzana chorava afflicta, pedindo que poupassem o seu amante.

— Perfeitamente, disse o presidente. Acertámos no ponto mais vibrante da tua alma. Abate-se o teu orgulho, e já pedes perdão, só porque fizemos uma ameaça contra Samuel! Serás vencida á voz do teu amor quando ouvires estalar os ossos do mouro teu apaixonado...

Suzana soluçava angustiosamente...

Crispavam-se os dedos de Jacob, e nos olhos vermelhos bailavam duas lagrimas...

— Tragam o accusado, disse um dos juizes, e não deixem falar Suzana senão quando fôr perguntada.

A manobra foi praticada com rapidez e pericia. Samuel foi posto de pé, amparado por dois esbirros, em frente dos seus juizes.

Um dos carrascos poz uma das mãos sobre a bôcca de Suzana. Cahiu-lhe aos pés a mordaça de Samuel.

— Suzana, em breve iremos interrogar um dos nossos espiões que descobriu o paradeiro dos dois irmãos. Sabemos que elles foram para o norte, até o Tejo, na intenção de descerem o rio e refugiarem-se em Portugal. Não lograram, porém, o seu designio, e esconderam-se nas proximidades de Alcantara, de onde te enviaram noticias. Se confessares a verdade, pouparemos Samuel á tortura que o espera; se não confessares, ambos serão victimas d'ellas, sem que evitem a prisão dos que pretendem salvar. Deixem responder essa mulher.

Os carrascos desembaraçaram a bôcca de Suzana.

— Não, mil vezes não, gritou ella, mal o pôde fazer...

— E tu, Samuel, por que não aconselhas tua mulher a que não te sacrifique estupidamente?...

— Suzana conhece o seu dever, como eu conheço o meu, disse o mouro.

— Dispam o marrano e preparem a corda; o supplicio terminará quando Suzana quizer. Que ella seja juiz e carrasco do seu amante, e que todas as dores que elle soffrer e todo o sangue que elle derramar vão á conta d'ella na liquidação final.

A gente do terrivel officio despojou o mouro dos seus habitos, deixando-lhe apenas uma peça de vestuario que lhe cobria o corpo dos joelhos até a cintura.

Foi desviada da muralha a grande roldana que rematava um supporte de ferro, e na qual passava um grosso cabo de linho, preparado para grandes resistencias de pêso e de esticão.

Uma das extremidades d'este cabo foi passada á cintura do mouro, e, na laçada das costas lhe prenderam as mãos. A outra extremidade foi confiada a dois homens possantes, que ficaram encarregados de puxar por ella, fazendo subir, no espaço, o corpo da victima, até a altura da roldana.

D'aquella altura, depois, successivamente, e no intervallo de cada pergunta sem resultado, esses homens folgavam bruscamente a corda, e o corpo descia, com a velocidade maxima, e parava de repente quasi ao tocar no chão!

Estava tudo preparado para começar a tortura, quando Suzana fez signal de que desejava falar.

— Senhores, disse ella, confesso que elles fugiram para Portugal, e que as noticias que recebi os davam internados... Dae-me tempo e eu alcançarei informações mais certas e seguras. Repito-vos que Samuel nada sabe, e que eu nada mais sei do que aquillo que confesso.

— Conheço o ardil, acudiu o presidente. Queres ganhar tempo... Pois bem, fica sabendo que, por cada interrupção inutil, isto é, que não seja para indicar definitivamente o couto dos criminosos, serás castigada, com duas ascenções e duas quedas das mais violentas e crueis... Vamos, icem, e *desabem-no,* abandonando a corda até um pé, e depois em choques successivos...

— Vá, disse um dos homens.

E, cuspindo nas mãos, lançaram-se á corda com toda a energia e decisão.

A corda saltou na cavidade circular da roldana, e o estremeção apenas derrubou a victima, que ficou de bruços sobre o lagedo...

Jacob, que estremecera, como se fôsse abanado por um cyclone, deu um encontrão nos familiares que o cercavam, e que foram arredados para longe, e precipitou-se sobre o mouro, para lhe acudir.

Esquecera-se Jacob de que estava algemado, e este movimento instinctivo foi tão difficil e desordenado que lhe causou a queda abandonada sobre o corpo da victima.

Não alterou este episodio a attitude dos assistentes.

— Levantem esses homens, limitou-se a dizer o presidente.

Os esbirros cumpriram esta ordem.

Houve um momento em que o rosto do mouro quasi tocou o de Jacob. Samuel aproveitou-o:

— Nas margens do rio, junto da ponte, ao norte, está o meu thesouro... vinga Suzana.

Jacob foi reposto no seu logar. A queda e o segredo chamaram á razão o christão-novo.

Tendo serenado, Jacob repetiu, para bem as decorar, as palavras do mouro. Era uma indicação completa, clara, precisa!

E logo lhe acudiu este triste commentario:

— Que uso poderei fazer d'esta inesperada revelação? A quem transmittir a chave d'este mysterio?

Da sombria galeria da entrada veiu o ruido das grades que se abriam, ou fechavam, e, no meio de dois frades, de rostos cobertos, appareceu Pepe, o alegre pastor de Lorvão.

A magreza augmentara-lhe a estatura, e os olhos grandes, orlados de espessas sobrancelhas e de olheiras profundas e rôxas, pareciam tambem maiores. Cahia-lhe o cabello em desalinho sobre os hombros, dando ás linhas fidalgas do rosto a moldura mais original.

— O fato, miseravel, cheio de poeira e rasgões, dava-lhe o aspecto de um vagabundo, que tivesse andado, pelos brejos e matagaes, morto de fome e de cançaço.

Conservava, porém, aquelle aspecto vivo que lhe vinha dos movimentos ageis e da mobilidade da physionomia.

Pepe tinha agora uma expressão nova, que fazia pensar... A vivacidade do pastor era triste, e o olhar, sempre brilhante, ora tinha uma fixidez meditativa, ora a inconstancia mais desordenada. Nos gestos havia um desconcerto que impressionava; repetia-os causticamente n'uma inconsciencia notavel. Principalmente os dedos da mão direita, nos momentos de maior abstracção, se moviam como se estivessem a torcer linhas... Se não era um idiota confirmado pelo symptoma mais vulgar, era um doente em cujo cerebro se manifestavam as mais graves lesões.

Quem vigiasse de perto, e com insistencia, estes desequilibrios havia de, por vezes, surprehender-lhe, no olhar, lampejos da mais perfeita lucidez.

Passava esse symptoma de saude no olhar de Pepe, como passa no céo o meteoro mais veloz. Como uma estrella cadente, que deixa um rasto de luz, que só depois d'ella se apaga, no céo escuro, assim, depois d'esses lampejos, ficava um sorriso de intelligencia nos labios do pastor, um pouco depois de se apagar o olhar vivo, intencional...

Pepe ria, com o aspecto mais grave, e, comquanto parecesse chorar as suas maguas, regaçava os labios, n'um rictus, que era fatalmente d'um louco ou d'um dissimulado.

Que era Pepe, o dono do *Frade*, o pastor que vigiava Sarah na encosta fronteira ao mosteiro de Lorvão, não havia a menor dúvida.

Era elle.

Ainda não tinha entrado na sala das torturas e já vinha falando em voz alta, mas como se ninguem o escutasse.

— Maldita escuridão, dizia elle, caminhando á custo e pondo as mãos em concha deante dos olhos, para devassar caminho; parece-me que vou pelas entranhas da terra, á procura do inferno... Aqui é que eu queria ver as minhas ovelhas... Começavam a balir, como se estivessem ás portas do Céo! E o meu *Frade?* Esse havia de ladrar como o rafeiro mais impio, que não conhece estes primores das casas sagradas. Só os cães não são catholicos n'esta terra feliz das Hespanhas. Todos os outros animaes teem essa fé, que tudo quanto é bicho anda de bem com o Céo e com a religião christã. E' ver a grande ninhada da arca de Noé, o cordeiro paschal, o pombo do Espirito Santo e a mula de Nossa Senhora. Ah! é verdade, esqueciam-me ainda duas especies — os mouros e os judeus — de cuja mistura resultou a mula da christandade, que é como quem diz — o christão-novo.

— Cala-te, idiota, lhe diziam os companheiros, agitando-lhe os braços. Vae vendo, mas não fales.

— Pois aqui é que é falar, que anda no ar cheiro a sangue, como se eu estivesse no açougue da minha terra.

Depois, Pepe olhou attentamente toda a sala, comprimentando com exaggeradas mesuras todos que alli estavam.

— Isto parece a casa que Deus, arrependido da sua obra, estivesse desmanchando, peça por peça. Salve Deus a todos, senhores meus, que não quizestes receber-me na sala e me recebeis na cozinha, onde a caça fina vae ser cozinhada com bom calor e divinos temperos.

Ao dizer isto, bamboleando o corpo e rindo alvarmente, Pepe fixou

Jacob, e, n'um relance, trocou com elle um olhar que valeu por um discurso cheio de noticias e a trasbordar de informações.

No peito de Jacob alvoroçou-se-lhe o coração em repiques festivos...

— Arruma-te para um lado que já vaes contar o que sabes, disse a Pepe o secretario.

— Estou aqui bem, disse Pepe encaminhando-se para junto de Jacob, quando chegar a minha vez, direi coisas terriveis do Céo e da terra.

— Funcciona a roldana? perguntou um dos frades assistentes.

— Está tudo em ordem, respondeu um esbirro.

Entretanto, Pepe resmungava banalidades misturadas com palavras que Jacob escutava ávidamente.

— Tudo que se faça a esta canalha da judiaria é pouco. Quem não crê em Jesus Christo não é só judeu, é tambem judas!

E sempre na mesma toada:

— Philippe I corresponde-se com Gil Vicente e Pedro Soares... Sarah tenciona dar um passeio a Sevilha. Quem tem esperança tem perdão e tem amor...

E, logo, mais impertinente que nunca:

— Alli está uma corda que eu desejava puxar com fôrça... Raça maldita!

— Esse rapaz que se cale, disse o presidente; e, se continuar, amordacem-no até que haja de responder.

Os familiares que rodeavam Jacob, reprehenderam Pepe, que fez uma vénia cheia de ironia.

Os esbirros esticaram a corda, e o corpo do mouro ficou suspenso.

— Suzana, emquanto é tempo; onde estão os mouros fugitivos?

— Não sei, gemeu a infeliz mulher, com voz abafada e lacrimosa.

O mouro subiu, soltando angustiosos gemidos.

No principio da ascensão, fazendo um violento esfôrço, a victima conseguiu fixar as mãos, ou os pulsos, nos quadris e evitar assim a rapida deslocação; mas, quando chegou á maxima altura, os braços destacaram-se da cintura e o corpo, tomando a posição vertical, ficou suspenso dos hombros que começaram a deslocar-se.

A mordaça não evitava os gritos do paciente. Ouviam-se tambem os soluços de Suzana.

O effeito terrivel d'esta tortura consistia, no primeiro gráu, em manter a victima em tão dolorosa posição, durante alguns momentos! — Se ella insistia em não confessar o que lhe era exigido, deixavam-na cahir de toda a altura, mas sem chegar a tocar no chão, de maneira que a paragem repentina do corpo actuasse tão violentamente sobre a articulação dos hom-

Os esbirros esticaram a corda, e o corpo do mouro ficou suspenso

bros, que os ligamentos fôssem lacerados, chegando os braços, como se os hombros fôssem eixos, a fazer uma rotação completa em volta d'elles.

Tambem este supplicio se aggravava suspendendo-se o suppliciado só por um dos hombros, e pondo-se, no tornozelo do mesmo lado, um pêso equivalente a 65 kilogrammas.

D'isto resultava a luxação do hombro e de todas as articulações da perna, e um derrame de sangue, que muitas vezes invadia grande extensão de tecidos.

Paul Lacroix cita ainda uma outra variante usada nos interrogatorios extraordinarios, e a que em Orléans se dava o nome de *estrapade*.

Consistia esse flagicio em prender a uma corda, que ligava os dois tornozelos, um pêso correspondente a 110 kilogrammas, e que victimava muitos pacientes... Tal era a intensidade da dôr e o exgottamento nervoso, produzido pela luxação e laceração simultanea de todas as articulações de braços e pernas!

Custa acreditar em tanta crueldade; mas, infelizmente, em milhares de paginas da historia de todo o mundo *civilisado,* se encontram os mais eloquentes attestados da sua existencia! Estão os archivos cheios d'esses processos, e n'elles se pode ainda ler, como se tivessem sido lavradas hontem, as sentenças que determinavam martyrios tão selvagens...

E havia carrascos que executavam essas sentenças! e gente, que dizia servir a Egreja e obedecer a Jesus, assistia com indifferença a tamanhas agonias!

Havia, por excepção, uma ou outra victima que tudo soffria em silencio, resignadamente, n'uma beatitude angelical, offerecendo tantas dores e injustiças á salvação da sua alma! muitas desmaiavam antes da tortura e até morriam mal ella começava...

Eram essas as mais felizes!

Que a morte nem sempre vinha interromper o espectaculo dos inquisidores...

Quantas vezes elles expunham os cadaveres ás mesmas provas a que sujeitavam os corpos vivos!

Lavradas as sentenças haviam de ser cumpridas — no paciente, no cadaver d'elle, ou na estatua d'elle?

E os fortes de corpo e de animo? Os que se não submettiam, nem desmaiavam, nem morriam?

Os que luctavam com o carrasco, e rugiam por entre a cruz aberta na mordaça? Os que faziam os esgares mais contristadores, e que, a cada novo soffrimento, por exemplo, no supplicio da corda, ao subirem ou ao descerem, escancaravam os olhos, que pareciam saltar-lhes das orbitas?

Os que entravam em contracções nervosas, ennovelando o corpo e mantendo, durante a suspensão, os cabellos gottejantes de suor a servirem-lhes de máscara?

E os que choravam como creanças, que punham os olhos supplicantes nos juizes e nos algozes e que andavam, com esse olhar de martyr angustiado, a fitar os homens, na esperança de os commover, e a fitar a abobada, para, através d'ella, appellarem para o Céo, a que preside Deus.

E os homens, materiaes como os instrumentos da tortura, quanto mais viam tão diabolico espectaculo, mais vezes despenhavam o paciente! E Deus, que está em toda a parte, esquecia-se de estar alli, e, como juiz, ficava martyr incarnado no Christo, sobre a cruz negra pregada na parede!

Temos visto morrer muita gente, muita! E n'essa hora feia e triste em que o moribundo se agarra á vida, porque lhe esvoaça no leito, até final, o anjo da esperança, quantas vezes temos perguntado que lei cruel e fatal não suspende a execução da sentença iniqua que nos rouba uma vida necessaria e amada?! E, quando a esperança é só visivel para o agonisante, quantas vezes n'uma prece bem íntima, pedimos o termo d'essa existencia, que se despede a custo e chorando saudades d'este valle de lagrimas?

E não vemos a mão que flagella o doente, nem o veneno que lhe circula no corpo!... E' o grande mysterio da inquisição natural que converte a alcôva em sala de torturas!

E' a lei fatal que cria e transforma o universo, que não pode preoccupar-se com os pequenos pormenores da sua fatalidade. Desconhecer essa fôrça dá resignação aos que morrem e aos que vêem morrer!

Mas ter o corpo são, a mente lucida, e assistir á destruição d'essa saude, aos rasgões da carne, á fractura dos ossos, á perturbação do sangue — e com os olhos que ainda vêem, e com o cerebro que ainda pensa, ver a mão brutal que está fazendo tudo e julgar o estupido motivo da crueldade, sem poder defender-se, sem poder vingar-se!

E ouvir, porque a miseravel victima ainda ouve, que, para evitar a morte do corpo, já aleijado, já mutilado, já inutil, lhe pedem que renegue a sua fé, que é tambem a sua unica esperança, e que avilte o seu caracter, que é tambem o seu unico consôlo, é mil vezes peor que morrer da mais cruel das enfermidades, na edade dos grandes desejos, deixando as mais pungentes recordações.

Imagine-se, portanto, o que soffreu, physica e moralmente, o infeliz mouro, cujo futuro estava ha muito alumiado pela fogueira que havia de ser accesa n'uma praça pública!

A' terceira queda, o desgraçado já parecia insensivel, e Suzana, com

os olhos n'elle, se por vezes fazia signal para falar, logo se arrependia, e, fechando os, deixava seguir o supplicio.

Pepe amparou-se por vezes no braço de Jacob, segredando-lhe.

— Coragem!...

— Tel-a-hei, respondia o christão-novo.

O physico examinou o paciente, e mandou que lhe applicassem um cordial, e o deixassem para descançar alguns momentos.

Samuel pousou no chão, onde ficou enrolado e cahido como um cão aos pés do dono.

— Pepe, chamou o secretario, dize-nos, entretanto, o que sabes a respeito do que esta gente recusa confessar.

— Prompto, disse o pastor, avançando para a frente dos juizes.

— Como te chamas?

— Pepe — por mim — Pepe Gonçalves, por meu pae, e Pepe Gonzalez, por minha mãe, que Deus haja — D'esta mistura de meu pae com minha mãe — resultou Pepe Gonçalves y Gonzalez! Que grande luxo! Lembrava assim o nome d'um secretario de el-rei, nosso senhor. Pareceu-me de mais, principalmente tendo ficado em guardador de gado... Resolvi-me, então, a cortar o Gonçalves e o Gonzalez, e a chamar-me simplesmente — Pepe. Ordinariamente, na rua, ninguem me chama senão *aquelle;* mas, como em minha casa todos me chamam Pepe, é assim que desejo chamar-me.

— Bem, interrompeu o secretario, já não são necessarias tantas explicações. Chamas-te Pepe Gonzalez.

— Peço perdão, meu senhor, isso não vale — eu sou Gonçalves y Gonzalez, ou apenas Pepe. Tenho pae e tive mãe, e por isso quero a certidão de baptismo em nome da familia.

— E's hespanhol?

— Isso tambem precisa de explicação. Eu sou portuguez e sou hespanhol — minha mãe era da Andaluzia e meu pae das Beiras. Tenho no corpo sangue hespanhol e sangue portuguez. E' por isso que digo Gonçalves y Gonzalez, e não Gonzalez y Gonzalez...

— Onde nasceste?

— E' por isso que eu não sei bem de que terra sou, nem a qual dos reinos da Peninsula pertenço. N'um dia em que minha mãe foi passear com meu pae á fronteira, nasci eu!

— Sendo teu pae portuguez, e tendo tu sido baptisado em Portugal, és portuguez.

— Pois serei; não digo que não: que eu amo egualmente as terras dos meus velhos.

— Para que vieste a Sevilha?

Pepe não respondeu; parecia estar pensando, com os olhos no tecto e o dedo sobre os labios.

— Tu não ouves? Que vieste fazer a Sevilha?

— Já lá vamos. Estou a pensar agora n'uma asneira que disse... Faça-me o favor de emendar ahi o meu nome...

— Estás com vontade de gracejar? Ora, vamos lá; se te fazes mais idiota do que és, mando dar-te meia duzia de açoutes...

— Qual gracejar! Errei o nome, não ha que vêr! Eu sou Pepe, no caso de ser hespanhol; mas, como sou portuguez, o meu nome deve ser José... Agora me lembro que foi effectivamente José o nome que me puzeram... Minha mãe, coitada, é que embirrou sempre em me chamar Pepe.

— Estás, então, resolvido a dizer a que vieste?

— A Sevilha?

— Primeiro quero saber para que vieste a Hespanha?

— E' bem simples — vim apartar carneiros, para o serviço do mosteiro...

— Qual mosteiro?

— Ora, qual ha de ser? O de Lorvão, que tem grandes pastagens... Lorvão e arredores é tudo do mosteiro. A senhora abbadessa tinha falta de carneiros hespanhoes, e, sabendo que eu tinha dedo para os escolher, mandou-me em companhia do fidalgo de Travanca, que é muito de lá, para arranjar a melhor lã...

— E's, então, muito estimado em Lorvão?

— Se sou! Estimadissimo! Eu e toda a minha familia estamos sempre lá mettidos! Pudera não! Alli ha sempre festas de egreja tão bonitas!...

— Gostas muito de festas de egreja?

— Se gosto! A senhora abbadessa que o diga... Ella e a filha, a D. Philippa, que é uma dama que tem prestado muitos serviços á Egreja... E eu ajudo-a muitas vezes.

— Serviços em Portugal?! resmungou o secretario.

— Serviços, sim, senhor. Alli o que nos falta é a Inquisição, que gente beata e de fé ha bastante. Mas ainda havemos de tel-a, que a terra está toda cheia de mouros e de judeus, e ainda d'uma raça peor — a dos christãos-novos.

— E que serviços tens prestado?

— Diversos... Olhe, ainda não ha muito tempo, eu, a D. Philippa, e o morgado, que é homem que está bem relacionado com o inquisidor geral, démos caça a um foragido da Inquisição — um judeu que fugiu d'aqui, e que andava escondido em Coimbra e arredores.

— Como se chamava esse homem?

— Jacob Adibe. Creio que elle já veiu enviado para Hespanha...

— Se o visses, conhecial-o?

— Talvez não, porque o prendemos de noite, e eu tive d'ir, a correr, arranjar-lhe commodo no castello de Coimbra...

— E a Sevilha, que vieste fazer?

Pepe riu estupidamente ao ouvir esta pergunta.

— Então isso pergunta-se?... Vim prestar um serviço ao Santo Officio! Por acaso, encontrei-me com dois mouros, que, sabendo que eu era portuguez, me pediram para os guiar... Prometti-lhes que sim, mas que precisava de vir a Sevilha por causa de um negocio, e que depois os levaria na minha companhia, ensinando-lhes o melhor caminho, e os esconderia em logar seguro, lá proximo de minha terra.

— E elles onde te esperam?

— No logar que lhes indiquei.

— E, sabendo que vinhas a Sevilha, não te pediram segredo d'esse encontro?

— Já se sabe que pediram, e que estiveram algum tempo desconfiados, mas eu jurei-lhes pela minha honra, pela minha fé, pelas cinco chagas de Christo, que não os atraiçoava, e elles confiaram...

— Então atreves-te a jurar falso, e sobre coisas tão sagradas?!

— Pudera não! Lá, em Lorvão, os santos frades, que vão ao mosteiro, ensinaram-me que, para servir a Fé, a Religião, a Egreja, o Santo Officio, se pode jurar falso!

E Pepe, mostrando aspecto de piedade imbecil, pondo as mãos e falando baixinho, accrescentou:

— Até digo mais: se meu pae, ou meus irmãos, proferirem qualquer heresia contra Deus, Nosso Senhor, ou contra a Immaculada, ou contra algum santo da côrte do Céo, logo que haja Inquisição em Portugal, denuncio-os. Assim Deus me ajude e dê saude aos meus rebanhos.

E n'um momento rapido tirou do peito um rosario, que beijou tres vezes, ficando a olhar para elle n'uma abstracção de mystico, ou de idiota...

— Tens razão, rapaz, disse o juiz presidente, tens razão... Cumpriste o teu dever. Vaes agora indicar o logar onde elles te esperam.

— Não, isso não... Dae-me os esbirros que forem necessarios, e eu irei com elles a essa santa empresa. Só depois d'elles me verem voltar poderão ser surprehendidos...

— Ficas esta noite no palacio e ámanhã partirás bem acompanhado.

Pepe foi retirado da sala.

O mouro continuava desfallecido no chão, com os braços ainda presos á corda, abandonado...

No olhar de Suzana havia uma scintillação de triumpho.

Evidentemente a historia de Pepe era falsa, e a pesquisa que se ia fazer daria tempo aos fugitivos para realisarem o plano que Suzana lhes fornecera.

Todas as hypotheses admittiam os inquisidores, e a que alegrara Suzana não deixou de ser acceita por elles.

— Suzana, disse um dos juizes, ouviste este moço.

— Sim, respondeu ella.

— Será verdade o que elle diz?

— Talvez.

— Mas se os nossos esbirros tomaram todas as sahidas de Sevilha, como lograram elles ir tão longe?

— Tinham bons cavallos que eu propria lhes forneci...

— Fica, porém, sabendo, Suzana, que temos outras informações, e, entre ellas a de que teus cunhados se esconderam em Sevilha...

— Não creio; salvo se voltaram para traz...

— Vaes dizer toda a verdade.

— Nada mais direi, porque nada sei.

— N'esse caso, Samuel, em virtude da sentença ja lavrada, soffrerá tambem a tortura da deslocação, até que tu confesses a verdade e elle abjure da falsa fé em que se abysmou.

A desgraçada gemeu como se lhe tivessem applicado uma nova tortura.

— Reparae, senhor, que Samuel está quasi morto, e que nem sentira o novo supplicio.

— Isso pouco importa. Vamos a isto. Icem Samuel pelas mãos e pelos pés. Ou elle se desconjunta completamente, ou nós apuramos toda a verdade.

Foi arriada a corda da roldana, e da abobada desceram quatro cabos, que, ligados aos pés e ás mãos do paciente, que foi virado e revirado no chão, como um corpo morto, içaram aquelle conjunto inanimado á altura correspondente á de dois homens.

O supplicio da deslocação era uma das variantes do pôtro. Não tinha, como este, o fim de produzir graves lesões nas partes molles e nas costellas da base do thorax, ou nas pleuras e na base dos pulmões, mas não era menos afflictivo.

O paciente, suspenso pelo corpo e pelo tarso, isto é, pelos pulsos e tornozelos, fortemente ligados por meio de cordas, soffria, em primeiro logar, a suspensão da circulação venosa, ou de retôrno, nas mãos e nos pés, inchando-se-lhe umas e outros.

A congestão d'estes orgãos era acompanhada, primeiramente, de torpôr e formigueiro, depois de dores violentas, nas mãos, nos pés e nos pontos onde as cordas actuavam por constricção.

Quando estes meios não subjugavam o paciente, era augmentado o pêso do corpo, e, portanto, aggravados os soffrimentos, por meio de pesos suspensos d'uma corda, préviamente passada em volta da cintura.

A' excepção da fractura das costellas, promoviam-se, então, todos os phenomenos physiologicos causados pela compressão do pôtro, aggravados ainda pela distensão dolorosa das articulações, que podia ir até a luxação, conforme o tempo que ao torturado faziam supportar este supplicio e a grandeza do pêso suspenso da corda.

Era esta uma das torturas que reclamavam maior attenção do physico, por causa da suffocação, ou do exgottamento nervoso, sempre ameaçadores.

Samuel tinha os olhos abertos, mas não via; ficava mudo quando o interrogavam, e o seu corpo subiu, sem a rigidez do cadaver, mas tambem sem a resistencia e as contracções de um corpo vivo. O corpo de Samuel parecia um grande espantalho de trapo, dobrando-se em todos os sentidos. Içado pelos pés e pelas mãos, levava a cabeça pendurada e balouçante. Já não causava dó, causava horror! Aquella tortura já perdera o cunho da crueldade: parecia apenas uma profanação. Não era compaixão o que este espectaculo provocava, era o nôjo!

Suzana viu esta ascenção, que parecia obra de cannibaes alegres, e ainda conseguiu, enorme prodigio physiologico! que as glandulas lacrimaes segregassem o pranto que corria pelas faces maceradas e pallidas...

Ella, que havia já tanto tempo não fazia senão chorar de dôr e de raiva, e até sem influencia d'essas causas, mas da acção nervosa, tão frequente nas mulheres hystericas, como hoje se diria, chorava ainda!

Que grande transformação se operara n'aquelles dois dias, principalmente emquanto durara aquella secreta tragedia passada nas sombras do subterraneo!

Cavaram-se-lhe as faces, e as orbitas converteram-se em dois abysmos, onde os olhos apenas tremeluziam frouxos e humidos. Nos cabellos, onde a luz, até alli, batendo nas ondas negras e luzidias, punha reflexos brancos, havia agora, mesmo na sombra, laivos prateados.

As grandes dores moraes tornam precoce a velhice!...

A tortura physica ferira e deslocara o corpo de Samuel, e taes damnos se reflectiram no espirito de Suzana! Tambem ella se sentia desfallecer, tambem ella tinha a mente perturbada, e já não comprehendia a sua desgraça, e já começava a sentir-se indifferente, não cuidando nem em con-

fessar, nem em negar, o que lhe perguntavam! Com a dos olhos, já lhe bruxeleava a luz da razão, e, como a vida é formada por um circulo de sorrisos e de lagrimas, á fôrça de chorar, começavam já os sorrisos da demencia a esvoaçar-lhe nos labios descórados...

Não havia a menor dúvida.. Samuel e Suzana eram duas vidas perdidas! O que houvesse de seguir na escala dos tormentos nem já tinha o pretexto da investigação — era apenas uma vingança exercida contra a resistencia invencivel.

A Inquisição não queria extinguir, ao mesmo tempo, os dois amantes; era necessario que um ficasse para as provas mais terriveis. Matando Samuel, a Egreja catholica desforçava-se das heresias do christão-novo; mas a Inquisição precisava d'outra compensação... Suzana tinha fama de abastada. No bairro de Triana corria a lenda de que ella guardara, em uchas de cedro, as mais notaveis preciosidades.

As buscas em casa da christã não deram resultados... Havia todas as razões para suppôr que os fugitivos tivessem levado comsigo o encantado thesouro, em que tanto se falava no populoso bairro.

D'ahi o desejo de haver ás mãos do Santo Officio os irmãos de Samuel.

A avareza inquisitorial não perdoava a execução da sentença, principalmente na parte relativa ao sequestro de bens.

Era muito garrotar, ou queimar, os marranos, mas espolial-os era muito mais util á pureza da fé catholica!

O physico, ao ver a ascenção de Samuel, advertiu o tribunal.

— Suzana tem razão — Samuel já não pode submetter-se senão com o fogo do inferno. Deve estar morto.

— Talvez não, disse o juiz presidente — reforcem-lhe a carga, que é agora o melhor processo de lhe tomar o pulso.

Os esbirros reuniram, n'um só laçada, alguns grandes pesos de bronze... Desceu um pouco a corda, que pendia da cintura da victima, ficaram mais repuxados os braços e as pernas e mais rôxos os pés e as mãos; mas a cabeça ficou immovel, pendente!

— Não percamos tempo, disse o secretario; desçam esse corpo...

Os esbirros largaram bruscamente as quatro cordas e o corpo de Samuel cahiu do alto sobre o lagedo, fracturando o craneo.

Parecia o *suicidio* d'um cadaver!

Um dos frades vergou o joelho junto do mouro e, pondo-lhe os braços, deslocados e ainda quentes, sobre o peito, atou-lhe ás mãos negras e inchadas um pequeno crucifixo.

Suzana inclinou a cabeça para o lado de Samuel, e começou a rezar... e a rir, a rir convulsamente...

XVI

O reverso da medalha

Se a humanidade se reflectisse no espelho da Inquisição, não teria esse nome — chamar-se-hia barbaria, e o mundo — covil.

Felizmente, no meio de tanto odio rancoroso e de tão brutaes egoismos, esplendiam, fora do fanatismo religioso, a religião e o amor.

Deus, em relações directas com o homem, dava-lhe as mais formosas virtudes. Se o christianismo não tivesse o catholicismo, se Christo não tivesse o Papa, se a Egreja não tivesse tribunal, a generosidade e a tolerancia restituiriam á terra o Paraiso, e o Céo não seria apenas um sonho de crentes e supersticiosos.

Nem o odio seria tão repugnante, se o amor lhe não mostrasse a ruindade do aspecto.

O martyrio até consistia mais na separação dos que se amavam do que no sacrificio da vida.

A mão do algoz era menos condemnada por cortar o fio de muitas vidas, que por quebrar os laços de tantos affectos!

Abundavam as perseguições e as dedicações; a fé fazia muitos verdugos, mas tambem muitos heroes.

O bem e o mal existiam então, como muitos seculos antes, como muitos seculos depois. A differença consistia em que — a maldade era lei — e a bondade — crime. Praticavam-se villanias á luz do sol, e consolavam-se a occultas as dores alheias! Os máus formavam um exercito, e os bons organisavam quadrilhas. Prégava-se o odio, com a cabeça erguida, e falava se do amor em segredo! A iniquidade tomava o logar da justiça, e a justiça, expulsa dos tribunaes, triumphava nas consciencias.

Era a inversão do dinheiro, que punha a verdade no homisio e a mentira em exposição... A bôcca, que mordia deante de gente, occultava-se timidamente para beijar!

O amor era uma doença secreta — ninguem se queixava d'elle sem

côrar: mas tinha premio e medrava o delator de taes achaques. Entre dois olhares que se attrahiam, havia sempre um a separal-os!

Não se creia, porém, que não havia, nos tempos que descrevemos, as grandes e generosas paixões que affirmavam a humanidade como a obra prima do Creador... Não se creia em tal!

Regista a Historia a mais doce brandura de coração, a dedicação mais fervorosa, a abnegação mais nobre!

O caso de Pepe não era uma excepção — era até vulgar. As victimas amavam-se com rara dedicação e affecto — a dôr congregava os doloridos!

Pepe não era um prodigio: era apenas um exemplar dos submissos amorosos, dos reconhecidos e infelizes. Em tempos de perseguição, comprehende-se bem, a protecção é mais valiosa.

Pepe serve para determinar essa especie. Podiamos ter inventado um cão, que nada comprehendesse do que era a tyrannia catholica: preferimos crear um homem na adolescencia, isto é, entre a innocencia da infancia e o odio da virilidade. Pepe ainda não era um caudilho, ainda mal comprehendia os homens e a causa que guerreava, mas tinha a intuição de que era injusta a guerra feita a gente boa e honesta.

O que entendia o modesto pastor das questões de fé religiosa que abalavam o mundo? Nada; mas tinha já a religião do amor, que deificava aquelles que o acarinhavam.

Elle dissera um dia que offerecia a sua vida a Jacob. E offereceu-a, e perdia-a a sorrir, muito satisfeito de ter cumprido a promessa.

Desde que soube que Jacob viera a Hespanha, em virtude d'uma traição, e que fôra cahir no poder do Santo Officio, só pensou em approximar-se do seu protector e em levar-lhe o maior consôlo.

Entendeu-se, pois, com Sarah, e partiu...

A que perigos se expunha? Não quiz pensar n'isso — expoz-se...

Antes de partir, pediu a um dos inquisidores que lhe deixasse ver Jacob.

Pepe estava prestando serviços e, portanto, fizeram-lhe a vontade, e levaram-no á camara de misericordia, onde se achava o christão-novo portuguez.

Além de que, havia-se formado um plano: o de aproveitar a abbadessa de Lorvão, para haver Sarah, e, á custa d'ella, arrancar a Jacob a desejada apostasia.

Ainda o sol estava a levantar-se no horizonte e já na camara de Jacob entrava Pepe, acompanhado d'um agente do Santo Officio.

— E' este? perguntou o frade.

Jacob estava encostado a uma mesa, com a cabeça descançada nas

mãos... Ao ver o pastor, teve um movimento de alegria; mas conteve-se, lembrando-se das scenas da vespera.

— Deixe-m'o ver bem...

E Pepe rodeou Jacob, examinando-o attentamente.

— Não ha dúvida, é este. Está mais abatido, mas é o mesmo marrano que entregámos ás guardas de Coimbra. E' o mesmo, que eu tambem o vi, n'esta mesma posição, na prisão do castello. Agora, já me não escapa...

— Quem é este idiota? perguntou Jacob.

— Um novo e valioso agente do Santo Officio, disse o frade.

— Mais um miseravel que o fanatismo perdeu, para que possa perder gente sã e razoavel...

E Jacob emquanto dizia isto, escrevia machinalmente sobre a mesa.

Pepe debruçou-se para ver, e logo Jacob foi dizendo a meia voz: *Na margem do rio, junto da ponte, ao norte, está o meu thesouro, ringae Suzana.*

Pepe ergueu a cabeça, e, pondo os olhos na fresta, pareceu repetir mentalmente aquellas palavras.

— Nada me daes, senhor, disse Pepe extendendo a mão fechada a Jacob, parecendo mais que offerecia do que pedia.

Jacob tirou do gibão uma moeda de prata e, ao depol-á na mão de Pepe, sentiu sob os dedos um objecto, que recolheu e guardou com cautela e rapidez.

— A correr, meu senhor, disse Pepe: uma moeda de prata, que para mim vale mais que um *portuguez* de ouro.

E, dando um salto, abraçou o frade, que ficou junto da porta.

— Vae o sol a subir depressa e temos que andar até Las Brozas. Vamos á caça dos infieis, e viva a Santa Inquisição!

Jacob encostou novamente a cabeça nas mãos, mas logo que a porta se fechou, olhou em redor a camara, e perguntou mentalmente:

— Quantos olhos estão espreitando-me?

O que recebera era um recado. De quem? De Pepe ou de Sarah?

Tinha urgencia de o ler; mas, se era espreitado, como evitar que lh'o apprehendessem? Talvez fôsse uma missiva innocente, que nem o compromettesse a elle nem a outra pessoa... E se fôsse um segredo?! Teria tempo de o ler; mas poderia, com a mesma facilidade, destruil-o?

A curiosidade venceu todos os receios. Nem sequer podia fazer qualquer movimento de desconfiança. Se havia o perigo de ser surprehendido na leitura, egual arrostaria elle com as suas precauções. Resolveu-se, portanto, a ler, quaesquer que fôssem as consequencias. Desdobrou o pergaminho sobre a mesa e, aproveitando a luz que da fresta lhe descia

n'uma nesga sobre a cabeça, aconchegou-se o mais possivel, tapando as faces com as mãos e fincando os cotovellos, e começou avidamente a leitura.

Eram palavras de Sarah. Pareceu a Jacob, ao saber isto, que um raio de luz viera pousar sobre a escripta. Aquellas palavras, ditadas pela mulher que elle amava, pareciam escriptas a ouro. Receando que os olhos não vissem bem o que a dedicação de Pepe lhe trouxera, limpou com um lenço os olhos humidos, com o cuidado com que um myope limpa as lentes da luneta. Julgou que era por medo de ler mal que fizera aquelle movimento; mas enganava-se, que a verdadeira causa estava em duas lagrimas, que a alegria lhe debruçara das pestanas...

Era n'aquelles caracteres que elle ia encontrar a compensação, a primeira, talvez a unica, para tantas amarguras do seu espirito!

Que lhe diria ella? Que o amava, ou que elle devia esquecel-a?

Que afinal todas as mulheres honestas amam os homens com quem podem casar-se, e Jacob era um condemnado! Esperava o perdão?

Talvez. Mas esperava principalmente uma pena que lhe não poupasse o nome ao estigma d'aquelle tribunal e a sua pequena fortuna ao sequestro infallivel! Amar um homem, quando a vida d'elle se lhe escurece em scenas de infamias e torturas, seria animar um sonho, que começa e finda no espaço d'uma noite. Livre, Sarah poderia amal-o. Captivo, para que? Sarah era generosa e grata, poderia offerecer-lhe a sua piedade; mas não era de piedade que elle necessitava. Não se amava impunemente, n'aquelles tempos, um condemnado da Inquisição. O amor é o principal cumplice de todas as virtudes e de todos os crimes. Só quem fôsse um hereje poderia amar um hereje...

Entre dois corações que se amam ha a mais prodigiosa suggestão.

Magdalena amou Jesus: prova evidente de que cria n'elle... Não mentem os que nós amamos... Se assim não fôssem, como poderiamos acreditar em seus protestos?

Quando dois crentes se ligam pelo coração, o amor reconcilia os deuses e funda uma nova fé. A inquisição hespanhola já estava em Portugal... Como a herva trepadeira, plantada junto d'um muro, o reveste, e galga, e se debruça, e cáe do outro lado, enraizando-se na terra, a ponto de ser difficil saber de que lado ella subiu, e de que lado desceu; assim o Santo Officio ia galgando as fronteiras, firmado nas raizes lançadas em terras de Hespanha...

A amante de Jacob podia ser accusada de judaizar, porque a agua do baptismo deslizara sobre a cabeça dos christãos-novos, sem lhes humedecer os corações: correra á superficie como corre a chuva sobre as estatuas.

Logo, as palavras de Sarah representavam — ou o principio d'um sacrificio, ou uma desesperança para o captivo.

Jacob foi n'um momento assaltado por todos estes pensamentos antes de começar a leitura. Tinha desejo e medo de a começar...

Porfim resolveu-se, e n'uma avidez doentia, ora lendo mentalmente, ora n'um murmurio, que só elle escutava, começou:

«Senhor:

«Disse-me Pepe, o nosso dedicado amigo, que vós, senhor, por minha causa, sem dúvida, ou por minha malefica influencia, que não tenho nem dou felicidade, estaveis no tribunal do Santo Officio, por coisa que vos condemna, mas não vos envergonha. Pelo contrário, permitti-me a franqueza, vos exalta a meus olhos e vos mostra mais innocente e leal.

«No meu pobre coração, onde a mocidade poz já demasiada experiencia, gravei o vosso nome entre os d'aquelles a quem mais devo e mais amo. Se o escrevi, talvez em logar onde os olhos d'alma o podem ler a todo momento, é porque a vossa fidalguia me salvou a honra, sem a qual a vida é miseria de que se morre e vergonha que só o esquecimento pode velar.

«Sei quanta coragem vos ha de minguar o martyrio, emquanto estiverdes nas mãos de vossos inimigos; mas, se ella pode afiançar-vos maior resignação até o momento da justiça, permitti-me que attribua tanta paciencia e conformidade ás minhas fervorosas orações. A's minhas orações, e ás minhas lagrimas, unicas moedas do thesouro do meu espirito, que eu vos offereço, meu querido martyr, em mesquinha recompensa da vossa dedicação e do vosso affecto.

«Julgava, ha bem pouco tempo, vendo affirmar-se o desconsôlo da minha vida na experiencia do mundo, que apenas os maleficios de que fôssem victimas Deborah, minha irmã, e Pedro, vosso irmão em talentos e virtudes, me desalentariam o coração e levariam os meus impulsos varonis ao sacrificio da vida, que, por elles, eu tenho amado e defendido.

«Que mudança agora! Dilataram-se os horizontes da existencia, cheia de lucto, e sinto-o hoje, e até já o experimentei em sonhos, que por vos salvar, meu bom amigo, não haverá no mundo convenções nem perigos que me detenham das mais arrojadas aventuras.

«Adoro o vosso caracter, e tanto vos reconheço excepcional direito ao meu sacrificio, que vos prometto e juro, pela memoria de meu pae, sacrificado ao odio brutal n'uma sociedade iniqua e feroz, que, como vós por mim fizestes, hei de salvar-vos honra, orgulho e brio, quando não possa

salvar-vos a vida... E' talvez a vossa vida a unica que a Providencia poderia, para me indemnisar do esquecimento de que me queixo, associar á minha, n'este mundo tão feio e tão triste!

«Não me conheceis bastante, meu nobre paladino, que me vistes apenas alguns momentos, com os olhos da mocidade carinhosa; se me conhecesseis bastante, fiarieis d'esta mulher, já duramente martyrisada, o que só vos é permittido esperar d'um moço cavalleiro, que tivesse o vigor do vosso braço e a dedicação do vosso peito.

«Deu-me a orphandade encargos tutelares junto de minha querida Deborah, illuminou-me o coração a bondade de Pedro, e vós, emfim, fortificaes minha vontade.

«Vejo, dia a dia, o mundo a amesquinhar-se, a vida a converter-se n'uma tortura, e a moral a perverter corações... Livre, como as aves e como o ar, livre como Deus, só reconheço a nossa consciencia e os nossos ideaes.

«Se me amaes, senhor, se esse amor, que ainda não confessastes, mas que adivinhei nas vossas ultimas palavras, é dos que nascem, ao acaso, no coração, e que a nossa consciencia applaude, dizei-m'o sem hesitar. Acceito-o como um premio, como se Deus o houvera creado, independentemente de nós mesmos; como se existisse no mundo uma coincidencia justa e na eternidade um mundo de recompensas.

«Não me pergunteis o que eu vos pergunto, que não saberia responder-vos. Nós não somos nossos: marcaram-nos logar no nosso berço, deram-nos feições e caracter de herança, cingiram-nos á educação d'um certo meio social, vestiram-nos galas e crepes, que não talhámos; sonhamos o que se não realisa, temos a realidade que nos afflige, e occultam-nos a sepultura que nos espera! Acodem-nos idéas que não buscamos, esquecemos o que nos apraz recordar, amamos os que nos não preferem, fugimos de visões que se dissipam, e affrontamos inimigos que nos subjugam...

«Para que havemos de invocar liberdades n'um mundo onde os homens só falam de escravidão, e Deus nos rouba a iniciativa e a responsabilidade?

«Sei que mereceis esta confissão: se me amaes serei vossa. Aonde? Se viverdes, aqui onde o amor tem leis, e mysterios, e pudor! Se morrerdes, lá em cima, onde o vosso e o meu Deus unirão nossas almas. Quando eu era fraca, fostes o meu salvador: agora, que estaes enfraquecido, terei eu coragem e energia... Salvar-vos-hei, ou morrerei comvosco. Juro-o.»

Jacob, pela primeira vez na sua vida, levou aos labios uma carta de mulher, e beijou-a... Pela primeira vez, não; fizera o mesmo, um dia, á ultima carta de sua mãe.

Aquella carta tinha um duplo fim — alegrar o espirito, e fazer pensar.

Nada mais solenne, mais sincero e mais frio tinha a solennidade d'um grande affecto, a sinceridade d'um forte caracter, e a frieza d'uma inflexivel resolução. Parecia uma carta de mulher, dedicada a um homem a quem já pertencesse de facto, ou de direito; parecia uma carta de irmã amiga e conselheira; parecia, emfim, a carta d'uma heroina, na vespera d'um acontecimento emocionante.

Ninguem diria, ao ler aquellas phrases, que ellas tinham sido meditadas por uma creança, boa e pura, formosa e fraca, porque as creanças são timidas quando fracas, e fátuas e vaidosas quando bellas.

Jacob sentia mais virilidade n'aquellas palavras que nos seus proprios pensamentos... Sarah era uma virago, digna d'um guerreiro triumphante! A mãe dos Gracchos devia ter falado assim aos dezoito annos! Nas luctas moraes aquella mulher era uma luctadora, angelical, lendaria; de capacete e lança, montada no seu cavallo branco, não era mais bella, nem mais maravilhosa, a donzella de Orléans!

Como ella falava a um homem com a hombridade d'uma companheira, a um desgraçado com os soccorros da esperança, a um amante com a promessa mais desinteressada e incondicional!

Que de castidade n'aquella franqueza! que de reconhecimento n'aquellas recordações! que de sacrificios n'aquellas promessas!

Que offerecia ella? Offerecia-se! E não falava em paixão, nem sequer em amor! Entregava-se a um homem, que a merecia, como se entregava a Deus, cuja existencia conjecturava apenas! E tudo isto, que parecia talvez o cumprimento d'um dever, envolvia preces e lagrimas, que denunciavam devoção e affecto!

Era um mysterio profundo aquelle coração de mulher... Escrevera com mão firme e olhos enxutos, depois de ter sonhado e orado!

Mais forte que um homem! Tão fraca como uma mulher! Que excellente companheira!

Nem uma banalidade das que pullulam no discretear feminino, mas tambem nem uma confissão de amor enthusiasta e impulsivo!...

N'aquella carta adivinhava-se mais a confiança e a decisão, que a esperança e a paixão...

Sarah escrevia com a solennidade e a reserva d'uma viuva, ainda envolvida nos crepes. O que alli escrevera não era uma explosão da mocidade, mas uma sentença de submissão ao destino...

Evidentemente na alma de Sarah havia um segredo, que lhe não maculara a pureza, mas que lhe arrefecera o peito!.. Ou, então, pensava Jacob, nas feridas da sua alma, que começavam a sarar, a pobre menina

tentava generosamente occultar suas maguas, para não maguar o coração do prisioneiro.

Era isso, sem dúvida. Envergonhara-se de falar de si, quando pretendia alegrar um espirito tão atormentado. Era justo: — o sacrificio a que ella queria votar-se, seria vulgar se proviesse do seu amor; era dos mais generosos se derivasse da sua gratidão.

Em todo caso, aquellas palavras traziam o cunho d'uma sensibilidade original, exquisita, que affirmava uma mulher das que não se perfilavam na frente d'um crystallino de Veneza, ou da superficie d'um lago, ou na sombra desenhada pelo seu vulto nas pedras do caminho.

Tinha a consciencia de que ella era uma mulher superior, e amoravel. A sua dedicação a Sarah attrahira-lhe a attenção, e fizera-a grata; mas a sua desgraça provocara-lhe o que poderia ser compaixão... *Compaixão* e *paixão* são duas palavras muito eguaes; por que não hão de tambem approximar-se os sentimentos que ellas determinam?

Sarah era uma mulher de juizo, e a sua experiencia precoce vinha da precocidade dos seus soffrimentos. — Na desgraça começa-se a viver mais cedo, e aproveita-se mais tempo. Quanto adeantaria na vida a pobre creança, n'aquella scena de cannibaes em que fôra testemunha e victima? Não era ella uma simples e ignorada rapariga, occulta e feliz nos bairros modestos de Lisboa; era uma orphã posta em evidencia por uma scena tragica da capital, e que tivera de chorar desgraças, proprias e alheias, desde a sua casinha da Nova Gibraltar até o immoral mosteiro de Lorvão.

N'uma vida assim, cada dia corresponde a um seculo.

Jacob ia pensando e relendo e, quanto mais assim se entretinha, mais se esquecia da sua melindrosa situação.

A carta de Sarah produzira este maravilhoso effeito — dera-lhe esperanças na salvação e fôrça para affrontar a desgraça. Ella puzera, com eloquencia carinhosa, as duas hypotheses — a salvação com ella, a perdição com ella!

N'aquelle tempo, os espiritos mais livres e illustrados soffriam da mystica philosophia, que punha a vida eterna ao abrigo dos protestos contra a intolerancia religiosa.

Jacob, pensando na difficuldade de viver com Sarah, já encontrava generoso consôlo na esperança de morrer com ella! Morrer ao lado da mulher que se amava, não era bem perder os gosos da mocidade, mas recomeçal-os sem perturbações.

A desgraça é como a doença — enfraquece o corpo e o espirito — os moribundos e os infelizes são mais crentes e religiosos que os outros...

Jacob já não amava Sarah como a uma mulher; mas adorava-a como

a uma santa erguida no altar do seu coração! Nem já pensava na liberdade, que o seu martyrio seria o melhor estimulo para o amor d'aquella creatura! Já preferia chorar com ella, a sorrir vulgarmente, como os outros amantes, n'um materialismo sensual, feliz, sujeito a todos os esmorecimentos e transformações proprios da vida mundana.

E Jacob lia aquellas palavras, primeiro, ao acaso — um trecho aqui, outro alli; depois só o principio, e quando lia o fim, ficava triste, como se lhe tivesse fugido dos olhos a vista que lhe dera tanto encanto e prazer!

Depois, imaginava a mão de Sarah a escrever aquellas lettras... encostada á mesa, com o peito a arfar, o olhar humido, com certeza a pensar n'elle... Via-a na sua pequena cella, ao lado do seu leito cheio de rendas, brancas como a neve, em frente do seu Christo de marfim, sobre a cruz d'ebano...

E tudo isto illuminado pela pequena fresta, aberta em frente do olival que coroava o monte, onde elle algumas vezes, ao nascer do sol, ou ao subir da lua, se collocara, para lhe vigiar o somno n'uma dôce piedade fraternal!

E, quando a vista se cançava de tão applicada leitura, ficava, de cabeça erguida, absorto, a desenhar na imaginação a figurinha de Sarah, elegante e distincta, de curvas pequenas e gentis, trança abundante, olhos vivos e meigos, vivacidade de creança, palavra d'uma castidade audaciosa, réplicas de conceituoso orgulho e de fidalga altivez!

Como não havia elle de amal-a?

E depois mudava de attitude, deitava a cabeça sobre os braços, como uma creança que quizesse adormecer, e pensava na belleza d'aquella alma grata, meiga, devotada e nobremente sobranceira! Educados a razão e o sentimento, avigorado o ánimo em mil desastres, esclarecida a mente em continuas desillusões, como ella conservasse aquella fé, que não a deixava ser livre, e aquella brandura, que não a deixava ser vingativa!

E por que não havia de ser ella o seu anjo tutelar? Por que não estaria ella pairando n'aquella camara, vendo-o, ouvindo-o, perfumando aquelle recinto tão sombrio e tão triste?

Pois, era muito para extranhar que Sarah, que lhe estava enchendo o cerebro e os olhos, andasse por alli a esvoaçar envôlta n'aquelles raios de luz, que lhe vinham illuminar a fronte emmagrecida e pallida?

E assim, pensando, e até falando em segredo a si proprio, Jacob adormeceu.

Encheu-se então de luz branca e dourada a camara de misericordia, e á cabeceira do leito, como se tivesse rompido a muralha e surgido d'um nimbo, um anjo appareceu sorrindo, tendo nos olhos o brilho de duas es-

trellas... Tinha os cabellos soltos, e mal franzida a tunica azul prêsa na cintura por um diadema scintillante de pedrarias multicôres! Nos labios abria-se o melhor sorriso, e nas mãos um ramo de flôres da cêrca de Lorvão.

Jacob fitou, enlevado, aquelle pedaço de céo, e viu no rosto do anjo as feições de Sarah.

— Sarah! disse Jacob. Es tu a liberdade?

— A Liberdade e o Amor, disse o anjo, e atirou-lhe com as flôres...

— Vamos, Jacob, disse um frade, batendo nos hombros do adormecido, toca a almoçar, que ás 9 horas temos exercicio de potro, com mistura de sexos.

— Quem me chama? perguntou Jacob, accordando sobresaltado.

— Que importa isso? Quem chamavas, quando cheguei, não pode vir tão cedo.

— Ouvistes-me, então?...

— Falar em Sarah... Ouvi, sim. Talvez alguma judia. Tens hoje duas, cujos seios brancos de neve vão tingir-se de sangue... se não jurarem respeito e fé á Religião e ao Santo Officio!

— Oh! meu Deus! que terrivel despertar!

E ainda, como se estivesse sonhando, procurou no chão, n'um olhar muito triste, algumas flôres dispersas.

Fôra sonho, não havia dúvida!

— Queres tomar alguma cousa?

— Não...

— Toma cuidado, que ha já muitas horas que não comes, e hoje tens espectaculo que fatiga.

— Estou doente...

— Sinto, sinto; mas a festa não é premio do Santo Officio — é castigo.

— Não posso hoje conservar-me de pé — ámanhã irei...

— Receio que te não dispensem, salvo se te resolveres a fazer a declaração...

— Antes morrer...

— Eu, no teu caso, tomava algum alimento e ia assistir ás provas. Não se acaba tão cedo o programma das torturas.

— Ha, então, mais do que aquellas que vi?

— Não teem conta. Mais, e com variedade; e todos os dias se descobrem, nos mais antigos e esquecidos flagicios, os que melhor se accommodam aos apparelhos que já temos.

— Dizeis que hoje teremos o pôtro?

— Salvo se monsenhor, o arcebispo, fizer a sua visita.

— Oxalá!...

— É interessante, e offerece novidade. Has de confessar, quando vires como elle funcciona, que te não fica vontade de teimar contra taes argumentos.

— E as victimas, dissestes?

— São duas formosas raparigas, tão judias, quanto obstinadas...

— Deixae-me soffrer no logar d'ellas!...

— Mais tarde tratarás d'isso por vossa conta, se soffrerdes, que, em verdade te digo, que tens no teu paiz amigos dedicados. São tantas as recommendações a teu favor, que reis e papas se movem por egual a empenharem-se pela tua salvação. Está ainda a tua sorte dependente das mais activas negociações diplomaticas. A alcáçova de D. Manuel, e as antecamaras de Philippe, teem tido uma invasão de mendigos pedindo o perdão para as tuas faltas julgadas. E' que elles não sabem que sois dos mais contumazes na heresia, e, que, depois de teres entrado aqui, renovaste tuas culpas com uma abjuração que te desgraça...

— Eu não peço perdão, peço justiça...

— Tambem a justiça usa o perdão, quando ao crime se segue o arrependimento...

— Arrepender-me de que?

— De não teres por unica verdadeira a religião catholica.

— Julgo-as assim a todas, e a nenhuma... Se isso é crime; quero soffrer a pena...

— Que as mulheres fanaticas e estupidas pensem d'essa forma, ainda se comprehende; mas que um homem com as tuas vistas, se prenda com taes ninharias?

— A que chamaes ninharias?

— A esse escrupulo de fazer abjuração publica...

— E, por uma ninharia, torturaes uma alma e sacrificaes uma vida! Pertenceis á raça dos peores bandidos.

— Isso é o que te ha de perder...

— Por uma ninharia, a agua, a deslocação e o pôtro!!...

— E se fôsse só isso! Bem se vê que não conheces o supplicio da roda, o garrote!... Aposto que nunca viste empalar um judeu, atravessando-o com um espêto e fazendo-o girar no espaço! Afinal não passas d'um piegas, mais fracalhão que uma mulher... E isto é só quando se trata de ver torturar os outros... que será quando soffreres eguaes torturas? Nunca viste queimar com chumbo derretido os pés dos pacientes? Nem apertar-lhe nas pernas os borzeguins revestidos de picos, nem em-

paredar um corpo vivo, nem a vida dos carceres-segredos, n'um espaço d'esta mesa, tres e quatro accusados, sem ar, sem luz, a morrerem em pé, envenenados uns pelos outros, emquanto novas vidas se geram na podridão de seus corpos!

— Oh! calae-vos, calae-vos, que eu quero, por um momento só, voltar a sonhar delicias de embriagado, n'este quarto infernal!...

— Nem tu imaginas o que é o pôtro!... Viste o instrumento, não é assim? Pois o marrano perseguido, meio nú, é apertado pela cadeia de ferro, sob a pressão do molinete, e a cadeia passeia sobre a pelle, depois entra na carne, depois comprime os pulmões e o coração, e afinal, fractura as costellas! E, se o peito oppresso é d'uma mulher, que pena faz destruir tão bella esculptura no apêrto e fricção dos elos da ferrea cadeia!

Jacob, felizmente, não ouvia as palavras do frade. Accordado continuava sonhando!

A influencia de Sarah estava poupando aquelle tormento ao desgraçado christão-novo!

O que elle soffreria se ouvisse o frade na descripção minuciosa do pôtro, encarecendo a importancia dos estragos, lentos, progressivos, destruidores!

A compressão da base do thorax do paciente, encostado a uma barra de madeira e supportando, sobre o estomago e hypocondrios, uma corrente de ferro, que gradualmente ia sendo apertada, não tinha simplesmente por effeito promover a dôr.

A respiração abdominal dos homens cessava, porque o diaphragma era contrariado nos seus movimentos.

D'ahi a suffocação, que podia comprometter a vida do paciente. Essa suffocação annunciava-se com cyanose dos labios, traduzida pelo ennegrecimento.

Quando a constricção da base do thorax ia muito longe, as costellas não resistiam, e, muitas vezes, se dava a sua fractura, assim como sobrevinha a pleurisia traumatica; e tudo isto acompanhado de esmagamento e laceração das partes molles superficiaes!

Era este um dos martyrios mais crueis, e de aspecto mais contristador.

Quando o frade estava mais animado a descrever a acção das torturas e a sua terrivel efficacia sobre os corpos dos herejes obstinados, ouviu-se o repicar alegre e crebo dos sinos, que annunciavam visita grada e de exigente ritual.

— Estás livre, por hoje, disse o frade a Jacob. Podes sonhar á vontade e chamar a visão dos teus sonhos. Ha novidade. e grande novidade

no Santo Officio! Temos visita de cardeal, e quem sabe? talvez, de suas altezas catholicas!

— Estou livre hoje? Na posse da minha consciencia? entregue ás minhas visões?

— Sim, aquelle sino diz, badalando tão fortemente, que o dia vae ser exclusivamente consagrado a cerimonias do ritual. Em taes dias, não ha torturas; os presos não são perseguidos...

— Nem lembrados?...

— Tal qual.

— N'esse caso, o tormento...?

— Não pode ir além de fome para todos, e de asphyxia para muitos.

— E se fôr algum principe da Egreja?

— Traz, sem dúvida, instrucções d'el-rei Philippe...

— E se fôr el-rei?

— Deve trazer a deposição de Deza.

— Ganhará com isso a Justiça?

— Que te importa? Aproveita o feriado. Dorme e sonha, durante estas horas em que brilha a tua boa estrella...

Jacob, mal ficou só, voltou á sua leitura predilecta.—E, de cada vez que lia, encontrava uma nova interpretação e uma nova virtude.

Lá fora, os sinos repicavam festivos, como se a realidade estivesse, com aquelle pormenor, a completar o sonho do prisioneiro...

XVII

Pena de Tallião

Nos primeiros dias de julho, quando o sol, ao nascer, vinha já rubro e quente, como se quizesse abrazar as terras do Alemtejo, Evora paramentava a sua população, da cidade e arrabaldes, como se houvesse festividade das que alegram os velhos e fazem cantar a mocidade! Muito cedo appareceram abertas as adufas, e havia pelas ruas bandos de camponezes, com fatos vistosos e olhos cheios de curiosidade. Acampavam em diversos pontos magotes de gente armada, e o mais grosso d'ella rodeava o castello, como se estivesse fazendo cêrco á Torre de Alconchel.

Encostados a grandes varapáus, como se fizessem parte da milicia, gente do alto e baixo Alemtejo falava com vivacidade do espectaculo que ia gosar.

Os rapazes da terra rodeavam os forasteiros e apontavam-lhes a torre, como se d'ella houvesse de surgir o que movia a curiosidade eborense e dos suburbios. Nos campos familias inteiras, á sombra das arvores, faziam extendal no chão e preparavam almoços frugaes, com fartas libações de vinho rosado e transparente.

Para os lados da porta de Machede o povo formava alas no caminho do ferregial mais proximo, sem se importar com o calor nem com as correrias dos cavalleiros, que entravam e sahiam da cidade. No meio do campo erguia-se um cadafalso d'uma cruel simplicidade, e que apenas constava de um estrado, ao centro do qual se erguia um poste a que estava grosseiramente amarrado um tóro que deveria servir de escabello.

A pequena distancia do cadafalso formavam alguns carreteiros uma pilha de lenha regularmente disposta, com as achas cruzadas e distantes umas das outras, para que o ar e o fogo pudessem circular livremente e auxiliar a combustão. Ao lado d'esta pyra, um molho d'archotes bem embreados. A gente d'armas formava um grande quadrado, em cujo centro se erguiam os terriveis apparelhos.

As liteiras eram frequentes a entrar na cidade, e entre ellas havia algumas que denunciavam, pelos jaezes das mulas e pelo vestuario dos lacaios, passageiros d'alta posição ecclesiastica e civil. Andavam nas ruas, nas immediações do castello, muitos frades de diversas ordens, e, na praça, em frente do nicho de Nossa Senhora, na esperança de que o cortejo passasse por alli, havia muitos bandos de mulheres com as suas vestes reluzentes.

— Vês aquella liteira? perguntou um aldeão, que espreitava os postigos dos vehiculos que passavam, aquillo é um trunfo, que não podia deixar de vir á festa.

— E' o bispo de Marrocos! respondeu uma mulher, puxando para a frente um pequenote.

— Qual bispo de Marrocos! Esse foi o primeiro que chegou. Fiquei-o conhecendo da outra vez... quando foi a exauctoração. Esse, por ser o conego d'Evora, tem de receber as auctoridades civis...

— Mas, então quem é?

— Ora, quem ha de ser? Você, boa mulher, não lhe viu o habito?... É o provincial da ordem de S. Domingos.

— Ah! já sei... Então é D. Alvaro...

— Está visto que sim. Como os condemnados são da sua ordem, é da praxe que elle assista á execução da sentença...

— E' pena que não o condemnassem tambem, intrometteu-se um villão, com modos sentenciosos.

— Que culpa tem elle da patifaria dos frades?

— Aposto que você imagina que os frades de S. Domingos estão innocentes nas matanças!... Ora adeus! Aquillo foi manobra dirigida por todos.

— Ainda se matassem só mouros e judeus, vá, que essa raça tem enchido o reino de desgraças; mas o peor foi que mataram muitos christãos dos melhores, só para lhes saquearem as casas...

— Bravo, que luxo! disse o pequenito dando um salto para vêr uma grada personagem que entrava a porta. Como este vem guapo!

— E traz uma cruz sobre o peito...

— Então é conego, ou bispo...

— Não é tal, explicou o villão, mal humorado, aquillo é a cruz de Christo.

— Você conhece-o?

— Se o conheço! Tambem já o vi no cadafalso da praça. E' o licenciado Manuel Affonso, do Desembargo d'el-rei.

— Vem assistir?...

— Pudera não, se foi elle quem lavrou a sentença, por andar ha mezes com mór alçada n'esta comarca!

— Você conhece a sentença, homemzinho, perguntou uma rapariga muito rosada e de nadegas roliças...

— Está visto que sim. Hão de ser queimados, ao mesmo tempo, em cima d'aquella fogueira.

E o informador apontava para o centro do ferregial.

— Mas queimam-n'os vivos, como se faz na Inquisição de Hespanha?

— Em Hespanha, como aqui, queimam-se mortos e vivos. Estes são mais felizes, serão primeiro garrotados e depois é que passam para a fogueira.

— Deus queira que possamos vêr tudo isso... Se vem muita gente com elles e nos tapam a vista!... lamentava a rapariga alegre, como se se tratassé d'algum casamento na ermida da sua aldeia.

— Eu trouxe o meu pequeno, porque elle nunca viu isto, e é bom que saiba como se castigam os máus. Quem com ferro mata, com ferro morre...

— Diz bem, senhora, diz muito bem, elles apunhalaram e afogaram muita gente? É bem feito que morram afogados e queimados. São malditos estes algozes porta-cruzes.

— O mãe, disse um rapaz que subira a uma arvore, e cujo pêso fazia balouçar um grande ramo, por que estará aberta a egreja de S. Francisco? Passei lá e andavam os frades do mosteiro a forrar a porta de pannos negros. Os condemnados vão lá rezar antes de virem para aqui?

— Não, senhor, acudiu um velho, que bebia vinho por um cantaro, e que deteve a libação para mostrar que conhecia o programma; é que elles hão de ser enterrados no claustro do Mosteiro. Já lá estão os carneiros abertos... lá para a tarde, a Misericordia carrega com as cinzas. É tambem uma festa bonita, porque, depois de fechada a sepultura, haverá sermão, por frei Domingos da Annunciação, que diz cousas em latim como nenhum outro!...

— Era só o que faltava ver: era os christãos a rezarem por gente ladra e assassina, exclamava, com ar enfastiado, uma velha beata, de rosto escondido em escura mantilha.

— Não merecem essas injurias os desgraçados, acudiu outra de egual aspecto — que elles desde abril que soffrem e se arrependem... Lá pelo castello, toda a gente conta que elles estão santificados á fôrça de rezas e abstinencias. Até o Aragonez, que era o mais duro de coração, tem passado todos os dias a beijar a imagem de Jesus e a castigar o corpo com cilicios.

— E, emquanto elles se arrependem e choram, andam os judeus á sôlta, ricos, bem vestidos, em passeios para Roma... rabujava outra ainda mais velha e mais mal encarada.

— Olhe, menina, que bonito cavalleiro vae a entrar a cidade! Aquelle é de Lisboa, com certeza, e é já capitão de boa gente! Como lhe fica bem o elmo e o arnez!

— É já a segunda vez que passa por aqui. Ouvi que lhe chamavam Pedro Soares...

— Aquillo é fidalgo da Alcáçova...

— Virá el-rei?

— Não, que D. Manuel não é como D. João II. Esse é que ficava no alcacer, emquanto cortavam a cabeça ao duque, seu parente.

— E' verdade, D. Manuel manda matar os frades, mas fica-se em Setubal...

— Talvez a escrever ao Papa para que lhe dê a Inquisição...

— Que dúvida, se a rainha quizer...

Ouviu-se ao longe um grande borborinho, e, pela porta de Machede, sahiu o povo em turbilhão.

— Lá vem o cortejo, gritou o rapaz empoleirado. Já avisto o pendão! Ena! que de gente! Que formigueiro de frades e aguazis! Olhem, olhem, os condemnados veem amparados e quasi de rastos.

— Querem vocês ver que elles morrem antes de cá chegarem?...

— Isso é que não tinha graça, dizia a rapaziada alegre, no fim de tanto trabalho!...

Os guardas lanceiros formaram alas, impellindo o povo para junto dos muros, e o cortejo começou a desfilar.

Compunham-no as mesmas personagens ecclesiasticas, civis e militares, que vimos na cerimonia da exauctoração.

O povo olhava ávidamente para este desfilar de gente que levava dois homens ao cadafalso, mas mantinha-se nas suas fileiras, como se estivesse vendo uma passagem de tropa, para a guerra, ou um cirio em romaria!

Quando, porém, os frades appareceram, fôram rôtas todas as alas, e a multidão precipitou-se, como as aguas d'um rio quando se abrem os diques que as deteem.

Os condemnados pareciam dois cadaveres. O Aragonez na côr e na magreza — o Moucho em tudo, até no queixo descahido e nos olhos parados e torvos! O Aragonez ia trémulo, mas caminhava, desamparado, e o seu olhar, ainda arrogante, cahia gelado sobre a multidão, que o apupava; o Moucho ia suspenso pelos sovacos, com as pernas vergadas, de rastos, fingindo que ia em pé.

A multidão acolhia com insultos os dois miseraveis, dos quaes apenas um apreciava o acolhimento. Os rapazes dirigiam-lhes obscenas insolencias, e as mulheres cuspiam-lhes de longe.

Havia tambem quem risse, em franca gargalhada, apontando o Mou cho esquelético e desmanchado. Achavam-lhe graça e imitavam-no, os da ralé, abrindo a bòcca e pondo os olhos em alvo!... D'um para outro lado do caminho, d'arvore para arvore, cruzavam-se os commentarios...

O Aragonez, esse era menos gracioso. Parecia mais um espectro que um cadaver, porque os espectros movem-se, e os cadaveres não.

O hespanhol emmagrecera a ponto de nem sequer lembrar já o frade espadaúdo, córado, forte, a respirar vida de touro, pelas narinas amplas, dilatadas... Fôra-lhe sempre pequeno e traiçoeiro o olhar; mas agora, ao desenhar-se a caveira, brilhavam os olhos ferozmente, debaixo do farto toldo de sobrancelhas.

Os frades de S. Domingos, para salvarem a honra do convento, tinham espalhado a noticia de que o Aragonez se arrependera de seus crimes, e acceitava piedosamente a sentença.

Era prudente lançar tal falsidade, para que não medrasse no beaterio a antipathia pela ordem religiosa. Mas os frades mentiam; e, por causa d'elles, mentiram tambem Rodrigues Azenheira e a *Chronica dos senhores reis de Portugal,* e o criterio de Domingues de Mendonça, que se propoz continuar a Historia de Schaeffer.

Frei Bernardo Aragonez não era homem que se arrependesse; e até difficilmente se acredita que fôsse homem que se acobardasse.

Os seus crimes não tinham sido producto das suas paixões, nem fructo do seu fanatismo; tinham sido obra d'um plano longamente premeditado, e friamente dirigido. Não se julgava um condemnado, mas um vencido. Dispunha-se a ir morrer no cadafalso, como se fôsse morrer no meio d'um combate. Quando a multidão o ameaçava de punho fechado, commentava:

— A canalha foi sempre cobarde! Ás feras engaioladas até as creanças atiram pedras! Se me visse sôlto, toda essa gente fugia de terror, ou me seguia acclamando! A sedição fez duas mil victimas, e eu não manchei as mãos nem na lama da rua, nem no sangue dos judeus. Matei tanta gente com a ferocidade d'essa turba e com os braços d'uma cruz! Peçam a Christo contas da sua propaganda e influencia.

Um frade, que ia junto d'elle, pedia-lhe humildemente:

— Não digas heresias, Aragonez; salva ao menos as apparencias, já que não queres salvar tua alma.

— Se me arrancaram o habito, por que temem o meu exemplo? Direi no inferno que pedi a minha demissão...

E o frade:

— Dize, dize commigo: *poenitet, poenitet*...

— Do insuccesso, não é verdade? Quando D. Alvaro e a sua gente tiverem regulamentado, d'accôrdo com el-rei, a morte dos marranos, a estas festas da justiça chamar-se-ha *culto de fé*...

— N'esse caso a justiça secular estará d'accôrdo com o interesse da Egreja...

— Não te esqueças então, frade, de mandar-me n'esse dia, ás profundas do inferno, o farrapo que me despiram...

— Lembra-te que vaes morrer...

— Só me lembro que fui o precursor d'esse tribunal, em que, se hoje já existisse, eu seria n'elle inquisidor, e não relaxado.

— Beija esta imagem, Aragonez. O povo, vendo-te reverente, apiedar-se-ha de ti.

— Pois sim; e dize, depois, a esse povo, que beijei o meu cumplice, e não o meu juiz.

Entrou, emfim, o cortejo no ferregial, e os clarins e as trompas deram signaes, para que estivessem a postos os executores da justiça.

Junto ao poste, sobre o cadafalso, collocaram-se dois homens, de altos gorros na cabeça e grossas polainas até acima dos joelhos, os braços musculosos e nús... Na parte posterior do tablado collocaram-se o licenciado, o privincial, e D. Pedro, o conego d'Evora. A gente armada circumdou o palco d'esta tragedia.

João Moucho subiu aos hombros dos aguazis, e logo foi sentado no tronco largo e tôsco. O miseravel fechou os olhos, unico signal de vida que manifestou áquelle público, que o fitava, com a respiração suspensa, para não perder um só pormenor da scena terrivel — uma contracção, um gemido!

O sacerdote que o acompanhava rezou-lhe ao ouvido uma prece, e ajoelhou depois, a pequena distancia, de mãos postas.

Ouviu-se novo toque de clarim, e os dois carrascos, collocados por traz da victima, passaram o laço ao pescoço d'ella, e, agarrando cada um n'uma extremidade do arrôcho, giraram com elle lentamente...

Em todo o ferregial apenas se ouvia o canto d'uma cigarra, ao longe...

O sol estava no zenith, e a multidão, n'esse momento, para não perder o effeito d'aquelle espectaculo, deixava o suor a correr nas faces...

Lagrimas nem uma!

O Moucho teve um leve estremecimento, extendeu as pernas, que nem ligadas tinham sido, e deixou cahir os braços, que ficaram como duas mangas de gibão penduradas n'um cabide...

O canto da cigarra foi então abafado pelo movimento da multidão, que, como se tivesse ouvido a voz de — *á vontade* — se mexeu, e falou, e tossiu, fazendo commentarios!...

— Que o leve o diabo!

— Nem para morrer serve!

— Morto já elle estava!

— Aquillo foi por terem dó d'elle; mataram-no na torre e fingiram que o garrotaram.

— Isso não, que elle passou aqui com os olhos abertos, e, lá em cima, fechou-os.

— Isso é illusão! Quando se olha attentamente para um cadaver parece sempre que elle abre os olhos...

— Se não houvesse o outro nem valia a pena vir de tão longe!

— Caluda, caluda; lá vae agora o Aragonez. Aquillo é outra fazenda!... Está vivo, e bem vivo...

O corpo do Moucho tinha sido arredado com o pé de cima do tablado, e cahira sobre a terra.

Os carreteiros da lenha levaram mais aquella acha para cima da fogueira.

O Aragonez subiu sósinho a escada do cadafalso, e, lá de cima, fitou o povo, que o contemplava.

Da gente, cavalleiros e peões, que formava o quadrado, avançou Pedro Soares, ficando com o elmo á altura do tablado. O cavallo rinchou com fôrça, como se tivesse substituido o clarim, e o Aragonez, que não ousou falar, mal viu Pedro Soares tão proximo d'elle, recuou tão bruscamente que foi cahir nos braços dos algozes.

Estes aproveitaram a situação, e, ao mesmo tempo que o sentavam no terrivel madeiro, lhe laçaram o pescoço.

Com as pernas e braços luctou o Aragonez, e tanto se moveu que, escapando-se-lhe o corpo do tôro, ficou pendurado pelo pescoço.

Pedro Soares fez com a espada um signal, para que não houvesse perda de tempo, e os carrascos, agarrados ao Aragonez, não tendo posição propria para moverem o garrote, com as proprias mãos ultimaram a sua tarefa!

A grande distancia se ouviam os gemidos d'aquella lucta!

Um momento mais e o Aragonez ficou, de joelhos!

Quando rolaram o corpo garrotado para fora do cadafalso, para lhe darem o mesmo destino que tivera o do Moucho, Pedro Soares apeou-se e tocou-o com o pé, e voltou-o, como se quizesse verificar a identidade.

— Não ha dúvida, disse Pedro, é elle, ou melhor, foi elle! Que o fogo

agora reduza a cinzas este terrivel espectro, que povôa os sonhos de Deborah... e os meus!

E, montando de novo, voltou para o logar que occupava entre a gente d'armas.

Os dois cadaveres, postos sobre o estrado que fechava a meda de lenha, foram desfeitos a machado.

Primeiramente foram decepadas as mãos, depois os pés... A pyra parecia o cepo d'um açougue!

Felizmente esta operação foi rapidamente executada, e logo os archotes inflammados penetraram nas aberturas da meda de lenha, e o fumo começou a subir em grandes nuvens negras...

A multidão nada mais esperava, e, por isso, foi dispersando lentamente, voltando-se, por vezes, emquanto se afastava, para ver como iam altas as columnas de residuos de madeira, e de carne e de sangue de dois frades, que tantos imitadores e continuadores tiveram em Portugal, sob a influencia maligna de D. João III, beato e máu.

E era, n'estes autos de fé, que a justiça de D. Manuel ia educando o povo, para que de bom grado acolhesse os outros mais crueis e espectaculosos.

E o povo portuguez, graças á selvajaria dirigente das classes nobres, como o das Hespanhas, da Italia e da Inglaterra, mostrava-se bem disposto a applaudir os planos dos seus principes.

Era assim que florescia entre nós o catholicismo!

A multidão, ao sahir do ferregial, entrou pela porta de Machede e dirigiu-se ao mosteiro de S. Francisco, afim de esperar alli a cerimonia do enterramento.

Pedro Soares deixou a sua gente e partiu. Precisava de voltar a Lorvão para garantir a Deborah que, emfim, desapparecera o unico obstaculo que se oppunha á felicidade d'ella e d'elle. Nunca mais entre ambos surgiria aquella terrivel sombra...

O terror de Deborah ia desapparecer, como tinham desapparecido no espaço as nuvens de fumo da sinistra fogueira. Em todo o mundo já não havia logar para aquella féra...

Elle e Deborah poderiam voar nas azas do amor por todos os recantos da serra, que, do Aragonez, estavam extinctos os ultimos vestigios.

O que descera ao carneiro de S. Francisco eram apenas cinzas de toros humanos, mas misturadas com as dos toros de arvores velhas e innocentes, que tinham alimentado o brazeiro.

E do coração de Pedro brotava a mais franca alegria!

Ia galopando, e á briza que o açoutava, abria o seu melhor sorriso.

Aquella tristeza, que velava o rosto de Deborah, dissipar-se-hia com o sorriso de satisfação que ia provocar, noticiando, com todos os pormenores, a execução do frade. Agora Deborah era apenas a victima d'um animal, que passara na terra e a aggredira ferozmente. Para não haver dúvida de que se não tratava d'um homem bastava saber-se que esse animal fôra reduzido a carvão!

Agora ciumes, de quem? Vingança, contra quem?

Um homem só tocara nos labios de Deborah, contra vontade d'ella, violenta e cobardemente; mas esse homem morrera d'isso... Já não podia gosar as recordações d'esse momento, nem vangloriar-se em confidencia, da torpe façanha.

Esse mysterio estava escondido no fundo de uma sepultura, sob uma lapide pesada!... O tyranno fôra esmagado, afogado, esquartejado, queimado... Não podia haver destruição mais completa... Deborah era agora sua; tão sua como se se tratasse d'uma viuva, que houvesse casado á fôrça, e que nunca tivesse amado, senão a elle, o seu primeiro e unico amor. A virgindade na mulher está principalmente na sua alma... e a alma d'ella tinha todos os effluvios da pureza.

Ha casos em que as mulheres ficam virgens, como ficou a mãe de Jesus!... O espirito infernal, que toca o corpo d'uma virgem, deve ser menos offensivo que o Espirito Santo, que o fecunda!...

Deborah ia esquecer tudo; e elle esqueceria tambem. Que admiração! se nada e ninguem podia vir lembrar-lhes!...

Depois a situação era clara: fôra vencida, sem saber que luctara! O pudor enlouquecera-a, a fraqueza entregara-a, a brutalidade polluira-a!

Que culpa tinha ella de tudo isso?...

Era por acaso menos honesta, menos casta, menos pura, que todas as outras mulheres poupadas ao vandalismo bestial d'aquelle monstro? Comparara-a com uma viuva? Loucura! Nem a isso era ella comparavel...

A mordedura d'um insecto nem sempre deixa vestigios; mas se deixa, e elle morre espalmado depois do damno, que tem com isso a sorte do mordido?

E Pedro Soares ia caminhando e pensando na immediata realisação dos seus sonhos.

Ia emfim chamar sua a Deborah, sem ter receio de ver a espreital-o o olhar lascivo do frade de S. Domingos.

Dirigiu-se, portanto, a Lisboa, afim de regular alguns negocios da sua vida, de prevenir sua mãe da opportunidade do seu casamento, e depois seguir para Lorvão, em cujo mosteiro iria alliar o seu futuro ao da irmã de Sarah.

XVIII

Vicios e virtudes

Quantas flôres das mais irisadas e aromaticas brotam e vivem nas margens dos pantanos venenosos! Quantas podridões sobre a terra lhe dão seiva e fôrça de que brotam as plantas mais delicadas e os fructos mais saborosos! Até em terrenos arenosos, de aspecto árido e feio, rebentam os pampanos mais enramados e os cachos mais doces!

A virtude, como se a Providencia velasse por ella, conserva-se sempre immune, nos focos mais insalubres!

Lorvão era o pantano, onde floriam plantas delicadas e aromaticas, o areal onde despontavam vinhedos dulcissimos! Os vicios do mosteiro eram o guano, onde viviam o amor e a castidade, como brotam as espigas louras nas terras adubadas com sujidades e detritos.

Alli, onde campeava a prostituição e o cynismo, a hypocrisia e o prazer, a licença e a impenitencia, alli se tinham aninhado, e iam vivendo, affagadas pelo sol da esperança, as duas irmãs Sarah e Deborah!

Acompanhavam-se sempre, de noite e dia, rezavam no mesmo altar, dormiam na mesma cella, sentavam-se juntas á mesa do refeitorio, adormeciam ouvindo-se na mesma prece, saudavam, á mesma hora, o sol que nascia!

Percorriam o claustro de mãos dadas, trocavam os mesmos pensamentos, enxugavam-se as mesmas lagrimas, narravam os mesmos sonhos, e liam, abraçadas, as mesmas noticias, tristes, como as de Jacob, alegres, como as de Pedro.

Andavam ligados, estreitamente ligados, aquelles dois espiritos, palpitavam da mesma forma aquelles dois corações, sentiam as mesmas dôres, e sorriam-se, fitando-se ao mesmo tempo!

Nos labios d'uma bailava o nome de Jacob, e logo, como um écho, os labios da outra o repetia, accrescentando o de Pedro, que se reflectia nos labios da primeira, com egual saudade e ternura!

Estavam, ás vezes, muito tempo mudas, talvez com o mesmo pensamento, e de repente explodiam uma palavra, uma phrase, que denunciava esta secreta harmonia.

A timidez de Deborah quebrantava a vivacidade de Sarah, a coragem de Sarah corrigia a timidez de Deborah.

No meio d'aquelle grande bulicio procuravam a maxima solidão; e, n'aquelle isolamento, acompanhavam-se cada vez mais!

Pedro, com as suas relações e influencia, impuzera, ao respeito d'aquella turba peccadora, aquellas creaturinhas innocentes.

A abbadessa conservava-se cada vez mais recolhida, e Philippa cada vez mais buliçosa... O mosteiro continuava sendo um mundo, e a cella de Sarah um mosteiro!...

As duas irmãs sahiam ao claustro como poderiam sahir á rua, em cumprimento d'um voto, e logo voltavam a sua casa, sem que tivessem profanado o habito no contacto das mundanas.

Quando passavam, por entre as companheiras, ouviam sibilar o murmurio da maledicencia, o riso do escarneo, o epigramma da inveja, mas apressavam o passo, resguardando olhos e ouvidos, como se apenas as açoutasse o vento e a chuva d'um terrivel dia de inverno!

Quando tinham de transitar por aquellas galerias, salas e camaras, capellas e côros, por onde andava á sôlta o galanteio e a libertinagem, punham os olhos no chão e levantavam o ánimo, como se fôssem por caminho enlameado, escolhendo os espaços mais enxutos e regaçando cautelosamente as saias.

A noite, á hora do serão, se pela sala do capitulo havia festa de bacchantes e as canções échoavam nas abobadas, as duas irmãs aconchegavam-se o mais possivel na sua cella afastada, e, fechando a porta, conversavam, costurando, como em noite de inverno, á lareira, poderiam escutar, ao longe, a chuva e a trovoada.

Quando não trabalhavam, enlaçavam as mãos e, uma á outra, se enganavam, occultando as mesmas tristezas e falando das mesmas esperanças.

— Sarah, que fizeste da tua alegria? Que fizeste d'aquelle ar infantil e travesso, que era o remedio da minha mágua e o sol da nossa casa?

— Que queres, Deborah? já sou uma mulher como tu, e preciso de simular gravidade e juizo... Querias-me sempre irrequieta e banal, distrahida e inconsciente, futil como todas as creanças, e inutil para o conselho e para a protecção?

— Não, minha Sarah, só queria que não velasses tanto o teu coração recheado de thesouros e de segredos, e me deixasses penetral-o com todos os desvelos do meu amor!

— Não vês, Deborah, que acceitei o logar de teu pagem, louquinha, para te seguir e defender, como se a minha mão pequenina, em vez de prender a agulha com que faço estes lavores, manejasse uma espada em defesa da minha dama?

— Julgas-me então mais fraca que tu, mais fraca e mais timida, ou mais innocente?

— Talvez. Deborah, talvez. A dôr augmenta-me o alento e a resolução, e a ti quebranta e entorpece. Tu és mais nova, com mais edade; mais fraca com maior estatura; mais sensivel com maior coração, mais mulher com maiores encantos! Pedro, que nos conhece, encarregou-me de velar por ti... Se me conservasse na petulancia dos meus poucos annos, na frivolidade do meu sexo, como poderia inspirar-te confiança? Não ouves aquelles ruidos que se prolongam pelas arcarias do mosteiro? Tudo aquillo é um dos muitos vendavaes que eu já affrontei de cabeça erguida... Já não tenho tempo para me sorrir dos revezes, porque preciso de pensar na maneira de te defender d'elles. Vamos, sr.ª D. Deborah, confiae no meu braço, mais que no meu sorriso...

— Dê-me um beijo, meu nobre cavalleiro.

— Ahi o tens, do teu pagem, por conta de meu amo e senhor.

— A quem serves, mancebo, com tanta galhardia?

— Ao nobre capitão Pedro Soares, que a estas horas anda pelos reguengos do Alemtejo em torneios d'alta justiça...

— E por que dama andará elle n'esse empenho?

— Por ti, minha Deborah; por ti, que vaes ser sua mulher e voar d'aqui nos braços do teu gentil heroe...

— Sarah? Perdôas-me a alegria que me causam as tuas palavras?

— Se te amo tanto, minha irmã!

— Dize me pois, Sarah, a minha felicidade com Pedro não te entristece?

— Não, minha tonta, se tu desejas, anciosamente, o teu enlace, eu não o desejo menos. Dás-me licença?... Elle, o Pedro, é o noivo de nos ambas... Que elle te ame e seja feliz, e eu feliz serei — Por que não ha de uma mulher ter dois corações?... Imagina que somos duas a amal-o, e que tu és o deposito do teu e do meu affecto. Isto não se comprehende bem, mas é o verdadeiro — Eu dou-te a Pedro como a melhor recordação do meu amôr fraternal. Além de que, minha Deborah, Pedro é somente teu... Estás tranquilla?

— Estou; conheço a lealdade do teu coração... E queres que seja franca, queres?

— Dize...

— Confio agora em ti, mais que nunca... Nem sei por que!... Talvez porque julgo o teu coração captivo d'outro affecto... Eu não sei se diga? D'outro affecto, que parece o desdobramento d'aquelle que Pedro foi capaz de inspirar! Dize-me, minha Sarah, mas dize-m'o sem reservas, não é verdade que, assim como é facil confundir o teu com o meu livro de missa, a mesma capa, os mesmos caracteres, o mesmo vermelho sobre as folhas, as mesmas orações e signaes, se poderia confundir o meu Pedro com o teu Jacob? Quantas vezes me tem succedido o engano! Se não fôsse uma flôr sêcca que metti em certa folha, ou um pequeno geito que dei aos fechos de prata!... quantas vezes eu não leria com a mesma devoção e fé, no teu livro, como se estivesse lendo no meu!

— A differença está na flôr, que raras vezes deixa de ser uma recordação.

— Colhe outra, Sarah, arranca-lhe o pé, espalma-a sobre a tua prece predilecta, fecha bem o teu livro, e deixa-a seccar... Agora abre-o, e vê... Se é um amor perfeito, como podes distinguil o do meu, se elle tem o mesmo velludo escuro e a mesma côr...

— Minha querida Deborah, estás, innocente, provocando uma explicação, ou melhor, uma confidencia, que eu tenho guardado tão cuidadosamente, como se fôsse um indicio da minha constancia, ou da minha insensibilidade!

— Fala, Sarah, não serei eu a tua melhor amiga?

— Pois bem. Sinto que, pelo menos, é chegado o momento de falar com franqueza...

— Então, até agora?...

— Tenho-me deixado adivinhar... Não te tenho enganado, mas tambem não me tenho confessado por forma a confirmar as tuas apprehensões...

— Ouço-te, como quem espera ouvir-te a prophecia da minha felicidade futura...

— E fazes bem; que eu ficaria muda, sempre que as minhas palavras pudessem maguar-te o coração.

— Dá-me um beijo, Sarah!...

E as duas irmãs abraçaram-se e beijaram-se com ternura.

— Dize, então, começou Deborah.

— Reconheci em Pedro, continuou Sarah, qualidades tão distinctas, que para ti as cubicei, desejando para mim outras eguaes. Pedro foi, pois, o original da minha phantasia apaixonada. Vaes comprehendendo?

— Sim, continua...

— Pois bem; nunca fui tão generosa, que para ti cubiçasse compa-

nheiro superior ao que para mim desejava... Se era até por mim, que eu avaliava o que poderia fazer-te feliz... Sabes em que moldes dispuz o meu espirito? Nos da cópia. Fica tu com o original, e eu contentar-me-hei com a reproducção. Tens tu a pessoa? pois bem, eu ficarei com a imagem... Que differença haverá entre nós? Tu tens a obra do esculptor, e eu a do estatuario... Tens comprehendido, Deborah?

— Como não hei de comprehender, se te explicas tão bem?!

— Continuemos: Eu tinha sonhado Pedro, como quem sonha um ideal. E achei-o tão perfeito, que só de ti o julguei digno. Accordando, vi Jacob, que me pareceu a sombra de Pedro projectada no caminho da minha existencia...

— Amal-o, não é assim, minha Sarah?

— Não sei — admiro-o — o que é já muito. Não é um ideal novo, é a continuação do meu ideal. Jacob é para o meu coração de mulher o mesmo que é para o coração d'uma mãe o filho que succede ao que lhe morreu. Os ideaes veem do mesmo amor, como vem um segundo filho. Dá-se-lhe o mesmo nome do que fugiu, empresta-se-lhe o mesmo seio, dedica-se-lhe os mesmos cuidados e desvelos, encastellam-se os mesmos planos!.. E, afinal, estás percebendo, Deborah, o amor é o mesmo: mata-se a saudade do que morreu, como se elle tivesse voltado!...

— E', pois, Jacob, o teu segundo filho?

— Sim, o segundo filho da minha phantasia de creança! Não sei se o amo; sei o que lhe devo. Se o meu espirito e o meu corpo hão de pertencer a alguem, ninguem ha, livre como elle, a quem eu deva pertencer..

— E serás feliz com elle, minha Sarah, assim o espero!

— Mas não o espero eu!

— Não te ama elle, por acaso?

— Oh! se me ama! Digo-o sem orgulho, mas com convicção. Ama-me, como elle nunca amou e como eu nunca merecerei.

— Disse-t'o?

— Por mil formas, e sem palavras, quasi sem olhares! Olhou-me quando eu o não fitei — e eu senti-lhe o olhar... Mas, mais que no olhar, e que nas palavras, elle me disse adorar-me, quando me defendeu, valoroso, contra insolentes cobardes e inimigos temerosos; quando por mim expoz e sacrificou a liberdade e a vida! Como pode uma mulher pagar estas dividas? Amando? E' pouco. Sacrificando-se? Sim. Jacob, escravisado e perdido nos carceres de Hespanha, já não é um homem que mereça apenas uma palavra d'amor; é um heroe que espera uma solenne glorificação. Se o amo não sei; mas sei que lhe pertenço: se lhe pertencerei, ignoro.

mas juro que não pertencerei a outro, que não ha na terra quem mais direito conquistasse á posse inteira da minha vida!

— Esse fogo, essa energia, esse enthusiasmo, provam-me, Sarah, que traçaste o teu caminho, que tanto pode levar-te á felicidade quanto á desgraça...

— Dizes bem, minha irmã. O que me alvoroça não é uma paixão, é uma admiração; o que me aquece não será o amor, mas é o dever. Jacob é um homem novo, illustrado, valoroso, elegante, nobre da melhor nobreza, gentil no espirito, isto é, no caracter; pois bem, Deborah, explica como puderes este phenomeno da minha alma — fôsse elle um alquebrado ancião, um plebeu grosseiro e deseducado, um fidalgo, ou um lacaio, e eu pensaria da mesma forma... Tanto me lisonjeou e commoveu a heroicidade do seu ánimo, excitada pelo amor que eu, sem querer, lhe inspirei!!...

— Vamos, Sarah, não façamos prophecias que nos entristecem. Imagina Jacob, livre, de volta a Lorvão, ou a Lisboa, em busca dos seus amores... Imagina isso, Sarah, e sorri, como eu sorrio, adivinhando a chegada de Pedro.

— Sim, minha irmã, tu és a captiva e o teu salvador de ti se approxima... Commigo é o contrário... Um dia parto, mal não precises de mim, e irei por esse mundo a libertar Jacob...

— E esperas conquistar essa liberdade?

— Espero cumprir a promessa que lhe fiz...

— E que promessa foi?

— Viver, ou morrer com elle!...

— Que grave e tragico aspecto tomas, minha Sarah, ao dizer taes palavras!... Afastemos estas nuvens... Agora sou eu o pagem, que, em nome do meu amo e senhor, te dou um beijo...

— E a quem servis, gentil mancebo?

— Ao brioso cavalleiro Jacob Adibe, que, pela Inquisição de Hespanha, anda affirmando o valor do seu caracter e a nobreza da sua paixão...

E as duas irmãs, depois de se presentearem com um sorriso, cahiram nos braços uma da outra, a soluçar, a soluçar, como duas creanças!

Extinguira-se o ruido festivo no claustro do mosteiro, e o sino, na grande torre, fazia soar compassadamente a meia noite...

*

No dia seguinte, ao começar o dia, quando as duas irmãs voltavam da sua reza, do côro da egreja, Sarah foi collocar-se, de pé, junto da pe-

quena fresta que olhava para o monte, por onde Pepe costumava guardar as suas ovelhas.

Deborah, com a fronte reclinada n'uma das mãos, junto do genuflexorio, não despregava o olhar de sua irmã.

Sarah parecia abstracta... Olhava o monte e o valle, com tanta tristeza e fixidez que nem parecia ver aquillo para que olhava!...

O que se passaria n'aquelles momentos na cabeça phantasista da pobre noviça?

Que noticias pediria ella ás ervas do monte e ás oliveiras que o coroavam? Estaria recordando aquelles momentos em que Pepe e Jacob a vigiavam com tanto zêlo, ou esperando que alguem viesse pela ribeira na direcção do mosteiro?

Que ella tinha os olhos vermelhos não offerecia dúvida...

Não dormira, verdade seja; mas não era só da insomnia tamanho damno... Com certeza ella sonhara accordada...

— Sarah! Que vês d'ahi?

— O sol a beijar o monte e as ovelhas a procurarem a sombra...

— Tão pouco!?

— Vejo a ribeira sequiosa, e o valle deserto.

— Esperas alguem?

— Espero, disse Sarah, distrahida.

— Pedro?

— Não; Pepe.

— Não disseste que elle fôra a Sevilha?

— Disse...

— E se elle não vier?...

— Peor para nós todos!...

— Tens razão; compartilhamos a tua dôr.

— Dize antes: ficaremos com as tuas saudades...

— Não comprehendo...

— Se Pepe não vier, irei ter com elle.

E Sarah continuou a olhar com a mesma fixidez!...

— Ha quanto tempo partiu o teu pastor?

— Ha um seculo!

— O plano que elle levou era facil e acertado?

— Era simplesmente arriscado; mas isso é o menos. Pepe é muito audacioso e intelligente. O meu receio é de que tenha chegado tarde.

— Isso seria uma traição. Lembra-te do que escreveu Gil a respeito da intervenção d'el-rei: Jacob será captivo muito tempo, mas não executado...

— E os martyrios?

— Elle é forte, resistirá ás torturas moraes; ás outras o poupará a energica intervenção de Antonio Carneiro. Sarah! deixa essa posição, que te fatiga... Não vês que me fazes soffrer...

— Isso não, Deborah, isso não. Não quero aggravar, com as minhas, as tuas saudades. Perdôa-me; adormeço ás vezes n'esta attitude, e bom é que me accorde a tua voz amiga. Eu enganei-te... a ninguem espero, e espero o acaso, o mysterio, a surpresa! Melhor direi, dizendo *aguardo*... Que afinal a vida não pára, e alguem ha de vir, ou quem amamos, ou quem abborrecemos. Hão de chegar noticias, boas ou más, que nos falem de vivos ou de mortos, de esperanças, ou de desesperos...

— Senta-te aqui, Sarah, e olha para mim. N'essa cabecinha esvoaça um plano que me occultas... Falaste em partir... Queres deixar-nos?

— Quero...

— E para onde vaes!

— A ver esse homem, para lhe reforçar o ánimo. Quero que elle me veja no dia em que o soltarem, ou á hora em que elle succumbir!

— E a esse ponto me esqueces?

— Não te esqueço, Deborah, e hei de estar junto de ti, emquanto não tiveres o braço de Pedro para te defender...

— Mas Pedro, logo que eu seja sua mulher, partirá para a India, onde Albuquerque o espera... E eu? com quem ficarei durante essa longa e perigosa ausencia?

— A velha Joanna adora-te; serão o amparo uma da outra, e Pedro as recommendará aos seus melhores amigos...

— Sarah, tu és egoista. Pois crês absolutamente na minha felicidade?

— Por que não hei de crer? Vaes pertencer ao homem a quem amas, e eu nasci para nem sequer pertencer a mim mesma!

— Como te illudes, minha Sarah! Como te illudes! Tambem eu, algum tempo me illudi, mas essa illusão vae a desvanecer-se. Olha para mim, Sarah, vê bem os meus olhos... Pois não adivinhas, pelo que elles espelham, que a minha alma chora cá dentro, com as dôres d'um grande mysterio?

— Sim, minha irmã, cobre-te o rosto um véo de melancholia, tens no olhar o reflexo das lagrimas, que não choras, porque as entornas sobre o teu coração generoso; mas todas essas nuvens se hão de dissipar ao calor dos beijos de Pedro, como se dissipou, ha pouco, a neblina da serra aos raios da luz da manhã...

— Repito, como te illudes, minha Sarah! Amo Pedro, e tremo ao pensar no dia em que serei sua mulher! Ha tempo já que guardo no intimo

do peito um horrivel segredo! O espectro da desgraça caminha para mim implacavelmente, matando-me o sorriso e a esperança. O meu noivo assusta-me, apavora-me; quando elle se approxima, tenho tentações de fugir; se elle me fala, parece-me ouvir o écho das suas palavras repetido por algum monstro, que se abrigasse nas cavernas do meu seio!...

— Enlouqueceste, Deborah?

— Talvez, minha irmã; mas tu, que não possues o meu segredo, não podes julgar a minha razão...

— Ha quantas noites me espreitas para ver se eu durmo; e eu velo com os olhos cerrados! Ha quantos dias me falas de venturas, e eu sorrio, emquanto os meus olhos retraem o pranto!

— Põe a tua mão aqui, Sarah, sobre o meu coração — julgas que elle palpita? Não: isso que sentes não é a vida que circula, são os soluços e os gemidos que ahi tenho guardados, para que tu os não ouças!

— Valha-te Deus, creança. Para que recordas o passado? A vida é como o céo... já o viste mais escuro na primavera, por causa das nuvens do inverno? O tempo é a melhor nortada — varre nuvens e desgraças... e não deixa vestigios nem d'umas nem d'outras!

— E's ainda muito innocente, Sarah... Nunca viste uma estrella que se desprende e corre no firmamento? Ha desgraças que dão em trevas o que essas estrellas dão em luz — desapparecem rapidamente, mas deixam um longo rasto atraz de si!

— Perturbas-me o espirito, Deborah: pois não conhece Pedro o teu passado intimo? O que ha n'elle de alegrias e tristezas, de lagrimas e sorrisos, de venturas e desastres? Guardaste-lhe algum segredo? Culpa-te elle do raio que te feriu, e não foi até elle quem te livrou do assombro e te restituiu a vida? Não foi elle proprio assistir á execução da justiça dos homens e de Deus, para elle só ficar juiz das tuas virtudes e senhor da tua castidade? Se elle, bom e justo, rasga, cheio de enthusiasmo e de amor, uma pagina negra da tua vida, e que a desgraça, e não tu, escreveu, por que te enches de terror deante de teu futuro marido? Que receias tu, Deborah? Que os espectros venham perturbar os sonhos da tua felicidade? Que a justiça e o amor se convertam um dia em generosidade e compaixão?... E's injusta, Deborah, para com o nosso Pedro, tão constante nas suas crenças e affectos? Vamos, limpa essas lagrimas, e só as deixes correr quando a consciencia te disser que fôste causa voluntaria das mágoas de que te queixas. Guarda o teu segredo de toda a gente, mas não o guardes de quem tem direito a conhêcel-o. Os teus receios partem da delicadeza da tua alma. Nos braços de Pedro, em breve, sorrirás de tão infantis preoccupações...

— E tu, apesar de tudo, ficarás junto de mim, até o momento em que te disser: «Podes deixar-me, Sarah; a consciencia chama-me innocente, Pedro ama-me sempre, sou feliz!» Promettes?

— Mas, Deborah... disse Sarah, voltando a examinar o monte e a ribeira.

— Preciso de ti, Sarah; juras-me que não vaes abandonar-me?

— Juro, sim, disse Sarah alegremente, sem olhar para sua irmã.

— Elle lá vem! elle lá vem! gritou, depois, n'uma vivacidade infantil... Juro, sim; não te deixarei, já que assim o queres...

E, continuando a affirmar-se:

— E' elle, não ha dúvida; vem do lado do casal, e vae já descendo a encosta... Queres vel-o, Deborah?

— Quem é que vem? Pepe?

— Não; respondeu-lhe a irmã, sem desviar o olhar do monte.

— Pois, será possivel? E' o teu Jacob, minha Sarah?

— Não, Deborah; anda ver...

— Mas quem é, então?

— Pois não vês, minha tonta? E' Pedro! o nosso Pedro!

E Sarah abraçou e beijou alegremente a irmã.

Deborah poz-lhe as mãos nas hombros e afastou-a, meiga, mas tristemente.

— Enganava-me a tua alegria, minha irmã...

Sarah córou e baixou o olhar...

— Dir-se-hia que esperavas anciosa o teu pastor ou o teu captivo; mas, afinal, a ambos preferes o teu irmão...

— Dize sempre, Deborah, o nosso Pedro...

— Sim, chamar-lhe-hei sempre *nosso*. E' pequena de mais nos meus labios a palavra *meu*...

— Deborah! injurias a minha dedicação.... Se queres, parto hoje mesmo.

— Como parecem vicios, Sarah, as nossas grandes virtudes! Porque nos amamos, nos illudimos! Quiz revelar-te o meu segredo, e não o comprehendeste! occultaste-me o teu, e eu adivinhei-o! Os nossos corações são muito mais leaes que os nossos labios!

— Deborah!

— Não córes, que não tens razão para isso. Não te envergonhes do sacrificio, que eu reconheço n'elle a grandeza do teu coração. Abraça-me agora e beija-me, e vamos enlaçadas pelo mesmo amor e pelo mesmo infortunio, guiadas pela mesma estrella, ao encontro do nosso Pedro...

— Vae tu, vae tu só...

— Não, vamos ambas; emquanto eu vou abraçar a obra do esculptor, abraçarás tu a do estatuario... Eu saudarei o homem, tu pensarás na imagem — Segue-me, Sarah, e verás a sombra de Pedro no caminho da tua existencia...

E as duas irmãs desappareceram na galeria do mosteiro.

Entretanto, Pedro subia rapidamente a escadaria principal, acompanhado por um servo do mosteiro e uma monja da ordem.

Ao ver as duas irmãs saudou-as alegremente, e, n'um só abraço, as enlaçou, beijando-lhes os cabellos.

— Deborah, disse Pedro, minha adorada mulher! desfez-se em fumo o espectro dos teus sonhos! O teu algoz morreu de joelhos sobre o cadafalso! Não lhe dei o perdão, mas voto-o ao esquecimento.

Deborah empallideceu e deixou pender a cabeça no hombro do seu noivo.

— E tu, minha Sarah, alegra o teu bello coração: Philippe occupa o throno de Izabel, e, aos rogos da formosa Joanna, vae perdoar as culpas contra a Fé...

Sarah occultou o rosto no outro hombro de Pedro Soares.

Pedro conchegou a cabeça das duas irmãs de encontro ao peito...

E este grupo ficou immovel e mudo no meio da grande galeria alumiada pelos raios de sol, que entravam pelas altas gelosias abertas na abobada.

*

* *

Depois do almôço, as freiras, monjas e noviças, desceram á cêrca e foram, em grupos, procurar a sombra do jardim.

Sarah volteou entre as suas companheiras, e foi sentar-se, isolada, perto do grande lago, debaixo da ramaria que o cercava.

A pouca distancia, no pequeno caramanchel natural, formado pela grande oliveira, cujo tronco ficava além do muro, sentou-se Deborah junto de Pedro.

Andavam as abelhas zumbindo no parreiral, e mudas, mas em vôos incertos, ora beijando-se no ar, ora pousando nos calices das flores, duas borboletas brancas agitavam as azas como duas pennas levadas pelo vento, ou as erguiam unidas, como duas mãos postas para rezar!...

Na fonte corria mansamente um veio d'agua, que mal encrespava a superficie do lago... N'um pequeno aviario, quasi occulto em moita de roseiras, um casal de rôlas *apunhaladas*, isto é, com manchas vermelhas no peito côr de leite, davam, no seu rolar e carpir, uma idéa da vida con-

ventual; ora gemiam tristemente, ora riam em gargalhadas, sêccas e irónicas!...

Na horta andava cavando o hortelão, de mangas regaçadas e rosto crestado. As oliveiras agitavam-se mui brandamente, como se não quizessem perturbar tanto vozear do bando feminino, e, n'um castanheiro, que assombrava a escadaria do convento, cantava, mais alegremente que nunca, uma toutinegra real!...

O estio estava em toda a sua formosura e pujança!

Não era para admirar a presença de Pedro na cêrca do mosteiro. Por outros recantos da horta e do jardim, em idyllios estivaes, alguns guapos mancebos refrescavam á sombra os seus corações apaixonados!

E Pedro estava em condições especiaes; tinha privilegios que a côrte lhe concedera, e andava em cuidados e desvelos que anticipavam um enlace, que em breve seria rematado na egreja do mosteiro.

Sarah parecia uma sentinella entre os dois aviarios — o das rôlas, que gemiam, e o de Deborah e Pedro, que segredavam.

A formosa noviça compunha, com flores naturaes, uma grinalda de noiva, e, por vezes, como para a affeiçoar á fronte de sua irmã, a cingia sobre os cabellos, e lhe admirava o effeito, debruçando-se na borda do lago e espelhando-se na agua parada e transparente...

Depois sentava-se de novo, e, emquanto sobre os joelhos ia ageitando em curvas as flores de laranjeira, enviava furtivamente um olhar de alegria, ou de resignação, para o grupo que estava carinhosamente guardando.

As faces de Deborah, ha tantos dias abatidas e pallidas, rosavam-se em côres vivas, como se estivesse n'ellas a reflectir-se o sangue que lhe batia no coração!

Pedro banhava, no seu olhar enternecido, o vulto da sua noiva, envolvendo-a, desde a coma dos cabellos até a fimbria do vestido!

E, algumas vezes, emquanto, de soslaio, media aquelle extase, Sarah, esquecida da sua tarefa, em movimentos convulsos, esfolhava, nervosa e inconscientemente, as flores que tinha no regaço...

Pedro rompeu aquelle silencio.

— Deborah, levanta do chão os teus olhos, que teem sido as estrellas da minha vida, e, repete-me, fitando-me, aquella doce confissão, que soou nos meus ouvidos, como um hymno de victoria nas luctas da minha existencia... Foste tu que rasgaste o véo negro da minha orfandade, e que descobriste, illuminando-o, o caminho do meu futuro! Ao ver as tragedias do mundo, a perfidia dos homens, eu chegaria a negar a propria existencia de Deus, se tu não tivesses surgido, qual anjo da minha guarda, affir-

mando-me a piedade do Céo... Deborah, ninguem olha para nós — olha tu para mim!

E Deborah, depois de ter olhado para Sarah, que via entregue á sua faina de jardineira de amores, fitou Pedro, tão triste, tão meiga e tão piedosamente, como pode um doente fitar a imagem de Christo, na hora extrema!

— Disseste-me, um dia, Pedro, que, apesar da minha desventura, me acceitavas para tua mulher. Amava-te então, como hoje te amo. Foste tão bom, tão generoso, tão amoravel, que, ao veres-me desgraçada, não aos olhos de Deus, mas aos meus proprios olhos, como quem lança um cabo a um naufrago, como quem dá luz a um cego, me offereceste os teus melhores thesouros — o teu braço, o teu amor, e o teu nome! O mesmo raio que fulminou meu pae, te aureolou a meus olhos! Ainda bem me não tinham envolvido os crépes da orfandade e já tu me lançavas sobre a fronte a grinalda de noiva! Quando me julgava só, collocaste a meu lado, tu, que vales por toda a gente! Não quizeste só melhorar-me a existencia; quizeste dar-me uma existencia nova! Com os teus carinhos velaste as minhas noites, e procuraste apagar-me na memoria a minha vida passada... O teu amor foi um baptismo purificador... Eu propria me julguei, quando me abriste o teu peito, como se de novo renascesse do seio de minha mãe! Na saudade, que vicava escura no meu orfanado espirito, foste tu quem poz a corolla verde da esperança... Quem te não hade amar, Pedro? Como poderia eu recusar-te, meu bom amigo?

— Fala-me só em amor, Deborah, que a gratidão não se parece com elle. Ha entre uma e outra tanta distancia quanta entre a devoção e o dever. Não te offereço o meu coração; reclamo o teu. Como poderias tu dever-me a existencia, se eu vivo do teu viver? Que me deves tu? Protecção? Pois não vês, que protegendo-te, me protejo; amando-te, me felicito e premeio? Se tu me captivaste, como posso eu offerecer-me? Julgas, por acaso, que a vida é sôpro que anima um coração apaixonado? A vida com amor só palpita em dois corações... Separa-os, e com as raizes despedaçadas, morre toda a vida e todo o amor! Hoje, porque te amo, amo tudo — amo-me a mim proprio!... Acho bello o mundo, creio em Deus, quero a gloria, confio no futuro... Deixa-me, e levas comtigo a minha luz, a minha voz, a minha alegria, a minha vontade; posso ficar no mundo, como fica a arvore arrancada da terra, valor de commercio, materia de industria, transformada e trabalhada pela mão da arte — mas sem raizes que estremeçam, sem seiva que a accrescente, sem ramos e sem folhas que a embellezem, sem fructos que a enriqueçam!

Deborah, não me fales em gratidão, que a gratidão não é uma voz,

é um écho; não é uma luz, é um reflexo; não é um impulso, é uma vibração!

— Amava-te antes de te agradecer. Dei-me a ti, antes de me conquistares... Se te falo em reconhecimento, não é porque pretenda pagar-te quanto devo, mas porque preciso de te lembrar quanto valho...

— Tu vales, Deborah, mais que todas as mulheres da terra e que todos os anjos do Céo! Nenhuma me parece mais bella e mais casta!...

— Pois bem, Pedro; vens repetir-me, sem hesitação, a confissão e a promessa que me fizeste, com a mesma confiança, a mesma generosidade ou o mesmo amor; jurando sobre a pureza da minha alma, livre, bem livre de recordações tristes, de preconceitos, de fraquezas, de ciumes das sombras que fugiram, como se me tivesses levantado do meu berço e me tivesses conservado nos teus braços até o dia do nosso casamento?

— Sim, Deborah... sim...

— Vens hoje (deixa-me falar-te com toda a franqueza) com toda a lucidez do teu espirito, com todo o fogo da tua paixão, zeloso da tua e da minha honra, dizer-me que estás disposto, mais que disposto, votado á consagração da minha honestidade e a soffrer todas as consequencias, todas, da infernal desgraça de que fui victima e de que tu, espontanea e nobremente, assumiste a responsabilidade perante o mundo em que vivemos?

— Duvidas de mim, Deborah?

— Não duvido; mas quero que fixes bem as minhas e as tuas palavras, dictas a esta hora, tendo Deus por testemunha; a esta hora em que tanto posso dizer-te — «serei tua mulher» como posso subir áquella torre e d'ella me lançar sobre esta terra que pisamos... Quero que me jures, com as tuas mãos entre as minhas, como se as tivessemos sobre os nossos corações, pela memoria de teus paes, pela tua honra de cavalleiro, pela tua fé christã, pelo teu amor, pela vida de Sarah, e até pela gloria da tua bandeira de soldado, que sob as lousas de S. Francisco e com as cinzas do Aragonez (e Deborah, ao pronunciar este nome, baixou os olhos) ficaram esquecidas todas as minhas desventuras, e nada accordará no teu ánimo o sentimento do odio, da vingança e do ciume!

— Deborah, disse Pedro levantando-se e batendo com a mão nos copos da sua espada de cavalleiro, sobre esta cruz que representa a minha religião, o meu dever, a minha gloria, o nosso futuro, a memoria de meu pae e a honra do meu paiz — juro...

— Dá-me a tua mão, Pedro; serei tua mulher.

E, porque Sarah os olhava inquieta e febril, os dois amantes cruzaram um olhar tão fixo e demorado, que bem se comprehendia que n'elles tinham voado dois beijos de amor e de esperança...

Deborah, disse Pedro levantando-se e batendo com a mão nos copos da sua espada

XIX

Os sonhos de Philippa

Passaram se alguns dias, e Pepe sem voltar a Lorvão! Isso não impediu que de Sevilha chegassem noticias ao mosteiro, não trazidas pelo pastor, mas pelo morgado de Travanca, que sahira do reino em missão de confiança junto do inquisidor-geral das Hespanhas e arcebispo d'aquella cidade; não para Sarah, que as pedira com tanto interesse, mas para a filha da abbadessa, que apenas ambicionava obter alliados, em Hespanha e em Roma, para inutilisar a guerra que já lhe movia a côrte de Portugal, irritada com os escandalos de que Philippa era a principal responsavel.

N'um ponto, porém, se pareciam as noticias trazidas pelo morgado com as que traria mais tarde o alegre rapazito — no que se referia a Jacob.

Deza era homem fino e descobriu notavel semelhança entre a situação d'elle e a da formosa pretendente ao abbadessado de Lorvão.

Philippe, no throno de Izabel, poderia, d'um para outro momento, reduzir-lhe o poder ao governo do seu arcebispado; e a influencia da rainha D. Maria no espirito do rei de Portugal, accrescentada com a reacção do grupo de cortezãos, que já rodeava o principe real e reclamava a reforma e a disciplina para os mosteiros portuguezes, poderiam então abalar o poder da velha dynastia das Eças, enfeudadas em diversas ordens religiosas.

O pensamento de Deza coincidiu com o pensamento de Philippa.

Deza pensou na futura abbadessa, logo que falleceu a mulher de Fernando V, e Philippa pensou no inquisidor, quando o morgado, para se vingar de Jacob, se resolveu a preparar a entrega do moço foragido ao tribunal do Santo Officio.

Philippa estava em condições de ser um agente maravilhoso dos inquisidores hespanhoes. As mais gradas familias de judeus christianisados na Andaluzia emigravam para Portugal, e, se as mulheres procuravam os mosteiros, para, na qualidade de conversas, darem a toda a Peninsula garantias de fidelidade catholica, os homens, por causa das mulheres con-

vertidas, e das pervertidas que enchiam Lorvão, por alli pairavam a miude, religiosos ou seculares, em volta de seus amores.

Além de que, Philippa era mulher de peregrina belleza, e a fama dos seus encantos chegara a todos os pontos do reino, onde a imaginação da mocidade sonhadora e os appetites viris creavam uma lenda, que era o iman mais energico para attrahir galanteadores dos mais ricos em dinheiro e em aventuras.

Jacob fôra a primeira prêsa, e boa prêsa, e dava garantias de que podia ser a primeira de uma série ha muito cubiçada pelo poder theocratico hespanhol.

Eram frequentes as apresentações em Lorvão, de ricos christãos novos, ou judeus e mouros contumazes, que confiavam demasiado na politica fraca e dubia de D. Manuel e nos olhares seductores da ardilosa monja lorvense.

Comtudo, Philippa d'Eça, só, e não tendo o menor interesse em associar sua mãe aos trabalhos da sua agencia diplomatica, reconhecera a necessidade de se associar a alguem, rico de fortuna e miseravel de escrupulos, que se encarregasse das missões externas, e fôsse, ao mesmo tempo, alcaiote em negocios de amor e espião na politica fradesca e inquisitorial.

O morgado de Travanca tinha todas as condições para esta dupla tarefa. Philippa lisonjeava-lhe o orgulho, distinguindo-o com o favor da sua intimidade e a sua estupida ambição de figurar no mundo, offerecendo-lhe ensejo para tratar, em seu nome, com as mais altas personagens, desde o Tejo até o Tibre.

Por tudo isto o morgado, que viajara até Sevilha, com as credenciaes de embaixador extraordinario da mundana religiosa, mal chegou ao mosteiro, foi logo recebido n'aquella sala secreta, que já surprehendemos, e que tão disfarçadamente communicava com a cella de recepção da abbadessa sua mãe.

Philippa recostava-se já, com tão descuidada elegancia e altivez, nos divans da sua camara luxuosa, que, quem a visse, se, por vezes, a julgava odalisca habituada aos harens do Oriente, outras a confundiria com uma princeza dos melhores thronos da Europa.

— Esperava ancioso o meu caro D. Sancho, e até já receara que o tivessem perdido por essas terras os olhos das andaluzas.

— Não os vi eguaes aos vossos, minha querida Philippa, ou as saudades que dos vossos levei me não deixaram guiar por aquelles que com elles se pareciam.

E o morgado, approximando-se, em vénia de cortezão, beijou a extremidade dos dedos de Philippa.

— Reparaste, meu caro morgado, que vos saudei pelo vosso nome de baptismo?

— Sim; e, n'isso vi mais uma prova de que me anda a sorrir a estrella que me vae guiando...

— Trazeis, pois, boas novas?

— Das melhores, devia eu dizer, se não tivesse ainda a esperança de trazer outras, que d'estas não terão inveja.

— Quero ser generosa comvosco, hoje. Sentae-vos e beijae-me outra vez, mas aqui...

E levou o dedo a um pequeno signal, negro como os seus olhos, e que muito proximo d'elles lhe enfeitava a face direita.

O morgado inclinou-se sobre o rosto da monja, e, soltando um suspiro, tão banal como a expressão da sua physionomia, sentou-se no divan.

— Vamos ao que interessa, disse Philippa: falastes a Deza?

— Mal cheguei... Acolheu-me tão distinctamente que logo vi quanto a calumnia amesquinha a fidalguia do honrado arcebispo...

— Mostrastes-lhe o meu recado?

— Que elle leu com grande avidez e que guardou com o sorriso mais franco e alegre, como se tivesse recebido uma promessa de namorada...

— Rebaixaes-vos a meus olhos, morgado, falando com tanto prazer de tal acolhimento. O servilismo mata-vos a gentileza de fidalgo... Um pouco de ciume seria mais nobre...

— Enganaes-vos, minha querida; encheu-me de orgulho que elle tivesse por melhor esperança o que possuo por demorada conquista...

— Parece-me extemporaneo esse orgulho... O que pago por conta não leva confissão de maior divida. O principal é saber se Deza está satisfeito commigo.

— Satisfeitissimo, e tanto, que até deseja incumbir-vos d'uma nova missão, que seria difficil, e que elle não vos confiaria, se não conhecesse já o vosso talento e engenhos.

— Trata-se de Pedro Soares?

— Nada d'isso. E' ainda a respeito de Jacob...

— Que mais é necessario? Não o tem já em seu poder?

— Assim é: mas para se levantar no conceito do novo soberano, precisa Deza de arrancar a Jacob, uma solenne apostasia das doutrinas de que elle faz alarde, e que estão gerando na Allemanha uma tal revolução que já chegam até nós os échos dos seus clamores. Como sabeis, a heresia começa a invadir o espirito de muitos padres da Egreja, e o scisma vae já inventando os seus apostolos. Essa revolta, minha formosa princeza, é mil vezes peor que os erros do judaismo. Moisés e Mahomet não

entram no reino do Céo... O perigo esta em despir o catholicismo dos atavios dos concilios. A reforma insiste em deixar o Christo nú, sobre o Calvario, ou apenas de tunica miseravel, na barca de Pedro! Do norte veem gritos de protesto contra o manto imperial que já cobre os hombros de Jesus! Bem vêdes que o christianismo primitivo não se dá bem com a côrte de Roma, nem com o tribunal do Santo Officio...

— Nada me interessa tudo isso... Que pretende elle que eu faça?

— Coisa muito simples: que concorraes para que Sarah, que Jacob adora loucamente, escreva ou fale ao protestante, e o arraste á publica confissão do seu arrependimento... Tendes comprehendido?

— Nada mais simples, disse Philippa. Sois meu camarada e socio, não é verdade? Pois bem, raptae Sarah, e levae-a aonde fôr necessario.

— Não é assim, violentamente, que elle deseja a empresa. Vão mudados os tempos... Esse escandalo seria a vossa perdição, a minha, e não daria o resultado que Deza appetece. N'este momento, desde que Philippe substituiu sua mãe, a politica de Antonio Carneiro está triumphante; D. Manuel resiste agora habilmente ás antigas reclamações de Castella... Cumpre-nos transigir com os acontecimentos.

— E por que não obrigam Jacob a submetter-se? Tão enfranquecida está já a Inquisição, que nem para isso serve?

— Vejo que não comprehendeis estas coisas. Sempre vos digo, entretanto, que Jacob se mantém nos carceres da Inquisição, mas condicionalmente, por ser portuguez. Não é caso novo. Ora, a prisão pode ir muito longe, e até talvez além da vida do novo rei...

— Pois já começam essas esperanças?

— Sem dúvida; Philippe tem a vida ameaçada. Tão licenciosa tem sido que, ainda no começo do seu reinado, já os physicos lhe estão contando os dias. O formoso principe é tão rico em amores e tão libertino em aventuras que Fernando V não deixa de limpar todos os dias a sua corôa imperial, na esperança de que lhe seja necessaria brevemente...

— Estamos, pois, em férias?...

— Exactamente, minha querida Philippa, estamos em férias. A fôrça está agora desarmada, e, por isso, são indispensaveis a traça e a trama...

— E Deza indicou o processo?

— Se se tratasse de fôrça, elle indicaria... mas de traça!... Valha-nos Deus!... Para isso é que se inventaram as mulheres bonitas e intelligentes. Além de que, Sarah está aqui, sob as vossas ordens, ama Jacob... Mas, para que estou eu ensinando o Padre-Nosso?...

Philippa ficou alguns momentos pensativa, e afinal continuou:

— Mas, se Philippe ameaça o poder de Deza, de que me serve uma

alliança com uma fôrça desarmada? Amanhã a côrte de Lisboa, com a intriga dos beatos e moralistas, expulsa-me d'aqui, e Deza não me acode!

— Que grande engano! Deza pode perder-se no conceito do rei, mas não no do Papa. Roma está com elle, e elle porá o Pontifice do vosso lado. Então assim se expulsa uma Philippa d'Eça do mosteiro de Lorvão? Dae-me o vosso nome e os vossos olhos e ser-me-hia mais facil desthronar D. Manuel que D. Manuel tocar n'um só dos meus cabellos...

— Posso, pois, contar com a côrte de Roma?

— Foi Deza quem m'o assegurou.

— Bem; acceito o encargo... Sarah irá a Sevilha.

— E quem ha de acompanhal-a?

— Ella escolherá.

— Será isso prudente?...

— E', se vós a seguirdes...

— Dispondes de mim, senhora minha.

— Está bem. Conversarei com Sarah e hei de convencel-a de que a liberdade de Jacob está dependente da intervenção d'ella na conversão que se pretende. Poderei até inventar uma missiva do judeu... Sabeis imitar a lettra de Jacob?

— Ha uma coisa apenas que eu não sei, é desobedecer-vos...

— Tenho cartas d'esse homem, e isso é um grande auxilio! Podereis copiar a lettra e o estylo. Houve tempo em que Jacob me escreveu, com certeza, palavras apaixonadas como as que deve ter dirigido aos seus novos amores. Ha n'ellas o reflexo d'aquelle feitio impetuoso, enthusiastico, que todas lhe conhecemos. As phrases d'amor parecem-se todas umas com as outras. Mais um pouco de vigor na linguagem dos novos. O meu receio é o de que não as comprehendaes bem... Será bom que haja cuidado em ser menos sobrio na lisonja. Conheço bem os homens e as mulheres. As virgens são as mais modestas, e os homens a essas exaltam mais as prendas do coração que a belleza do corpo.

E Philippa abriu um pequeno cofre de prata, de que foi tirando alguns rolos de pergaminho, cintados com fios de seda de diversas côres.

— Este é o do arcebispo de Coimbra... este de D. Alvaro de Castro, ah?... parece que é agora... Pois não é, fio verde quer dizer que foi n'este que tive maiores esperanças... é d'um conego da Sé d'Evora! Olhe, morgado, vê este amarello? Sabe o que quer isto dizer? E' do physico-mór, que se demorou em Lorvão tres mezes, para me tratar das saudades que me fez soffrer um esbelto fidalgo que morreu na India!... Até que emfim, cá está o fio azul; o ciume não pode ser senão de Ja-

cob... um tigre ciumento este maldito marrano! E' sempre assim: os mais ciosos são sempre os mais voluveis...

— E o ultimo, D. Philippa?...

— Esse não escreve...

— Por que é mais cauto?

— Não; porque me diz tudo quando me vê... E' homem de mais acção que litteratura...

— Dae-me, pois, um pedaço de fio azul...

— Tomae-o, disse Philippa, imitae-o quanto puderdes; exercitae-vos assim a dizer-me o que apenas traduzis habitualmente, em elogios aos meus olhos. N'esse discurso amoroso não vos esqueçaes de affirmar que elle resistirá ao Santo Officio, soffrendo todas as torturas, até a do cadafalso... Mas que morrerá afflicto e impenitente, se não lograr vel-a antes da hora fatal.

— E, como se lhe ha de explicar a chegada a Lorvão de tão importante documento!... Convem notar que Sarah tem Pedro por conselheiro.

— Esperae, disse Philippa. Sabeis que Pepe foi a Sevilha?

— Se sei!? Por alguns familiares fui informado da entrada d'elle na Inquisição. Deve por lá demorar-se e até talvez mais tempo do que elle imagina.

— Então não temos difficuldade. A súpplica de Jacob apparecerá mysteriosamente na cella das duas irmãs, ou alguma noviça a levantará na cêrca, como se alguem a tivesse atirado por cima do muro. E' mais romanesco, e tem muitos precedentes na historia do mosteiro.

— Estão notadas todas as ordens. Agora a paga, minha querida Philippa?

— Beijae-me as duas faces...

O morgado passou nos labios o lenço perfumado, regaçou petulantemente as guias do bigode, e com vagar e excessivo intervallo, como fazem as creanças ao dentarem um dôce, beijou duas vezes a formosa abbadessa...

Depois sahiu, recuando em requebros e cortezias, como se fôsse empurrado pelo olhar de Philippa, que parecia dizer:

— Já não preciso de ti, imbecil!...

*

Sarah foi chamada á presença de Philippa.

— Minha boa amiga, disse-lhe a filha da abbadessa, sabes quando se realisa o casamento de tua irmã?

— Não sei; creio, porém, que mui brevemente. Pedro deve ir a Lisboa pedir a auctorisação d'el rei, e, quando voltar realisará o seu feliz projecto.

— E tu, Sarah, quando te casas?

— Não o espero, senhora; faltam-me dotes para merecer tal ventura...

— Estás gracejando. Talvez a modestia te prejudique; mas as formosuras, que se escondem n'esse véo, transparecem mais seductoras que as outras...

— A minha modestia tambem é modesta, senhora... Como vêdes, ha um duplo véo cuja transparencia adquire discreta opacidade. Não caso, porque...

— Estava anciosa por essa razão...

— Porque não tenho quem me ame...

— Já vejo que o véo tem só uma face, e da maior transparencia... Bem sabes, Sarah, que és amada e com o mais vivo enthusiasmo.

— Então será por outra razão irrespondivel...

— Por que não queres?...

— Não; porque não amo!...

— Deves permittir-me esta franqueza — e Jacob?

Sarah baixou os olhos.

— Jacob está perdido. Perdeu-o a inveja, a intriga, e, quem sabe? talvez o ciume...

— Dize antes — a sua pertinacia e o seu orgulho.

— Resumindo: as suas virtudes.

— Ou melhor ainda, a sua leviandade.

— Não me pertence Jacob, e sou uma mulher. Podereis injurial-o, se isso vos apraz...

— Não te pertence; mas, se pudesses, havias de salval-o, não é assim?

— De todo o coração...

— Pois bem; não hesito em revelar-te os perigos que ameaçam esse homem.

— Adivinho-os. A morte, não é assim?

— Peor, Sarah, mil vezes peor que a morte: a tortura frequentemente e o carcere em toda a vida.

— E' na verdade horrivel; mas, se nada posso fazer em proveito d'elle, para que vindes affligir-me com taes novas.

— E's ingrata, Sarah! Pois não comprehendes que é meu intuito alegrar-te, e não entristecer-te...

— Vós?...

— Sim, eu. As mulheres, afinal, são sempre generosas para os que amam. Tens nas tuas mãos a vida de Jacob.

— Se assim é, farei o contrario do que vós fizestes — deixarei bem livre essa vida tão honesta, e tão preciosa.

— Ficando muda e quêda na vossa cella, não é assim? Nada mais simples e mais egoista! A vida dos nossos amantes são o ar que nos rodeia e que vale porque nós o aspiramos. Aspirae Jacob, e elle levantará o vosso peito.

— Que devo, pois, fazer?

— Pensaes n'elle?

— Penso...

— E's-lhe grata?

— Quanto a Deus!

— E por que não ides vel-o?

— Já pensei n'isso...

— E por que não realisas o teu pensamento?

— Porque receio perdel-o.

— Enganas-te, Sarah. — A tua visita á Inquisição dar-lhe-hia coragem, e talvez lhe alcançasse o perdão do Santo Officio...

— Por que preço?

— Pelo que valessem as suas crenças...

— E julgaes, senhora, que eu aconselharia Jacob a que atraiçoasse a sua consciencia?

— Quererias, então, vel-o torturado, afflicto, moribundo, morto até, para não transigir em juramentos, que podem estar recheados de restricções mentaes?

— Tudo, menos a cobardia e a vergonha.

— E tu farias o mesmo?

— O mesmo.

— Então, se visses Jacob sacrificado no potro, na roda, no borzeguim, queimado com o fogo, asphyxiado na agua, rasgada a pelle, macerada a carne, partidos os ossos; se visses Jacob, ameaçado, insultado, escarnecido, para ser obrigado a defender o santo tribunal, não lhe pedirias que pensasse no teu amor, que salvasse a sua vida, que renegasse as suas palavras, o que não é o mesmo que renegar as suas crenças? Então havias de vel-o na mão dos seus algozes e não havias de arrancal-o a elles?

— Não sei se comprehendereis bem o que vou dizer-vos, porque ha sentimentos difficeis de explicar; mas sempre vol-os direi. O que admirastes, senhora, em Jacob, quando elle vos amou, e vós vos deixaste amar? Calculo: a figura elevada, elegante, forte, o rosto moreno, audaz, gracioso; os olhos pretos, vivos, ora scintillantes como um raio, ora meigos, como o olhar da gazella — o braço forte, o peito arqueado, a testa espaçosa, a

palavra quente!... Por isso fostes, ou quizestes ser sua amante! Comprehende-se. Admirastes n'elle o homem externo, por isso o quereis vivo, por todo o preço, como um bom corredor quer agil e sadio o seu corcel, de cabeça fina, mãos bem lançadas, cauda abundante, forte e rinchão... Não é assim, senhora?

— Não me julgas capaz de apreciar d'outra forma o homem que se ama?

— Não julgo. Para que illudir-vos com hypocritas lisonjas? O amor é um sentimento que reflecte o caracter de quem o sente. O meu amor tem outros moldes, outro feitio, outro valor... Isto é difficil de dizer, e principalmente pela bôcca d'uma mulher. Dispensae-me, pois, de descrever o vosso amor e permitti que trate apenas do meu. Amando Jacob, amar-lhe-hia esse orgulho a que chamaes defeito, essa coragem, que dizeis audacia, essa independencia, que para vós é rebeldia. Aquella dignidade que o fortalece, aquella altanaria, que o faz indomavel, aquella firmeza, que o faz invencivel, é o que eu admiro, amo e adoro! Se elle pode viver ornado com todos esses dotes que o distinguem entre os outros homens, para que elle viva, não hesitarei em offerecer a minha vida; mas se elle hesita, cede, transige e, pela gloria do seu nome, tem de trocar os prazeres do mundo, melhor me parecerá Jacob torturado e morto! Onde vós, senhora, admiraes o seu vulto, admiro eu o seu caracter e a sua historia. E' possivel que eu vá dar-lhe alento e coragem; mas nunca para lhe debilitar a inflexibilidade do seu brio, que é a sua melhor belleza.

— Já vejo que o não amas ..

— Talvez. Ha tantas maneiras de amar! Prefiro rezar-lhe pela alma immaculada, que possuil-o com uma vida cheia de humilhações...

— E's original, na verdade. E, n'esse caso, bem fazes em ficar em Lorvão, emquanto elle espera em vão que lhe acudas com o teu conselho e estimulo.

— Nada mais quereis, senhora?...

— Nada mais... E se lhe escrevesses?

— Dir-lhe-hia o que vos estou dizendo.

— N'esse caso apressas a execução da sentença...

— E' possivel. Mas notae que apressar é um acto de caridade...

— E se eu te pedisse que me ajudasses a salvar Jacob?

— Perguntaria a mim mesma — que interesse poderieis ter em salvar um homem que quizestes perder?

— E a ti propria responderias que as acções imprudentes são sempre seguidas do remorso que as condemna...

— Tendes remorsos?

— Não penso senão em salvar Jacob, exactamente porque ajudei a perdel-o...

— Ainda o amaes?

— Não, que se o amasse não quereria salval-o.

— Appellaes para mim para desfazer a traição, como para ella vos servistes do meu nome! Mais uma razão para a minha recusa. Jacob nunca poderá dever-vos o favor que lhe quereis prestar. Se elle se salvar, será por effeito da justiça, e não por se submetter á iniquidade...

— Daes-me licença, senhora, perguntou fora da porta, timidamente, uma monja, empregada no serviço especial da abbadessa.

— Entra, lhe disse Philippa.

E mal foi obedecida:

— Que nova trazes? Algum recado impertinente de minha mãe?

— Não se trata de vós, nem da senhora abbadessa. mas da noviça Sarah, que vejo presente.

— Podes dizer.

— Andando agora na cêrca, dirigindo os trabalhos da horta e do jardim, senti cahir uma pedra que alguem arremessara por cima do muro. Olhei e vi que prêsa a ella vinha esta missiva...

— A quem vem dirigida?

— A' noviça Sarah...

— Lêste-a?

— Não, porque vem fechada com cera e timbrada com duas iniciaes. que deveis conhecer...

— Se é para Sarah, entrega-lh'a...

— Perdão, senhora, não tenho culpa de tão mysteriosa correspondencia, e, como não tenho segredos, dou-vos o direito de a abrir e ler...

— Confio em ti, lê-a, e, se julgares conveniente dizer-me o que ella contém, revela-m'o, que talvez eu possa acautelar-te de qualquer ardil de namorado, ou de intrigante.

Philippa bem sabia do que se tratava. O morgado cumprira as suas ordens. Aquellas palavras representavam uma falsificação, que ella aconselhara, e havia de resolver Sarah a partir para Sevilha clandestinamente.

Sarah quebrou rapidamente o sêllo, e começou a leitura...

Não havia dúvida — era a lettra de Jacob.

Philippa observava a physionomia da noviça, que, á proporção que a leitura se adeantava, denunciava, n'um sorriso cheio de ironia, surpresa e desgôsto.

Ao acabar a leitura, Sarah entregou a carta a Philippa.

— Lêde, senhora...

— Nada tenho com os teus segredos. Sarah...

— E' possivel que tenhaes. Conheceis esse sinete?

Philippa examinou com cuidado a gravura de cera.

— Sim! parece-me distinguir as iniciaes de Jacob. — Mais razão para não invadir o dominio das tuas relações. — Podes guardar essa nova confidencia d'um homem que te estima... Diz-te, sem duvida, que precisa de te vêr... E' natural. Mal sabe elle que em tão pouca conta tens a sua salvação.

— Não percaes tempo em conjecturas... Disseste-me que, se precisasse de vós, vos mostrasse este documento. Preciso: — eil-o. Sois mulher experimentada e podeis dar-me conselho...

— E Philippa leu, sob o dominio da mais viva curiosidade:

«Senhora.

«Se vos convidarem a vir a Sevilha, recusae... Prepara-se uma traição contra vós ou contra mim, ou contra ambos? Não allio ás vossas, as minhas responsabilidades... Sabeis quanto vos amo e, por isso, que não ousarei arrastar-vos a compartilhar commigo os martyrios que tenho soffrido. Sei que os nossos inimigos vieram a Hespanha a preparar a intriga que vos traria ao meu carcere, com o fim de me enfraquecerem o ánimo... Se um dia vierdes aqui, fazei-vos acompanhar de Pedro, e trazei um salvo conducto, que vos mantenha sob a protecção do rei de Portugal. Acautelae-vos de Philippa d'Eça, e não busqueis influir na sorte que me espera.»

Philippa ficou pensando n'aquelle mysterio.

Atraiçoal-a-hia o morgado? Quem poderia ter trazido aquella denuncia?

— Que dizeis a isso, senhora?

— Que nada comprehendo. Provavelmente é n'isto que estão a traição e a intriga. Conheces bem a lettra de Jacob?

— Como conheço a minha...

— Julgas-me, então, um instrumento dos vossos perseguidores.

— Nada julgo: recordo os vossos conselhos e solicitações para que eu fôsse auxiliar a obra da Inquisição. Senhora, descançae que Jacob não morrerá sem que me veja, mas eu vel-o-hei sem que me captivem. Entretanto, devo prevenir-vos de que estou na posse do vosso plano. Sei das vossas relações com os frades de Hespanha e com a côrte de Roma, e não vos quero mal por buscardes dilatar o dia em que um poder justo e forte vos afaste d'este logar, que tendes desmoralisado e pervertido. Sei que esperaveis ter, em vez d'este conselho de Jacob, que hoje me trouxe Pepe,

e que deixei propositalmente no meu caminho, o outro, que reconheci ser falso, e que foi produzido por vossa ordem... Sou noviça, mas conheço de sobra as artes das abbadessas que se vingam dos amantes, quando elles lhes abhorrecem. Logo que Deborah seja mulher de Pedro, minha irmã assumirá a minha tutela e eu irei para onde me aprouver, no proposito de salvar Jacob e de explicar a todos os vossos alliados quem sois e como vos conduzis...

— Queres a guerra? E' isso que me propões?

— Quero: não a temo.

— Pois conta commigo, e com ella. Se me ajudasses a resgatar a alma de Jacob, obrigando-o á contricção, elle poderia ganhar talvez a liberdade. Assim .. só deves esperar que a minha influencia lhe aperte a gollilha de encarcerado.

— Não vos temo, que nada valeis nas regiões onde se governa o reino e se administra justiça... Tenho do meu lado o valimento de Pedro, que priva com o secretario de Estado, e o de Gil Vicente, que é protegido da rainha... Elles arrancarão aos martyrios de Deza o innocente portuguez...

— Nada d'isso te pode valer, que valho mais que todos esses, e sobre todos elles posso triumphar. Vós todos estaes na minha mão, que o meu poder se consolida, dia a dia. Duvidas?

— Duvido. Irei ter com el-rei...

— Pois bem, vaes ver.

E Philippa fez soar prolongadamente o timbre que tinha junto de si. Appareceu uma freira.

— Que horas são?

— E' a hora das Trindades.

— Está alguem na minha cella particular?

— Está, senhora... elle, que me disse descançar aqui esta noite e voltar de madrugada para Coimbra...

— De quem falas? Dize, que não tenho segredos para Sarah.

— D'el-rei sr. D. Manuel...

Sarah estremeceu.

— Fale Pedro a Antonio Carneiro, Gil á rainha... São as tuas armas, Sarah? Vaes ser vencida. Eu sou mais que tudo isso — sou a amante do rei! e a alliada do Papa!

E Philippa abriu a porta secreta carregando no cravo dos pés de Jesus; e Sarah, quando ia a retirar-se, ainda pôde ver lá dentro, mirando n'um espelho de crystal as melenas cahidas e luzidias, o principe afortunado!

Philippa tinha realisado os seus sonhos!

XX

O pastor

Aproveitando a entrada de Pedro no mosteiro, Pepe fez-se apresentar a Sarah.

— Ahi tens o teu pastor, disse Pedro Soares a sua irmã, como elle lhe chamava; entrou commigo para se não demorar, que anda atarefado e afflicto, como se lhe perigasse a vida com a delonga. Deixo-os sós, que tenho de conversar com Deborah e saber quantos cuidados reclamam a sua saude.

E Pedro subiu, deixando Sarah com Pepe, na salinha mais proxima do refeitorio.

— Bemvindo sejas, Pepe, que tão pouco te demoraste, se me lembrar da grande empresa que te commetti, e tanto me impacientaste pelo interesse que tinha na tua volta. Trazes-me boas novas?

— Não, menina Sarah, não trago. Algumas esperanças, apenas, que me apressei a trazer-vos, receoso de que se perdessem de todo, se por lá me demorasse...

— Viste Jacob?

— Vi, ou melhor olhei para elle, que olhar sem ver afflige menos. O sr. Jacob não parece o mesmo! Fugiram-lhe os olhos pela caveira dentro, apagou-se-lhe a côr das faces... Até parece menos moreno... E a vida, aquella vida que parecia dançar-lhe no rosto, está lá ainda, não ha dúvida, mas está deitada, ou desfallecida, sobre aquelle aspecto de saude e vigor, que lhe começava no cabello negro e revolto e acabava nos labios vermelhos e risonhos...

E Pepe, ao dizer isto, ia revolvendo nas mãos o gorro pobrezinho, e baixava os olhos, como se quizesse occultar a tristeza que o invadia.

— Tambem tu vens transtornado, Pepe; não pareces o mesmo rapaz alegre e ladino...

— Não se trata de mim, menina Sarah, que nada sou e nada valho...

Eu venho fatigado, eis tudo... Fiz uma longa viagem, na terra, e em sonhos... Andei leguas, impellido pelo dever, voei outras tantas fugido á perseguição... Vivi muito n'estes ultimos tempos, menina Sarah, que se vive sempre muito mais quando se vê soffrer, do que quando se acompanha gente feliz...

— Pobre Pepe!...

— Não mereço a vossa compaixão, ou antes, devo merecer-vos tanta quanta eu voto ao meu *Frade,* quando elle revolve, de noite e de dia, a casa e a serra, em busca do seu dono...

— Conseguiste entrar no palacio da Fé?...

— Como a porta não se abria, bati a ella. Queria entrar como anjo consolador, e não me deixaram. Alli ninguem entra por sua vontade... Tomei então uma resolução: entrei como esbirro... Só assim .. Ou então como victima. Tanto disse, tanto fiz, tanto andei, que, ao segundo dia da minha chegada a Sevilha, já se falava em mim, e ao terceiro era prêso. Alli só andam em liberdade os que não teem nome, ou não são denunciantes...

— Então entraste?

— Entrei? Não é assim que se deve dizer — precipitei-me, e cahi lá dentro...

— Aquillo é muito triste, Pepe? perguntou Sarah, com infantil e tristonha curiosidade...

— Não imagina, menina Sarah, aquillo é um abysmo, em que não se respira — Recebe-nos o Santo Officio apertando-nos o coração, como cá fora se aperta a mão, com fôrça...

— E' peor que isto, não é, Pepe?

— Isto só é feio para mulheres honestas; aquillo é horrendo, até para bandidos!...

— Muitos homens... não é verdade?

— Quem dera d'isso! Muitas feras, isso sim. Aquillo parece um covil, em que os tigres estivessem a devorar ovelhas, e a gente a sentir estalar os ossos... e as bôccas mudas! e apenas os dentes, para cá e para lá...

— E tudo ás escuras, não, Pepe?

— Quasi, menina Sarah, quasi. Sombras que mexem, que são muito peores que as trevas. Sombras, que lembram uma noite de vendaval, com raios luminosos... Sombras que mettem mais medo, quando a luz as mostra, e as estremece... Corredores sem fim, salas sem tectos, paredes sem côr, chão de sepulturas!...

— Nunca tinhas visto isso, Pepe?

— Nunca, menina Sarah! E posso dizer que ainda não vi — Quando

se cruzam aquellas portas, parece mesmo que a gente adormece e começa a sonhar com um grande pesadelo... Ha poucos dias que de lá sahi, e já me não lembro bem como aquillo é. Nem aquillo se vê a seguir; vê-se aos saltos — um pedaço aqui, um pedaço alli — e nos intervallos apenas a escuridão, ou o esquecimento. O coração bate tanto quando por lá se anda, que de cançaço para, e já o não sentimos, como se tivessemos morrido! Alli não ha homens, ha vultos; não ha caras, ha máscaras; não ha gritos, ha bramidos!

Sarah ouvia a pinturesca narração de Pepe, e sentia-se acommettida d'uma viva sensação de curiosidade.

O pastor, com o olhar, a principio timido e baixo, á proporção que invocava as suas recordações, ia animando-o, e já fixava o olhar de Sarah, com scintillações extranhas.

— Causou-te muita impressão essa casa, não é verdade, meu pobre amigo?

— Muita, menina Sarah, muita! Emquanto lá andei, ri, gritei, não sei porque, nem o que — provavelmente para não ter medo — ou para que me acreditassem inoffensivo; mas, a verdade é que, cá por dentro, andei gelado, afflicto, sem poder respirar, como se tivesse engulido aquella herva que ha pouco appareceu em Hespanha, a herva de Fernão Cortez!

— E' grande a egreja? altas as abobadas dos claustros?

— Talvez, menina, talvez; mas eu não sei! De dia e de noite via-se, n'um espaço escuro, ou a luz d'uma aduía ou d'uma lanterna. Essa luz não passava d'ahi, que logo morria apagada em ondas negras que vinham de todos os lados. A egreja era pequena, e parecia um carneiro. Poucos anjos nos doceis e nos altares, e muitas caveiras em todas as columnatas. As cruzes todas negras como as oliveiras, em noites de dezembro, e as imagens de Christo, com a cabeça tão pendida e o peito tão chagado, que parecia mesmo um crivo feito pelos judeus. O sacrario não brilha, as jarras não teem flores, e os tocheiros immensos vomitam chammas azues, que não illuminam, como lentejoulas em manto de feiticeiro...

— Pobre Pepe! Tu habituado ao ar livre, a luz, aos grandes horizontes!...

— Ai! menina Sarah, que saudades da nossa egreja de Lorvão! Aqui é um gôsto; pela manhã, quando o sol atravessa as gelosias e vem bailar alegremente sobre o ouro e a prata da sagrada baixella! A Virgem, que lá em cima sorri, entre grinaldas, para os anjinhos que a rodeiam, tão pequerruchos e tão corados, como as rosas das grinaldas!... E os brocados e as sedas descendo pelas cantarias! E a luz do portal, entrando a jorros, a cahir sobre a grande bacia d'agua benta! E, no côro, as freiras e as noviças, espreitando pela rotula e cantando com vozes frescas!...

Que saudades de Lorvão, menina Sarah!

— Não gostas, meu pobre Pepe, das egrejas tristes.

— Tristes, sim, mas não d'uma tristeza que mette medo. Dizia minha mãe que o Céo era uma aldeia, sempre verde e florida como um jardim; que o sol lá em cima era ainda mais claro e mais doce que aquelle que adormece á tarde, alli, sobre o monte; que a vida era lá toda de risos, de beijos e de canções!... Não tinha razão minha mãe? Eu julgo que sim. E a prova era o oratorio d'ella, lá em casa: era uma capellinha de dois palmos, coberta com um véo como o das noviças quando professam, e por dentro pintado de azul, claro como o do Céo verdadeiro. Ao fundo, a cruz feita d'um tronco musgoso, com peanha de riscos dourados e raios de sol nas juntas dos braços... O Christo de marfim, amarellado pelo tempo, com toalha de ló, e resplendor de prata, que olhava para nós com olhos de crystal... Não mettia medo olhar para elle! Parecia até, que, apesar de crucificado, gostava que lhe rezassemos, e não se enfadava de estar assim! E a luz da lampada ficava-lhe sempre á altura do rosto, para que lhe vissemos a expressão triste, mas resignada e carinhosa... Que differença entre estes Christos e os da egreja da Inquisição!

— E' então horrivel estar n'essa casa, que se diz de religião e de justiça?

— Diz bem, menina Sarah, é horrivel. Nem aquillo é casa de Deus, nem tribunal de justiça!... Se as chammas illuminassem tudo aquillo que está ás escuras, entrar alli seria o mesmo que entrar no inferno!

— E Jacob vive n'esse abysmo?

— Eu sei lá se elle vive! Alli não se pode viver... Alli morre-se de vêr morrer os outros, soffre-se de vêr soffrer... O sr. Jacob ainda não começou o seu martyrio e é já um martyr! Se não fôsse a vigilancia que o rodeia, e talvez alguma esperança que o anima, elle, com certeza, já teria despedaçado a cabeça de encontro áquellas muralhas! Alli mata-se tanta gente, que a que é poupada chega a só pensar em se matar... Desculpe, menina Sarah, mas até me faz mal estar recordando estas coisas... Mas eu tenho tanta necessidade de dizer o que se passou, de pintar o que vi...

— Ouvir-te-hei, meu bom rapaz. Nem tu avalias quanto desejo ouvir-te! Preciso de fazer uma idéa d'essa casa, d'essa gente, d'esse viver. Só ouvindo-te poderei avaliar o soffrimento do sr. Jacob... Elle falou-te em mim?

Nem fallou em outra coisa! E, pelo que fallou, bem se vê que só pensa na menina Sarah! Até deante das torturas, as mais crueis, elle, coitado, parecia adormecer, com os olhos abertos, e sonhar...

— Pepe, acompanha-me, disse Sarah; quero que minha irmã ouça a

tua narração. És da nossa familia — porque ella está formada, não pelos laços do sangue, mas pelos da amizade e da dedicação.

E Sarah conduziu Pepe á presença de Deborah, que andava no jardim ouvindo protestos de Pedro e fazendo prophecias d'um futuro tranquillo e feliz.

— Deborah — Pedro — aqui lhes trago, para que o ouçam, o meu leal e corajoso mensageiro. Começou a contar o que viu e sentiu por Sevilha... Tem olhos e coração este excellente moço... Falta-lhe dizer o que mais interessa á sorte de Jacob.

E Pepe, vermelho, ouvindo o elogio, e sem ousar fitar aquella gente que ia ouvil-o, atreveu-se a dizer:

— Eu sinto o que senti, mas não sei talvez dizer o que quero. Perguntae-me, e eu vos direi o que mais vos appetecer e eu melhor souber.

— Falae á vontade, Pepe; quem sabe se tu, narrando, no curso das tuas recordações, não respondes melhor ao que queremos saber e não prevines o que nos esquece? Anima-o, Pedro, que elle parece recear-te mais o silencio que as perguntas.

— Não creias isso; Pepe é ladino e sabe já que o estimo pelo seu valor e pela sua lealdade.

— E dizeis bem, senhor Pedro, que eu temo apenas os máus... Com os bons me avenho, até sem falar, e com os máus nem falando, que elles não sabem comprehender-me...

— Contava-me Pepe as impressões da sua viagem, e por tal forma me descrevia o que tão alterado nos chega, que ouvil-o era o mesmo que vêr o que elle viu, e soffrer o que elle soffreu, disse Sarah.

— Nunca tinhas sahido de Lorvão, perguntou Pedro, batendo-lhe no hombro.

— Nunca, senhor Pedro, nunca; isto é, já tinha andado por Coimbra, e por aqui, nos arredores; mas atravessar o paiz e a fronteira, vêr a Hespanha com que eu sonhara, a terra de meus paes, nunca, senão em sonhos que mentem, fazendo mais bello o que é bonito, menos feio o que é horrendo!

— E como chegaste até lá, se não sabias o caminho? perguntou Deborah.

— Como? Os miseraveis e os ignorantes parecem-se com os cães; guiam-n'os o olhar e o faro. Eu seguia o meu dono, e não podia perder-me. As pedras e as árvores dos caminhos me diziam, quando eu passava, por onde seguira o senhor Jacob... Julguei descobrir na terra o feitio do seu pé, e ainda no ar o écho da sua respiração. Depois, o mundo esta cheio

de Pepes; em todas as serras ha pastores que comprehendem a nossa linguagem, choupanas que nos abrigam... O sol de Lorvão, o sol de dia, e á noite a lua, conheciam-me d'aqui, e ia a vêl-os e a conversar com elles... Quando se viaja, assim, acompanhado, nem as caminhadas fatigam, nem a gente se transvia...

— Aqui está um poeta, que era capaz de inspirar um auto a Gil Vicente... disse Pedro, sorrindo á sua noiva e a Sarah.

— Por vezes cantei, sem ser menestrel, mas não cantei sempre .. Quantas e quantas me senti entristecer com medo de chegar já tarde e não encontrar quem ia farejando, por meu prazer e por ordem da menina Sarah.

— Nunca esquecerei o teu sacrificio, Pepe...

— Não falemos n'isso, menina Sarah. Pena tive eu de ser obrigado a gastar o dinheiro que me déstes... Mas não foi possivel. Para andar depressa e poupar fôrças fui gastando pelas pousadas, como um principe .. Não tanto, é verdade, para não provocar suspeitas, que aos miseraveis nem é dado gosar o que lhes dão! Parecem sempre roubados os prazeres dos infelizes e dos pequenos! Dormi nas arribanas, quando as encontrava, ao acaso, e contentava-me com as covas das serras quando a fadiga me obrigava a parar. No verão o céo é melhor lençol. Os pastores são como as suas ovelhas: consola-os o relento. O nosso habito é o habito; deu-nos a natureza esse fato, como deu a lã aos nossos rebanhos... Algumas vezes tive banquetes, que me alegravam o espirito, e bebi pelo cantaro dos recoveiros que andavam ganhando, e de judeus que emigravam em caravanas. Encontrei familias inteiras de gente timida, que vinha de Hespanha, magra, faminta, gafeira e assustada. Era gente que, fugindo, olhava constantemente para traz, como se ouvisse passos de inquisidores e ainda sentisse o calor das fogueiras. Um mouro, com tres filhos, arrastava-se como um doido pelas portas das cabanas, que se lhe fechavam, como se elle trouxesse a peste no seio das creancinhas! Deu-me esmola, que não pedi, um fidalgo christão-novo, que trazia, ás costas dos servos, as joias que salvara do confisco dos christãos. Comeu do meu bornal, mal fornecido, uma louca, que vira queimar a mãe n'um auto de fé, e que tapava os olhos afflicta, quando olhava para o céo, por confundir o sol com o fogo do Santo Officio! Pelos campos e pelas aldeias contei mendigos aos milhares, que agradeciam a esmola com um gesto, para não invocarem o seu Deus! De repente, a terra mostrou maiores torrões e as pedras maiores arestas! Tinham-se acabado as piteiras dos vallados, e as ermidas escureciam as suas fachadas, passando de brancas como o leite a pardas como a resteva...

— Mas, quando chegaste a Sevilha, creaste uma alma nova, não é verdade, Pepe?

— Sim, senhor Pedro. Sevilha é uma bella cidade! Quando a vi, creei uma alma nova, tão nova que até me esqueci da fadiga e da tristeza... Nem sequer notei quando ella estava triste!... Andei pela margem do rio, que corria preguiçoso, e depois deixei-me arrastar pelas ondas do povo do bairro de Triana. O que eu ouvi então, santo Deus, o que eu vi! Andavam os frades por entre aquella gente como o escalracho em terras de semeadura... parecia uma praga de gafanhotos n'uma ceara amadurecida! Fui ver a Inquisição, por fora, na esperança de a atravessar com os olhos e descobrir lá dentro o sr. Jacob. Perguntei como poderia entrar alli, e disseram-me que não querendo entrar... Não percebi, e perguntei mais longe, e, então, offereceram-me tres chaves: a heresia contra a Fé, a injuria contra a Inquisição, e a denuncia contra os judeus! As duas primeiras abriam e fechavam; só a ultima poderia deixar aberta a porta por onde eu entrasse... Comprehendi tudo, e fingi-me com duas virtudes: a loucura e a traição. Fazendo-me idiota, como muitos que andavam nas ruas, e espião, como muitos que espreitavam as boticas, fui logo admittido e interrogado... Que Deus me perdôe, mas fartei-me de mentir!

— Viste então o sr. Jacob? perguntou Sarah vivamente.

— Tinheis pressa de que eu chegasse a este ponto, e eu estava com medo de cá chegar! O que vi é horrivel, e por mais que diga não saberei contar... Tenho os olhos cheios de espectros e os ouvidos atordoados com gemidos. Andei n'uma caverna de bandidos, e vi o inferno ás escuras! Ah! menina Sarah! que eu não sei como se pode viver alli um momento!... E ha gente que alli passa a vida inteira! Estou capaz de apostar que Deus não sabe que aquillo existe... Ou então Deus não é o que eu julgo! Alli reza-se, como nós rezamos; até se usa o latim da missa! Ha alli santos como nas egrejas, cruzes com o feitio das que temos á cabeceira, frades como os que confessam e abençôam!... E, comtudo, alli praticam-se maleficios e crueldades, maldades e villanias, como nunca ouvi contar, ao serão, nas historias de salteadores, de bruxas e de assassinos! Matar gente, assim, a pouco e pouco, dôr a dôr, apertando, ferindo e esmagando a pelle, a carne, os ossos... só alli! Insultar, cuspir, esbofetear, açoutar, ferir homens e mulheres, devagar, serenamente, com sangue frio... só alli, menina Sarah! Eu e o sr. Jacob vimos tudo isso!

— E' horrivel! disse Deborah, tapando os olhos com as mãos, como se estivesse vendo o que Pepe descrevia...

— E Jacob? Como affrontava elle todos esses horrores? perguntou Sarah.

— Como me ouve narral-os a menina Deborah: fechando os olhos... fechando-os, que elle não podia tapal-os, porque tinha algemas nos pulsos.

— Infeliz Jacob! murmurou Pedro.

— E bem infeliz, que nem gemer podia ao vêr tanta maldade, que logo lhe poriam a mordaça e o espancariam com o azorrague!...

— E para que o deixavam vêr essas torturas?

— Para que elle saiba a que se arrisca não se submettendo ao Santo Officio... Meu pobre amo, como elle tem soffrido! Voltei a Lorvão para vos pedir, a todos, que lhe acudam, que elle morre de vergonha, de colera, de horror, de vêr e de soffrer taes sacrificios! Ainda o conservam na camara de misericordia, ainda o poupam á agua, ao fogo, á deslocação, ao carcere immundo, á fome, ao açoute! E elle não pode matar-se, que seria esse o seu melhor refugio, porque, accordado e a dormir, é sempre vigiado...

— E elle já tem pensado n'esse recurso? disse Sarah vivamente excitada.

— Quem não pensa em tal, ao vêr-se alli, sem esperança e sem resignação?

— E elle que é tão nobre, tão orgulhoso, tão altivo!

— Olhe, menina Sarah, eu vi-o a soffrer tanto, tanto, tão pallido, tão trémulo, ora irado como um homem, ora commovido como uma creança, que pensei commigo: se o insultam, se o torturam na minha presença, eu, que estou livre, mato-o...

E Pepe, ao dizer isto, tinha tanto brilho nos olhos e tanto calor na palavra!... fez o gesto tão rapido e tão energico, que Sarah, que o escutava anciada e se movia com a declamação do pastor, quando elle disse — mato-o — repetiu, abrindo muito os olhos e extendendo o braço como quem vibra um punhal:

— Sim, Pepe, sim; mata-o.

— Pois não é verdade, menina Sarah? Não é melhor morrer que soffrer assim?... Dôres, ainda, ainda... mas insultos, mas vergonhas, mas violencias?!... é de mais!

— Tens razão, Pepe, disse Pedro; pensas como um homem!

— E Jacob, sem poder fugir a esse martyrio!

E Sarah apertava as mãos com violencia nervosa.

— Isso sim; nem deixam a gente morrer quando quer.

— E' que a vida, explicou Pedro, é um dos peores flagellos... Sentimol-a cá dentro, e ella tortura-nos por fora. Para que se soffra bastante, é necessario viver... A vida é para a dôr o que a caixa d'um instrumento de corda, ou a campanula d'uma trombeta, é para o som... augmenta-a. Se Jacob pudesse morrer, é que podia fugir — não se foge só para a liber-

dade e para a vida; foge-se tambem para a morte. Deixar o cadaver em refens, nada aproveita. As cinzas não são penhor que valha. Pepe obedecia a um bello impulso ..

— E sentias prazer n'isso, não é assim, Pepe? Salvavas a victima e logravas os algozes!...

— E então eu que conheço o senhor Jacob, como conheço os meus dedos! O que se estaria passando lá dentro, no peito de meu amo?! Crispavam-se-lhe as mãos, mordia os labios, e o corpo tremia-lhe, como se estivesse com frio... Que o caso não era para menos! Estar alli um homem novo, cheio de vida e de fôrça, e na sua frente um bando de cobardes a açoutar as faces d'um homem, e a affligir uma mulher, e a quebrar e a torcer o corpo d'um velho! É de morrer, menina Sarah. .

— E depois? depois? Pepe? Anda, conta, dize... Que viste? que ouviste? que disse elle? que pensa Jacob no meio de tanta desgraça?

— Que vi? Tudo negro — sombras e lucto; ou tudo vermelho — fogo na forja, vergonha nas faces, sangue no corpo! Vi despir mulheres formosas para as afogarem com agua, e vestir homens sãos com fatos de ferro, cheios de espinhos, que penetram nas carnes! Que ouvi? Soluços, gemidos, súpplicas e pragas! Que disse elle? Tudo o que o olhar pode dizer, tudo o que se adivinha e não se ouve, tudo que traduz saudade e desespêro, amor e odio! Em que pensava elle? Nos infelizes que soffriam, na vingança, que não podia gosar, em vós, menina Sarah, em vós, com certeza, que eu bem vi, na alegria com que me olhava, que não era a mim que via...

— E que mandou que me dissesses?

— Apenas o que vos entreguei, e isso mesmo foi n'um instante, á hora da despedida...

— E como te deixarem partir, Pepe?

— Eis o meu segredo.

— Até de nós o queres guardar? Até de mim e de Deborah e de Pedro, que somos teus amigos?

— De vós guardo apenas metade...

— Corres algum risco?

— Promettem não dizer a pessoa nenhuma o que vou contar?

— Promettemos... affirmaram tres vozes.

— Pois bem, fiquem sabendo que já estou empregado!

— Em Hespanha?

— Em Hespanha, em Sevilha, na Inquisição... Aqui onde me vêem, sou um agente do Santo Officio, encarregado d'uma alta missão junto da futura abbadessa de Lorvão...

— De Philippa d'Eça?

— Exactamente; de Philippa d'Eça; não para a servir, mas para a espionar. Deza, o grande inquisidor, tem allianças terriveis com frades e freiras de Portugal. Philippa está ao serviço d'elle .. O homem quer aproveital-a, mas primeiro conhecel-a. Emquanto Philippa descobre segredos do rei e entrega judeus de Hespanha, eu devo vigiar Philippa, para que ella não possa descobrir segredos de Deza ao senhor D. Manuel. Tenho de espreitar as visitas do mosteiro, e descobrir, entre ellas, as que possam ser suspeitas aos planos dos partidarios do honrado successor de Torquemada! Como vêdes, já tenho um modo de vida que não fatiga o corpo e para que não é necessario ter os olhos muito abertos. Já não tenho que olhar para o sol, mas espreitar as portas... Comecei por guardar ovelhas e já passei a guardar os lobos! Em Portugal, já me disseram, tenho muitos officiaes d'este officio, pois é necessario ter uma d'estas prendas, em grande quantidade, ou ser tôlo, ou esperto.

— E estás satisfeito com o teu mestér?

— Não me perguntem isso, por quem são .. Sim, estou contente... Assim posso voltar a Sevilha quantas vezes quizer... emquanto meu amo precisar de mim. Assim poderei entrar de dia e de noite n'aquella casa maldita... Assim tenho dinheiro para manobrar em Lorvão, em Coimbra, em Lisboa... Assim, poderei talvez desarmar os nossos inimigos, e quem sabe? talvez vingar n'elles os soffrimentos do senhor Jacob...

— Não te demoras?

— Não, senhores; ámanhã, ou depois, irei para Lisboa a levar um recado aos frades dominicanos, que já estão outra vez no mosteiro de S. Domingos... E depois hei de voltar a Sevilha, onde tenho um negocio muito importante a tratar... Como vêdes, já pareço alguem! e, a respeito de dinheiro, é isto, nem mais nem menos.

E Pepe tirou do cinto uma pequena bolsa, que agitou, para que se ouvisse o tilintar de algumas moedas de prata e ouro.

— Antes de voltares a Sevilha vens por aqui?

— Com certeza, menina Sarah — quero levar noticias e saudades.

— Dirás, disse Pedro, a esse desgraçado, que velo por elle.

— E, da minha parte, concluiu Sarah, dir-lhe-has que avalio o seu infortunio e que não esqueço quanto lhe devo...

— Que bella carga de consolações vou levar a meu amo e senhor! Até dá vontade de chorar, vêr tanta gente boa n'este mundo tão máu! Agora vou por casa, a vêr os meus pequenos... Salve-as Deus, meninas, e a vós, senhor Pedro.

E o pastor retirou-se, sem a sua antiga vivacidade, mas triste e pensa-

tivo... E lá foi serra acima, recordando os dias tranquillos em que julgava os homens como julgava as ovelhas do seu rebanho — unidos e amoraveis.

E, para que não o amargurassem tanto as recordações d'esses tempos, mal chegou ao renque das oliveiras, sentou-se n'um pequeno talude e pensou...

— Se eu pudesse ser util? Imaginei tanto tempo que o mundo era só isto, e olhava em tôrno a linha do horizonte, que Deus me parecia mais pequeno e os homens melhores! O que estará lá por cima? Quando é tão difficil conhecer o que nos rodeia, como se poderá adivinhar o que tanto se afasta? Percorre-se a terra de rastos, e para alli é necessario voar! O nosso corpo não pode ter azas, isso é verdade... E' mais leve o das aves, e por isso ellas andam no espaço... Mas, dentro de nós, não haverá alguma coisa tão leve como os passaros, que saia de nós mesmos, e suba, e suba por ahi acima? Será isso a que os frades chamam alma? Aquella gente, que soffre na Inquisição e morre nos autos de fé, viria ao mundo só para viver assim, victima da outra gente que é dona d'isto tudo, porque tem quanto quer, faz o que deseja, e tudo obriga a todos, trabalho, logar e pensamento? Por que será que na terra ha tantas religiões, e por que será que entre ellas uma religião persegue e destróe as outras? Aquelles mouros e judeus, que vejo por ahi fora, são gente que offende a Deus, mas, afinal, é gente que não faz mal — e a outra até faz chorar!... Se eu pudesse voar, ia lá acima fazer queixa d'isto tudo a Nosso Senhor!... Pois Deus é tão bom, tão forte, tão poderoso, e deixa fazer o mal na terra, e deixa os cobardes vencer os fortes! Elle, que pode tudo, se deixa a Inquisição a governar-nos, é porque é tambem Inquisidor, ou não quer usar do seu poder. Pois eu, que sou um pastor miseravel, acudo aos que me amam, e Deus é tão ingrato que deixa ao abandôno os que o adoram! Estarão os deuses lá em cima tão divididos como estão os homens cá em baixo?... Por exemplo, o sr. Jacob ha de soffrer tantos martyrios na terra, e, depois de morrer, ha de ir para o inferno para soffrer muito mais? N'esse caso é o Diabo quem anda no mundo a prender gente para o seu reino de fogo!... Mas, se o martyr vae para o Céo por ter soffrido na terra, como ha de Deus desculpar-se de lhe não ter acudido? Não comprehendo bem o que é ser judeu, nem o que é ser mouro... Sei apenas que os judeus são filhos d'outros judeus, e os mouros filhos d'outros mouros! Ora, se Deus deixou que os paes vivessem, para que deixa agora que matem os filhos? Peores que mouros e judeus são os animaes, e os frades ensinam as creanças a tratal-os com amor e caridade! Eu, que sou uma creança, quando andava aos ninhos, tinha tanto dó depois de os roubar que ia pôl-os nas arvores outra vez! e as pessoas grandes, as mais velhas, as que nos ra-

lham, andam a desmanchar os ninhos dos homens, que é o mesmo que matar as creanças! Toda a gente me tem falado de Jesus Christo, que soffreu, que perdoou, e agora, que sahi d'este cantinho onde me ensinaram, vou encontrar os frades christãos a fazer aos judeus o que os judeus fizeram a Jesus?! E se eu não tivesse tido quem me ensinasse a doutrina e a rezar? Era judeu, era mouro, era christão? Como ha de um pequenito evitar que o baptisem na egreja, na mesquita, ou na sinagoga? Não me lembro de quando me baptisaram, mas sei que ainda não via, nem ouvia, nem podia comprehender o que era um marrano, ou um catholico! Quem me diria, quando eu por aqui andava conversando com o meu gado e com os meus passaros, que havia tanta gente perseguida por não rezar como eu? Eu nem sabia que era eu quem tinha razão! Acertei por acaso! Quem me diria que o sr. Jacob, sendo bom a valer, generoso como poucos, amando como os outros homens, sorrindo como elles, protegendo-me por eu ser pobre, defendendo-me por eu ser fraco, aconselhando-me a que amasse meu pae e meus irmãos, não era filho de Deus! Mas que differença ha então? Serei tambem judeu ou mouro? Se o que vejo fazer, em nome do Céo, é Deus que o quer, parece-me que tenho mais medo do meu que do Deus dos infieis!... E eu nunca havia pensado n'isto! E quando tinha de soccorrer alguem não pensava n'esta differença! Quantos judeus terei eu soccorrido e amado? Isto deve ser heresia... Nem pode ser outra coisa... Aquella gente, que os christãos perseguem, não pode ser soccorrida e amada pelos christãos! Por que me não adverte o Deus, que tenho em mim, d'esses inimigos que eu não sei differençar? E se os homens não pensassem n'isso? Por que se não trabalha para viver, sem estabelecer brigas por causa de questões do Céo, que não conhecemos? Não vale a pena... Ah! que, se eu fôsse rei, obrigava todos esses frades, que andam a perseguir gente boa, a cavar a terra, ou a batalhar em Africa ou na India. . Quando me deitava no campo, guardava com o olhar o gado que pastava, isto é, guardava a carne que se come, a lã que se tece, o leite que se bebe, e até o estrume da courela e o trabalho das eiras! Mas elles que se mexem e falam constantemente, nada fazem de util, e até embaraçam os que trabalham! Para que serve prender e martyrisar tanta gente!? gente que se entretem a ganhar a vida, e a cuidar nos filhos? Se um judeu trabalhar na azenha, no lagar, na horta, na lavoura, por acaso sáem peores os oleos e os fructos? Pois se tudo se aproveita sobre a terra, desde o homem até o esterco, e se aos animaes se dá a morte para interesse da humanidade, para que andam os homens a destruir homens, sem proveito para os homens? Aproveita-se tudo — a agua que corre, o vento que sopra, as folhas sêccas, os troncos das arvores, a cortiça que as reveste, o gado,

o que se alaga, o que se queima, o lixo que redemoinha, a agua da chuva, a lama do caminho, os vermes, os passaros, as piteiras dos vallados, a urze do monte, as silvas e os cannaviaes, as hervas do campo, o barro das barrocas, as lascas das pedreiras, a cera dos cortiços, a gomma das plantas, e tudo para beneficio do homem, e só se ha de estragar e perder o homem?! E tudo isto se faz em nome da religião! Que religião é esta que poupa o boi, a ovelha, a cabra, a lebre, o coelho, as aves, o ouriço! que ama o cavallo, adora o cão, explora o burro, e só estraga, sem lhe aproveitar nem o trabalho nem a intelligencia, o homem, que vale mais que todas as pedras ricas, que todos os fructos doces e todos os animaes domesticos! Sou talvez um rustico, um boçal, um estupido, que não sabe falar, nem pensar; mas, se comprehendo que os animaes se destruam uns aos outros, que os brutos e as feras sejam nossos inimigos, não posso comprehender para que é que o homem persegue o homem, e o mata, e o despreza... Que o caçador mate a fera que teme, a lebre que lhe foge, as aves que o alimentam, explica-se: mas o homem a matar o homem, seu companheiro, e seu amigo!... Eu sabia que havia ladrões, assassinos, gente má, invejosa, que roubava para não trabalhar, e que matava por vingança; mas sempre imaginei que essa gente era pouca e andava escondida... um ladrão em cada terra, cem em cada reino, mil em todo o mundo! Em Lorvão, por exemplo, ha trinta casas, com as portas mal fechadas, vinte gallinheiros junto dos muros, pomares ao alcance das mãos, cearas debaixo dos pés, as encostas com os cachos expostos ao sol, gado disperso pelos montes, e só um dia, d'annos a annos, se desgarrou uma cabeça, foi arrombada uma ucha, andaram os ladrões ás uvas! O resto devia ser como em Lorvão, onde não ha guardas nem justiça, e onde um rapaz, como eu, guarda e defende a fortuna d'um casal, não dos homens mas dos lobos! Bem sei que na estrada de Coimbra, e lá embaixo, na volta da ribeira, existem duas cruzes, que dizem que alli mataram dois homens!... Bem sei isso! mas sei que já não foi no meu tempo que isso succedeu, e que havia já muitos annos que não existia cruz nenhuma! Tinham-me dicto que os que roubavam ficavam captivos e pobres, que os que matavam morriam, porque a fôrça, a gente toda, o mundo, não queria que se roubasse nem matasse! E, ao sahir d'aqui, ao atravessar as terras mais ricas, mais bellas, onde está a justiça, a religião, a auctoridade, os mestres, os que governam e mandam, não vi que se matasse e roubasse ás escondidas! Pelo contrário, vi que os alguazis roubam, que os padres matam, isto é, que a justiça é criminosa, e que a religião não é moral! Por aqui dava-se caça aos lobos e malfeitores; por lá succede o contrário! Entre essa gente toda que sabe, que pode, que manda, que gover-

na, os muitos roubam e matam, e os poucos reclamam e choram! Isto não está certo, ou eu sou um alarve que confunde o joio com o trigo, o matto com os oregãos, e o farello com a farinha! O melhor gado, entre a gente pobre e estupida, é o que sae mosqueiro nas cidades e nos palacios?! Eu sou christão pela graça de Deus; mas se, para ser christão, é necessario ser mandrião, intrigante, rancoroso, perseguidor, ladrão e assassino, como os frades de Christo, então, antes quero ser judeu e mouro. Pelo que vi, Jesus não passa d'um christão-novo, que ficou sempre judeu!... Ora, aqui está uma bella obra a que um rapaz como eu se poderia entregar: atirar-me a essa cafila e arrancar-lhe das mãos algumas victimas innocentes... Ja não me falta tudo, que sinto em mim o odio mais tremendo! Não me sae dos olhos aquella moura desgraçada, aquella pobre Suzana, que assistiu ao supplicio do seu amante! Se meu amo se perder e me couber a tarefa de devassar o segredo que me foi confiado, com certeza me farei homem, e talvez possa ser homem rico... Por este sol que me allumia, hei de vender cara a minha vida, e hei de castigar, por conta de Deus, todos estes crimes de Satanaz! Desde muito creança me habituei a affrontar as violencias do céo... Ainda não trepava bem estas escarpas e já me tinha habituado aos vendavaes mais furiosos. Os relampagos não me faziam voltar a cara, a trovoada não me ensurdecia, e os raios, que tanta vez se cruzaram por cima da minha cabeça, preferiram sempre a cruz do campanario... Se cheguei a não temer os céos, por que não hei de chegar a não temer os homens? Decididamente preciso de ser util. Quando eu julgava que o mundo era só isto, percorri e dominei isto tudo... Agora, que sei o que está para lá d'estes montes, por que não irei mais longe? As andorinhas, quando os filhos teem as azas completas, empurram-n'os para fora dos ninhos, para que elles vôem... Eu já não tenho mãe, mas a edade dá-me fôrça ás azas da minha ambição... Vou levantar o vôo!

E Pepe poz-se a caminho na direcção da sua cabana...

Ainda não tinha dado muitos passos, quando encontrou o morgado, que vinha em sentido opposto, em trote regular.

— Olá, Pepe! e estugou o cavallo.

— Viva, respondeu Pepe, com sobranceria...

— Já não me conheces?

— Agora mais que nunca. Jocob Adibe assignou-lhe o rosto com rubrica e guarda!...

— Não tenho tempo para te castigar a injuria. Preciso de ti...

— E eu só precisava do vosso cavallo.

— És ambicioso?

— Como um morgado...

— Toma: e o morgado atirou-lhe com uma moeda de prata.

— Acceito para meus irmãos. E levantou-a. O que estaes pagando?

— Um serviço...

— Ainda não prestado!... E imprudente. Mas, emfim, dizei.

— Trouxeste recado de Jacob para Sarah?

— Talvez.

— Jacob já não pode proteger-te.

— Isso não importa; protejo-o eu.

— O que não impede que me sirvas tambem.

— Conforme a paga.

— Tu dirás...

— Borzeguins, gibão e gorro, que me transformem de pastor em pagem de conto de fadas.

— Estás servido.

— E um cinto com dez portuguezes d'ouro...

— Conta com elles. E' tudo?

— Ainda não — e uma chave da escadaria da torre...

— Tens graça!

— Achaes graça!

— Sem dúvida; era isso mesmo que tencionava offerecer-te.

— Já vejo que fiz máu negocio. Estou capaz de pedir mais.

— Dize ainda...

— A certeza de que não quereis atraiçoar-me.

— Dou-te a minha palavra de honra.

— Então depois de dez moedas d'ouro, apenas um maravedi?

— Tomarás todas as precauções. A missão é muito simples.

— Vamos ao resto.

— Conheces el-rei?

— Já o vi uma tarde, nas margens do Mondego, no meio d'uma cavalgada.

— Bem; el-rei virá ámanhã, á noite, ao mosteiro.

— Temos o mosteiro feito alcáçova?

— Subirás a escada da torre, depois d'elle entrar...

— E da etiqueta...

— N'um esconderijo, que fica a meia altura, ha uma pequena rótula. Demora-te ahi e applica o ouvido.

— N'essa altura devem ficar os aposentos particulares de D. Philippa.

— E' isso mesmo.

— Toma nota de quanto ouvires...

— E se me surprehenderem?

— Dirás á filha da abbadessa: *Morreu ha muito Torquemada.*

— Comprehendo. E ella responde-me logo: E *Crsneiros está perdido...*

O morgado abriu muito os olhos mostrando espanto.

— Quem te deu esse santo?

— Quem recebeu de mim a senha...

— Bravo! És então dos nossos?

— Isso é conforme. Mas como se entende que vigieis os socios?

— E' que D. Philippa, tão proxima do rei, pode prescindir do morgado...

— E' uma patifaria, mas está-lhe nos habitos. Está apostado. Mandae-me ámanhã gibão, borzeguim, gorro, dinheiro e chave...

E Pepe continuou o seu caminho, pensando:

— Bem dizia eu, largo o vôo, que já tenho as azas empennadas...

*

Batia em cheio o luar na fachada do mosteiro, e já tinha dado meia-noite, quando dois cavalleiros se apearam do lado da torre e na facha de sombra projectada por ella sobre a terra.

O primeiro que se apeou apressou-se a segurar o cavallo do segundo, que, ao saltar, abriu o manto em que vinha rebuçado e deixou brilhar no cinto guarnições de subido valor.

— Não te demores, meu caro Cesar, n'esta clareira, que é indiscreta até a impertinencia. Atravessa a ribeira e occulta-te por traz do zambujal.

— Por que não quer vossa alteza que eu vos acompanhe até lá cima?

— Os olhos de Philippa illuminam a escadaria, e, na verdade, prefiro que vigies o campo, por causa da curiosidade de meus subditos.

— E nada teme, vossa alteza, dos rivaes ciumentos?

— Os reis não fazem ciumes; o que vindo de outros é aggravo, vindo d'elles não passa de honraria...

— Nem todos os amantes infelizes são d'essa têmpera, meu senhor...

— Tens medo por ti, ou por mim?

— Por vós, meu senhor, que por mim, bem o sabeis, nem temo a lucta, a que estou affeito.

— Deves lembrar-te de que não trago o sceptro para estas aventuras; basta-me a espada, que se ajusta bem á cinta do fidalgo e do rufião.

— Se apenas se tratasse do vosso braço, bem estavamos; mas trata-se tambem do vosso nome. Sabeis, meu senhor, aparar valentemente um golpe e responder a um sicario tão a proposito como se elle fôsse um

embaixador; mas é mais difficil abafar um escandalo que atravessar um homem.

— Estás tonto de todo! Se alguem me detivesse o passo, nunca mais poderia andar descançado...

— E depois o alarme, os murmurios?

— Os mortos não pedem soccorro, e, se os vivos tivessem tempo para isso, serias tu, D. Cesar, a quem eu deixaria a honra da façanha.

— E poderia contar com o vosso perdão?

— Com perdão e premio. Já notei que tens braço e peito de molde para capitão da minha guarda...

— Favores de vossa alteza... disse D. Cesar, cortejando.

— Afasta-te, pois, e vigia de longe.

D. Cesar encaminhou-se, levando comsigo os dois cavallos. De repente estacou e chamou el-rei, que dera alguns passos.

— Meu senhor, meu senhor...

— Que temos? Subiram-te á cabeça os sermões de Antonio Carneiro?

— Não, meu senhor, é que me esqueci de vos lembrar que entre os amantes desprezados ha um capaz de não respeitar a corôa dos frades e a dos reis.

— Bem vês que não trago nem corôa de rei, nem elmo de cavalleiro. A lámina é que foi corrigida pelo alfageme da Alcáçova.

— Entretanto, deveis ter ouvido falar em Jacob, a quem entregaste a Castella e roubaste a amante...

— Esse está seguro...

— Se estiver! Quem sabe o que se terá pssado? A rainha D. Izabel está no tumulo, e Philippe, que vive a galopar, faz surpresas todos os dias.

— Estou confiado; se o perdão não tiver sido ordenado, não aproveitará aos reincidentes...

— Cumpri o meu dever. Cá vou para o meu posto.

E afastou-se.

D. Manuel, ao chegar á pequenina porta da torre, abriu-a cauteloso e empurrou-a sem entrar. Não se ouvia o menor ruido, e, na primeira volta da escada, tremia a chamma de uma lampada suspensa n'um pequeno nicho, ou capella aberta na muralha.

El-rei examinou os degráus, que pareciam oscillar com o effeito das sombras que desciam por elles... Entrou, e sem voltar as costas, fechou a porta. Impressionado, talvez, com as prevenções do seu companheiro, pôz o manto em descanço no hombro esquerdo, como para lhe servir de escudo, ficando com o braço direito perfeitamente livre.. E subiu.

Ao chegar junto da lampada, quando ia a extender o braço para a pe-

quena capella, viu que a luz se movera rapidamente, como se fôsse a apagar-se com uma forte corrente d'ar. Voltou-se e viu então que a porta, que elle deixara fechada, se fechava de novo. Apesar da escuridão, distinguiu um vulto no principio da escada.

— Quem está ahi?

Houve um momento de silencio.

— És tu, D. Cesar?...

El-rei já avistava alguem, evidentemente um homem, talvez um pagem.

— Não, meu senhor, respondeu o vulto falando em voz muito baixa.

— Dize, então, quem és, ou vou castigar-te o atrevimento.

E dizendo isto, D. Manuel fazia scintillar á luz da lampada a sua espada polida como um espelho...

— Deixae-vos estar, senhor, que eu não darei um passo sem que o ordeneis...

— Mas quem és, afinal?

— Eu não sou ninguem; isto é, não tenho nome que conheçaes, nem mesmo sou o que pareço.

— Não tenho tempo para conversas; ou dizes a que vens, ou vou espetar-te de encontro a essa porta.

— Sois el-rei, e tal não farieis contra uma creança que vem aqui desarmada, expôr a vida, praticar uma acção boa, e não contra vós.

As palavras de Pepe tinham um tom tão suave e sincero, que el-rei começou a tranquillisar-se. Affirmou-se mais D. Manuel e viu que, na verdade, tinha na sua frente um pobre rapaz, um adolescente, cuja apparição não sabia ainda explicar, mas já não temia.

— Estas só?

— Mais acompanhado do que nunca, porque estou proximo de vós...

— Approxima-te então.

— Pepe subiu alguns degráus, e, quando a luz já lhe batia no rosto, parou e poz os joelhos no degráu superior.

— Perdoae-me, senhor, mas sou portuguez, amo o meu rei e tenho que pedir-lhe a vida d'um dos homens mais honrados que existem no vosso reino.

— De quem falas?

— De Jacob, prêso e condemnado na Inquisição de Sevilha.

— Mas como ousaste escolher este momento...

— Porque era necessario prestar um serviço a vossa alteza...

— Fala depressa.

— Leia, vossa alteza, estas provas; são documentos que trago de Deza, e pelos quaes ficareis sabendo que estaes rodeado de agentes hespanhoes,

que procuram sujeitar a vossa vontade... Fostes, meu senhor, attrahido ao mosteiro para dar valimento á filha da abbadessa, que está encarregada de espionar os vossos pensamentos.. Para Hespanha vão contados, quasi todos os dias, os beijos e as palavras com que honraes Philippa.

— Es novo de mais para seres um impostor. Ès capaz de provar o que dizes?

— Lêde este documento.

D. Manuel passou rapidamente a vista sobre um titulo de identidade, que acreditava Pepe junto dos mais altos espiões de Hespanha. .

— Ès então um d'esses agentes do Santo Officio?

— Assim logrei approximar-me de meu amo, assim posso affirmar a vossa alteza que fui encarregado de espreitar Philippa, por ordem do inquisidor-geral, e de espionar vossa alteza, por ordem do morgado de Travanca.

— Que bandidos! murmurou D. Manuel.

— Bem vêdes, senhor, que não cumpri taes encargos. Pelo contrário, a vós me apresento e entrego. A intriga alastra-se e da intriga pode nascer uma conspiração contra o poder e a vida de vossa alteza.

— Que quererão de mim? disse D. Manuel, como se estivesse só e pensando.

— Querem que Portugal seja um esbirro da Inquisição de Hespanha; querem que, com urgencia, o vosso reino accenda as fogueiras que ardem por lá, com maior violencia que a das queimadas dos nossos campos.

— Bem, se és sincero, como me pareces, abre essa porta, sae e chama um cavalleiro que está emboscado no juncal da ribeira. Espero por ti...

Pepe cumpriu rigorosamente as ordens de D. Manuel.

Em poucos momentos, voltava em companhia de D. Cesar.

— D. Cesar, disse el-rei, como deixaste que na minha piugada viesse este pagem mysterioso?

— Senhor, não sei... Veiu decerto, de rastos, sobre a sombra do vosso vulto.

— Bem, seguirei agora o teu conselho, D. Cesar, faze, para que eu não torne a ser surprehendido, o mesmo que elle fez para me surprehender.

— Ficarei junto de vós, meu senhor...

— E tu, atrevido espião, que eu ponho ao meu serviço, já que tão habilmente me segues, prova-me a tua lealdade, andando na minha frente. Ficarei eu agora na sombra do meu pagem...

E el-rei tirou do nicho sagrado uma pequena chave.

— Toma este talisman, já que Hespanha e Roma conspiram contra

mim. Entraremos, os dois, por esta porta magica... Tu irás surprehender Philippa nos seus aposentos, e eu ficarei espreitando e escutando, junto d'essa rótula cuja existencia me tinham occultado.

— Vossa alteza manda, obedeço; mas, antes, pagae-me, senhor, deante d'esta virgem, e á luz d'esta lampada, o meu zêlo e a minha lealdade...

— Dize, pois...

— Senhor, vós que me não recebereis na Alcáçova, ouvi-me aqui, que dir-vos-hei, a correr, o que mais desejo que a minha vida de ámanhã. Por vós, senhor, pelo vosso reino, pela felicidade da rainha, minha senhora, pelo futuro do principe real o senhor D. João, acudi a meu pobre amo, que é um moço cavalleiro dos mais nobres, um portuguez dos mais patriotas! Senhor, sois novo e generoso, compadecei-vos de Jacob, que é da vossa edade e ama a vida que lhe sorri, e uma mulher formosa que o adora... Bastará uma palavra vossa, senhor, para que esse leal christão-novo seja posto em liberdade... Mandae-o, depois, se isso vos aprouver, para a India, onde elle poderá honrar o vosso nome, ou fazei-o emigrar para qualquer parte do mundo onde elle não incommode a Inquisição, nem a Inquisição o persiga. Não imaginaes, senhor, quanto elle vale!... Que bello coração! que excellente alma! Fazei-o pagem ou cavalleiro, que elle vos será fiel e grato. Se tendes necessidade, senhor, de entregar ao Santo Officio uma vida, ou uma alma, das nascidas em terras portuguezas, trocae-me por elle, que eu prometto agradecer-vos até a hora em que o fogo crepitar sob o estrado do meu patibulo. Eu faço falta a mim só, mas elle deixa no lucto muitos corações, porque ama e é amado! Foi elle quem salvou meu pae, foi elle quem me salvou a mim. E' bom, é ousado, e mais nobre que os nobres que vos rodeiam, e, tendo sido judeu, por amor á nossa terra, abraçou a nossa religião. E' filho do velho Adibe, que poupou milhares de vidas na tomada de Azamor, apesar de ter sido proscripto por um alvará de vossa alteza. Mandae que elle vos defenda, e elle morrerá por vós! Não tendes no vosso reino vassallo mais dedicado! Salvae-o, meu senhor, salvae-o, pela gloria de Deus! ..

E Pepe, fazendo tal súpplica, puzera-se de joelhos deante d'el-rei, de mãos postas, com as lagrimas nos olhos, grandes como gôttas de orvalho em folhas de roseira...

D. Manuel passou meigamente a mão na face de Pepe, e disse-lhe, levantando-o:

— Falaremos, falaremos... Em Coimbra, e com vagar, cuidaremos em teu amo. Tem este moço rara dedicação que o recommenda á minha sympathia. Recommendo-t'o, D. Cesar, e quando elle apparecer, introduz-m'o, que desejo ouvil-o, e, se puder, servil-o tambem.

— Daes-me alguma esperança, senhor?

— És muito novo para que possas comprehender o meu embaraço. Nem tudo depende de mim. Mas crê, bom moço, que farei quanto possa.

— Obrigado, senhor, muito obrigado!...

— Vamos, já que revelas tanta audacia, completa a tua obra. Anda commigo.

El-rei, então, tendo aberto uma porta falsa, desappareceu n'um pequeno corredor escuro.

Pepe seguiu-o.

D. Manuel disse em voz muito baixa:

— Abre, e entra. Ouvirei quanto disseres.

Pepe empurrou um pedaço de parede no logar que el-rei lhe indicou, e, logo esse pedaço girou, mostrando um aposento fortemente illuminado.

— Entrae, meu senhor, disse uma voz feminina.

Pepe hesitou em avançar.

— Temos surpresa? Não vêdes que ha muito vos espero, mais anciosa que nunca?...

Pepe deu mais um passo, e a porta, mal elle passou o limiar, girou novamente, e fechou-se.

— Que é isto? disse Philippa, erguendo-se de um salto, e, vendo que tinha deante de si, não el-rei, a quem esperava, mas uma figura extranha.

Pepe comprehendeu a difficuldade da situação e viu que era necessario falar, para evitar um alarme, senão perigoso, pelo menos incómmodo.

— No palacio d'uma fada são vulgares estas surpresas... Não me conheceis, senhoria?...

— Espera... reconheço esta cara. Tu és o pastor?

— Exactamente — todo inteiro, o pastor feito pagem encantado, para merecer a honra de penetrar n'este céo aberto, diria eu, se se não tratasse d'um céo fechado.

— Que tu abriste... Com que chave?

— E' melhor perguntar com que chaves, porque, para chegar aqui, me servi de duas...

— Que tu roubaste?

— Que idéa! não tenho edade para roubar, nem um beijo, sequer...

— Trazes recado d'el-rei?

— D'el-rei! Então eu sou gente que conheça tal gente? Não, senhora minha. Venho da parte do sr.º morgado, para vos participar que el-rei não pode hoje vir ao mosteiro...

— Que contrariedade! disse Philippa, sacudindo ligeiramente os dedos, em signal de impaciencia...

— O sr. morgado, continuou Pepe, encarregou-me de vos prevenir de que está desconfiado de que alguem advertiu o sr. D. Manuel de que vós estaes em relações directas com os frades de Hespanha...

— O sr. morgado contou-te isso?

— Contou, porque, como sabeis — *Torquemada morreu ha muito*...

Philippa olhou mais attentamente para Pepe.

— Noto a grande transformação que soffreste... Não pareces o mesmo! Até estás bonito! Fica-te bem esse gibão. Tens a figura mais distincta que muitos fidalgos da côrte. Só agora reparo, Pepe, nos anneis do teu cabello... Tens uma bella cabeça!

E Philippa mirou o falso pagem com grande attenção, e, durante o exame, a physionomia, ordinariamente carregada e dura, se animou com o seu melhor sorriso.

— E, de Cysneiros, disse ella, tens algumas novas?

— Tenho, mas não são boas. *Cysneiros está perdido!*

— Foi em Sevilha que soubeste d'esses desastres?

— Foi — contou-m'os o arcebispo, que ainda é inquisidor-geral.

— Visto isso, o morgado foi de parecer que eu podia conversar francamente comtigo...

— Como se falasses com elle, ou para melhor dizer, mais francamente, que elle gosta de trabalhar sósinho, para ganhar sósinho as glorias das empresas.

Philippa parecia não ouvir o pastor, mas continuava olhando-o com desvelo.

— Que edade tens, Pepe?

— Ao certo, ao certo, não sei... Talvez uns dezesete...

— Estás um mancebo guapo, e não pareces um simples guardador de ovelhas. Volta-te, Pepe.

Pepe obedeceu.

— Sim, senhor... perna direita, cintura delgada, hombros bem lançados, cabeça nobremente erguida!

— Este fato deu-m'o o sr. morgado.

— Pois eu hei de dar-te outro melhor, que bem o mereces. Ha muito que não vejo busto tão bem lançado... Olha para mim, Pepe.

Pepe fitou, ruborisando, o rosto formoso de Philippa.

— Como ella é formosa! pensou Pepe.

Mas não pôde aguentar-lhe o olhar.

— Sabes, Pepe, disse Philippa, os teus olhos são dignos de fitar os meus. És hespanhol?

— Por que me perguntaes isso, senhora?

— Porque são raros em Portugal tal feitio, côr e brilho. São olhos andaluzes.

— São de minha mãe...

— Devia ser muito formosa tua mãe?...

— Diz meu pae que tão formosa como ella, só conheceu a sr.ª abbadessa D. Maria d'Eça...

— E' notavel que eu nunca tivesse olhado bem para ti. E' o fato que te fez bonito. Pois hei de cuidar no teu adôrno, visto deixares de ser pastor.

— Ficaes sabendo, senhora, que não deveis contar hoje com el-rei...

— Faz-me falta!

— Se o amaes...

— Não é isso; precisava de saber d'elle o que se pensa na côrte a respeito da saude de el-rei D. Philippe.

— Se quereis novas para Deza, poderei leval-as.

— Quando partes?

— Brevemente...

— Pois bem, dir-lhe-has... Mas senta-te aqui, Pepe, junto de mim.

Pepe hesitou.

— Tens médo? Achas-me muito feia? Por que me não guardas? Sou peor que as tuas ovelhas?

— Isso, sim! Sois até a pastora mais bonita para um rebanho de corações!

— Bravo, bravo! as tuas falas são já mais garridas que o teu gibão! Vamos, senta-te aqui. El-rei não vem? Melhor! Chamaste-me pastora? Pois seja; pastor, dá-me um beijo por conta d'el-rei, que te enviou...

Pepe ficou perplexo... Dar o beijo que lhe pedia Philippa seria o seu desejo, mas el-rei estava vendo-o e escutando-o... Dar um beijo na amante do rei! Era uma falta de respeito... Mas recusar, tambem lhe parecia grosseiro... Talvez que Philippa o considerasse uma creança. N'esse caso, um beijo era a cousa mais innocente d'este mundo! Elle podia beijal-a singellamente, isto é, com indifferença ou respeito. Ainda não havia muito tempo que recebera beijos d'algumas monjas e freiras, mulheres que tinham filhos no mosteiro, e que talvez o beijassem como se elle fôsse filho d'ellas...

Beijar immediatamente poderia ser impudor, mas deixar de beijar seria talvez peor...

El-rei poderia attribuir a Philippa a idéa que quizesse, mas a elle...

Depois elle era o mensageiro do rei, ou d'alguem em nome do rei... Quem sabia explicar-lhe se aquelle beijo pedido era pedido a el-rei? Mas, n'esse caso, era atrevimento seu acceitar um beijo que ia para tão alta personagem!

Philippa estava mais bella que nunca. Olhal-a, era vêl-a, e vêl-a toda! Estava vestida de nudez, que é um habito tentador! Esperava o rei, seu amante, e não o pastor, seu serviçal...

Mas, como não tivera tempo para se compôr, apparecia um pouco, como diremos? descomposta...

Quem podia explicar o que vestia Philippa? Tudo que poderia mostrar-lhe as formas e a graça.

Todo o corpo estava velado, mas como? De transparencias...

Na cabeça, larga juba de cabellos negros, regaçados em pregarias scintillantes, o collo nu, completamente nu! Isto é, em nudez que é a peor de todas, a que não deixa vêr, mas deixa adivinhar. As curvas teem essa indiscreção: basta que se veja um raio, para se descobrir o circulo todo. Em geometria, a curva é mais sincera que a recta. Ninguem sabe onde esta linha vae parar; o principio d'uma curva denuncia a sua grandeza na graduação do arqueado...

A cintura tinha a carne a rosar o tecido da tunica, tão fina, tão cruel, que parecia molhada...

Desenhava-se-lhe a perna desde a côxa até o joelho, e do joelho até o artelho, apesar da rede que a envolvia, tão delicada, tão fina, que acompanhava todo o esbôço... O pé nu, calçado de sandalia dourada, que mal se segurava... O braço, nu como o pé, cortado de pulseiras quasi desde o hombro até o pulso; braço bem torneado, que vinha de cima amplo e carnoso até a mão pequenina, de unhas rosadas a rematarem os dedos bem talhados.

Por cima de tudo isto, um grande manto de pelles, de leão, urso, ou raposa, pelles bem forradas de setim vermelho, mas que, em vez de se fechar para que se visse o matiz do pêlo, se abria para mostrar as bandas setinosas.

Depois a posição!... Philippa recostara-se negligentemente sobre uma almofada negra, como os seus cabellos, onde mão habil tinha bordado o matiz das côres mais vivas, como as de um biombo chinez... O olhar sahia-lhe das pestanas negras, e os labios vermelhos distendiam-se n'um sorriso caricia dor...

Pepe, n'um relance, tinha visto tudo isto, e tinha adivinhado o resto... Aquelle espectaculo era novo para elle, completamente novo. Sabia o que era amor, mas ignorava o que a arte podia melhoral-o. Não era um innocente, era um inculto. O que tinha deante dos olhos era mais que uma visão, era um deslumbramento. Aquillo não era uma mulher, era uma mulher demonio!

Ao mesmo tempo que o attrahia, o repellia com violencia. Puxava por

elle e arremessava-o para longe. Se lhe desse um beijo, quantos lhe daria depois? Antes do convite acceito, lembrava-se de que el-rei o espreitava, mas depois?

Podiam estar alli todos os reis do mundo e todos os deuses do céo, que elle não deixaria de matar a sêde n'aquella fonte crystallina!

Não lhe chegavam os olhos para abraçar, n'um relance, a visão que o perturbava. Ora fixava o olhar nas ondas do cabello, ora no movimento frenetico da sandalia... E pelo caminho demorava-se...

— Então, Pepe, não me ouviste? Dá-me um beijo e senta-te aqui a meu lado...

— Senhora, disse Pepe, mais vermelho que o fôrro do manto de Philippa, não mereço tanta honra. Tenho os labios crestados pelo sol, e receio ferir-vos com elles a face, que parece mais fina e transparente que a neblina da manhã, rosada pela luz da aurora...

— Não era el-rei capaz d'esse galanteio, meu querido Pepe... El-rei, que apenas me fala do seu poder absoluto e do valor das suas joias! Ah! que se as mulheres soubessem onde o amor guarda as suas aljavas... Quem o pintou na figura d'uma creança bem soube o que fez!... És ignorante, Pepe, isto é, és innocente. Pois bem, olha aquelle quadro... Repara bem n'elle...

Pepe voltou a cabeça e viu, por entre as ondas, a sahir, o busto de Venus, e Cupido, com azas pequeninas, beijando sua mãe.

— Imagina, Pepe, disse Philippa, que estes estôfos, em que me reclino, são ondas do mar, que estas rendas, que me envolvem, são d'essas ondas... esquece o teu gibão, e abre as tuas azas... Copia aquelle quadro, meu rustico poeta!...

E Pepe, boquiaberto, olhava o quadro e o divan, a Venus e Philippa, e sentia dentro de si tão alvoroçado o sangue, como se com elle se estivessem a formar e a abrir as azas de Cupido...

— Meu filho, abraça tua mãe, disse Philippa abrindo os braços e extendendo-os a Pepe, com tal vivacidade que o manto de todo a abandonou, e o vulto gracioso e elegante se mostrou, com todo o encanto das suas linhas, sobre o estôfo luxuoso do seu leito...

Pepe, cujo olhar tinha centelhas capazes de allumiar um sepulcro, avançou dois passos, e, juntando as mãos, como n'uma prece, exclamou ao deter-se:

— Senhora! por quem sois!

— Como te fica bem essa hesitação e esse enleio!... Repara que, se não vieres até mim, visto te deter a timidez e não a insensibilidade, me forçarás a que te dê... o que te peço...

— Senhora, el-rei, vosso amante, não pôde vir hoje, mas virá ámanhã...

— Que me importa el-rei! Julgas, por acaso, que qualquer mulher de coração possa apaixonar-se por um homem que cinge uma corôa, no logar onde tu cinges a magica cabelleira dos pastores napolitanos? Em el-rei profundo segredos, como já sabeis, que hão de ganhar-me prestigio nas côrtes de Hespanha, e de Roma, e preparo influencia e pressão que hão de leval-o á politica de Fernando V. El-rei não é o meu amor, é o meu instrumento. Com elle firmarei o abbadessado de Lorvão e a auctoridade de minha familia. Ha dentro de mim, Pepe, duas fôrças, que tu não comprehendes — a minha ambição e o meu prazer — aquella começa no escudeiro e vae até o rei; n'este começo em qualquer homem e vou até o pastor, que só conhece a vida dos ninhos e o beijo das flores. Dize o que queres ser, e sel-o-has. Os meus encantos abrem todas as portas e franqueiam todas as ascensões... Vieste em nome d'um cortezão, que abhorreço, trazer-me novas d'um principe que tolero. Fizeram de ti pagem da vaidade imbecil e da semsaboria real, e tu vales mais que tudo isso... Sou nova, sou formosa e sou rica, e, na agencia, que me dá fôrça e auctoridade, terei mais influencia no rei de Portugal que a filha dos reis catholicos. Senta-te aqui, Pepe... Já que o acaso te enviou a meus pés, adora-me, tu que me trazes a nova sensação d'um corpo virgem e d'uma alma apaixonada...

E Pepe estava já tão perto, que Philippa conseguiu prender-lhe as mãos.

A este contacto, o pastor sentiu a maior revolta nos sentidos que elle tentava dominar, e, ou porque enfraquecesse na resistencia, ou porque a freira avigorasse a attracção, Pepe cahiu de joelhos, junto do divan, beijando as mãos que tinham prendido as suas.

Então Philippa, erguendo levemente o busto, conchegou a cabeça de Pepe sobre o collo, e beijou, ou mordeu, os cabellos negros e luzidios que cahiam sobre a fronte do pastor.

Ouviu-se um leve rumor, e a porta falsa girou rapidamente, deixando aberta a galeria por onde Pepe tinha entrado.

O pastor, d'um salto se collocou a distancia de Philippa, levantando do chão o gorro, que insensivelmente deixara cahir sobre a alcatifa. Philippa apenas se perfilou, erguendo o collo... como um cysne, que se assusta, quando vae deslizando ..

Houve um momento de silencio em que ninguem assomou á porta que se abrira.

Afinal, a luz dos aposentos de Philippa illuminou o rosto de D. Cesar, que, com a solennidade d'um pagem de alcáçova, annunciou:

Traição! murmurou Philippa

— El-rei.

— Estou perdido! pensou Pepe.

— Traição! murmurou Philippa.

El-rei fez-se esperar; mas, afinal appareceu, solenne na posição, mas alegre na physionomia. O manto aberto, a mão sobre a espada, a cabeça bem erguida, e coberta com o seu gorro de disfarce.

— Boa noite, Philippa, minha carinhosa amiga, trago-vos uma boa nova: ides passear até outro mosteiro, emquanto não determino a successão de D. Maria d'Eça. Podereis escolher o sitio mais bucolico, vista a vossa predilecção pelos pastores das almas e pelos pastores d'ovelhas.

— Meu senhor... — tentou dizer D. Philippa.

— Calae-vos, senhora, acudiu D. Manuel, mudando de tom, talvez que o silencio possa velar o impudor.

E depois, dirigindo-se ao pastor:

— Meu rapaz, não me agrada que guardes ovelhas e te deixes roubar pelas raposas. Quero defender-te e desaffrontar-me. Já que aproveitas os restos dos meus festins, quero que vás para mais perto da minha ucharia. Ha segredos que não devem passar da familia. Tu és da minha. Ficas sendo pagem, com licença para te disfarçares em pastor. Queres?

— Se vossa alteza me perdôa?...

— Perdôo-te e agradeço-te, que acabas de prestar um grande serviço a mim e ao meu reino...

— Mas, senhor, não me quereis ouvir?... ousou D. Philippa.

— De mais o fiz, através d'esta parede. Estou instruido.

E voltando-se para D. Cesar:

— Fecha essa porta, que hei de sahir por onde sae um rei quando, no exercicio do seu cargo, vem a deshoras tratar dos negocios do Estado. D. Philippa, chamae as vossas monjas de serviço e mandae illuminar o caminho que vae d'aqui á sala do Capitulo, e de lá á nave da egreja...

— E' mais de meia noite, meu senhor, e o meu habito não me permitte sahir dos meus aposentos.

— Dispenso-vos a etiqueta. Só desejo que a ordem assista á minha passagem...

— Então, sempre quereis?

— Se não me obedecerdes immediatamente, mandarei D. Cesar alarmar o mosteiro...

D. Philippa fez soar o timbre.

Appareceram duas monjas.

— El-rei, disse ella, compondo o seu manto de pelles, deseja que a ordem o acompanhe até o portal.

El-rei passou á sala de recepção da abbadessa, e logo duas alas de freiras, de tochas accesas, lhe illuminaram o caminho.

— Que as minhas ordens sejam immediatamente transmittidas ao arcebispo de Coimbra.

Fechou-se sobre el-rei o grande circulo de luzes, e D. Cesar e Pepe seguiram a pequena distancia el-rei, que, vagarosamente e traçando o manto, desappareceu na vasta galeria do mosteiro.

— Cara me pagarás a villania, rei de Portugal, disse Philippa, ao ficar só. Veremos quem vence... Felizmente ainda o throno não vale tanto como o altar. Querem luctar? Luctarei. O abbadessado é electivo, e Roma ha de sanccionar a eleição!

E ficou recostada no divan, com os olhos fixos nas velas de cêra d'um grande lampeão, a pensar na desforra...

XXI

Os noivos

Alguns dias depois, voltava de Lisboa Pedro Soares, mais alegre que nunca. Remoçara o gentil cavalleiro n'esta ultima viagem.

Trouxera em sua companhia Gil Vicente, e no cinto, bem guardada, a auctorisação d'el-rei para desposar Deborah. Antes de partir dispuzera tudo para a cerimonia e, durante o pouco tempo que se demorara em Lisboa, preparara, em sua casa de Villa Nova, o futuro ninho dos seus amores.

A velha Joanna encarregara-se d'essa tarefa.

Como ella estava saudosa das suas queridas filhas, e bem contristada com as ausencias frequentes do seu Pedro! Levantava-se muito cedo e logo se empenhava em alindar os quartos dos noivos. Como tudo estava tão asseado e elegante! Pobrezinho, sim, mas d'uma singelleza artistica, em que era aproveitada toda a luz... O enxoval era um mimo, que ella preparava com o proprio trabalho e com o trabalho de Sarah, que constantemente lhe estava enviando rendas, frioleiras, fitas, fronhas e bordados! .. As molduras dos santos tinham sido envernizadas, e as imagens, cujos mantos se haviam desbotado com o tempo, reappareceram, com as faces rosadas, e os habitos estrellados a ouro e prata. Havia grinaldas no oratorio com delicadas flôres artificiaes, e as que o não eram, como, por exemplo, as perpétuas amarellas e rôxas, tão artificiaes pareciam que até em algumas pousavam as *joanninhas* verdes e de furta-côres, apanhadas nos cactos da açotéa... Havia já alguns dias que n'aquelles quartos só ella entrava; que o chão, em sobrado e tijolos, estava tão branco e vermelho, que até sobre elle se podia comer sem toalha.

A ucha estava apinhada de boa roupa de linho, prensada e perfumada, e por entre ella, resequidas e aromaticas, havia dispersas muitas petalas de rosa.

Por fora, a arca tradicional não admittia beneficios, além da limpeza

da pregaria nas juntas do couro; mas Joanna, por tal forma a ataviara, que Deborah não podia reconhecel-a.

Envolvia-a toda uma cobertura de ramagem, em folhos macheados, com guarnições de requife e lacinhos de seda! O leito, o alto leito de páu santo, o melhor da casa, com pés em volutas, com as columnas dos altares, e a cabeceira trepando pela parede, em recortes rematados por massanetas de caprichoso torneado, e, no grande alçado, embutidos de madeiras claras, figurando um cesto cheio de flôres entre curvas symetricas, como as que ornam modernamente os monogrammas da mais exquisita phantasia...

A ampla coberta, ampla e dupla, misto de brancos entremeios sobre fundo azul, n'uma sarja tão macia como a seda, tufando como um estofo e cahindo no chão em largas pregas, como as saias rodadas das tafues. O travesseiro, branco e redondo como uma columna de marmore, mostrando ao centro, n'um enlace calligraphico, que denunciava paciencia e bom gosto, as duas lettras P. e D., marcadas a torçal tambem da côr do céo, e que custara muito dinheiro no sirgueiro da rua Nova. Nas extremidades, um circulo perfilado em gomma forte, em tufos regulares, ouriçados de espiguilha, tendo no centro uma roseta em séries de canudinhos, na regularidade d'uma dhalia grande e aberta!

Em baixo, a um terço do comprimento do leito, um banco formado por tres degráus, forrados de velha tapeçaria persa; degráus d'aquelle throno por onde os principes d'aquelle pequeno reino haviam de subir na festa nupcial!

Do tecto pendia, fixa á trave central, uma lampada nova, prateada, como uma que Joanna vira na frente da capella do Santissimo na egreja da sua devoção... A adufa com rótula delicada, por onde subia, enlaçando-se, uma trepadeira, de flôres miudinhas e embalsamadas.

E, durante o dia, aquelle santuario se conservava tão resguardado, que apenas alli entrava a bondosa mãe, para accrescentar um novo adôrno. No quarto proximo, na pequena ante-camara, o mesmo asseio, o mesmo gôsto e o mesmo desvelo. A poltrona, a dobadoura, a mesinha, de abas cahidas, n'uma attitude resignada, a roca, a cuba dos novellos, o taleigo da roupa lavada, e, ao canto, coberto com uma cortina de retalhos de seda, um pequeno orgão, deixando ver os pés marchetados de metaes amarellos.

Joanna não pensava n'outra coisa nem tinha outros cuidados! Ia rever as delicadas creaturas que a desgraça afastara do seu convivio; ia ser feliz, viver alegre, esperar a morte com o sorriso nos labios!

Sacrificara o quarto de Sarah aos aposentos dos noivos.

—A pequena dormirá a meu lado... São dois noivados!

E por isso se entregara tambem aos incommodos e ás despesas de melhorar a sua alcôva. Fez tambem vestido novo, menos escuro que o outro, e arrancou das paredes os quadros sombrios do Novo Testamento, e até um que representava a guerra de Troia, e substituiu-os pelo retrato da Virgem, no dia de Ascenção, e por outros tres, ou quatro, que representavam a historia do José, do Egypto, porque elle era novo e meigo!

E, emquanto andava na sua faina, não deixava de falar só.

— Deus queira que elles sejam felizes! Gostava immenso de ter um neto, que se parecesse com elles... Se elles forem felizes, hei de cumprir uma promessa de S. Domingos até S. Roque! Pobres creanças! Hei de vêl-as alegres, e não hei de crer!... E depois, teremos o casamento de Sarah... Então, para vivermos todos juntos, havemos de ir para uma casa maior, com um pedaço de arrifana e muitos canteiros de flores... Agora é que eu tenho pena de estar tão velha! Gostava de viver muito tempo assim...

E a pobre Joanna contava pelos dedos os dias que faltavam para a chegada dos seus amores...

— Ainda falta a noite de hoje, o dia de amanhã, depois o outro, o outro, o outro... Ainda falta tanto, meu Deus! O que eu queria era adormecer agora e só accordar quando elles me apparecessem, a correr, a chamar por mim, muito risonhos, a beijarem-se, e a beijarem-me!.. Em que hei de entreter todos estes dias? Depois Lorvão fica tão longe! Se lhes succede alguma desgraça pelo caminho?! Deus não ha de querer semelhante cousa... E' verdade que já nos teem succedido tantas desgraças... Pois é por isso mesmo... agora acabou-se todo o nosso infortunio. Se eu tenho pedido tanto a Nossa Senhora!... Emquanto elles não vierem, hei de ter sempre a lampada accesa, de dia e de noite...

E depois d'este monólogo, ora alegre, ora triste, passeava pela casa, e, insensivelmente, ia parar á porta da alcôva dos noivos, e espreitava.

— Está pobre, mas está bonita...

E sorria-se, e, pouco depois, limpava uma lagrima, e acabava sempre por cahir de joelhos deante do oratorio a pedir por elles, por seus filhos, pelos seus noivos...

*

Foi n'essas disposições de espirito que Pedro deixou sua mãe e chegou a Lorvão.

Tambem elle ia radiante, cheio de saudades e de esperanças! Dois dias mais e Deborah seria sua mulher! e logo partiria com ella e com Sarah, em caminho de Coimbra e de Lisboa! Ao lado da sua noiva passaria um

ou dois mezes, e depois partiria para o Oriente, em busca de riqueza e de glorias.

Sorria-lhe o futuro, e por isso julgava-se feliz, que um presente cheio de esperanças faz esquecer as desgraças do passado e vale tanto como a felicidade esperada. Nem se lembrava das tristezas de Jacob nem das preoccupações de Sarah!

• E' tão egoista o amor!

Deborah cahiu-lhe nos braços, tão depressa, mal elle se approximou, que Pedro não pôde ver-lhe a pallidez do rosto...

Só quando elle ergueu a cabeça para lhe ler nos olhos a alegria que devia causar-lhe a noticia de que vinha, emfim, buscal-a e dar-lhe o seu nome e a sua vida, é que reparou no aspecto doentio da pobre creaturinha.

— Que tens, tu, Deborah? Estás doente?

— Não, Pedro. Estou fraca, saudosa de ti e de Joanna, condoida de Sarah e assustada, não sei de que...

— Faces pallidas, olhos roxeados? tu estás doente, e não dizes quanto sentes...

— Se estou doente é de mal passageiro. Isto foge, meu Pedro. Os ares de Lisboa hão de restituir-me a côr e a fôrça.

— Serei o teu physico, Deborah; rosarei o teu rosto com os meus beijos, e o meu braço ha de amparar a tua fraqueza. Vamos, passeêmos, á sombra das arvores, e conversemos sobre a nossa felicidade...

Deborah deu apenas alguns passos e logo pediu que se sentassem. Não se sentia bem, muita fraqueza, muita fraqueza! Tanta, que ás vezes parecia que ia cahir...

— Sentemo-nos, então, disse Pedro.

— Obrigado, Pedro, disse ella, sentando-se n'um banco de pedra, collocado n'uma volta do jardim.

— Deborah, tu soffres e não te queixas! Quem deve, mais que eu, ouvir-te os queixumes e prover-te de remedio?...

— Tenho isto ás vezes, mas logo esqueço... Ando nervosa, com vontade de chorar, sem saber porque... Afila-se-me o nariz e roxeiam-se-me os olhos, que o espelho tudo denuncia; mas, afinal, passados alguns momentos, reanimo-me, aqueço-me e esqueço-me...

— Ás uma tonta; imaginas-te doente, e tens medo de morrer! Agora, que a vida vae começar para nós, desterra essas tristezas, Deborah, e lembra-te apenas de que, em breve, voltaremos para Lisboa, para a nossa casa modesta, mas confortavel, livre de todas as visões do passado... Veremos juntos o nascer do sol e o crepusculo da tarde — passarás todos

os momentos a meu lado... Pois isto não te alegra? não te dá saude? não te faz sorrir o espirito?...

Deborah mal ouvia as palavras de Pedro. Estava anciada, perdida a côr, o olhar errante... Atormentavam-na vomitos incoerciveis, que a affligiam impertinentemente, symptoma de phenomenos pathologicos, que podiam ser, ou não, de caracter alarmante... Em todo caso, Deborah soffria. Tinha bocejos que ella difficilmente contrariava, que tanto poderiam provir das insomnias d'algumas noites, quanto d'uma dyspepsia abandonada. N'aquelles tempos, tudo isto se definia com o diagnostico vulgar do enjôo, resultante de causas variadas...

— Não é nada, disse ella, passando o lenço de rendas pela fronte suada e fria. Trovoadas de maio... Descança, Pedro, continuou, abrindo um sorriso contrafeito, já vem o sol a romper!...

— Tens sentido isso muitas vezes, minha Deborah!

— Algumas, Pedro, algumas; e, quando não são estas ancias, sinto uma labareda a fustigar-me o rosto, como um affrontamento... Ainda hontem senti isso duas vezes! Depois fico bem, como se nada tivesse... Dá-me uma gôtta d'agua, Pedro.

Pedro correu á fonte e, pegando no cantaro que trasbordava, trouxe-o a Deborah, que o levou á bôcca, segurando-o com ambas as mãos.

Depois de beber, a doente respirou livremente, e, encostando a cabeça no hombro de Pedro, com os olhos fechados, murmurou:

— Já lá vae o máu tempo!...

E ficou silenciosa, como quem descança de uma longa fadiga.

Pedro passou-lhe a mão na testa, apertou-lhe o pulso e, descahindo a cabeça sobre o ouvido da sua noiva, perguntou cariciosamente:

— Estás melhor, Deborah?

— Estou...

— Posso então dizer que te amo?

— Dize, sim, que apressas a convalescença...

— Depois d'ámanhã, ao nascer do sol, na egreja do mosteiro, alguem, que não eu, ha de perguntar-te se queres ser minha mulher... Estás ouvindo?

Deborah entreabriu os olhos, que levantou para Pedro, e, n'um sorriso triste, mas doce, respondeu:

— Depois de ámanhã eu responderei — sim — com todas as fôrças da minha alma!

— Obrigado, minha boa Deborah, obrigado.

— E tu, Pedro?

— Eu soltarei, com voz firme, enchendo com ella toda a nave immensa, a minha voz apaixonada — sim, e por toda a vida!

— E se eu morrer?

— Quem fala em morrer?

— Nada mais natural! Disseste — por toda a vida... Continuarás sendo meu, só meu, depois da minha morte?...

E, antes que Pedro respondesse, acudiu, pondo-lhe a mão na bôcca:

— Não respondas, meu Pedro, que podes jurar o que eu não desejo. Não quero que jures o captiveiro do teu coração para depois da minha morte. Sê meu emquanto eu fôr tua mulher; mas se eu partir e tu ficares, quero que me honres a memoria e me alegres o tumulo, desposando outra mulher, que seja digna de ti, e que honre o teu nome.

— Como estás nervosa e triste! Deborah! Que idéas te escurecem o espirito! Para que falas em tumulo nas vesperas de nupcias?

— Sou tão sincera, Pedro, tão leal, meu marido, que pretendo fazer-te um pedido tão justo e tão solenne, n'este feliz momento, como se estivesse na hora derradeira...

— Fala, Deborah...

— Se me perderes, se o nosso enlace se quebrar com a minha morte, por tua mãe te peço — casa com Sarah, se ella ainda fôr livre!

— Sempre a mesma idéa, pobre amiga; para que falas de tua irmã, quando só deves pensar em mim? Sarah, confio em Deus, ha de ser feliz tambem. Jacob ganhará a liberdade e offerecerá a sua mão á mulher cuja recordação lhe tem illuminado o carcere. Tu has de viver muitos annos a meu lado, e juntos entraremos nos umbraes da velhice. Sarah abençôa o nósso casamento e ha de adorar comnosco os nossos filhos. És uma mulher, e serás minha em poucas horas... já posso falar-te assim. Ouves bem, Deborah? os nossos filhos!... que hão de parecer-se comtigo — os teus olhos, a tua bôcca, a elegancia do teu vulto...

Pedro, ao dizer isto, sentia mover-se sobre o hombro d'elle a cabeça de Deborah, como se ella chorasse convulsamente...

— Então o que é isto, minha louquinha... Choras por causa de Sarah?... Valha-te Deus!... Então queres que eu jure casar com outra mulher, quando ainda estamos nas vesperas do nosso casamento? És uma creança... Preferia falar-te de nossos filhos, que hão de ser o teu ou o meu retrato, e que eu, por isso mesmo, hei de amar doidamente...

Deborah continuava soluçando.

— Ora, que imprudencia a tua, minha filha! Bem; não vale chorar; queres que eu prometta casar com Sarah, se um dia te perder? Pois seja, casarei com Sarah, ou com quem tu quizeres... Mas mais tarde trataremos esse assumpto, tão incommodo e descabido. Por agora pensemos na tua saude e no futuro do nosso amor. Vamos, Deborah, levanta a cabeça,

limpa os olhos, e vae para o lado de tua irmã, que te adora, e que seria a primeira a maguar-se se soubesse quanto és injusta para com ella.

Deborah obedeceu á suggestão de Pedro, e, quando já o fitava serenamente, perguntou-lhe, baixando o olhar:

— Amarias muito teus filhos, se elles se parecessem comnosco?

— Principalmente comtigo!...

— E, se não se parecessem nem commigo, nem comtigo?

— Teria pena, muita pena!...

— Então desprezal-os-hias?...

— Que idéa! Não eram meus filhos? Ah! minha querida Deborah, não ha no mundo maiores prazeres e glorias que ganhar a felicidade de crear e amar esses pequeninos entes, que são a continuação da nossa vida, o fructo do nosso amor — essas creanças em cujos corpinhos temos a certeza de que corre o nosso sangue... herdeiras da nossa côr, do nosso coração, do nosso caracter e do nosso nome! N'ellas vemos reflectirem-se as virtudes de nossos maiores, os nossos sentimentos, os nossos pequenos defeitos — o temperamento, a educação, a vontade, a indole... no corpo o mais pequenino signal, na alma a mais modesta virtude — Ah! minha querida Deborah, acredita, nossos filhos hão de ter a côr do teu cabello de seda apenas attenuada com a influencia da rebeldia do meu... a tua bondade temperada na minha energia.

— Então os filhos, como dizes, reflectem sempre as virtudes e os defeitos dos paes?

— Tu não vês na plumagem das aves as côres dos paes e das mães que os geraram em seus ninhos. Não vês negros os filhos de negros? bandidos os filhos dos bandidos?

Deborah, cujo rosto se occultara no peito de Pedro, deixou descahir os braços n'um abandôno assustador, e a cabeça escorregou mais pesada sobre o peito de seu noivo.

— Deborah! Deborah! gritou Pedro. Que é isto? Que tens tu?

Deborah não respondeu.

Pedro ergueu-lhe a fronte. Estava tão pallida como se estivesse morta...

Depois auscultou-lhe o coração... Estava viva... Chamou gente.

As monjas e freiras, que acudiram, levaram-n'a para a sua cella, onde, depois dos primeiros soccorros, recuperou os sentidos.

Sarah, chorando, beijava-a afflicta.

— Estás melhor, minha irmã?

Deborah percórreu com os olhos os recantos da cella e fitou, desconfiada, toda a gente que lhe rodeava o leito.

Pedro junto da porta esperava ancioso o resultado.

— A quem procuras, minha querida irmã? perguntou ainda Sarah.

— Os bandidos? disse ella a tremer, onde estão os bandidos?

— Socega, minha querida Deborah, socega. Tens aqui a teu lado pessoas que te estimam. Estou eu, está Pedro e estas boas irmãs que te acudiram. Que sentes tu? Já estás tranquilla?

Deborah tranquillisou-se um pouco, e, emquanto ia recuperando o seu aspecto normal, deixava que duas lagrimas lhe rolassem pelas faces ..

Entretanto chegava o physico do mosteiro, que examinou muito superficialmente a doente, receitando apenas um calmante.

Ao sahir, Pedro dirigiu-se-lhe:

— Acha melhor a doente?

— Um simples desmaio, sem importancia. Coisa vulgar em mulheres novas, mas sem consequencias.

— A doente deve casar por estes dias... E deve adiar, não é assim?

— Pelo contrário, apressem-se... Se me tivessem dito isso, em vez do calmante receitaria o casamento. Sois vós, senhor, o boticario?

— Sou, disse Pedro.

— N'esse caso substitui-me. As mulheres que desmaiam só precisam dos braços d'um homem que as ampare. O perigo não está em desmaiar, está em cahir...

*

Dois dias depois, logo ao nascer da manhã, começaram repicando vivamente os sinos do mosteiro.

Correra em Lorvão a noticia de que havia festa ruidosa na egreja do sitio. Tratava-se do casamento da reclusa Deborah com um moço cavalleiro de Lisboa.

Mal se abriu a porta da egreja affluiu grande quantidade de povo, e os mendigos acampavam aos montões á roda do convento. Estava adornada com especial primor a capella-mór, e no cruzeiro havia flôres com profusão. Todas as capellas tinham accessos cirios novos, e pelo centro da egreja extendia-se uma longa e vistosa alcatifa. No côro as noviças rodeavam o orgão, e os frades formavam longas alas desde a porta da sachristia até o garda-vento.

Uma hora depois, appareceu Pedro com o seu novo uniforme de capitão das tropas expedicionarias, ao lado de Gil Vicente com as galas mais garridas, das que habitualmente ostentava nos serões da Alcáçova.

— Emfim, meu caro Pedro, vaes realisar o teu grande sonho, o maior e o mais solenne da nossa mocidade... Sentes-te feliz, não é assim?

— Feliz, tão feliz, que tu falas com propriedade quando chamas so-

nho a este episodio da minha vida! Feliz por mim e por ella. Desde que comecei a sonhar com este amor, que temo despertar antes de associar ao meu destino o d'essa infeliz menina, tão virtuosa e tão perseguida pela desventura! Quero eu ser a sua boa estrella, e escudal-a com o meu peito para a defender das injustiças do mundo.

— E' formosa a tua noiva. Vi-a de relance, comtudo fixei-lhe os encantos...

— Tambem eu a julguei formosa quando me habituei a vêl-a, mas hoje não é a sua formusura que me seduz, é a perfeição da sua alma. Não imaginas, meu Gil, quantas prendas de coração ennobrecem a minha Deborah! Porque a conheço, acredito agora na existencia dos anjos. Modesta, casta, generosa, amoravel e resignada! E' uma martyr consolada com o seu martyrio. A saudade do pae, que ella guarda em silencio para não maguar a irmã, o amor á irmã, a que ella é capaz de sacrificar a propria vida, a sua dedicação por mim — misto de amor, amizade e reconhecimento — são os unicos elementos que amparam aquella debil existencia. Vou ser muito feliz! Gil, tanto que não trocaria este momento por todas as minhas venturas passadas!

— E aquella tristeza?

— E' o reflexo da má estrella que a tem acompanhado. Vou agora apagar com o sôpro da minha mocidade essa pallida companheira... Tu verás, Gil, como eu a farei alegre e feliz! Confiada aos cuidados de sua irmã e de minha mãe, supportara, por algum tempo, a minha ausencia, e, se a hora da partida de novo a entristecer, a esperança na minha volta lhe será remedio efficaz?...

— E Sarah? que deliciosa creatura é essa que vaes tutelar?... Ah, meu caro Pedro, muito difficil deve ser a escolha entre duas mulheres tão distinctas e tão cheias de encantos!

— A minha Sarah!! Adoro-a, Gil...

— Vaes, então, ser o depositario de dois grandes thesouros?

— Dizes bem, Gil, é difficil distinguil-as, que em ambas residem os melhores dotes...

— Dá-te este casamento uma noiva e uma irmã!

— E de tal forma carinhosas para commigo, que Deborah tem por mim todas as dedicações d'uma irmã, e Sarah todos os zêlos de uma amante! Chego ás vezes a perguntar a mim mesmo... Mas falemos n'outra coisa. Conto com a felicidade, porque vou, emfim, alegrar a vida de Deborah, e, se n'esse empenho, houver de me entristecer, espero que Sarah me conforte e alegre... Em conclusão, caso com as duas.

— Esplendida bigamia, auctorisada pelo teu bello coração...

— Dize antes — polygamia — que a velha Joanna tem em meu peito logar seguro e instransmissivel...

— Podes julgar-te feliz, e bem o mereces!

— Sou um homem feliz, com triplice felicidade ameaçada. Esse receio entristece-me.

— Receias tres golpes n'um só coração... Apesar de grande, não tens n'elle espaço para tanto...

— Vae contando, ameaçam-me tres inimigos: a morte, que espreita a velhice da minha primeira noiva, o amor, que ha de roubar-me a segunda, e a tristeza mysteriosa na terceira...

— Não falemos em coisas tristes... Eis que chega o Espirito Santo da tua trindade amorosa. Até as luzes, ao vêl-a, parecem illuminar melhor as imagens dos altares...

— Não vês, Gil?

— O que?

— Como ella vem pallida e triste! Descem-lhe pelas faces as lagrimas...

— E' natural nos espiritos timidos, n'estas solennidades... Desfaz aquelle pranto com o calor de teu olhar...

— A' fôrça de o tentar debalde, já se me vae apagando este sol...

E os sinos de novo repicaram com mais fôrça, e o povo, seguido pelos mendigos, todos andrajosos e alguns de rastos, invadiu o templo, alegremente.

Deborah trazia as galas d'uma noviça em dia de profissão. As freiras quizeram que ella se enfeitasse para o casamento como para os votos da eterna clausura. Apenas lhe tinham substituido, na grinalda e no peito, as rosas brancas pela flôr de laranjeira, e o véo que, no casamento com Deus, devia cahir espesso sobre a cara, vinha deitado para traz e lhe cobria as fartas e negras madeixas.

Estava a candidez em toda a sua opulencia! Branco o vestido, brancas as flôres, brancos o véo e o rosto! Sarah acompanhava sua irmã, amparando-a, e não vinha menos pallida que ella... Passava imperceptivel este symptoma de doença physica, ou moral, porque, no rosto da noviça, abria-se francamente um dos melhores sorrisos dos dias em que ella era vivaz e alegre.

Gil, adeantando-se a Pedro, approximando-se das duas irmãs, e, dirigindo-se a Deborah, que deixara cahir o ramo que trazia no peito:

— Permitti, senhora minha, que, com as homenagens do meu respeito, vos restitua este ramo, que perdestes... Prendei-o bem sobre o coração, que são estas as flôres que mais agradam a Deus e aos amantes em festas nupciaes.

— Obrigada, senhor, disse Deborah, e com mão trémula segurou na cintura o ramo de laranjeira.

E Deborah olhou, n'este momento, para Pedro, tão alvoroçada, que as faces se lhe tingiram levemente. Pedro, que comprehendeu a situação, apressou-se a socegar a pobre menina.

— Segura-as bem, Deborah, que são ellas o symbolo da sublime castidade da tua alma!...

E os sinos não deixavam de soar festivamente!

Do altar-mór desceu então vagaroso um padre devidamente paramentado para a cerimonia.

— Vamos, disse Gil Vicente.

E todos se encaminharam para o logar, proximo da entrada da egreja, onde já estavam alguns monges e serviçaes, com tochas accesas, e aos quaes se foi juntar Gil e o outro paranympho. Deborah deteve-se um momento, porque entre a multidão, que se afastava para a deixar passar, estava um mendigo, que se rolava sobre as mãos, como um reptil... Era um miseravel, rôto, sujo, de barbas compridas e cabello revôlto.

— O' minha illustre senhora, dae uma esmolinha pela vossa felicidade e do vosso noivo...

— Deixa passar, bom homem, logo daremos esmolas a todos...

— Logo ninguem me vê, porque ando de rastos! Lembrae-vos de mim, minha querida menina, e chamae pelo meu nome.

— Como te chamas, desgraçado? perguntou Deborah, compadecida.

— Eu sou a victima da azenha alli de baixo... Chamae, minha querida senhora, pelo *Aragonez*...

Deborah cahiu de joelhos, tapando o rosto com as mãos...

E o mendigo desappareceu serpenteando por entre toda a gente, que veiu soccorrer a pobre noiva.

Pedro, notando a demora, veiu ao encontro de Deborah. Encontrou-a já erguida, procurando tranquillisar as pessoas que a rodeavam...

Quando Pedro chegou foi perguntando naturalmente:

— O que foi? O que aconteceu?

Deborah limitou-se a dizer que já estava melhor... uma tontura... escorregara... nada importante.

Uma mulher do povo é que explicou:

— Ora, o que havia de ser? Foi aquelle estupido do aleijado, o *Aragonez*, que lhe metteu medo, e com razão, pedindo-lhe esmola, de rastos, por entre a gente.

Pedro comprehendeu o desastre, e voltou para o seu logar, disfarçando quanto pôde o desgôsto que lhe causara a coincidencia.

E fôra, apenas, uma coincidencia... Nada mais natural! Em Portugal abundavam então os hespanhoes, e cada um tomava o nome do seu reino... Entre o povo abundavam os aragonezes...

Do outro nada havia a temer; esse fôra bem reduzido a cinzas. Entretanto a coincidencia contrariava Pedro... Uma recordação triste é sempre desagradavel n'um dia de festa. Nos espiritos fortes ha sempre um lado fraco — é d'esse lado que moram os preconceitos, os agouros, os enguiços, as coincidencias, como hoje se diz.

Pedro Soares não teve o menor receio de que o mendigo fôsse um enviado do frade executado em Evora; mas, a circumstancia de chegar aquelle nome aos ouvidos de Deborah no dia e no momento em que elle ia casar-se, era, pelo menos, um caso extranho.

Quando um homem extranha um facto, sem pensar, inconscientemente, expõe-se a todas as crendices.

Deborah estava aterrada; Pedro pensativo. De facto ambos tinham sido empolgados por uma recordação.

Deborah acreditava tudo — que o Aragonez morrera, mas que a sua alma andava alli a perseguil-a, a atormental-a, a vingar-se. Fôra elle que lhe arrancara do peito a flôr de laranjeira, como lhe puzera deante dos pés o mendigo d'aquelle nome, que levara Pedro a falar em phenomenos de herança, ou atavicos.

Pedro não pensava assim; mas sentia, pouco mais ou menos. Não acreditava na alma do Aragonez, notava apenas que tudo aquillo parecia effectivamente obra de uma alma...

Por que não cahiu do vestido de Sarah algum dos adornos que lhe regaçavam a saia, algumas das pedras que lhe scintillavam no cinto, as pregarias do véo, o lenço, que ia na mão febril? Só cahiu o ramo de flôres!... E cahiu o ramo sem que nenhuma das pessoas que poderiam entregal-o mudas, o visse cahir, e o entregasse sem recommendação. Que extraordinario acaso o fez cahir por forma, e em tal momento, que só Gil o viu e o apanhou! E era tão natural que Gil o entregasse, fazendo uma vénia! Mas, por acaso, tudo por acaso, lembrou se de fazer o elogio da flôr da virgindade, á pobre Deborah, que daria toda a sua existencia por um dia em que esquecesse não ter direito áquelle symbolo...

Já se via que era tudo obra do acaso!... A qualquer outra poderia ter succedido o mesmo!

Mas, depois, dois passos mais, e o miseravel que a detém é um mendigo, que, por acaso, se chama *Aragonez!*

Quantas vezes entrara e sahira Pedro do mosteiro sem ter encontrado aquelle mendigo, ou sem que elle lhe tivesse dicto o nome!

Se Pedro soubesse da existencia d'aquelle homem ter-lhe-hia pago generosamente, e afastado d'alli!... Mas os pobres pedem esmola e não teem o costume de dizer como se chamam... Por que o disse aquelle? Porque andava de rastos e ficava esquecido na distribuição das esmolas!...

— Tudo o acaso, bem sei, dizia Pedro, mas é extraordinario...

E tanto pensou n'isto que chegou até a dizer, muito a dentro da sua consciencia: que estupido agouro!

Os sinos é que não paravam... Esses cada vez repicavam com mais fôrça... Dir-se-hia que a alegria dos noivos voara d'elles e fôra pousar nas torres da egreja!...

E Pedro, que era um espirito forte, a si proprio se enganava, julgando que, ao pensar em tantos pormenores, só avaliava o vendaval que ia no espirito da sua noiva... E achava-lhe razão... Ella devia, em virtude d'aquelles dois tristes e casuaes episodios, estar recordando a tragica scena da arrifana... a morte do pae, o rapto, a noite em convulsões, a fuga com Pedro... Que tristes coisas vinham á mente, n'aquelle dia tão feliz!

E não admirava que Deborah, uma creança, uma mulher, fraca, supersticiosa, se abalasse por tal forma: tambem elle, sem querer, se estava lembrando de que aquella creança que elle amava, e que a Egreja lhe ia entregar, já fôra d'outro... Era verdade que esse outro fôra castigado... E elle bem o vira, alli, sobre o cadafalso, de lingua de fora, de joelhos, rôxo, olhos escancarados, a morrer primeiro, e morto depois... E, até depois de morto, lhe déra com um pé... e o voltara fazendo-o roçar a cara pelo pó!... E até o vira mais tarde envôlto em chammas e fumo!...

Mas, que estupida coisa! No dia do seu casamento, da realisação do seu grande sonho, quando ia receber a sua companheira, o melhor dia da sua vida! em vez de pensar nos beijos de Deborah, e na sua alcôva florida e perfumada, o ramo que cahiu, e o mendigo que andava de rastos, tinham vindo obrigal-o a pensar no cadafalso, no morto, nas chammas!... Bem sabia que não era a alma do Aragonez que andava alli a entristecel-o; mas a verdade é que a nossa memoria se parece muitas vezes com as almas dos mortos que recordamos...

Os mortos, desde que os corpos lhes desapparecem, tambem deviam ficar esquecidos... Por que não vae tudo á sepultura? Quando uma pessoa deixa de existir, devia desapparecer de toda a parte — dos nossos olhos e da nossa memoria...

Mas nem dos olhos desapparece...

Elle ia jurar que, n'aquella occasião, Deborah estava vendo o Aragonez, vivo, ameaçador.. E não admirava que isso succedesse... Tambem

elle o estava vendo... e tinha tentações de o matar e de o queimar outra vez...

O que se estava passando no cerebro d'elle era cópia do que se passava no cerebro d'ella.

Pedro examinou-a. Deborah não estava alli... Pelo olhar d'ella se comprehendia isso... Estava muito longe. Nem de Pedro se lembrava!

A vida fugira-lhe toda para o coração e para a cabeça. Ella tinha chammas nos olhos e tinha as mãos geladas.

Foi então que Pedro notou que tinha sobre a d'elle a mão da sua noiva... Era um pedaço de gêlo que o frade cobrira com a estola!...

Já se tinham dicto algumas phrases em latim, já os acolytos haviam respondido automaticamente, e nem Pedro nem Deborah tinham dado por isso...

Quando o padre perguntou a Pedro se queria receber Deborah por sua mulher, Pedro estava perguntando a si mesmo — se o Aragonez resuscitara, e estava alli, entre ambos, na figura do sacerdote?...

A pergunta foi repetida; e então Deborah fitou o seu noivo, como que a consultal-o se elle tinha coragem para luctar com um espectro, e ambos, em unisono, apertando as mãos sob o estofo sagrado, responderam, com assustada vivacidade:

— Sim, sim!

Então o sacerdote fez em portuguez uma pequena prática do ritual sobre as vantagens d'aquelle sacramento:

— O primeiro bem do matrimonio são os filhos...

O padre continuou; mas Deborah não ouviu mais nada... Inclinou a cabeça no hombro de Sarah, e esperou, d'olhos fechados, o resto da cerimonia...

Os sinos é que não paravam no seu repicar festivo!... Parecia que uma nuvem de anjos alegres tinha tomado as torres á sua conta!...

Finda a cerimonia vieram as felicitações.

Deborah abraçou, chorando, sua irmã, e ao beijar-lhe as faces com ternura, foi dizendo-lhe ao ouvido:

— Está salva a minha honra; descança, Sarah, salvarei tambem o teu amor!

Gil beijou, vergando o joelho, a mão branca e fina da pobre Deborah. Muitas monjas, freiras e noviças rodearam a noiva e afagaram-n'a com alegria.

E dirigiram-se então, Pedro e Deborah, á frente da sua comitiva, para a capella-mór. Subiu o padre até o altar e desceu depois para lançar as bençãos.

Entretanto, ajoelhados no primeiro degráu, trocaram os noivos algumas palavras:

— Que tens tu, Deborah?

— Não sei ..

— Sei eu: é medo...

— E tu, Pedro?

— Tambem não sei...

— Sei eu: é ciume.

Em seguida vergaram as cabeças para serem abençoados pelas mãos mirradas do celebrante.

Deborah, erguendo-se, apoiou-se no braço de seu marido, e todos se dirigiram para a sacristia, para a assignatura do termo.

Sarah ficou sósinha e foi ajoelhar-se deante da Imagem da Virgem.

— Senhora, disse pondo as mãos — foi-se a minha ultima esperança!... Tu, que tanto amaste e choraste, faze com que elles sejam felizes, e abre-me este coração a outro amor, ou a outro sacrificio...

E levantou-se, limpando os olhos.

— O' minha rica senhora, dae uma esmolinha ao Aragonez...

Era o aleijado que se arrastava em direcção á sacristia...

Sarah foi ao encontro d'elle.

— Toma, miseravel; e deu-lhe uma moeda de prata. Mas foge d'aqui. Dar-te-hei mais, se me obedeceres.

— Sim, minha rica menina, eu vou...

E desceu a egreja, mendigando:

— Uma esmola ao Aragonez!

Nas torres os sinos desfaziam-se em repiques...

Sarah fez o signal da cruz e ajoelhou outra vez.

Quem pudesse ouvir-lhe as supplicas e os queixumes!

XXII

O partido da rainha

Na Alcáçova, em Lisboa, os partidos não descuravam os seus interesses. Actuavam os dominicanos cada vez mais no ánimo da rainha, e de Castella soprava, cada vez mais impetuoso, o vento da reacção.

A morte de Izabel fizera quebrantar muitas esperanças, e as que ficavam não vinham de Philippe, mas da proxima restauração de Fernando V.

De novo se levantava contra mouros e judeus o vendaval de odios e intrigas que tinham provocado as matanças de S. Domingos.

O rei parecia mais distrahido; não queria obedecer a suggestões de sua mulher, mas tambem não contrariava os ardis da reacção.

Agentes secretos instigavam, por todas as formas, a restauração das perseguições. Chegava-se até a exaggerar a protecção aos christãos-novos, no proposito evidente de os fazer odiados. A elles eram de preferencia confiados os logares de cobradores de impostos e de agentes do fisco. Os christãos tinham de lançar as rendas no saquitel da judiaria. E os que os tinham nomeado eram os primeiros a impôr-lhes a violencia como regimen de cobrança.

A alguns d'estes perpétuos perseguidos, sem que as solicitassem, eram dadas mercês e distincções... Pediram-nas os partidarios da rainha — os mesmos que depois faziam percorrer as boticas, e outros centros de conversação, os commentarios mais acerbos, sobre esses favores d'el-rei.

D. Manuel não tinha o bom senso necessario para se manter no justo meio — entre a perseguição brutal e o favor irritante.

O ingenuo soberano vangloriava-se até, muitas vezes, junto de Antonio Carneiro, de ter triumphado das antigas tendencias da rainha.

— Já estão d'accôrdo! Ora, ainda bem! Queriam fazer de mim um tyranno para destruição de tantos innocentes... Agora já reconhecem o êrro, e veem pedir-me premio, em vez de castigo! Assim estamos bem... Vê tu, Antonio, como eu os venci?...

— Julgaes isso, meu senhor?

— Então, que queres que julgue? Pois tu não vês? Aqui tenho um novo pedido para o velho Pedro, que ha um mez foi feito corregedor!... N'outro tempo pediam-me que o mandasse queimar: agora que o louve nas proximas ordenações!

— São mais habeis que vós, resmungava Antonio Carneiro.

— Mais habeis? Está na minha mão acceder, ou recusar... E' claro que não recuso... Quero até acompanhar as novas tendencias da côrte de Hespanha...

— Meu senhor, tantas vezes vos tenho dicto, que ha muitos perigos em todas as politicas extremas. E' possivel que estejamos atravessando um periodo de attenuação... periodo curto, mas emfim de attenuação... O que nos convinha, meu senhor, não era lisonjear os judeus — era esquecel-os, isto é, não os fazer lembrados...

— Ès um homem sempre cheio de mysterios.

— Serei; não vos contradigo, meu senhor: mas ou quereis, ou não, que eu vos aconselhe? Lembrae-vos de que não fostes vós que ordenastes a sedição de abril e ella realisou-se, com muito desgôsto vosso.

— Que quereis dizer com isso?

— Quero dizer que as matanças d'abril foram provocadas pela mesma gente que agora recommenda os judeus á vossa munificencia. Estaes sendo governado, julgando que governaes. Apagastes as fogueiras com a vossa fôrça e estaes de novo a accendel-as com a vossa fraqueza.

— Devo então expatrial-os...

— Valha-me Deus! Deveis contentar-vos com o restabelecimento da ordem pública. Para defender os judeus é necessario não os fazer antipathicos. O vosso povo christão tem ciumes dos christãos validos... Se forem validos os judeus, o ciume toma a proporção de odio!

— E o que pode succeder?

— Não conheceis a turba? Conheço-a eu. A turba é ignara e odienta. Não quer a Inquisição regida pelos frades, mas quer ella dirigil-a. Ha effectivamente no reino a questão religiosa: mas com relação a judeus a questão é nacional. Os crentes d'outra fé são tidos como extrangeiros. Ser portuguez é mais alguma coisa que nascer em Portugal, é ser catholico. Ora, se o paiz estivesse cheio de hespanhoes, e vós, senhor, só de hespanhoes vos cercasseis, só a hespanhoes distinguisseis, seria para extranhar uma revolta?

— Mas tu sempre me disseste que a guerra dos dominicanos era brutal, injusta, impolitica...

— Evidentemente. Era tudo isso, mas a guerra faz-se por differente modo...

D. Manuel começou a ficar pensativo.

Antonio Carneiro continuou:

— A guerra aos judeus podia ter sido feita por vossa vontade, se tivesseis cedido ao partido da rainha; como não cedestes, será feita contra vossa vontade. Não a fará o vosso governo, mas o vosso povo... Ora, para que o povo a faça é indispensavel que volte o velho odio adormecido. A sedição trouxe o dó; a vossa protecção pode trazer perseguições. Estaes sendo um instrumento docil na mão de politicos habilidosos.

— Mas, se eu tenho os partidos da côrte e o agradecimento dos judeus, como não hei de ter fôrça para suffocar uma revolta?

— Não se trata d'uma revolta contra o vosso poder, mas contra os marranos. Será a repetição da que tanto vos magoou...

— E que reprimirei sendo necessario.

— Reprimir não é evitar. E' certo que reprimistes, depois de terem sido sacrificadas duas mil pessoas e de ter sido manchado o vosso reinado e enxovalhada a vossa auctoridade... Ha damnos que se não reparam completamente. Vós ficastes, meu senhor, afflicto e prejudicado, e os vossos inimigos, ou contrários, alegres e victoriosos! Se vos apraz, dae-lhes prazer egual á custa do prestigio do vosso nome.

— Quereis que me opponha á vontade da rainha?

— A minha senhora illude-se, por que é illudida, e illude-vos, por que vós, meu senhor, estaes cheio de illusões. Se sua alteza vos pedisse que expatriasseis esse judeu, o que farieis?

— Recusaria...

— Pois o caso é o mesmo. Recusarieis, dizendo-lhe que não convinha ao vosso poder e ao vosso reino renovar as perseguições, não é assim? Pois dae-lhe agora a mesma razão — porque não quereis perseguições. No primeiro caso — perseguições feitas por vós — no segundo, feitas pelo povo.

— Concluirá a rainha que estou inclinado a deixar-me vencer por meu sogro...

— Sua alteza concluirá apenas que sois o rei de Portugal, que podeis fazer o que vos aprouver, mas que não quereis fazer senão o que mais convier aos interesses do Estado.

— Talvez tenhaes razão, Antonio Carneiro. E' verdade que tenho extranhado tal mudança de opinião nos partidarios de minha mulher e em alguns fidalgos, que ha muito reconheço agentes de inquisidores de Hespanha...

— Podeis tambem dizer — de Roma e de Italia... O principio está assente: — quando os principes resistem á Inquisição, ensina-se aos povos que a reclamem.

— Bem vês que tenho resistido...

— E' por isso mesmo...

— Dize então á rainha que não posso attendel-a.

— Perfeitamente. E as outras recommendações que me fizesteis a favor de judeus e christãos-novos?...

— Que nenhuma attendo...

— Reparae, porém, meu senhor, que ha entre ellas algumas que são actos de justiça, e não de favor.

— Pois não serão perigosos esses actos de justiça? Não me disseste que era necessario fazel-os esquecidos, a esses marranos que tanto pedem?

— E' necessario distinguir. Não fazer justiça, é perseguição — fazer mais do que isso, é favor...

— Seja o que tu quizeres. Afinal tu sabes mais d'isso que eu. Vê tudo e resolve. Assignarei o que me apresentares; com uma condição, porém — has de entender-te com a rainha... Sabes, Antonio, tive hontem uma esplendida caçada!...

— Folgo com isso, meu senhor. Oxalá que vossa alteza procure distrair o espirito, porque, quanto menos preoccupado o trouxerdes, melhor podereis ouvir noticias do governo da India e das guerras d'Africa.

— A'manhã falaremos n'isso, e então me lembrarás um negocio que desejo vêr com urgencia resolvido.

— O que é urgente começa-se hoje...

— E' urgente, mas não tanto. Quero que seja transferida de Lorvão a filha da abbadessa...

— Pertence esse negocio á jurisdicção de Roma. Para que ides, meu senhor, envolver-vos em negocios de mulheres bonitas?

— Ah! conhécel-a!

— Tenho informações... Mas deixae-me esse negocio a meu cargo. Entender-me-hei com sua alteza a respeito d'elle e dos outros...

— Esse não, Antonio, esse será tratado commigo...

E el-rei voltou as costas ao seu secretario.

— Seja tudo pelo amor de Deus, pensou Antonio Carneiro, quando ficou só; governa o reino uma mulher, e o ministro faz de alcaiote. Felizmente uma boa estrella vae guiando o reino nas suas arriscadas aventuras! Mas se a estrella se apaga?

E era assim o rei: em verdade, os que são assim são os melhores reis. Os outros, os que tiveram vontade propria, ou se salvaram perante a Historia com o auxilio dos seus homens de Estado, ou, se d'elles prescindiram, ganharam apenas a categoria de tyrannos.

D. Manuel foi dos melhores, porque não estragou de mais, com a pro-

pria iniciativa, o favor com que a fortuna afagou Portugal. Aproveitou, até, um pouco casualmente, os fortes elementos de prosperidade e conquista, que vieram accumulando-se desde o mestre d'Aviz.

Mas a principal funcção d'um rei, mórmente n'aquelles tempos em que a successão estava tão garantida, porque todos acreditavam vir de Deus o poder que elles exerciam, foi exactamente a que D. Manuel descurou — a educação da rainha, para a hypothese da regencia, e a educação do principe, que havia de continuar a sua obra.

Pelo contrário, a educação do principe foi confiada a sua mãe, espirito amoravel e bondoso, mas fanaticamente religioso, sem criterio e sem agudeza. A rainha D. Maria era uma honesta senhora, capaz de ser uma excellente mãe de familia, se a sua influencia não fôsse além da sua casa, e a sua acção se limitasse a ensinar os filhos nas horas vagas do seu labor domestico. Mas como se sentia sem cuidados de mãe, que nas rainhas são profusamente divididos pelos cortezãos mais intrigantes e ladinos, sobejava-lhe o tempo para espalhar pelo reino as suas superstições e crendices, esforçando-se por occupar um paiz inteiro nas puerilidades devotas, incompativeis com o trabalho nacional.

Consumia a piedosa rainha a maior parte do seu dia em exercicios religiosos; rezava a toda a hora, e todos os actos da sua vida eram precedidos e seguidos de genuflexões e preces. Como tinha isto por dever, exigia o cumprimento d'elle a todos os seus familiares, e reclamava de seu marido que o impuzesse ao seu povo. Confessava-se todos os dias, commungava por vicio, e queria que as egrejas estivessem sempre cheias de fieis e os sinos sempre annunciando missas, novenas e lausperennes!

El-rei, em vez de a contrariar, senão no culto a que ella se votava, Alcáçova a dentro, ao menos na exhibição caustica de tanta beatice, pelo contrário a imitava, umas vezes, a principio, por fé, e outras por adulação, mas, afinal, sempre por habito.

Essa educação fradesca da côrte entristecia a vida da aristocracia portugueza, e ensinava os mais rebeldes á máscara da hypocrisia. D'ahi aquella piedade repugnante com que D. João II rezou por alma do duque de Bragança, quando soube que este tinha sido executado!

O grande rei prendeu o duque, e rezou; condemnou-o, e rezou; e rezou tambem quando ouviu o pregão da morte!

A côrte de D. Manuel sorriu um pouco mais que a de D. João II, mas não deixou de seguir a velha tendencia beata, fradesca e hypocrita.

Esta moda era animada e conservada pelo poder clerical, que se multiplicava todos os dias, e os frades assaltaram a Alcáçova e n'ella fizeram o seu quartel-general, para o plano de intriga e de lucta, que havia de

lhes assegurar a victoria. A rainha era o instrumento docil e inconsciente d'esses negros obreiros, tão sabios e tão previdentes, que da bondosa dama se serviram com o fim de vencer as resistencias do rei e de preparar o espirito fraco do principe para a politica futura.

O confessor da rainha era um delegado do Papa Julio indicado por Fernando V. O principe tinha tambem o seu confessor especial, um frade dominicano, que, por uma coincidencia pouco explicavel, pertencera ao grupo dos que, em virtude das matanças d'abril, tinham sido expulsos da administração do mosteiro de S. Domingos. Como se vê, não foi dos mais prejudicados. O que perdeu na administração do mosteiro, ganhou na direcção espiritual do futuro rei.

Entendiam-se admiravelmente os dois confessores, tão bem, como se entendiam a mãe e o filho. Havia entre elles a mais phenomenal harmonia, que nem a differença de edades podia embaraçar.

E comprehende-se bem: onde a fé domina e cega, a edade não offerece embaraços.

Uma mulher que crê em tudo que lhe diz um frade, é exactamente como uma creança que crê em tudo que lhe diz a mãe. Desde que a razão fica ociosa, e só o sentimento actua, a edade é um pormenor secundario. Uma mulher que não discute, é como uma creança: é a eterna creança que acceita por boas todas as razões que lhe dão das coisas que vê e não comprehende.

Os companheiros do pequeno principe eram pequenos aspirantes ao valimento da rainha. Applaudiam quanto ella ensinava, e, por suggestão dos paes, havidos e achados na intriga mór, de largas vistas, copiavam servilmente as tendencias do pequeno D. João.

D. Manuel passava dias inteiros sem ver o filho, e a mãe, pelo contrário, raros momentos o deixava só. Espreitava-lhe os brinquedos mais innocentes, e associava-o constantemente á sua exaggerada devoção. Mal o principe, a horas matutinas, sahia dos seus aposentos, ia logo em busca de sua mãe.

Saudavam-se cariciosamente, e logo, de joelhos, sobre o leito da rainha, que lhe punha as mãos com beata correcção, o principe ia repetindo quantas orações lhe eram habituaes, e sempre alguma nova, apprendida na vespera nos labios do confessor.

E o pequeno não se mostrava contrariado; pelo contrário, ao findar tão modesto exercicio, elle proprio pedia anciosamente que lhe ensinassem outros pedidos ao Céo, e até, por sua conta, apresentava apontamentos, ou memoriaes, para novas pretensões!...

Um dia a rainha, depois das longas rezas, em que o principe perdera

a hora mais propria para aspirar o ar da manhã nos jardins e parques da Alcáçova, disse elle, com ar supplice, como se quizesse pedir desculpa d'alguma travessura:

— Se vossa alteza, minha mãe e senhora, me desse licença, eu rezaria ainda uma prece, comvosco, porque preciso muito de que a vossa piedade a recommende.

— Dize, meu filho, respondeu a rainha, que pretenderás tu de Deus, que eu não peça tambem?

— Queria pedir a Nosso Senhor que illuminasse o espirito de el-rei e o levasse a estabelecer no reino o tribunal do Santo Officio...

A mãe beijou na testa o filho esperançoso...

— Bem vêdes, senhora, que em todos os reinos catholicos a fé tem essa fôrça a defendel-a!... Aqui, pelo contrário, sendo vós filha de Fernando catholico, os infieis teem mercês e prebendas...

— Tens razão, meu filho. Que dirão de nós a Hespanha, a Allemanha e a Italia?... Portugal em tudo floresce, a todos os reinos da Europa excede em descobertas e conquistas, e só atraz d'elles todos fica em respeito á religião de Christo...

— E até poderemos ser victima d'essa blasphema tolerancia. Quem nos diz que Deus, tão nosso amigo, não se zanga, por tanta hesitação e demora, e nos não manda outra peste, como a que temos soffrido?...

— Ou, o que é peor — não prefere armar o gentio contra o poder do reino e nos expulsa do interior da Africa e dos paizes do Oriente onde já chegámos com muita fôrça e prestigio?

— Ou ainda, disse o pequeno animando-se como um mystico em extasis, revolta o povo contra o poder real, e vos obriga, senhora, a assumir a regencia?!

— Não sejas tonto, meu João, não vão tão longe os perigos da fraqueza d'el-rei... Tenhamos confiança em Deus, e os judeus hão de submetter-se para sempre, deixar as terras do reino...

— Quem te ensinou tão bella doutrina, principe?

— O meu confessor! Disse-me elle que se eu concorresse para obra tão meritoria, obteriamos tantas indulgencias do Céo, que viriam por intervenção de Roma, que poderiamos peccar á vontade até a edade em que hei de empunhar as redeas do governo... Estas indulgencias são muito necessarias, pois não são?

— Isso pergunta-se?! Mais que o pão de cada dia! Sem pão vive-se muito tempo, sem perdão de Deus é que se não vive. O meu confessor fez-me promessa egual. Assim, se juntarmos o teu premio ao meu, seremos os mais zelosos defensores da religião e da paz!...

— Vamos, a isto, senhora?

— E que Deus nos ouça.

— Quereis pedir a Nossa Senhora ou a Jesus crucificado?

— A Jesus tenho pedido tanto!

— Pois, seja á Virgem...

— Ainda hontem lhe pedi pelo arcebispo de Sevilha, que vae ser castigado pelo seu zêlo...

— Seja então á tua padroeira, queres?

— Pois seja.

— E tu pedes tambem em teu nome?

— Não é preciso, filho, a tua voz de principe e de innocente vale mais que a minha na côrte do Céo.

— Mas bem sabes que eu ainda não prestei juramento — sou tão pequeno...

— Já que o queres, pedirei tambem; mas, já se sabe, sem prejuizo da corôa de teu pae e da salvação da tua alma...

— Podendo ser, com essa condição... disse o principe, com a intenção tão sublinhada, que bem se via que, se a condição não fôsse acceita, elle não desistia do pedido.

— Deves vir a ser um grande rei! disse a rainha, beijando novamente o filho.

E a rainha D. Maria e o principe D. João, de joelhos sobre o leito, voltados para uma imagem, pendente n'uma das paredes, juntando as mãos, oravam fervorosamente...

Uma mulher e uma creança, ou melhor, duas creanças, pedindo ao Céo que mandasse um inferno á terra!... Duas almas crédulas, innocentes — diga-se inconscientes — a rezar uma blasphemia, em forma de prece christã!

A Deus, que não vinga, pedindo a vingança do Céo, que não persegue, pedindo a perseguição!

Mãe e filho! que esplendido quadro! rezando o odio á imagem da Santidade! O fogo do Céo convertido em fogueira de penitencia! O odio em labios que falam d'amor!

A mulher — tudo que ha de mais bello e brando na creação — a impetrar a guerra! A mãe, de que sae a humanidade, a pedir a morte dos filhos! O filho, tudo que ha de mais respeitoso e amoravel, a cortar o laço da familia! Uma mulher e uma creança — o amor e a innocencia convertidos em instrumentos ensanguentados da intolerancia! O seio da mulher arfando na anciedade de roubar vidas — o que foi creado para fonte da vida!

Mãos de creança, mãos do tamanho das dos anjos, que formam as nuvens da Virgem, postas em súpplica de crueldades e de flagicios!

Espreitemos este quadro, que é edificante...

A rainha, nova, formosa, com os cabellos dispersos, cahidos, á hora da manhã, emquanto o sol vae subindo, ainda rubro, e a neblina vae a dissipar-se, no hymno do despertar, quando as aves ainda estão a saudar o novo dia, de joelhos sobre o leito, ar piedoso, a mente em Deus, os olhos no azul que se avista, mal dispersos os sonhos d'uma noite calma — a pedir as fogueiras da Inquisição e a investigação sangrenta do Santo Officio!!

E ao lado d'ella, tambem de joelhos, de loura cabelleira a cobrir-lhe os hombros, uma creança branca, loura, rosada, tres côres dispersas por uma cabeça gentil... as mãosinhas súpplices, como as da mãe, os olhos levantados e meigos, a bôcca a pedir beijos, e nos labios, a tremer, um pedido de morte para homens, mulheres e creanças, que não rezem á mesma imagem que está alli pendurada, illuminada por uma lampada, a balouçar-se...

Quem espreitasse este quadro e não soubesse o objectivo d'aquella prece, que idéa cariciosa abrigaria no cerebro?!

E era n'aquella attitude tão singella, tão meiga, que estava a formar-se a pagina mais triste da historia portugueza! Era n'aquella piedade infantil que estava a gerar-se a furia fanatica e bestial do rei que estabeleceu a Inquisição em Portugal, que destruiu milhares de vidas, que perseguiu milhões de consciencias, que atrazou seculos a obra da civilisação!

Pobres creaturas, essas duas imperfeitas, que se moviam a um aceno de dois confessores hypocritas e brutaes! E era sobre tanta ignorancia, ou innocencia, que pairava a aza negra da reacção, todo um passado de barbaria, todo um futuro de selvajaria... Era sobre essas duas frontes illuminadas de graça e de placidez que todo o poder rancoroso de Castella e toda a intriga sordida de Roma esvoaçavam impertinentemente!

Labios feitos para beijos, mordiam, rezando, no amor e na paz de tantas familias!...

O coração da mulher é cera molle na mão do homem ardiloso e traicoeiro — é como o coração das creanças na mão dos seus educadores. Mas a mulher é um elemento perturbador de effeitos immediatos, e a creança é um ser dominado, e a mulher uma creança que domina.

A influencia dos frades no espirito do pequeno principe só chegava a el-rei, por intermedio de sua mulher.

Uma grande creança é a creança mais perigosa!

A rainha de dia e de noite envenenava com a respiração das suas rezas o espirito de seu marido!

Em cada sorriso, e em cada beijo lhe transmittia um pedacinho de veneno.

E' tão difficil dizer — não — á mulher que se ama!

A mulher que nos enlaça em seus braços, envolve-nos nas suas crenças, arrasta-nos no seu caminho, abysma-nos nos seus erros!... D. Manuel sorria-se do exaggerado beaterio de sua esposa, explicava-o depois, passava mesmo a desculpal-o, e, porfim, transigia, e adoptava-o. A rainha para el-rei era um principe infante, já de corôa na fronte... participava da sua auctoridade e do seu poder! Era ella que se sentava a seu lado, no throno, era ella que representava a alliança de Castella, era ella que gerava os filhos no seio... Como homem, e como rei, tinha de a respeitar...

Depois o povo era outra creança, como o principe e como a rainha. Elle rezava com fé, elle blasphema va sem saber o que fazia, elle reclamava o que não era justo!

Ora, D. Manuel não era rei de Antonio Carneiro, nem de meia duzia de philosophos, que andavam planeando divisões da Egreja; era rei d'essa rainha, d'esse principe e d'esse povo!...

Além de que a difficuldade estava em se conhecer quem tinha razão.

As grandes nações sabiam muito, mas, afinal, estavam fazendo exactamente o mesmo que a mulher e a creança reclamavam!...

Quando el-rei se sentia prestes a succumbir, chamava em seu soccorro o seu secretario de Estado.

E Antonio Carneiro não se fazia esperar.

A's vezes era a rainha que ia ter com o ministro.

— Antonio Carneiro, dizia ella, para quando reserva el-rei a salvação do catholicismo?

— Para quando o catholicismo não escravisar o Estado á Egreja. Ha dois feudalismos, que é indispensavel extinguir — o dos nobres, que el-rei D. João II esmagou — e o dos frades, que el-rei, meu senhor, ha de esmagar com a ponteira do seu bastão ou com as armas do seu sceptro.

— Quero fazer-te um pedido, Antonio Carneiro.

— Ordene, senhora minha.

— Sê meu amigo...

— Que mór respeito vos devo, senhora, que vos não tenha pago, por affecto e por dever?

— Não me ajudas... Tens por má a minha empresa?...

— Quem vol-o disse? Sois a primeira dama do reino em prendas de coração.

— Não me julgas má?

— Sois a santa da minha devoção.

— Sou má esposa?

— Não a teve el-rei superior...

— E mãe?

— Ganhaes em carinho, o que talvez perdeis em condescendencia.

— Queres dizer que perco meu filho com afagos e cedencias?

— Não, senhora minha — vós não cedeis — fazeis mais — identificaes-vos com elle. E' o vosso êrro; não educaes vosso filho, submetteis-vos a elle. Bem sei que o meu principe será o vosso rei, quando o sr. D. Manuel descançar da tarefa de reinar, mas por agora sois vós a rainha d'elle — deveis governal-o.

— E queres-me mal por tudo isto?

— Que me confundis com tão amaveis receios! Não é para condemnar os extremos do vosso coração de mãe que assim vos falo; é só para vos advertir de que o joven principe ainda não tem responsabilidade nas palavras que diz...

— Não acreditas em revelações?...

— Sim, acredito — nas boas, que veem de Deus, e não nas outras que veem de interesses inconfessaveis...

— Suppões, então, que alguem segrede ao principe?...

— Sem dúvida. Inimigos de sua alteza, sem escrupulos e com grande traça e engenho, inspiram no filho o protesto contra o procedimento do pae...

— E por que o dizes? Mover el-rei a mudar de vistas e procedimentos, no intuito de lhe salvar o nome, o reino e a alma, não é de inimigos — é de partidarios leaes.

— Serei, pois, se isso vos apraz, o conselheiro desleal da corôa...

— Não digo isso, Antonio Carneiro, mas as intenções d'esses, que condemnas, poderão ser tão boas como as tuas.

— Permitti-me a vaidade. Fala por mim a lista de serviços prestados aos negocios do Estado e a coragem com que tenho affrontado os murmurios da côrte. Nunca por meus conselhos el-rei se perdeu, e até por elles se tem salvo de liames de intrigas e de confessadas traições.

— Não me envolves n'esse empenho?...

— Não, senhora minha, mas é certo que de boa fé auxiliarieis o que tendes condemnado, se tivesseis no coração os olhos que tendes no entendimento...

— Ser contra mouros e judeus é ser contra meu rei e senhor?

— Em regra, não; como em regra não é ser contra el-rei pedir cargos e prebendas exclusivamente para elles. Defender el-rei é deixal-o tolerar tudo que aproveita ao bem do paiz — homens, trabalhos, riquezas, e paz

no reino, para que elle possa melhor e mais rijamente conquistar e civilisar as terras do gentio. Não pode a attenção d'el-rei dividir-se por tal forma pelas questões de religião, de raça e de territorio. Precisa o reino de dilatar o espaço das conquistas, e o throno o numero de subditos e vassallos. A corôa de Portugal, em nome do rei e de Deus, submette, mas não extingue. A consciencia que se não revolta é como a terra da conquista que se submette. Aproveita-se-lhe, na paz, a gente e os fructos!...

— Entendes, pois, que a missão de D. Manuel é apenas a de armar guerreiros para as conquistas d'além mar, deixando á sôlta a heresia e a blasphemia?

— A que chamaes á sôlta?

— Quero dizer — sem tribunal que julgue, sem cadafalso que castigue?

— Olhae, senhora, para os reinos de Hespanha, onde o fogo alastra, devorando infieis, e onde os infieis resurgem das proprias cinzas. Castella sopra o fogo da heresia para o apagar, e ainda mais o inflamma.

— Mas ha de vencer um dia.

— Ou ser vencida...

— Será essa então a vontade de Deus!

— Quem vos disse, senhora, que a vontade de Deus é agora pela lucta?

— A inspiração revelada nos labios do principe meu filho...

— Chamaes inspiração do Céo ao écho das palavras de um confessor, que o embaixador de Roma vos indicou?

— Sempre essa desconfiança, Antonio Carneiro!... Que julgas de mim? Serei por acaso uma creança que não pense nem comprehenda o que é dever de uma mãe e de uma rainha?

— Perguntaes para que vos responda, ou para que me cale?

— Consulto-te como a um amigo d'el-rei.

— N'esse caso, dir-vos-hei, senhora, que sois a mais bondosa das mulheres e a mais perigosa das rainhas... Conspiraes contra vosso rei e senhor, com mais tenacidade e energia, do que poderia fazel-o o marrano mais perseguido.

— Antonio Carneiro...

— Se quereis que me cale, melhor me irá o silencio que a franqueza...

— Fala, pois...

— Sois um perigo para a corôa, senhora minha, que tendes na conspiração contra a vontade de el-rei taes dotes physicos e moraes, que vos fazem invencivel.

— Não queres que me intrometta nos negocios do Estado?

— Francamente, francamente, achava isso preferivel, por vós e por meu senhor.

— Mas, quando uma mulher julga mal encaminhado o rei a que pertence e ama, não será seu dever aconselhal-o?...

— Collocaes-me n'uma situação difficil. Coisas ha que se não podem dizer... sois extremamente bondosa e eu talvez me animasse... as responsabilidades são de el-rei... deixae-o com ellas... As rainhas, que o não são, como foi D. Izabel de Castella, que Deus haja, teem junto dos soberanos uma missão mais suave... Vós, por exemplo, deveis ser a moderadora das resoluções varonis d'el-rei. A administração da justiça que incumbe a el-rei, é das tarefas mais penosas. O prestigio do seu nome o força a violencias inflexiveis... É n'essas circumstancias que a rainha pode influir, não para excitar, mas para moderar a acção do governo. O contrário é que se não percebe. Nada ha peor para o desprestigio d'um rei do que a fama de que elle se acha coacto por influencias extranhas. O poder pessoal do sr. D. Manuel tem de ostentar-se livre de pressões, ou de conselhos. O poder real, que a turba julga infallivel, não pode ser attribuido a influencias secretas. Tomae o exemplo, senhora, que, sendo eu secretario de Estado, converto o meu conselho em iniciativa real, que nada faço senão em virtude da vontade d'el-rei. De mim se murmura, mas não porque auctorise taes murmurios. Cuidae em vós, senhora, e em vosso filho; não vos preoccupeis demasiado com os negocios do Estado. Se um dia houverdes a regencia do reino, do vosso lado estarei, afastando extranhas influencias. O governo de um reino tem melhor monção, mesmo com os êrros do poder real, que com as correcções dos seus servidores.

— Pois se eu intervenho não é porque d'isso tenha vontade, mas porque me arreceio das distracções de el-rei!

— Bem vêdes, senhora, que os actos d'el-rei não são espontaneos; resultam do exame constante de mil factos e de mil circumstancias. Que conheceis vós dos pormenores diplomaticos entre a vossa côrte e a de Hespanha e a de Roma? Lêdes, por acaso, a correspondencia trocada entre os diversos embaixadores? Ouvis o vosso confessor, convenho, mas o vosso confessor nem merece a confiança d'el-rei nem defende os interesses do reino. Está bem com Deus, talvez; mas com Deus está bem toda a gente, principalmente os pobres de espirito.

— Queres dizer que é dementada a Europa e que só Portugal pensa ajuizadamente?

— Os governos da Europa são confiados a homens, e todos os homens estão sujeitos a êrro. Impressiona-vos a maioria? O grande numero não quer dizer a verdade. Olhae para o passado! que de unanimidades a sustentar os êrros mais graves!...

— Antonio Carneiro, as mulheres não sabem discutir; mas presentem

grandes desastres e cataclismos. Tambem as pedras não discutem, nem sentem, e ellas escurecem quando o máu tempo se approxima... O meu coração diz que el-rei se perde, que se perde o reino, se não purificarmos a fé, castigando os que não acreditam em Jesus Christo e na religião de Roma. A felicidade que tem bafejado Portugal, que o tem levado á descoberta dos mares e continentes, não é mais que solicitação de Deus para que castiguemos os seus inimigos. Pois acreditas, Antonio Carneiro, que não exista Deus?

— Senhora, confundis-me com taes perguntas! Que não exista Deus?... Julgaes, por acaso, que os mouros e os judeus o não reconhecem?... Quasi me obrigaes a dizer coisas que parecem heresias! Sabeis quanto sou catholico, mas porque o somos assim, crentes fervorosos, havemos de exterminar os que vêem Deus através d'outras religiões?... Como perdoareis, senhora, aos animaes — que são atheus? — se esse nome cabe ás creaturas que não seguem a nossa religião? E comtudo elles vivem, e não crêem com a nossa fé, affirmam, com a propria existencia, as maravilhas da Creação...

— Quantas vezes eu tremo por el-rei, por mim e por meu filho? Já que as condições do nosso nascimento nos fizeram dirigentes e responsaveis, como havemos de ser absolvidos do peccado grave de tolerar que se affirme como verdade o que temos por mentira?! Tenho medo, Antonio Carneiro, que sobre a cabeça d'el-rei, meu muito amado, e de meu filho, a minha vida, caia castigo do Céo, se não esmagarmos os infieis.

— E julgaes assim agradar a Deus? Não vos lembraes que entre essa horda de perseguidos ha amores, ha maridos, ha filhas que não teem um palmo de terra amiga que lhes seja berço e sepultura?

— Tambem as feras teem ninhos nos seus covis, e vós, homens superiores e fortes, lhes daes caça a toda a hora!...

— Que quereis de mim, senhora? disse Antonio Carneiro, buscando pretexto para terminar o debate, que quereis de mim?

— Quero que, pelo amor que tens a teu rei e ao reino, movas meu senhor a levantar Portugal ao nivel das nações catholicas que ferem de morte a impiedade e a blasphemia. Quero que faças causa commum com o partido da Santa Sé...

— Quereis uma resposta clara, precisa, de portuguez leal?

— Sim...

— Pois bem: Senhora, emquanto el-rei D. Manuel viver, e eu fôr seu conselheiro, a Inquisição não entrará em Portugal...

— E' a vossa ultima palavra?

— E'.

— E, se eu tentar?

— Resistir-vos-hei...

— E se eu vencer?

— Retirar-me-hei da côrte e voltarei a fazer villancetes para entreter o espirito, emquanto vós haveis de lacerar o coração de pomba, vendo sacrificar todos os dias milhares de existencias. O remorso será o vosso futuro; eu dormirei com a consciencia tranquilla. Quando morrer terei a graça de Deus, que os remorsos, por defender a fé, são obra do demonio, de que Deus me compensará...

E estes colloquios eram frequentes, o que denunciava a grande preoccupação d'aquelle espirito trabalhando por influencias dominicanas.

Com el-rei, a rainha constantemente abordava o assumpto, no meio das palavras mais carinhosas.

Era uma idéa fixa esta de attribuir á sua vida a unica missão de perseguir infieis! Se, em cada beijo que dava a seu filho, lhe insufflava idéas de intolerancia, em cada caricia feita a seu marido envolvia uma súpplica de castigo para a pobre gente perseguida!

Mal el-rei lhe beijava as mãos, logo ella acudia, com um sorriso tentador:

— Meu senhor, quando vos resolveis a separar o trigo do joio?

— Quando o joio fôr mais que o trigo.

— Gracejaes com os perigos, como se não devesseis temel-os...

— Quem vos fala de perigos, quando a melhor estrella vae guiando a náu do Estado!

— De que vos servem os novos mares e as novas terras, se não lograes a conquista do Céo?

— Mares e terras são o mundo dos reis; o Céo tenho eu na meiguice do vosso olhar... Pois a meu lado não vêdes o Céo na terra.

— Tenho medo de que Deus dê por isso, e nos roube esta felicidade...

— Por que ha de elle ser ingrato, ou injusto?

— Porque o não merecemos...

— Pois nós não o servimos, levando o imperio da Cruz aos povos selvagens, ás terras sem altares?

— O que por lá accrescentaes, por aqui diminuis... E vale mais vencer um crente contrário á nossa egreja, que trazer á Egreja os barbaros que não a conhecem.

Quereis que, de novo, expulse do reino essa gente, que, para o não deixar, correu a banhar a fronte na pia baptismal?

— Sem fé...

— Quem o affirma? ou melhor como se aquilata?

Que os remorsos para defender a fé são obra do demonio

— Sendo sinceros, são de apostasia facil; não o sendo, de hypocrisia perigosa.

— Pois ahi tens a difficuldade...

— Que farieis vós, se reinasseis em meu logar?

— Pela vossa ventura, e pelo futuro do nosso principe, a todos castigava e convertia.

— A' moda de Fernando V?

— Por que não?

— Porque sou Manuel I.

— O ultimo em negocios de fé.

— E talvez ainda o primeiro rei catholico.

— Ao parecer de Antonio Carneiro?...

— A quem me confesso, e, por isso, não é meu confessor!

— Bem sabeis que os meus confidentes merecem a vossa confiança...

— Nunca vos contrariei, senhora; pelo contrário, tenho deixado á vossa escolha, senão á de el-rei Fernando V, a direcção espiritual da rainha e do principe...

— E tendes tido em troca a mais sincera alliança do reino de Castella...

— Troca de favores e interesses...

— Sem sacrificio da vossa parte...

— Não contando com as ordenações de expulsão, de que me arrependo...

— Foi vossa a culpa. Em questões de religião não ha meios termos. A desordem que resultou da perseguição foi obra da fraqueza com que a iniciastes.

— Ainda querieis mais? Lembrae-vos de que até reduzi ao porto de Lisboa os portos de embarque, que eu primeiramente estabeleci para a emigração... Bem mal pago foi esse esfôrço! Por transigir com o povo e com a côrte dei azo ás violencias que mancharam o meu governo. O que presenciou e soffreu Lisboa foi licção que me ha de aproveitar...

— Quereis, então, resistir á corrente do mundo?

— Se é má, se me arrasta, se ameaça subverter-me, como não hei de resistir-lhe?...

— Que governeis em vossa casa, concedo, Deus vos tomará contas d'essa liberdade, mas que deis guarida aos criminosos fugitivos, eis o vosso grande êrro.

— Não falemos n'isso; que me sobram aggravos vindos d'além das fronteiras...

— De que vos queixaes?

— Da ousadia com que me é constantemente reclamada a entrega de portuguezes perseguidos em terras de Hespanha.

— E que não entregaes, apesar dos escandalos com que elles abusam da vossa piedade, ou fraqueza.

— Dizeis bem — fraqueza — que, não sabendo resistir ao conselho sabio de Antonio Carneiro, para não contrariar meu sogro, recorro á traição contra meus subditos e os relaxo cobardemente ao poder da Hespanha...

— Ainda lamentaes a entrega de Jacob?

— Ainda, sim; o que fiz não é de rei, nem de fidalgo. Não me atrevi a assignar o tratado de extradição, e atirei ás armadilhas dos esbirros, quem devia julgar-se bem refugiado em terras de Portugal.

— Era talvez melhor auctorisar a reincidencia, applaudir a ousadia com que o judaismo andava insultando christãos de melhor quilate.

— Dizei antes — espiões dos meus *desleaes* alliados...

— E' o vosso pesadelo! Tendes por espias, quantos defendem os interesses do Céo! E ainda pensaes em defender o judeu?

— Ainda, sim. E que o diga Philippe II, se não tenho reclamado contra ameaças de torturas, feitas a quem só deve declarações espontaneas.

— Imaginae Jacob livre, e em seguida internado... Pensae n'isso, e dizei-me, se Deus terá que agradecer-vos a impunidade do hereje e o estimulo do rebelde! Acreditae, meu senhor, que insisto menos por mim, que por vós, a quem muito amo e prezo...

— Estou tranquillo.

— E nosso filho? Pois não receaes que caia sobre a cabeça do innocente a maldição que provocamos? Eu sou mãe, meu senhor, e tenho medo de que a vossa tolerancia prepare a mais severa excommunhão para o herdeiro do vosso nome e do vosso poder.

— Faço e prometto fazer o mais que posso, e irei até onde as circumstancias me arrastarem. Ir ao encontro dos acontecimentos não vou. Tenho, talvez, os vossos receios, mas falta-me talvez o vosso odio.

— Julgaes-me então escrava de paixões ruins?

— Não disse ruins, mas posso dizer paixões.

— Que teem o fogo de Deus!

— Mas são crueis como os conselhos do inferno.

— Credo! que heresia!

E a rainha persignou-se rapidamente.

— Ora, dizei-me, senhora, vós que sois tão boa e tão religiosa, tão christã e amoravel, como conciliaes as branduras do vosso coração com a crueldade do vosso conselho?

— Não será a justiça obra de Deus? E' não serão bons os que castigam os máus?

— Falaes assim porque imaginaes que a Inquisição converte, e não sabeis que ella faz a Egreja odiada! Que pensaes da Inquisição? Já vistes como ella opera? Sabeis a quem ella condemna? Pois, se vós, senhora, visseis martyrisar um animal de carga, havieis de pedir castigo para o algoz, e applaudirieis o martyrio se elle fôsse recahir sobre um ignorante, um inconsciente, que herdou uma crença, e n'ella respeita a de seus paes e avós?

— Sabeis como eu considero os infieis? Como empestados, cujo mal se communica. Pela minha vida vos juro, que se meu proprio filho judaizasse, contra elle proprio reclamaria justiça. Era signal de que Deus o abandonara e Satanaz lhe comprara ou roubara a alma. Sim, tenho dó, muito dó de mouros e judeus, como tenho dos tristes que Deus dementou. Para taes doentes, que não passam de possessos, é que a Inquisição tem carceres que isolam...

— E as torturas?

— Não fazem o mesmo os physicos e os cirurgiões? Deixareis morrer de maleitas uma creatura só para não a fazer soffrer com vesicatorios? Deixareis os gafos a contaminar um rebanho? Não sei o que é a Inquisição? Sei, sim. E, quando sei o que ella faz, choro tanto a victima como o algoz.

— O que fizeram do vosso coração, senhora?

— Lembrae-vos de Torquemada, um santo! Quanto elle soffreu para fazer justiça e defender Nosso Senhor?

— Já vos comparaes com esse frade?

— Oh! pudesse eu comparar-me, que seria mais digna de vos.

Depois, mudando de tom:

— Meu amado senhor! lembraes-vos dos primeiros dias do nosso amor? Dos primeiros beijos que trocámos? D'aquelles momentos em que confundimos as nossas almas, enlaçadas por vontade de Deus, e sagradas aos pés do altar? Lembraes-vos de tudo isso, meu senhor?

— Lembro sim, minha querida Maria; tinheis, então, a unica preoccupação do nosso amor, e só estudaveis a maneira de ser feliz n'este mundo, a meu lado. Era então o melhor o meu conselho, e todos os vossos anhelos eram pelo perdão e pela paz!

— Dae-me, então, um beijo como penhor da nossa constancia e fidelidade.

E extendeu a fronte para el-rei, que a beijou meigamente.

— Bem, disse ella, sorrindo, quereis dar-me uma nova prova do vosso amor, uma prova de que o tempo não arrefeceu os nossos corações?

— Quero, dizei...

— Enviae, então, a Roma, homem da vossa confiança...

— Quereis mais honras para as nossas egrejas? mais imagens para a vossa capella?

— Não; quero que soliciteis do Santo Padre uma bulla com que possaes estabelecer em Portugal...

— Novos privilegios pora a Ordem de Christo?

— Não — o tribunal da Fé.

— E só n'isso pensaes, rainha, esposa e mãe!

— Sim. Rainha d'um grande povo, esposa do melhor dos reis, mãe do principe mais catholico — só penso na felicidade de todos tres, n'esta vida cheia de sacrificios e na outra cheia de glorias.

— Pois sim, pensaremos n'isso, disse el-rei, afagando-a. Tendes muito tempo para cuidar n'esses negocios... Por agora, deixae-vos amar pelo povo, pelo rei e pelo principe. Não vos cabem responsabilidades, e contentae-vos com isso...

Mas a rainha não disistia das suas instancias, e, como conhecia bem el-rei, deixava de pedir com tanta insistencia, e apenas o entretinha com os seus afagos e recordações, e, quando D. Manuel, já esquecido dos grandes problemas do Estado, reclinava a cabeça no regaço de sua mulher, ella, penteando-lhe com os dedos a macia cabelleira, ia beijando-o na testa, e ao ouvido segredando:

— Meu querido senhor, pelo nosso amor, purificae o reino de mouros e judeus!... Amar-vos-hei mais, muito mais!...

E D. Manuel, que n'aquelles momentos facilmente se esquecia do seu conselheiro prudente, pagava á rainha com beijos aquelles beijos, dizendo-lhe tambem, em voz muito baixa, esta promessa captivante:

— Pois sim, pois sim. Farei o que quizerdes, a pouco e pouco, disfarçadamente; quero estar de bem com Deus e comvosco...

— Meu rei, meu gentil D. Manuel, como eu vos adoro!...

A'quella hora, por um vago presentimento, em todos os recantos de Lisboa, os christãos-novos murmuravam, commentando os boatos que corriam:

— Esperam-se novas ordenações restringindo os nossos direitos, diziam uns.

— Já os dominicanos voltaram ao mosteiro de S. Domingos, diziam outros.

— Conspira-se em S. Roque contra a nossa segurança! diziam todos.

— O que é feito de Antonio Carneiro? dizia um frade a um secular.

— Foi roubado da Alcáçova pela alma do aragonez...

— Como se chama el-rei? perguntava um velho judeu a um christão-novo.

— D. Maria Manuel, respondia este, mordazmente.

E tudo isto se dizia, porque na praça pública se escutavam os beijos e as súpplicas, com que a rainha acariciava o monarcha nos salões da Alcáçova!

XXIII

O coração da mulher

Quando não rezava com seu filho, ou não discutia com o secretario do Estado, ou não afagava el-rei, a rainha entretinha-se com os fidalgos e frades da sua côrte privada.

Principalmente com as fidalgas e com os religiosos, que eram os mais interessados no programma que D. Manuel não estava disposto a acceitar.

Os serões eram assembléas que estavam em permanente conspiração. Por entre as maiores frivolidades, de todas essas frioleiras, que são assumpto obrigado nas conversações de mulheres fátuas e pretenciosas, surgiam, a miude, planos e estratagemas destinados a submetter a vontade real á politica reaccionaria, ou clerical, da Hespanha.

As mulheres casadas promettiam actuar sobre os maridos e os filhos, com a mesma boa vontade com que a rainha procedia.

Era assim que, á chegada d'el-rei, todos os debates terminavam, e se passava rapidamente das grandes intrigas palacianas para os innocentes epigrammas poeticos.

D. Manuel presentia toda essa guerra latente, e, quando as suas futeis distracções o não deixavam comprehender as dissimulações com que o acolhiam, Antonio Carneiro se encarregava de o advertir e acautelar.

A resistencia d'el-rei não deve ser attribuida ao seu espirito reformador, nem á liberdade da sua consciencia, que elle era tão religioso como sua mulher, mas ao seu orgulho de rei.

A pressão do extrangeiro é que o contrariava e lhe fortificava o espirito de contradicção.

Se na Europa não houvesse já tribunaes do Santo Officio, cujo estabelecimento a diplomacia lhe estava impondo, elle sentiria muito orgulho em ser rei do paiz que tivesse tomado tão triste iniciativa... O secretario conhecia-lhe este fraco, e muitas vezes o excitava contra a intriga de Cas-

tella, lembrando-lhe que lhe cumpria governar o reino sem pressão de extranhos.

N'esses momentos, talvez quando o seu espirito começava a vacillar, a ponto de repetir argumentos que a rainha produzira entre caricias, Antonio Carneiro fazia-lhe vibrar a sua corda mais sensivel!

— Sabeis, meu senhor, o que o povo anda por ahi dizendo, chocarreiramente, por entre sorrisos desdenhosos?...

— Que diz elle?

— Que o reino se avigorou no tempo do sr. D. João II, que nunca se deixou mover, nem por conselho d'outros reis, nem por súpplicas da sua rainha...

— Por isso el-rei D. João fomentou resistencias entre os nobres da sua côrte, e viveu atormentado...

— Resistencias, sim, que sua alteza soube vencer, para vos deixar o poder desembaraçadamente da rebeldia dos castellões. N'essa lucta porfiada em que elle foi sempre vencedor, havia o profundo respeito pelos direitos da sua magistratura. Castigou as ambições insoffridas dos fidalgos orgulhosos, e manteve a independencia do poder real e da vontade do reino.

— E que tenho eu feito?

— Vós, meu senhor, que encontrastes o caminho desbravado, e que não sentis necessidade de erguer cadafalsos ao duque de Bragança, tereis estragado a obra do grande principe, se consentirdes que em vossa propria casa, se conspire contra vossa opinião e vontade...

— Se o perigo augmentar, eu saberei cumprir o meu dever. Felizmente ninguem attenta contra o meu poder... Que o diga o duque D. Jayme, que nem sequer me recorda a morte de seu pae!...

— Digo-vos, meu senhor, que a rebeldia é como as ondas do mar: vem uma, e outra, e outra, que não trepam de mais no areal, como se estivesse limitado o seu fluxo e refluxo; mas, de repente, exactamente porque vieram diversas que não avançaram, alaga-nos os pés, uma alterosa e rugidora... Contae, meu senhor, as pequenas ondas da resistencia mansa, e esperae a da revolta, que pode alagar-vos.

— Tentaes metter-me medo, como se eu fôsse uma creança...

— Mostro-vos o perigo. Eis tudo.

— Sonhaes conspirações! Será a rainha chefe d'esse movimento de revolta?

— Talvez; sem que ella o presinta!

— E sub-chefe meu filho, não é assim?

— Julgaes de pouca monta pedidos de mulheres e tendencias de crean-

ças? Oxalá que o futuro não vos traga surpresas lamentaveis. Perguntae a vossa irmã sr.ª D. Leonor, se algum dia ella foi escutada no conselho d'Estado... O forte rei, em cuja cabeça se firmava a corôa de Portugal, procedia por seu proprio alvedrio; quando dava a morte mettia um punhal no peito d'um e a corôa na fronte de outro, que a bondosa rainha tanto amava e defendia!

— Julgas, por acaso, Antonio Carneiro, que, se algum d'esses fidalgos que me rodeiam, em vez de pedir, ameaçasse, eu lhe supportaria o atrevimento?

— E se pudesseis evitar a violencia... Para um rei affirmar a sua vontade não necessita de ser algoz, basta que seja firme e energico. Sabeis, senhor, o que já se diz pelos recantos da Alcáçova? Que a alcôva manda mais que o throno...

— Tendes ouvido isso?...

— Por minha fé.

— E quem são esses?

— Eu os vigio sem os denunciar. Mas de que serve vigial-os, se trazem a espada embainhada e vós não vos defendeis das linguas intrigantes?

— Ouça-os eu, e, se lhes não cortar as cabeças no cadafalso erguido por meu cunhado, posso mui bem cortar-lhes as linguas viperinas com a espada de D. Manuel.

— Se os ouvisseis! Julgarieis que elles vos lisonjeavam e que só queriam servir-vos o poder e a alma. Elles só dizem palavras mansas, e só fazem protestos de dedicação; mas é assim que põem em evidencia a vossa fraqueza e vos tornam antypathico á opinião popular. Falam pela bôcca innocente da rainha, minha senhora. O confessionario e o serão são as duas lareiras em que elles aquecem as suas esperanças partidarias! Apoderam-se de vós, affeiçoando aos interesses que defendem a esposa e o filho, que amaes. E murmuram e escrevem, dentro do reino e para fora d'elle, affirmando que hão de vencer-vos, porque não tendes nem opinião nem vontade proprias... Meu senhor, o povo a tudo prefere um rei forte, audacioso, independente.

— E o povo acha-me fraco?

— Pelo menos hesitante. No dia em que tiverdes um rasgo superior, que firme a vossa attitude contra as intrigas da côrte e os murmurios da praça pública, tereis do vosso lado fidalgos e plebeus, cavalleiros e peões, o clero e os seculares. A paz do vosso espirito está n'esse movimento de energia, que intimide os audaciosos e vos attraia os indecisos.

— E os feitos do meu reinado?

— Affirmam a vossa boa estrella, mas teem a rubrica dos grandes

capitães. Feito vosso, só vosso, que a Historia possa registar, por não vir do esfôrço ingente dos filhos do mestre d'Aviz, não será o descobrimento dos mares, nem o dominio dos novos continentes, mas a pacificação das consciencias e a paz e a ordem em todas as provincias do reino e da administração. Mettei na ordem fidalgos e frades e deixae que D. Manuel governe Portugal com toda a altivez e independencia. Amae a Hespanha, que já não é necessario batalhar contra ella, mas não consintaes, emquanto houver portuguezes que nos governem, que o que ella não logra por conquista, possa lograr por amor. Enviae a Hespanha vistosos embaixadores, enriquecei com os thesouros do oriente todos os papas de Roma, mas não consintaes que elles invadam Portugal com as fôrças do seu odio e os horrores dos seus martyrios. Ponde, senhor, a vossa cabeça gentil na galeria dos grandes homens do seculo XVI. Já vêdes que não vos quebranto, nem intimido, e que faço justiça á vossa energia de homem e de rei!

D. Manuel ouvia o seu leal amigo, com tão fixa attenção, que, quando Antonio Carneiro acabou de falar, ainda ficou a meditar nas suas ultimas palavras.

Depois, ergueu-se, bateu no hombro do secretario, como a prometter-lhe o que a elle lhe pedira, e recolheu-se aos seus aposentos, vagarosamente, de cabeça pendida, e com o dedo indicador entre os dentes...

Antonio Carneiro seguiu-o com os olhos, e ficou pensando...

— Está curado por vinte e quatro horas...

El-rei penetrou sósinho no seu opulento vestiario, collocou-se na frente d'um grande espelho, de larga moldura entalhada em ebano marchetado, e fixou a propria imagem.

Ergueu, então, a cabeça, sacudindo o cabello, adeantou a perna direita, arqueou o peito no seu gibão de velludo, desembainhou a sua pesada lâmina, cuja ponta firmou na alcatifa e em cujos copos, em cruz de pedrarias, pousou a mão direita, descançou a esquerda no cinto escuro, mas garrido, e, dirigindo-se a si proprio, proclamou:

— Pela cruz da ordem de Christo, juro e prometto que nem os reis das Hespanhas, nem os papas de Roma, nem os fidalgos de minha côrte, nem os frades de todos os mosteiros, me obrigarão a transigir com as pretenções de quem não tem direito a governar Portugal! O meu poder será energico e independente.

— Meu senhor, meu senhor...

— O que é? disse el-rei voltando-se rapidamente.

Fora da porta continuou a voz d'um pagem:

— Sua alteza, a rainha, minha senhora, pede a vossa alteza vos digneis visital-a nos seus aposentos antes de vos recolherdes.

— Dize a sua alteza que eu vou.

El-rei, dirigindo-se aos aposentos da rainha, passou ao fundo do salão, onde ainda se achava Antonio Carneiro.

Este, ao ver seu amo, em direcção opposta á que houvera tomado, continuou a pensar, e rectificou:

— Temos recahida em menos de vinte e quatro horas!...

XXIV

Intrigas e odios

Antonio Carneiro sentia-se, ás vezes, fatigado d'estas luctas constantes com a volubilidade real.

Recorria então o secretario ao conselho dos ministros de D. Manuel, e a elles fazia os seus queixumes, pedindo-lhes que o auxiliassem na porfia contra as conspirações da rainha e do nuncio.

Entre esses, os mais dedicados a el-rei eram o conde de Villa Nova, D. Alvaro da Costa, e o escrivão da puridade D. Antonio de Noronha, mais tarde conde de Linhares.

Estes homens eram tão leaes á corôa e á pessoa de D. Manuel, que este, no seu testamento, não se esqueceu de os recommendar a seu filho, para que os deixasse continuar ao serviço do Estado.

E' pelo menos isto o que consta do *Elogio de D. João III,* de Castilho, e das *Memorias,* de Trigoso, sobre os escrivães da puridade e sobre os secretarios dos reis.

Tinha a rainha que luctar contra este synhedrio, que, em sua teimosia e eloquencia, a todos os momentos conspirava a favor da politica de tolerancia a que D. Manuel se deixara arrastar, depois dos actos imprudentes que mancharam o principio do seu reinado.

Um dia, Antonio Carneiro convidou esses amigos para lhes expôr a gravidade da situação.

— Cança-me demasiado este batalhar infructifero contra a intriga de uma mulher e de milhares de frades. Mal posso attentar nos negocios da Africa, e do Oriente! tantos os incidentes que resultam, na côrte, d'esta preoccupação doentia de sua alteza! E' indispensavel, meus senhores, que nos decidamos a defender el-rei d'estes assaltos femininos e fradescos.

— Em frequentes conversações com el rei, disse D. Alvaro, não tenho poupado conselhos e prophecias, conselhos prudentes e prophecias bem fundadas. Se fôr necessario, para declinar responsabilidades que me não

agradam, ou para convencer el-rei da sinceridade do meu proposito, não hesitarei em despedir-me do serviço do meu cargo.

— Mal farieis a el-rei e ao reino com a vossa fuga, acudiu D. Antonio de Noronha. Ficariam mais á vontade os partidarios da rainha...

— Sem dúvida, accrescentou Antonio Carneiro, abandonar a lucta seria sacrificar o nosso trabalho de alguns annos. El-rei ficaria á disposição da rainha, e Luiz da Silveira mais á vontade educaria o principe nos protestos contra seu pae. É indispensavel que nos unamos e nos deixemos em o nosso posto.

— Que receaes de Luiz da Silveira? perguntou o conde de Villa Nova.

— Receio, disse o escrivão da puridade, que, por leviano em seus conselhos, o secreto conselheiro do principe D. João ainda venha a merecer o desterro, por iniciativa de D. Manuel, e que nós devemos preparar com a nossa traça bem delicada.

— Não o julgo perigoso, ponderou o secretario, ou tanto quanto o pequeno D. Antonio d'Athaide. Quem pode já dizer o que será o principe?

— Um fanatico perigoso, sem entendimento e sem affectos. É d'aquelle estofo que se fazem os habitos de Torquemada e de Pedro Arbués... disse, de máu humor, o conde de Villa Nova.

— Para inutilisar a influencia da gente fresca que anda na Alcáçova a semear futuro, conto com meu filho, que ha de herdar-me os intuitos e a teimosia.

— E tendes razão, Antonio Carneiro, os talentos do vosso herdeiro dão-nos esperanças de que a nossa obra ha de ter continuadores.

— Lisonjeaes-me, escrivão, e podeis fazer-me vaidoso...

— Faço justiça; D. Pedro d'Alcáçova tem um grande futuro, e, se bem aproveitar os talentos que lhe illustrastes, fechará na mão a corôa de D João III.

— Não digo tanto... É mais difficil dominar um inepto, que um rei voluntarioso...

— Ahi vem el-rei, disse D. Alvaro da Costa. Aproveitemos a occasião e tratemos o doente.

El-rei vinha de aspecto alegre e, porque vestia mais garridamente que nos dias de conselho, revelava não vir disposto para os negocios do Estado.

— Que Deus vos salve, meus senhores... Folgo de encontrar-vos tão unidos e conversadores... Temos conspiração d'amigos? Adivinho o que estaveis dizendo: — que el-rei ha dois dias que não lê noticias da India, nem recebe lettras do seu embaixador em Roma. Descançae, que não tenho perdido o tempo. Agora mesmo, ao lado da rainha e aos pés do nuncio, acabo de liquidar meus peccados.

— Bem poucos devem ser, meu senhor, disse D. Antonio de Noronha, pois que tão a miude os liquidaes.

— E quando sejam alguns, gracejou o conde, não devem ser velhos, que lhes não deixaes tempo para tanto.

— Confesso-vos, meus senhores, que n'estes dias me sinto mais bem disposto. Consola-me o coração a piedade do Céo! E quantas vezes eu não a merecerei, por tão pouco cuidar n'elle?

— São tantos os negocios do reino, que não admira que vos não sóbre tempo para as coisas celestes, sublinhou o secretario de Estado, sorrindo maliciosamente.

— E que nos dizeis da penitencia? perguntou D. Alvaro.

— Que tão grande a achei, que para a cumprir preciso do vosso auxilio...

— Não dissestes que ajoelhastes ao lado da rainha, nossa senhora?

— Sim, meu querido conde, mas á rainha coube encargo não menos pesado e urgente.

— Dizei o vosso, meu senhor, que a vosso serviço estamos todos...

— Ainda bem que fôste o primeiro a offereceres-te, meu Antonio Carneiro. Deu-me sua eminencia a penitencia de copiar a bulla de Xisto IV, com a data 1478.

— Perdeu-se, meu senhor, o original.

— A rainha tem-n'a na memoria...

— Não lh'a dictou, decerto, a fallecida rainha Izabel, a quem esse pesadelo de Sua Santidade repugnou devéras.

— Confundis minha sogra, com Pedro d'Osma...

— Não fala a bulla de Xisto IV de conselho de theologos, nem temos em Portugal o primaz das Hespanhas...

— Mas, para começar, os meios indirectos poderiam attenuar...

— Está feita a experiencia na Peninsula, e deu o peor dos mallogros. Agora seria maior o desastre.

— Comvosco, senhores, ao leme do Estado?

— Comnosco peor seria — quem começa pela matança de duas mil creaturas, não se entretem já a refutar heresias, disse D. Alvaro.

— Nem o confessor de sua alteza a rainha se chama Fernando de Talavera, accrescentou o escrivão da puridade.

— Que grande alarido, meus senhores! Descancem... O meu confessor não marcou prazo para a penitencia... Ainda me faltam Miguel Murillo e João de S. Martinho.

— Pareceis-me hoje com a envergadura de Fernando V. Aventurae-vos á empresa, meu senhor — não vos faltam prelados e ecclesiasticos de

bons costumes e theologos ou canonistas de profissão. E' o bastante para exterminar herejes, apóstatas e seus fautores. Se vos não sentis, meu senhor, continuou o conde, com a paciencia de Vicente Ferrer para promover os triumphos do christianismo, podereis inventar um frei Affonso de Hojeda... E' facil encontral-o ahi por esses mosteiros...

— Já vejo, meus teimosos conselheiros, que nem em bullas quereis ouvir falar. Pois, eu tinha pensado que a de 1478 não estaria de todo má para uma conciliação com os elementos religiosos, que me rodeiam e atormentam...

— Bem vêdes que a difficuldade não está em vos aconselhar essa cópia, mas em reunir todas as emendas. Bem sabeis que o breve de 29 de janeiro de 1482 declarou errada essa bulla, por engano da dataria apostolica. Depois, temos a de 2 de agosto de 1483, que tambem foi feita com precipitação. E ainda tendes o breve de 1482, e depois outro breve, e ainda outra bulla, a emendarem-se constantemente — tudo por engano e precipitação. Ides ter muito trabalho de escripta, meu senhor...

— Bem se vê que sois escrivão, D. Antonio...

— Somos todos, disse o conde de Villa Nova, amigos dedicados de vossa alteza, e queremos afastar do reino quem recorde as sentenças de Arbués e as vinganças de Uranso. Estão em paz as terras do continente, onde domina o vosso nome. Tendes, por acaso, inveja das resistencias de Valencia, de Teruel e de Barcelona? Não ficastes satisfeito com a obediencia ás ordens de Innocencio VIII, que vos encheu de sombras o coração, que depois tentastes illuminar de novo com a provisão de 1497?... Lembrae-vos, senhor, que foi a mão de uma rainha que vos levou á violencia e ao remorso. Tomae cuidado com as mãos brancas das feiticeiras... Para reis da vossa esphera valem bem mais as mãos negras, grandes e feias dos homens que vos aconselham com seu juizo, tão dedicada e lealmente, como poderiam fazel-o com as suas espadas.

— E entendeis, pois, que não devo cumprir a penitencia que me impuzeram? Que dizes, conde de Villa Nova?

— Que tão grande peccado não pode remir as vossas pequenas faltas.

— E vós, D. Alvaro da Costa?

— Que melhor fôra não conquistar o Céo, que tel-o por tal preço.

— E vós, D. Antonio de Noronha?

— Que teria de me penitenciar com mór damno, se tal aleivosia vos aconselhasse.

— E tu, teimoso Antonio Carneiro?

— Que sim, que obedeçaes ao nuncio e me envieis em seguida á fogueira da Inquisição.

— Está bem. Já que assim o quereis, irei a S. Domingos remir com outras pesadas devoções o meu desrespeito pelo conselho da Egreja.

— Explicae melhor a Deus: pelo conselho da ordem de S. Domingos.

E el-rei afastou-se, emquanto os seus conselheiros se entr'olhavam, depois de lhe terem beijado a mão.

E, emquanto pela Africa e pela India o povo derramava o seu sangue, a côrte rastejava odiosa pelos degráus dos altares!

*

A rainha luctava, luctava, mas afinal era sempre vencida.

El-rei, aconselhado pelos seus ministros, modificou a opinião que a rainha lhe formara no seu espirito.

Diz Alexandre Herculano:

«Os clamores d'aquella raça proscripta foram emfim ouvidos. A ordenação pela qual se estatuira que nenhum christão-novo sahisse do reino sem permissão régia, e que lhes vedava venderem os bens de raiz, e a que os prohibia de converterem capitaes em lettras de cambio, tudo foi revogado!»

O illustre escriptor nota a boa fé dos desgraçados christãos-novos:

«Propensões, a bem dizer irresistiveis, levavam, portanto, assim os judeus portuguezes, como os hespanhoes, que tinham adoptado Portugal por patria, a adormecerem na cratera de um vulcão que talvez suppunham ia ser extincto, porque socegara depois de violenta erupção. Desprezando a liberdade que n'um impulso de tolerancia se lhes concedia, e, sacrificando, por medo, o futuro ás vantagens transitorias do presente, nenhuns, ou quasi nenhuns, sahiram do reino...

«Desde logo, porém, os indicios da malevolencia popular começaram a apparecer de novo em tentativas isoladas contra alguns d'elles, não obstante a severidade com que os magistrados tratavam de cohibir semelhantes manifestações.»

O sr. Alexandre Herculano, na sua boa vontade de defender el-rei D. Manuel, chega a dizer:

«Todavia, pode-se dizer que o periodo de 1507 até 1521, época da morte do sr. D. Manuel, foi comparativamente para os christãos-novos uma época de paz. A protecção dada pelo governo aos neophytos era efficaz, e esta protecção extendia se aos proprios refugiados das outras regiões da Peninsula.»

Cita o illustre escriptor um successo occorrido em 1515, que provou quão esclarecida politica predominava nos conselhos de D. Manuel.

Tudo quanto escreveu o sr. Alexandre Herculano do governo, ou do

conselho de D. Manuel, está bem; já não succede o mesmo com relação a D. Manuel. E tanto, que, referindo-se áquella mesma época, o solitario de Valle de Lobos, esquecido da boa vontade com que lisonjeara o rei afortunado, esquecido do tal periodo tranquillo de 1507 a 1521, escreveu logo em seguida: — «... Em regra geral, o clero, o fanatismo e a vingança alcançavam não só alimentar as idéas de perseguição entre o povo, mas tambem ir dispondo o ánimo de el-rei para voltar, com inesperada deslealdade, ao systema com que deshonrara os primeiros annos do seu reinado. Os effeitos d'estes esforços incessantes provam-nos a sua existencia. Os indicios de mudança no ánimo de el-rei começam a apparecer n'um alvará, expedido no mez de junho de 1512, pelo qual se prohibe a acceitação de novas querellas contra os implicados nos assassinios de 1506 e se mandam suspender os processos já começados.»

O sr. Alexandre Herculano, que tanto pretende defender el-rei D. Manuel, não póde deixar de fazer estas confissões, porque as encontrou documentadas no *Corpo Chronologico,* que existe no Archivo Nacional.

Fala o historiador na paz de 1507 a 1521, para nos convencer de que D. Manuel era propenso á tolerancia, e cita estes factos de 1510 a 1512. A verdade impõe-lhe a contradicção, com tanta violencia, que elle não pode deixar de alludir á trama de 1515.

Assistamos-lhe á penitencia.

«Este acto de misericordia podia, comtudo, ser calculado para se contrapôr ás concessões que, n'essa conjunctura, se faziam aos christãos-novos. Não assim a trama occulta que poucos tempos depois se urdiu. Apesar das garantias de tolerancia dadas pelas solemnes promessas de 1497, revalidadas em 1509, e prorogadas em 1512, á vista das quaes parecia não deverem os christãos-novos temer procedimento algum contra quaesquer actos occultos de judaismo, com os symptomas de novos impetos populares contra os christãos-novos, coincidia a resolução tomada por el-rei, de estabelecer em Portugal a Inquisição de Hespanha.»

Nem mais, nem menos. El-rei D. Manuel não se contentava com o que desejara Fernando V, contrariado por D. Izabel — uma inquisição d'ensaio, uma inquisição attenuada, que adoptasse meios indirectos, que formasse conselho de theologos e canonistas para refutar heresias, obra para vencer Osma e exaltar Talavera; não, senhores, el-rei queria em Portugal a Inquisição de Hespanha, com as suas fogueiras, carceres e torturas! Este rei D. Manuel, que era tão affeiçoado ás coisas da religião, quiz um tribunal da Fé, egual aos de Castella e Aragão!

A boa vontade com que o sr. Herculado procurou attenuar a fraqueza e velhacaria de D. Manuel, que, por todas as formas, ia resistindo á von-

tade do seu governo atilado e tolerante — é a todo o passo contrariada pela probidade do historiador. E, senão, vejamos:

«Tomada uma resolução definitiva, el rei escreveu ao Papa e a D. Miguel da Silva, então embaixador de Portugal em Roma, sobre este negocio.

«Na carta ao Papa limitava-se a rogar-lhe instantemente quizesse annuir ás súpplicas de D. Miguel sobre causas que tocavam á pureza da fé; na que era dirigida ao embaixador ordenava-se-lhe que, solicitando uma bulla para o estabelecimento da Inquisição em Portugal, fizesse examinar, nos archivos da Sé Apostolica, todos os diplomas expedidos para a creação da de Hespanha, de modo que os expedidos agora fôssem em tudo semelhantes.»

O que era a Inquisição em Hespanha, já de mais se sabia... Era tudo quanto havia de mais horrivel! Pois era isso mesmo que el-rei desejava estabelecer no seu paiz!

E com que motivos? Com estes:

Porque, apesar das providencias outr'ora tomadas para que os christãos-novos hespanhoes, perseguidos pela Inquisição, não entrassem em Portugal, mal se pudera obstar á entrada de grandissimo numero d'elles;

Porque estes hospedes forçados, abusando da concedida hospitalidade, continuavam a seguir os ritos judaicos mais ou menos occultamente e em menor extensão;

Porque, entre os proprios conversos portuguezes, não se podia assegurar fôssem sempre respeitadas as doutrinas catholicas;

Porque, não só a consciencia do rei de Portugal, mas tambem a do Pontifice, eram interessadas em que a fé se conservasse em toda a sua integridade e pureza.

Até se exigia do embaixador toda a actividade n'este negocio!

Todas estas instancias se mallograram, porque, a hypothese geralmente acceita, de que taes ordens tinham sido subrepticiamente obtidas d'el-rei, sem annuencia do conselho, que depois as embaraçou em Roma, as instrucções dadas a D. Miguel não deram o menor resultado.

E assim se affirma quanto o partido clerical actuava no ánimo do rei, e quanto Antonio Carneiro e os ministros teimavam em contrariar o partido da rainha.

O caracter de D. Manuel transparece n'estes factos. — Era teimoso e reaccionario, mas fraco. Só teria procurado ser um Fernando V portuguez. Não lhe faltava nem indole, nem vontade, e tinha a seu lado a princeza mais catholica e mais intolerante que Izabel de Hespanha, a irmã de Henrique IV. Se a sua obra não triumphou, esse beneficio deve-se a carencia d'aquellas qualidades vigorosas que assignalavam na Historia a vontade

resistente de Fernando da Sicilia, que ligou pelo amor as corôas de Castella e do Aragão, e conquistou com a espada as de Granada e de Navarra.

Valeu a D. Manuel, para que a sua memoria não fôsse tão condemnada como a de seu filho D. João III, ter tido a seu lado o grande e nobre ministro Antonio Carneiro, que nunca deixou approximar-se do seu rei qualquer Philippe de Berberis, que viesse pedir a perseguição das consciencias e offerecer o confisco dos bens da gente hereje.

Calcule-se, por tudo isto que affirmamos, jurando sobre tão auctorisadas informações, a densidade da máscara que D. Manuel afivellava no rosto, sempre que os seus conselheiros lhe falavam nas impertinentes solicitações da rainha!

Com que prazer, não podendo elle entregar a Castella os foragidos do Santo Officio, até a portuguezes armava laços para que elles cahissem em poder dos esbirros!

A traição, por exemplo, feita a Gil Vicente, que elle convertera em instrumento de perseguição contra Jacob, não era mais condemnavel que as secretas instrucções dadas mais tarde ao embaixador D. Miguel da Silva.

Eram tudo traições que el-rei sabia inventar, e que depois, por fraqueza, e não por contricção, buscava remediar.

Com tal caracter, D. Manuel só pensava em enganar quem o servia, e em servir quem o enganava.

A rainha não descançava; era ella a alma da conspiração contra a politica de D. Manuel. Hypocrita não era; faltava-lhe essa qualidade, com que mais facilmente poderia conquistar influencias e augmentar o numero dos seus adeptos. Dedicava-se, como vulgarmente se diz — de alma e coração — á obra dos frades dominicanos, e para isso atacava tudo e todos. Pedia ao rei e intrigava junto dos ministros. Onde ella calculava poder influir, ahi estava com as suas palavras meigas, suggestionando carinhosamente.

Dava-se ainda a circumstancia de que a rainha, além de boa, era formosa, e uma mulher formosa tem sempre grande influencia sobre as pessoas que a escutam.

N'aquelle tempo, como no de agora, o amor tinha o mesmo valor, que o amor é eterno, é como Deus; bem pode dizer-se d'elle, que nunca teve principio nem jámais terá fim.

Não era o amor dos amantes, que as virtudes da rainha provocavam respeito em todo o reino, e a sua formosura correspondia á sua castidade... Era o amor cortezão, o mais platonico de todos, aquelle que se contenta em merecer um sorriso em troca d'uma lisonja ou d'um pedido.

Uma mulher formosa é sempre uma rainha, e, quando além de formosa é tambem rainha, basta lhe um sorriso ou um olhar para que a chusma dos cortezãos a cerquem e a sirvam.

Convicções não eram necessarias; bastava um boccado de mocidade excitavel para que o partido da rainha ganhasse terreno dia a dia.

Depois, a rainha cercava-se de mulheres, natural, logicamente, de mulheres tambem novas e tambem formosas, casadas e solteiras, e até das que eram as duas coisas ao mesmo tempo, isto é, as viuvas e as outras, as que conhecem muito o mundo, e o gosam.

Estas mulheres tinham os seus admiradores, se não os seus maridos, filhos e amantes, e toda esta sociedade se aquecia ao sol da rainha, da esposa de D. Manuel.

Por tudo isto se vê que a côrte, ou o partido da rainha, era poderoso e numeroso, progressivo e fiel.

Todas estas damas e todos estes fidalgos falavam na pureza da fé, sem que isso muito lhes interessasse, mas só para lisonjear a vontade real.

A guerra contra os judeus era moda, e a galantaria mandava que, logo que uma dama contra elles protestasse, todos os fidalgos as acompanhassem indignados. Emquanto faziam os homens esse protesto de reforço, iam olhando amorosos as estrellas que adoravam.

Assim, a influencia da rainha ia atravessando insensivelmente todas as camadas da camarilha real.

Até os ministros se sentiam illaqueados por essa influencia feminina e amorosa, se não por elles directamente, pelos seus parentes e affins.

Um dos cotezãos mais frequentes no conselho da rainha e na tutela do principe era Luiz da Silveira, muito mais velho que D. Antonio de Athaide, depois conde de Castanheira. Luiz da Silveira tão a serio tomou a sua dedicação pela rainha e pelo principe, por tal forma se inclinou para o partido contrário ao de D. Manuel, que este teve um dia necessidade de o desterrar de Lisboa e de todas as terras onde a côrte costumava estabelecer-se. E' pelo menos isto o que referem os *Annaes*, de Sousa, que muito d'elle falam e do conde de Portalegre, que foi mordomo-mor, e de D. Pedro de Mascarenhas, estribeiro-mór de D. João III.

Era, pois, Luiz da Silveira um galante mancebo, que platonicamente se apaixonara pelas graças da rainha, e que, até para attenuar os impulsos da sua paixão, se dizia campeão esforçado da virtude angelical de sua ama e senhora!

Requintava o exaltado moço da côrte de D. Manuel em fazer da politica da rainha a mais franca propaganda, arcando com a antipathia do conselho d'el-rei, a quem deveu, talvez o castigo que lhe deram.

Quando D. Maria, a filha de Fernando e Izabel, defendia os seus propositos, Luiz da Silveira, logo, ardentemente lhe defendia a causa, e, mostrando a lâmina da espada, jurava sobre ella morrer na defesa dos ideaes (chamava a isso ideaes o amoroso mancebo!) da primeira dama de Portugal! Era um madrigal muito respeitoso, mas que foi desde os primeiros protestos de dedicação e lealdade, até taes influencias e conselhos que mereceram o destêrro.

Fôsse o que fôsse, el-rei chegou um dia a lembrar-se de que, longe da vista, longe do coração. Não se deixou, talvez, a rainha queimar no fogo d'esse amor; mas, quando el-rei afastou o fidalgo da sua côrte, muita gente acreditou que a rainha se deixara crestar do lado do coração! Não devassemos esses mysterios, porque elles não passaram d'isso. O que devemos rejeitar é a viva sympathia (attenuemos o termo) que Luiz da Silveira tinha pela rainha, que n'elle encontrara um dos mais denodados campeões das suas idéas e desejos.

Não era o moço Luiz da Silveira um crente, suggestionado pela fé teimosa e obcecada da rainha, era um rapaz que achava prazer e encanto em arriscar liberdade e vida por um sorrisso de mulher bella e poderosa.

Quanto mais a maledicencia lhe andava zumbindo impertinente no ouvido, mais elle se envaidecia, e tanto que, á mais pequena allusão, logo insultava quem a proferia, e não raras vezes se bateu valentemente em defesa de sua dama.

Tudo isto ia, pouco a pouco, chegando aos ouvidos d'el-rei, mas, como não deixava de chegar aos ouvidos da rainha, esta agradecia tanta bravura e dedicação, com o seu olhar piedoso e quente.

Alli não é facil pegar por um braço n'um poeta embriagado, e pôl-o fora do lar domestico: alli nem ha, podemos dizel-o, lar; são tão vastas as lareiras que muitas vezes o marido e a mulher arrefecem a grande distancia um do outro.

Luiz da Silveira era vivo, alegre, intelligente e... persuasivo.

Via a imagem da rainha através do espelho do filho. Apoderara-se de D. João e só lhe dizia e ensinava o que a sua mãe poderia agradar.

Deante da rainha beijava o principe com enternecimento, e elogiava-lhe o sorriso, o olhar e as palavras. E, sempre que dava liberdade á sua admiração, olhava a rainha, como a confrontar com ella as palavras, e o mais...

Apiedava-se a miude, o habil cortezão, da sorte de sua alteza, que não era comprehendida, e do futuro do principe, que estava sempre compromettido...

E contava sempre prodigios do principe — perguntas, argucias, réplicas, sentenças!... Nem pareciam d'aquella edade!

Pela manhã cedo sahia a passeio com D. João, por forma que, ao voltar á Alcaçova, pudesse elle tambem ser dos primeiros a saudar a formosa princeza.

Evitava o convivio com D. Manuel, e quando a rainha lhe extranhava tal abstenção, embaraçava-se calculadamente, baixava os olhos, e dizia lamentoso:

— El-rei não gosta de mim!...

Quando a rainha sahia a passeio, por que ella levava o principe em sua companhia, Luiz da Silveira não faltava...

— Por que não ides, Luiz da Silveira, encorporar-vos no cortejo de el-rei? Como sereis bello na grande cavalgada!

— Ando triste, senhora minha, e prefiro, já que tão so vos deixam, pôr meu braço ao vosso serviço; ao vosso e ao de Deus, a quem representaes, como rainha da terra e anjo do Céo!

E a rainha, ouvindo taes palavras, sorria castamente, extendia-lhe a mão, que elle beijava, e rematava:

— Quanto vos deve el-rei, meu caro amigo. Emquanto os outros fidalgos andam por montes e valles, em convivio alegre e em aventuras graciosas, preferis acompanhar minhas tristezas e abstracções! Quanto vos deve el-rei!

Luiz da Silveira, então, reconhecia que se lhe fechava o horizonte das suas esperanças, e, em vez dos galanteios a uma mulher que se ama, dirigia-lhe homenagens de devoto.

— O vosso amor por el-rei meu senhor faz de vos, senhora, rainha das rainhas, porque a vossa corôa de virtudes envolve e domina a corôa do poder!

— Obrigada, meu caro Luiz.

E a conversação parava, até que resurgia de novo.

Andava alli uma seducção e uma virtude! A lucta era evidente. O assaltante não triumphava, porque o dever estava de atalaia!

O coração da rainha, quando se via mais afflicto com o cêrco, fazia uma sortida, arvorando a bandeira da fidelidade a el-rei.

Luiz da Silveira, então, dava-se por vencido, retirando-se sem grandes perdas.

Tudo isto, porém, era um jôgo de palavras, que o jôgo dos olhares contrariava constantemente.

Convém definir esses olhares: os de Luiz da Silveira diziam — resignação; e os da rainha — reconhecimento.

Eram tão semelhantes que se confundiam. E' que a gratidão olha sempre tão meigamente como o amor.

Luiz da Silveira conhecia bem o coração humano, que é como quem diz o coração da mulher. Sabia parar a tempo; é n'isso que está a virtude dos que pretendem avançar.

Tornar-se a sombra da rainha era o seu plano; quando elle fôsse constrangido a retirar-se, ella havia de olhar para traz. Converter o amor n'um habito, é o grande segredo dos anamtes.

Se Luiz da Silveira declarasse a sua paixão á rainha, podia muito bem ser que a rainha se prevenisse, e recusasse — a franqueza é muitas vezes uma fraqueza, com que se perde. A fôrça está em saber esperar.

Luiz da Silveira esperava. O que? Nem elle sabia! um acaso, um episodio, uma phrase, ou uma palavra que escapasse; um dia triste, de chuva, de trovoada, em que ha mais tristeza... Quem sabe? talvez alguma leviandade d'el-rei... a descoberta d'uma felicidade... um momento de impaciencia — uma palavra desabrida, que a rainha confrontasse com a meiguice e delicadeza das palavras do seu companheiro?

Luiz da Silveira sabia bem que as mulheres são como as côres, que mudam durante o dia. Os maridos vêem, ás vezes, azul, mas o azul, á noite, é verde, como o amarello é branco, emfim como todas as côres sem luz se tornam negras...

Os maridos nem sempre são companheiros das mulheres. Em certos meios, e a côrte é um d'esses, os maridos são os maridos, e os companheiros são os outros... A mulher não diz sempre que sim, nem diz sempre que não. Ás vezes diz uma d'estas coisas, só porque se abhorrece de dizer as outras.

A tactica de Luiz da Silveira ia mais longe — ia até evitar que ella dissesse *não*. *Não* é palavra feia. O melhor é não a ouvir. Para isso o expediente é conhecido — é não interrogar.

Quando um homem não interroga uma mulher, ella responde quasi sempre. Não responde sim, nem não; mas responde coisas a que não mede bem o alcance.

Se perguntarmos a uma mulher se nos ama, ella, ainda que queira responder *sim*, nada responderá; se quizer dizer *não*, dirá que sim, alegremente, com um leve tom de ironia. O que ella nunca fará, decididamente, é dar um desengano. Rejeita-se muitas vezes o amor, mas, como elle lisonjeia, nunca se rejeita completamente.

Fazer a côrte a uma mulher por forma que ella a comprehenda, mas que não possa protestar contra ella, é a grande tactica dos homens habeis. As meias palavras são os grandes escudos. Quem recua, cobrindo sempre o peito com ellas, fica sempre habilitado a avançar.

Luiz da Silveira andava sempre escudado...

Sabemos de que soffres, e és feliz

Não ha nada mais vaidoso que o modesto calculista. O aio officioso do principe não perdia ensejo de se mostrar modesto.

Em vez de dizer á rainha o que pensava e queria, deixava que os outros o percebessem. Os outros são menos discretos que nós. O que não queremos dizer, dizem elles, e dizem entre si, primeiramente, e depois em voz alta, de maneira que, em pouco tempo, o que temos cuidadosamente reservado é denunciado por toda a gente.

Assim, devia chegar aos ouvidos da rainha o que elle não julgava prudente revelar-lhe.

O mundo, bem o disse Echegaray, é o grande Galeoto. Em elle querendo que exista o que não existe, é como se existisse: e desde que toda a gente diga que é, não vale a pena teimar em não deixar ser.

Luiz da Silveira não dizia á rainha que a amava, mas dizia-o a toda a gente... E dizia-o sem o dizer, negando até, offendendo se até! Era um mestre!

As vezes os outros cortezãos batiam-lhe no hombro, com ar malicioso, como quem diz:

— Sabemos do que soffres, e és feliz!

N'esses momentos Luiz da Silveira repellia o gracejo, intimava respeito pela pureza da mulher e jurava a innocencia das suas intenções... Se teimassem, fazia-se paladino e, n'uma fidalga excitação, exigia reparação da injuria!

Ninguem se atrevia a sustentar a allusão, que não ha gentishomens que se batam por sustentar o descrédito d'uma dama. E que dama? a mulher d'el-rei!

Correu, portanto, a fama de que Luiz da Silveira era a espada da rainha, sempre orgulhosa e invencivel.

A honra da rainha andava na bainha da espada... de D. Manuel? Não; de Luiz da Silveira.

Assim os homens não se batiam, mas as mulheres murmuravam.

Quando as mulheres murmuram ferem mais que as espadas...

Quando a rainha sabia de taes brigas entre os homens, perguntava por ellas ás mulheres. E as mulheres diziam tudo!

— Que honrado homem! pensava D. Maria.

E, quando falava com Luiz da Silveira, agradecia-lh'o em monosyllabos, com olhares intencionaes, falando em sacrificios, a fugir...

Luiz da Silveira, então, baixava os olhos modestamente e murmurava a custo:

— Perdão, senhora minha, cumpri o meu dever...

Era sóbrio no dizer e prolixo no olhar.

Entretanto, os ouvidos da rainha iam-se habituando a estes murmurios da côrte...

Chegou-se até a falar com uma certa franqueza na paixão de Luiz da Silveira... Não se dizia qual o objectivo d'ella... Ninguem ousava dizel-o; mas, sem que ninguem o dissesse, a rainha chegou a saber que a paixão era por ella.

— Pobre rapaz, pensou, porque elle é mais dedicado, andam já a compromettel-o!...

Era a compaixão, que vem sempre na vanguarda d'outros affectos.

Isto trazia Luiz da Silveira cada vez mais triste.

Estar triste deante d'uma mulher amavel é provocar a pergunta:

— Por que?

E elle respondia logo:

— Não sei; calumniam-me. Parece que toda esta gente sabe mais do que eu dos meus males.

— Dizem para ahi, Luiz da Silveira..que andaes apaixonado... Não entristeçaes por isso. Na vossa edade nada mais natural. E ha na côrte tantas damas formosas!...

— Talvez...

— Pois não attentaes n'ellas!? Das mais formosas e das mais nobres! É vêl-as n'um serão a que assista Gil Vicente...

— Será por isso, senhora minha; esses astros enchem-se tanto de luz, que eu, para não cegar, não as fito.

— Mas fitam-vos ellas, que eu bem as vejo... Sois ciumento, Luiz da Silveira?

— Sou um distrahido. Se tenho paixão não m'a despertou uma realidade, mas um sonho. Sou como os poetas — amo o meu ideal.

— Que é superior ás mulheres da côrte?...

— Falemos n'outro assumpto, senhora minha. É tão profunda a ferida do meu coração, que nem posso cural-a... Pensar n'ella é o mesmo que revolvel-a.

— Tendes, então, um segredo!

— Um segredo, sim...

— Por que o não revelaes?

— Porque é um segredo.

— Para toda a gente?

— Não: ha uma unica pessoa para quem elle não é...

A rainha córou, arrependida de ter avançado tanto... Era tarde; o silencio seria peor que a insistencia.

— E para quem reservaes o privilegio?

Luiz da Silveira pensou um momento se seria já opportuno descobrir as baterias do cêrco... Aproveitou o ensejo para mostrar embaraço compromettedor... Esse embaraço era uma confissão, sem risco. De repente segurou-se:

— Para mim...

A rainha respirou; mas Luiz da Silveira bem comprehendeu que não perdera o tempo.

Um dia a rainha perguntou a uma das suas damas:

— Que idéa fazes de Luiz da Silveira?

— Em que sentido, senhora?

— Da sua lealdade para commigo.

— Que vos adora!

— Parece-me effectivamente que é amigo dedicado... Por que o dizeis?

— Porque vos segue, como um poeta atraz da sua musa.

— É nosso amigo de facto — de mim e de el-rei...

— De vós principalmente. Olhae, senhora, que ainda hontem o vi no terraço da Alcáçova, emquanto vós passeaveis no jardim, a envolver-vos no seu olhar triste, triste, como se visse a partir o seu coração, sobre as ondas, pelo mar fora...

— É que elle é dos nossos, e lamenta a lucta em que andamos empenhados eu e el-rei...

— Ou me engano muito, senhora, ou elle pensa menos n'essas luctas da fé, que nos vossos encantos de mulher...

— Não era isso que eu perguntava... Basta.

E, comtudo, a rainha não pensava n'outra coisa!

Ella tinha necessidade absoluta de adivinhar o segredo de Luiz da Silveira.

Se elle a amasse, que esplendido general para as suas batalhas! De cortezãos que a applaudiam, mas não batalhavam com denodo, estava ella farta... Precisava d'um homem que a seguisse como um escravo, e que a defendesse como um leão! Nunca pensara n'essa arma — o amor!

Pois era, sem dúvida, a mais afiada e certeira. Com um sorriso, que é sempre uma esperança, tel-o-hia ao seu serviço. Tinha elle o grande merito de fazer ciumes a el-rei, isto é, de fazer el-rei mais apaixonado, e, portanto, mais fraco.

Precisava d'um general... encontrara-o!

Luiz da Silveira requestava o coração da rainha. O que faria elle para fazer a conquista? Tudo! Pois, era d'esse tudo que ella precisava...

Para matar a paixão do enamorado fidalgo?

Não; para estabelecer a Inquisição em Portugal!

Queria isto dizer que ella apenas pensasse n'um aulico, n'um partidario, n'um defensor?

Exclusivamente não, mas principalmente, sim. São coisas bem differentes.

A honestidade da rainha tinha o limite de todas as honestidades... Felizmente, em amor não se pecca pelas formas diversas de que nos fala o catecismo christão, — por pensamentos, palavras e obras.

Quantas infidelidades faz o pensamento? Mais que as palavras e as obras! No amor não ha policia preventiva.

Se os sonhos d'algumas virgens passassem do silencio da alcôva, que de prostituição por esse mundo!

O amor, quando precipita as suas victimas, embriaga-as primeiramente, envenena-lhes a atmosphera, dá-lhes, depois, o pensamento secreto, que ellas, coitadas! julgam actos seus voluntarios; depois persegue-as em sonhos!... Uma mulher, quando accorda, é um palacio encantado! Que de poemas e idylios por alli esvoaçaram, durante uma noite immensa, em que toda a gente poderia vel-a serenamente reclinada, fechados os olhos, calma a respiração, os braços extendidos como os dos mortos, ou a mão sob a face, como a das creanças?

Só quem nunca viu uma mulher dormente é que não calcula o abysmo que está por traz n'aquelle sorriso que lhe regaça levemente os labios!

Aquella bôcca a entreabrir-se é o addito d'um grande inferno, ou d'um grande céo!

Os sonhos dos homens são sempre reflexos da sua vida real, são échos do que ouviram, imagens do que admiraram. Os das mulheres castas e honestas são sonhos de sonhos... São temiveis! São mais, são revelações. Os sonhos dizem á mulher, quando ella dorme, o que ella não comprehendeu accordada!

O que ella soffre de dia, diagnostica-lhe o sonho á noite!

A mulher, ás vezes, quando entristece, pergunta mentalmente, a si propria: Que tenho eu?

E ninguem lhe responde, porque ninguem a ouviu... Ouviu-a, porém, o coração, o que mais modernamente se diz, consciencia, e como o coração tambem se envergonha, espera que ella não veja, nem ouça, e vae então dizer-lhe, altas horas, entre nuvens, fumos, luzes, coisas confusas, o segredo que a afflige! Ella, então, comprehende tudo, e estremece de pejo e de medo! E, porque estremeceu, accordou, e, ainda accordada, busca nos échos da alcôva e nas sombras da noite, uma palavra ou uma imagem do que ouviu e viu. Não fôsse alguem escutal-a e espreital-a ..

Depois, cerra de novo os olhos, e vae em busca da mysteriosa mansão por onde andou sem querer, e onde julga facil voltar...

Já nada encontra!... Perdera-se a miragem, desfez-se o sonho!

Ora, a rainha, por honestidade e devoção, andava a embriagar-se com a respiração de Luiz da Silveira.

Se elle andava sempre tão perto! E a culpa não era d'ella, nem d'elle. Não era d'ella, porque uma rainha precisa d'alguem que a acompanhe; e uma rainha, que não abandona seu filho, não pode andar longe do aio que el-rei escolheu. D'elle não era tambem, que tinha o dever de a seguir e defender. Era Luiz da Silveira mais dedicado que outro qualquer cortezão!... Isso era razão para o preferir, por ella, pelo principe e pelo rei...

Ousado ninguem lhe chamaria; mais respeitoso não havia outro na Alcáçova. Conservava-se á distancia que a etiqueta marcava... Quando vencia essa distancia, a culpa era de quem o attrahia. Depois, um fidalgo não é o mesmo que um lacaio, e a rainha precisava mais d'um conselheiro, que d'um escudeiro.

Luiz da Silveira era intelligente e possuia o gráu de instrucção maxima d'aquella época. Fôra distincto nas Escholas Geraes, versejava com facilidade, e quando queria tinha graça! Ensinava ao principe coisas que a rainha não sabia! Em latim era um portento, e tanto que o pequeno D. João, de longe e rapidamente, traduzia a Biblia, como se fôsse escripta em castelhano!

Na côrte, a rainha bem o sabia, era por ella. Lá isso era... Quem d'ella murmurasse, com elle se havia de entender... Porque era valente, como um bravo capitão das guardas reaes, ou como o melhor mareante da armada de D. Vasco!

Quando ella não olhava para elle, ella bem via que elle olhava para ella. O olhar d'um apaixonado é como o orvalho — não precisamos de levantar a cabeça para que até as nossas pestanas se humedeçam.

O caso era que ninguem tinha culpa do que se estava passando... Se alguem era culpado, era D. Manuel.

Esse sim, que andava sempre longe, por causa dos negocios do Estado e das caçadas — umas para que elle partia açulando a matilha e mandando soar as businas — outras que resolvia de improviso, de noite, sem cães e sem batedores, envôlto no seu manto, pelas couraças de Coimbra, ou pelos montes de Lorvão...

Havia damas no Paço que faziam a côrte a el-rei... Tinha elle culpa d'isso? Quem poderia accusal-a porque a olhava com tanto affecto o moço fidalgo da sua casa?

Emquanto ella não lhe auctorisasse outras liberdades, as suas virtudes haviam de ser respeitadas.

E quem sabia se elle pensava como ella? Pois o ser homem exclue o

coração? Se elle a seguia de preferencia, era, sem dúvida, porque, pelo menos aos olhos d'elle, ella valia mais que as outras... Talvez não valesse, mas o valor é uma coisa muito relativa. Talvez até que a sua honestidade a realçasse aos olhos do moço fidalgo... A sua exaggerada piedade, que tantos maldiziam, quem sabe, se a faria superior aos olhos do pobre moço?

Amar os que amam a Deus podia muito bem ser uma inspiração do Céo. Pois era necessario ser mãe, ou irmã, para consagrar a qualquer homem um amor...

E queria dizer a qualidade e não acertava... Um amor espiritual, casto, desinteressado?...

Se nada mais que aquillo havia entre ambos, o que viesse a dizer-se não passaria de uma calumnia...

E entre os que calumniam e os que amam, quem vale mais?

D. Manuel era muito capaz de duvidar das intenções da rainha... Que grande injustiça! Como procederia elle então, para com uma mulher que tivesse um amante? Uma mulher chega bem para se defender... Luiz da Silveira era um homem, e continha-se; logo ella, que era uma mulher, não tinha que se preoccupar com isso... Aquillo não passava d'alli...

Podiam morder-lhe, isso era verdade; mas desde que lhe mordiam sem motivo, tanto o fariam a proposito de Luiz da Silveira, como de outro qualquer, que ella tratasse de mais perto.

E, depois, quem a mordia? A gente da côrte de el-rei, as damas que tinham sido ou queriam ser amantes de el-rei, e os homens que invejavam a privança de Silveira... Dar-se por ferida, era mostrar fraqueza; era mais — era confessar uma culpa.

O melhor juiz é a nossa consciencia, e á consciencia da rainha presidia Deus! Deus bem sabia que ella era boa esposa e boa mãe!

E para que estava ella a devassar a consciencia de Luiz da Silveira?...

Quantos segredos, além d'aquelle, sabia elle guardar?

Porque se referia a ella, não significava isso que fôsse d'ella?...

Era pensando assim, que D. Maria, muitas noites, já reclinada no seu leito, não podia conciliar o somno.

Tremia pela sua reputação. Isso era muito sério!

Até alli ninguem ousara ferir-lhe a honestidade... E assim havia de morrer. Casara porque isso conviera á côrte de Castella e á de Portugal.

Não casara por amor, mas conhecia bem os seus deveres. A sua missão era a de educar o futuro rei de Portugal, e seu marido, para que os reinos da Peninsula servissem de accôrdo os interesses da Egreja.

Se não fôsse filha de rei, teria tomado o habito e seria esposa do Se-

nhor. N'um mosteiro estaria ao abrigo da gente má, que procurava confundil-a com as fidalgas amorosas, que esqueciam o marido e os filhos, Deus e a fé!

Talvez se resolvesse a despedir Luiz da Silveira do seu convivio... Era até isso o melhor que tinha a fazer. Mais tarde que voltasse...

E elle, provavelmente, era tambem da mesma opinião. Isso seria bom para ambos. Por causa d'isso, havia já alguns dias que elle andava mais esquivo... Nem lhe apparecera n'aquelle...

E fizera-lhe falta... Não admirava... estava habituada a vêl-o sempre...

E fechava os olhos, teimando em adormecer, mas não adormecia ..

XXV

O sonho

Quando a mente começou a turvar-se-lhe, n'esse momento crepuscular da razão, em que ainda estamos accordados e já dormimos um pouco, um certo desconsôlo lhe entristecia o espirito.

Foi, então, que ella pôde redigir mentalmente esta pergunta, reveladora do tal estado psychologico a que nos referimos.

— Mas, que tenho eu?

Já não pôde responder.

Descahiu-lhe levemente a cabeça, prolongou os braços pela rica colgadura de damasco, descerraram-se-lhe um poucochinho os labios, deixando brilhar as extremidades alvissimas dos dentes, e adormeceu...

Seguiu-se o sonho, logo, mal adormeceu. E como começou elle? Damos um premio a quem se lembrar de como se lhe começou um sonho...

E' notavel, pois não é?

Quem sonha lembra-se sempre do ponto em que elle terminou, e uma situação mais violenta desfal-o de subito; e o grande enleio, ou o grande pesadelo acabou, ou melhor apagou-se, que os sonhos são como as visões, apagam-se...

E' tão esbatido aquelle momento em que se passa do somno profundo para o somno leve, diaphano, transparente!

For mais que queiramos, não podemos lembrar-nos como entrámos n'esse palco em que se representa o sonho da nossa phantasia!

De surpresa achamo-nos a ver, a pensar, a falar, como quem vae pelo ar, ou em chão movediço, n'um estado de delirio... Depois, a pouco e pouco, o scenario firma-se, as personagens tomam vulto, a luz dá côres, as palavras teem écho!

Um sonho é uma embriaguez; ha n'elle um pouco de consciencia e de loucura...

E' uma especie de quadro dissolvente, em que as scenas se misturam e as figuras teem azas.

As imagens reaes vestem idealmente!

Ha metades confusas, verdades e mentiras, estrellas pela terra, eclipses de Sol, gritos que se não ouvem, movimentos que se não mexem!

Um sonho é das coisas mais difficeis de descrever. Não se sabe bem se assistimos a elle, como actores ou como espectadores, se estamos de pé ou deitados, se vestidos, se nús. Um sonho é um delirio. N'elle andamos a voar e de rastos; precipitamo-nos de telhados e subimos pelos póços acima! Estamos a falar com uma pessoa, e essa se transforma n'outra. — Era uma mulher, e transforma-se n'um homem!..

No meio d'uma situação muito dramatica vem uma situação muito comica. Estamos a rir e a chorar! A's vezes recebemos uma facada, e foi apenas a unha d'um dedo que cravámos n'uma perna! Quantas vezes os bandidos nos afogam, n'uma estrada sem luz... é que tinhamos um braço sobre o peito, ou pesavamos com fôrça sobre o coração...

Uma seccura dá-nos furias de morder, e mordemos alguem...

Uma pequena indigestão faz-nos cahir os dentes — um a um — que vamos contando muito afflictos... Tão afflictos que accordamos... com a dentadura completa.

Os espectros da nossa imaginação, á imitação dos ratos em casa deserta, logo que adormecemos, começam a passear no nosso cerebro.

Quando adormecemos, tudo que estava adormecido accorda! Accorda, e começa a passear, a falar, aos saltos... E que espectros! Os nossos mortos não falham!

Abrem-se as sepulturas, falamos com os que morreram, contamos-lhes o que se tem passado, choramos e rimos; tudo á mistura... No ar, então, andamos quasi sempre, muito á vontade, como se tivessemos azas; outras vezes temos que atravessar aberturas angustiosas, de rôjo, quasi sem respirar...

O sonho tem um portico maravilhoso, phantastico... Ainda mal adormecidos, mas já com os olhos cerrados, vemos o que se vê n'um kaleidoscopio — um grande firmamento com muitas estrellas, como se uma multidão de vidrilhos de côr andasse de roda, a cahir, por forma diversa. Por vezes, grandes auroras se formam na escuridão, onde ha prata e ouro que rutilam, se accentuam e desvanecem, e afinal se apagam!

Perde-se, depois, a memoria, e vem a resurreição!

A melhor parte da vida é a que se passa a sonhar...

O corpo descançado, sobre colchão macio, a cabeça reclinada, a respiração quasi extincta, folgados os pés e os braços, e nos limites d'um

quarto tão pequeno como a nossa alcôva, andando a percorrer mundos — mundos reaes e mundos phantasticos!

A consciencia, que de dia emmudece e se recolhe, á noite faz-se nossa confidente... Andam-nos em sonhos o passado e o futuro!

Quantas vezes estamos em sonhos, sabendo que sonhamos? E até os prolongamos, com medo de despertar... E quantas vezes, já despertos, continuamos a sonhar, ouvindo ainda o que ouviramos, vendo ainda o que viramos?

E, se temos um pesadelo, uma afflicção, que não chega a despertar-nos, basta que nos voltemos um pouco, para que tudo desappareça!

Que grande mundo é este mundo dos sonhos!

Que diremos, então, dos sonhos de amor? O coração (pois seja o coração...) que palpitou um dia inteiro e que nos disse coisas mysteriosas e enigmaticas, mal nos apanha dormindo, começa a explicar se... E diz tudo, tudo! Abre-se como a bôcca d'um crente aos pés d'um confessor, e fala alto, como n'um monologo de theatro, e explica-nos por que andamos tristes, porque andamos, como diz Camões:

Solitarios, por entre gente...
por que choramos de contente...

Diz-nos tudo.

Quanto o pudor emmudeceu fala em liberdade, quanto a phantasia sonhou se torna realidade em sonho!...

A rainha dormia tranquilla, bella, com o seio e os braços descobertos, de costas, com a trança sobre o travesseiro e o sorriso nos labios.

Debruçava-se sobre ella um Christo de marfim, e pesava-lhe no collo um rosario-collar, ornado de medalhinhas de ouro, que representavam a Virgem. Envolvia-a uma nuvem de rendas que tufavam da almofada do linho mais alvo e fresco...

Quem diria o que se estava passando n'aquella formosa cabeça!?

Aquellas pupillas cobertas de palpebras lizas e pestanas negras, estavam vendo um céo côr de rosa, ou de um vermelho doce, esbatido, nevoento de alvuras de cysne, e luminoso como um disco de sol! Andava por alli, n'aquella sarça de encantos, a imagem de Deus, com as barbas de Jesus, e ao lado, gentil como sempre, a figura de Luiz da Silveira!

Christo sorrio, e Luiz falava. Mas que coisas que este dizia!

Já não era o timido fidalgo que pisava a sombra da rainha, que lhe apanhava o lenço cahido sobre a relva do jardim... Era um principe loquaz e ardente, que dizia á rainha — mata-me se quizeres, mas a verdade é que te amo!

E a rainha fitava-lhe o olhar, que era tão parecido com o outro, humilde, reservado e triste!

E elle continuava, sempre:

— Senhora: sois mais que minha rainha, sois o meu astro... Illuminaes-me a vida, guiaes o meu passo, aqueceis o meu coração! Nada vos peço e tudo vos dou — desde o olhar até a vida!

E a rainha, afflicta, queria accordar, que lhe não era permittido ouvir aquillo tudo!

Mas, em vez de accordar, cerrava mais as palpebras — era o movimento instinctivo dos que dormem e querem agarrar-se ao sonho que os delicia...

E, depois de umas sombras que apagam as imagens, como as intermittencias da lanterna magica, de novo se firmava a figura de Luiz da Silveira, que umas vezes parecia a d'elle, outras a de D. Manuel, e ainda outras a de Christo — porque o amor e a fé, em sonhos, andam sempre confundidos; e então a rainha, posta de joelhos, rezava, confundindo o *Padre Nosso,* com a resposta ás palavras do seu adorador.

— Tambem eu vos amo, Luiz, e muito, mas não posso, sàntificado seja o vosso nome... Sei quaes são os meus deveres de mulher honesta, assim na terra como nos Céos. Se me amaes, guardae comvosco o vosso amor que eu morrerei com o meu segredo. Perdôo-vos, Luiz, assim como perdoamos aos nossos devedores...

A cruz, porque o Christo estava na cruz, já não era no céo e entre nuvens que se sustinha; era na terra, junto d'ella, mettida na terra, entre flores...

E a rainha sorria-se, lembrando-se de que occupava o logar de Magdalena!...

Mas, de repente, céos e terra, cruz e Christo, tudo se apagou, e a rainha ia pelos jardins da Alcáçova contando a Luiz da Silveira o que se passava...

E elle explicava-lhe:

— Sabes, minha pobre louca, o que esse sonho significa? Que me amas, como eu te amo, e que este segredo, que nos faz tristes e desgraçados, seria a nossa felicidade, se não fôsses mulher de D. Manuel...

E ella, sempre de olhos no chão, respondia:

— Quanto é triste ser princeza de Hespanha, e casar, tendo os embaixadores por padrinhos! Não casei por amor, Luiz da Silveira, não casei, juro-o; mas quero ser só de meu marido, que assim é preciso para que mereça a graça de Deus!...

E mal ella dizia estas palavras, logo Luiz da Silveira desapparecia, e

voltava o Christo, com o rosto d'elle, a sorrir-lhe do alto do seu madeiro, ora entre nuvens, a enviar-lhe beijos, ora firmado na terra, a falar-lhe com palavras doces, puras, como as dos anjos!

E a rainha queria accordar, e por isso agitava os braços e mordia os labios, mas as palpebras cerravam-se cada vez mais, como se a dormente quizesse prolongar esse martyrio delicioso...

E, passado um momento, os braços de novo lhe descaiam na rica colgadura, emquanto a luz, da lampada de ouro, lhe punha luz e sombras no rosto tranquillo, adormecido.

Lá dentro continuava o doce martyrio amoroso e mystico!...

N'um momento d'uma noite, passa-se o sonho d'um seculo!

Nada mais incomprehensivel que esse relogio, que marca a vida que não existe, a vida que se desfaz!

Quantas vezes, porque ignoramos tão profundo mysterio, julgamos sonhar toda a noite! E apenas n'um instante o cerebro nos pintou todos esses quadros, que se apagam de repente, parecendo haver defeito no apparelho que os produz!

Quando a rainha acordou do seu primeiro somno, julgou que dormira muitas horas... Fizera apenas a sua primeira viagem, veloz como a electricidade, através do mundo da phantasia!

Enviando um olhar aos cortinados mal cerrados das grandes gelosias, viu no céu ainda as estrellas a tremeluzirem, em fundo escuro.

Estava muito longe a madrugada.

E' n'estes momentos que nos julgamos completamente sós!...

Tudo dormia. — Quem vela julga-se sempre superior a quem dorme.

Não tendo com quem conversar, a rainha fitou as estrellas, e, como se ellas fôssem olhares d'alguem, começaram a esfusiar raios luminosos — que pareciam dizer — estivemos espreitando-te, e vimos o que sonhavas!...

Sentiu então a rainha, sobre o rosto, um leve sôpro quente, como aquelle que vem dos olhares que produzem rubor.

— Saberia o céo o que se passara?

Mas não pôde fitar por muito tempo as estrellas... Ellas brilhavam tanto, tinham tantas scintillações, que não podia resistir á sua acção hypnotica!... Começou por cerrar as palpebras e acabou por adormecer de novo.

Cahir n'um somno não é cahir, é levantar o vôo!...

Mal a rainha adormeceu, foi logo por ares e nuvens, ouvindo harmonias celestes, entre uma multidão de anjos vestidos de gaze, sobre que incidiam projecções de diversos cambiantes...

A rainha ia subindo, subindo, com grandes azas brancas, atravessando camadas atmosphericas e descobrindo maravilhosas estações do caminho do Infinito! E, á proporção que subia, via que atraz d'ella, com velocidade quasi egual, subia tambem, a chamal-a, lamentoso e apaixonado, um fidalgo da sua côrte, vestido com gibão de ouro, e suspenso e puxado por dois anjos, em tudo eguaes aos que a levavam, sorrindo, sorrindo muito, e dizendo-lhe, por vezes:

— Foge, foge, que assim ganharás o Céo...

E, quando a rainha viu o grande espaço tingir-se de rosa, e as nuvens transformarem-se em grandes festões de flôres, multicôres e aromaticas, e brotarem d'um fundo azul e transparente, fontes de pedrarias, brilhantes como estrellas, os anjos lhe disseram:

— Foge, foge, que estamos ás portas do Céo.

Foi então que a rainha, que até alli se deixara arrebatar com o sorriso nos labios, deteve-se n'um pequeno esfôrço, e disse supplice aos anjos seus companheiros:

— Mais devagar um pouco... Não vêdes aquelle companheiro que me segue, e que quer entrar no Céo commigo?

Mas os anjos elevaram á bôcca, com a mão que tinham livre, a grande tuba dourada, e, no espaço, ouviu-se um écho immenso cheio de melodia... Abriu-se então, o grande, o immenso fundo azul do espaço mais elevado, e, em jorros de luz e de canticos, a rainha viu um grupo de figuras esculpturaes, semi-nuas, de tunicas matizadas, finas, transparentes, como as dos deuses do paganismo — homens de longas barbas brancas, mulheres formosas de madeixas estrelladas, com grinaldas a tiracollo, e, aos pés d'este grupo, em todas as posições, de bruços, em pé, suspensos, uma multidão de cherubins muito gordos e rosados, com cabelleiras eguaes ás do menino Jesus, a despejar, de cornucopias de prata, muitas flôres e muitos fructos!...

E atraz da rainha, cada vez mais afflicto e apaixonado, de mãos postas como se viesse a rezar, com parte do corpo envôlto em nuvens muito brancas, o tal cavalleiro dourado, sempre a chamal-a, sempre a pedir-lhe que parasse!...

E o grupo de deuses, que parecia ter vindo esperal-a ás portas do Olympo, mal a viu tão proxima, espalhou no ar faixas compridas de ló, que cahiam em bambinellas e que vinham, sopradas por fôrça ignota, envolvel-a toda... E os cherubins, cantando sempre, puxavam essas faixas, que pareciam feitas de luz, e ella sentia-se subir cada vez mais rapidamente emquanto os cabellos lhe esvoaçavam movidos por uma briza muito suave, muito fresca...

Ouviu então a rainha pronunciar o seu nome, que sahiu das tubas dos anjos, e que foi échoando pelas regiões do Infinito, fazendo iris phantasticos nas vibrações das nuvens!

Fluctuavam as roupagens dos deuses no sôpro tepido d'aquella região, e rebentavam hymnos e canticos por toda a immensidade, invocando o nome da princeza de Castella e rainha de Portugal!

Mas, por cima do ruido das nuvens que se chocavam alegres, e do som das businas, e das vozes dos anjos, e dos canticos sagrados, que rebentavam de mil orgãos occultos n'aquella encantadora cathedral, a voz do fidalgo perseguidor ouvia-se sempre, e, ora parecia o *allegro* de uma jaculatoria, ora o grave entristecedor de um *miserere*.

E quando a rainha se voltava para ver se estava em perigo de ser alcançada, no olhar d'elle via as estrellas que a tinham adormecido, e as lagrimas, que elle derramava, vinham humedecer-lhe o rosto, e só se evaporavam ao calor do Céo, que estava proximo!... N'um immenso nimbo alaranjado começou então a desenhar-se a mystica figura do Nazareno, de tunica azul e loura cabelleira... Pousavam-lhe os pés em novellos de escuma, e rodeava-lhe a fronte um disco luminoso, tão vivo e reluzente como o do Sol quando começa a erguer-se no horizonte! Tinha as mãos erguidas em attitude de abençoar, e nos labios, a descerrarem-se, havia um sorriso alegre e meigo.

Mal o viu, a rainha, dobrou os joelhos sobre as faixas de gaze que a envolviam, e rezou afflicta:

— Perdoae-me, Senhor, as minhas culpas...

— Virtuosa mulher, que peccados confessaes? lhe disse a figura divina, com voz doce e olhar sereno.

— Tenho medo de amar!... Senhor meu!... respondeu a formosa creatura.

— Chama-se amor a religião que préguei!... Só amando é que se ama a Deus!...

— Mas, Senhor de piedade, eu amo...

Não pôde acabar...

Apagou-se a visão no fundo azul...

Chegaram, entretanto, junto da rainha, os anjos que conduziam o moço apaixonado. Ella ergueu-se... Não foi ella; foi elle que a levantou nos braços e a desenleou das ténues laçadas que a envolviam... Ouviu-se então um alarido immenso, como o tenir de muitas espadas, e o Céo apagou-se de repente!

E os dois amantes despenharam-se, n'uma descida vertiginosa, por entre sombras, sentindo-se ella enlaçada pelos braços de Luiz da Silveira,

e escutando, no ouvido atormentado pelas lufadas do espaço, a palavra amor — como se ainda estivesse ouvindo o verbo de Jesus!

Fechou os olhos a rainha ao sentir-se cahir por entre as nuvens, e só os abriu quando na face gelada lhe bateu um raio de sol!

Enganara-se! não fôra o sol que lhe aquecera o rosto, mas um beijo apaixonado do seu companheiro da Alcáçova!

Soltou a rainha um grito abafado, dos que parecem um trovão a quem sonha, e não passa d'um gemido a quem nos guarda e vela, e... accordou.

— Senhora, senhora, despertae, que algum sonho vos afflige e me assusta. Vae alto o sol, as corças já andam aos saltos na matta, e os cysnes banham-se alegres nos lagos do jardim.

— Ah! és tu, meu querido filho?...

E a rainha, puxando para si o infante D. João, beijou-o enternecida.

— Estaveis sonhando, senhora? Commigo ou com el-rei?

— Com ambos, disse a rainha, abafando um suspiro.

— Mas, estaveis afflicta... Sonhastes talvez que me succedera algum desastre... Oh! ficae tranquilla! Luiz da Silveira vela por mim constantemente... Ainda hontem elle me disse que, por mim e por vós, perderia de bom grado a vida que lhe é tão cara.

— Já rezaste, meu filho?

— Ainda não. E hoje não hei de rezar nem por el-rei, nem por mim, nem pelos padres da Egreja...

— Então por quem?

— Por vós, só por vós...

— E por que, meu filho?

— Foi o Luiz quem me pediu...

— Pois bem, meu querido principe, reza por mim, que bem preciso das tuas orações...

E o pequeno D. João começou, como de costume, a rezar em voz alta:

— Padre Nosso, que estaes no Céo...

E foi dizendo, de mãos postas, emquanto sua mãe o banhava com um olhar de amor e de piedade.

De repente D. João parou...

— Não me lembro do resto, minha mãe e senhora...

— Tonto! Ora, dize commigo:

«Não nos deixeis cahir, Senhor, em tentação...»

— Que coincidencia, meu Deus! disse a rainha. Esqueceu ao filho, accordado, o que a mãe esqueceu em sonhos!

— Repete, D. João — não nos deixeis cahir, Senhor, em tentação...

E, ao repetir estas palavras, havia lagrimas nos olhos da desventurada...

XXVI

Casamento politico

O casamento muitas vezes não tem contratos com o amor. E' d'esta circumstancia que resulta, quasi exclusivamente, o adulterio.

Dizemos *quasi,* porque o adulterio tambem nem sempre é fructo do amor. Assim como o casamento pode ser apenas um contrato feito pelo interesse, tambem a infidelidade conjugal pode ser fructo, não d'um sentimento affectuoso, mas d'uma reclamação viciosa. Ha exemplo para as diversas hypotheses. Dumas fez um romance sobre a menos vulgar — o adulterio casual, consequencia d'um caso pathologico, momentaneo e transitorio, praticado por uma mulher que *adora* o marido e *detesta* o amante!

Le roman d'une femme é uma excepção espantosa! Assim como um cadaver tem diversas exhalações venenosas, assim o casamento produz adulterios de diversa responsabilidade, porque é facil averiguar que o adulterio é apenas um producto venenoso d'um casamento em decomposição.

O logar do amor é no casamento; mas o amor enche o mundo, e os casamentos são tão poucos, que se registam.

Sempre que o amor deixa uma vaga em qualquer casal, dá-se logo uma invasão.

Quando eramos creança imaginavamos que os ninhos das aves nasciam nos troncos do arvoredo, e que depois as aves os vinham occupar. Ha casamentos que nos dão a impressão do mesmo êrro: parecem ninhos que nascem para os amores que veem depois!...

O casamento é, devia ser, um ninho, e como elle, feito, de sociedade, por dois entes que se amam.

Vulgarmente, e principalmente em diversas regiões da sociedade humana, é o contrario, como se afigurava á nossa imaginação de creança.

Na côrte, por exemplo, a illusão é perfeita — parece que o casamento nasce sobre o throno, em condições de poder servir para o amor... mas não é indispensavel que sirva... Nem por isso deixará de ser casamento!...

Succede, ás vezes, que o amor anda por alli a esvoaçar, e aproveita esses ninhos, como os pombos bravos aproveitam as empenas dos predios, os capiteis das columnas e as torres das egrejas! .. N'esse caso estabelece-se e fica... O casamento, na grande escala zoologica, apresenta os mais extraordinarios aspectos! Ha passaros que aninham só em os ninhos que outros construiram... Tem o cuco essa estupenda noção do direito de propriedade. Foi a propria natureza que decretou que assim fôsse...

De todos os casamentos que a humanidade tem inventado, os dos principes são os que ficam mais expostos á pilhagem natural dos cucos.

N'esses enlaces, o amor raras vezes é convidado para as bodas... fica á porta dos paços reaes á espera de ver entrar alguem que o conheça e o apresente. Depois de ter entrado, apresenta-se elle... Se o conheceu uma dama apresenta-o ao noivo, e logo ella addiciona, aos seus titulos de nobreza, o de *favorita* — se é um fidalgo, a apresentação é feita á noiva, e logo elle se condecora com a gloria de *valido*. A favorita é o espelho onde o principe revê a galantaria da sua amoravel educação. O valido é a corbelha onde a princeza depõe a grinalda de laranjeira do seu seio.

É assim que o amor se vinga!

Como não quizeram que elle assignasse o contrato, fez dos amantes eternos paranymphos!

Nos casamentos dos principes não se apertam duas mãos, approximam-se duas nacionalidades; não ha troca de allianças de ouro — ha uma alliança de corôas de ferro — a estola que os envolve são as bandeiras dos seus paizes — deitam-lhes as bençãos, em vez dos sacerdotes, os estadistas, e ficam os noivos tão mal ligados como as nações alliadas — com uma fronteira de permeio!

Elle nunca viu a sua noiva; ella não lhe conhece o coração!

Caminharam um para o outro, levados pela mão das chancellarias, e encontraram-se, aos pés dos altares, como dois generaes se encontram, para parlamentar, no campo de batalha! Falam linguas differentes, vestem-se de modo diverso! São mais que extranhos um para o outro — são até extrangeiros! Namoram-se oito dias antes por cartas dos seus ministros. Não vão para o thalamo, vão para o throno! Não vão ter filhos para elles, mas reis para o povo. A essas creanças não chamam fructos do seu amor, mas penhores de herança e esteio de monarchias!... Os secretarios de Estado, n'uma obstetricia rudimentar e politica, fazem votos por que seja um varão o primeiro d'esses penhores... Será annunciado, em plena côrte e em pregões na praça pública, o primeiro vestigio da conceição...

Quem é elle? um homem; menos alguma cousa — um rei.

E ella? uma creança, a quem se aproveita o primeiro phenomeno da puberdade para a fazer mãe. Não é uma mulher, é um germen; não vae para sua casa — vae para o seu forno de incubação.

O rei é um creador; a princeza, sua noiva, um ôvo!

Deita-se uma rainha como se deita uma gallinha... A nação d'el-rei precisa de frangãos para os seus festins reaes!

Um casamento assim não é uma esperança d'amor, é uma prevenção de pessoal governativo!

El-rei dará o primeiro beijo na sua noiva com o mesmo intuito e a mesma solennidade com que bate a primeira cavilha d'um barco, ou com que lança o primeiro cimento no pedestal d'uma estatua!

Um rei não escolhe uma mulher, mas uma rainha. Por outra forma, nomeia a sua collaboradora dynastica.

Escolhendo, se lhe é permittido escolher, pouco se importa com os olhos d'ella, mas com a vastidão territorial de seu pae. Que tenha sorriso meigo, alma innocente, figura esbelta, importa um pouco, porque é preciso que a multidão a acolha. El-rei ama em nome da nação!

Nada ha mais triste, que estes casamentos ruidosos, esplendidos, em que toda a gente fala de ventura e sorri alegremente, com a mesma sinceridade com que as carpideiras dos romanos lamentavam os mortos, por algumas moedas de prata.

Temos dó profundo d'essas pobres donzellas, delicioso exemplar da escravatura branca que traz ao mercado uma cria real, que tem de cingir uma corôa, que lhe pesa na cabeça e no coração.

Era d'essas a rainha D. Maria...

Pobre creaturinha que, na sua qualidade de princeza de Castella, viera a Portugal a casar-se em obediencia ao serviço obrigatorio do amor. Creara-se nos jardins opulentos do seu paiz para vir, logo ao alvorecer da mocidade, ser planta exotica nas estufas de D. Manuel! De D. Manuel, porque era este o rei portuguez, n'esse momento em que a femea era principalmente aproveitavel. De D. Manuel, ou de outro homem, que ella não viera amar, mas prolificar. Não casara com um coração, mas com uma categoria.

Era princeza apenas, e, porque devia ser promovida, elevaram-n'a a rainha, por concurso entre as outras princezas da Europa.

Entrara assim na sala do throno, com escala pela alcôva real... O diadema da sua virgindade convertera-se, ao calor d'um beijo, em diadema de realeza!

Ao entrar na Alcáçova, encontrara ainda alli as nuvens de incenso das exequias feitas á fallecida rainha. El-rei despira o seu lucto de viuvez para

envergar os seus habitos de noivo. Ou já esquecera el-rei a sua primeira mulher, ou ainda a recordava com saudades. Um viuvo alegre é um noivo voluvel — um noivo triste não pode ser um amante. Ninguem lhe perguntara se ella amava alguem! Que ao menos lhe fizessem isso, já que ninguem lhe perguntara se amava seu marido...

As duas côrtes tinham chegado a um accôrdo, sem que tivessem accordado os dois corações. Sahira da infancia a pobre princeza catholica, e, sem que lhe dessem tempo para sonhar ideaes, impuzeram-lhe o dever de realisar planos.

O amor quando começa a conversar com a innocencia tem a figurinha ainda d'um anjo. A' pobre princeza de Castella apresentaram Cupido, coberto com o manto real e de espada á cinta, em vez de aljava e settas a tiracollo!...

Quando ella ia começar a sorrir, mandaram-n'a que fôsse grave e severa! Ardiam-lhe os labios em appetites de beijos colhidos a occultas, e rodearam-n'a de cortezãos que lhe beijavam os dedos, nas grandes recepções! As devoções entretinham-n'a, mas não a alegravam... Rezava para não pensar.

Amava ella seu marido?

Respeitava-o, e o respeito é muitas vezes a negação do amor. Julgava que um dia nascera filha. Não tinha culpa d'isso, mas acceitava ambas as tutelas.

Tivera um filho... Quem lh'o dera? Deus.

Foi n'este estado d'alma que a fitara o olhar de Luiz da Silveira.

Só então comprehendeu que tinha coração como o das outras mulheres.

Ficou sabendo que amava?

Não foi bem isso. Ficou sabendo que existia o amor!

Não era o amor do pae, nem o do marido; era outro, para ella tão novo e surprehendente como lhe foram as dores da maternidade!

Foi então que ella comprehendeu que o casamento nem sempre tem contratos com o amor.

Luiz da Silveira não era um audacioso; era um habil, e as conquistas do amor não dependem tanto da coragem, quanto do geito.

Se elle tivesse tido uma audacia teria quebrado todo o encanto, accordado de todos os sonhos, dispersado todas as esperanças.

Ha uma grande quantidade de cousas que nós todos desprezariamos se lhe citassemos, ou soubessemos os nomes.

Os euphemismos são a peor invenção litteraria de todos os mundos São elles o ouro que doura a pillula venenosa, de máu sabor, e ás vezes

até nauseante. A melhor maneira de fazer um crime acceitavel é não o denominar... O euphemismo é como uma máscara no rosto de mulher feia...

Se Luiz da Silveira tivesse dicto um dia á rainha — amo-a, ella fugiria d'elle, e iria acolher-se aos braços do marido, retemperar-se nos beijos do filho, pedir protecção a Deus e ao seu confessor...

Mas Luiz não commettia esse êrro... Quando chegasse o ensejo, ou seria ella quem tal dissesse, ou o diriam os dois ao mesmo tempo!

E para que era isso necessario?

Para apressar um desenlace? Se não era facil calcular qual elle fôsse?!... Imagine-se o melhor exito...

Que perigos, que luctas, que sacrificios, que persiguições! Imagine-se o peor...

Que decepção, que vergonha!...

O desenlace era uma tragedia... O menos que lhe poderia succeder era a expulsão da Alcáçova, isto é, a perda do seu futuro, do seu presente, e, por que não havemos de dizel-o? da sua alegria!...

Assim, n'aquella dubia situação, Luiz sabia que amava e que era amado... Toda a gente o invejava e ninguem podia accusal-o... Parecia ser o amante da rainha, e, em tal caso, o parecer já é muito, mas sentia-se forte para resistir... Pelo menos, forte na consciencia.

Pois, se nada havia!?

Nos amores prohibidos, quando não ha nada, ha tudo; ha, pelo menos, o principal.

Elles não diziam amor, mas olhavam amor. Olhavam e pensavam e — olhavam pensando, e pensavam olhando.

Ambos tinham d'isso a certeza. Sim, bem sabiam que, quando sonhavam, sonhavam ao mesmo tempo, diziam as mesmas palavras.

Ter os corpos separados não é o mesmo que separar as almas, isto é, que separar o pensamento, que nos amantes coincide sempre, porque é sempre o mesmo.

Está até averiguado que a melhor quadra do amor é aquella em que os amantes se comprehendem, sem se explicarem... Quando elles se adivinham é que se comprehendem...

Depois, pode vir o arrependimento, o medo, o remorso; antes, não!

São peccadores da mesma forma. Já não amam quem deviam amar, já não pensam em quem deviam pensar; mas, como não pensaram em voz alta, nem deram ao corpo as liberdades que deram ao espirito, julgam-se innocentes... Julgam até que estão sempre a tempo de recuar, e a verdade é que é esse o peor desfiladeiro.

O crime do amor é um crime peor que todos os outros. Já temos roubado, e ainda nos julgamos honestos. Porque não descobrimos o roubo, julgamos que não roubámos! Ninguem sabe!... é o commentario.

E sabe-o toda a gente! O primeiro a sabel-o é o nosso cumplice.

Depois, emquanto ha o segredo, ha a lucta — a lucta em amor, é como o morrão de uma vela que se apaga: ainda arde, mas já não allumia. Comtudo, como ainda a vemos, imaginamos que ella ainda nos vê!...

A rainha sentia, cada dia que passava, uma indifferença por el-rei; ás vezes esquecia-se do filho... Agarrava-se a Deus, porque precisava d'um confidente, e, rezando, dizia que era innocente o seu amor... Tão innocente que, de joelhos deante do confessor, contava-lhe tudo; mas só isso. No tudo não entravam os seus sonhos amorosos e mysticos... Signal certo de que não os julgava tão innocentes, como dissera a Deus.

Depois, um amor que se occulta é um sacrificio que nos engrandece, pois não é?

Quem lhe devassasse o peito havia de admiral-a mais ainda! Ser casta quando se não ama é vulgar, mas amar, mas resistir, mas vencer, é heroico... Aos olhos de Deus devia valer mais.

E traçara a rainha o seu plano — amar em segredo.

Que extraordinaria é a cegueira d'esta especie d'amantes!... Nem se lembram de que um coração que arde suffoca de fumo toda a gente que o rodeia!...

Na Alcáçova andavam todos a dizer em segredo — ha fogo, ha fogo!

E havia... Era um incendio! Os dois amantes estavam quasi asphyxiados. O que admirava era que elles não pedissem soccorro.

As labaredas do coração rebentam pelos olhos, como pelas janellas rebentam as chammas d'um predio incendiado.

Quando Luiz da Silveira olhava, embora n'um relance, o olhar da sua rainha, o rosto d'ella inflammava-se...

Mas não falavam n'isso... Pelo contrário, só diziam banalidades. As banalidades, em taes casos, são profundos pensamentos. Dizer sábias idéas só quando se não pensa n'outra coisa...

A banalidade era, portanto, prova de que o que se queria dizer ficara guardado.

A banalidade é meio silencio, e assim, depois de trocarem cada um a sua, calavam se...

Como são eloquentes os labios mudos e a phrase vulgar quando os olhos se encontram!

E' certo, porém, que a banalidade não é tão banal como muitas vezes se julga...

A's vezes parece uma creança a dizer inconveniencias entre dois namorados. Quando os namorados não teem junto de si uma creança indiscreta, que diga o que elles calam, a phrase banal toma o logar da creança.

Por isso, quando a rainha se encontrou com Luiz da Silveira, depois de ter sonhado com elle, olhou-o mais rapidamente.

N'esse momento, Luiz fitou-a com mais paixão; depois os dois baixaram o olhar, e, afinal, encontraram-se de novo.

Quando subimos ou descemos por uma rua, e nos embaraçamos, hesitantes, com um transeunte que vem em sentido opposto, reconhecemos a necessidade de parar...

Foi o que elles fizeram — pararam o olhar, n'uma certa direcção. — Por acaso, essa direcção era a dos olhares de ambos.

Como o amor tinha de estar mudo, saltou a banalidade por conta d'elle.

— Como passastes a vossa noite, senhora? perguntou Luiz.

— Mal? Não sei. Não dormi tranquilla — sonhei muito, e muito!

— Sonhos dourados?

— Não, azues!

— A côr do céo!

— E do manto da Virgem...

— Sonhastes, então, com a vossa fé.

— Se é o que tenho no coração...

— Tambem tendes amores...

— Sim... meu filho...

— E el-rei?

Luiz occupava o logar da creança indiscreta. Que de coisas sabemos, sem que ninguem nos ensine!...

— Não; ha tempo já que não sonho com el-rei. E vós, Luiz da Silveira? Tambem com a vossa fé?

— Tambem com os meus amores...

— Vossa irmã, talvez?

— Não, senhora minha.

— Resuscitastes vossa santa mãe? Não tendes filhos...

— Tive um sonho azul como o céo, verde como a esperança, e negro como o impossivel!

— O impossivel em sonhos? Não creio...

— Tendes razão, senhora, não ha impossiveis nos sonhos. Dissestes uma grande verdade. Ha segredos... Sonhei com o meu segredo.

— Não é verdade, Luiz, que os sonhos são a arca santa dos segredos da nossa alma?!

— A quem o dizeis? E' n'elles que encontro todo o consôlo para os desesperos da minha vida...

— Não sois feliz accordado?

— Ha muito já que entristeço quando accordado. A realidade é o meu martyrio...

— Não agradeceis ao Céo as venturas que vos concede? Não é bom ser ingrato. Não vos dá a Alcáçova a felicidade que mereceis?

Senhora: a Alcáçova dá-me tanto bem, que o receio de a perder me faz o mais infeliz dos homens.

— E por que haveis de perdel-a? Não tendes aqui rostos amigos? Não vos prezamos e distinguimos todos?

— Todos, dissestes? Tambem vós?

— Tambem eu, sim... Por que duvidaes?

— Porque vos não mereço, senhora. Não sei quantas queixas me faz a consciencia — que tanto vos querendo — me accuso de vos querer mal.

— Sois louco, decerto. E é dos vossos maleficios que devo temer?

— Quem sabe? Tambem se faz mal por bem querer, e eu tanto vos prezo e respeito, que tremo com medo de que vossa alteza me condemne por ser, junto de vós, mais reservado que um cortezão, ou mais sincero que um fidalgo.

— Alegra-me a vossa tristeza, Luiz; não temaes molestar-me com ella, Mais triste ando em cada dia que passa, e agrada-me, quando vos avisto, que não andeis risonho como a outra gente da côrte...

— E' que eu não sou da côrte: sou vosso... e de vosso filho. Não me accuseis, senhora, de vos dizer assim: mas, a verdade, é que no dia em que se apagasse o vosso olhar, fecharia os olhos para sempre! Falo-vos muito por affecto mas muito mais por lealdade...

— E que sonhastes? perguntou a rainha mudando intencionalmente o curso da conversação.

— Sonhei que amava um astro... Eu! que só tenho direito a amar uma mulher na terra!...

— Amaes então o Sol?

— Talvez, mas na forma gentil d'uma estrella...

— Tão alto! Se ella vos guia, por que não podera amar-vos?

— Vós dissestes a causa, senhora: tão alto!...

— Voae então. Na vossa edade o coração tem azas como o olhar. Se vêdes a vossa estrella, mandae-lhe no olhar o vosso amor.

— A luz d'esse astro crestou-me as azas do coração...

— Mas, em sonhos, passeamos no Infinito, deitamo-nos nas nuvens, e toucamo-nos de estrellas!...

— E' que vós sois irmã d'esses astros formosos! Sempre que em sonhos a vejo e a procuro — quero subir, e arrasto-me, quero chamal-a, e emmudeço, quero fital-a, e cego!

— Mas, se podesseis, voarieis?

— Sim, como o vento que todos escutam, e ninguem vê...

— Costumaes contar os vossos sonhos?

— Conto como quem os occulta; se os contasse como os sonhos, talvez me arrependesse de contal-os...

— Parecem-se com as minhas as vossas noites! Tambem eu costumo viajar pelo espaço nas azas do pensamento, por entre as nuvens dos meus segredos e as auroras das minhas esperanças...

— Bem o sei, senhora...

— Bem o sabeis?! Como assim, se apenas agora vol-o confesso?

— Não é minha a culpa... Já vos tenho encontrado n'essas regiões luminosas...

— Vós?

— Sim, eu. Perdoae-me a indiscreção. Velo-vos de noite o pensamento, como vos sigo de dia o vulto e a sombra... Até quando vos saúdo, senhora, á hora da manhã, logo vos adivinho no rosto as canceiras d'essas viagens.

— Sabeis então por onde ando á hora do silencio?

— Sei, por divina inspiração, que andaes por entre os anjos a contar as vossas mágoas. Ainda em a noite que passou vos vi partir tão triste e tão só!

— Tão só!... acudiu a rainha, como se acreditasse ter sido vista nos vôos da sua phantasia.

— Entre azas de dois anjos, que andam pelo ar ao serviço dos crentes e dos tristes...

— Vistes-me de longe, ou seguistes-me de perto?

— Foi, n'uma canceira e n'um anceio! com medo de que vos roubassem aos vossos amores e á nossa terra...

— E quem vos acompanhava?

— Dois genios, dos que alentam pagens, sagrados pela dedicação e pelo respeito...

— E vistes pelo caminho?...

— Nada vi, senão a vós, senhora, comquanto vos allumiassem myriades de estrellas, e vos traçassem o caminho festões de rosas e ondas de transparencias...

— Continuae, Luiz, continuae... Foi isso a noite passada?

— Sim, foi esta madrugada, quando já tremulava brilhantissima a estrella d'alva...

— Como o sabeis?

— Via a na faixa do céo que cobre o terraço, em frente da galeria da minha alcôva ..

— Que extraordinaria coincidencia! Tambem eu a essa hora vi essa estrella, e parti para a magia d'um sonho com o olhar preso a um dos raios d'essa luz... E, dize-me depressa, Luiz, alcançastes-me, ou perdestes-me de vista?

— Confunde-se me a memoria n'este ponto do mysterio! Se eu ia tão queixoso! Fundia-se á luz do sol a chuva das minhas lagrimas. Houve momentos em que um nevoeiro côr de rosa vos envolveu de tal arte que accordei tão maguado, como-se o sonho fôra realidade. E quem não o acreditara? Só fôra falso, pensei eu, que o sol me tivesse enxugado o pranto...

— Por que? interrogou a rainha, olhando já muito anciosa para Luiz da Silveira.

— Porque senti nos olhos, á sombra da minha lampada, as lagrimas que eu chorava...

— Luiz! exclamou a rainha, abraçando-o n'um olhar doce, meigo e sem reservas — obrigada...

E os dois amantes ficaram por momentos mudos, a fitarem-se, como que adormecidos, n'um somno de extase, feito de sorrisos, com as almas a espelharem-se nas pupillas illuminadas...

E, n'esse momento, sem que elles soubessem como, nem quando, tinham as mãos dadas...

Nenhum d'elles as pedira, nenhum as acceitara! Fôra d'ellas a iniciativa e a resolução!

Cahira dos hombros da mulher o manto da rainha, e voara-lhe ao encontro o respeitoso companheiro...

Soou então, na torre da Alcaçova, o sino que annunciava a hora da missa...

Apertaram as mãos trémulas como se tivessem ouvido aquelle aviso, e baixaram os olhos, que se espelhavam.

Luiz da Silveira, n'um fidalgo e habil movimento, dobrou levemente o joelho e, levando aos labios a mão da rainha, recuou, dizendo:

— Não ha dúvida, senhora, vae começar o santo sacrificio...

— Dizeis bem, Luiz, santo sacrificio esse que vae celebrar-se no altar da capella.

— São santos todos os sacrificios, porque são prova de que existe o amor — summula das tres grandes virtudes — a fé que vos fortalece, a esperança que me foge, a caridade que vos supplico!

— Vamos pedir a Deus virtudes e resignação... Vinde.

— Não por mim, mas por vós, irei orar.

— Por vós rezarei eu, D. Luiz.

— Não rezeis pela minha vida, senhora...

— Ingrato! Já esqueceste que, se Deus me roubou no Céo, me restituiu á terra.

— Vivereis, vós, senhora, que sois d'el-rei e do principe... Eu não... que, se ganhasse a minha estrella, morreria de prazer; se a perdesse, morreria de saudade!

E o sino continuava badalando...

— Luiz, disse-lhe a rainha, já que me acompanhastes toda a noite, por tão amplas e maravilhosas regiões, vinde commigo contar os nossos sonhos a Deus...

— Elle conhece-os, que só d'elle poderia vir tanto enlêvo á minha alma...

— E tanta tristeza ao meu coração! Vamos, então, perguntar-lhe por que nos não dá, na terra céo egual ao que nos mostrou lá em cima?

E, pouco depois, a rainha ajoelhava no balcão real, que se abria no altar-mór, á direita do sacrario. Ao levantar o calix, e, quando o acolyto agitava por tres vezes a campainha alegre e vibrante, inclinava a cabeça, e, batendo sobre o coração, dizia triste e afflicta:

— Perdoae-me, Senhor, se amei tão tarde... e apagae-me no peito este fogo que accendestes. Dei o meu corpo a el-rei — offereço-vos, Senhor, este amor!...

*

Notava-se na côrte de D. Manuel que a tristeza da rainha augmentava com a sua piedade. A maledicencia começava a arrepender-se. As devoções eram cada vez mais frequentes, e a rainha cada vez mais se entregava aos cuidados de seu filho.

Luiz da Silveira andava desviado dos salões da Alcáçova, e já, por vezes, tinha sido visto nas cavalgadas reaes.

Contavam-se proezas, que elle fizera nas caçadas mais apparatosas, e, uma ou outra vez, o melancholico fidalgo se mostrava alegre e vivo no convivio da côrte que se ia aprimorando em galanteio e bellas artes.

El-rei rodeava-se, com cuidado, da flor da fidalguia portugueza, e, n'ella enxertava, com pronunciado gôsto litterario, os melhores poetas e prosadores.

Adejava pela Alcáçova, n'uma alegria ruidosa, o amor, e até ao despontar da mais innocente paixão, rebentava o escandalo do pregão e a graça do epigramma.

Os amantes estavam convertidos em motes deliciosos, e ás damas mais formosas eram dedicados os mais artisticos madrigaes.

Era isto n'aquella época, que Gonçalo Çacoto descrevia n'esta quintilha, que ficou célebre, e vem citada nas *Amantes de D. João V*:

Bom escrever, bem falar
Motejar e saber rir,
Bom dançar e bom bailar,
As coisas que são d'olhar
Sabel-as mui bem sentir.

Estavam, por isso, no seu apogeu de esplendor e vivacidade os serões da côrte. E onde se escreve e fala bem, onde a graça anda de braço dado com o talento, a intriga vê-se obrigada a fugir para os aposentos da politica, e por isso mesmo, a deixar á vontade, e á sôlta, os idyllios de coração.

A tristeza era symptoma de mysticismo, e não de paixão amorosa.

Se a rainha cada vez mais entristecia e rezava evidentemente, andava mais preoccupada com as tentativas diplomaticas de Fernando V que com o olhar enamorado d'algum fidalgo, ou menestrel.

Affirmava-se até que D. Luiz da Silveira não lograra favores da rainha, e que apenas se aproveitava de tão excepcional convivencia, para se apoderar do valimento de D. João.

Alguem, porém, andava a segredar a D. Manuel que sério perigo havia na influencia do moço fidalgo no ánimo da rainha, como conselheiro, e na de educador do principe D. João.

Affirmava-se que D. Luiz da Silveira educava o filho ao sabor da mãe, e taes coisas dizia e ensinava que o futuro rei, em tudo que pensava e apprendia, era contrário á politica e aos intuitos de seu pae.

D. Manuel, que via seu filho rodeado da gente que lhe era mais contraria, fingiu apenas irritar-se contra o fidalgo que, tão de perto, acompanhava sua mulher.

O seu desagrado andava em busca d'um pretexto...

Servia-lhe a intriga dos dominicanos. Dos dominicanos? Dos partidarios da fé? Dos impacientes instituidores da Inquisição?

Sem dúvida, que Silveira, com os seus amores, ia humanisando de mais a princeza, que elles tinham elegido para chefe do partido espiritual da Alcáçova.

Desde que a rainha tivesse o espirito mais preoccupado com a côrte assidua de Luiz da Silveira; desde que ella pensasse na possibilidade de mudar o céo para a terra, e de alliar o amor a Deus com o amor a um

homem, devia fatalmente arrefecer aquelle zêlo religioso pelas cousas do culto, e pelos interesses da Egreja.

Silveira podia ser um bello auxiliar, mas era necesario que se conservasse no mundo das esperanças... Se elle ia ganhando terreno, podia perder-se e perder a melhor influencia que havia na côrte...

Na opinião dos dominicanos, o Céo perde sempre alguma cousa, quando na terra os seus servidores andam alegres e felizes. Por isso, a população dos mosteiros era composta de gente que soffrera decepções. O scepticismo e o desespêro eram as grandes catapultas que arremessavam homens e mulheres para dentro dos claustros. Depois de lá estarem — ou se arrependiam, ou se pervertiam.

De se terem pervertido é que nunca tinham arrependimento...

O zêlo dos agentes seculares, isto é, dos que andavam fora da vida monacal a trabalhar pela Egreja, precisava de ser constantemente vigiado. Se a rainha se apaixonasse a valer pelo aio de seu filho, corriam os frades o grande perigo de perder a cooperação presente da rainha e a grande fôrça futura do principe real. Aquelle amor devia conservar-se n'um estado latente...

Se aquelles dois corações chegassem um dia a entender-se, não seria só D. Manuel o prejudicado... Isso era o menos!... Sel-o-hia tambem a causa de S. Domingos, já tão prejudicada com o governo presidido por Antonio Carneiro...

Por isso os dominicanos intrigavam, e, desde o nuncio até o confessor da rainha, andavam na tarefa assidua de chamar a attenção de el rei para o valimento de Luiz da Silveira.

Percebeu este a tactica dos contrários e procurou illudir, quanto possivel, a vigilancia d'elles.

O estado da côrte de D. Manuel favorecia-lhe os intuitos. Os maldizentes andavam todos entretidos nos seus proprios amores. Folgavam com isso... Nos serões já não havia quem falasse dos proximos, porque andavam todos entretidos em galanteios da sua especial predilecção. Cada dama da Alcáçova tinha o seu cantor, o seu grande paladino! Solteiras e casadas subdividiam a grande côrte em pequenos partidos.

Todas as noites, ao serão, havia concurso de belleza. Luctava-se com as armas litterarias mais aceradas. As vaidades eram crivadas de epigrammas, e as beldades cantadas em rima nova e opulenta. Cada glosa era premiada com um sorriso... Até os maridos se gabavam de que suas mulheres tinham inspirado melhores conceitos, e perdoavam as settas, que os feriam, por causa das flôres que choviam sobre as consortes. O veneno das settas litterarias era compensado pelo aroma das flôres apaixonadas...

Ao fim do serão os casaes sobraçavam todos aquelles trophéos, e iam para casa de braço dado...

Ficava tudo na familia!

A rainha começara a esquivar-se áquelles festins das musas, e a côrte folgava com isso. Estava mais á vontade! O amor anda melhor livre de pragmaticas.

Perguntava-se, ao principio da noite:

— Onde está sua alteza?

— Recolhida nos seus aposentos...

Ou então:

— Na capella, cumprindo um dos seus votos...

Não fazia falta! Nem el-rei dava por isso.

Passavam-se assim as horas tão alegremente!

Bastava para isso que lá estivessem D. Branca Coutinho, formosa e presumida; D. Margarida Henriques, espirito travesso; a elegante e bem ataviada D. Izabel Cardosa; as filhas do senhor de Villa Nova, D. Maria Henriques e D. Francisca da Guerra, rivaes, em face dos galanteios de Gonçalo da Silva; D. Beatriz da Silva, D. Leonor de Castro, que sorria para D. Luiz de Menezes e D. Genebra, que fazia o mesmo para Christovam Freire; D. Adelaide de Lima, e tantas outras de que nos fala o *Auto das Fadas*, de Gil Vicente, e os *Porques*, de Setubal, e que, no livro sobre a mocidade do poeta, são citadas, com elegancia e graça, pelo sr. Julio de Castilho.

Alli cada poeta tinha a sua musa, e cada D. Quixote a sua Dulcinéa. Entre as mais formosas, algumas havia que tinham nos olhos reflexos da corôa real... Aquelles salões eram uma especie de ilha dos Amores, onde as nymphas trajavam galas mais tentadoras que a nudez, e, sendo perseguidas, se lançavam, sorrindo e não assustadas, nos lagos espelhentos da graça levemente encrespada e da ironia mais galante...

A rainha, ás vezes, apparecia ao principio do serão, e logo se retirava. Era isso nos dias em que apparecia tambem D. Luiz da Silveira.

Nos outros, em que elle estava ausente, a rainha ficava toda a noite, triste, sim, mas risonha.

Quando os tristes sorriem é quando estão muito tristes!

Uma noite, quando já as altezas se tinham retirado a um canto do salão, um grupo conversava com mais accentuada vivacidade.

Falara de preferencia Gonçalo da Silva, que chegara ancioso por dar novidades. Fazia D. Maria Henriques taes gestos de surpresa e D. Luiz de Menezes debruçava-se tanto sobre ella, para lhe perguntar o que dissera Gonçalo, que Luiz da Silveira, que estava longe, se foi approximando.

Era d'elle, provavelmente, que falavam...

O grupo ia crescendo com a conversação, que a todos parecia interessar vivamente.

— Aonde ouvistes, D. Gonçalo, contar o episodio?

— Em S. Domingos, onde fui esta tarde, não se falava n'outra coisa.

— Invenções dos frades, invejosos do valimento da abbadessa! explicava D. Christovam Freire.

— Talvez sejam, continuou o alviçareiro. Porque o facto é publicado pela inveja, não quer dizer que não seja um facto...

— E' essa a minha opinião; os homens defendem-se sempre uns aos outros...

— Quereis, então, D. Violante, defender a honestidade de D. Philippa?

— Quanto menos honesta ella fôr, menos provavel é o escandalo, acudiu D. Beatriz da Silva. Não é assim, D. Luiz de Menezes?

— E' meu dever ser por el-rei, na minha qualidade de vassallo; mas sou homem e não devo associar-me ao desprestigio d'uma dama.

— Uma dama! Não reparaes n'esta audacia, D. Margarida? Uma dama a cortezã de Lorvão! Que nos chamareis então a nos?

— Vendo eu como sabeis ferir, falando, chamar-vos-hei dama de espadas.

— Acceitem, disse D. Margarida, sorrindo, somos damas de espadas, porque merecemos que os homens se batam por nosso amor...

— Ou porque feris com as vossas linguas finas e cortantes como as melhores laminas de Toledo...

— Em todo caso, insistiu a travêssa Margarida, antes de espadas que de ouros. Philippa é d'estas no baralho das mulheres! Os homens não se batem por ella, pagam-lhe...

— Razão de sobra teve Gil Vicente, treplicou Luiz de Menezes, quando disse de vós:

Por que é tão máu rapaz
D. Margarida Henriques?

— Digam o que disserem, insistiu D. Gonçalo. O caso fez ruido e já chegou á Alcáçova. Não ha que duvidar — el-rei esteve em Lorvão n'uma aventura nocturna, que as monjas e freiras presencearam envergonhadas...

D. Luiz da Silveira approximou-se mais do grupo.

— Se tal noticia chegou á Alcáçova, foi por vossa causa, D. Gonçalo, que, quando entraes aqui, como se deixasseis a porta aberta, fazeis que cheguem até nós os baixos murmurios do soalheiro.

— Reparae, D. Luiz, que nada vos contei, e que, portanto, não vos devo explicações do meu proceder.

— Nem vol-as peço — commento a indiscreção, que tem o caracter de aleive.

— Estaes falando com um fidalgo...

— Se vós, que o sois, vos esqueceis d'isso, como quereis que eu me lembre? Reparae, senhoras, que, se el-rei sahiu de Lorvão allumiado pelos brandões das monjas, é signal de que não teme a noticia da aventura. Não ha, pois, motivos para murmurios maldizentes...

— Quando tivesseis procuração de el-rei para o defender, devieis esperar que eu o accusasse. Quem espiona por conta alheia não tem senão o direito de denunciar...

— Faço-vos, senhores, juizes d'este aggravo, e espero que, ainda que D. Gonçalo vos peça soccorro, lhe não acudaes, se longe d'estas damas elle ousar repetir-me o que agora disse...

Ergueram-se as damas rapidamente, umas metteram-se entre os contendores, outras afastaram os que lhe eram dilectos, e outras percorreram o salão pedindo a intervenção dos grupos diversos.

N'um momento, D. Gonçalo da Silva e D. Luiz da Silveira estavam rodeados de muita gente.

— Tranquillisae-vos, senhores, saberei respeitar a casa d'el-rei. Arrancae, se puderdes, egual promessa de quem a diffama e enxovalha. Vamos, D. Gonçalo, dizei em voz alta, deante d'estes senhores, o que viestes contar de ánimo leve e espirito venenoso.

D. Gonçalo ficou mudo, affrontando o olhar de Luiz.

— Então? saibamos, por junto, o que deviamos saber por partes. O que ha a respeito de Lorvão? Deve ser uma bella historia para contar a mulheres, contra um homem em cuja casa estaes! Não tenhaes medo, somos muitos e muito unidos para que eu possa desembaraçar-me e ir até perguntar-vos se sou eu quem espiona, ou vós que mentis...

— O que disse, senhores, foi que faz menos damno a um homem uma aventura de claustro, que a uma mulher a perseguição d'um apaixonado.

D. Luiz da Silveira levou a mão á espada...

— Disse eu, continuou D. Gonçalo, que os que contam o que ouvem são menos perigosos, e infamam muito menos, que os que infamam com o olhar e calam por cobardia. Disse eu que repetir o que se diz d'um homem é mais nobre que obrigar a dizer d'uma mulher...

— D. Gonçalo, disse, com voz forte, D. Luiz, levantando a espada, essas palavras são mais que uma banalidade de que se soccorre a vossa cobardia, ou visam, de facto, o meu nome e a minha vida?

— Que a vossa consciencia vos responda, se, por acaso, ainda tendes d'isso.

— Em guarda! villão! gritou Luiz da Silveira.

E, rompendo violentamente por entre o grupo que o embaraçava, ia a cahir a fundo sobre o peito de D. Gonçalo, quando viu que elle não desembainhara a espada...

Recuou então...

El-rei apparecera á porta do salão e dominava a scena com o olhar.

— Em bons tempos e bons costumes nos vamos todos, se os fidalgos se fazem brigões, e nem a Alcáçova respeitam! Já que tivestes o trabalho de despir a vossa espada deante de gente tão bem trajada, entregae-m'a, D. Luiz da Silveira; quero mandar fazer-lhe bainha mais garrida e mais justa. E vós, D. Gonçalo da Silva, já que a vossa tem tanto pudor, ou está tão fatigada, que a estas horas já dorme e com tal alarido não desperta, dae-m'a tambem. Quero pôl-as em convivio, durante algum tempo, para que uma á outra corrijam seus defeitos.

— Senhor, disse D. Luiz, approximando-se d'el-rei e apresentando a cruz da sua espada, aqui tendes, bem núa, a minha honrada lámina. Não treme de frio, porque a aqueceu o meu pulso, nem córa de vergonha, porque não teve culpa de lhe faltar o desmaiado rubor do sangue adversario. E' ella uma das vossas mais dedicadas e leaes amantes, senhor! Só vos peço que m'a restituaes em breve, para que possa, como agora, defender-vos de insidias e de aleives... Ainda mais: não lhe deis companheira que a macule, porque ha outras que são finas como a lingua das viboras, e, como ellas, peçonhentas e traiçoeiras.

E esperou que el-rei lhe acceitasse a espada...

D. Manuel fez o movimento para a acceitar; mas, quando, já com a mão, lhe tocava os copos, como se tivesse sido movido por uma nova idéa:

— Guardae-a, por agora, D. Luiz, se não para defender a honra do vosso rei, que ninguem, eu sei, ainda ousou atacar, ao menos para que possaes ensinar o principe a esgrimir commigo, quando tiver pulso para a suster...

— Guardo-a, senhor, por direito de cavalleiro e de fidalgo da vossa côrte; e, para vos obedecer, mandarei corrigir a que depuz, por cançada, no braço de meu pae, que serviu el-rei D. João II. Com essa não duvido ser mestre d'armas do principe D. João, meu senhor, não para elle esgrimir contra vós, mas para que possa defender seu pae, como eu defendo o meu rei, de dia e de noite, nos campos da batalha, nos salões das alcaçovas, ou nos centros da intriga, que devassa intenções dos homens e calumnía a honra das mulheres.

E, pondo de novo a espada na cintura, cortejou el-rei, em despedida.

— Um momento ainda, disse D. Manuel: já que falastes em defender-me de intrigas e malevolencias... Quando cheguei, notei que defendieis os vossos brios, e não os meus, e julgo que, falando-se aqui de mulheres, a vós, e só a vós, e não a mim, iria a allusão. Como é, pois, que confundis negocios da vossa intimidade com os da minha pessoa e categoria?

— Ia retirar-me, senhor, sem vos explicar, como acceitei por minha a causa alheia; mas, já que insistis, contar-vos-hei tudo. Poreis, senhor, nas intenções, o que em verdade faltar á narrativa. Sabeis, decerto, que ha poucos dias vos acompanhei, a horas mortas, a caça de judeus refeces no mosteiro de Lorvão...

El rei estremeceu, e logo serenou, conchegando o cinto e regulando, distrahido, as prégas do gibão.

— Vamos, continuae, disse D. Manuel.

— Lembrae-vos, senhor, de que fomos, de surpresa, e em virtude de denuncias relativas a abusos graves na ordem do mosteiro, penetrar nos aposentos de Philippa d'Eça, pela escada da torre, e pela porta secreta. Eu mesmo quiz que vossa alteza visse de perto quanto os prazeres, com prejuizo da devoção, andavam por alli aninhando-se ousadamente. Commigo entrastes, e commigo sahistes entre brandões que reclamámos, para que ninguem envenenasse os intuitos da nossa travessia. Sabei, pois, meu senhor, que a vossa superior vigilancia e o vosso requintado zêlo pelas cousas do culto, havendo chegado ao conhecimento dos frades da ordem de S. Domingos, com quem tendes sido severo e justo, deram entrada na Alcáçova sob a forma d'uma accusação que eu tinha o dever de repellir...

— E essa accusação?...

— Dizia, que não o respeito por vossa alteza, mas o meu amor por Philippa d'Eça, alli me tinha levado e exposto á vossa censura e desagrado.

— E quem affirmou tal?...

— Perguntae-o, senhor, a D. Gonçalo da Silva...

— Que dizeis a isto, D. Gonçalo?...

— Que, se vossa alteza confirmar a affirmação de D. Luiz, do que eu disse me penitencio...

— Está bem, está bem! Já vejo que ninguem aqui se entretem com o uso que faço da minha liberdade e dos meus poderes. E' caso entre vós, que tereis de liquidar, com as armas que vos pedi. Ficae ambos com ellas. E, porque D. Gonçalo calumniou D. Luiz da Silveira, ou este o desarme em lucta franca, com testemunhas de honra, ou aquelle se desculpe de sua leviandade, ou fraqueza...

— D. Luiz de Menezes e D. Christovam Freire, conto comvosco, disse D. Luiz da Silveira.

— E vós, senhor de Villa Nova, com vosso primogenito — guardareis as minhas escusas ou a lâmina da minha espada.

— Ide, pois, senhores, e procedei honradamente — e, já que pleiteastes na Alcáçova negocios de vosso interesse, evitae voltar aos serões da côrte — um porque teria de vir desarmado, outro porque teria desarmado um fidalgo da minha casa.

— Senhor, disseram os dois fidalgos inclinando a cabeça...

E sahiram, em sentido opposto.

— Antonio Carneiro, disse el-rei dirigindo-se ao seu secretario, com quem estivera n'essa noite em conferencia e que acabara de entrar, ordenae ámanhã a deportação de Luiz da Silveira...

— Insistis no plano, que me parece precipitado?

— Insisto — D. Luiz é audaz e habil; fizeram-no chefe de partido, e pretende ser chefe de familia.

— Reparae, senhor, que tal violencia fará alarme na côrte, e a maledicencia...

— Emquanto é tempo... Começou por defender a rainha e anda já defendendo o rei! E' zêlo de mais para um aio do principe D. João!

— E a razão?

— Máus conselhos dados ao principe... Sinto que se aperta o cêrco que me fazem os adversarios. Será esta a minha primeira sortida.

— Daes mantimentos á calumnia...

— Antes a calumnia hoje, que a verdade ámanhã.

— Para fora do reino?

— Para todas as partes onde a côrte não tenha o habito de se demorar uma hora sequer.

— Muito para o norte?

— Muito para a fronteira...

— E sua alteza?

— A rainha?

— Sim... Nada receaes?

— Absolutamente nada! Não faço aggravos nem a ella nem a mim. Defendo-a, que é esse o meu dever, defendendo-me.

— Tem sua alteza peregrinas virtudes de coração, que a elevam acima das mais crueis suspeitas. E é por isso que julgava mais prudente que não alarmasseis, senhor, com rigorosas providencias, a intriga da côrte.

— Não o faço sem pretexto...

— Este é fraco.

— Um conflicto na Alcáçova!

— Por vossa causa, senhor...

— Embora. Não ousou D. Gonçalo dizer que a mim se referira.

— Mas ouviu muita gente.

— Que o não terá acreditado.

— Enganaes-vos, senhor; — na cidade o que se começou segredando já se refere em voz alta!...

— Diz-se então?...

— O que os agentes de Roma entendem por melhor espalhar. — Por exemplo — que perseguis por ciumes a filha da abbadessa, que pretendeis transferil-a para Odivellas por ser mais proximo, que a entrega de Jacob a Castella foi mais obra de rival irritado que deferencia pelo governo das Hespanhas.

— Tudo assim será, Antonio Carneiro; mas o que é certo é que preciso de afastar Luiz da Silveira.

— Não receaes que o escandalo chegue aos ouvidos de sua alteza?

— Ninguem ousará tal...

— E Philippa d'Eça?

— Ficará perdida.

— Com o Papa do seu lado?

— Ainda assim.

— Expulso — aos olhos da rainha, minha senhora. Luiz da Silveira deixará mais em saudades que levará em amor. O martyrio d'elle e a vossa infidelidade são demasiados estimulos n'um coração de mulher. Prudencia, meu senhor. A compaixão é uma doença que ataca os grandes corações. No vosso caso, antes de afastar Luiz da Silveira da côrte, afastal-o-hia da rainha.

— E como?

— Afastando o principe de sua mãe. Ser adorador é mais perigoso que ser mentor.

— Bem sabeis que D. Maria não é o mesmo que D. Izabel. Já não tenho no contrato nupcial servidão da vontade e da consciencia. Não serei jámais arrastado ás violencias que pratiquei. Expulsei judeus, forcei apostatas, roubei creanças á tutela paterna, fomentei emfim as grandes matanças, que apenas pude punir. A licção foi proveitosa. Vamos a isto, Antonio Carneiro — é preciso afastar Luiz da Silveira. E' novo, é intelligente, é fidalgo pelo sangue e pela educação. Junto da rainha affeiçoar-se-lhe ha e será seu instrumento nas intrigas da Alcáçova; junto do principe será um perigoso conselheiro. Os frades invejam-lhe já o valimento e, por isso, buscam compromettel-o. Aproveitemos o ensejo — impellido por dois lados,

partirá sem protestos. Vamos, ámanhã quero tudo acabado. Substituil-o-hei junto da rainha. Onde está o marido affectuoso não se sente a falta do galanteador occasional. E' a grande superioridade do senhor sobre a mulher honesta.

— Tomaes, pois, a vosso cargo communicar a sua alteza essa resolução?

— Esta noite mesmo... Retomo o meu logar, e vereis como saberei manter a posição conquistada.

O salão estava quasi deserto. Toda a côrte tinha passado deante d'el-rei, durante este dialogo.

— Que sangue-frio em sua alteza! commentavam uns.

— Nota-se-lhe na physionomia a raiva contrahida, segredava uma dama.

— Feliz rei! Pobre marido! dizia outra acotovellando o seu parceiro.

— Como são as coisas d'este mundo! notava D. Margarida, depois de cortejar el-rei. Luiz da Silveira quiz defender el-rei, e perdeu-se. D. Gonçalo quiz maldizel-o, e salvou-se!

— E aqui está como a Philippa d'Eça recebeu el-rei na sua cella e poz fora Luiz da Silveira da cella da rainha, remordeu D. Violante.

— Pois é certo que elle estava lá? perguntou D. Luiz de Menezes.

— Adejava, adejava!... respondeu maliciosamente a Cardosa, tufando a saia e lançando o collo com a elegancia do cysne.

E fez-se o silencio em todo o salão.

Antonio Carneiro tambem se retirou .. Ficou apenas el-rei, de braços cruzados e cabeça pendida, a pensar... a pensar...

Seria o ciume que o fez ser tão inflexivel com o seu amavel cortezão? Quem sabe? Talvez. O orgulho toma, ás vezes, o logar do amor, e faz o papel d'este com toda a correcção. Elle amava a rainha? Impossivel!

Acceitara-a, signal de que a rainha lhe não repugnava... Amava-a como a uma mulher que se cubiça, mas esquecia-a, como a uma mulher que já possuira. Tambem amara D. Izabel, e essa era mais mulher, que é como quem diz mais homem. Uma morrera cedo, e apesar d'isso quasi não lhe deixara saudades!

Fôra mais seu ministro que sua esposa. Cahira, como, nos tempos modernos, pode cahir um governo.

Casara novamente, e não estava arrependido; tanto que, se fôsse necessario, casaria outra vez.

Ciumes não tinha, que a piedade da princeza hespanhola não lhe deixava tempo para pensar nos galanteios dos cortezãos... Por muito novos e gentis que fôssem, nenhum d'elles era rei Ser rei dá privilegios em toda a parte, até no coração das mulheres.

Elle tinha esse privilegio.

Quem quizesse attentar contra esses privilegios seria réo de lesa-majestade.

Se a rainha amava Luiz da Silveira, que o amasse á sua vontade. O que era necessario era que fôsse sempre d'el-rei, exclusivamente d'el-rei!

O seu leito real era como o seu coche de gala!

Ciumes, verdadeiramente ciumes, sentia sua alteza por outras mulheres — pelas que podiam ser d'elle e dos outros... A rainha era mais alguma coisa que uma mulher — era uma alfaia da sua realeza.

Era como a corôa que elle cingia nas grandes solennidades... Quem ousaria pôr na cabeça esse emblema do poder?

Que Silveira estivesse apaixonado pela rainha tambem o não irritava... Pelo contrário. O amor é muitas vezes apenas inveja — e a inveja é a grande pedra de toque das preciosidades que possuimos.

Quantas vezes tinha ouvido phrases de admiração pelas pedrarias do seu cinto? Se lh'o roubassem mataria o ladrão. Um rei não tem o amor com o mesmo feitio do amor da plebe. E' mais que amor por uma mulher, é amor-proprio.

Tinha armas riquissimas na sua panoplia. Era só el-rei que as cingia e esgrimia com ellas, mas toda a gente, ao passar na armaria, as admirava e desejava!...

O que podia ter succedido? Confrontar a rainha a frieza d'el-rei com o quente enthusiasmo do seu moço fidalgo?...

Isso devia entretel-a apenas! Tambem, quando foi negociado aquelle enlace, lhe tinham dicto que a princeza acceitava, ao tempo, a côrte d'um fidalgo hespanhol!... Signal certo de que não escolhera mulher sem belleza e sem coração. Tudo se esquece n'este mundo, e o casamento é uma grande liquidação de paixões transitorias. O indispensavel era, de tempos a tempos, refrescar o coração da mulher, como se faz ao fato por causa da traça. Algumas horas de assiduidade e galanteio junto da rainha, e o afastamento immediato do impetuoso Adonis era o bastante...

E el-rei, seguindo o fio d'estas considerações, encaminhou-se para os aposentos de sua esposa.

A rainha, que ainda se não recolhera, rezava junto do pequeno altar erguido a um canto da sua vasta alcôva.

D. Manuel fez-se annunciar, e, logo que teve permissão, entrou, indo afagar a rainha, que veiu ao seu encontro.

— Vós?! disse ella, mostrando admiração. Ha quanto tempo vos não dignaes, senhor, vir junto de mim, a contar-me vossas alegrias e tristezas, e ainda o que mais pode interessar-vos sobre os negocios do Estado?

— Venho só falar de alegrias, que me anda fatigado o espirito de

cuidar em demandas, que me afastam dos encantos da minha virtuosa companheira.

— Tencionaes passar aqui a noite, ou vindes apenas saudar-me, como tendes feito n'estes ultimos tempos?

— Andaes sempre tão triste e devota que, para vos não contrariar, vos tenho deixado vagar e tempo para as vossas devoções espirituaes e para os cuidados constantes que vos merece o nosso querido principe.

— Porque sou mãe carinhosa junto de meu filho, não deixaes de ser o meu senhor...

— Molestam-me as saudades que resultam das nossas longas separações, e tenho pensado, senhora minha, que precisaes de dividir o vosso tempo, por forma, que me caibam, entre os momentos que consagraes a Deus, ao vosso confessor, a nosso filho e á vossa intimidade, alguns, por mui breves que sejam, que me suavisem este terrivel officio de governar o reino.

— Aguardo-vos sempre, mais alegre emquanto vos espero, e mais triste quando só vos aguardo...

— E' certo, porém, que a minha presença já vos não faz sorrir, como outr'ora, e receio que tenhaes motivo de queixa do meu proceder desattento.

— A minha tarefa, creio eu, tem sido bem cumprida. Se, nobre como sois, andaes desattento para os cuidados do coração, é que, outros, sem dúvida, que mais interessam um rei, vos chamam e conservam longe de mim...

— Não tanto, não tanto! A confiança que me inspiram as vossas elevadas e provadas virtudes me animam a esperar que não perco com as minhas ausencias forçadas. Vou, porém, reparar os passados erros e merecer de novo acolhimento e perdão.

— Senhor, por que vos desculpaes?

— Agora, demais me parece azado o momento, pois que, por interesse do Estado, ides ficar privada da assistencia leal e affectuosa de um dos nossos melhores servidores.

— A quem vos referis, senhor?

— Pouco isso importa, porque sendo eu quem o substitua, o desgôsto, que vos deixar quem se afasta, será assaz compensado pelo prazer que vos dou, substituindo-o.

— E assim é. Oxalá que sempre assim tivesseis em tão alta conta o meu amor e lealdade. Dizei-me, apesar d'isso, quem é o ingrato que se cançou do meu habitual acolhimento...

— Sentemo-nos, em primeiro logar... E agora desejo ouvir o vosso

valioso parecer sobre a justiça que acabo de applicar a D. Luiz da Silveira...

— Justiça que applicastes? Premio, não é assim?

— Não, castigo...

— Castigo? a D. Luiz da Silveira? Que vos fez elle?!

— Coisa bem extraordinaria! Defendeu-me...

— E por isso o castigastes?

— Que elle seja brigão, por vossa causa, senhora, comprehendo. Não pode uma dama desaffrontar-se de apreciações menos gentis, nem soffrer allusões á preferencia dos seus servidores. Por vós está bem, visto como sois vós que o expondes aos epigrammas da côrte; mas, por mim, que lhe não dou valimento?!

— Intrigaram-no sem dúvida, meu senhor. Justiça para elle só de louvor e premio, que é fidalgo de lei... Se vos disseram que elle delinquiu, mentiram-vos, que não podereis encontrar na Alcáçova gentil-homem mais cumpridor... Caracter de melhor têmpera, coração mais piedoso, mancebo mais sabedor e lettrado, cavalleiro mais valente, não tendes, senhor, ao vosso serviço! Nada sei do que se passou, nada sei; mas, por aquella imagem que tenho adorado, affirmo que, se elle se revoltou, foi contra a iniquidade; se elle feriu, foi para castigar a villania; se elle roubou, foi alguma alma ao peccado. Mentiram-vos, com certeza, que a sua probidade é infallivel, a sua razão esclarecida, a sua moral religiosa, o seu coração generoso! Soldado fiaria d'elle a minha espada, rei pedir-lhe-hia conselho, marido confiar-lhe-hia a esposa. Mandae-o ao Oriente e elle será alli o melhor cabo de guerra e o mais honrado governador; confiae-lhe o erario e elle não accrescentará os proprios reditos; fiae d'elle a vossa honra e elle a defenderá com a propria vida! Fizeram-lhe cêrco os intrigantes, e vós, senhor, puzestes-vos ao serviço d'essa raça! Respiram os confessos nas arcarias da Alcáçova e são affrontados os crentes e os bons! Não conheceis, senhor, D. Luiz da Silveira; é altivo como um principe, doce como uma creança, forte como um justo, crente como um martyr! E castigastel-o, vós, que lhe deveis, como rei e como homem, a educação do principe e o respeito da rainha! Não foi a elle que castigastes, não; foi a vosso filho, aos nossos mais fortes alliados, a mim, emfim, a mim, que vos trouxe a corôa de Castella, e a tiara de Roma, isto é, a salvação do vosso reino e da vossa alma!

— Tá, tá, tá!... que nobre excitação vos aquece a palavra! E, sem rebuço, falaes com tanto fogo e paixão, como se, á fôrça de exercicios espirituaes, tivesseis trocado Deus, feito homem, pelo homem, feito Deus! Tinha presentido escuros vendavaes na vossa alma piedosa, mas nunca

imaginei que tão longe fôra a influencia do cortezão... Senhora, acabemos com isto; que pretendeis que eu creia, vendo-vos tão afflicta por uma imaginária injustiça?

— Pois não me permittis que apresente minhas querellas contra a violencia que praticastes, premeditada contra um homem que puzestes a meu lado, para me servir e defender, servindo e defendendo a vós tambem! Digo-vos, de cabeça erguida, affrontando o vosso olhar, que elle não atraiçoou a sua missão, e vós aggravaes a injuria contra elle com a vergonha contra nós ambos! Que nova moral vem agora aos palacios reaes? A moral do coração, a vulgar, a que acceita a peonagem na sua modesta e amoravel existencia? ou a moral principesca, que inclue allianças de sexos nas allianças politicas? Que mulher julgaes vós que eu sou? Capaz de não manter minhas promessas, de falsear meus tratados, de ennegrecer a vossa corôa, que brilha entre as de Fernando e de Philippe? Que pedistes, senhor? A minha mão? A mim? Para que? se eu não podia negal-a! Pediste-a a quem podia dar-vol-a, e acceitastel-a, sem reparar, talvez, que estava fria, n'esse momento solenne, porque me affluira ao coração e ao rosto todo o sangue que poderia aquecel-a!... E que fiz eu? Passada a primeira surpresa — mulher, joven, saudosa da minha terra, longe dos meus primeiros affectos, fiz mais que entregar-me — amei-vos. Tendes a certeza d'isso, senhor... A minha mão aqueceu entre as vossas, e a vossa imagem, que me habituei a fitar, encheu-me os olhos e veiu fixar-se no meu coração... Mas um rei é um rei — e a rainha uma mulher que elle apresenta ao povo e á côrte n'um dos tamboretes do seu throno. Vivemos separados — diversos aposentos, diversa servidão, côrte bem distincta, interesses inconfundiveis, o que entre o povo e a villanagem é um sacramento, entre nós tem sido apenas um alvará firmado pela politica peninsular. Offereci a Deus o meu coração, e elle acceitou-o. Se Deus o abriu deve ter encontrado lá dentro a vossa imagem e a de meu filho. Sou depositaria do vosso nome e das vossas glorias — guardo-os com todo o cuidado e zêlo... Que mais quereis? Que me deixe aviltar com os vossos resentimentos, que n'outras condições se chamariam ciumes? Julgaes que tenho corrido perigos? Por que me não tendes defendido d'elles? Julgaes possivel que ainda me alvoreçam no peito affectos, ou chimeras, que não tendes querido illuminar com os raios do vosso olhar disperso pelas beldades dos salões e pelas riquezas dos mundos, que tendes descoberto e andaes conquistando? Por que me não cingis constantemente como fazeis á espada, que nunca vos esquece e que sempre ostentaes? Quantos filhos quizerdes para gloria da casa de Aviz e para affirmação da raça procreadora de Castella, eu vos darei, senhor. Espero-vos aqui, no meu

elevado mester de mãe de principes, com a mesma dedicação com que vos acompanham arautos e passavantes e com que vos annunciam os mais vistosos charameleiros...

— Acabastes, senhora?

— Que fizestes de D. Luiz da Silveira?

— Coisa simples, repito! mandei que se retirasse da côrte... Não o fiz por injuriar-vos: fil-o por vos servir...

— E o pregão da aventura não falará da minha ternura fraternal, mas da vossa desconfiança imprudente...

— Uma ruidosa pendencia entre fidalgos é escandalo que se não perdôa. Elle voltará mais tarde, e o vosso carinho de irmã estará então ao abrigo de murmurios e suspeições. Vamos, rainha de Portugal, esquecereis os meus esquecimentos, e dae-me um beijo, que nos recorde os nossos primeiros sonhos de amor e de paz.

A rainha offereceu a face a el-rei, e tendo recebido o beijo, que não pedira, ergueu-se e foi-se ajoelhar deante do seu pequenino altar.

El-rei, como se esperasse o final da oração, passeou agitadamente.

Passando junto da larga gelosia que dava para o jardim da Alcáçova, viu que ia alta e limpida a lua, que o espreitava. Abriu a adufa, e olhou o arvoredo, que trepava luxuriante e aromatico...

Em baixo, n'uma pequena clareira, um grupo de homens movia-se quasi mudo.

Ouvia-se apenas o tinir de espadas.

O luar, por momentos, esclareceu o vulto dos adversarios.

— Senhora, disse el-rei, quereis ver como Luiz da Silveira procura averbar a minha ordem de deportação com um salvo-conducto para a eternidade?

— Que dizeis, senhor?

E a rainha correu precipitadamente, e, segurando o braço d'el-rei, debruçou-se tambem, affirmando-se anciosamente.

— Aquelles homens batem-se?

— Sem dúvida, que é mal escolhida a hora para licções de esgrima.

— E são?...

— Reparae bem. Um é D. Gonçalo da Silva, e o outro D. Luiz da Silveira. Deveis distinguil-os bem... Gonçalo é mestre. Luiz é ardente — aquelle espera, este acommette...

— Senhor, disse a rainha muito nervosa e agitada, ordenae que suspendam... Senhor, pela vida do principe, nosso filho, gritae, que estão em perigo as vidas de dois homens...

— Não, isso não; a noite está serena, e o céo azul e estrellado. Da vossa gelosia, n'este balcão capaz de inspirar poetas e de exaltar amantes,

poderemos gosar tão garbosa lucta entre fidalgos bem armados... Vêde senhora, como rimam com tanto geito as voltas afiadas d'aquelles menestreis... Senhora, repito o meu pedido: dae-me o vosso beijo, que o momento e a scena tornam mais desejado.

— Sim, meu senhor, eu vos beijo com todo o amor; mas, por Deŭs, se não gritaes, fal-o-hei eu, que se me aperta o coração...

E el-rei, cingindo a rainha pela cintura, sentava-se no peitoril, á sombra do docel que cobria o balcão. Ficava-lhes o vulto encoberto pelos cactos que trepavam.

— Eu vou por D. Gonçalo — tem bom pulso e sabe do officio... Olhae, como se defendeu! E agora avança...

— Jesus!

— Deixae-me beijar-vos a trança, senhora da minha vida! Lá cahiu a fundo... Ah! patife, que fugiste a tempo...

— Senhor, eu chamo gente...

— Nem uma palavra só! nem um gemido! Tendes a minha imagem no coração? Pois olhae para ella, e não vos importem as imagens que se apagam...

Entretanto, os dois adversarios descançavam do primeiro assalto.

O peito da rainha arfava ruidosamente. El-rei sorria, passando a mão pela sua longa cabelleira.

O luar continuava livre das poucas nuvens brancas, que lhe passavam longe.

A rainha, afflicta, descançou a cabeça no hombro d'el-rei e quiz fechar os olhos.

O ruido das espadas obrigou-a a attentar de novo...

— Recomeçam, disse ella.

— E' a desforra que chega...

— Triumphará D. Luiz?

— Não o creio.

— Tem menos braço?

— Não; tem mais sangue.

— Então D. Gonçalo?

— Escolhi-o, e eu bem sei quem escolho. Para governar a India, ou para castigar um adversario, escolho sempre gente fria e cauta.

— Quanta d'essa tendes esquecida!...

— Quando o merito os faz vaidosos... E' o defeito de Luiz da Silveira. Andava muito depressa...

— Vêde, senhor, que se tocam ao mesmo tempo. Podem morrer ambos!...

— Não seria peor. Mas não tenhaes cuidado, são ambos destros no jôgo, devem estar algum tempo empatados!...

— E consentis, senhor, tal desacato, a vossos olhos, nos jardins da Alcáçova, entre fidalgos da vossa côrte!

— Dei-lhes poderes para a desaffronta... e sou testemunha, por acaso.

— E param ao primeiro sangue?

— Isso é com elles. Que bello aroma exhala o arvoredo! Parece que estas noites foram feitas para amar...

— Sois cruel, senhor! Que ganhaes na minha estima mostrando tanta dureza de coração! De que vos serve a perda d'um vassallo que vos respeita?... Ai! disse a rainha, tapando os olhos...

— Não foi nada. Foi a lâmina de Silveira que se amolgou no fio. Salvou-se de boa! Vêde agora! D. Gonçalo prepara um golpe á cabeça... Conheço-lhe o jôgo... Vistes aquelle circulo que lhe fez a espada mais luminosa? aquillo é um trabalho de fascinação!... A velha raposa até o luar aproveita... Ora, ainda bem!...

— Ferido?

— Não, pelo contrário; foi Silveira quem acommetteu e alcançou o braço de D. Gonçalo. Até que emfim!

— Que interesse tendes n'isso?

— E' que D. Gonçalo, emquanto não fôsse tocado, deixaria seguir o episodio até que o luar fugisse. Assim, tocado de raspão, ha de impacientar-se e vae, pelo menos, desarmar o adversario.

— Deixae-me ao menos sahir d'aqui, senhor. Quero rezar por ambos...

— Já não tendes tempo. Carregam com fôrça...

O ruido das espadas tornou-se mais frequente, e o silencio dos adversarios quebrou-se com vozes de provocação e pragas de insuccesso.

— Agora, agora! disse el-rei. Deus lembrou-se de vós, senhora. Se fôsseis de Luiz da Silveira, n'um momento estarieis viuva.

No mais acceso da lucta a rainha deixou escapar um grito, angustioso, terrivel, que echoou sobre o arvoredo...

Os dois adversarios abateram as espadas...

— Chiton, segredou el-rei, terei que vos tapar a bôcca com os meus labios, se por tal forma vos interessaes pela lucta. A vingança dos reis parece-se com a vingança dos deuses!

Tendo ouvido aquelle grito, D. Luiz ficou perplexo...

— Mudemos de logar, disse Christovam Freire.

— Não, disse Silveira, el-rei assim o ordenou. O que ouvimos foi apenas um écho da nossa imaginação. Talvez algum protesto da lua... Vamos, D. Gonçalo, em guarda!

— Acabemos com isto, disse o outro, e, levantando a espada, gritou:

— Por el-rei!

Luiz da Silveira perfilou-se, na mais correcta continencia, e levantando a sua espada, como que apontando o balcão, gritou mais forte:

— Pela rainha!

E cahiram um sobre o outro em golpes mais crebos que artisticos...

A mão d'el-rei apertou convulsivamente a da rainha.

O orgulho, com a máscara do ciume, agitava-lhe os musculos...

E, no meio do maior silencio, cortado, apenas, pelo choque das lâminas, pelas respirações offegantes, e pelo bater dos pés na terra do jardim, sentiu-se baquear um corpo...

— Senhora, disse el-rei, tentando erguer a cabeça que sua mulher deixara cahir sobre o peito, recomecemos a nossa noite de nupcias! Amo-vos, Maria, minha adorada esposa!...

A rainha não respondeu.

Então el-rei, voltando-lhe um pouco o busto descahido, expoz-lhe o rosto á luz branca do luar...

Tinha as faces pallidas como marfim, os olhos cerrados, os labios descahidos...

Ergueu-se el-rei, serenamente, do peitoril, levantou a pobre senhora, com o esfôrço mal geitoso com que se levanta um cadaver, e foi depôl-a sobre o leito.

Depois cerrou a gelosia, e, voltando para junto de sua mulher, pousou-lhe a mão na testa e applicou-lhe o ouvido ao coração.

— E' um simples desmaio! Isto passa... Quando despertar, julgará ter sonhado... A vida das mulheres é uma vida de sonhos... Os amantes vivem de noite, como as estrellas, e apagam-se á luz da madrugada...

Os maridos são o sol d'esta hora bemdita!

E, depondo um beijo na face livida da rainha, reclinou-se ao lado d'ella, bocejando:

— Vão-se apagando as estrellas que a esfriaram — eu sou o sol que ha de reanimal-a...

Deu horas pausadamente o sino da Alcáçova...

E D. Manuel adormeceu.

... Sentiu-se baquear um corpo

XXXVII

A despedida

No dia seguinte, bem cedo, sahiu el-rei a passeio com a sua habitual cavalgada. Foi pelo caminho do valle da Ameixoeira, até os campos de Odivellas.

Entre a gente do seu cortejo falava-se em voz baixa da aventura da vespera.

D. Luiz de Menezes era dos mais interrogados, porque assistira ao combate.

— Coisa de pouca monta o resultado, mas a lucta encarniçada e habil. São dignos um do outro em coragem e destreza!

— E' grave o estado de D. Luiz?

— Não — o golpe que o derrubou devia ter-lhe produzido grande abalo; mas não lhe poz a vida em risco. Fraco, sim, e por alguns dias, que foi grande a perda de sangue e maior ainda a commoção moral.

— Gonçalo não lhe visou o peito?

— Para que? se elle já estava ferido no coração?...

— El-rei insiste em deportal-o?

— Com certeza. Apenas consentiu que se demorasse na Alcaçova até que esteja restabelecido.

— E' crueldade de mais!

— Por que dizeis isso?

— Cural-o, para o ferir de novo!

— Depois do que se passou, para elle é melhor ausentar-se, que ficar. E' provavel que parta para a India, aproveitando a companhia de Pedro Soares, por quem Gil Vicente tanto se interessa.

— E a rainha? perguntou outro cavalleiro, falando mais confidencialmente?

— A rainha, se soffre por amor, consola-se rezando. Teima em querer

ir passar o outomno em Evora, ou em Coimbra... Deixal-a, emquanto por lá andar, estamos livres da influencia dos frades e das reclamações e queixumes dos marranos.

E o cortejo seguiu até Odivellas, levantando grandes nuvens de poeira e chamando á estrada e aos muros dos casaes, os aldeãos que, ajoelhados, como se assistissem á passagem do Viatico, gritavam:

—Viva el rei! Viva el-rei!

*

Não se divertia tanto a rainha, mas aproveitava os divertimentos de D. Manuel.

Ia a cavalgada ainda bem perto da Alcáçova e já ella recebia nos seus aposentos um enviado de Luiz da Silveira.

— Como está elle? perguntou a rainha vivamente.

— Demais queixoso, mas sem perigo, ao parecer do physico.

— Não pode erguer-se?

— Com grande pena e vagar, e tem recommendação de não sahir dos seus aposentos.

— Está bem; dize a D. Luiz que a rainha, que sente as dores que a elle tanto affligem, irá vel-o em breve.

— Vós, senhora? Bem sabeis que D. Luiz está installado na ala esquerda da Alcáçova, junto ao terraço que communica com a matta...

— Não importa...

— E ides sósinha?

— Não — vou commigo!...

— Senhora, está bem... eu vou dizer.

— Dize-lhe mais, que lhe mandarei o meu confessor para lhe dar conselho e resignação...

— Mais nada?

— Espera. Leva-lhe tambem esta medalha — é um amoleto que o Papa me enviou ha dois dias. — Cura feridas profundas...

— Nada mais, senhora?

— E as feridas da calumnia...

E, mal ficou só, a rainha preparou-se para cumprir a sua promessa.

Quando sahia n'esse proposito, foi-lhe annunciado o ferido.

Luiz da Silveira appareceu, nos braços de dois servos.

— Senhor! disse ella. Que temeridade! Violar assim as prescripções de quem vos vigia e aconselha!...

— Morria, com certeza, se vos não visse, senhora minha. Olhando o céo, sobe-se melhor para elle...

— Sêntem-no aqui, disse a rainha, indicando um fôfo coxim, abundante de pelles e almofadões.

Os pagens cumpriram a ordem, e retiraram-se.

A rainha D. Maria conservou-se de pé, a pequena distancia, fitando o doente, cujo rosto estava mais pallido que entristecido.

No vasto salão havia apenas a meia luz que resultava do sol, que atacava a larga gelosia em arcada, coando-se pelos cortinados verdes d'um grande reposteiro.

Aos pés do luxuoso catre extendiam se as pelles irisadas de dois tigres da melhor raça.

Luiz da Silveira, apoiando-se n'uma das almofadas, accommodara-se, quasi de joelhos, e lançando os braços sobre o espaldar da cabeceira, fincava um dos pés sobre as fauces abertas d'uma d'essas feras.

A uma súpplica muda do seu olhar esmorecido, a rainha approximou-se e extendeu-lhe a mão, que elle beijou.

— Estaes ardendo em febre, senhor...

Luiz, excepcionalmente, não lhe largou a mão, que beijou de novo.

Esta adoração poderia parecer, pelo menos, impertinente, e, por isso, Luiz se apressou a fazel-a religiosa...

Segurando sempre a mão branca da gentil princeza, ergueu para ella os olhos tão cheios de dôr e beatitude, que mais parecia, o moço fidalgo, um crente, aos pés d'uma madona, que um homem apaixonado contemplando uma mulher.

— Sois uma santa, senhora minha, mais santa que as dos vossos altares! Tendes d'ellas a melhor esculptura e, a mais que ellas, a divina unccão do vosso olhar... Fazeis-me esquecer de que sois a minha rainha!...

A pobre creatura, ouvindo taes lisonjas, como se receasse uma confissão imprudente, tentou afastar-se.

Debruçou-se Luiz um pouco no seu improvisado peitoril, e, prendendo-a com mais vigor, continuou:

— Fazeis-me esquecer que sois a minha rainha, porque me inspiraes mais respeito que nunca! Appareceis-me a mais cariciosa e sagrada imagem da rainha do Céo!

— D. Luiz da Silveira, suspirou ella, sem o olhar — sabeis quanto prezo o vosso affecto... e, se tão santa me julgaes, ajudae-me a merecer a graca de Deus...

— Minha irmã, minha adorada irmã! ou morro d'esta aventura, ou renasço com o vosso alento: mas quer desfalleça, quer me reanime, aproveito este momento, para me despedir de vos, senhora, pedindo-vos uma saudade e um perdão. Vou fugir da Alcáçova, e ainda não sei para onde:

mas sei, que nunca mais vos acompanharei, ouvindo os vossos suspiros, calmando os vossos queixumes... Ficam a rodear-vos a fimbria do manto, a banharem-se no vosso olhar doce e luminoso, as cabeças do pequenino principe, e as dos formosos infantes! D. João, D. Izabel e D. Luiz, com as suas azas brancas, formarão a nuvem mystica, celeste, que vos serve de throno, como se fôsseis a Virgem, que eu adoro nos meus sonhos de amor e no delirio da minha fé...

— Adoraes, em mim, os encantos da minha virtude?

— Sim, é isso que adoro! Por vos conservar pura e santa aos olhos do vosso povo, da vossa côrte, e da propria consciencia, mais faria que adorar-vos e defender-vos; de vós fugiria nas azas do desespêro para o exilio, ou para a eternidade! Adoro-vos com a vossa triplice corôa de rainha, de esposa e de mãe, as tres auréolas que vos fazem superior ás outras mulheres... E, para vos merecer um olhar piedoso, quero cingir apenas a corôa do martyrio...

— Luiz, por que não falamos da vossa ferida e do vosso futuro? Sabeis que me estaes maguando... Por acaso posso eu responder ás vossas palavras, ou confessar-vos os segredos do meu coração? Onde estaria a virtude que exaltaes, se uma paixão mundana, das que nos afastam do dever, e nos afastam de Deus, me confundisse com as mulheres vencidas pela lisonja, ou desorientadas pela imaginação? Chamastes-me vossa irmã... Fizestes bem. Sinto que vos amo, sem offender o Céo... Tenho no coração o vosso nome e elle não apaga nenhuma das inscripções sagradas que o tempo aqui gravou... Ajudae-me, meu pobre Luiz, a completar a minha obra de regeneração e santidade. Depois que me chamastes irmã, já vos olho sem córar nem tremer... N'este momento nem o olhar de meus filhos fariam palpitar com mais fôrça o meu coração.

— E o olhar d'el-rei?

— Tambem... disse a rainha, depois de ter hesitado um momento...

E depois, como se tivesse arrependido de haver faltado á verdade:

— Ouvi-me, Luiz — preciso do vosso auxilio — soccorrei-me, por quem sois. Ha na minha consciencia o que quer que seja, que não sei explicar, mas que me perturba e entristece... Tenho remorsos, e não sei de que... Estou doente, mas não sei de que mal... doe-me o peito, muito cá dentro, no coração... E' uma dôr que tanto gosto de soffrer, que, se por um momento não a sinto, logo a provoco, com receio de que não volte... Tenho uma tristeza tão suave, que não sei chamar-lhe negra. Parece feita de sombras d'uma madrugada, que se desata em auroras e sol ardente! sombras talvez d'um crepusculo, quando o céo tem mais encantos e matiz! Nunca me senti assim! Nunca! E soffro tanto! Se me confesso d'este

mal, diz-me a Religião que anceio pela conquista do olhar de Deus... Receio até tornar-me impia, porque me engano quando rezo, e ha tempo ja que não sonho com os anjos. Nunca experimentei taes achaques, e não sei a razão por que os ganhei... Preciso de uma alma bôa, generosa, irmã, que me comprehenda... Luiz da Silveira, pensei na vossa...

— Ganhaste-a, senhora, ou melhor — roubaste-m'a com a vossa ternura e sinceridade. Mas, senhora, não pode ella servir-vos para a cura de tantos males!

— Por que, Luiz?

— A minha soffre do mesmo damno, e só pode curar-se fugindo de vós. Dois doentes tão juntos não se curam — morrem.

— Talvez tenhaes razão...

— Ides ver. Attentae bem e comparae meus queixumes com os que soltaes, sondando o vosso peito. Entrei aqui tão fraco, tão dorido — tão debilitado o corpo, tão preguiçoso o coração! Andava-me o pensamento por abysmos sombrios, e enchiam-me os olhos as imagens da desesperança e da morte... E, porque vos encontrei e vi, e porque me acolheu o vosso sorriso, brando e amigo, fugiram as dores e os desalentos, illuminou-se-me o pensamento e esvoaçou a imaginação; converteram-se os cemiterios em jardins, e a esperança veiu falar-me de venturas na terra ou no Céo. Tambem eu choro a sorrir, tambem eu banho de lagrimas a minha alegria!... Vivo n'um mundo todo meu, tão intimo que não vejo quem me cerca, não ouço quem me fala, não quero quem me procura! Amo a solidão como nunca amei, e esta mocidade, que seria o paraiso dos velhos e das creanças, não me prende á vida, como se o que amo e quero fôsse uma vida ideal, phantastica — resumida n'um só olhar, n'uma só imagem, n'um só amor! Tambem eu tenho remorsos, minha sagrada rainha, remorsos de ser ingrato para a felicidade que me dão, como se apenas cubiçasse a felicidade alheia. So vos comprehendeis este estado, porque só vos padeceis d'elle. A ninguem amo, mas por vos amaria toda a gente. Pensando em morrer, só de vós desejava despedir-me! Se viver, só por vossa causa acceitarei esse gôso. Vêdes, senhora, que soffremos do mesmo mal?! Deunos a Providencia um affecto, que pretendemos subjugar, dirigir, ou esquecer! Dissestes que tinheis necessidade de um coração amigo, leal, franco, que vos comprehendesse... E' que vos afflige um segredo, não é assim? Somos tão virtuosos, e afinal desconfiamos sempre dos sentimentos que nos dominam. Minha boa irmã, quereis abrir o vosso coração para que eu leia n'elle o vendaval que o agita?

— E morrerá comnosco o segredo que n'elle encontrardes?...

— Morrerá com o mysterio da minha vida...

— Juraes pelo vosso nome?

— Juro-o, por Deus!

— Dae-me a vossa mão, Luiz; confessemo-nos, meu irmão.

E a rainha foi sentar-se ao lado de Luiz da Silveira, para conversar sobre os segredos da sua vida.

Mas, em vez de falarem, ficaram mudos!

No meio d'esse demorado silencio olhavam-se, a principio furtivamente, e depois fixamente.

Por vezes abriam os labios para falar, mas arrependiam-se, e as palavras desfaziam-se em sorrisos, tristes e meigos.

Uma vez Luiz ia a começar, e, n'um movimento de decisão, segurou os dedos finos de sua alteza... Desistiu de falar, mas não abandonou a mão amiga. Estavam-se confessando na sua teimosa mudez!

Confessavam-se assim mais sinceramente. Emquanto estiveram falando é que se enganaram...

Ser irmão é, entre amantes, um expediente do instincto, para se enganarem um ao outro.

E é um expediente proveitoso — approxima.

Para se entrar no coração d'uma mulher, o ultimo titulo que se invoca é aquelle que nos não pertence.

Quando um homem diz a uma mulher:

— Creia, minha senhora, que sou muito seu amigo... adquiriu logo licença para ser seu amante.

Ser irmão, ás escondidas, é ser tudo que quizerem, menos irmão.

E ha sinceridade n'esta mentira; enganam-se um ao outro, e até se enganam a si proprios.

Antes de terem inventado que se amavam como irmãos, nenhum d'elles se atreveria a falar em amor... Faltava-lhes licença para falar no que ambos sentiam... Chamado, embora com sobrenome, o amor esvoaçou logo entre elles. Depois... quando descoberto, como era conhecido de ambos, ambos fingem que é o mesmo, e deixam-n'o ficar. O resto é com elle, cheio de graça, de meiguice e de dissimulação!...

Luiz da Silveira e a rainha chamaram a si o amor fraternal, e aquelle, que d'elles se apoderara, fingiu não comprehender, e apresentou-se sem demora.

Por isso estavam mudos, e, olhando-se, deviam estar pensando:

— Enganámo-nos! não era este...

Esta reflexão acompanhou o enleio dos primeiros momentos.

Os sorrisos, que vieram depois, queriam dizer:

— Já agora, deixal-o!

— Soffreis muito, não é verdade, Luiz? disse a rainha, para dizer alguma coisa.

— Não sinto a ferida do combate, mas os espinhos da saudade. Em breve vos deixarei, senhora...

— Afastaes-vos apenas — dizei assim que é melhor dizer. Longe ou perto, que importa, se nos não houvermos esquecido um do outro? Parece que até a saudade santifica esta nossa innocentissima affeição... Sois de meu parecer, Luiz?

— Por vos o sinto, que por mim vos asseguro que preferia morrer, a viver tão longe.

— Assim mereceremos mais o favor de Deus...

— Assim é já; mas não foi assim. Quando muito vos amei, nada vos dizia e a pouco me resignava; agora demais vos amo, para que vos occulte meu sentir e me não resigne ás penas que me impõem.

— Pois não me amaes agora da mesma maneira?

— Não; amei-vos menos, ou mais, como quizerdes, mas talvez por forma diversa. Nem eu me atreveria a dizervol-o se se não tratasse de um sentimento passado...

— Não ereis meu irmão...

— Para que vos enganar? Não, não era... Tinheis, então, encantos que me faziam criminoso a meus proprios olhos! O que hoje me acalma e corrige, então me aquecia e desconcertava! Parecieis-me mulher, como as outras, apenas mais formosa e gentil... Minha boa irmã! perdoae-me a confidencia, que já nada tem de peccaminosa e ousada. Como até hoje nenhuma imagem de mulher se enquadrara no meu coração, puz n'elle uma grande galeria em que só o vosso rosto e o vosso vulto figuravam! Recolhia-me constantemente para vos admirar! E era tão feliz, contemplando-vos! Havia na minha alma um retrato vosso que me olhava sempre, qualquer que fôsse a distancia a que me collocasse... Conhecia todos os movimentos da vossa physionomia, todas as linhas do vosso perfil... O sorriso aberto, o dos labios, o sorriso d'alma, que se abre no olhar, a dôr que orvalha, o enthusiasmo que illumina, a desconfiança que gela, a piedade que extasia... N'um olhar só, e rapido, reconhecia o estado da vossa alma...

— E já tudo isso esquecestes? perguntou a rainha com ar maguado.

— Que seria de mim, se o respeito e o dever não tivessem destruido este enleio? Isto que estou fazendo — olhar-vos, de frente, vendo a minha imagem nos vossos olhos, sentindo nas minhas as vossas mãos, tão calma, tão serenamente, com o peito tão tranquillo e a consciencia tão confiada, não poderia fazel-o então...

— E por que?

— Nem eu o sei!... O amor faz creanças os homens mais experimentados. O verdadeiro, o primeiro amor é um fructo da mocidade innocente e casta... Olhae, senhora, eu corava, como uma donzella, quando a sós pensava no momento em que vos poderia dizer: pisae-me, senhora minha, deixae-me rojar a vossos pés, aquecel-os com os meus beijos... Para vós não posso ser um homem; mas que importa isso?... Tambem um tigre vos faria fugir de medo, e comtudo, tendel-os aqui, quedos e resignados, talvez felizes, como eu estaria, se vos agradasse calcar o meu gibão de velludo e as madeixas do meu cabello...

E apontava as pelles que pisava...

E continuou:

— Seguia a vossa sombra, como o criminoso que vos roubasse com a vista cada um dos vossos encantos... Em cada dama da Alcáçova buscava descobrir dotes eguaes aos vossos — e eram todas tão differentes! Nenhuma pisava com o vosso andar senhoril! nenhuma erguia a cabeça com tanta elegancia e nobreza!... Quando deslizaveis na sala do throno, nos cortejos solennes, fazieis lembrar um cysne de plumagem variada, sobre a superficie d'um lago!

— Então, Luiz... prefiro que faleis do meu coração...

— O coração no peito tem apenas as raizes — as folhas, as flores, os fructos d'essas raizes brotam em todos os movimentos, em todas as linhas, em todo o colorido da nossa vida externa... O coração rebenta de nosso peito, como uma arvore do seio da terra... Sois formosa, elegante e meiga, porque é bom o vosso coração, delicada a vossa alma, fina a vossa intelligencia. Não acreditarieis na bondade de Jesus se o esculptor lhe cavasse os traços de Judas! Não vêdes, por acaso, a pureza da Virgem no olhar da imagem que adoraes?

— Um madrigal, Luiz?...

— Uma recordação apenas... Parecia, senhora, n'esses tempos, que tudo vos roubava a meus olhos e á minha admiração. Havia beijos no meu olhar, beijos muito ternos... Tinha vontade de vos affagar, como se fôsseis uma creança! Era o meu amor um conjunto de amores, desde os mais brandos até os mais violentos. Umas vezes cortava com o fio da minha espada o laço que vos prendia a el-rei — tinha sonhos de rapina, em que voava comvosco, pelo espaço, para mundos desconhecidos — outras ficava a vêr-vos, distante, triste, como se o meu olhar vos protegesse, como o olhar do sol nos aquece! Quantas vezes vos imaginei em meus braços, e, em vez de vos estreitar com impetos apaixonados, como se fôsseis uma creança, vos balouçava docemente, e, doce e casta e fraternalmente, vos beijava depois as palpebras cerradas!...

Uma noite inteira passei, noite de insomnia e de febre, em que tanto se sonha! a desfazer-vos as tranças e a beijar-vos o cabello!

— Tudo isso passou, felizmente; não é assim, Luiz?

E a rainha, ao fazer esta pergunta, mostrava profunda tristeza!... Coitada! sentia terriveis saudades d'esse mal que não morrera!

— Sim, minha adorada irmã... Foi uma nuvem que passou... Perdoaes-me este vendaval?

— Como não vos perdoarei eu, que tudo isso adivinhei, e que a tudo isso correspondi? Agora já posso abrir-vos o coração, meu bom irmão...

E, olhando em tôrno de si, receosa, depois de ter olhado, de mãos postas, para um crucifixo suspenso da parede, em voz baixa e baixo o olhar, disse a Luiz da Silveira:

— Tambem eu, Luiz, cheguei a ter medo de mim... de nós ambos. Que pensamentos tive, que sonhos! Via-vos sem vos affrontar, lidava de dia e noite com o vosso nome no pensamento e nos labios... Quando não apparecieis, tinha vontade de chorar... Se chorava, tinha vergonha... e desejava que não voltasseis... Não desejava tal.. porque, não podendo vêr-vos, a ninguem mais queria vêr. Eram bem innocentes os meus segredos! Por que não havia eu de vos amar? Que mal faria isso? O que eu não sabia explicar era que tudo isto era um affecto de irmã, d'uma pobre mulher com marido e sem confidente! Os meus filhos são ainda tão pequeninos... os frades gelam o coração, porque só nos falam de coisas tristes... E vós não... vós entretinheis tanto com o vosso dizer! adivinhaveis tantos mysterios do meu peito... Olhae, Luiz, vós falaveis por mim; as vossas palavras pareciam ser échos da minha consciencia... Ainda ha poucos dias tivestes um sonho egual ao que eu tivera... Andamos juntos a divagar pelo céo! Fiquei tão triste quando accordei! Mas cheguei a ter medo... porque eu sou uma mulher casada, e aquillo ficava-me mal... Se alguem me adivinhasse, como poderia eu defender-me? Quem me acreditaria, quando eu explicasse que vos amava, como ao melhor dos amigos, como a um confessor mais novo e mais gentil que o outro, mas tão nobre e tão leal como elle! Olhae, Luiz, cheguei a envergonhar-me dos meus filhos!... e andava com tanto medo de que me dissesseis qualquer cousa que me tirasse esta illusão!... O que eu queria era isto: que nos entendessemos, e depois de nos conhecermos, quando Deus soubesse bem que não estavamos em peccado, poder pensar e sonhar comvosco, á minha vontade... Assim, nem eu terei vergonha do que penso, nem vós julgareis mal da minha virtude. Se eu vos amasse de outra forma, que triste idéa farieis de mim, meu bom amigo! Cheguei até a suppôr que já não amava el-rei! E, quando percebi que tinheis d'elle

ciume, não vos achava razão... Que eu não posso deixar de o amar, não é assim, meu Luiz? Se é elle o pae de meus filhos, é evidente que elle me ama, e eu o amo tambem... Diz-se que os filhos amam sempre os paes, porque escutam a voz do sangue .. E' talvez porque as mulheres ouvem a voz dos filhos que ellas sempre amam seus maridos .. Pois não é verdade?

— Que maravilhosa eloquencia brota de vossos labios! Oh! como eu creio na virgindade de Maria, depois da maternidade!

E Luiz levou repetidas vezes aos labios as mãos já ardentes da pobre rainha, borboleta que estava, sem o saber, a crestar as azas da virtude no fogo d'aquelles beijos.

E o sol continuava a espreital-os, e o reposteiro verde balouçava-se aos sopros da briza da tarde, emquanto el-rei andava por Odivellas, em correrias pelos campos, ou em galanteios amorosos pelos recantos do claustro!

E de novo se ficavam a olhar os dois *irmãos*...

Foi assim que se chamaram, assustados, Adão e Eva, quando viram enroscada, na macieira do paraiso, a tentadora serpente...

O silencio de novo se interrompeu.

— E' verdade que me casaram antes que eu tivesse sentido estas chimeras, que são a poesia do coração. Antes que eu soubesse o que era amar, deram-me um marido. Era muito creança quando ouvi dizer a meu pae, el-rei D. Fernando, que o cardeal D. Jorge da Costa reclamara a minha mão para D. Manuel, de Portugal. A vaidade de creança naturalmente se lisonjeou com este pedido... Disseram-me que D. Manuel era novo, gentil e de grandes ambições de gloria. Meu pae e senhor accedeu boamente... Um dia, sem que eu soubesse por que, disseram-me que D. Manuel recusara a minha mão, e preferira para sua esposa minha irmã D. Izabel, viuva recente do infeliz D. Affonso. Não me magoei; pelo contrário — minha irmã era tão boa e digna de ser feliz! Eu não conhecia el-rei de Portugal... Talvez não gostasse d'elle. Explicaram-me então, que altos interesses politicos moveram esta substituição. Cheguei a convencer-me de que não se tratava d'um contrato d'amor, mas d'um accôrdo entre as duas corôas. Ouvi até falar n'um tratado relativo á expulsão dos judeus... Não comprehendi bem como um casamento tivesse influencia n'esses trabalhos diplomaticos... Depois comprehendi tudo, quando me deram noticia de que D. Manuel amava loucamente minha irmã... Esta, pelo contrário, mostrava-se-lhe indifferente, e quantas vezes lamentei o pobre noivo repudiado!... Que de intrigas se forjaram então na côrte, ou melhor nas duas côrtes, porque meu pae queria aproveitar o ensejo para propôr condições

severas n'esse enlace, que D. Manuel tanto desejava!... Afinal, porque triumphou a politica de Castella, e não o amor do rei de Portugal, soube por D. Alvaro de Bragança que as escripturas de casamento tinham sido assignadas em Burgos, a 30 de novembro de 1496, e em Medina del Campo em 4 d'agosto de 1497. O que se passou durante esse tempo, mal eu pude comprehender; sei apenas que ha seis annos, em Valença d'Alcantara, a princeza D. Izabel casava com D. Manuel, depois d'este ter cuidado na expulsão dos judeus! Nunca mereci este sacrificio á vontade d'el-rei! Bem se via que D. Manuel amava a princeza minha irmã, por quem elle me trocara em condições tão humilhantes... Minha irmã morreu cedo, e eu novamente ouvi falar no meu nome... Estava então tão triste, tão triste! que falarem-me em casamento, o mesmo era que aggravar os meus males. Minha bôa irmã morrera de parto, e o noivo, que me offereciam, era meu cunhado, que tanto chorava a perda de sua mulher! A minha côrte andava sériamente preoccupada com a morte de meu irmão, o principe D. João de Castella, que era penhor da alliança das diversas coròas das Hespanhas, incluindo a de Portugal. Tudo era lucto n'essa época maldita -- D. Miguel da Paz morrera tambem... Lembraram-se então de mim, tão triste e tão desconsolada!... As negociações correram velozes. Levaram-me a Alcacer do Sal, e ahi celebraram o meu casamento. Os negociadores d'este contrato, por necessidade, firmaram as condições d'elle em Sevilha e em Granada. Estava tudo de accôrdo, até os herdeiros d'aquelles reinos assentiram tambem, em Toledo, dois annos depois. Chegara ao auge do seu esplendor o rei de Portugal! E logo elle augmentou, aos seus titulos de rei de Portugal e dos Algarves, d'áquem e d'além mar em Africa, senhor da Guiné, estes outros: da conquista, navegação e commercio da Ethyopia, Arabia, Persia e da India! Effectivamente, o nome de meu senhor e a sua gente tinham ja invadido essas vastas e longinquas regiões! Calculae, meu bom D. Luiz, como se sentiria orgulhoso o meu coração de mulher! E, comtudo, estava tão triste, tão triste, como se tivesse faltado um passo na minha vida, um affecto, uma illusão, talvez um amor! D. Manuel conservara-se, por muito tempo, saudoso de minha irmã... As suas caricias pareciam dizer o nome d'ella, e não o meu... Para se distrahir entretinha-se com os negocios de Veneza, e, em vez de passar algumas horas junto de mim, conferenciava a miude com o conde de Tarouca, a quem confiou a esquadra que havia de navegar arrogante até Orão! .. Foi n'esta época que a minha missão de mãe me entretinha o espirito e me consolava do abandôno em que eu me via... Em que eu me via, quando, já prêsa aos mais sagrados deveres, começava a alvorecer-me aquella mocidade, que eu não conhecera! Apparecestes-me, então, meu bom irmão,

e por tal forma me perturbei comvosco, que até um dia, ao espelho, pela primeira vez na minha vida, notei que era nova, tão nova como aquellas damas da minha côrte, que tinham escolhido seus maridos, ou que eram requestadas pelos que as pretendiam para esposas. Assim tenho vivido, mal conhecendo a vida, e tão ignorante dos affectos que a tantas mulheres entreteem e enlevam, que só, porque vos quiz muito, me assustei tanto!...

— Se fôsse principe, senhora, creio-o bem, a nenhuma outra mulher eu amara, e, se vos amei, apesar de rainha, não serei mais que um dedicado amigo, para vos defender d'essas vagas aspirações da vossa alma... Calculae, senhora, a dôr que me afflige n'este momento em que vou deixar-vos, talvez para sempre... Minha irmã, dae-me o consôlo do vosso affecto.

— Pensareis em mim?

— Sempre. No reino, ou fora d'elle, quer me interne n'algum castello de provincia, quer parta a batalhar no Oriente, por Deus vos juro que a vossa imagem será a minha estrella, e o vosso nome a minha prece ..

— Sois novo: acena-vos a gloria, Luiz da Silveira... Da vossa liberdade podereis fazer o uso que vos alegre e felicite.

— Quem me dera, minha boa irmã, que n'esse caminho sombrio do meu futuro, a Providencia me depare uma mulher que me ame, tão formosa, e tão meiga como vós, como vós tão casta e tão pura...

— Não, disse a rainha n'um movimento involuntario — isso não...

E, depois, reflectindo...

— Meu Deus! que disse eu! Por que não haveis de amar uma mulher, se eu sou apenas vossa irmã?!

— Que loucos e desgraçados somos, senhora minha — somos duas creanças que se illudem... Desgraçada sois, como eu me sinto. Maria! se Deus nos perdoasse, aqui, em voz muito baixa, como se apenas o Céo nos ouvisse, dir-te-hia: tu amas-me e eu adoro-te!

Nos olhos da rainha borbulharam duas lagrimas.

— Deixa-me beber esse pranto, imagem da minha adoração!

E Luiz, segurando, trémulo, a cabeça da amoravel princeza, inclinou-a levemente, e beijou-lhe com indefinivel transporte os olhos humedecidos.

— Querida mãe e senhora! onde estaes que ha tanto tempo vos não vejo?

— Estou aqui, meu anjo, estou aqui!

E a infanta D. Izabel appareceu á porta do salão.

— Obrigada, meu Deus! disse Maria erguendo-se. E' a voz dos filhos que guarda o coração das mães.

Luiz da Silveira levantou-se cambaleando. Estava pallido como se uma grande dôr o affligisse. O rosto da rainha ardia em rubor.

— Não me acompanhaes ao jardim? El-rei já se avista... Já se ouvem as charamelas e businas... Não vindes vel-o da varanda do terraço?

— Sim, minha filha, eu vou.

E depois, dirigindo-se a Luiz da Silveira:

— Meu irmão — amae a primeira mulher que vos merecer, e, se um dia chorardes a minha morte, lembrae-vos de que morri com a triplice corôa que adoraes...

E pegando em sua filha, emquanto Luiz difficilmente se encaminhava para a porta, ergueu a infanta nos braços até a altura dos pés do Crucificado.

— Senhora, quereis que beije?

— Beija, sim, filha, e agradece-lhe ter-te enviado em meu auxilio.

E a infanta beijou a cruz.

— Agora vós...

— Eu não...

E da porta, Luiz, profundamente commovido, levou dois dedos aos labios, e afastando-os depois na direcção da pobre mãe, exclamou:

— Adeus, minha irmã! Dae este beijo a Jesus...

E cahiu desfallecido nos braços dos pagens que vinham buscal-o...

XXXVIII

A Gardunha

Não se percebe bem, pelas informações que encontrámos na Historia de Hespanha, o que fôsse a *Gardunha*. Era uma associação de malfeitores? Parece que sim. Mas parecia tambem uma succursal do Santo Officio . .

A Gardunha era uma associação ou uma quadrilha?

Era uma quadrilha fortemente associada e que ajudava nas suas explorações o tribunal da Inquisição. Era uma succursal illegal e secreta do grande partido catholico que explorava a Hespanha.

Havia crimes que a Inquisição não se atrevia a praticar...

A Gardunha encarregava-se d'elles.

Era necessario confiscar os bens de um christão-velho altamente protegido?

Como a Inquisição não podia processal o, os socios da Gardunha, ou o assassinavam, simplesmente para o roubar, ou o rodeavam de agentes secretos para o forçarem a doações públicas de grande alcance moral e material.

Havia um christão-novo que sinceramente se convertera, e que não auctorisava, com seu procedimento, a menor suspeita contra a sua orthodoxia catholica? Os socios da Gardunha se encarregavam de o forçar á heresia, justificando assim todas as perseguições do tribunal da Fé.

Era necessario casar um rico celibatario com uma virgem problematica do bairro da Triana, cigana de formosura e vicios attenuados momentaneamente pelo interesse? No palacio da Gardunha se preparava o amor e se redigiam as escripturas nupciaes.

Havia algum casal em que fôsse necessario, por causa d'alguma herança fugitiva, que a consorte affirmasse a sua fecundidade?

Na Gardunha, como n'um hospicio misericordioso, havia creanças de differentes bitolas, producto de amores viciosos alli preparados, ou de

roubos praticados nos campos, ou nas cidades, nas feiras e romarias: e entre ellas se escolhia a de origem mais apropriada ao enrêdo da situação!...

Era necessario que um homem desapparecesse, por ser embaraçoso a qualquer intriga lucrativa?

Era na Gardunha que se fazia o julgamento e se lavrava a sentença, preparando-se o crime, e até o criminoso provavel perante as justiças do reino!...

D'uma cortezã explorada em mil aventuras, se obtinha, no laboratorio da Gardunha, graças a uma milagrosa alchimia que convertia o chumbo da prostituição no ouro da virgindade, a melhor das ingenuas, innocente e ruborisada, para um drama de familia, em que a victima era um moço de grossos cabedaes e de imaginação impressionavel!

Explorava-se n'esse antro de Sevilha a febre da prodigalidade arrancando, mediante quantiosos emprestimos, o presente e o futuro de muitos aventureiros e doidivanas, que sacrificavam a uma usura infernal o prazer de um momento!

A Gardunha era um inferno cheio de tentações!

Os vicios dos homens tinham n'ella a sua prodigiosa exploração. Os amorosos eram attrahidos pelos olhares quentes das hespanholas mais formosas, entre as quaes sobresahiam ciganas, de formas esculpturaes e de equebros estonteadores.

O luxo tinha alli o seu ambiente mais proprio! O nectar jorrava em labios sequiosos, embriagando como o amor!

D'aquelle palacio encantado despejava a cornucopia das tentações todos os seus fructos mais formosos e todas as suas flores mais aromaticas!

Ninguem conhecia a Gardunha, e toda a gente pertencia a ella! Os tentaculos d'esta *pieuvre* envolvia os seus principaes inimigos. A sua influencia era como uma epidemia que se propagava pelo contagio, atacando principes e povos, fidalgos e villanagem, cavalleiros e peões: empobrecendo uns, enriquecendo outros, assassinando alguns, não raras vezes, e apaixonando outros pelos prazeres e pelos vicios!

Era um arsenal de todas as armas perigosas, desde o olhar e o beijo, até o trabuco e a faca...

Desapparecia de Sevilha, n'um momento, um homem qualquer, e era depois encontrado, ou com o ventre rasgado por um bandido, ou congestionado pela bebedice, ou suicidado pelo desespêro...

E não eram corpos o que alli de preferencia se inutilisava: o punhal das reputações, que é o mesmo que dizer a *calumnia*, andava no ar, vibrado por agentes d'aquella seita e feria, a todo momento, a reputação

dos homens e das mulheres, desgraçando gente honesta, polluindo donzellas e magistrados!

Soprava constantemente do lado da Gardunha um ar inficioso, que penetrava pelas frinchas das portas ou pelas chaminés das lareiras, e que ia pôr o odio onde havia amor, desconfiança onde estava o crédito, a guerra onde reinava a paz!

Era um tufão maligno que soprava sempre a chorar, como um dobre, em todas as bodas, a rir como um repique em todos os funeraes!

D'alli sahiam o descrédito dos bons e a lisonja dos perdidos!

Tinha dinheiro, dinheiro a rôdo, como as cavernas mysteriosas dos velhos contos calabrezes, ouro que era empregado em comprar braços e consciencias, em satisfazer cubiças e tentar virtudes!

Todo o amor alli ia parar; tinha a belleza das mulheres alli a sua cotação, e o pudor era lá que melhor se transformava em desvergonha!

A Gardunha era um appendice da Inquisição, uma delegação secreta servida por gente de todas as classes, edades, sexos e indoles. Havia alli a mãe que vendia as filhas e a filha que se entregava para salvar a mãe.

Os jogadores perdidos em palacios e tavolagens lá iam empenhar a alma e a honra.

Que maravilhosa organisação a d'aquelle instituto, que tinha a sua policia sábiamente educada, e cujo ouvido estava constantemente applicado a todas as officinas e alcôvas.

Quanto se dizia e pensava, tinha o seu registo n'aquella caverna de Caco.

Um peccado de consciencia, uma nodoa que se apagara, um crime que se remira, tudo alli revivia nitidamente como se o tempo tivesse sido impotente para tudo apagar!

Prostituiam-se, ao influxo d'essa associação, as mulheres casadas, e preparavam-se adulterios para a obra da prostituição.

N'um momento se processava um confisco, se premiava uma denuncia, se desvirtuava um intuito!

O roubo estava alli assombrosamente organisado! Roubava-se tudo — o ouro, a liberdade, a paz, a honra, o crédito!

Quem se não associasse á Gardunha tinha de ser escravo d'ella! O drama e as tragedias das familias era alli que tinham os seus tyrannos!

O bando era composto de bispos, de simples frades, de magistrados, de fidalgos, de judeus venaes, de mouros apóstatas, de espiões, de bandalhos que viviam do amor das mulheres, de ladrões e assassinos de profissão!

Os lucros eram divididos por quinhões, na proporção das categorias. O seu melhor lucro era a impunidade!

Crime commettido pela Gardunha nem ao menos soffria investigação. Luctar com ella era o mesmo que luctar com o Inferno!...

Desapparecia uma rapariga donzella, e ás vezes ainda impubere, e logo se explicava muito naturalmente:

— Foi a Gardunha!...

Dizia-se isto com a mesma indifferença com que hoje se pode dizer do desapparecimento d'algumas aves das capoeiras aldeãs: Foi a raposa.

A Gardunha era a grande raposa de Sevilha!

Ao seu serviço estavam os esbirros do Santo Officio!

Não arcava com ella o governo da Hespanha!

A Inquisição era uma figura negra no coração de Sevilha, e a Gardunha era a sombra da Inquisição.

A quantos miseraveis teve a Inquisição de perdoar e que a Gardunha sacrificou em seguida!

Tinha uma casa, um palacio, por signal: mas não se via entrar nem sahir gente. Aquella habitação só recebia hospedes a horas mortas — e esses eram homens, de rosto sempre desviado da luz das estrellas.

Entravam resguardados, com medo de que o céo os visse, porque na terra ninguem ousava espreital-os.

Os que se reuniam eram poucos, mas os principaes; o resto encontrava-se em toda a cidade pelas boticas, nos pardieiros da Triana, nas margens do rio, nos invios caminhos dos arredores.

Os sevilhanos odiavam-na, não a maldiziam; respeitavam-na tanto, ou mais que á Inquisição.

Se havia um incendio, logo a turba segredava:

— Foi a Gardunha que lançou o fogo!

De quem morria de repente, com o estupor maldito, dizia-se que era victima da terrivel associação!

As maleitas eram attribuidas ás aguas do Guadalquivir envenenadas pela terrivel seita!

Tremia a terra por causa da sombra da Inquisição, e as trovoadas no inverno eram protestos das victimas d'essa mansão mysteriosa e implacavel!

A' lareira contavam-se historias d'essa gente traiçoeira, mas contavam-se em voz baixa; não estivesse ella a espreitar no portal.

Era com ella que se intimidavam as creanças para as corrigir nas suas travessuras.

Gardunha era synonymo de flagello!

As velhas benziam-se quando a citavam. Faziam o mesmo quando falavam em Satanaz...

Durante tres ou quatro seculos, o bandidismo sevilhano teve uma organisação especial e complicada.

O crime não era exercido ao acaso, anarchicamente.

Os ladrões e os assassinos tinham uma constituição e os seus respectivos regulamentos.

Os gatunos constituiam um povo dentro d'aquelle povo.

Havia n'elles classes e categorias divididas pelas aptidões.

Não diz a Historia quem fundou essa sociedade e quem tão brilhantemente a regulamentou, embora lhe assignale a côres tenebrosas a sua existencia e lhe attribua a mais notavel influencia.

Feréal cita, muito a proposito, as referencias de Cervantes a esses operarios do mal, nas suas interessantes novellas.

A Gardunha do seculo XVI, em hespanhol *Garduña*, tinha quasi um seculo de edade na época a que nos estamos referindo. Era uma *confraria* que a Inquisição não perseguia e até aproveitava.

Nascera em 1417, e só foi destruida em 1821.

N'uma interessante nota escripta por D. Manuel Cuendias, diz este: — «que os papeis d'esta singular e horrivel sociedade, que consistiam em muitos registos contendo as *ordens do dia*, os estatutos da confraria e numerosas cartas, foram depositados por mim no cartorio criminal de Sevilha, no dia 15 de setembro de 1821, e ainda alli estavam em 1823.»

Francisco Cortina, mestre d'esta sociedade em 1821, prêso com uns vinte dos seus cumplices, foi enforcado na praça de Sevilha, com dezeseis co-réos, a 26 de novembro de 1822.

Quando no seculo XIX, um seculo já policiado, e em que a revolução tinha desvendado todos os mysterios, ainda a Gardunha sabia occultar-se e viver, o que succederia no seculo inquisitorial, em que a justiça apenas curava dos delictos contra a fé, e só admittia ao seu serviço a ralé social, isto é, os malfeitores de todas as camadas, desde a dos frades, que tinham o apoio dos bispos e dos principes, até os *gitanos*, que enchiam as espeluncas dos bairros mais miseraveis?!

Custa deveras acreditar na existencia d'esta succursal do Santo Officio: mas os depoimentos são tantos e tão auctorisados, que se não pode apagar esta nodoa na Historia de Sevilha...

Na Historia de Sevilha? Na da Hespanha, porque os mais altos poderes d'aquelles reinos a acceitaram e mantiveram!

Em 1534, o chefe d'essa seita de malfeitores funccionava em Toledo, e mais tarde veiu estabelecer-se em Madrid.

Este não teve a sorte de Francisco Cortina; não foi enforcado, mas nomeado secretario de Philippe III, sob o nome de D. Rodrigo Calde-

ron!... Este bandido chegou tão alto, graças aos crimes que praticou e dirigiu e que lhe deram a influencia do duque de Lerma, e do célebre jesuita Francisco Alliaga, que confessava o rei e presidia á Inquisição hespanhola.

Bons tempos esses em que a Religião servia para proteger tão vis instituições e miseraveis de taes prendas!

No archivo de Sevilha existiram effectivamente os Estatutos d'essa seita de bandidos, e foram publicados em hespanhol e traduzidos em portuguez.

Temos em nossa frente uma copia traduzida e publicada em 1854 e abonada pelo nome de Edgar Quinet.

Por ella se vê que essa constituição foi escripta em Toledo em 1420, quando a confraria contava apenas tres annos de existencia, e está assignada por El Colmilludo.

Provavelmente este Colmilludo foi mais tarde o secretario Calderon...

Teem nove artigos esses notaveis Estatutos, e todos elles se referem a divisão de categorias e ao trabalho de roubar e matar.

Citaremos, ao acaso, o art. 2.º:

«A confraria receberá tambem sob a sua *protecção* toda a matrona que tiver *soffrido da justiça* e que queira encarregar-se da *conservação* e da venda dos diversos objectos que a Divina Providencia se dignar enviar á confraria, bem como as raparigas que forem apresentadas por algum irmão. Estas ultimas teem por condição, *de toda a sua alma e de todo o seu corpo*, defender os interesses da confraria.»

No artigo seguinte explica-se que as matronas seriam chamadas *coberteras* e as raparigas *serenas*...

E diz mais:

«Estas devem ser jovens, espertas, fieis e appeteciveis».

O grupo mais notavel d'este bando era formado pelos *guapos*, homens novos, fortes, destros, jogando bem a navalha e esgrimindo a espada com excepcional pericia. Provocadores e aggressivos de profissão, conhecendo o segredo de traições e com artes e traças para graduar os golpes, desde o que faz apenas escoriações até o que atravessa orgãos essenciaes na vida do adversario.

Tambem lhe chamavam *punteadores*.

Eram estes os que davam golpes de ferro, depois de armados os conflictos pelos *floreadores*, uma cafila, de lingua forte e pulso fraco, fugida das galés de Sevilha, Malaga ou Melilla.

Os *fuelles* eram os espiões das casas e familias, os denunciantes, os que investigavam o andamento dos negocios, os que conheciam a fraqueza

das portas, os segredos das uchas, os que surprehendiam as conversações nas boticas e nas egrejas...

Eram os beatos, velhos, de rosario nas mãos, quasi todos familiares do Santo Officio, e que estavam sempre em contacto com o mestre e com o inquisidor?

Os *chivatos* prestavam excellente serviço, praticando roubos sem valor, e *empresas ageis*.

O grupo mais luzido, e que mantinha a receita ordinaria da exploração, era o formado pelas *serenas*.

Era o iman que attrahia os adoradores aos logares mais proprios para serem explorados. Ciganas cheias de encantos, comediantes por instincto, não se limitavam a essa industria grosseira de ladras aromatisadas; tomavam tambem posições accommodadas ás exigencias de grandes empresas, provocando paixões, caçando casamentos, desmanchando familias, e trepando do bordel á casa dos fidalgos e dos argentarios.

Que temivel inimigo tinha a gente de bem!

Que admiravel instrumento servia a Inquisição!

O paço d'esta realeza, o quartel d'esta milicia, estava n'um velho edificio mourisco, já em ruinas, e que rematava o bairro da Triana, na parte menos povoada e mais sombria.

Era um palacio, um mosteiro, uma fortaleza?

Era tudo isso, e d'isso tudo perdera o feitio e a apparencia. Muros que desabaram deixaram morros, que não indicam linhas de architectura; plantas, que trepam e se enroscam, occultam laçarias e columnatas. O musgo e as hervas amortalham os restos d'esses monumentos que o tempo mordeu e despedaçou!

Eram ruinas; eis tudo.

Andavam por alli, aos enxames, os reptis; esvoaçavam sobre elles aves noctivagas, sinistras, de voz agourenta e vôos desordenados. Entrava-se alli por todos os lados. No chão havia covas tão profundas que pareciam sahidas.

Quando o luar se projectava sobre aquelle montão negro de pedra e terra, e moitas de verdura, fazia-o mais escuro por fora e enchia de luz, aos laivos, os espaços lá de dentro! Através d'essas ruinas, que tinham o aspecto d'uma montanha do inferno, via-se em todas as direcções, uma faixa de céo...

Aquelle palacio tanto podia ser o resto d'um incendio, ou os despojos d'uma batalha!

A's vezes parecia tambem uma caravela desfeita pelo vendaval, a fluctuar sobre um mar de sombras!

Havia alli frangalhos de muralha que se desenhavam no espaço com a forma de atalaias, e as sombras d'esses frangalhos, extendendo-se pelo chão, lembravam um gigante prostrado, mas ainda pavoroso.

Ninguem se approximava...

Os irmãos approximavam-se, e entravam, e moravam lá dentro.

De fora não se via luz...

Os irmãos entravam a um e um, e por diversos lados... Eram vigiados, mas pelos consocios.

Para os lados da Gardunha ninguem passava de noite, e de dia passava-se distante.

Os forasteiros, ao sahirem das estalagens, eram logo prevenidos de que deviam percorrer Sevilha em todas as direcções, menos n'aquella.

E, comtudo, se o povo de Sevilha quizesse espreitar aquelle sitio, veria como elle era frequentado por aguazis, escrivães, procuradores, frades, conegos e até inquisidores! Toda esta gente era auxiliar d'aquelle importante estabelecimento...

O art. 1.º dos Estatutos dizia mui claramente:

— Todo o homem de bem que tenha bons olhos, bons ouvidos, boas pernas e boa lingua, pode ser membro da Gardunha. Poderão sel-o tambem as pessoas *respeitaveis*, d'uma certa edade, que desejarem servir a confraria, ou seja pondo-a ao facto das boas operações a fazer, ou seja ministrando os meios de executar as dictas operações»

Ora, havia gente mais respeitavel que a da justiça da Inquisição? E, a respeito de bons olhos e bons ouvidos, não seria facil imital-a, quanto mais excedel-a!

Vamos até lá. O historiador não tem medo de penetrar em todos os abysmos da Historia. E este é um dos mais negros, benza-o Deus. De dia é menos perigoso, mas tambem menos interessante. Ninguem lá está; para lá ninguem entra.

Os criminosos são como os morcegos, que só apparecem na sombra, ou volteiam na luz artificial.

Hoje, principalmente, temos lua nova — um grande disco de prata, rutilante, que desce a jorros sobre aquelle montão de ruinas, fazendo na terra sombras caprichosas. Nada ha melhor para fazer sombras do que a luz... Illuminado, aquelle palacio tinha peor aspecto, porque parecia vivo...

Quando um cadaver se move é quando mais atemorisa. Hugo, em *L'homme qui rit*, pinta sinistramente um enforcado a mover-se com o

vento... Ora, o palacio da Gardunha, á luz do céo, parecia mover-se, como se estivesse sobre ondas... de sombras... Era medonho!

No ar havia gritos de aves nocturnas, e junto da folhagem, que trepava pelas muralhas, sentia-se o ruido sêcco do esvoaçar sinistro!

O portal, um grande arco feito de cantaria, estava aberto, franco, enredado em plantas parasitas, que tombavam na curva, em cachos, como festões...

Quem passasse, e quizesse entrar, podia fazel-o... Mas ninguem entrava...

D'aquelles festões parecia pender a inscripção do *Inferno*, de Dante...

O silencio, com os *ruidos* que lhe são proprios, é o peor ferrolho em moradas tenebrosas. A temeridade é a unica gasúa que abre isso, que está aberto.

N'esta noite em que nos aventurámos, não é só o luar que illumina o palacio da Gardunha. Ainda a noite não vae em meio, e já na velha galeria, que rodeia a ala esquerda e se debruça sobre o grande pateo da entrada, brilharam por vezes algumas luzes de tochas, que se perderam nas aberturas do edificio.

Se seguissemos uma d'essas luzes, entrariamos n'um vasto salão, sem mobilia, de tecto alto, abobadado, cheio de fumo que sae em nuvens dos brandões, que parecem sahir da terra, tão escuro é o chão onde assentam os tocheiros que os sustéem.

Entram diversos vultos embuçados, de gorro até as orelhas e manto traçado sobre o peito, a ponto de lhes tapar a bôcca.

A' entrada trocam os recem-vindos palavras enigmaticas e signaes cabalisticos, com o guarda, que defende, com o corpo e espada erguidos, a negra abertura.

Vejamos este.

E' alto, forte, de pesados borzeguins, com *moñas* de côr viva, polainas, calção, gibão de velludo — um *majo*, no sentido mais verdadeiro da palavra — um verdadeiro andaluz, um pouco fidalgo e um pouco barbeiro, mais barbeiro no fato, mais fidalgo no porte. Conhece *el cuchillo*, *el puñal* e *el albacete*. Dança com graça a *gereçana* e o *fandango*. Um *majo* á D. Juan de baixa esphera e mais constante que o eterno conquistador. Prodigo principalmente, e brigão por amor, ou por orgulho. Castiga um *baratero* e farpeia um touro. Tem os movimentos rapidos e atrevidos. Na Gardunha só pode ter um dos primeiros gráus.

Era, com certeza, um *guapo*.

Chegando á porta, sem desmanchar a capa, e sem olhar para o guarda, disse em voz alta:

— Viva a Senhora do Rosario!

— E Maria Santissima!...

E entrou.

A um canto, junto d'um dos brandões, sentado n um escabello, estava um homem velho, de aspecto severo, barbas grandes e brancas, cabeça descoberta, de chapéo e de cabello. A calva brilhava a luz do archote, como se fôsse feita de marfim polido.

O recem-vindo dirigiu-se ao velho mestre da Gardunha:

— Mestre... como direi hoje?

— Pietro.

— Vae então em italiano? Pois seja, mestre Pietro, é necessario resolver hoje negocios serios.

— Para isso te convidei...

— São necessarios *guapos* bem decididos e *majos* bem falantes. Marcaste a ordem do dia?

— Marquei: o negocio da *serena* Suzana...

— Maldito negocio esse... Tendes noticias de Samuel?

— Morreu...

— Patife! Nunca teve habilidade para servir a confraria, e estragou Suzana, que era das *gitanas* mais formosas e gentis. Que futuro esperava aquella mulher!

— Paixões em gente d'aquella raça são terriveis. Agarrou-se ao mouro e deitou honestidade, que nem uma vestal...

— Mas guardou o dinheiro das ultimas empresas de ambos...

— E bem guardado!...

— Saberá d'elle a Inquisição?

— Isso sim! Resistiu como um perro! Marrão de tamanha teimosia nunca tivemos outro.

— Resistiu?

— Até a morte. Podiam esquartejal-o que elle nada revelaria...

— Por essa razão faz-nos falta. Mas Suzana vive?

— Ainda. E' a esperança que resta. Se a paixão pelo mouro tiver morrido com elle, talvez que ella se resolva...

— Duvido! E' fanatica como um frade, e ha de preferir morrer a legar o thesouro aos seus consocios.

— O tribunal tem investigado, e a Gardunha não descura o negocio, mas tudo baldado! Parece que os malditos sumiram o ouro nas profundas do inferno...

— Talvez estejamos sobre elle... Estas ruinas teem segredos diabolicos.

— Já ordenei pesquisas em barda, mas sem resultado.

— Veremos o que dizem logo os irmãos...

— Que eu não levo este assumpto á confraria. E' negocio secreto...

— Quantos o conhecem?

— Por agora apenas quatro... e todos bons.

— E o resto?

— Qual resto?

— O outro negocio, o alto negocio de Estado! Falaste com Deza?

— Fallei. Esse é mais grave.

— Tens medo?

— Medo eu? Tenho prudencia.

— Gardunha sáe dos seus Estatutos em empresas tão arrojadas...

— Quem nos ha de perseguir?

— Eu sei lá?! Não se trata de servir um principe e um inquisidor, mas só um d'elles. Se ficar vencido o que não é nosso, vae a Gardunha bailar á forca.

— Tudo se estuda.

— Tenho pensado muito...

— Talvez que não seia necessario. Os principes são varios. D'um momento para o outro podem mudar de opinião...

— Não o creio... Philippe é orgulhoso e homem de vontade decidida. Corre-lhe nas veias o sangue do imperador Maximiliano e de Maria de Borgonha... Má herança!...

— Tem mais coração que Fernando, e não tem a seu lado a formosa Izabel. Tens razão.

— E ainda escuta Joanna, que morre de amores por elle...

— E de fora? Se de fora viesse uma influencia?...

— Vem, e essa é a peor de todas. Não sabes que Philippe é amigo intimo de Luiz XII...

— Diabo, diabo! Uma *serena* bem educada poderia talvez fazer o milagre. O rei é meigo, e apaixona-se com facilidade. Se lhe lançassemos, no caminho, uma parceira no jôgo da pella, e que se deixasse adorar...

— D'alguma forma ha de ser. E' indispensavel repôr no throno o inconsolavel viuvo. Joanna mirra-se de ciume, como se estivesse sobre uma fogueira do Santo Officio ..

— E já conheces os planos d'elle?

— Deza, demittido, conhece-os de sobejo. Depois da perseguição do arcebispo, teremos perdão geral, e, depois, pelo que para ahi se diz, a Inquisição irá, dia a dia, perdendo as suas prerogativas, até ficar n'uma chancellaria do throno.

— Precisamos de trabalhar muito e estar sempre vigilantes...

— Não é negocio para a intriga. Tudo isso leva muito tempo. Golpe de mão é que é indispensavel. Philippe é fraco de saude, mas está ainda muito novo. E' certo que os prazeres lhe encurtarão a vida... Mais dois annos que elle viva será mais que o bastante para derrubar todo o nosso castello de plano e ambições...

— Sou d'esse parecer. O apoio da França pesa na balança dos destinos da Inquisição. Luiz XII pode chegar a um accôrdo com Philippe I, e Carlos V está em embryão...

— Agora é que podemos avaliar a falta que nos fez Torquemada. Vivesse elle, e a estas horas já a apaixonada Joanna teria a seu lado um confessor de confiança.

— Já é tarde. Joanna só pensa nas infidelidades do marido. E' a sua idéa fixa. Que se importa ella com o Céo ou com o reino? Namora a mocidade de Philippe e anda accordada sonhando sempre que o vento lh'o rouba...

— Era um golpe de mestre...

— Qual?

— O que derrubasse Philippe... Um só golpe fazia duas victimas. A rainha não resistirá á perda do seu adorado companheiro.

— Se não fôsse a pressa que o caso reclama, talvez se pudesse esperar... Mas, como sabes, para áquem e para além dos Pyrenéos, as coisas não estão boas. Ora, repara: D. Manuel I, D. Philippe I e Luiz XII!

— E' uma trindade para temer...

— E não ha um inquisidor de pulso...

— Nem de cabeça.

— Se elles até recorrem á Gardunha para uma manobra que poderiam dirigir lá por cima!...

— Bem, o que tem de ser, seja. A empresa é difficil, mas pode ser lucrativa. Podemos contar com gente segura?

— O melhor que temos em todos os gráus. Haja *mestres* que dirijam, e um *chirato* só chegará para acabar com a firma que governa do Tejo ao Sena.

— Quantos estamos já? disse o velho, franzindo o sobr'ôlho para devassar os recantos negros do salão.

— Quinze ou dezeseis...

— Bastam. Manda que os *gitanos* vigiem as escadas e os arredores.

— Ha neophitos?

— Ha um...

— Quem o recommenda?

— O Santo Officio.

— Vem em boa occasião... estamos precisados de *corchetes*. O caso de Suzana é prova de que a espionagem tem andado descurada.

O velho levantou-se e percorreu o salão, examinando de perto, cada um dos assistentes. Depois veiu collocar o escabello no meio dos quatro brandões fumegantes, e convidou, com um signal feito com a mão, a que o cercassem os oito apenas que tinham ficado.

— Vamos a isto. A sessão deve ser curta e proveitosa. Em primeiro logar, apresento-vos o novo *capataz*, ou chefe de provincia, que, pelos seus serviços e pelas aptidões, mereceu dispensa dos seis annos de serviço na sua elevada categoria de *guapo*. Vós todos o conheceis. E' aquelle que, pela sua táctica politica e pelos seus especiaes conhecimentos dos negocios das diversas côrtes, mais apto consideramos para as empresas mais nobres da nossa confraria. Será elle um digno successor de Camilludo, e conta com tão altas protecções, que da sua influencia dependerá, por muitos annos, a impunidade da Gardunha. Não sabeis como elle se chama? Nem eu! Tem tido vinte nomes e com todos, em pouco tempo, tem honrado e servido os nossos interesses. Approvaes, vós todos que me ouvis?

— Sim, sim, disseram, em côro, os da pequena e sinistra assembléa.

— Está bem, a elle confio a direcção do negocio relativo... e depois, baixando a voz, a Philippe I.

— Agradeço-vos, irmãos, a vossa sympathia, disse, adeantando-se um pouco, o nosso *majo*, que não era outro senão aquelle célebre grão-mestre, que logrou mais tarde a estima do duque de Lerma e do inquisidor Aliaga, e prometto levar a cabo tão árdua empresa, como é a de libertar as terras de Hespanha do brando governante que ameaça a melhor instituição do seculo que findou. Temos contra nós a liga de Cambrai, isto é, o abraço entre os reis catholicos, o Papa Julio, o imperador, e Luiz XII... O filho de Maximiliano deu a mão ao filho do duque de Orléans... O alliado francez é mais que Orléans, é tambem Valois. E' homem emprehendedor e teimoso... Que o digam a conquista de Genova e do Milanez. Apprendeu a desembaraçar-se dos inimigos com a mesma facilidade com que se desembaraçou de sua mulher... Para vencer, aproveita todos os alliados... Que o diga Cesar Borgia, o duque de Valentinos, que soube arrancar a bulla do divorcio das mãos de Alexandre VI!... Cuidado com elles... Emquanto a Inquisição correr algum perigo teremos a cabeça no laço da fôrca e os membros amarrados ao pôtro. O acaso matou Izabel, a Catholica.. O acaso tambem se imita. Tudo que se não espera é casual. Sejamos, pois, discretos e mandemos Philippe para os braços de

Izabel... Vamos, meus irmãos, estaes de accôrdo commigo? A' morte Philippe I...

— Sim, disse a turba — á morte o alliado do *Pae do povo!*...

E o velho, tendo o *majo* terminado o seu pequeno discurso, levantou-se, e extendeu o seu punhal:

— *Mestres, guapos, pustulantes* e *fuelles* — jurem commigo.

Ouviu-se então um ruido indescriptivel, que parecia o que pode fazer um bando de assassinos apparelhando-se para o combate.

Alguem desembainhou uma espada, de apertada bainha; dos cintos ou dos peitos, sahiram punhaes scintillantes; estalaram as molas das *cuchillas*, grandes como lanças pequenas!...

E todas estas lâminas vieram tocar o punhal do mestre...

— Juramos, se tanto fôr necessario, para servir a inquisição hespanhola, nossa fiel alliada, abater a orgulhosa cabeça de Philippe I?

— Juramos! disseram todos.

E as armas voltaram de novo aos seus esconderijos.

— Lembrae-vos dos feitos do nosso fallecido mestre! Seremos todos *martyres*, mas não *confessores*. Devemos tomar para exemplo a tenacidade assombrosa do mouro Samuel, que morreu sem revelar a extranhos os segredos de sua familia.

— E o nosso dinheiro? perguntou uma voz.

— Ser-vos-ha entregue no dia em que o filho de Maria de Borgonha deixar cahir a corôa de Fernando V.

— Que devemos fazer, então?

— Obedecer e esperar...

E o velho, com gesto imperioso, fez dispersar o grupo, que se perdeu de novo nas sombras do vasto recinto.

— E tu, *majo*, disse elle dirigindo-se ao novo *capataz*, distribue a tua gente, e que o inimigo de Deza, e que de perto nos ameaça, não mais dê um passo, nem solte uma palavra, que a Gardunha não siga nem ouça.

— Os gritos de Joanna annunciarão á Hespanha a execução d'esta sentença. Por Nossa Senhora do Rosario e pela Virgem Santissima, a punhal ou a veneno, arredarei do meu caminho o unico embaraço que o inferno apresenta deante das minhas ambições...

E, repuxando as *saraguelles*, as polainas, e envolvendo-se no amplo capote, o *majo* desappareceu pela abertura por onde entrara.

Então o velho mestre dirigiu a palavra a um rapaz ainda imberbe, que parecia esperar a occasião de se approximar.

— Paco, que novas trazes?

— Quasi nenhumas, mestre Pietro...

— Revolveram as margens do rio?

— Começámos pelo lado da Triana e depois passámos para a de lá, e nada...

— E junto ás traves da ponte?

— Tambem. Nem o menor vestigio.

— Esqueceram a cisterna que ha na arrifana do Samuel?

— Arrifana, mina, fóssos, e subterraneos da adega, e sempre nada!

— Já revistaram os fóssos da Gardunha?

— Em toda a volta... nem signal de pégada. O lôdo está virgem. Se por alli está alguma coisa escondida, fôram os moiros d'outras éras que se deram a esse trabalho. Gente do nosso tempo não fez por alli excavações...

— Então nada viram?

— Alguma coisa... por isso vos respondi quando me pedistes novas — quasi nenhumas...

— E são de valor?

— Um *chivato* não tem competencia... Se eu achasse coisa que luzisse, o meu dever era apanhal-a e trazer-vol-a. Vós me dirieis depois se era vidro ou diamante.

— Tens razão. Conta, pois.

— Ha já duas noites que notámos a presença d'alguem nas margens do rio, fazendo pesquisas como nós...

— Algum agente do Santo Officio a disputar alviçaras...

— Julguei principalmente algum espião da Gardunha, por vosso mandado, a rondar o nosso serviço...

— Não pode ser. Por que lhe não deitaram a mão?

— Assim o tentámos; mas, mal nos presentiu, voou como um passaro.

— Fracos caçadores! Empenhem-se agora em fazer a prêsa. Tambem ha thesouros na figura d'um homem...

— Quereis, então, que vol-o traga?

— O mais cêdo possivel.

— E se elle resistir?...

— Far-te-has acompanhar por um *guapo,* ou dois, que o enrolem, sem o apertarem. E' preciso que cante...

— N'aquelle sitio a ponte é muito frequentada, e elle pode deitar-se á agua...

— N'esse caso, uma *serena* amorosa, ou pedinte, que lhe tire a máscara...

— Já nos lembrámos de tudo isso. Receámos d'elle, porque, não pelas

feições, mas pela figura, o achámos parecido com um pagem de bons estofos, que ha dias topámos a sahir do palacio da Fé.

— E' então o que eu disse — os frades apertam Suzana e talvez já lhe arrancassem alguns indicios... N'este caso, deixemos as violencias para mais tarde... Bem, vae, e não o percas de vista... Olha cá, elle é agil?

— Como um gamo!

— N'esse caso é novo. Encarrega a pequena Eva de o vigiar e attrahir. Para dentes novos nada ha como os fructos verdes. Pagem bem vestido, que passeia a horas mortas, não mata o tempo — aproveita-o. Esperam hoje a ciganita?

— Deve vir pelos maravedis do salario vencido... Isto é, deve vir porque a fome ha de apertar com ella... Se não fôsse isso, passaria a noite a chorar no portal do Santo Officio, julgando que Suzana lhe ouve lá dentro os soluços. A rapariga anda a estragar os olhos com as lamurias; e a curtir maguas até se esquece de pedir! Era já tempo, mestre, de a tirar da rua e de a enfarpelar com mais cuidado. Tem um palminho de cara muito melhor que todas as *gitanas* da confraria.

— E é esperta?

— Ladina como um frade! Depois da prisão de Suzana é que anda esmorecida. Ainda hontem, á noite, na procissão do Terço, ia pela rua sem cantar, ella, que tem uma voz que, quando canta a *Ave Maria Purissima*, parece que são os anjos que respondem ás beatas do Rosario!...

— Seria bom ouvir uma *cobertera*. Se Eva não mendiga e não canta, morrerá de fome. Bem sabes que a Gardunha não pode dar-lhe mais que seis maravedis por cada *peseta* com que ella entre no cofre.

— Lembrae-vos de que tem direito ao gôso exclusivo das prendas que lhe dérem os nobres e os *majos* de Sevilha?... E' dos estatutos!...

— Veremos como ella conclue esta empresa. Veste mal e tem lagrimas a proposito. Está na conta... Sabes aonde poderás encontral-a?

— Sem dúvida. O seu posto é á entrada da ponte. Quereis que vol-a traga?

— Sim; inquieta-me esse passeante nocturno, cujos destinos ignoro.

O *chirato* partiu.

O mestre approximou-se d'um *fuelle*, que ainda conversava a um canto.

— Estiveste em casa de Martha?

— Toda a noite passada...

— E o marido?

— Não appareceu. Deixei por lá vestigios de sobra de que alli passara a noite um homem que não era da familia.

— Voltas hoje?

— Com certeza; até que elle me encontre.

— E se elle levar o ciume até a aggressão?

— Levo aqui a resposta, disse o *fulle* batendo no cinto. Mas não é provavel. O escandalo desmanchará o casal, e Martha será minha...

— Dize antes, será nossa. Has de tu mesmo fazer o traspasse... E' uma mulher deliciosa! O morgado já a viu e anda louco d'amor... Os portuguezes e as hespanholas attrahem-se. Ha n'elles uma frivolidade tão meiga e feminina, que contrasta com a nossa rudeza sensual. O morgado deve pagar bem, e Martha, apesar de *serena*, em apprendizagem, pagará dez por cento...

— Convém não esquecer que o morgado de Travanca é familiar...

— Creio-o — parece homem respeitavel. — Nós queremos dinheiro, e elle só quer mulheres... Havemos de nos entender...

— O que ha de Jacob?

— Mestre, Jacob é um problema... Está parado. Nem vive nem morre, e, a respeito de torturas, contentam-se em dar-lhe só as moraes, as que veem do captiveiro e da saudade. Elle é a medida da fraqueza de Philippe... os inquisidores teem medo de lhe tocar... Receiam provocar os acontecimentos... E teem razão... De Portugal sopra-lhe uma aragem de geito...

— Da Alcáçova?

— Parece que sim.

— Mas isso tinha acalmado n'estes ultimos dias...

— Mas refresca de novo, porque se acha enfraquecido o partido da rainha...

— Era de esperar... a morte de Izabel...

— Isso um pouco; mas a causa principal está na deportação de Luiz da Silveira...

— Diabo, diabo! Luiz da Silveira era uma esperança... Faz falta... Tinha imperio no ánimo da rainha e do principe...

— E D. Maria não resiste!

— Não resiste?! Então a sua piedade?

— Fundiu-se em lagrimas e perde-se em orações... Poz Luiz da Silveira na cruz e adora-o... E' um alliado que se perdeu...

— Precisamos de vigiar o principe D. João...

— Esse ainda tem côrte!...

— Tenho medo dos poetas. Fala-se muito por lá n'um célebre menestrel, chamado Gil Vicente, que anda a envenenar de rimas lutheranas a philosophia dos fidalgos...

— E do povo, o que é peor. Anda o poeta a fazer autos, que a côrte encommenda e a villanagem applaude. D'ahi as idéas de reforma. Elle nada sabe da Allemanha. E' tudo instincto; coincide o epigramma com a critica... Ganha com isso o pensamento, mas perde a Egreja e a Inquisição...

— Perdemos todos...

— Tendes razão. A época é de crise. Se não afogamos o seculo XVI á nascença, teremos de luctar muito com elle. O maldito, á fôrça de reviver o passado, ameaça a reforma do futuro.

— O que se ha de então fazer?

— Uma reacção de ferro e fogo.

— Sois bem avisado. Ninguem dirá, com esse feitio de *fuelle*...

— Que está aqui um inquisidor? Então que quereis? Desde que a Gardunha foi embutida no Santo Officio, ha necessidade de accumular... Que, afinal, isto aqui é mais seguro, porque não respeita alvarás e ordenações... E' uma fôrça e um Estado... Mas, não percamos tempo, e segui a vossa fiscalisação...

E os dois homens separaram-se, sem se despedir.

O *mestre* dirigiu-se ainda a outra personagem sombria.

— El Cuchillo! Como está de saude o avarento Munrod, que logrou a liberdade á custa de corrupção no throno e no altar?

— Mestre, Munrod vae mal, andava hontem a passear em Sevilha e a receber felicitações. Estava linda a noite! Um luar esplendido! Fez-lhe mal!... Não estava acostumado, e cahiu morto, á meia noite, ao pé da Giralda... Coitado!

— E feriu-se ao cahir?

— Parece que se espetou, sem querer, no punhal d'um gardunho... Era velho, e via pouco!

— Está certo. E o Bornal?

— Esse vive...

— E tem muita saude?

— Nem por isso!... Mil pesetas no bolso do mantéo, e o salvo-conducto para cahir de repente...

— Convém salvar-lhe a memoria.

— Faz-se lhe a diligencia. Vamos hoje orar a synagoga, que é rica de alfaias..

— Façam isso com cuidado...

— Com todo. Pelo seguro, levamos comnosco um meirinho e dois aguazis... a justiça sempre na frente.

— Bem; concluam a obra, e lembrem-se de que a confraria vae dar balanço e repartir os lucros..

Agora retirem-se todos, disse elle em voz alta, e apaguem esses brandões... Cada um por seu lado. O que divisar caso extranho volte a annunciar. Eu vou para a galeria, na bancada do silvado que se debruça sobre o fôsso. Ha brandões no céo, sem máu cheiro e sem fumo... Vamos, depressa... andam no ar os morcegos; cosam-se com a terra, como os reptis. Não se deixem pisar, e mordam sempre que possam...

E o velho, cobrindo a cabeça com um gorro de forma caprichosa e distincta, emquanto os gardunhos se escoavam em diversos sentidos, saltando os obstaculos do caminho, como se navegassem em mar de sargaços, foi sentar-se n'um recanto da galeria, á sombra d'uma moita de silvas, que o luar illuminava.

Via-se d'alli a grande arcada do pórtico, que parecia suster-se no espaço apenas segura pelas hervas que a enlaçavam.

O velho gardunho, um dos muitos bandidos anonymos que macularam a historia de Hespanha e do seculo XVI, emquanto esperava a volta de Paco, que fôra em busca de Eva, passou as mãos pela longa barba branca, e, fazendo o signal da cruz, começou a rezar... E á roda d'elle, em volteios irregulares e bruscos, passaros que piavam sinistramente, e que sahiam e entravam pelas fendas dos altos paredões, julgando o velho gardunho seu companheiro e alliado, não lhe fugiam ouvindo-o murmurar: *Aré, Maria Purissima... cheia de graça...*

De repente parou a oração.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

Veja-se collocação das gravuras d'este volume no fim de 2.º

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 02 18 03 018 9